TEXTOS DA LITERATURA EGÍPCIA DO IMPÉRIO MÉDIO

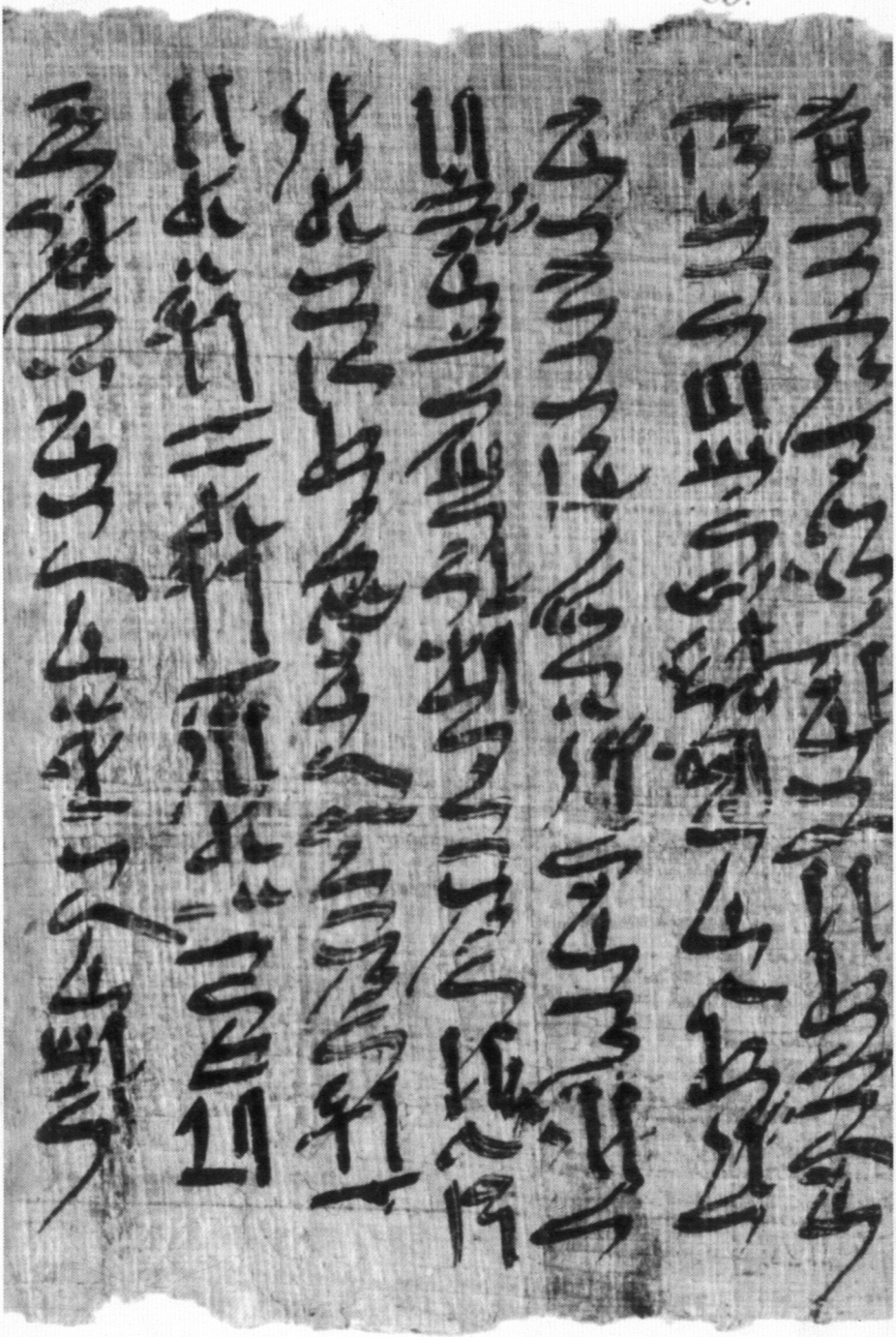
Textos hieroglíficos, transliterações e traduções comentadas

Telo Ferreira Canhão

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

ISBN 978-972-31-1508-6

Sete colunas em escrita hierática de um dos papiros da XII dinastia (c. 1980-1765 a.C.) que contêm o *Conto do Camponês Eloquente*, provavelmente todos provenientes da região tebana.



TEXTOS DA LITERATURA EGÍPCIA DO IMPÉRIO MÉDIO

Textos hieroglíficos, transliterações e traduções comentadas

Telo Ferreira Canhão

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Reservados todos os direitos de harmonia com a lei

Edição da
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
2014

Depósito legal n.º 366851/13
ISBN: 978-972-31-1508-6

Aos meus Pais,
Joel e Madalena,
que passeiam a sua imortalidade no Sekhet-Iaru

À minha Mulher,
Maria do Rosário,
e Filhos,
Rita e Guilherme.

«... o que ele escreveu faz com que seja recordado
pela boca de quem disser a palavra.»
Papiro Chester Beatty IV

PREFÁCIO

Já era tempo. Esta feliz obra sobre a literatura egípcia do Império Médio surge num momento particularmente fecundo de produção nacional de temática egiptológica, com a tradução de textos originais do antigo Egipto agora colocados à disposição do público em geral e dos estudantes do ensino superior em particular. Ela é editada praticamente ao mesmo tempo que o seu autor acaba de ver publicados outros dois trabalhos sobre textos datados dessa fase áurea da longa história do país do Nilo que foi o Império Médio (c. 2040--1750 a. C.), vertidos directamente do egípcio para português, que saíram igualmente com prestigiadas chancelas: o Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Imprensa da Universidade de Coimbra.

*Neste afã de enriquecimento da bibliografia portuguesa dedicada ao antigo Egipto tem lugar preponderante a Fundação Calouste Gulbenkian, que já nos havia oferecido o catálogo sobre o belo acervo egípcio do seu Museu (*Arte Egípcia, *2006), e mais recentemente* O Livro das Origens. A inscrição teológica da Pedra de Chabaka, *da autoria de Rogério Sousa, para agora proporcionar aos leitores interessados na civilização egípcia (e muitos são) estes textos que espelham bem essa milenar civilização.*

Telo Canhão, neste momento o mais habilitado egiptólogo no nosso país para fazer a tradução de textos originais em egípcio clássico, teve um percurso académico variegado e rico: estudou Arqueologia na Universidade de Coimbra, fez o seu mestrado em História das Civilizações Pré-Clássicas na Universidade Nova de Lisboa, para finalmente rematar o seu convincente percurso académico com a exitosa apresentação da sua tese de doutoramento na Universidade de Lisboa, precisamente versando a temática onde com grande à-vontade se move: A literatura egípcia do Império Médio: espelho de uma civilização *(2010). E continua ligado a esta instituição (agora em fase de crescimento graças à fusão com a Universidade Técnica) na sua condição de*

investigador do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, na linha de investigação «História Antiga e Memória Global».

O critério assumido pelo autor parece ser sensato e convidativo, tendo optado por uma divisão temática em quatro blocos: os contos, os discursos, as instruções e os hinos. Como o próprio reconhece, trata-se de uma organização subjectiva, mas que acaba por contemplar os textos mais ricos de conteúdo e que são suficientemente representativos da fase histórica em que foram produzidos, o Império Médio, cuja literatura espelha bem o momento civilizacional de grande florescimento atingido pela XII dinastia. De resto, alguns dos seus mais dinâmicos e consagrados monarcas são mencionados nos textos aqui reunidos: Amenemhat I, o fundador da dinastia, e seu filho Senuseret I, e sobretudo Senuseret III, a quem foram dedicados hinos apologéticos como aquele que aqui consta.

Antecedendo cada texto, dispõe o leitor de pequenos capítulos onde se enumeram as suas fontes com uma sinopse do respectivo texto, permitindo assim uma melhor apreensão da matéria correspondente a cada um dos quatro blocos, para os quais o autor buscou uma certa harmonia entre aspectos temáticos e cronológicos, tendo embora em conta que há uma certa ambiguidade na datação de alguns desses textos, variando as opções de autor para autor.

No género dos contos podemos aqui fruir com sumo agrado a leitura de clássicos bem conhecidos: Khufu e os Magos, *de proveniência cortesã e com vários contos que sobreviveram de um conjunto maior (entre os quais «O passeio náutico»), a* História de Sinuhe, *mostrando a superioridade do homem culto e que airosamente se vai saindo dos percalços da alteridade no seu exílio da Síria-Palestina, o* Conto do Náufrago, *patenteando nos versos, onde se detecta o tom sapiencial, as insuperáveis vantagens de uma boa retórica experimentada numa distante e luxuriante ilha, e o* Conto do Camponês Eloquente, *com os injustos doestos de um funcionário venal a serem superados pelos valores da justiça.*

O autor achou por bem inserir no género dos discursos quatro textos que são amiúde mencionados por quem habitualmente trata da literatura egípcia: As Admoestações de Ipu-uer, *com o autor egípcio a proclamar que a solução para os momentos de caos será a restauração da ordem no país, o* Diálogo de um Desesperado com o seu Ba, *debatendo prementes questões*

como a vida e a morte e a existência no Além, As Profecias de Neferti, *como que a legitimar a tomada do poder pelo vizir Amenemhat (Ameni, vindo do Sul) e a exaltar o funcionalismo leal, e* As Lamentações de Khakheperrése-neb, *tecendo-se em envolventes jogos de palavras que, tal como noutros textos da época, evidenciam o valor da retórica.*

O género das instruções, ou melhor, instruções para saber bem viver, que já remontava ao Império Antigo, está aqui bem documentado com a Instrução de Amenemhat ao seu filho Senuseret *(que vem na senda de um texto anterior datado do Primeiro Período Intermediário e designado* Instrução para Merikaré, *nome de um rei da X dinastia), a* Instrução Lealista *com a Estela de Sehetepibré, que é incontornável como precípuo modelo que se insere num grupo de instruções lealistas para com o monarca beneficente, e a* Instrução de Kheti, *fazendo uma viva apologia do exercício da profissão de escriba contrapondo-a às outras actividades, tidas como desaconselháveis pela sua penosidade.*

Quanto aos hinos, entre os vários que chegaram até nós datados do Império Médio, o autor considerou útil escolher um exemplo deveras significativo, que é bem paradigmático do género: Hinos ao rei Senuseret III. *Este grande soberano da XII dinastia é enaltecido como um campeão invencível na guerra contra os inimigos do Egipto e como um paternal e generoso protector das Duas Terras e das suas gentes.*

Dos textos que aqui nos são oferecidos já existiam traduções integrais, e em geral com comentários alusivos, em diversas línguas, nomeadamente em inglês, alemão e francês, cuja seriedade está bem assegurada por estarem ligadas a grandes nomes de egiptólogos que mais se empenharam no domínio da filologia. De resto, nestas traduções para português que Telo Canhão produziu com grande competência, esses nomes vêm amiúde citados, como Richard Lepsius, Gaston Maspero, Adolf Erman, Charles Goodwin, Émile Suys, Aylward Blackman, Wladimir Golénischeff, Kurt Sethe, Winfried Barta, Hellmut Brunner, Sir Alan Gardiner, Georges Posener, Gustave Lefebvre, F. Vogelsang, Pascal Vernus, Sérgio Donadoni, Hans Goedicke, Wolfgang Helck, Jan Assmann, Erik Hornung, William Kelly Simpson, Miriam Lichtheim, John Baines, Kenneth A. Kitchen, Raymond O. Faulkner, Vivian Davies, António Loprieno, James Allen, Richard B. Parkinson...

Esta panóplia de consagrados egiptólogos que se dedicaram ao estudo da literatura do antigo Egipto deixou de facto um trabalho vultuoso em várias línguas, possibilitando a muitos interessados no estudo da civilização egípcia o contacto com textos milenares – mas a verdade é que em português ainda não tinha aparecido nada deste género em tradução directa das fontes originais hieroglíficas. Até que finalmente um egiptólogo português se debruçou sobre esse manancial que são as fontes literárias do Império Médio e as traduziu da língua de Sinuhe para a língua de Camões. E, como o próprio autor esclarece, trata-se de «traduções dotadas de numerosas notas de rodapé que procuram ser bastante completas e explícitas, indo de simples referências filológicas a enquadramentos históricos, de comparações com outras traduções a opções pessoais acompanhadas das respectivas explicações, de comparações entre o egípcio hieroglífico e o egípcio hierático, a variadíssimas justificações a diversos níveis, podendo ser o ponto de partida de muitas outras investigações e estudos».

Um candente aspecto com que o autor se deparou no seu difícil trabalho de pesquisa e tradução foi a forma de apresentação dos textos, dado que reconhecer os textos egípcios como estando em prosa ou em verso nem sempre é fácil. E adrede explica: «Por vezes existem certas características gramaticais que nos ajudam, por exemplo, verbos ou frases narrativas, mas como a definição dos tipos literários depende muitas vezes da estrutura métrica, torna-se muito difícil em relação aos originais egípcios. Nalguns casos é mesmo impossível esse reconhecimento, uma vez que não utilizavam nem vogais nem acentuação, e usavam, de uma forma geral, proposições muito curtas.» Para esta tarefa de lidar com a versificação foi útil seguir Gerhard Fecht e os seus trabalhos sobre a poesia egípcia, e para esmiuçar os casos de «paralelismo» que se detectam na arte de versejar cultivada pelos escritores egípcios, Telo Canhão colheu dados em Kenneth Kitchen, cuja nomenclatura foi seguindo.

Por aqui se vê como o autor alicerçou convenientemente o seu metódico trabalho em reputados nomes da egiptologia que dedicaram uma especial atenção aos textos egípcios. E mais: para um maior apuro redaccional das suas escorreitas versões não dispensou a Nova Gramática do Português Contemporâneo, *de Lindley Cintra.*

O autor destas esmeradas traduções bem sublinhou, atempadamente, que não intentou oferecer aos seus leitores um produto final: «Procurou-se a perfeição,

mas também sabemos o que é a utopia!» – confessa com probidade Telo Canhão, para quem este trabalho pretende ser um ponto de partida e não um ponto de chegada, para destarte bem e melhor servir a pequena comunidade científica portuguesa que se dedica aos estudos egiptológicos, ou, num âmbito mais alargado, provendo os investigadores e docentes da área de História Antiga de fecunda motivação para estudos comparativos – para já não falar dos muitos leitores que se interessam pela egiptologia, avultando aqui o crescente número de estudantes desta temática.

Alega, e bem, Telo Canhão que a arte egípcia tinha uma função a cumprir e que isso mesmo se passava com a literatura, pois os textos ficcionados egípcios teriam por objectivo instruir mais do que distrair. E Sinuhe poderá ser o paradigma por excelência: ele pertencia a uma elite de letrados, subordinada ao deus beneficente que reinava sobre as Duas Terras, com uma elevada noção de empenhado respeito pela hierarquizada e eficaz cadeia de comando que, subordinada à gestão divina e humanizada do rei «bom pastor», velava pelo cumprimento da justiça e enfatizava a prossecução do bem (e com o Império Médio assume uma especial relevância o cumprimento da maet *– palavra egípcia de largo espectro humanista que o autor aqui substitui pelo termo paralelo e conspícuo de* maat*). Deleitemo-nos pois.*

Luís Manuel de Araújo
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

ABREVIATURAS E TÍTULOS

AAWB – *Abhandlungen der preussischen Akademie der Wissenschaften*, Berlim. Continuada pela APAW.

AcOr(B) – *Acta Orientalia. Acad. scientiar hungar.*, Akad. Kiadó, Budapeste.

AcOr(C) – *Acta Orientalia. Soc. orient. batava, danica, fennica, norvegica, suecica*, Lund, Copenhaga.

AJA – *American Journal of Archaeology*, Nova Iorque.

APAW – *Abhandlungen der deutschen Akademie der Wissenschaften zu Berlin*, phil.-hist. Kl. Continuação da AAWB.

ÄUAT – *Ägypten und Altes Testament, Festschrift für Gerhard Fecht*, Jürgen Osing e Günter Dreyer (eds.), Wiesbaden.

ASAE – *Annales du Service des Antiquités de l'Égypte*, Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire, Cairo.

BCLE – *Bulletin du Cercle lyonnais d'Égyptologie Victor Loret*, Lyon.

BFA – *Bulletin of the Faculty of Arts*. University of Cairo, Cairo.

BIE – *Bulletin de l'Institut Égyptien*, depois *Bulletin de l'Institut d'Égypte*, Cairo.

BIFAO – *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale*, Cairo.

BSEG – *Bulletin de la Société d'Égyptologie*, Société d'Égyptologie, Genève.

BSFE – *Bulletin de la Société Française d'Égyptologie*, Société Française d'Égyptologie, Paris.

Cadmo – *Cadmo*, revista de História Antiga. Revista fundada pelo Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e actualmente do Centro de História da Universidade de Lisboa, Lisboa.

CahKarn – *Cahiers de Karnak*. Centre franco-égyptien d'étude des temples de Karnak. Continuação da anterior revista *Kêmi*.

CdE – *Chronique d'Égypte*. Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, Bruxelas.

CIREF – *Centre d'information, de recherches et d'études francophones*, Paris.

Cultura – *Cultura*. Revista de História e Teoria das Ideias do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

DE – *Discussions in Egyptology*, A. Mibbi, Oxford.

Égypte – *Égypte. Afrique et Orient*. Centre vauclusien d'égyptologie, Avinhão. Continuação de *Égyptes*.

Égyptes – *Egyptes. Histoires et Cultures*. Centre vauclusien d'égyptologie, Avinhão. Continuada pela *Égypte*.

GM – *Göttinger Miszellen*. Universität Göttingen, Göttingen.

Hathor – *Hathor*, Estudos de Egiptologia. Associação Portuguesa de Egiptologia, Lisboa.

ICAD – *Institut Cheikh Anta Diop*. Université de Libreville, Gabão.

IFAO – *Institut français d'archéologie orientale*, Cairo.

IOS – *Israel Oriental Studies*. Faculty of Humanities, University of Tel-Aviv, Tel-Aviv.

JAOS – *Journal of the American Oriental Society*, New Haven (Conn.).

JARCE – *Journal of the American Research Center in Egypt*, American Research Center in Egypt, Nova Iorque.

JEA – *Journal of Egyptian Archaeology*, Egypt Exploration Society, Londres.

JNES – *Journal of Near Eastern Studies*, University of Chicago, Chicago.

JSSEA – *Journal of the Society for the Study of Egyptian Antiquities*, Toronto.

JSTOR – *Journal of the American Oriental Society*, University of Michigan, Ann Arbor.

Kêmi – *Kêmi*. Revue de philologie et d'archéologie égyptiennes et coptes, Paris. Continuada pelos CahKarn.

Kush – *Journal of the Sudan Antiquities Service*, Sudan Antiquities Service, Khartum.

LÄ – *Lexikon der Ägyptologie*, Otto Harrassowitz, Wiesbaden.

LingAeg – *Lingua aegyptia*. Journal of Egyptian Studies Semin. für Ägyptologische und Koptologische, Göttingen.

MÄS – *Münchner ägyptologische Studien*, Münchner Universitätsschriften, Berlim, Munique.

MDIK – *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts*, Cairo.

NSSEA – *Newsletter of the Society for the Study of Egyptian Antiquities*, The Society for the Study of Egyptian Antiquities, Toronto.

OLA – *Orientalia lovaniensia analecta*. Departamento de Orientalismo, Lovaina.

OrAnt – *Oriens antiquus*. Rivista internazionalle del Centro per le Antichitá e la Storia dell'ante del Vicino Oriente, Roma.

Orientalia – *Orientalia*. Comment. periodici. Pontifício Istituto Biblici, Roma.

OSO – *Orbis Biblicus et Orientalis*, Biblical Institute of the University of Fribourg, Fribourg.

PUF – *Presses Universitaires de France*, Paris.

PSBA – *Proceedings of the Society of Biblical Archæology*, The Society of Biblical Archæology, Londres.

RdE – *Revue d'Égyptologie*, Société Française d'Égyptologie, Paris, Lovaina.

REgA – *Revue de l'Égypte ancienne*, Paris. Continuação da RevEg. Continuada pela RdE.

RevEg – *Revue égyptologique*, Paris. Continuada pela REgA.

RHR – *Revue de l'Histoire des Religions*, Paris.

RT – *Recueil de travaux relatifs à la philologie et à l'archéologie égyptiennes et assyriennes*, Paris.

SAK – *Studien zur Altägyptischen Kultur*, Hamburgo.

SAOC – *Studies in Ancient Oriental Civilization*, The Oriental Institute of the University of Chicago, Chicago.

SCO – *Studi classici e orientali*. Università degli studi di Pisa. Istituto per le Scienze dell'Antichita, Pisa.

Serapis – *Serapis*. American Journal of Egyptology, Chicago (Illinois).

Sphinx – *Sphinx*. Revue crit. embrassant le domaine entier de l'égyptologie, Uppsala.

StudAeg – *Studia aegyptiaca*, Budapeste.

ZÄS – *Zeitschhrift für Ägyptische Sprache und Altertumskunde*, Hinrichs'sche Buchhandlung Akademie-Verlag, Leipzig, Berlim.

INTRODUÇÃO

A palavra ensina desde o tempo do deus.

Instrução Lealista, §8-2

A curiosidade sobre o passado é uma característica humana. Alguns dos próprios textos egípcios aqui traduzidos, cujas datas históricas se têm admitido serem do Império Médio, debruçam-se literariamente sobre épocas anteriores, seja o muito próximo Primeiro Período Intermediário ou as mais distantes IV e III dinastias. É evidente que somos privilegiados por estudarmos uma época posterior à invenção da escrita, pois para a maior parte do passado humano a arqueologia e as ciências a ela associadas são a única maneira de chegar ao seu conhecimento. Quando pouco mais temos do que artefactos, sepulturas ou povoados, é à arqueologia que compete o estudo desses vestígios. Começámos por perceber como uma espécie superou todas as outras, depois de que modo o homem foi dominando o meio envolvente e desenvolvendo novas tecnologias, e, por fim, o seu modo de vida, desde os aspectos mais relacionados com o seu dia-a-dia, como a alimentação, o vestuário ou as ferramentas, até às suas realizações artísticas e culturais. Hoje sabemos que mesmo para o estudo de períodos recentes, a arqueologia pode preencher lacunas sobre questões omissas nos documentos escritos. Sabemos também que por mais que as novas técnicas científicas transformem a arqueologia, ela terá sempre o mesmo objectivo: o estudo das sociedades, da sua cultura, da sua economia, qualquer que seja a época abordada. Com as respectivas variantes derivadas da maior ou menor quantidade de vestígios e da existência ou não de documentação escrita, a arqueologia

é, por tudo isso, fundamental ao conhecimento do passado humano, seja de que época for.

Contudo, a arqueologia mostra uma exterioridade absoluta aos objectos de estudo, pois o arqueólogo é exterior ao sítio em análise e a tudo o que lá se encontra: detectam-se efeitos, relações, mas não a essência das próprias coisas. O que o arqueólogo revela é precisamente o efeito, a relação. A arqueologia pode reconstituir o aspecto exterior das estruturas e até das civilizações, mas o seu aspecto interior, a sua própria identidade, aquilo que os construtores dessas estruturas pensavam só é possível sentir através dos seus registos escritos. Esta prática, a escrita, foi possível graças a milénios de «polimento» dos idiomas e de organização e disciplinização da linguagem e respectivo enquadramento gramatical que, com o decorrer dos tempos, se tornou cada vez mais num sistema metódico, coerente e organizado. É com a linguagem, sejam os signos de comunicação gráficos, sonoros ou outros, que se transmite o que se pensa e, sem dúvida, que as palavras escritas «receberam a tarefa e o poder de "representar o pensamento"», como diz o «arqueólogo do pensamento» Michel Foucault[1]. Isto porque a escrita é simplesmente a representação gráfica da fala que, por sua vez, é a representação do pensamento. Por outro lado, a palavra escrita, ao contrário da oral que é efémera, perdurará tanto tempo quanto o suporte onde foi registada e a qualidade do material de registo utilizado. Assim, quando surgiu, «a literatura passou a reflectir com pureza a alma dos povos, a par das outras artes, cuja forma de expressão não alcança todavia a precisão e a dualidade da palavra. Quando habilmente manejada, esta reproduz a cor como o pincel, releva as formas como o escopro, encanta os ouvidos como a orquestra, suscita visões de grandeza como os monumentos arquitectónicos. Mas chega a extremos de concreção sintética e de subtileza analítica a que não podem aspirar nem as artes plásticas com todo o seu poder de imitação, nem a música com toda a

[1] M. FOUCAULT, *As Palavras e as Coisas*, p. 131.

sua espiritualidade, nem a arquitectura com toda a sua potência sugestiva»[2].

Daqui se depreende que a sociedade e a mentalidade de um povo ou de uma época se revelam nas suas concretizações artísticas, em particular na literária, o meio mais seguro para o historiador conhecer uma sociedade, procurando na obra literária «as pulsações do seu coração e as vibrações do seu cérebro»[3]. Práticas, costumes, máximas, pensamentos, crenças, tradições, ou mesmo esperanças, ambições ou ilusões, tudo é objecto de atenção dos pensadores que, de forma por vezes genial, elaboram textos que acabam por constituir a literatura de um povo. Cada vez mais a literatura é «a poderosa alavanca com que os pensadores abalam o mundo»[4], uma vez que é um dos principais meios de divulgação da ciência, da moral e da filosofia. Chega mesmo a haver uma troca de influências entre os leitores que, de um modo geral, fornecem os elementos necessários aos escritores, e os escritores, que trabalham esta matéria-prima no seu laboratório cerebral transformando-a, destilando-a e devolvendo-a habilmente manipulada sobre a forma de conjuntos estruturados de palavras, com múltiplos significados e incidências.

Já no início do século XVI, o humanista de origem judaica nascido em Valência, Juan Luís Vives (1492-1540), afirmava: «Não há espelho que melhor reflicta a imagem do homem do que as suas palavras». Ora, num espelho plano comum, uma superfície muito lisa e com alto índice de reflexão de luz, vemos a nossa imagem com a mesma forma e tamanho, embora seja uma imagem virtual, uma vez que não se pode projectar num alvo. É do senso comum que o espelho nunca mente, pois aquilo que se vê num espelho é aquilo que realmente existe. Por este motivo se tornou célebre a frase inscrita no suporte de marfim do espelho que terá pertencido a Leonardo da Vinci e que se encontra no

---

[2] A. F. Sampaio (dir.), *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, I, p. 5.

[3] *Idem, ibidem.*

[4] *Idem, ibidem.*

Museu do Louvre: «Não te queixes de mim, ó mulher. Só te devolvo o que tu me dás». Do mesmo modo, a literatura de um povo reflecte a forma de ser e de pensar desse mesmo povo, incluindo as próprias marcas do tempo literário em que foi concebida e do tempo histórico que relata. Assim nós saibamos olhar para o espelho e ver com clareza o que nele se reflecte!

É também importante que se assinale que ao aludir-se à literatura se está apenas a sopesar o conjunto de produções literárias do Egipto numa determinada época, sem nenhuma conotação com qualquer definição moderna de «literatura», ainda que se tenha em conta o valor estético dos textos abordados, o que é transversal a todas elas. Quando se alude à literatura do antigo Egipto, desde logo fica afastado o conceito de uma literatura em sentido lato ou abrangente, que abarque toda a produção escrita conhecida como património literário do antigo Egipto. Pelo contrário, pretende-se tão-somente abarcar uma produção de carácter mais restrito que, independentemente do conteúdo e por força da sua qualidade estética, foi considerada trabalho de primeiro plano pela própria «crítica» egípcia da época. Através dela, os escribas legaram-nos valores e conhecimentos, pensamentos e crenças tão importantes, ou ainda mais, do que tudo aquilo que os seus empreendimentos de carácter mais visível nos podem transmitir. E isto – deve acrescentar-se – sem escamotear o facto destas afirmações assentarem na certeza de só ter chegado ao presente uma pequena parte da produção literária egípcia. Vestígios fragmentados pelo tempo ou pela barbárie dos homens, cuja reconstituição de boa parte dos casos só tem sido possível através de diferentes cópias do mesmo texto, por vezes ainda agravada por pertencerem a diversas épocas. Outros nem isso, por se conhecer apenas um único e deteriorado exemplar.

Apesar de variada, a literatura egípcia que chegou até nós é, normalmente, organizada em cinco géneros: instruções, literatura das ideias, lírica, textos ideológicos e contos[5].

---

[5] P. Vernus, *Chants d'Amour de l'Égypte Antique*, pp. 13-14; J. N. Carreira, *Literatura do Egipto Antigo*, pp. 13-37.

As instruções são textos em que um orador se dirige a um interlocutor, normalmente pai e filho, transmitindo-lhe conselhos e ensinando-lhe preceitos baseados na sua experiência de vida. É o único género para o qual se conhece uma designação egípcia: *sebait* (*sbȝyt*) – instrução ou ensinamento. É um termo que se forma a partir da raiz *sebá* (*sbȝ*), que significa também «porta», «estrela» e «ensinar»[6], o que está perfeitamente de acordo com a ideia subjacente a estes textos, que deveriam ser actos pedagógicos que funcionavam como portas que se abriam para o conhecimento e estrelas destinadas a guiar a vida daqueles a quem eram dirigidas. Aqui se inserem a *Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret*, a *Instrução Lealista* e a *Instrução de Kheti*.

A literatura de ideias é um conjunto de textos onde se debatem ideias ou expõem teses. Podem assumir diversas formas como cartas, diálogos, lamentações ou máximas. Neste género integram-se *As Admoestações de Ipu-uer*, o *Diálogo de um Desesperado com o seu Ba* e as *Lamentações de Khakheperréseneb*.

Na lírica celebram-se os prazeres terrenos, por vezes vividos com tanta intensidade que a demonstração de tão grande apego à vida e às suas delícias é também sintoma de cepticismo nas crenças de sobrevivência para além da morte. Agrupam poemas de amor e outros escritos como os cantos de harpista[7].

Dos textos ideológicos fazem parte a «propaganda» monárquica, hinos, bênçãos, que passaram a ser considerados obras literárias quando lhes foram reconhecidas as suas excepcionais qualidades, alguns merecendo a atenção de escribas que os executavam em exercícios de cópia ou ditado, em alguns casos inúmeras vezes, seduzidos pelos seus atractivos literários e tornando-os assim verdadeiros clássicos da literatura egípcia. É o lugar dos *Hinos a Senuseret III*.

---

[6] R. O. Faulkner, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 219.

[7] Vejam-se os estudos de R. Sousa, *Os Doces Versos. Poemas de Amor do Antigo Egipto*; J. N. Carreira, *Cantigas de Amor do Oriente Antigo*; L. M. Araújo, *Estudos sobre Erotismo no Antigo Egipto*.

Finalmente, os contos são textos narrativos compostos por escribas de grande talento e constituem uma das expressões mais importantes da literatura egípcia no elenco das obras literárias do antigo Egipto. À partida não eram destinados ao povo mas a uma elite apreciadora da arte de composição e da língua; a sua excepcional qualidade também os tornava dignos de servirem pedagogicamente como exercícios de leitura e de caligrafia para os jovens destinados à profissão de escriba. Trata-se de obras com temáticas variadas que Gustave Lefebvre organizou em seis grupos (mitológicos, anedóticos, filosóficos, psicológicos, maravilhosos e contos-moldura), aos quais, contrapondo narrativa de acontecimentos fictícios a narrativa de fundo histórico, acrescentou o grupo dos romances que incluem textos cujos autores se basearam em factos reais[8]. Por vezes é difícil tipificar um texto num único destes géneros literários.

Percorrendo a literatura egípcia de todas as épocas, os textos que Gustave Lefebvre considera histórias romanceadas são a *História de Sinuhe* e a *Desventura de Uenamon*. Nos contos mitológicos inclui a *Lenda do Deus do Mar (Astarté)* e as *Aventuras de Hórus e de Set*, em que as personagens principais são deuses e se envolvem em aventuras e peripécias impossíveis de realizar pelos mortais; nos contos anedóticos faz constar a *Luta de Apopi e de Sekenenré*, *A Tomada de Joppe* e a *Princesa de Bakhtan*, por se basearem não em acontecimentos históricos mas em pequenos acontecimentos anedóticos verificados em determinadas épocas; nos contos filosóficos aparece *Verdade e Mentira*, uma alegoria em que o bem, a Verdade, triunfa sobre o mal, a Mentira; nos contos psicológicos temos a primeira parte do *Conto dos Dois Irmãos* em que, na presença do marido, uma mulher calunia um jovem por quem está apaixonada; nos contos maravilhosos inclui a segunda parte do anterior conto, e ainda o *Conto do Náufrago*, os contos do *Papiro Westcar*, *O Príncipe Predestinado* e *O Pastor que viu uma Deusa*, contos onde a magia assume papel de destaque, criando ambientes em que o maravilhoso é

[8] G. Lefebvre, *Romans et Contes Égyptiens*, pp. VII-IX.

a pedra de toque que prende a atenção dos leitores e dos ouvintes. Os contos-moldura, onde se enquadra o *Conto do Camponês Eloquente*, é um género em que o conto é apenas uma parte secundária da totalidade da obra literária, mas que não pode ser separado do todo. Neste caso constituía a introdução e a conclusão, completando-se a obra com um conjunto de petições, identificadas no texto como tendo sido proferidas no tempo do rei Nebkauré Kheti, rei[9] heracleopolitano[10]. Com excepção dos contos-moldura (onde, além do *Conto do Camponês Eloquente*, ainda integra o *Conto Profético*, que nesta abordagem se titula de *Profecia de Neferti*), de uma forma ou de outra, mais ou menos vincadamente, todos os outros contos dos diferentes géneros têm a sua quota de maravilhoso, pois o maravilhoso é praticamente inseparável do conto egípcio.

É da análise destes textos que nascem as razões que tornaram deveras apreciadas as palavras de Gustave Lefebvre, muito interpelantes para os que se debruçam sobre esta temática: «Os contos oferecem-nos portanto a sociedade, a sua hierarquia, as suas diversas classes, como também as suas ideias morais e crenças religiosas, um quadro fiel, pleno de vida, com ricas cores, de detalhes cuidadosamente escritos, que nos permitem penetrar mais profundamente na alma egípcia. A este título eles interessam não somente à história da literatura, mas mais ainda talvez à da civilização»[11]. Acrescentemos que não são só os contos, mas os textos literários em geral que nos

---

[9] Usaremos indiscriminadamente os termos rei, soberano, monarca e faraó, conscientes porém de que esta última designação surgiu por via hebraica, composta a partir da expressão *per-aá* (*pr-ꜥ3*), a Casa Grande, isto é, o Palácio, sendo comprovada como designação exclusiva do rei do Egipto apenas a partir da XVIII dinastia, mais precisamente de Tutmés III (M.-A. BONHÈME e A. FORGEAU, *Pharaon. Les Secrets du Pouvoir*, pp. 34-35).

[10] Prevalece ainda uma certa confusão acerca da ordem dos reis das IX-X dinastias, não se sabendo mesmo qual a sua composição completa, havendo mais suposições do que certezas. No texto só o nome do filho permaneceu legível (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 97; P. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, pp. 70-71; L. M. ARAÚJO, *Os Grandes Faraós do Antigo Egito*, p. 94).

[11] G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. XXV.

oferecem tudo isto: conhecer a literatura egípcia é a forma privilegiada de alcançar o modo de pensar e sentir da civilização egípcia, enfim, de estudar a «alma egípcia».

A selecção dos textos aqui apresentada teve como primeira baliza o facto de serem todos do Império Médio, ou, melhor, o facto de os originais de todos eles poderem ser remetidos para o Império Médio, em particular para a XII dinastia, ainda que abordando temas anteriores ou cujas cópias conhecidas são posteriores. Portanto, dando mais valor à época em que o texto foi imaginado e escrito pela primeira vez, ou seja, à sua datação histórica, do que à datação literária, isto é, à datação da época histórica na qual se desenvolve a acção. Em segundo lugar, observámos as divisões que vários autores fizeram desses textos e da literatura em geral[12], e fizemos a nossa opção tendo por base a simplicidade de critérios: contos, discursos, instruções e hinos. Nos contos incluímos *Khufu e os Magos*, a *História de Sinuhe*, o *Conto do Náufrago*, o *Conto do Camponês Eloquente*; nos discursos *As Admoestações de Ipu-uer*, *Diálogo de um Desesperado com o seu Ba*, *As Profecias de Neferti* e *As Lamentações de Khakheperréseneb*; nas instruções *Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret*, *Instrução Lealista* e *Instrução de Kheti*; finalmente, nos hinos, entre os vários que chegaram até nós datados do Império Médio, optámos por apenas incluir os de um rei que imaginamos poder ter estado bastante comprometido com a literatura do seu tempo: *Hinos a Senuseret III*. É evidente que fosse qual fosse a opção, ela seria sempre subjectiva, mas julgamos ter optado pelos textos mais ricos de conteúdo e suficientemente representativos da sua época. Antecedendo cada texto introduziram-se pequenos

---

[12] J. N. Carreira, *Literatura do Antigo Egipto*, p. 7; L. M. Araújo, *Mitos e Lendas do Antigo Egipto*, pp. 9-10; W. K. Simpson, *The Literature of Ancient Egypt*, pp. v-vi; M. Lichtheim, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. ix-xi; R. B. Parkinson, *The Tale of Sinuhe*, p. vii; J. L. Foster, *Ancient Egyptian Literature*, pp. ix-x; A. Erman, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, pp. xiii-xvii; P. Vernus, *Chants d'Amour de l'Egypte Antique*, pp. 13-16; C. Lalouette, *Contes et Récits de l'Égypte ancienne*, pp. 235-237; G. Lefebvre, *Romans et Contes Égyptiens*, pp. VII-IX; P. Grandet, *Contes de l'Egypte Ancienne*, pp. 195-196.

capítulos com o intuito de apresentar as suas fontes e uma sinopse do respectivo texto.

Conjugada com este factor, teve influência também a maior facilidade na obtenção de cópias fac-similadas dos papiros destas obras ou de fotografias suas. Assim, e seguindo M. Lichtheim, abrangemos todos os contos e toda a literatura didáctica do Império Médio. Juntámos-lhe um de cinco hinos possíveis (os outros eram: *Três canções de harpista, Hino à Coroa Vermelha, Hino a Osíris, Hino a Min* e *Hino a Hapi*). No que respeita às inscrições monumentais, a Estela de Sehetepibré mostrou-se um paradigma incontornável na tradução da *Instrução Lealista*. Poderíamos ter abordado mais seis: Estela na rocha de Mentuhotep IV, Inscrições de parede de Senuseret I, Estela de Senuseret III, Estela de Antef filho de Senet, Estela de Ikhernofert, Estela de Horemkhauf[13]. Com respeito a R. Parkinson, apenas não abordámos a *Instrução de Ptahhotep* e a *Instrução para o rei Merikaré*[14], que M. Lichtheim inclui no Império Antigo, o primeiro, e no Primeiro Período Intermediário, o segundo. De uma forma geral os outros investigadores ou são pouco precisos na inclusão dos textos em parâmetros cronológicos, ou põem totalmente de lado este tipo de arrumação e preferem uma ordenação temática, juntando textos de várias épocas.

Em virtude desta divisão, a ordenação destes textos obedeceu em primeiro lugar ao grupo temático segundo a ordem antes enumerada: contos, discursos, instruções e hino. Em segundo lugar, dentro de cada grupo procurou-se o equilíbrio e a harmonia entre aspectos temáticos e cronológicos, sem se deixar de considerar que há uma certa ambiguidade no que se entende por ordem cronológica para estes textos.

É certo que traduções integrais deles há várias, algumas mesmo centenárias, mas são de egípcio hieroglífico, ou do hierático, para alemão, inglês, francês, italiano... Numa lista longe de se esgotar, os

---

[13] M. Lichtheim, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. ix-xi.

[14] R. B. Parkinson, *The Tale of Sinuhe*, p. vii.

maiores nomes da filologia, da literatura egípcia e da egiptologia em geral, encontram-se ligados a elas: Richard Lepsius, Gaston Maspero, Charles Goodwin, Adolf Erman, Émile Suys, Aylward Manley Blackman, Wladimir Semionovitch Golénischeff, Kurt Heinrich Sethe, Winfried Barta, Hellmut Brunner, Alan Gardiner, F. Vogelsang, Georges Posener, Gustave Lefebvre, Pascal Vernus, Sérgio Donadoni, Hans Goedicke, Wolfgang Helck, Jan Assmann, Erik Hornung, William Kelly Simpson, Miriam Lichtheim, John Baines, Kenneth A. Kitchen, Raymond O. Faulkner, W. Vivian Davies, António Loprieno, James Peter Allen, Richard B. Parkinson. Mas para português, directamente das fontes hieroglíficas, por vezes com recurso ao hierático, de forma paralela e transparente, não há nenhuma. São importantes fontes das quais se poderá partir para uma multiplicidade de trabalhos, e que até agora se encontravam dispersas em obras estrangeiras, umas de difícil acesso outras a precisar de alguns aperfeiçoamentos. São traduções dotadas de numerosas notas de rodapé que procuram ser bastante completas e explícitas, indo de simples referências filológicas a enquadramentos históricos, de comparações com outras traduções a opções pessoais acompanhadas das respectivas explicações, de comparações entre o egípcio hieroglífico e o egípcio hierático, a variadíssimas justificações a diversos níveis, que podem ser o ponto de partida de muitas outras investigações e estudos.

Alguns dos mais recentes investigadores portugueses na área da egiptologia, ou que com ela se cruzaram, dos que mais prezamos no nosso meio académico, José Nunes Carreira, Luís Manuel de Araújo, José das Candeias Sales ou Rogério Sousa, ou porque não dominam o médio egípcio, conforme refere o primeiro[15], ou, quando o dominam, seguem outra orientação para os seus estudos, não sentindo necessidade de consultar sistematicamente as fontes hieroglíficas, normalmente impressas, e muito menos as hieráticas que surgem fac-simila-

[15] «Fiquemos com a disposição gráfica, não dos originais egípcios que me são vedados, mas dos tradutores credenciados que mos transmitiram», J. N. Carreira, *Literatura do Antigo Egipto*, p. 36.

das nas obras de alguns egiptólogos. De uma forma geral, apresentam traduções de conceituados filólogos estrangeiros, sem necessidade mesmo de, em grande parte das vezes, usarem as traduções integrais dos textos literários egípcios. Pretendemos fazer aquilo que os mais destacados egiptólogos muitas vezes fazem, acrescentando sempre algo de novo, seguindo no fundo as palavras de Pascal Vernus no *avant-propos* do seu trabalho *Sagesses de l'Égypte pharaonique*: «É para suprimir esta triste lacuna das edições francesas que eu quis dar o meu contributo, juntando ao *corpus* das sapiências alguns textos aparentados, senão pela forma, pelo menos pelo tom e pelos temas tratados. Não se trata evidentemente de traduzir as traduções inglesas ou alemãs já existentes, mas de proceder a um reexame original das fontes»[16].

Longe de nós pensarmos que estamos a oferecer a quem nos lê um produto final. Procurou-se a perfeição, mas também sabemos o que é a utopia! Pretendemos ser um ponto de partida e não um ponto de chegada, no intuito de servir a comunidade científica portuguesa o melhor possível dando-lhe o que ela não tem para que se possam desenvolver outros estudos a partir daqui. E quando no futuro, breve ou longínquo, alguém, dos que já cá estão ou dos que hão-de vir, apontar e justificar outro caminho, outra possibilidade, uma divergência, uma discrepância ou, simplesmente, outra opinião, damos por bem empregue o nosso esforço. É que, à ideia facilmente partilhável do filósofo Hans-Georg Gadamer, de que «toda a tradução é sempre uma interpretação»[17], Umberto Eco acrescenta que uma tradução é sempre antecedida de uma interpretação, porque, «de facto, os bons tradutores, antes de começarem a traduzir, passam muito tempo a ler e a reler o texto, e a consultar todos os subsídios que possam consentir-lhes entender de modo mais apropriado passagens

---

[16] P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, pp. 7-9.

[17] U. ECO, *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, p. 239; cfr. R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, p. 38.

obscuras, termos ambíguos, referências eruditas – ou então (...), alusões quase psicanalíticas»[18]. Sendo uma tarefa que procuramos cumprir com objectividade, com uma tal carga de subjectividade, cada qual pode muito bem ter a sua própria opinião. Umas vezes tirarão a razão a quem pensou de outra maneira, outras vezes serão opiniões perfeitamente coabitáveis.

Mas Umberto Eco não fica por aqui, e chama-nos a atenção para o que entende por «fidelidade» das traduções: «A conclamada "fidelidade" das traduções não é um critério que leve à única tradução aceitável (...). A fidelidade é antes a tendência para crer que a tradução é sempre possível se o texto-fonte tiver sido interpretado com apaixonada cumplicidade, é um empenho em identificar o que para nós é o sentido profundo do texto, e a capacidade de negociar a cada instante a solução que nos parece mais certa»[19]. É que «uma tradução não diz respeito só a uma passagem entre duas línguas, mas sim entre duas culturas, ou duas enciclopédias. Um tradutor não deve ter apenas em conta as regras estreitamente linguísticas, mas também elementos culturais, no sentido mais amplo do termo»[20]. Um tradutor deve «compreender o sistema interno de uma língua e a estrutura de um texto dado nessa língua, e construir um duplo do sistema textual que, sob uma certa descrição, possa produzir efeitos análogos no leitor, tanto no plano semântico e sintáctico, como no estilístico, métrico, fonossimbólico, e quanto aos efeitos passionais para que tende o texto-fonte»[21]. Até porque «as nossas fantasias de interpretação deixam intactos os próprios textos, que sobrevivem aos nossos comentários»[22], podendo qualquer outra pessoa voltar a pegar neles e partir da sua pureza original.

Além disto, como diz Vasco Graça Moura, dramaturgo, ensaísta e tradutor, distinguido por unanimidade com o Prémio de Tradução de

---

[18] U. Eco, *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, pp. 255-256.
[19] *Idem*, p. 376.
[20] *Idem*, p. 167.
[21] *Idem*, p. 15.
[22] Marguerite Yourcenar cit. em R. B. Parkinson, *Poetry and Culture*, p. 36.

2007 do Ministério da Cultura italiano, que atribui anualmente este prémio ao melhor tradutor estrangeiro de obras italianas, «as traduções envelhecem, o que, só por si, justifica modalidades de apoio à sua renovação regular. É uma das razões por que se justifica serem feitas de novo em relação a muitas obras, em especial as que vão ingressando no cânone clássico. Há também traduções que, sem nalguns casos se poder dizer propriamente que envelheceram, também são ultrapassadas por outras suas contemporâneas. Até porque não há traduções a papel químico. *Dire quase la stessa cosa*, para recorrer a um título de Umberto Eco, não é *dire la stessa cosa*... E além disso, cada tradutor tem uma relação diferente com a língua que utiliza e uma interpretação não necessariamente coincidente do texto que traduz. [...] O tradutor é muito sensível à relação da língua em que escreve com a sua própria contemporaneidade e com os seus códigos predominantes»[23].

Finalmente refira-se que os textos hieroglíficos e as traduções apresentadas surgiram da confrontação entre papiros hieráticos e fontes impressas de transcrições hieroglíficas realizadas por reconhecidos filólogos da egiptologia: Adolf Erman, Alan Gardiner, Aylward Blackman, Wladimir Golénischeff, Richard Parkinson, Raymond Faulkner, Hans Goedicke, Francis L. Griffith, Wolfgang Helck, Gaston Maspero, Aksel Volten, Georges Posener, Winfried Barta, Helmut Brunner, Wolfgang Helck, Kurt Sethe, Émile Suys, F. Vogelsang, Roland Enmarch, Gerald E. Kadish e Jesus Lopez. Algumas destas obras foram impressas nos finais do século XIX ou princípios do século XX, nas quais algumas vezes houve, simplesmente, que acreditar, porque se o estado de alguns papiros já era mau na época em que aqueles autores os leram, em certos casos agora é bastante pior, havendo zonas que já nem é possível ler. Ainda assim, nas notas de rodapé das traduções aqui propostas, é possível verificar que muito ainda foi possível fazer[24].

---

[23] V. G. MOURA, «Tradução literária e passagem do tempo», em *Diário de Notícias*, 29 de Abril de 2009, p. 54.

[24] A tradução dos mesmos textos, sem a componente hieroglífica, com uma tradução diferenciada, mais literária e menos literal como a que aqui se apresenta,

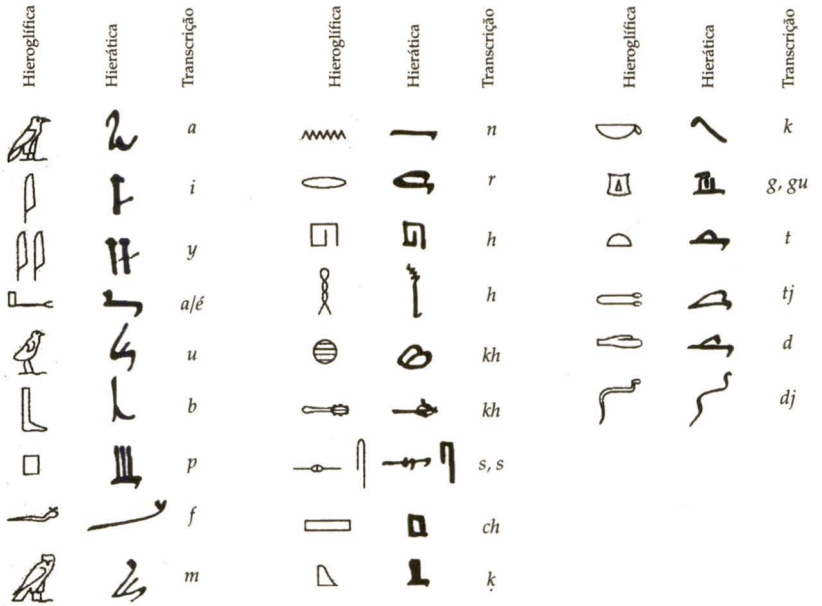
Embora os estudos da língua egípcia que estão na base da nossa formação sejam de egípcio hieroglífico, a observação dos diversos papiros, tabuinhas e óstracos não serviu apenas para a sua descrição. Para as leituras que fizemos de escrita hierática[25], cujas regras gramaticais são as mesmas da escrita hieroglífica, apenas se diferenciando desta pelos seus traços mais simples e rápidos, conforme se pode verificar na imagem da página 39 e que mostra apenas os signos unilíteros, foi fundamental a obra de Hans Goedicke, *Old Hieratic Paleography*, ou mesmo, a um nível praticamente de iniciação, o livro de Maria Carmela Betrò, *Geroglifici, 580 segni per capire l'Antico Egitto*, onde ao lado dos signos hieroglíficos surgem várias formas cursivas hieráticas, com as quais foi possível esclarecer numerosas questões na fixação dos textos hieroglíficos. Considere-se também que nos escritos de tipo literário, a caligrafia usada era normalmente muito esmerada, ao contrário dos textos administrativos e cartas, onde os traços eram mais rápidos e esquemáticos.

Como foi dito antes, as traduções agora apresentadas resultam de trabalhos cujos arquétipos se julga que sejam da XII dinastia (c. 1991--1783), mas que antes de nos espantarem já espantaram os próprios Egípcios antigos. Eis a nossa tradução de um texto do Império Novo, datado da transição da XIX dinastia (c. 1307-1196) para a XX (c. 1196--1070), portanto de cerca de 1200 a. C., onde isso é manifestamente claro. É um texto retirado de um «canto de harpista», feito para exaltar

---

organizada em versos e estrofes, está disponível em T. F. Canhão, *Doze textos egípcios do Império Médio. Traduções integrais*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

[25] Modernamente os estudos de egiptologia iniciam-se pela escrita hieroglífica. No Egipto faraónico os estudantes iniciavam-se através da escrita cursiva que depois iriam aplicar quotidianamente nas suas actividades administrativas, jurídicas, literárias ou outras. A escrita hieroglífica era aprendida posteriormente através de estudos especializados, normalmente realizados nas «casas de vida» e destinados àqueles que se preparavam para exercer funções sacerdotais, sendo por isso o topo da cultura de qualquer letrado (P. VERNUS, «Les espaces de l'écrit dans l'Égypte pharaonique», pp. 37 e 39).



a tarefa daqueles que escrevem e para sublinhar o valor intemporal do acto de escrever, que os letrados egípcios tanto cultivaram. A verdade é que, dizia já o escriba egípcio de há três mil e duzentos anos, muitos túmulos de pedra se desmoronaram e caíram no esquecimento, e com eles o nome dos seus proprietários, mas no entanto, os nomes dos escritores serão sempre recordados. Esta eternidade obtida através da recordação do nome de uma pessoa por invocação dos outros, não é exactamente a mesma visão de imortalidade das crenças ancestrais egípcias que preservavam o corpo do defunto e, através do culto funerário, invocavam o nome que estava registado em todos os suportes físicos da sua capela funerária, dando-lhe diariamente comida e bebida para a sua sobrevivência no Além, através da recitação de fórmulas de oferenda. No Império Novo houve uma grande crise de valores e o

avanço da piedade pessoal multiplicou-se numa diversidade de novas práticas e no «esquecimento» de outras. Em todo o caso, este texto faz um certo paralelismo entre esses dois tipos diferentes de memórias.

Na tradição da *Instrução de Kheti*, neste texto oriundo de Deir el-Medina, que foi usado com finalidades pedagógicas para aprendizagem dos novos escribas, pelo menos nas escolas locais, o que mais impressiona é o facto de mencionar oito autores «clássicos», os melhores, quatro dos quais podem ser os mesmos que se incluem nesta colectânea. Dos restantes, um outro já foi referido nesta introdução.

A IMORTALIDADE DOS ESCRITORES

Para seres bem sucedido nisto, torna-te hábil na escrita:
Aqueles escribas conhecedores do tempo dos sucessores dos deuses,
aqueles que anunciam o futuro,
os seus nomes perdurarão pela eternidade,
ainda que tenham partido no fim das suas vidas
e que todos os seus parentes estejam esquecidos.

Eles não fizeram para si pirâmides de cobre
com uma estela de metal do céu.
Eles não trataram de deixar herdeiros,
filhos para pronunciar o seu nome.
Mas eles fizeram herdeiros no que escreveram
e nas instruções que aí deixaram.

Eles fizeram do rolo de papiro um sacerdote leitor
e da tabuinha de escrever um sacerdote *sameref*[26].
As instruções são a sua pirâmide,

[26] O sacerdote *sameref* era um sacerdote funerário, normalmente um dos filhos do defunto. Aliás, *s3-mr.f* significa «seu filho amado»; cfr. L. M. Araújo, *O clero do deus Amon no Antigo Egipto*, pp. 203, 310 e 319.

o cálamo o seu filho,
a pedra lisa a sua mulher.
Dos grandes aos pequenos (todos) serão seus filhos,
porque o escriba é o chefe de todos.

Os pórticos que construíram para as capelas funerárias ruíram,
os seus sacerdotes do *ka*[27] desapareceram,
as suas estelas funerárias estão cobertas da poeira do chão
e os seus túmulos estão esquecidos.
Mas pronunciam-se os seus nomes por causa dos seus rolos de papiro,
escritos quando eles ainda estavam perfeitos.
E a memória disto faz com que eles atinjam os limites da eternidade.

Torna-te um escriba! Põe isso no teu coração
que o teu nome virá à existência por causa disso mesmo.
Valem mais os rolos de papiro do que as estelas funerárias,
do que construir um sólido túmulo.
Eles agem como capelas funerárias e pirâmides
para quem desejar que seja pronunciado o seu nome.
É certamente vantajoso na necrópole
um nome que está na boca da humanidade!

Um homem morre, o seu corpo está (estendido) no chão
e toda a sua família foi entregue à terra,
mas o que ele escreveu faz com que seja recordado
pela boca de quem disser a palavra.
Um rolo de papiro é mais útil do que uma casa construída
ou uma capela funerária no Ocidente.
Melhor do que esplêndidas casas de campo
ou uma estela comemorativa doada a um templo.

---

[27] Os *hemu-ka* (*ḥmw-kꜣ*) eram os sacerdotes funerários que prestavam o culto ao defunto osirificado e justificado; cfr. *Idem*, p. 202.

Há agora alguém como Hordedef?
Há outro como Imhotep?
Não nasceu ninguém na nossa geração como Neferti
e Kheti, o primeiro deles (todos).
Deixa-me lembrar-te os nomes de Ptahemdjehuti
e Khakheperréseneb.
Há outro como Ptahhotep
ou igual a Kaires?

Aqueles que sabem prever o futuro,
o que sai da sua boca vindo à existência
pode ser encontrado nas (suas) palavras.
Eles deram filhos a outros
como herdeiros dos seus (próprios) filhos.
Eles ocultaram a sua magia da terra inteira
para ser lida nas (suas) instruções.
Eles partiram, os seus nomes podem ter sido esquecidos,
Mas o que escreveram faz com que sejam recordados.

Papiro Chester Beatty IV (BM ESA 10684), *verso*,
da coluna 2, linha 5, à coluna 3, linha 11.

CONVENÇÕES

1. Como era vulgar nos textos egípcios antigos, todos os documentos utilizados, estão escritos em linhas e colunas, e a sua leitura orienta-se da direita para a esquerda. À semelhança de trabalhos idênticos, para facilitar a compreensão da transliteração e da tradução portuguesa, colocadas em paralelo com a escrita hieroglífica, apresentamos todos os textos hieroglíficos apenas em linhas e orientados da esquerda para a direita.
2. Em parte dos textos a contagem de páginas e linhas é assinalada e numerada no início de cada uma, através de sinais do tipo $^{3.1}_{\mathrm{T}}$, colocados superiormente, em que o primeiro número refere a página e o segundo a linha dessa página. Para os restantes optou-se por não referir a página e fazer uma contagem contínua das linhas usando uma sinalética semelhante, $^{235}_{\mathrm{T}}$.
3. Também na margem esquerda dos textos hieroglíficos surgirão destacadas indicações respeitantes ao início da utilização de cada manuscrito, bem como mudanças de *recto* para *verso*. Quando um texto tem uma única fonte a primeira destas duas indicações não é necessária.
4. A *Instrução Lealista* apresenta-se como excepção à regra anterior. Na margem esquerda do texto hieroglífico surgirão informações que correspondem, tanto quanto possível, à indicação dos manuscritos utilizados em cada momento. O tipo de contagem de linhas hieroglíficas utilizado em todos os outros textos não é possível neste, uma vez que ele foi reconstituído através da junção de diferentes e múltiplos documentos e para cada linha hieroglífica são indicados, normalmente, vários documentos. Essa informação está colocada segundo a ordem de utilização em cada linha, com referência à obra de G. Posener. Quando uma linha não apresenta essa informação é porque ela é a mesma da linha anterior. Em lugar da contagem de linhas usaremos a divisão que G. Posener fez em parágrafos, por sua vez divididos em frases, com três pequenas alterações nos parágrafos 1, 8 e 9. Não utilizaremos a separação estela/cópias cursivas de G. Posener, ou a versão curta/versão longa de P. Vernus, mas

apresentaremos apenas um texto que resulte o mais completo possível. Contudo deixamos uma chamada de atenção para o facto de poderem existir diferentes traduções, que dependem da selecção de fontes. Pelo nosso lado, privilegiaremos a *Estela de Sehetepibré* enquanto possível.

5. G. M40, G. A1 ou G. G39, significam: caracter da lista de Gardiner M40, A1 ou G39. Excepcionalmente surgirá também a abreviatura *H.* (*Hieroglyphica*) antecedendo o número de um caracter[28].
6. O *Glyph 1.2 for Windows* (*WinGlyph*) permite colocar sobre os signos de decifração duvidosa ou incerta os traços oblíquos e paralelos ( ) mas, por vezes, a deterioração de espaços de reduzida dimensão (1 ou 2/4 de um caracter num grupo de três ou quatro caracteres, por exemplo) não pode ser assinalada. De qualquer modo, através do que resta em bom estado, estes caracteres são facilmente reconhecíveis. Como o nosso estudo não trata da decifração dos papiros mas da transliteração e tradução dos hieróglifos, julgamos poder prescindir destas pequenas perdas pondo a tónica no cruzamento das diversas opiniões dos especialistas, de modo a obtermos uma transliteração e uma tradução o mais de acordo possível com o contexto e com o cotexto.
7. No texto hieroglífico, um hieróglifo com um ponto de interrogação representa um caracter incerto mas provável; representa uma área deteriorada; é uma área deteriorada mais extensa, com a indicação da estimativa do número de caracteres ou grupos de caracteres perdidos. Para uma melhor compreensão de algumas passagens, dentro dos sinais ⟨ ⟩ aparecem hieróglifos ou palavras omissas no manuscrito, bem como hipóteses de restauro; contudo, nalguns casos, sobretudo quando é apenas um ou dois caracteres, por comparação com outras passagens, foram colocados sob uma área deteriorada. Na transliteração, as reticências [...] indicam a impossibilidade de transliterar uma ou

[28] Ver A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 438-548; N. GRIMAL, J. HALLOF, D. VAN DER PLAS (eds.), *Hieroglyphica*.

mais palavras devido à existência de um ou vários caracteres ilegíveis; os parêntesis rectos [ ] com algo escrito, apresentam propostas de solução para essas situações. Na tradução, os parêntesis rectos [ ] ou encerram a tradução mais provável para os espaços não transliterados, ou a explicitação de afirmações menos claras; os parêntesis curvos ( ) contêm palavras que, embora não sendo expressas no texto hieroglífico, são subentendidas pelo contexto; as chavetas { } serão usadas quando houver caracteres, palavra, frase ou outro sinal excedentário. Seguindo o exemplo de egiptólogos como K. Sethe, A. Erman ou G. Lefebvre, algumas partes poderão ser reconstituídas por comparação com outras passagens do mesmo papiro ou «por comparação com obras mais recentes, representando-se o que estaria aí»[29].

8. Nalguns textos, em particular na *Instrução de Kheti*, mantemos tanto quanto possível a transliteração em conformidade com o que está no texto hieroglífico que seguimos. Mas porque algumas frases seriam totalmente incompreensíveis, fazemos a tradução já corrigida, esclarecendo em nota de rodapé as opções tomadas.
9. Os textos hieroglíficos não separavam as palavras com espaços, nem apresentavam quaisquer marcas de pontuação; na escrita hierática surgem, em bastantes e diversificados manuscritos, pequenos pontos encarnados que separam conjuntos de palavras gramaticalmente organizadas. Possivelmente eram usados como ajudas para a correcta respiração que uma boa leitura exige ou então como marcas gráficas de versos compostos por dois ou três *cola* cada. Em qualquer dos casos, separam conjuntos de palavras gramaticalmente organizadas. Sempre que os encontrámos nos manuscritos utilizados, fizemos o seu registo. Por vezes foi necessário corrigir o seu posicionamento. A pontuação que apresentamos na tradução portuguesa deriva da junção de uma vertente mais objectiva, a estrutura gramatical, com outra mais subjectiva, a percepção do tradutor.

---

[29] G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 70.

10. As frases a encarnado reproduzem o original, correspondendo nuns casos a palavras de abertura, noutros a palavras que iniciavam novas secções, e noutros, ainda, serviam para introduzir as falas dos intervenientes. De um modo geral, como refere E. Hornung, «a escrita cursiva serve-se sempre da cor encarnada para articular e sublinhar»[30]. Por este motivo mantivemos a cor encarnada tanto na transliteração como na tradução, uma vez que facilita também a orientação na leitura.
11. Ao longo da tradução, todas as chamadas de nota, quer digam respeito ao texto hieroglífico, quer à sua transliteração ou tradução, aparecem nos respectivos lugares mas concentradas na linha de tradução. Todas elas estão concentradas no final de cada capítulo.
12. No caracter G. O50, que integra, por exemplo, as palavras *sp* e *sp-sn*, não foi possível incluir o pontilhado que preenche a circunferência deste caracter, que representa uma eira circular cheia de grão.

[30] E. HORNUNG, *L'Esprit du Temps des Pharaons*, p. 15.

1. KHUFU E OS MAGOS

1.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse

Do conto *Khufu e os Magos* existe um único manuscrito: o *Papiro de Berlim 3033*, mais conhecido por *Papiro Westcar*. Segundo R. Lepsius, o papiro ter-lhe-ia sido dado por Miss Mary Westcar, em 1838, quando da sua estadia em Inglaterra (1838-1839). Contudo, a história regista aqui uma pequena imprecisão: Miss Westcar casara cerca de vinte anos antes (3 de Junho de 1819), vivia em Itália quando Lepsius esteve em Inglaterra e nunca foi ao Egipto. Então o que terá acontecido? Os pais, John e Mary Westcar, eram amigos e vizinhos do Dr. John Lee, advogado, antiquário e patrono da ciência, associado também a outro papiro, um papiro judicial da colecção de lord Amherst. Um sobrinho, Henry Westcar, o único elemento da família que visitou o Egipto, tê-lo--á trazido para Inglaterra em 1824 e dado ao Dr. Lee. Lepsius visitou Lee em 1838, que lhe terá facultado o papiro para estudo, tendo-o mantido na sua posse até à morte. Depois do seu falecimento, em 1886, foi encontrado pelo seu filho entre os seus papéis, que o doou ao Museu de Berlim[1]. Embora o cólofon não tenha sobrevivido, acredita-se que não é o original, que seria, provavelmente, da XII dinastia ou mesmo anterior, sendo uma cópia de cerca de 1600 a. C., ou seja, do Segundo Período Intermediário, mais precisamente da época dos Hicsos, da XV ou XVI dinastia[2].

Tem um comprimento de 1,69 metros e cerca de 33,5 cm de largura, podendo ter tido cerca de 38/39 cm de largura, uma vez que

---

[1] R. W. Dawson e E. P. Uphill, *Who Was Who in Egyptology*, pp. 241-242 e 438.

[2] A. Erman, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, I, p. 1; G. Lefebvre, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 70; R. B. Parkinson, *The Tale of Sinuhe*, p. 105.

o texto praticamente não tem margens. O seu estado de conservação não é dos melhores, tendo o início muito estragado, faltando aí uma ou mais páginas. São nove páginas no *recto*, complementadas com mais três no *verso*, no fim das quais o texto acaba abruptamente, tendo-se perdido também o final do conto. Alterna passagens mais claras com outras mais obscuras. Pelo meio tem algumas zonas muito mal tratadas, havendo mesmo buracos no papiro. Tem sido numerado página a página iniciando-se a contagem em 1.12. Numa escrita hierática bastante cursiva apresenta-se só redigido em linhas, que variam de página para página: ...+12+25+25+25+25+26+26+ 26+27+26+26+ 26+..., num total de 295 linhas, algumas com muitas falhas[3].

Uma vez que se apresenta o texto hieroglífico e a tradução em paralelo, opta-se por uma contagem do número de linhas por página, mas contabilizando um total de 297 linhas porque se conta com as linhas 24 e 25 da primeira página, que são linhas intercalares mas perfeitamente integráveis em relação à estrutura apresentada. Não se segue, portanto, o tipo de contagem de cinco em cinco linhas adoptado por outros tradutores, sobretudo quando não é apresentado o texto hieroglífico[4].

Outra particularidade deste manuscrito é que, ao contrário da maioria dos restantes papiros aqui tratados, em vez de apresentar apenas um conto, encerra uma série de cinco contos, que se ligam artificialmente uns aos outros e dos quais só três estão completos. É evidente que, não havendo princípio nem fim, tanto é possível que fossem originalmente cinco como um outro número qualquer. G. Lefebvre, por exemplo, tendo por base a hipótese de Khufu ter tido nove filhos e o facto de cada conto ser introduzido por um filho

---

[3] A. Erman, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, pp. 73-84.

[4] A. Erman, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, II; A. M. Blackman, *The Story of King Kheops and the Magicians*; R. B. Parkinson, *The Tale of Sinuhe*; G. Lefebvre, *Romans et Contes Égyptiens*; M. Lichtheim, *Ancient Egyptian Literature, I.*

diferente, chega a abordar a possibilidade de os contos poderem ter sido originalmente nove[5].

Embora se confrontem outras fontes, este trabalho segue, fundamentalmente, as leituras dos papiros realizadas por A. Erman e K. Sethe. Aliás, quase toda a segunda parte da própria obra de A. Erman apresenta o estudo paleográfico do papiro[6].

Sinopse. O rei Khufu combate o tédio ouvindo contos fantásticos, cada um apresentado por um filho diferente, onde a magia é o aspecto principal.

Primeiro conto: Apenas se conhece a oferenda funerária com que termina o conto e com a qual o rei Khufu agradece ao rei Djoser[7] e ao seu primeiro sacerdote leitor, de quem se desconhece o nome, pelo prodígio que acabara de lhe ser relatado.

Segundo conto: É vulgarmente designado por «O marido enganado». O filho do rei, o futuro soberano Khafré, conta que quando o primeiro sacerdote leitor Ubainer acompanhou o segundo rei da III dinastia, Nebka[8], mais conhecido por Sanakht, ao templo de Ptah em Mênfis, a sua mulher cometeu adultério. Tendo-lhe sido relatado o caso por um fiel servidor, logo ele fez uma escultura de cera de um crocodilo e lhe leu uma fórmula mágica. Levado pelo criado com instruções precisas, o crocodilo de cera transforma-se num crocodilo verdadeiro capturando o homem, quando ele procedia ao habitual banho no lago da casa de Ubainer, depois de consumado o acto libidinoso. Sete dias o crocodilo e o homem ficaram no fundo do lago até Ubainer regressar. Voltou com o rei, a quem pôs a par da situação. Ora nessa altura o homem ainda estava vivo, sendo condenado à morte pelo rei, que o ofereceu ao crocodilo. A mulher do primeiro sacerdote

---

[5] G. Lefebvre, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 71.

[6] A. Erman, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, II, p. 1-84.

[7] Vide nota 6 da tradução deste texto.

[8] *Idem*.

leitor também foi condenada à morte pelo faraó, mas pelo fogo. O conto termina com uma oferenda funerária exactamente igual à do primeiro conto, só mudando os nomes dos homenageados.

Terceiro conto: Conhecido como «O passeio de barco», «O passeio náutico» ou «As remadoras», tem agora como relator o príncipe Bauefré. Procurando ocupar o tempo do rei Seneferu, o seu sacerdote leitor chefe, chamado Djadjaemankh, propõe-lhe um passeio pelo lago do palácio, numa barca movida pelas mais belas raparigas. Durante o passeio, uma delas deixa cair à água um brinco novo, parando de remar e chamando assim a atenção do rei. Recusou continuar a remar e respondeu ao rei não querer que ele lhe substituísse o brinco perdido por outro mas que recuperasse o seu. Sem outra solução, o rei chama Djadjaemankh para resolver a situação. Por artes mágicas este coloca metade da água do lago sobre a outra metade e apanha o brinco, devolvendo-o à dona. Volta a pôr o lago como dantes e acabaram todos em grande festa. Também este conto termina com a mesma oferenda funerária igual à do primeiro, só tendo mudado o nome dos contemplados.

Quarto conto: Hordedef, outro filho de Khufu, introduz o conto «O mago Djedi». Cansado de ouvir falar de prodígios de outros tempos, diz ao pai que conhece um mago capaz de fazer coisas excepcionais, como repor uma cabeça decepada no seu lugar, com a consequente restituição de vida. Hordedef é, então, encarregue de o ir buscar, tarefa que cumpre com rapidez. Uma vez na corte, o mago Djedi apresenta as suas habilidades, recusando-se a provocar a morte de um ser humano, mas quando o rei procura a resposta da maior das suas preocupações ligada à construção da sua pirâmide, que é saber a quantidade das câmaras secretas do santuário de Tot, Djedi foge à resposta e introduz o quinto conto, falando de três crianças que um dia seriam reis em todo o Egipto e levando o rei a querer deslocar-se ao local do seu nascimento, para encontrar a solução do seu problema.

Quinto conto: O nome que lhe é atribuído hoje é indiscutível, «O nascimento dos príncipes», ou «O nascimento da V dinastia», embora na altura relatada não fizesse qualquer sentido. Mas o tratamento corrente

de «anexo ao quarto conto»[9] não é correcto. Pelo contrário, ele é o clímax deste texto. Os outros contos é que lhe são «anexos». Aliás, como se disse, este quinto conto é «lançado» no quarto conto, percebendo-se com clareza que há todo um clima mágico preparativo e envolvente da magia deste último conto. Nele é relatado o nascimento dos três primeiros reis da V dinastia – Userkaf, Sahuré, Neferirkaré Kakai – tendo-se criado com as narrativas anteriores o clima propício ao seu nascimento divino, ajudados por Ísis, Néftis, Meskhenet, Heket e Khnum. Depois deste acontecimento, os deuses arranjam um estratagema fabricando três coroas reais, e, para não as carregarem e poderem voltar, deixaram-nas sigilosamente guardadas em casa de Rauser, sacerdote de Ré e senhor de Sakhebu, centro de culto do deus solar, cuja esposa, Reddjedet, tinha concebido a descendência com o próprio deus Ré. Entretanto, uma serva descobre as coroas, desentende-se com a sua ama e resolve participar a sua descoberta a Khufu. Contudo, a delação nunca chegou a acontecer. O papiro é interrompido sem que haja qualquer indicação de quantas páginas faltam para o final ou de como terminaria a narrativa.

[9] W. K. Simpson diz que «é apresentado como uma espécie de anexo»; G. Lefebvre chama-lhe primeiro «um capítulo suplementar» e, mais adiante, «anexo ao quarto conto: o nascimento dos reis da V dinastia» (W. K. Simpson, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 15; G. Lefebvre, *Romans et Contes Égyptiens*, pp. 72, 86).

1.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada

.....

1.12 T

[*ḏd.in ḥm*] *n nsw-bit ḫ*[*w*]*fw mꜣꜥ*-[*ḫrw*]

Então disse[1] a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Khufu[2], justo de voz[3]:

1.13 T

[*imi di.tw mꜣꜥ t 1000*]

«Que sejam feitas oferendas[4] de mil pães,

ḥ[*nḳt*] *ds 100*

cem jarros de cerveja,

1.14 T

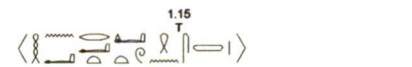
iwꜣ [*1 sntr pꜣd 2*]

um boi e duas bolas de incenso

[*n*] *nsw-bit ḏsr mꜣꜥ-ḫrw*

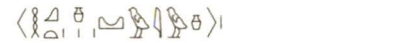
...ao[5] rei do Alto e do Baixo Egipto Djoser[6], justo de voz,

1.15 T



[*ḥnꜥ rdit di.tw šns 1*]

e juntamente que seja oferecido um bolo,



[*ḥnḳt ḏwiw*] *1*

um jarro de cerveja,

iwf wri [*sntr pȝd 1*]
uma porção de carne e uma bola de incenso

[*n ḫry-ḥbt ḫry-tp ... ...*]
ao sacerdote leitor chefe ... ...[7],

[*iw*] *mȝȝ.n.i sp.f n rḫ*
por eu ter visto o seu acto de sabedoria.»

iri.[*in.tw*] *mi wdt* [*nbt ḥm.f*]
E foi feito tudo como ordenara sua majestade[8].

ʿḥʿ pw iri.n sȝ-nsw ḫʿw.f-rʿ [*r mdt ḏd.f*]
Então, o filho do rei Khafré[9], levantou-se[10] para falar e disse:

[*di.i sḏm ḥm*].*k biȝyt ḫprt*
«Eu vou dar a conhecer à tua majestade um prodígio que aconteceu

m rk it.[*k*] *nb-kȝ mȝʿ-ḫrw*
no tempo do teu pai Nebka[11], justo de voz,

wḏꜣ.f r ḥwt-nṯr nt [ptḥ nb] ꜥnḫ-tꜣwy

quando ele se dirigia[12] ao templo de Ptah, senhor de Ankhtaui[13].

ist rf in ḥm.f šm r[... ... ...]

Ora, agora[14] sua majestade partia para fazer uma oferenda em Ankhtaui[15].

in ḥm.f iri ḫnt nt [... ... ...]

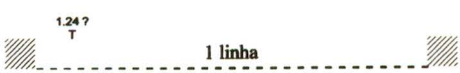
Sua majestade, ela própria, fez serviços[16] do rito ... ...

[*ẖry-ḥbt ḥr*]*y-tp wbꜣ-inr ḥnꜥ* [... ... ...]

e o sacerdote leitor chefe Ubainer estava com ele ... ...

ḥmt wbꜣ-iner n [... ... ...]

Então, a mulher de Ubainer enamorou-se de um homem ... ...[17]

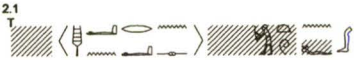


[... ...]

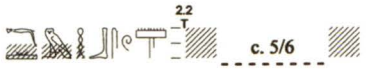
....

[... ...]

....



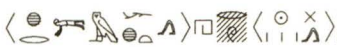
[ʿḥʿ.n rdi.n.s ... ...].tw n.f pds
Então, ela mandou levar-lhe uma caixa



mḥ m (?) ḥbsw [... ... ...]
cheia de roupa ... ...[18].

iwt pw iri.n.f
Ele veio e organizou

ḥnʿ t[ȝ] wbȝ[yt]
com a serva.



[ḫr m-ḫt] hrw[w swȝ] ḥr [nn]
Caídos a seguir dias sobre isto,

[is]t rf wn šs[pt m pȝ š n w]bȝ-inr
como[19] havia um pavilhão no jardim[20] de Ubainer,

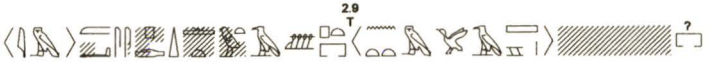
ʿḥʿ.n ḏd.n pȝ nḏs [n tȝ ḥmt wbȝ]-inr
logo disse o homem[21] à mulher de Ubainer:

iw ms wn šspt [m pȝ š n wbȝ-inr]
"Há certamente um pavilhão no jardim de Ubainer!

mtn iri.n ȝt im.s
Pois bem[22], vamos passar um momento aí!"

[ḥ.n h3b.n tȝ ḥmt] wbȝ-inr
Então, a mulher de Ubainer enviou uma mensagem

n ḥry-pr nty [m-sȝ pȝ š r ḏd]
ao chefe dos servidores que estava encarregue do jardim, para dizer:



im(i) sspd.tw tȝ šspt [ntt m pȝ š ...]
"Manda preparar o pavilhão que está no jardim ... ."

wrš.n.s im ḥr swr[i ḥn pȝ nḏs] ... ... ḥtp ...
Ela passou aí o dia a beber com o homem ... ... feliz ...

ḫr m-ḫt [mšrw ḫpr]
E quando a noite veio à existência vindo,

[*iwt pw iri.n*].*f*
logo ele fez o convite[23]

wn.in.f ḥr [*ḥ3it r p3 š*]
de descer para o lago

wn.in t3 wb3yt ... ...
e então a serva ... ...[24]

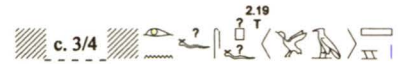
p3 ... ... [*p3 ḥry-pr*] ... ...
o ... ... o chefe dos servidores ... ...

... ... [*wb3-inr*] ... ...
... ... Ubainer ... ...

[*ḥr m-ḫt t3 ḥḏ 2 n hrw ḫpr*]
E quando a terra se tornou brilhante e o dia 2 veio à existência,

[*š3*]*s pw* [*iri.n p3 ḥry-pr*] ... ... *mdt tn*
o chefe dos servidores foi ... ... este assunto

... ... *.k* ... ... *s* ... ... *pȝ n* ...
... ... este ...



... ... *iri.n.f spf* (*?*) [*pȝ*] *š*
... ... ele fez (?)[25] o lago ... ...

... *rdi.n.f sw n pȝy.f* [*nb*]
ele permitiu ao seu senhor

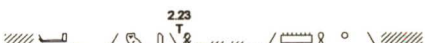
... ... *ḥȝ* ... *nt mw*
... ... (?) ... da água (?).

ʿḥʿ.n pf ... ...
Então (?)[26] ... ...

ʿḥʿ.n [*ḏd.n wbȝ-inr*] *ini.n.i ʿwy* (*?*) ... ...
Então Ubainer disse-lhe: "Traz-me (?) ... ...[27]

... *n hbny* [*ḥr*] *ḏʿmw ms* (*?*)
... de ébano e ouro fino." (?)

[... *h*]*3b* (*?*)... *wp* ... ...
(?) ... ...



... *.n.f msḥ n mnḫ* ... (*?*)... *7*
... construiu[28] um crocodilo de cera ... (?) de sete dedos de comprimento[29].

[*wn.in*].*f* [*ḥr*] *šdi* ... ... *šdi* ... *ḥr* ... ...
Leu alto, sobre ele, uma fórmula mágica, lendo-a assim:

iwt.f [*r wꜥb m š.i*] ... ... *nḏs* ... ...
"Aquele que vier tomar banho no meu lago [agarra esse] homem [com a tua boca][30]."

ꜥḥꜥ.n rdi.n.f sw n pȝ [*ḫry*]*-pr*
Depois ele deu-o ao chefe dos servidores

ḏd.n.f n.f
e disse-lhe:

ir m-ḫt hȝiw nḏs r pȝ š
"Quando o homem descer para o lago,

mi nt-ꜥf nt rꜥ nb
como é seu hábito fazer todos os dias,

kȝ.k ḫȝꜥ.k pȝ msḥ ... r-sȝ.f
atirarás logo o crocodilo ... depois dele."

šȝs pw iri.n pȝ [ḥry-pr]
A viagem foi feita pelo chefe dos servidores,

iṯi.n.f [pȝ] msḥ n mnḫ m-ꜥf
e ele levou o crocodilo de cera na sua mão.

ꜥḥꜥ.n ḫȝb.n tȝ [ḥmt] wbȝ-inr
Então, a mulher de Ubainer enviou (uma mensagem)

n pȝ ḥry-pr nty m sȝ pȝ [š] r ḏd
ao chefe dos servidores, que estava encarregue do jardim, para dizer:

im(i) sspd.tw tȝ šspt ntt m pȝ š
"Manda preparar o pavilhão que está no jardim.

mk wi iy.kwi r ḥmst im.s
Olha, eu virei para aí repousar[31]!"

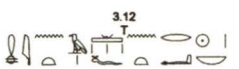
ʿḥʿ.n sspd tȝ šspt [*m*] *bw nb nfr*
Então, foi preparado o pavilhão com todo o tipo de coisas boas.

šȝs pw iri.n[*.sn*]
Elas[32] foram para lá

wn.in.sn ḥr hrw nfr ḥnʿ pȝ nḏs
e passaram um dia agradável com o homem.

ḥr m-ḫt mšrw ḫpr
E quando a noite veio,

iwt pw iri.n pȝ nḏs
o homem voltou e fez



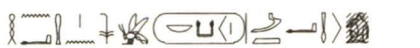
mi nt-ʿ.f nt rʿ nb
como era seu hábito (fazer) todos os dias.

ʿḥʿ.n ḫ3ʿ.n p3 [ḥry-pr] p3 msḥ n mnḥ r-s3.f r mw
Então, o chefe dos servidores atirou o crocodilo de cera logo a seguir para a água.

ʿḥʿ.n [ḫpr.n].f m msḥ n mḥ 7
Então ele transformou-se num crocodilo de sete côvados[33]

ʿḥʿ.n mḥ.n.f m p3 nḏs ... ...
e agarrou o homem [com a sua boca][34].

ist smnw wb3-inr
Entretanto, Ubainer teve que ficar



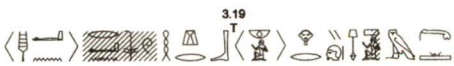
ḥnʿ ḥm n nsw-bit nb-k3 mɜʿ-ḫrw
com a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz,

n hrw 7
durante sete dias[35],

p3 nḏs m ḏ3it ... ... ssnt
[enquanto] o homem permanecia [no fundo da água sem][36] respirar.

[*ḫr*] *m-ḫt pȝ hrw 7 ḫpr*
E quando os sete dias passaram,

wḏȝ pw iri.n nsw-bit nb-kȝ mȝʿ-ḫrw s... ...
fazendo-se ... ... ele dirigiu-se ao rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz[37].

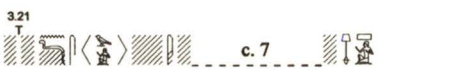


[*ʿḥʿ.n*] *rdi.n sw ḫry-ḫbt ḫry-tp wbȝ-inr m-bȝḥ*
Então o sacerdote leitor chefe Ubainer pôs-se à sua frente,

ʿḥʿ.n ḏd.n [*wbȝ-inr*] *... ... s ḏd.n.i*
então disse-lhe Ubainer[38] ... . : "Eu disse

wḏȝ ḥm.k
à tua majestade para vir

mȝȝ.n.k tȝ [*biȝyt*] *ḫpr*[*t m*] *rk ḥm.k*
ver o prodígio que aconteceu no tempo da tua majestade:



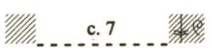
... nḏs ... s ... ... wbȝ-inr
[um] homem [debaixo de água." Então, sua majestade foi com][39] Ubainer.

ʿḥʿ.n ... ... [n wbȝ-inr pȝ m]sḥ r ḏd
Então, Ubainer [chamou][40] o crocodilo para dizer:

inn.k [pȝ] nḏs ... ...
"Traz o homem ... ...!"

pri[t pw iri.n] pȝ msḥ ... ...
O crocodilo saiu [da água trazendo-o][41].

ʿḥʿ.n ḏd.n ḫry-ḥbt ḫry-tp wbȝ-inr
Então, o sacerdote leitor chefe Ubainer disse:



... ... sw
["Esse homem! Larga]-o![42]"

ʿḥʿ.n ... ... .n.f sw
Então ele [largou]-o[43].

ʿḥʿ.n rdi.n.f ... ... n sw
Então ele largou-o [sem] lhe [ter causado nenhum ferimento[44].]

ʿḥʿ.n ḏd.in ḥm n nsw-bit nb-kȝ mȝʿ-ḫrw
[Então], a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz, disse:

smwn msḥ pn ḥȝ
"É de facto um crocodilo aterrador[45]!"

ksit pw iri.n wbȝ-inr
Ubainer inclinou-se

ʿḥʿ.n ṯȝw.n.f sw
e então agarrou-o.

wn.in.f m drt.f msḥ n mnḥ
Na sua mão, logo existiu um crocodilo de cera.

wn.in ḫry-ḥbt ḫry-tp wbȝ-inr ḫr wḫm mdt tn
E logo o sacerdote leitor chefe Ubainer relatou em palavras

iri.n pȝ nḏs pr.f ḥnʿ tȝy.f ḥmt
o que o homem tinha feito em sua casa com a sua mulher,

n ḥm n nsw-bit nb-kȝ mȝᶜ-ḫrw
à majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz.

ᶜḥᶜ.n ḏd.n ḥm.f n pȝ msḥ
Então, sua majestade disse ao crocodilo:

ini.n.k pȝy.k
"Leva contigo o que é teu[46]!"

ḥȝit pw iri.n pȝ msḥ r ... ...t nt pȝ š
E o crocodilo desceu para [o fundo] do lago,

n rḫ.tw bw šm.n.f im ḫr.f
nunca mais se tendo sabido para que lugar terá ido, levando-o consigo.

ᶜḥᶜ.n rdi.n [ḥm n nsw]-bit nb-kȝ mȝᶜ-ḫrw
Então, a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz,

iṯt.tw tȝ ḥmt wbȝ-inr r šdw mḥty n ḫnw
fez conduzir[47] a mulher de Ubainer para um pequeno terreno a norte da residência real.

ʿḥʿ.n rdi.n.f ḫt im.s
Então fez com que fosse queimada[48]

... ... ḳmȝw n itrw
[e ordenou que lançassem] os restos[49] ao rio.

mk biȝyt ḫprt m rk it.k nsw-bit nb-kȝ
Eis um prodígio que aconteceu no tempo do teu pai, o rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka[50],

m iryt ḫry-ḥbt ḫry-tp wbȝ-inr
que foi feito (pelo) sacerdote leitor chefe Ubainer.»

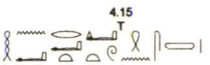
ḏd.in ḥm n nsw-bit ḫ[w]fw mȝʿ-ḫrw
A majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Khufu, justo de voz, disse:

imi di.tw mȝʿ t 1000
«Que sejam feitas oferendas de mil pães,

ḫnḳt ds 100
cem jarros de cerveja,

iwꜣ 1 snṯr pꜣd 2
um boi e duas bolas de incenso

n nsw-bit nb-kꜣ mꜣᶜ-ḫrw
ao rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz,



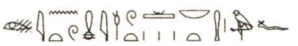
ḥnᶜ rdit di.tw šns 1
e juntamente que seja oferecido um bolo,

ḥnḳt ḏwiw 1
um jarro de cerveja,

iwf wri snṯr pꜣd 1
uma porção de carne e uma bola de incenso

n ḫry-ḥbt ḫry-tp wbꜣ-inr
ao sacerdote leitor chefe Ubainer,

i[w mꜣꜣ].n.i sp.f n rḫ
por eu ter visto o seu acto de sabedoria.»



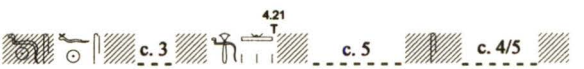
irí.in.tw mi wḏt nbt ḥm.f
E foi feito tudo[51] como ordenara sua majestade[52].

ʿḥʿ [pw iri.n] bȝw.f-rʿ r mdt ḏd.f
Então, Bauefré[53] levantou-se para falar e disse:

di.i sḏm ḥm.k biȝyt ḫprt
«Eu vou dar a conhecer à tua majestade um prodígio que aconteceu

m rk it.k snfrw mȝʿ-ḫrw
no tempo do teu pai Seneferu[54], justo de voz,

m iryt ḫry-ḥbt ḥry-tp ḏȝḏȝ-m-ʿnḫ ...
que foi feito pelo sacerdote leitor chefe Djadjaemankh ...



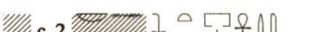
(?) ... *sf* ... ... *wȝḏ* ... ... *s* ... ...
(?) ... ontem[55]... ... sucesso... ... ... (?) ... ...

ḥrw nȝ n iw tmmt ḫpr
[até] este dia[56], isto nunca tinha acontecido!

4.22 T.

... ...

[Um dia, sua majestade o rei do Alto e do Baixo Egipto Seneferu, justo de voz[57],]



nbt nt pr-nsw ꜥnḫ wḏ3 snb

[percorria] todas [as salas] da casa real, v. p. s.[58],

4.23 T.

r ḥḥy n.f [st-ḳbt n gmi.n.f sy]

à procura [de algum divertimento sem o encontrar.]

[ḏd.in.f]

[Então disse[59]:]

4.24 T.

is ini.n.i [ḫry-ḥbt] ḥry-tp sš [mḏ3t ḏ3ḏ3-m-ꜥnḫ]

"Ide! Trazei-me o [sacerdote leitor] chefe e escriba [dos registos, Djadjaemankh."]

ini.in.tw.f n.f ḥr-ꜥwy

E ele foi-lhe trazido imediatamente.

4.25 T.

ḏd.in n.f ḥm.f

Então disse-lhe sua majestade:

iw dbn.n.i ꜥt nbt nt pr-nsw ꜥnḫ wḏ3 snb
"Andei às voltas por todas as salas da casa real, v. p. s.,

r ḥḥy n.i st-ḳbt n gmi.n.i sy
à procura de algum divertimento para mim e não o encontrei!"

ḏd.in n.f ḏ3ḏ3-m-ꜥnḫ
E Djadjaemankh disse-lhe:

ḥwy 3 wḏ3 ḥm.k r š n pr-ꜥ3 ꜥnḫ wḏ3 snb
"Possa a tua majestade dirigir-se ao lago da casa grande[60], v. p. s.,

ꜥpr n.k b3w 1 m nfrwt nbt nt ḫnw ꜥḥ.k
e providencia para ti uma barca com todas as beldades do interior do teu palácio!

ib n ḥm.k r ḳbb
O coração da tua majestade acalmará

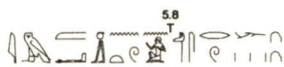
n m33 ḫnn.sn ḫnit m ḫdi m ḫnti
vendo o seu alarido remando para baixo e para cima[61].

iw.k ḥr mȝȝ sšw nfrw n š.k
E irás ver os belos pântanos do teu lago.

iw.k ḥr mȝȝ sḫt.f ḫfȝȝt.f nfrw
Verás os seus campos e as suas belas margens.

iw ib.k r ḳbb ḥr.s
O teu coração acalmará com isso."

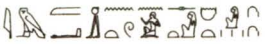
iw.i ḥm r irit ḫnit.i
"Vou, certamente, fazer o meu passeio de barco[62]!



imi ini.tw n.i wsrw 20
Que me tragam vinte remos

n ḥbny bȝk m nbw
de ébano cobertos de ouro,

ḥmᶜt iry m sḳb bȝk m ḏᶜmw
com punhos de sândalo cobertos de electro[63].



imi ini.tw n.i st-ḥmt 20
Que me tragam vinte mulheres

5.10

m nfrt nt ḥ^{c}w.sn
que sejam belas nos seus corpos,

5.11

m bntt ḥnskyt{t}
com seios firmes e cabelo entrançado,

nty n wpit.sn m msit
e que não estejam abertas por dar à luz[64].

ḥn^{c} rdit ini.tw n.i i3dt 20
E faz com que me tragam (também) vinte redes

5.12

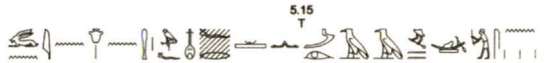
ḥn^{c} rdit nn i3dt n nn ḥmt
e dêem essas redes a essas mulheres

5.13

w3ḥ ḥbsw.sn
para quando as suas roupas forem postas de parte."

ʿḥʿ.n iri mi wḏt nbt ḥm.f
E foi feito tudo como ordenara sua majestade.

wn.in.sn ḥr ḫnit m ḫḏi m ḫnit
Elas iam remando para baixo e para cima



wn.in ib n ḥm.f nfr n m33 ḫnn.sn
e o coração de sua majestade estava feliz de as ver remar.

ʿḥʿ.n wʿt ntt r štyw ḥt.n.s m ḥnskt.s
Então uma, aquela que estava no remo da popa[65], ficou com a trança enleada

ʿḥʿ.n nḫ3w n mfk3t m3t ḫr ḥr mw
e então um pingente pisciforme de turquesa nova[66] caiu à água.

ʿḥʿ.n.s gr.ti nn ḫnit
Então ela parou logo deixando de remar

wn.in p3y.s rmn gr nn ḫnit
e a sua equipa (também) parou e deixou de remar.

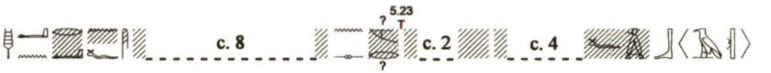
ḏd.in ḥm.f in n ḫnn.n.tn
Sua majestade disse: "Vós não remais?"

ʿḥʿ.n ḏd.n.sn t3y.n šty gr.ti nn ḫnit
Então elas disseram: "A nossa remadora da popa parou e não está a remar!"

ʿḥʿ.n ḏd.n n.s ḥm.f tm.t ḫni [ḥr m]
Então sua majestade disse-lhe: "Porque é que tu não remas?"

ʿḥʿ.n ḏd.n.s
Então ela respondeu:

nḫ3w [pw n mf3kt] m3t ḫr ḥr mw
"O pingente pisciforme de turquesa nova caiu à água."



ʿḥʿ.n rdi.n.f s ... ... n.s mr ... ... f ḏb3
Então ele fez com que (?) ... ... (?) queres ... . (?) substitua?"

ʿḥʿ.n ḏd.n.s mri.i ḥnw.i r snty.f
Então ela respondeu: "Eu gosto mais do meu objecto do que de outro igual a ele!"

ḏd.in ḥm.f
E sua majestade disse:

is ini.n.i ḫry-ḥbt ḥry-tp ḏ3ḏ3-m-ʿnḫ
"Ide e trazei-me o sacerdote leitor chefe Djadjaemankh!

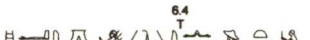
ini.in.tw.f n.f ḥr-ʿwy
E ele foi-lhe trazido imediatamente.

ḏd.in ḥm.f ḏ3ḏ3-m-ʿnḫ sn.i
Sua majestade disse-lhe: "Djadjaemankh, meu irmão,

iw iri.n.i mi nꜣ ḏd.n.k
eu fiz como tu me tinhas dito,

wn.in ib n ḥm.f ḳb[b] n mꜣꜣ ḫnn.sn
e o coração de sua[67] majestade acalmou-se ao vê-las remar.

ʿḥʿ.n nḫꜣw n mfꜣkt mꜣwt nt wʿt nt štyt ḥr ḥr mw
Mas o pingente pisciforme de turquesa nova de uma, da remadora da popa, caiu à água



ʿḥʿ.n.s gr.ti nn ḫnit
e ela parou logo,

ii.n ḥḏi.n.s pȝy.s rmn
deixando de remar e desfazendo a sua equipa.

ʿḥʿ.n ḏd.n.i n.s tm.t ḫni ḥr m
Então eu disse-lhe: "Porque é que tu não remas?"

ʿḥʿ.n ḏd.n.s n.i nḫȝw pw n mfȝkt mȝt ḥr ḥr mw
E ela respondeu: "O pingente pisciforme de turquesa nova caiu à água."

ʿḥʿ.n ḏd.n.i n.s ḫni mt ink ḏbȝ[.i] sw
Então eu disse-lhe: "Rema! Eu próprio substitui-lo-ei."

ʿḥʿ.n ḏd.n.s n.i mri.i ḫnw.i r snty.f
Então ela disse-me: "Eu gosto mais do meu objecto do que de outro igual a ele!"

ʿḥʿ.n ḏd.n ḫry-ḥbt ḥry-tp ḏȝḏȝ-m-ʿnḫ ḏdt.f m ḥkȝw
Então, o sacerdote leitor chefe Djadjaemankh falou palavras com magia[68]

ʿḥʿ.n rdi.n.f rmn n mw n pȝ š ḥr wʿ.sn
e logo pôs metade da água do lago sobre a outra,

gmi.n.f pȝ nḫȝw wȝḥ ḥr pȝḳyt
e ele encontrou o pingente pisciforme que estava sobre uma concha (de tartaruga)[69].

ʿḥʿ.n ini.n.f sw rdi n ḥnwt.f
Então foi buscá-lo e deu-o à sua proprietária.

ist rf ir pȝ mw iw.f m mḥ 12 ḥr iȝt.f
Quanto à água, que era de doze côvados (de profundidade) no meio (do lago),

ḏr.in.f mḥ 24 r-sȝ wdb.f
acabou por ficar com 24 côvados depois de ter sido sobreposta.

ʿḥʿ.n ḏd.n.f ḏdt.f m ḥkȝw
Então ele pronunciou as suas palavras mágicas

ʿḥʿ.n ini.n.f nȝ n mw n pȝ š r ʿḥʿw.sn
e conduziu as águas do lago à sua posição.

6.14

wrš.n ḥm.f ḥr hrw nfr ḥnᶜ pr-nsw ᶜnḫ wḏ3 snb mi ḳi.f
Sua majestade passou o (resto do) dia em festa na companhia de toda a casa real, v. p. s.

6.15

pri.n fḫ3.n.f ḫry-ḥbt ḫry-tp ḏ3ḏ3-m-ᶜnḫ m bw nb nfr
Depois saiu uma recompensa dele para o sacerdote leitor chefe Djadjaemankh com todo o tipo de coisas boas.

mk bi3yt ḫprt
Eis um prodígio que aconteceu

6.16

m rk it.k nsw-bit snfrw m3ᶜ-ḫrw
no tempo do teu pai, o rei do Alto e do Baixo Egipto Seneferu, justo de voz,

6.17

m iryt ḫry-ḥbt ḫry-tp sš mḏ3t ḏ3ḏ3-m-ᶜnḫ
que foi feito pelo sacerdote leitor chefe e escriba do rolo de papiro, Djadjaemankh.»

6.18

ḏd.in ḥm n nsw-bit ḫfw m3ᶜ-ḫrw
Então, a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Khufu, justo de voz, disse:

imi di.tw m3ᶜ t 1000
«Que sejam feitas oferendas de mil pães,

ḥnḳt ds 100
cem jarros de cerveja,

6.19
T

iw3 1 snṯr p3d 2
um boi e duas bolas de incenso

n ḥm n nsw-bit snfrw m3ᶜ-ḫrw
à majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Seneferu, justo de voz,

6.20
T

ḥnᶜ rdit di.tw šns 1
e juntamente que seja oferecido um bolo,

ḥnḳt ḏwiw 1
um jarro de cerveja

snṯr p3d
e uma bola de incenso[70]

n ḥry-ḥbt ḥry-tp sš mḏ3t ḏ3ḏ3-m-ꜥnḫ
ao sacerdote leitor chefe e escriba do rolo de papiro, Djadjaemankh[71],

iw m33.n.i sp.f n rḫ
por eu ter visto o seu acto de sabedoria.»

iri.in.tw mi wḏt nbt ḥm.f
E foi feito tudo como ordenara sua majestade.

ꜥḥꜥ pw iri.n s3-nsw ḥr-dd.f r mdt ḏd.f
Então o filho do rei Hordedef[72] levantou-se para falar e disse:

... ... *n sp* ... ... (*?*)
«... ... ...

m rḫt.n ntyw sw3
ao nosso conhecimento que morrem:

n rḫ.n tw m3ꜥt r grg
não conheces a verdade mais do que a mentira[73].

[*iw wn ḫr*] *ḥm.k m-ḥ3w.k*
Mas existe junto à tua majestade, no teu próprio tempo,

n rḫ.f ... ...
(alguém) que não é (teu) conhecido ... ...[74].»

ḏd.in ḥm.f išst [*pw*] *ḥr-*[*dd.f s3.i*]
Sua majestade disse: «Quem é ele, Hordedef, meu filho?»

[*ḏd.in s3-nsw ḥr-*] *dd.f*
O filho do rei, Hordedef, respondeu:

iw wn nḏs ḏdi rn.f
«Existe um homem chamado Djedi,

ḥmsi.f m ḏd-snfrw m3ʿ-ḫrw
que vive em Djedseneferu, justo de voz[75].

iw.f m nḏs n rnpt 110
Ele é um homem de 110 anos de idade,

iw.f ḥr wnm t 500
que come[76] 500 pães,

rmn n iḥ m iwf
um quarto dianteiro de carne de boi,

ḥnᶜ swri ḥnḳt ds 100 r-mn m hrw pn
e bebe cem jarros de cerveja, incluindo este dia.

iw.f rḫ ṯs tp ḥsḳ
Ele sabe como voltar a juntar uma cabeça cortada[77];

iw.f rḫ rdit šm mȝi ḥr sȝ.f
ele sabe como fazer andar um leão atrás de si,

ᶜrḳ.f ḥr tȝ
com a corda[78] por terra;

iw.f rḫ tnw ipwt nt wnt nt ḏḥwty
ele conhece o número de câmaras secretas do santuário de Tot.»

ist wrš ḥm n nsw-bit ḫ[w]fw mꜣᶜ-ḫrw

Ora, a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Khufu, justo de voz,

ḥr ḥḥy n.f nꜣ n ipwt nt wnt nt dḥwty

passava o tempo a procurar ele próprio as câmaras secretas do santuário de Tot,

r irit n.f mitt iry n ꜣḫt.f

de modo a poder fazer o mesmo no seu horizonte[79].

ḏd.in ḥm.f

Então sua majestade disse:

ḏs.k ir.f ḥr-dd.f sꜣ.i ini tw.k n.i sw

«Tu próprio, Hordedef, meu filho, irás trazê-lo à minha presença.»

ᶜḥᶜ.n sspd ᶜḥᶜw n sꜣ-nsw ḥr-dd.f

Então foram preparados barcos para o filho do rei Hordedef

šꜣs pw iri.n.f m ḫntyt r ḏd-snfrw mꜣᶜ-ḫrw

e ele viajou para sul em direcção a Djedseneferu, justo de voz.

7.11 T

ḫr m-ḫt nꜣ n ꜥḥꜥw mni r mryt

Quando estes barcos chegaram e atracaram no cais,

7.12 T

sꜣs pw iri.n.f m ḥrty

este viajou fazendo-o em terra,

snḏm.n.f m ḳniw n hbny

sentado num palanquim de ébano

7.13 T

nbꜣw m ssnḏm gnḥ rf m nbw

e varas de transporte de madeira *sesnedjem*[80] embutidas a ouro.

ḫr m-ḫt spr.f r ḏd

Quando chegou a (casa de) Djedi[81],

7.14 T

ꜥḥꜥ.n wꜣḥ pꜣ ḳniw

o palanquim foi posto no chão

ꜥḥꜥ pw iri.n.f r wšḏ.f

e ele [Hordedef] levantou-se para se dirigir a ele [Djedi]

gmi.n.f sw sḏr ḥr tmȝ m sš n pr.f
e encontrou-o deitado numa esteira à entrada de sua casa:

ḥmw ḥr tp.f ḥr ˁmˁm n.f
um servo a segurar-lhe a cabeça, que ia ungindo,

ky ḥr sin rdwy.fy
outro massajava-lhe os pés[82].

ˁḥˁ.n ḏd.n sȝ-nsw ḥr-dd.f
Então o filho do rei, Hordedef, disse:

iw ḫrt.k mi ˁnḫ tp-m tni
«O teu estado é como de quem vive antes (de atingir) muita idade[83]

ḫr iȝwt st-mni st-ḳrs st-smȝ-tȝ
– na velhice ficamos moribundos, em estado de meter no sarcófago, de enterrar –

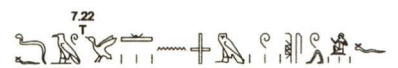
sḏr r sšp šw m ḫȝyt nn kḥkḥt nt sryt
(de quem) dorme até o dia amanhecer[84], vazio em doenças e seco de tosse[85].

nḏ-ḥrt imɜḫy pw
Saudações a este venerável!

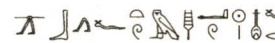
ii.n.i ꜥ3 r nis r.k
Eu vim aqui para te chamar,

m wpwt nt it.i ḫ[w]fw mɜꜥ-ḫrw
numa missão do meu pai Khufu, justo de voz[86].

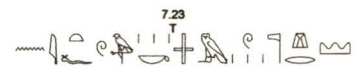
wnm.k špssw n dd nsw
Tu comerás coisas valiosas dadas[87] pelo rei



ḏfɜw n imyw šmsw.f
e alimentos reservados aos que estão ao seu serviço.



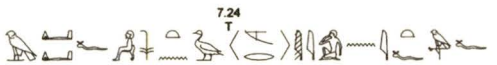
sbi.f tw m ꜥḥꜥw ḥrw nfr
Ele far-te-á passar um belo dia



n itw.k imyw ḫrt-nṯr
até (te juntares aos) teus pais que estão na necrópole.»

ḏd.in ḏdi pn
Então Djedi disse:

m ḥtp sp-sn
«Em paz, em paz[88],



ḥr-dd.f sꜣ-nsw mry n it.f
Hordedef, filho do rei, amado de seu pai!

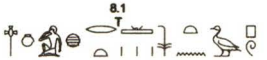
ḥsi tw it.k ḫ[w]fw mꜣᶜ-ḫrw
Possa o teu pai Khufu, justo de voz, favorecer-te!

sḫnti.f st.k m iꜣwiw
Possa ele avançar a tua posição entre os anciãos!

šnit kꜣ.k ḫt r ḫfty.k
Possa o teu *ka* combater contra o teu inimigo!

rḫ bꜣ.k wꜣwt ᶜfdt r sbḫt nt ḥbs bꜣg
Possa o teu *ba* saber os caminhos que conduzem ao portal que abriga quem vê[89]!

8.1



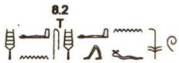
nḏ-ḥrt sꜣ-nsw pw

Saudações a este filho do rei!»

ʿḥʿ.n ꜣw.n n.f sꜣ-nsw ḥr-dd.f ʿwy.fy

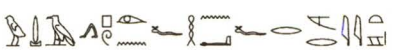
Então o filho do rei Hordedef estendeu-lhe os braços

8.2



ʿḥʿ.n sʿḥʿ.n.f sw

e depois levantou-o.



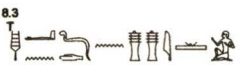
wḏꜣ pw iri.n.f ḥnʿ.f r mryt

Depois ele foi com ele para a margem (do rio),

ḥr rdit n.f ʿ.f

dando-lhe o braço.

8.3



ʿḥʿ.n ḏd.n ḏdi

Então Djedi disse:

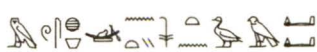
imi di.tw n.i wʿ n ḳꜣḳꜣw

«Faz com que me seja dada uma barca,

ini.tw.f n.i ḫrdw ḥr sšw.i
para que me traga (os meus) filhos e os meus rolos de papiro[90].»

ꜥḥꜥ.n rdi ꜥḥꜥ n.f imw 2 ḫnꜥ ist.sn
Então dois barcos e suas equipagens foram postos ao seu serviço

iwt pw iri.n ḏdi m ḫdi
e Djedi veio em direcção ao norte

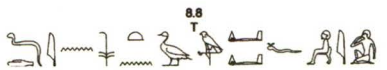


m wsḥ nty sꜣ-nsw ḥr-dd-f im.f
no barco do próprio filho do rei, Hordedef.

ḥr m-ḫt spr.f r ḫnw
Assim que chegou ao palácio,

ꜥḳ pw iri.n sꜣ-nsw ḥr-dd.f r smit
o filho do rei, Hordedef, entrou para informar

n ḥm nsw-bit ḫ[w]fw mꜣꜥ-ḫrw
a majestade o rei do Alto e do Baixo Egipto Khufu, justo de voz.

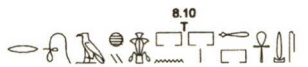


ḏd.in sȝ-nsw ḥr-dd.f
O filho do rei, Hordedef, disse:

ity ꜥnḫ wḏȝ snb nb.i iw ini.n.i ḏdi
«Soberano, v. p. s., meu senhor, eu trouxe Djedi.»

ḏd.in ḥm.f is ini.n.i sw
Sua majestade disse: «Vai! Trá-lo à minha presença.»

wḏȝ pw iri.n ḥm.f
Depois, sua majestade dirigiu-se



r wȝḫy n pr-ꜥȝ ꜥnḫ wḏȝ snb
para a colunata do pátio de entrada do palácio, v. p. s.,

sṯȝ.in.tw n.f ḏdi
e Djedi foi introduzido nela.

ḏd.in ḥm.f pty st ḏdi tm rdi mȝȝ.n.i tw
Sua majestade disse: «Como é isto, Djedi, que eu nunca te tinha visto?»

ḏd.in ḏdi
Djedi disse:

nisw pw iy ity ꜥnḫ wḏ3 snb
«Aquele que é chamado vem, soberano, v. p. s.!

nis r.i mk wi ii.kwi
Chamaram-me e eis que eu vim!»

ḏd.in ḥm.f in iw mꜣꜥt pw pꜣ ḏd
Sua majestade disse: «O que dizem é verdade?

iw.k rḫ ti ṯs tp ḥsḳ
Que tu sabes como voltar a juntar uma cabeça cortada?»

ḏd.in ḏdi tiw iw.i rḫ.kwi
Djedi disse: «Sim. Eu sei,

ity ꜥnḫ wḏ3 snb nb.i
soberano, v. p. s., meu senhor.»

8.15

ḏd.in ḥm.f
Sua majestade disse:

imi ini.tw n.i ḫnr nty m ḫnrt
«Que me tragam o prisioneiro que está na prisão,

8.16

wdi nkn.f
a sua sentença será executada.»

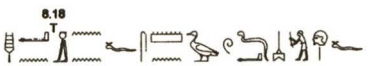
ḏd.in ḏdi n is n rmt
Djedi respondeu: «Mas um ser humano não,

ity ꜥnḫ wḏ3 snb nb.i
soberano, v. p. s., meu senhor!

8.17

mk n wḏ.tw irit mnt iry n t3 ꜥwt špst
Olha, não é permitido fazer semelhante coisa ao gado nobre[91]!»

8.18



ꜥḥꜥ.n ini n.f smn wḏꜥ tp.f
Então trouxeram-lhe (um) ganso a quem tinham cortado a cabeça.

ḥr.n rdi pȝ smn r gbȝ imnty n wȝḫy
Depois puseram o ganso no lado direito da colunata do pátio de entrada

ḏȝḏȝ.f r gbȝ iȝbty n wȝḫy
e a sua cabeça no lado esquerdo da colunata do pátio de entrada.

ḥr.n ḏd.n ḏdi ḏdt.f m ḥkȝw
Então Djedi falou[92] palavras com magia.

wn.in pȝ smn ḥr ḥbȝbȝ
O ganso levantou-se bamboleando-se[93]

ḏȝḏȝ.f m mitt
e a sua cabeça fez o mesmo.

ḫr m-ḫt spr.f wˁ r wˁ
Assim que uma alcançou uma,

ḥr.n pȝ smn ḥr gȝgȝ
o ganso parou e grasnou[94].

ḫᶜ.n rdi.n.f ini.tw n.f ḫt-ᶜ3
Depois fez com que lhe trouxessem um (ganso) *khetaá*[95]

iri.n.tw r.f m mitt
e com ele fez o mesmo.

ḫᶜ.n rdi.n ḥm.f ini.n.tw n.f k3
Sua majestade fez ainda com que lhe trouxessem um touro

sḫr tp.f r t3
cuja cabeça fora deitada por terra.

ḫᶜ.n ḏd.n ḏdi ḏdt.n.f m ḥk3w
Então Djedi falou palavras com magia

ḫᶜ.n p3 k3 ᶜḥᶜ ḥr s3.f
e o touro pôs-se de pé atrás dele,

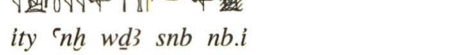
ᶜrḳ.f ḫr r t3
com a corda por terra[96].

ʿḥʿ.n ḏd.n pȝ nsw ḫ[w]fw mȝʿ-ḫrw
Então, disse o rei Khufu, justo de voz:

pȝ irf ḏd iw.k rḫ.ti tnw
«Também se diz que conheces o número

nȝ n ipt nt wnt nt ḏḥwty
de câmaras secretas do santuário de Tot.»

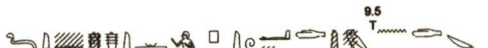
ḏd.in ḏdi ḥsi.ti n rḫ.i tnw iry
Djedi respondeu: «Por favor! Eu não conheço o número disso,



ity ʿnḫ wḏȝ snb nb.i
soberano, v. p. s., meu senhor!

iw.i swt rḫ.kwi bw nty st im
Mas sei o lugar onde isso está lá.»

ḏd.in ḥm.f iw{i} rf tn
Sua majestade disse: «Onde?»



ḏd.in ḏdi pn iw ꜥfdt im nt ds
E Djedi disse: «Há um cofre, de sílex,

m ꜥt sipty rn.s m iwnw
numa sala chamada de "inventário", em Iunu[97].

[*mk st*] *m t3 ꜥfdt*
Olha, é aí nesse cofre!»

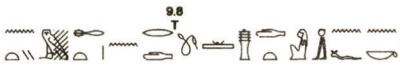
[*ḏd.in ḥm.f is ini.n.i sy*]
Sua majestade disse: «Vai! Trá-lo para mim![98]»

ḏd.in ḏdi ity ꜥnḫ wḏ3 snb nb.i
Djedi respondeu: «Soberano, v. p. s., meu senhor!

mk nn ink is inn.n.k sy
Olha, na verdade não serei eu que to trarei!»

ḏd.in ḥm.f in m rf ini.f n.i sy
Sua majestade disse: «Quem mo trará então?»

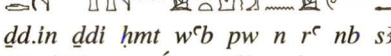
ḏd.in ḏdi in iȝwi n pȝ ḥrdw 3
Djedi disse: «Será o mais velho[99] dos três filhos



nty m ḫt n rd-ḏdt ini.f n.k sy
que estão no ventre de Reddjedet quem to trará.»

ḏd.in ḥm.f mri.i is st nȝ ḏdy.k
Sua majestade disse: «Eu gosto disso que tu dizes[100].

pty sy tȝ rd-ḏdt
Quem é essa Reddjedet?»



ḏd.in ḏdi ḥmt wʿb pw n rʿ nb sȝ-ḫbw
Djedi disse: «É a mulher de um sacerdote de Ré, senhor de Sakhebu[101],

iwr.ti m ḥrdw 3 n rʿ nb sȝ-ḫbw
que está grávida de três crianças de Ré, senhor de Sakhebu[102].

iw ḏd.n.f r.s
Ele disse a respeito deles:

9.11

iw.sn r irit i3t twy mnḫt
"Eles vão exercer esta generosa função[103]

m t3 pn r ḏr.f
em toda esta terra

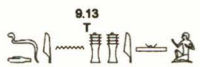
9.12

iw i3wi n.sn imy
e o mais velho entre eles

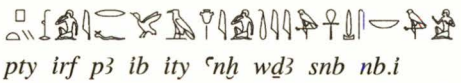
r irit wr-m3w m iwnw
irá ser grande vidente[104] em Iunu."»

wn.in ḥm.f ib.f w3 r ḏwt ḥr.s
O coração de sua majestade caiu na tristeza por causa disto[105].

9.13



ḏd.in ḏdi
Djedi disse:



pty irf p3 ib ity ʿnḫ wḏ3 snb nb.i
«Porque age assim o (teu) coração, soberano, v. p. s., meu senhor?

9.14 T

in iri.tw ḥr pȝ ḫrdw 3 ḏd.n.i
É por causa das três crianças que mencionei?

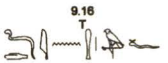
kȝ sȝ.k kȝ sȝ.f kȝ wˁ im.s[n]
Nessa ocasião o teu filho, em seguida o filho dele e (só) depois um dos deles[106].»

9.15 T

ḏd.in ḥm.f msi.s irf sy nw rd-ḏdt
Sua majestade disse: «Quando é que Reddjedet dará à luz?»

msi.s m ȝbd 1 prt 15 sw
«Ela dará à luz[107] no primeiro mês de Peret, dia 15[108].»

9.16 T



ḏd.in ḥm.f
Sua majestade disse:

iw sti ṯsw nw rmwy mr ḥsḳ
«É quando os bancos de areia do canal dos Dois Peixes estão a obstruir (a passagem)[109].

bȝk.i ȝ n st ḏs.i
Servidor[110], eu próprio passá-los-ei

9.17 T

kꜣ mꜣꜣ.n.i tꜣ ḥwt-nṯr nt rᶜ nb sꜣ-ḫbw
e então irei ver o templo de Ré, senhor de Sakhebu.»

ḏd.in ḏdi
Djedi disse:

9.18 T

kꜣ rdi.i ḫpr mw nw mḥ 4
«Então eu farei com que haja quatro côvados de água

ḥr ṯsw nw rmwy mr
sobre os bancos de areia do canal dos Dois Peixes.»

wḏꜣ pw irı.n ḥm.f r ᶜḥ.f
Então sua majestade dirigiu-se para o seu palácio[111].

9.19 T

ḏd.in ḥm.f
Sua majestade disse:

imi di.tw m ḥr n ḏdi
«Que seja ordenado a Djedi

r pr s3-nsw ḥr-dd.f
para (ir para)[112] casa do filho do rei, Hordedef.

ḥmsi.f ḥnꜥ.f iri ꜥḳw.f
Que more com ele e que lhe sejam asseguradas provisões

m t 1000 ḥnḳt ds 100
de mil pães, cem jarros de cerveja,

iw3 1 i3ḳt ḫrš 100
um boi e cem feixes de vegetais.»

iri.in.tw mi wḏt nbt ḥm.f
E foi feito tudo como ordenara sua majestade[113].

wꜥ m nn hrw
Num desses dias[114]

ḫpr wn.in rd-ḏdt ḥr šnt.s
chegou o sofrimento de Reddjedet

ḳsn mss.s
e o seu trabalho de parto foi difícil.

ḏd.in ḥm n rᶜ nb sꜣ-ḫbw
Então disse a majestade de Ré, senhor de Sakhebu,

9.23
T

n ꜣst nbt-ḥwt msḫnt ḥḳt ḫnmw
a Ísis, Néftis, Meskhenet, Heket e Khnum:

9.24
T

ḥwy-ꜣ sꜣs.tn smsy.tn rd-ḏdt
«Possam então ir e libertar Reddjedet

m pꜣ ḫrdw 3 nty m ḫt.s
das três crianças que estão no seu ventre

9.25
T

nty r irit iꜣt twy mnḫt m tꜣ pn r ḏr.f
e que irão exercer esta generosa função em toda esta terra.

ḳd.sn rw-prw.tn
Eles construirão os vossos templos,

9.26

sḏfȝy.sn ḫȝwt.tn
eles aprovisionarão os vossos altares,

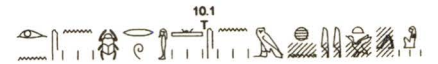
swȝḏ.sn wḏḥw.tn
eles farão prosperar as vossas mesas de oferendas,

9.27

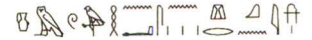
sʿȝy.sn ḥtpw-nṯr.tn
eles aumentarão a satisfação do deus[115].

wḏȝ pw iri.n nn nṯrw
Estas divindades[116] (então) partiram

10.1



iri.n.sn ḫprw.sn m ḫnyt
depois de terem tomado a forma de mulheres músicas[117].



ḫnmw ḫnʿ.sn ḫr ḳni
E Khnum ia com elas transportando a bagagem.

10.2

spr pw iri.n.sn r pr rʿ-wsr
Eles chegaram à casa de Rauser[118]

gmi.n.sn sw ꜥḥꜥ dȝiw sḫd
e encontraram-no em pé com a tanga em desordem[119].

10.3 T

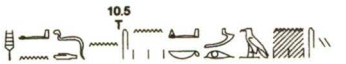
wn.in.sn ḥr ms n.f mnit.sn sḫmw
Elas deram-lhe de presente os seus colares e os sistros[120]

ꜥḥꜥ.n ḏd.n.f n.sn
e então ele disse-lhes:

10.4 T

ḥnwt.i mtn st pw ntt mn.s
«Minhas senhoras[121]! Vede! A mulher está a sofrer!

ḳsn msi.s
O seu trabalho de parto está difícil!»

10.5 T


ꜥḥꜥ.n ḏd.n.sn rdi.k mȝȝ.n sy
Então elas disseram: «Deixa-nos vê-la.

mk n rḫ wyn smsy
Olha! Nós sabemos como fazer um parto!»

10.6

ḥr.n ḏd.n.f n.sn wḏ3w

Então ele disse-lhes: «Ide.»

ḫ pw iri.n.sn tp m rd-ḏdt

Eles entraram e dirigiram-se a Reddjedet.

10.7

ḥr.n ḥtm.n.sn t ḥr.s ḥnr.s

E depois eles fecharam o quarto sobre ela e com ela[122].

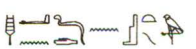
ḥr.n rdi.n sy 3st ḫft-ḥr.s

Então Ísis colocou-se diante dela,

10.8

nbt-ḥt ḥ3.s ḥkt ḥr sḫ3ḥ mswt

Néftis atrás e Heket apressou o trabalho de parto.



ḥr.n ḏd.n 3st

Então Ísis disse:

10.9

imi.k wsr m ḫt.s

«Não sejas tão forte no seu ventre!

m rn.k pwy n wsr-r.f
O teu nome será User-ref[123]!»

wʿr.in ḫrd pn tp ʿwy.sy
E a criança precipitou-se nos seus braços.

m ḫrd n mḥ 1
Era uma criança com um côvado[124],

rwd ḳsw.f nḫbt ʿtw.f m nbw
de ossos fortes, os seus membros revestidos de ouro[125]

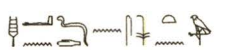
ʿfnt.f m ḫsbd mɜʿ
e um toucado de lápis-lazúli verdadeiro.

iʿi.n.sn sw sʿd ḫpɜ.f
Elas lavaram-no, cortaram-lhe o cordão umbilical

rdi ḥr ifdy m ḏbt
e puseram(-no) numa cama de tijolo[126].

10.13

ʿḥʿ.n ms.n sy msḫnt r.f
Depois Meskhenet foi até junto dele



ʿḥʿ.n ḏd.n.s nsw
e então disse: «Um rei

10.14

irit.fy nsyt m tȝ pn r ḏr.f
que assumirá a realeza em toda esta terra.»

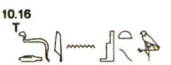
ḫnmw ḥr swḏȝ ḥʿw.f
E Khnum deu vigor ao seu corpo[127].

10.15

rdi.in sy ȝst ḫft-ḥr.s
Ísis colocou-se (novamente) diante dela,

nbt-ḥt ḥȝ.s ḥḳt ḥr sḫȝḫ mswt
Néftis atrás e Heket apressou o trabalho de parto.

10.16



ḏḏ.in ȝst
Ísis disse:

10.17

imi.k sȝḥ m ḫt.s m rn.k pwy n sȝḥ-rˁ

«Não resistas no seu corpo! O teu nome será Sahré[128].»

wˁr.in ḫrd pn tp ˁwy.sy

E a criança precipitou-se nos seus braços.

10.18

m ḫrd n mḥ 1

Era uma criança com um côvado

rwd ḳsw.f nḫbt ˁtw.f [m nbw]

de ossos fortes, os seus membros revestidos a ouro[129]

10.19

ˁfnt.f m ḫsbd mȝˁ

e um toucado de lápis-lazúli verdadeiro.

iˁi.n.sn sw šˁd ḫpȝ.f

Elas lavaram-no, cortaram-lhe o cordão umbilical

10.20

rdi ḥr ifdy m ḏbt

e puseram(-no) numa cama de tijolo.

ʿḥʿ.n ms.n sy msḫnt r.f
Depois Meskhenet foi até junto dele

ʿḥʿ.n ḏd.n.s nsw
e então disse: «Um rei

irit.fy nsyt m tȝ pn r ḏr.f
que assumirá[130] a realeza em toda esta terra.»

wn.in ḫnmw ḥr swḏȝ ʿtw.f
Então Khnum deu vigor aos seus membros[131].

rdi.in sy ȝst ḫft-ḥr.s
Ísis colocou-se (novamente) diante dela,

nbt-ḥt ḥȝ.s ḥḳt ḥr sḫȝḫ mswt
Néftis atrás e Heket apressou o trabalho de parto.

ḏḏ.in ȝst
Ísis disse:

10.24

imi.k kkw m ḫt.s m rn.k pwy n kkw

«Não permaneças nas trevas do seu corpo! O teu nome será Keku[132].»

10.25

wʿr.in ḫrd pn tp ʿwy.sy

E a criança precipitou-se nos seus braços.

m ḫrd n mḥ 1

Era uma criança com um côvado

rwd ḳsw.f nḫbt ʿtw.f m nbw

de ossos fortes, os seus membros revestidos a ouro

10.26

ʿfnt.f m ḫsbd mɜʿ

e um toucado de lápis-lazúli verdadeiro.

ʿḥʿ.n ms.n sy mshnt r.f

Depois Meskhenet foi até junto dele

11.1

ʿḥʿ.n ḏd.n.s nsw

e então disse[133]: «Um rei

irit.fy nsyt m tȝ pn r ḏr.f
que assumirá a realeza em toda esta terra.»

11.2 T

wn.n in ḫnmw ḥr swḏȝ ꜥtw.f
E Khnum deu vigor aos seus membros.

11.3 T

iꜥi.n.sn sw šꜥd ḫpȝw.f
Elas lavaram-no, cortaram-lhe o cordão umbilical

rdi ḥr ifdy m ḏbt
e puseram(-no) numa cama de tijolo.

11.4 T

prt pw iri.n nn nṯrw
Estas divindades saíram

sms.n.sn rd-ḏdt m pȝ ḫrdw 3
depois de terem libertado Reddjedet das três crianças

11.5 T

ꜥḥꜥ.n ḏd.n.sn
e então elas disseram:

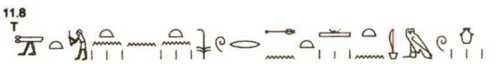
nḏm ib.k rˁ-wsr
«Alegra o teu coração Rauser,

mk msi n.k ḫrdw 3
pois trouxemos-te três crianças!»

ˁḥˁ.n ḏd.n.f n.sn
Então ele disse-lhes:

ḥnwt.i pty irit.i n.tn
«Minhas senhoras, que posso eu fazer por vós?

ḥȝ di.tn pȝ itw 1 n pȝy.tn ḫr ḳni
Por favor, dêem este saco de cevada[134] ao vosso transportador de bagagem



iṯi.tn n.tn sw r swnt tnmw
e fiquem com ele para vós como pagamento.»

iwh.in sw ḫnmw m pȝ itw 1
E Khnum carregou o saco de cevada.

wḏ3 pw iri.n.sn r bw ii.n.sn im
Então eles seguiram para o lugar de onde tinham vindo

ʿḥʿ.n ḏd.n 3st n nn nṯrw
e Ísis disse às (outras) divindades:

pty n3 ntt n iy wy.n r.s
«Viemos aqui para quê,

nn irit bi3yt n n3 n ḫrdw
se não fizemos nenhum prodígio a estas crianças

smi.n n p3y.sn it rdi iwt.n
que possamos anunciar ao seu pai[135] que nos enviou?»

ʿḥʿ.n msi.n.sn
Então elas criaram

ḫʿw 3 n nb ʿnḫ wḏ3 snb
três coroas reais, v. p. s.,

11.14
T

rdi.in.sn st m pꜣ itw 1
e puseram-nas no saco de cevada.

ꜥḥꜥ.n rdi.n.sn iwt pt m ḏꜥ ḥr ḥwyt
Depois elas fizeram aparecer no céu uma tempestade de vento e chuva,

11.15
T

ꜥḥꜥ.n ꜥnn.sn st r pꜣ pr
voltaram-se em direcção a casa

ꜥḥꜥ.n ḏd.n.sn
e então elas disseram:

11.16
T

ḥꜣ dit.n pꜣ itw 1 ꜥꜣ m ꜥt ḫtm.ti
«Vamos pôr o saco de cevada aqui numa sala selada,

11.17
T

r iwt.n ḥr ḫnit mḥty
para quando regressarmos ao norte (para) tocar música.»

11.18
T

ꜥḥꜥ.n rdi.n.sn pꜣ itw 1 m ꜥt ḫtm.ti
E puseram o saco de cevada numa sala selada[136].

ʿḥʿ.n rd-ḏdt wʿb n.s
Então Reddjedet purificou-se

m wʿb n hrw 14
com uma purificação de catorze dias[137].

ʿḥʿ.n ḏd.n.s n wbȝyt.s
Depois ela disse à sua serva:

in iw pȝ pr sspd
«A casa está abastecida?»

ʿḥʿ.n ḏd.n.s
Então ela disse:

iw.f sspd m bw nb nfr
«Está abastecida de todas as boas coisas,

wpw-ḥr hnw n ini.tw
excepto de jarros [de cerveja]. Eles não foram produzidos.»

ꜥḥꜥ.n ḏd.n rd-ḏdt
Então Reddjedet disse:

11.22
T

tm.tw ms ini hnw ḥr m
«E porque é que, de facto, não foram produzidos os jarros [de cerveja]?»

ꜥḥꜥ.n ḏd.n tꜣ wbꜣyt
Então a serva disse:

11.23
T

nfr pw smnḫ ꜥꜣ
«Não há com que fazer nenhum bem aqui,

11.24
T

wpw ḥr pꜣ itw 1 n nn ḫnyt
excepto o saco de cevada das mulheres músicas

iw.f m ꜥt ḥr ḫtm.sn
que está na sala com a sua marca.»

11.25
T

ꜥḥꜥ.n ḏd.n rd-ḏdt hꜣi ini im.f
Então Reddjedet disse: «Desce e trá-lo daí.

kꜣ in rᶜ-wsr rdi.f n.sn ḏbꜣ iry
Rauser logo lhes dará o equivalente disso

m-ḫt iw.f
quando regressar.»

šꜣs pw iri.n tꜣ wbꜣyt
A serva então foi,

wn.n.s tꜣ ᶜt
abriu a sala

ᶜḥᶜ.n sḏm.n.s ḫrw ḥsy šmᶜ ḫbt wꜣg
e então ouviu uma voz a cantar, a fazer música, a dançar, a aclamar[138],

irit nbt n nsw m tꜣ ᶜt
tudo o que era feito para um rei no quarto[139].

šꜣs pw iri.n.s
Ela foi

wn.in.s ḥr wḫm sḏmt.n.s nbt
e fez a descrição de tudo o que tinha escutado

12.3 T

n rd-ḏdt
a Reddjedet.

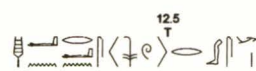
wn.in.s ḥr dbn tȝ ꜥt
Ela[140] percorreu a sala

n gmi.n.s bw irw st im
mas sem encontrar o local onde ele [o barulho] era feito.

12.4 T

ꜥḥꜥ.n rdi.n.s mȝꜥ.s r pȝ ḫȝr
Então encostou a sua fronte ao saco

gmi.n.s iri.tw m-ḫnw.f
e descobriu que era feito no seu interior.

12.5 T


ꜥḥꜥ.n rdi.n.s [sw] r pds
Ela pô-lo[141] então num caixote,

rdi m-ḫnw ky ḫtm istn nwi m dḥr
que foi posto dentro de outra arca junta[142] em pele de couro.

rdi.n.s st r ꜥt wnnt ḫr ḫnw.s
Ela pôs isto (tudo) numa sala onde estavam os seus bens

ḫtm.n.s ḥr.f
e ela selou-a sobre ele [o saco][143].

iwt pw iri.n rꜥ-wsr m ii m sȝ
Quando Rauser regressou vindo dos campos,

wn.in rd-ḏdt ḥr wḥm n.f mdt tn
Reddjedet contou-lhe esta questão.

wn.in ib.f nfr n ḫt nbt
O seu coração ficou feliz com todas (estas) coisas.

ḥmsit pw iri.n.sn ḥr hrw nfr
Ele sentou-se e passaram um dia feliz.

12.9 T

ḫr m-ḫt hrw sw3 ḫr nn

Mais adiante, depois que passados dias sobre isto,

12.10 T

ꜥḥꜥ.n šnit rd-ḏdt ḫt n t3 wb3yt

eis que Reddjedet tem uma desavença por qualquer coisa com a serva,

rdi.n.s ḫsf.tw n.s m ḫwit

fazendo-a punir com pancada.

ꜥḥꜥ.n ḏd.n t3 wb3yt

Então a serva disse

12.11 T

n n3 n rmt nty m p3 pr

às pessoas que estavam em casa:

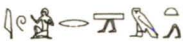
in irt st n3 r.i

«Porque foi feito isto contra mim[144]?

12.12 T

iw msi.n.s nsyw 3

Ela deu à luz três reis!



iw.i r šmt ḏd st
Eu irei contá-lo

n ḥm n nsw-bit ḥ[w]fw mꜣꜥ-ḫrw
à majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Khufu, justo de voz.»

šꜣs pw iri.n.s
Ela foi

gmi.n.s sn.s n mwt.s iꜣwy
e encontrou o seu irmão mais velho da sua mãe[145]

ḥr mr mḥy nwt ḥr ḫtyw
a atar fios de linho[146] na eira.

ꜥḥꜥ.n ḏd.n.f n.s irit r tn idyt šrt
Então ele disse-lhe: «Onde tens tu que fazer, rapariga mais pequena?»

wn.in.s ḥr wḥm n.f mdt tn
Ela contou-lhe o assunto

ʿḥʿ.n ḏd.n n.s pȝy.s sn
e então o seu irmão disse-lhe:

12.16

iri is irr pȝ iit tp im.i
«Faz-se o que estás a fazer, vindo previamente ter comigo

iw.i ḥr snsn wṯst
para me associares a essa denúncia?»

12.17

ʿḥʿ.n [ṯȝw]t.n.f mḥy šȝi r.s
Então ele pegou num molho de linho contra ela

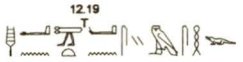
ʿḥʿ.n iri.n.f r.s sḫt bint
e então deu-lhe uma pancada malvada.

12.18

šȝs pw iri.n tȝ wbȝyt
A serva foi

r init n.s ikn [n] mw
para fugir arrastando-se pela água,

12.19



ʿḥʿ.n iṯt.n sy msḥ
mas então um crocodilo apanhou-a

12.20

šȝs pw iry r ḏd st n rd-ḏdt in pȝy.s sn
O seu irmão foi contar isto a Reddjedet

12.21

gmi.n.f rd-ḏdt ḥmsi.ti tp.s ḥr mȝst.s
e encontrou Reddjedet sentada, com a cabeça sobre os joelhos

ib.s ḏw r ḫt nbt
e o coração vazio de todas as coisas.

ʿḥʿ.n ḏd.n.f n.s
Então ele disse-lhe:

12.22

ḥnwt.i irt pȝ ib ḥr m
«Minha senhora, porque está o teu coração assim?»

ʿḥʿ.n ḏd.n.s
Então ela disse-lhe:

t3 pw ktt ḫprt m p3 pr
«É a pequena que cresceu nesta casa!

mk ms sy šm.ti r ḏd
Olha, na verdade ela saiu dizendo:

iw.i r šmt wṯs.i
"Eu vou denunciar"!»

ʿḥʿ.n rdi.n.f tp.f m ḫrw
Então ele baixou a cabeça

ʿḥʿ.n ḏd.n.f
e então ele disse:

ḥnwt.i ḫn sy iṯi.ti r ḏd n.i i
«Minha senhora, ela veio para me contar ... .

iry.s 3 r-gs.i
Na verdade, ela chegou ao pé de mim

ʿḥʿ.n *iri.n.i n.s sḫt bint*
e então eu dei-lhe uma forte pancada.

ʿḥʿ.n[.s] *šm.ti r ikn n.s nhyw n mw*
Então ela foi arrastando-se pela água

ʿḥʿ.n *iṯt.n sy msḥ*
e então um crocodilo apanhou-a[147].»

.....

NOTAS

[1] Perdeu-se toda a narrativa deste primeiro conto, restando apenas a conclusão: as oferendas funerárias que o segundo rei da IV dinastia, Khufu (c. 2589-2566), manda fazer em honra do provável segundo rei da III dinastia, Djoser (c. 2668-2649), conhecido na época pelo seu nome de Hórus Netjerikhet, e do seu sacerdote leitor chefe. Não é seguro a quantidade de linhas ou de páginas perdidas. A página considerada com o número 1 pode ser a segunda! Até as linhas existentes nessa página não estão completas. Contudo, mesmo com as ausências, a partir da segunda história há sempre um fio condutor. Para melhorar a sua compreensão, seguimos quase por completo as propostas de restauro feitas por A. Erman, com base noutras passagens do papiro, uma vez que uma das facetas da técnica de redacção dos contos egípcios era a repetição de certas frases ao longo de um mesmo conto. Aliás, é a metodologia de A. M. Blackman, que nos informa que uma quantidade significativa de caracteres das partes mais deterioradas desapareceu entre a sua leitura (1936) e a de A. Erman (1890), o que comprovamos comparando as fotografias dos papiros. Nas partes restauradas não achámos necessário sobrepor o tracejado, uma vez que elas não estão efectivamente lá (A. M. Blackman, *The Story of King Kheops and the Magicians*, p. 1ª).

[2] Como explica Erman, esta é uma das variantes do nome de Khufu: (*ḫwfw*), (*ḫfw*), (*ḫfw*), (*ḫfwf*), (*ḫfw-rʿ*) (A. Erman, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, I, p. 17). Nós acrescentamos que da primeira, (*ḫwfw*), existe desde 1922 no acervo da colecção egípcia do Museu Calouste Gulbenkian, em Lisboa, um exemplo num fragmento de baixo-relevo do túmulo da princesa Meritités, de calcário policromo do Império Antigo, IV dinastia, com 23 cm de altura por 31,5 cm de largura (M. H. Assam, *Arte Egípcia*, pp. 34-37; L. M. Araújo, *Arte Egípcia. Colecção Calouste Gulbenkian*, pp. 60-62).

[3] A expressão «justo de voz» ou «justificado» (*mꜣʿ-ḫrw*), que vulgarmente aparece abreviada nas traduções (j. v.), é um epíteto utilizado como complemento dos nomes das pessoas mortas, provavelmente com um significado próximo de «o falecido» (A. H. Gardiner, *Egyptian Grammar*, pp. 50-51).

[4] Com rigor, o imperativo irregular do verbo *rdi*, a palavra *imi*, implicava a construção da frase «Fazei oferendas de 1000 pães...» (cfr. Á. Sánchez Rodríguez, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 85 e 198; R. O. Faulkner, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 155).

[5] Neste papiro aparece frequentemente o caracter G. D35 ( ) como substituto da preposição *n*, G. N35 ( ) e, portanto, sem o significado habitual de negação, o que A. Gardiner diz ser frequente em papiros do início da XVIII dinastia. Acres-

centa que é frequente ser transcrito de forma errada por , que é o caso de A. Erman (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 126; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 164; A. ERMAN, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, II).

[6] A questão da III dinastia ter sido fundada por Djoser ou por Nebka, que nos aparece também neste conto já a seguir, não está ainda encerrada, devido a uma série de problemas levantados com o estudo da onomástica real e da cronologia, e com a falta de fontes mais precisas sobre esta questão. Registaremos aqui as várias hipóteses que recolhemos. No *Dicionário do Antigo Egipto*, na entrada «Djoser» afirma-se que é «por alguns considerado o seu fundador [da III dinastia], para outros é o segundo da lista»; na entrada «Nebka» diz-se que é o «nome de um monarca da III dinastia, considerado como seu fundador», também conhecido por Sanakht, em cuja entrada se diz que «foi o fundador da terceira dinastia»; e na entrada «Onomástica real», embora haja a ressalva de que não se garante que em algumas «dinastias a ordem de apresentação dos nomes dos monarcas corresponda exactamente à ordem sucessória proposta», a III dinastia é composta por cinco reis pela seguinte ordem: Hórus Nebka (Sanakht), Hórus Netjerikhet (Djoser), Hórus Sekhemkhet (Djoser Teti), Hórus Khaba e Hórus Huni. Nas entradas «Nebka» e «Sanakht» é também referido que se desconhece o grau de parentesco entre Nebka e Djoser, bem como o facto de ainda se desconhecer o seu túmulo. No *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne* não se faz referência ao posicionamento de Djoser na III dinastia, afirmando-se apenas que foi um rei dessa dinastia, com o nome de Hórus de Netjerikhet, e não há entradas para Nebka nem para Sanakht. No *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, diz-se que Djoser, cujo nome de Hórus é Netjerikhet, foi «o primeiro governante da III dinastia» e também não há entradas para Nebka e Sanakht. No *Dictionnaire des Pharaons* diz-se na entrada «Djoser» que é o «segundo faraó da III dinastia», que teve o nome de Hórus Netjerikhet e que reinou dezanove anos. Não há entrada para Nebka, mas em «Nebkarê» mandam-nos ver «Sanakht», que não tem entrada mas surge integrado na entrada «III dinastia». Aí as coisas complicam-se com o estabelecimento da III dinastia: «a lista dos faraós da III dinastia estabelece-se assim: Nebka, Djoser (Netjerikhet), Djoserty (Sekhemkhet), Nebkaré (Sanakht) e Huni (Khaba). Após Nebkaré, Sanakht e Khaba surge um ponto de interrogação, que não aparece com nenhum dos outros nomes. No livro *Crónicas dos Faraós* a ordem atribuída à III dinastia é: Sanakht (Nebka), Djoser (Netjerikhet), Sekhemkhet, Khaba e Huni. No tomo I da obra *L'Égypte et la Vallée du Nil*, Vercoutter inclui o seguinte quadro, intitulado «Quadro IX – Os faraós da III dinastia»:

Monumentos e documentos contemporâneos		Listas reais					Maneton	
Nome de Hórus	Nome das Duas Senhoras[a]	Abido	Sakara	Papiro de Turim	Duração do reinado	a. C.	Nove reis (var. oito)	Duração
Sanakht	Nebka	Nebka		Nebka	19	2700-2680	Necherophès	28
Neterkhet	Djoser	Djoser-Sa	Djoser	Djoserit (?)	19	2680-2660	Tosorthos	29
Sekhemkhet	Djoserteti	Teti (*sic*)	Djosertti	Djoserty	6	2660-2655	Tyreis	7
Khaba	?	Sedjes	Nebkare	Hudjefa	6	2655-2650	Mesochris	17
Kahedjet (?)	Huni	Neferkare	Huni	Huni	24	2650-2630	Sophis	16
		[Seneferu]	[Seneferu]	[Seneferu]			Tosertasis	19
							Aches	42
							Sephuris	30
							Kerpherès	26
		Total: 74 anos					Total: 214 anos [b]	

a) A equivalência entre nomes de Hórus e das Duas Senhoras é hipotética, excepto para Djoser; b) A duração total da III dinastia é de 198 anos para Eusébio que só conta com oito faraós.

Acrescente-se que Vercoutter refere que há quem não atribua o nome de Sanakht a Nebka e que as fontes de que dispõe «não precisam a ligação de parentesco» entre Nebka e o seu sucessor Djoser. Mas acrescenta: «Em todo o caso, os dois descendem de Khasekhemui através da rainha Nihetepmaat, e é provável que Djoser tenha sido um irmão mais novo do seu predecessor». Ou o contrário! Dizemos nós. Com tanta incerteza, pendemos para o lado de quem defende Djoser como fundador da III dinastia, pois para nós esta questão fica praticamente encerrada com a informação disponível neste papiro, cujo original parece ser da XII dinastia ou mesmo anterior e onde a ordem é Djoser, Nebka e, depois, Seneferu. Contudo, afigura-se-nos uma questão ainda em aberto, pois as listas reais vão noutro sentido. Embora sejam mais tardias e saibamos que elas podiam ser manipuladas, é conveniente aguardar pela descoberta de mais informações acerca de Nebka, de quem praticamente não se conhece nada. Ou novas informações sobre Djoser, relacionadas com esta questão (L. M. Araújo, «Djoser», «Nebka», «Onomástica real», e M. J. Seguro, «Sanakht», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 282-283, 605, 642-649, 764-765; S. Sauneron, «Djéser», em *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, pp. 90-91; I. Shaw e P. Nicholson, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, p. 87; P. Vernus e J. Yoyotte, *Dictionaire des Pharaons*, pp. 63-64, 187-188, 220 e 223; P. A. Clayton, *Chronicle of the Pharaohs*, pp. 30-41; J. Vercoutter, *L'Égypte et la Vallée du Nil*, 1, pp. 245-263).

[7] O sacerdote leitor era um ritualista encarregue dos textos sagrados, cuja principal tarefa era fazer as leituras rituais. O poder das palavras divinas (*mdw-nṯr*), em rituais no templo ou em rituais públicos, como os funerais, por exemplo, fazia com que fosse considerado um mago, sobretudo aquele que ocupava o importante e influente cargo de sacerdote leitor chefe do soberano. Blackman e Parkinson avançam a hipótese do restauro do nome do sacerdote leitor chefe de Djoser poder ser Imhotep (). Sem dúvida que é uma excelente proposta, pois está historicamente comprovado ser este o nome do famoso sacerdote leitor chefe de Djoser, seu conselheiro, vizir e arquitecto da sua pirâmide de degraus, a primeira pirâmide egípcia. Homem sábio, mestre de escribas, pensa-se que tenha escrito várias «instruções» mas não se conhece nenhuma. Mas a maior das curiosidades da sua existência é o facto de, muito mais tarde, a partir do Império Novo, haver provas da sua deificação, o que, sem ter sido rei, o torna uma figura ímpar. Associado aos cultos de Tot e Ptah, foi venerado como deus da sapiência, da escrita e da medicina, sendo geralmente representado como um escriba sentado, não no chão com as pernas cruzadas mas sobre um banco com as pernas em ângulo recto, desdobrando um papiro sobre as suas pernas. Nos tempos ptolemaicos ainda era considerado o patrono dos mestres-de-obras (A. M. BLACKMAN, *The Story of King Kheops and the Magicians*, p. 1a; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 106 e 120; L. M. ARAÚJO, *O Clero do Deus Amon no Antigo Egipto*, pp. 201-202; P. MALHEIRO, «Imhotep», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 177-178; S. SAUNERON, «Imhotep», em *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, pp. 138-139; J. LECLANT, «Imhotep», em *Dictionnaire de l'Égypte Ancienne*, p. 220; I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, pp. 139-140).

[8] Com esta conclusão apenas, não nos é possível atribuir qualquer nome a este conto. Contudo, tendo em conta a nota anterior, não nos espantaria que se viesse a descobrir que a temática deste primeiro conto era sobre considerações e elogios que o construtor da maior pirâmide egípcia, Khufu, tece ao primeiro rei que construiu uma pirâmide, Djoser, e ao homem que a idealizou, Imhotep, um autêntico prodígio dessa época.

[9] É o futuro rei Khafré (c. 2558-2532), construtor da segunda maior pirâmide de Guiza, filho e sucessor de Khufu, ainda que tenha havido um seu irmão Djedefré (c. 2566-2558) de permeio, acerca do qual pouco se sabe. Começa aqui o segundo conto, o primeiro que permite a sua compreensão do princípio ao fim, embora com bastantes falhas de permeio. Vulgarmente é-lhe atribuído o nome de «O marido enganado» (P. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, pp. 50--55; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, pp. 74-77; [c. b.], *Conte des deux frères suivi de Le mari trompé*, pp. 59-82).

[10] Entendemos aqui o verbo *iri* com o significado de «agir», «tomar a acção» que, no contexto, falar perante o rei, deverá ter sido «levantar-se» e falar.

[11] Uma vez que se sabe que o pai de Khufu era Seneferu, e Nebka o outro nome por que era conhecido o provável segundo rei da III dinastia, Sanakht (c. 2686-2668), que viveu cerca de cem anos antes de Khufu, admitimos que a palavra «pai» seja aqui empregue no sentido de «ancestral», «antepassado» (P. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, pp. 32 e 42-49).

[12] Tal como noutras passagens do papiro, o verbo *wḏȝ* ( ) está pouco legível, mas a existência do princípio e da terminação da palavra permitem a sua reconstituição.

[13] Mênfis, a capital dos reis do Império Antigo. Mais precisamente, Ankh-taui, *ʿnḫ-tȝwy*, «Vida das Duas Terras», era a designação da sua zona noroeste da cidade. É uma referência à posição da cidade como charneira entre o Alto e o Baixo Egipto (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 121).

[14] É uma proposição circunstancial introduzida por uma temporalidade concomitante, que põe em relevo a circunstância, expressa pela partícula proclítica *ist* reforçada com a partícula enclítica *rf*, podendo traduzir-se por «quando». Contudo, neste contexto, é mais correcto empregar em português «Ora, agora...» (cf. A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 186 e 231; e B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique*, pp. 54-55 e 198).

[15] A quantidade de espaços deteriorados é estimada. De qualquer modo, é um espaço suficientemente grande para conter algo mais do que Ankh-taui. Preferimos, por isso, a proposta de restauro de Parkinson à de Lefebvre (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 106; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 74).

[16] Com o estranho caracter , A. Erman propõe para a leitura desta palavra *šnt*, que não existe. Por outro lado, não sabemos se é inteiramente correcto atribuir o som de *š* ao caracter em causa. É inexistente na lista de A. Gardiner, mas encontrámo-lo na secção V (Cordas, fibras, cestos, sacos, etc.) do *Hieroglyphica* (H. V49), ainda que sem qualquer solução de transliteração e sem se saber se foi recolhido apenas neste texto ou se existem outros exemplos. É um caracter compósito: um laço com as pontas para baixo, do meio das quais sai um pedúnculo que se liga na sua base ao G. V9, uma cartela circular, determinativo da própria palavra «cartela», *šnw* ( ). Ora, G. V9 é determinativo, não se translitera, o que dá o som *š* é o primeiro caracter que é o fonema bilítero *šn*. Será que por ser um dos elementos do hieróglifo compósito, este toma esse som? Um comentário do editor póstumo da obra de A. M. Blackman, W. V. Davies, informa que uma nota marginal manuscrita do autor refere que Černý e Gardiner liam aqui o caracter G. V36 ( ), o fonema bilítero *ḥn*, formando a palavra *ḥnt*, «ocupações», «serviços». Sem podermos resolver esta questão, acabámos por perfilhar esta última proposta, em detri-

mento das de Erman, Parkinson e Lefebvre, construindo com a palavra em causa e a palavra ausente um genitivo indirecto, em virtude da presença de *nt* (A. ERMAN, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, I, p. 22; A. M. BLACKMAN, *The Story of King Kheops and the Magicians*, p. 1a; N. GRIMAL, J. HALLOF, D. VAN DER PLAS (eds.), *Hieroglyphica*, pp. 2v-2 e 3-3; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 522 e 527; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 106; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 74).

[17] As duas últimas linhas da primeira página, linhas 24 e 25 estão em falta, correspondendo provavelmente a quatro versos. Curiosamente, apesar de bastante fragmentado, é possível seguir o enredo deste conto sem perder o fio à meada: enquanto o marido acompanhava o rei a Mênfis, a sua mulher seduziu um homem oferecendo-lhe roupas e cometeu com ele adultério.

[18] Tendo em conta a frase seguinte, provavelmente o que estaria aqui seria «pela sua serva».

[19] O mesmo que referimos na nota 14, mas em vez de expressar temporalidade expressa aqui causalidade (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 186 e 231; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique*, pp. 54-55 e 198).

[20] Normalmente a palavra *s* significa lago, mas também pode significar jardim (cf. R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 260; e Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 413).

[21] Preferimos traduzir *nḏs* por homem, um simples homem do povo, em detrimento de burguês, como G. Lefebvre, dando assim maior relevo à oferta de roupas. Em todo o caso, do ponto de vista semântico a expressão «burguês» é imprópria para o antigo Egipto (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 75).

[22] Esta partícula proclítica, plural, feminina, traduz-se normalmente por «olhai!», contudo, na nossa língua e mantendo o mesmo sentido, é mais correcto dizer neste contexto «pois bem!».

[23] É uma passagem de difícil tradução, mas R. Faulkner diz-nos que *iri ḥr* pode significar «fazer o convite de» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 26).

[24] Uma vez que a serva era conivente com este ilícito, e que fora através dela que a ama se aproximara inicialmente do homem, é provável que ela tivesse ficado de vigilância ao jardim.

[25] É muito pouco provável que sejam estes caracteres, pois o seu conjunto não faz sentido.

[26] Não deve ser aquele caracter. Gramaticalmente não é correcto colocar um demonstrativo no singular logo após o auxiliar de enunciação; ele deveria vir depois de um substantivo, concordando com ele em género e número. As linhas 42 a 45 são totalmente inaproveitáveis, mas percebe-se que o chefe dos servidores é fiel ao seu amo, indo ter com ele a Mênfis e contando-lhe o que se estava a passar em sua casa.

[27] Deveria haver aqui referência a uma caixa, um estojo que conteria as substâncias que vão ser utilizadas seguidamente, embora *ʿwy* seja o *nisbe* para braços e sem que haja espaço antes para *ḥr*, o que daria «imediatamente».

[28] O determinativo que restou, e é perfeitamente legível, pode ser o caracter final da palavra *ḥwsi* (), «construir».

[29] A unidade de comprimento egípcia era o côvado (lat. *cubitu*), equivalente a cerca de 52,5 centímetros. As suas fracções mais comuns eram o «dedo», *ḏbʿ* (), equivalente a 1/28 do côvado, isto é, 1,88 centímetros, o «palmo», *šzp* (), equivalente a quatro dedos ou 1/7 de côvado, ou seja, 7,5 centímetros, medindo o côvado sete palmos ou vinte e oito dedos; os seus múltiplos mais frequentes eram a «vara», *ḫt* ( ), que equivalia a cem côvados, cerca de 52,5 metros, e *itrw* ( ), o «rio», com um comprimento de 20 000 côvados, ou seja, 10,5 quilómetros (J. P. ALLEN, *Middle Egyptian*, p. 101). Uma vez que ele medirá sete côvados quando se transformar num crocodilo vivo, é natural que aqui seja um submúltiplo dessa medida. O mais lógico será o «dedo», fazendo com que a figurinha de cera medisse treze centímetros, o que é perfeitamente razoável para o efeito.

[30] Segundo a reconstituição de Parkinson (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 107).

[31] O verbo *ḥmsi* significa, na realidade, «sentar», «habitar», «morar», mas dentro da própria residência e neste contexto parece-nos mais correcto traduzir por «repousar».

[32] A mulher de Ubainer e a serva.

[33] O crocodilo teria 3,675 metros, o que sendo um tamanho bastante considerável, não é de modo algum um caso limite. O crocodilo do Nilo, que entretanto desapareceu do actual território egípcio, ainda hoje é um dos maiores répteis vivos do planeta, chegando, em média, quase aos cinco metros de comprimento. Em casos mais raros, os machos podem mesmo chegar aos seis metros. Cfr. nota 29.

[34] Segundo a reconstituição de Parkinson (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 108).

[35] Mais uma vez surge o número sete. Ao contrário do que G. Lefebvre afirma, não é uma semana. A «semana» egípcia tinha dez dias; cada um dos seus doze meses tinha trinta dias, divididos por três «semanas» de dez dias. O número sete, recorrente neste conto, surge na sua função mágica; aliás, estamos num conto mágico. Na magia dos números, sete era para os antigos Egípcios um dos de maior importância simbólica. Enquanto seis e oito eram simples múltiplos de três e quatro, sete era a sua soma. Assim, se três representava a pluralidade e quatro a totalidade ou plenitude, o sete simbolizava simultaneamente a pluralidade e a totalidade ou plenitude, redobrava o seu poder mágico, sendo considerado um número da perfeição. No capítulo 148 do «Livro dos Mortos», são sete vacas (e um touro) que sustentam os poderes do universo; e segundo determinados textos religiosos, a algumas divindades, como Maat ou Hathor, pede-se que tenham sete *bau*, tal como Ré (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 76; R. H. WILKINSON,

Symbol & Magic in Egyptian Art, pp. 142-146; R. FAULKNER, O. GOELET, C. ANDREWS, *The Egyptian Book of The Dead. The Book of Going Forth by Day*, pla. 35; E. A. W. BUDGE, *O Livro Egípcio dos Mortos*, pp. 399-402; M. K. ACÚRCIO, «Números», em *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 634; cfr. nota 53 de *O Camponês Eloquente*).

[36] Segundo a reconstituição de Lefebvre (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 76).

[37] O rei está de regresso ao palácio e Ubainer volta com ele.

[37] Erman restaurou aqui o nome de Ubainer, o que não faz muito sentido (A. ERMAN, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, II, pl. III).

[39] Segundo a reconstituição de Parkinson (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 108).

[40] Segundo a reconstituição de Parkinson (*Idem, ibidem*).

[41] Segundo a reconstituição de Lefebvre (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 76).

[42] Segundo a reconstituição de Parkinson (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 108).

[43] Segundo a reconstituição de Parkinson (*Idem, ibidem*).

[44] Segundo a reconstituição de Parkinson (*Idem, ibidem*).

[45] A partícula proclítica *smwn* significa «provavelmente», «certamente», resultando muito melhor na nossa língua para esta segunda hipótese, «de facto». A tradução da palavra *ḥ3* é bastante insegura. Não é conhecido mais nenhum exemplo desta palavra e o seu determinativo sugere palavras como *ḥꜣyt* («luta»), *ḥꜣk* («capturar»), que não servem este contexto. Fazendo eco da opinião de outros tradutores, ainda que muito longe da grafia de «terrível» ou «aterrador» ( ), esta parece-nos a melhor tradução possível nestas circunstâncias (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 181; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 108; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 76; A. ERMAN, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, I, p. 29).

[46] Mais importante do que tecer considerações ao facto do crocodilo se ter transformado de novo, ou do homem não ter morrido depois de ter permanecido sete dias debaixo de água, é verificarmos que mesmo num conto é apenas ao rei que compete decidir sobre a vida ou a morte dos Egípcios. A acção de Ubainer serviu apenas para imobilizar o homem sem que lhe fosse feito qualquer mal. Se nos tempos greco-romanos, a conclusão mais vulgar de um adultério de uma mulher casada parece ter sido o divórcio, em tempos mais recuados os intervenientes, em particular a mulher, já que para o homem não era considerado um comportamento condenável, ficavam sujeitos à pena de morte, uma vez que punham em causa a ordem social, a *maat*. Contudo, como era considerado um crime do direito privado e não um crime contra o Estado, podendo ser resolvido sem recurso ao tribunal, sobreviveram poucos registos. Há, sobretudo, registos de letrados sobre a forma de conselhos e não relatos de tribunais. Para além da literatura, a única condenação mais ou menos oficial de tal acto encontra-se na confissão negativa que precede a entrada do morto no Além, inserida no capítulo 125 do «Livro dos Mortos»: «Eu não tive relações sexuais com uma mulher

casada». Os tribunais tinham poderes bastante limitados. Para pequenos delitos os castigos eram, normalmente, chicotadas (habitualmente cem) e uma multa que duplicava os valores em causa. Em relação aos castigos por ofensas criminais, para lá de uma minoria de casos a que podiam aplicar chicotadas ou bastonadas, só lhes era permitido determinar a culpabilidade dos réus e prender os que tivessem sido considerados culpados até o vizir determinar a pena ou, em casos de extrema gravidade, como a pilhagem de túmulos, ser o faraó a fazê-lo, uma vez que qualquer castigo de amputação de membros ou pena de morte era da exclusiva competência do rei, o único que detinha poder de vida ou morte sobre todos os habitantes. Refira-se, no entanto, que embora estivesse prevista, a pena de morte raramente era aplicada. Mas quando acontecia, executava-se a sentença atirando o condenado aos crocodilos, queimando-o ou empalando-o. Esta última forma era usada sobretudo para os altos dignitários e familiares do faraó, a fim de evitar privá-los de entrarem no reino de Osíris. Nesta matéria, verificavam-se ainda condenações a trabalhos forçados ou deportações (L. MANNICHE, *Sexual Life in Ancient Egypt*, pp. 20-22; J. YOYOTTE, «Casamento» e «Moral», em G. Posener, *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, pp. 162-163 e 175-176; L. M. ARAÚJO, «Adultério», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 31-32; J. TYLDESLEY, *Judgement of the Pharaoh*, pp. 153-161; R. O. FAULKNER, *The Egyptian Book of The Dead. The Book of Going Forth by Day*, pla. 31; P. BARGUET, *Le Livre des Morts des Anciens Égyptiens*, p. 161; T. F. CANHÃO, *«O meu caminho é bom». O Conto do Camponês Eloquente*, pp. 174-183).

[47] Por se encontrar muito distante na construção das linhas, o verbo auxiliar *rdi* ficou na linha anterior antes de «majestade».

[48] De facto, o rei era o único que tinha poder de vida ou morte sobre todos os Egípcios, mas este modo de execução de uma pena, tanto quanto consta de numerosos documentos jurídicos, não era prática no Egipto. Devaneio literário ou falha dos documentos jurídicos?

[49] A formação da palavra *ḫm3w* é incerta, contudo é muito provável. Além disso, o seu significado de «forma», «aparência», «natureza» permite interpretá-lo como «cinzas», «restos». Julgamos que é também a opinião de Parkinson ou Lefebvre, ainda que o expressem de forma diferente (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 26; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 109; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 77).

[50] Não existe, de facto, o habitual «justo de voz».

[51] Tal como se confirma nas fontes, *nbt* encontra-se fora do seu lugar. Para distinguir os adjectivos dos substantivos, a regra dos adjectivos seguirem os substantivos é invariável: *nbt* devia vir depois de *ḥm.f*. Não o indicámos logo na primeira oferenda funerária por se tratar de uma reconstituição feita a partir dos casos em que

a frase se encontra completa (A. ERMAN, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, I, p. 32; A. M. BLACKMAN, *The Story of King Kheops and the Magicians*, p. 5; K. SETHE, «Aus den Wundererzählungen vom Hofe des Königs Cheops» (1927), p. 31; J. P. ALLEN, *Middle Egyptian*, pp. 59-60).

[52] Excepto nos nomes, esta fórmula de oferenda funerária é igual à encontrada no final do primeiro conto. Através delas, maior ou menor conforme a importância do destinatário, Khufu exprime a sua satisfação ao rei que reinava na altura de cada prodígio e aos primeiros sacerdotes leitores que os realizaram.

[53] Embora tenha sido omitido depois do nome Bauefré, *s3 nsw*, este é outro filho de Khufu. Começa aqui o terceiro conto conhecido por «As remadoras» ou «O passeio de barco», tendo nós preferência por este último título (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, pp. 77-80; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 216-217).

[54] Curiosamente, o habitual *nsw-bit* que precede o nome real está ausente nesta passagem.

[55] A proposta de tradução de A. Erman e K. Sethe de *sf*, seguida, por exemplo, por Lefebvre e Parkinson, não é inteiramente segura. Erman apresenta primeiro *fs*, que, aparentemente, não é nada, e mais à frente num restauro desta passagem inverte os caracteres. É Sethe que nos mostra um *s* antes e outro depois do *f* e do determinativo. Este «ontem» pode aqui ter o significado de «há pouco tempo», uma vez que o acontecimento relatado teria acontecido no reinado imediatamente anterior (A. ERMAN, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, II, pl. IV e IV (restauro); K. SETHE, «Aus den Wundererzählungen vom Hofe des Königs Cheops» (1927), p. 33; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 77; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 109).

[56] Segundo a reconstituição de Parkinson (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 109).

[57] Segundo a reconstituição de Parkinson (*Idem, ibidem*).

[58] É a abreviatura da fórmula habitual para desejar um futuro longo, próspero e saudável, inicialmente como atributos conferidos ao rei ou a um elemento honorável da sociedade egípcia, particularmente em cartas: «Possa ele viver, prosperar e ter saúde!». A partir da XVII dinastia, sobretudo, surge também aplicada a outros termos ligados à realeza, como *pr-nsw* e *pr-ꜥ3*, formulando igual desejo em relação à casa real e ao palácio, não aos edifícios, mas como colectivos da instituição real; cfr. nota 80 de *Conto do Náufrago*, nota 32 das *Admoestações de Ipuuer* e nota 2 de *As Profecias de Neferti*.

[59] Esta reconstituição, com algumas variantes, aparece em autores como Erman, Sethe, Parkinson, Lichtheim ou Lefebvre (A. ERMAN, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, I, p. 34; K. SETHE, «Aus den Wundererzählungen vom Hofe des Königs Cheops» (1927), p. 33; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 109; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 78; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 216).

[60] Apareceram aqui quatro hipóteses de referência ao «palácio»: *ḫnw* ( ) na linha 84, *pr-nsw* ( ) na linha 101, *pr-ꜥ* ( ) na linha 102 e *ḥ* () na linha 103. Ainda que todas possam ser traduzidas por «palácio», aqui distingui-las-emos com a sua tradução literal: *ḫnw* será «residência real», *pr-nsw* será «casa real», *pr-ꜥ* será «casa grande» e *ḥ*, será «palácio» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 46, 89 e 202 e Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egípcios*, pp. 125, 179 e 339).

[61] Na verdade, o verbo *ḫnn* significa «perturbar», «interferir com», «estar irritado», mas neste contexto esta perturbação é benéfica, ou seja, a algazarra, o alarido de um grupo alegre e bonito, perturbava o insatisfeito coração do rei pondo-o bom. Por outro lado, *ḥdi* significa «navegar para norte», o que no caso do Nilo é descer a corrente, e *ḫnti* «navegar para sul», o que é exactamente o contrário.

[62] Contra o que é habitual, a mudança de fala não foi introduzida pelo tradicional «e sua majestade disse-lhe», irrompendo abruptamente. Sendo pouco natural este esquecimento, entendemos o facto como uma acção deliberada para nos mostrar quão rápida foi a resposta do rei à sugestão de Djadjaemankh, vendo finalmente qualquer coisa para se distrair e que se previa tão agradável.

[63] Liga metálica de ouro e prata, por vezes também designada por electro ou electrum.

[64] A aplicação do verbo «abrir» neste caso não é inteiramente clara, ficando por saber se é uma referência à inestética e possível flacidez dos tecidos da barriga após o parto, o que estaria de acordo com «seios firmes», ou se o pedido do rei é de vinte virgens, uma vez que o verbo «abrir» também pode ter o significado de «inaugurar», o que, de qualquer modo, também está de acordo com «seios firmes». Evitando as hipóteses menos elegantes de «abrir» ou de «perder a elasticidade», acompanhamos a sensibilidade feminina de Lichtheim na tradução desta frase, de forma simples mas subentendendo tudo o mais (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 110; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 78; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 216). Ao contrário de L. M. Araújo, que interpreta a frase «e que não tenham ainda dado à luz», como se o rei tivesse exigido a presença de vinte virgens, neste contexto parece-nos muito mais apropriada a nossa interpretação. É uma apreciação estética que está em causa e não uma apreciação anatómica ou moral. Aliás, a virgindade não interferiria com a estrutura do corpo como o parto interfere, tal como o não ser virgem sem nunca ter dado à luz podia manter a plástica propícia ao deleite do faraó. Acrescente-se que procurámos em dicionários e outras obras e não encontrámos a palavra «virgem» ou qualquer outra, ou conceito, que a ela pudesse corresponder. Do mesmo modo, nunca detectámos em qualquer texto, expressa ou subentendida, qualquer ideia que nos mostrasse que essa foi uma questão equacionada pelos

Egípcios antigos (L. M. ARAÚJO, *Estudos sobre Erotismo no Antigo Egipto*, p. 121-122; L. MANNICHE, *Sexual Life in Ancient Egypt*; L. MANNICHE, *Egyptian Luxuries. Fragrance, aromatherapy, and cosmetics in pharaonic times*; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*; J. P. ALLEN, *Middle Egyptian. An Introduction to the Language and Culture of Hieroglyphs*; A. GARDINER, *Egyptian Grammar*; B. MENU, *Petit Lexique de l'Égyptien Hiéroglyphique*; A. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egípcios*; M. J. MACHADO, «Casamento»; L. M. ARAÚJO, «Adultério» e «Erotismo»; J. N. CARREIRA, «Mulher», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 31-32, 188-189, 326-329, 585-592; J. YOYOTE, «Érotisme», «Famille», «Femme» e «Mariage», em G. Posener, *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, pp. 106-107, 110-111, 115-116 e 162-163; «Erotica», «Marriage», «Sexuality», «Toys», «Women», em I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, pp. 93, 170--171, 265-266, 293-294, 306-307).

[65] É a remadora que marca a cadência das remadas, portanto a liderança é sua.

[66] No Império Médio eram populares os ornamentos em forma de peixe, muitos feitos em metais e pedras preciosas. Em particular os que reproduziam o *Synodontis batensoda*, um peixe que tinha o hábito bastante peculiar de nadar na vertical com a boca para cima e o rabo para baixo, como é possível ver em relevos de alguns túmulos. Talvez por essa ser a posição em que ele aparecia suspenso em fios ou noutras jóias (D. J. BREWER e R. F. FRIEDMAN, *Fish and Fishing in Ancient Egypt*, p. 4). Há belos exemplares em ouro, acreditando-se que pudessem ter sido amuletos protectores contra afogamentos ou encantamentos propícios à fertilidade. Da família dos peixes-gatos, alguns relacionam-se ainda com a maternidade e as crianças. Talvez por isso, a insistência com o rei não tenha sido um simples capricho mas o medo de perder a protecção (P. F. HOULIHAN, *The Animal World of the Pharaohs*, pp. 131 e 133; E. CASTEL, *Egipto. Signos y símbolos de lo sagrado*, pp. 305--306). A própria forma da jóia, um peixe, tem uma forte conotação erótica, conforme sobressai de vários poemas de amor egípcios, onde surge sobretudo o peixe tilapia cuja cor vermelha potencia a carga erótica. Mas há também a referência a uma amada que brinca com «peixes gordos». Será indício de fertilidade ou de luxúria? E há também a expressão de felicidade do amante que tem o coração «louco de alegria como o peixe vermelho no lago» pelo facto da amada ter chegado (L. MANNICHE, *Sexual Life in Ancient Egypt*, p. 80; P. VERNUS, *Chants d'Amour de l'Égypte Antique*, p. 88 e 95; L. M. ARAÚJO, *Estudos sobre Erotismo no Antigo Egipto*, p. 116). A construção gramatical da frase obriga a ler «um pingente pisciforme de turquesa nova» e não «um pingente pisciforme novo de turquesa»; não era o pingente que era novo, mas a turquesa: acreditava-se que a turquesa com o tempo perdia a cor, por isso a que fosse nova tinha mais valor (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 122).

[67] Há aqui uma troca do pronome sufixo: devia estar a primeira pessoa do singular masculino (*.i*) e não a terceira pessoa do singular masculino (*.f*), como é usual em situações semelhantes de discurso directo.

[68] Na expressão *ḏdt.n.f* o caracter G. Z2 (𓏺𓏺𓏺) não está correcto. Provavelmente seria o caracter G. N35 (𓈖), tanto mais que, neste caso se assemelham muito (A. M. BLACKMAN, *The Story of King Kheops and the Magicians*, pp. 11-11a e pl. 6-col. 6; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 26a-26b e 48a-48b).

[69] Segundo Faulkner, *pꜣḳyt* tanto pode ser «concha» de tartaruga ou «concha» de um crânio, como uma «lasca» de pedra ou um «caco». Os autores divergem entre «concha» e «caco». Atendendo ao contexto, optamos por «concha», muito mais de acordo com o ambiente exposto (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 88; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 40; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 80; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 217; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 111; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 21; P. VERNUS, *Chants d'Amour de l'Égypte Antique*, p. 140).

[70] Desta vez foi esquecida «a porção de carne», assim como o numeral de «uma bola de incenso», o que é pouco relevante pois *pꜣd* ou *pꜣḏ* já significa «bola de incenso», subentendendo-se «uma».

[71] Para além dos nomes e de outras pequenas diferenças, que até podem ter sido simples esquecimentos do escriba, esta fórmula de oferenda funerária é praticamente igual à encontrada no final dos dois primeiros contos.

[72] É muito provável que o príncipe Hordedef seja o sábio autor das mais antigas «Instruções» conhecidas, *As Instruções do Príncipe Hordedef*. Obviamente que sendo este o caso, elas datarão da IV ou da V dinastia. Estas Instruções, das quais apenas sobreviveram cerca de quinze linhas, aparecem em colectâneas de textos egípcios como as de W. K. Simpson, com o título «As Instruções de Hardedef», e Lichtheim, designadas por «As instruções do Príncipe Hardjedef». Refira-se que em relação à tradução do nome do príncipe, temos primeiro *ḥr* (𓅓) e, depois, *dd.f* (𓂝𓏏𓂝). Se no primeiro caso ainda é admissível a leitura antiga de «Har» por «Hor», preferindo nós a segunda hipótese, no segundo caso não há justificação para ler *ḏd.f*, pois não temos lá 𓂝𓏏𓂝 e como só existe um papiro deste conto, pelo menos aqui terá que ser lido Hordedef (W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 340; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 58-59).

[73] Na parte deteriorada do papiro e por antecipação ao que se segue, é provável que Hordedef iniciasse a sua exposição começando por dizer ao rei que tudo aquilo eram histórias do passado, só comprováveis pelas pessoas que as viveram.

[74] Provavelmente terá elogiado esse «alguém», dizendo que era um grande mago.

[75] O epíteto «justo de voz» aparece após o nome da cidade «Seneferu é eterno», pelo facto do nome do falecido rei Seneferu entrar na sua constituição. Esta cidade

localizava-se em Meidum, perto da pirâmide de Seneferu (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 81; P. GRANDET, *Contes de l'Égypte Ancienne*, p. 173).

[76] Sobre a grafia da palavra *wnm*, Erman e Sethe usam o caracter G. Z11 () e Blackman o caracter G. M42 (). Gardiner esclarece-nos que os dois caracteres não se distinguem no hierático inicial, acabando o segundo por ser preterido em relação ao primeiro a partir do Império Médio (A. ERMAN, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, II, pl. VII; K. SETHE, «Aus den Wundererzählungen vom Hofe des Königs Cheops» (1924), p. 29; A. M. BLACKMAN, *The Story of King Kheops and the Magicians*, p. 8; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 484 e 539).

[77] Ver nota 229 do *Conto do Camponês Eloquente* e nota 16 da *Instrução Lealista*.

[78] A palavra *ꜥrḳ* não consta de nenhum dicionário ou gramática consultados com a tradução de «trela» ou similar, empregue pela generalidade dos tradutores. Será necessário entender o caracter G. V12 pelo seu próprio significado, um pedaço de corda, o que, aliás, está expresso pela presença do caracter G. Z1 (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 81; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 218; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 22; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 112; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 523).

[79] Khufu gostaria de fazer o seu túmulo à semelhança das câmaras secretas do santuário de Tot. Entre outros atributos, este deus era patrono dos escribas, dos médicos e dos mágicos, com um papel de relevo no ciclo osiríaco, como escriba do relatório final da pesagem dos corações ou como «grande senhor da magia» que ensinou fórmulas e feitiços a Ísis. Mereceu grande adoração em todo o Egipto, em particular em Khemenu (, *ḫmnw*), «A cidade dos Oito», a Hermópolis grega, onde era considerado o único demiurgo. Juntando a isto o facto de o próprio rei não o encontrar, ele que tinha as portas de todos os templos abertas, permite pensar que este santuário com câmaras secretas possa ter sido um local mítico e aprazível no reino dos mortos, ao ponto de ser desejável imitá-lo na morada eterna (J. C. SALES, «Tot», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 830-832; J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 181-187).

[80] Parkinson é o único a traduzir esta palavra, dando-lhe o significado de «madeira de tamariz», mas tamariz diz-se *isr* e escreve-se , , ou (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 81; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 218; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 23; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 113; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 41).

[81] Falta o *i* no nome do mago.

[82] Os dois servos massajavam Djedi com unguentos, o que além de ser um luxo era indicativo do sucesso por ele alcançado. Segundo Parkinson, há uma cena semelhante representada no túmulo do vizir Ptah-hotep II, da VI dinastia. O facto de se tratar de uma massagem com unguentos, talvez seja justificação para a

palavra *sín* surgir com o determinativo G. W23 (𓏏), como que numa simbiose de *sín* com *wrḥ*. Também a palavras «pés», plural ideográfico dual, surge de forma atípica, uma vez que no lugar do pronome sufixo *f*, que só deveria aparecer depois da palavra, deveria surgir um *w*, ausente na palavra (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 123).

83 Evidentemente que é um cumprimento: um homem de 110 anos que vive e se alimenta como se ainda não tivesse atingido a velhice.

84 Cfr. B1, 232 do *Conto do Camponês Eloquente* e respectiva nota 167.

85 Este genitivo indirecto não pode ser entendido como «tosse seca», o que seria um erro gramatical, uma vez que o substantivo que rege é «seco» e o substantivo regido é «tosse», ligados pela base *n*, no feminino singular.

86 Uma coisa que o escriba não foi capaz de ultrapassar, foi a questão da aplicação correcta do «justo de voz», baralhando a temporalidade histórica com a temporalidade literária: Khufu estava morto quando o conto foi concebido, mas vivo no momento da acção relatada. Isto leva a pensar que esta era uma questão cultural: fosse em que circunstância fosse, a deferência a um rei morto era-lhe sempre devida.

87 É claramente visível no papiro que os dois caracteres que nesta frase constituem o verbo «dar» não são 𓂝 mas 𓂝, substituição que é frequente. Goedicke confirma a diferença (A. M. BLACKMAN, *The Story of King Kheops and the Magicians*, pl. 7-col. 7; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 7a-7b).

88 A expressão *sp-sn* é um indicador de repetição (cfr. R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 221; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 364).

89 A tradução desta passagem é duvidosa por causa do significado da palavra *bꜣg*. Erman, Lefebvre e Lichtheim traduzem-na por «morte», sendo que os dois primeiros deificam *ḥbs bꜣg*, considerando o primeiro que é uma entidade designada por «Aquele que esconde a debilidade» e o segundo por «Aquele que esconde a morte», ambos afirmando tratar-se de um demónio, guardião de uma das portas da Duat. M. Lichtheim traduz por «portal que esconde a morte». Também Parkinson e Simpson deificam esta expressão, chamando-lhe, respectivamente, «Aquele que envolve o cansado» e «Aquele que veste o fatigado», dizendo Simpson que se trata do embalsamador. Contudo, para *bꜣg*, Faulkner dá-nos como significado provável «vista», «visão», «ver»; e Sánchez Rodríguez acompanha-o apresentando o significado de «ver», «olhar». É uma palavra muito diferente das que normalmente surgem com o significado de morte. Como não encontrámos nenhuma outra referência a uma entidade divina ou demoníaca, ou esta designação para embalsamador, parece-nos que aqui está contida a ideia de protecção: o *ka* ajuda na luta contra os inimigos, e o *ba* a encontrar um abrigo (A. ERMAN, *Ancient*

Egyptian Poetry and Prose, p. 42; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 82; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 218; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 113; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 23; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 79; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 165).

[90] Os «filhos» de Djedi seriam, provavelmente, seus alunos e não seus criados, que aprendiam a sua arte e o ajudavam nas suas tarefas.

[91] Isto é, a espécie humana (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 39).

[92] Mesma expressão na linha 133 deste papiro, com grafia semelhante de *ḏdt.f*.

[93] Isto é, com o andar característico dos patos.

[94] De facto *gꜣgꜣ* significa «cacarejar», mas em português o som típico dos patos diz-se grasnar.

[95] Enquanto o termo *smn* designa o ganso do Nilo, o *Alopochen aegyptiaca* (ganso egípcio), *ḫt-ꜥꜣ*, literalmente «grande madeira», designa um outro tipo de ganso não identificado mas citado de igual modo no *Papiro Harris I*, 38a,5 na lista E.2 (produtos para as oferendas ao Nilo). Aparece também referenciado no túmulo de Ti. Identificadas no Egipto faraónico estão, para além da já citada, as seguintes espécies: *Anser anser* (ganso cinzento), *Anser albifrons* (ganso de rosto branco), *Anser erythropus* (ganso de rosto branco pequeno), *Anser fabalis* (ganso do feijão), *Branta ruficollis* (ganso de peito vermelho) (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 83; P. F. HOULIHAN, *The Birds of Ancient Egypt*, pp. 54-65; P. F. HOULIHAN, *The Animal World of the Pharaohs*, p. 139; P. GRANDET, *Le Papyrus Harris I*, vol. I, p. 275, vol. II, pr. 38, vol. III, p. 140).

[96] Há claramente uma distracção do escriba que se esqueceu que acabou a linha 203 da «página» anterior com a preposição *r* e a repetiu no início da linha seguinte, que é numa «página» nova. Esta passagem tem levantado algumas dúvidas, julgando mesmo alguns, como Blackman ou Lichtheim, que faltam aqui algumas palavras. Não no papiro, onde não falta nada, mas que o escriba se terá esquecido de as escrever, tendo saltado por cima de um prodígio quase inteiro, do qual só restou esta frase. É o caso muito claro de Lichtheim que conclui a frase «... e o touro levantou-se», acrescentando à sua frente um pequeno tracejado a assinalar a omissão. Pensam estes egiptólogos que teria faltado o relato do prodígio do leão, referido anteriormente por Hordedef nas linhas 155 e 156. No entanto, o touro, ao ser conduzido até Djedi, tanto podia ter sido tocado nos quartos traseiros como puxado por uma corda (não seria uma trela no caso de um touro!) atada ao seu pescoço que, quando a cabeça se juntou de novo ao corpo, pode ter ficado no chão! Se no caso do leão era uma situação claramente de domínio de uma fera, aqui também o poderia ser; sobretudo se pensarmos que o touro era símbolo de

força, poder, masculinidade e fertilidade, com que se identificavam os deuses e formavam epítetos para o faraó. Faltará o prodígio do leão ou não? Será que o escriba estava tão distraído que se esqueceu de copiar todo um prodígio? Aparentemente não. Haverá, provavelmente, uma repetição de frases, o que era típico da forma de escrever egípcia (A. M. BLACKMAN, *The Story of King Kheops and the Magicians*, pp. 11-11ª; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 115 e 124; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 84; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 219 e 222).

[97] Uma sala de «inventário» é, certamente, um arquivo. Tanto mais que Iunu era o nome egípcio da cidade que os gregos chamaram de Heliópolis, a nordeste do Cairo. Foi um dos centros de culto mais importantes do Egipto faraónico, local do primeiro templo solar conhecido. Provavelmente construído no Império Antigo em honra de Ré-Horakhti. Aí prestava-se culto solar nos seus diversos aspectos, sol nascente (Khepri), sol do meio-dia (Ré) e o sol do entardecer (Atum), mas nada resta dele hoje. Centro espiritual poderoso, possuía a mais antiga Enéade, a *pesedjet* egípcia ou «grupo dos nove», somatório de todas as forças elementares existentes no universo, responsáveis pela criação: Atum (o demiurgo solitário que surge no Nun, o Oceano Primordial), os filhos Chu (a Atmosfera) e Tefnut (a Humidade), os filhos deste casal divino, Geb (a Terra) e Nut (o Céu), pais dos casais Osíris-Ísis e Set-Néftis. Não só encerra o «mito do cosmos» através dos seus cinco primeiros elementos, como comporta também o «mito da realeza» a partir de Geb e Nut, com a ligação aos humanos através da tríade Osíris-Ísis-Hórus, este último filho do casal. Heliópolis é, assim, onde terá sido idealizado o próprio faraonato.

[98] Concordamos com os vários tradutores consultados, de que há aqui duas omissões do escriba, uma vez que nesta linha o papiro não apresenta espaços deteriorados ou em branco nestas passagens, estando o texto escrito em contínuo. Contudo, só Sethe apresenta entre parêntesis rectos estas duas passagens, e Blackman, que integra o primeiro no texto hieroglífico mas mantém o segundo em nota, especifica que estes restauros se devem a Sethe. Erman usou apenas o texto existente no papiro em 1890 e em 1927, já depois da publicação de Sethe em 1924, incluiu o restauro de Sethe. Os outros autores não fazem qualquer referência à paternidade deste restauro, mas usam-no (A. M. BLACKMAN, *The Story of King Kheops and the Magicians*, pp. 11-11ª e pl. 9-col. 9; K. SETHE, «Aus den Wundererzählungen vom Hofe des Königs Cheops» (1924), p. 31; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 115 e 124; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 84; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 219; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 25; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 43; A. ERMAN, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, II, pl. IX; A. ERMAN, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, I, pp. 53-54).

[99] Variante de ou , que de forma abreviada se pode escrever simples-

mente 𓀀, ao qual foi acrescentado o ideograma de «homem» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 8; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 442).

[100] É a forma verbal relativa prospectiva *sḏmy.f* (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 297-308).

[101] Sakhebu era um centro de culto ao deus solar Ré, que ficava a cerca de quarenta quilómetros a noroeste de Mênfis, ou vinte da moderna cidade do Cairo, no delta do Nilo. Mais precisamente na segunda província do Baixo Egipto, entre Letópolis e Kom Abu Bilu, perto da moderna Zat el-Kom, na separação entre o delta e o deserto líbio (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 124; P. GRANDET, *Contes de l'Égypte Ancienne*, p. 173).

[102] É o modo de atribuir a paternidade divina a estas três crianças: surgindo-lhe sob a forma de marido, Ré concebeu as crianças com esta mulher. Reddjedet parece encarnar o papel da rainha Khentkaués, que se julga ter sido a mãe dos três primeiros reis da V dinastia e tem o seu túmulo junto ao templo baixo da pirâmide de Menkauré em Guiza. Userkaf fez o seu templo solar em Abusir, mas a sua pirâmide em Sakara (P. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, pp. 60-62; P. VERNUS e J. YOYOTTE, *Dictionnaire des Pharaons*, pp. 48-49; M. LEHNER, *The Complete Pyramids*, pp. 140-151; para a localização do túmulo de Khentkaués ver J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, p. 158).

[103] A realeza.

[104] Título do sumo sacerdote de Ré em Heliópolis: «o maior dos que são admitidos a ver (o deus)» (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 85; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 64).

[105] A justificação desta tristeza só pode ser o facto de o rei ter pensado que a sua dinastia iria ser substituída por outra de origem diferente.

[106] A memória do Império Médio parece ter esquecido alguns reis, lembrando apenas os construtores das pirâmides de Guiza: o filho de Khufu, Khafré, e o filho deste, Menkauré. Contudo, antes de Khafré ainda reinou outro filho de Khufu, Djedefré, e a IV dinastia acabou com o curto reinado de Chepseskaf, um filho segundo de Menkauré.

[107] Djedi responde sem que haja a habitual marcação de mudança de interlocutor. Blackman apresenta um restauro que atribui a Sethe (*ḏd.in ḏḏi*) que, de facto, o inclui na sua transcrição. Erman procede como no caso relatado na nota 97: em 1890 nada acrescenta e em 1927 apresenta essa inclusão. Lichtheim também inclui o restauro de Sethe. Contudo, desta vez, Lefebvre, Parkinson e Simpson não o apresentam. E nós julgamos que estão correctos, pela simples razão de esta não ser uma situação nova neste papiro: aconteceu exactamente o mesmo na linha 107 (cfr. também nota 62). Como já passámos por outras omissões do escriba (cfr. linhas 208-209 e nota 97), a dúvida instala-se: pouca atenção ou

figura de estilo? (A. M. BLACKMAN, *The Story of King Kheops and the Magicians*, pp. 12-12ª e pl. 9-col. 9; K. SETHE, «Aus den Wundererzählungen vom Hofe des Königs Cheops» (1924), p. 32; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 116 e 125; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 85; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 219; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 26; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 43; A. ERMAN, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, II, pl. IX; A. ERMAN, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, I, p. 56).

[108] Sem a marcação de qualquer acontecimento fundador, os anos eram de 365 dias contados a partir da subida ao trono de cada rei, começando o segundo ano desse ciclo na data imediatamente a seguir ao último dia do ano em curso e assim sucessivamente. Com o rei seguinte reiniciava-se a contagem a partir do zero. O número 365 teria sido primitivamente calculado, muito provavelmente na Época Pré-dinástica, ou através do cálculo da média do registo sistemático dos dias impostos pela observação lunar, ou, então, pela observação do intervalo entre dois aparecimentos de uma estrela de referência que deveria ser Sírio. Esta contagem era independente das estações em que se dividia o ano solar, que eram três e tinham uma existência precisa, marcada exclusivamente de acordo com as suas necessidades agrícolas: Akhet, o período da inundação, que pelo calendário juliano ia de meados de Julho a meados de Novembro, querendo ser precisos de 19 de Julho a 14 de Novembro – as datas que fazemos corresponder do calendário gregoriano são apenas aproximadas, uma vez que dependiam de fenómenos astronómicos variáveis – e que podemos designar por estação da Inundação; Peret, período do crescimento das plantas, de meados de Novembro a meados de Março, mais precisamente de 15 de Novembro a 14 de Março, que podemos chamar de estação do Inverno; e Chemu, o período da colheita, de meados de Março a meados de Julho, com rigor de 15 de Março a 13 de Julho, que podemos entender como estação do Verão. Cada estação tinha quatro meses de 30 dias cada, numerados de 1 a 30, perfazendo 360, ao que se acrescentavam 5 dias (*heru renpet* – «aqueles que estão acima do ano», considerados fora do ano e numerados de 1 a 5), a que os gregos chamaram de epagómenos, num total de 365 dias, no fim dos quais se celebrava «A abertura do ano», isto é, o Ano Novo. Em cada um dos cinco dias epagómenos era comemorado o nascimento, respectivamente de Osíris (*mesut Usir*, 14 de Julho), Hórus (*mesut Hor*, 15 de Julho), Set (*mesut Set*, 16 de Julho), Ísis (*mesut Iset*, 17 de Julho) e Néftis (*mesut Nebet-hut*, 18 de Julho), as cinco divindades que na teologia heliopolitana, a mais antiga, representavam o Tempo. Por sua vez, no primeiro dia do ano, 19 de Julho, celebrava-se o nascimento de Ré (*mesut Ré*). Desvalorizando os ciclos lunares, os Egípcios ultrapassaram mesmo a questão introduzida mais tarde pelo calendário juliano da descoordenação entre a contagem dos dias e a revolução real do sol e manti-

veram o calendário praticamente imutável ao longo de toda a sua civilização. Isto não significava que desconhecessem estas questões. Pelo contrário, o ano solar marcava automaticamente os fenómenos astronómicos que regiam o ano agrícola e, atentos a isso, os Egípcios celebravam uma outra «Abertura do ano» no primeiro dia do que hoje designamos por ano civil. Este dia era determinado pelo aparecimento a oriente da estrela mais brilhante do céu, Sírio, pertencente à constelação Cão Maior e vulgarmente chamada Canícula, o que acontecia sistematicamente por volta de 19 de Julho de cada ano, altura em que o Nilo iniciava a sua subida. Percepcionando aqui um fenómeno de bom augúrio, viam nela a divindade feminina Sopdet (Sothis em grego), senhora da inundação, que identificavam tanto com Satet, divindade protectora da região da primeira catarata, como com Ísis, cujas lágrimas derramadas por Osíris engrossavam o Nilo (T. F. CANHÃO, «O calendário egípcio: origens, estrutura e sobrevivências», pp. 39-43; A.-S. VON BOMHARD, *Le Calendrier Égyptien une Oeuvre d'Éternité*, p. 8).

[109] O canal dos Dois Peixes atravessaria a segunda província do Baixo Egipto, fazendo a ligação entre o Nilo e um canal paralelo designado por Rio do Oeste, onde se localizava Sakhebu (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 85). Aparentemente seria muito pouco navegável, pelo menos em algumas zonas, uma vez que se a meio do primeiro mês de Peret já não era navegável, muito menos o seria em Chemu. Eram, praticamente, oito meses! As águas apenas estariam mais altas a partir da segunda quinzena de Akhet e até ao fim da estação da inundação, ou seja, nos restantes quatro meses. Portanto, a explicação que P. Grandet avança, de que na estação em que se preparavam as terras para fazer as sementeiras, as águas estagnadas deixadas pela inundação eram drenadas através do corte das levadas que dividiam o terreno agrícola em numerosos baixios, faz todo o sentido (P. GRANDET, *Contes de l'Égypte Ancienne*, p. 173).

[110] É curioso que Khufu trate o venerável Djedi por servidor, quando Seneferu tratou Djadjaemankh por irmão. Aliás, este último fez o prodígio de levantar meio lago sobre a outra metade e Djedi apenas moverá cerca de dois metros de água (cfr. nota 22 de *O Conto do Náufrago*). Nestes dois magos, para além da época em que cada um teria vivido, há a diferença de Djadjaemankh ser «sacerdote leitor chefe e escriba do rolo de papiro», provavelmente bem-nascido, e Djedi um simples popular.

[111] O rei dirige-se para o interior do palácio, uma vez que tudo isto se tinha passado no pátio de entrada do palácio.

[112] Aqui há mais um restauro de Sethe por causa de nova omissão, mas que nos parece desnecessário. Sethe propõe , «entrar» (A. M. BLACKMAN, *The Story of King Kheops and the Magicians*, pp. 12-12ª e pl. 9-col. 9; K. SETHE, «Aus den Wundererzählungen vom Hofe des Königs Cheops» (1924), p. 32).

[113] Com esta fórmula, semelhante às dos três anteriores contos, não há dúvida de que o quarto conto chegou ao fim. Não sabemos se o rei foi ou não a Sakhebu, nós, aparentemente, fomos. O que se segue tem sido considerado um anexo a este quarto conto. Não somos dessa opinião. Julgamos que o relato que se segue é o centro de toda a narrativa, habilmente introduzida pelo quarto conto, ao que lhe juntaram mais três, pelo menos, para justificar o carácter mágico e transcendente do «nascimento divino». Assim, são os quatro contos que são anexos a esta última narrativa. Antes de «O nascimento dos reis da V dinastia» encontrávamo-nos no mundo dos humanos, na imperfeita corte de Khufu, onde alguns seres praticam actos irreflectidos e pecaminosos como o adultério ou a confrontação real; agora passamos à corte divina de Ré, senhor de Sakhebu, onde se perfilam a mãe e a tia do deus real Hórus, Ísis, Néftis, Meskhenet, deusa do nascimento e do destino, Heket, deusa rã, da criação primordial e dos nascimentos, e Khnum, o demiurgo que modelou o homem a partir do barro e de onde deriva o nome de Khufu, uma vez que é a forma abreviada de Khnum-khufui, ou seja, «O deus Khnum protege-me». Sem a referir, paira a sombra de Maat, «aquela que guia», ao mesmo tempo filha e mãe do demiurgo, uma vez que os deuses vão ser encorajados a desenvolverem a reciprocidade, um dos princípios fundamentais de *maat*, ao transmitiram às crianças a ideia de que deverão ser reis piedosos. Embora os relatos atravessem os reinados de Djoser, Nebka e Seneferu, Khufu é a figura principal deste papiro, que, segundo a tradição mais tardia, teria sido um déspota. Como não conhecemos o final do conto, é difícil saber se isso seria de alguma forma referido. De qualquer modo, a actuação dos deuses e o espírito incutido nos futuros reis, contrastam com o carácter «oficial» de Khufu, que não encontrou ainda suporte em documentação sua contemporânea e alguns sustentam poder dever-se apenas a uma deficiente leitura que os seus posteriores fizeram da impressionante dimensão da sua pirâmide. Contudo, Heródoto, dando voz aos sacerdotes, e ultrapassando as incorrecções do tipo de que Khufu terá reinado depois de um tal Rhampsinite, apresenta relatos impressionantes e, aparentemente, delirantes. Até Khufu chegar ao poder o Egipto era próspero e ele levou-o à miséria, diz Heródoto naquilo que parece ser uma «vingança» de alguns sacerdotes com quem terá falado: fechou templos impedindo-os da prática religiosa; pôs toda a gente a trabalhar para si, em ritmo exaustivo, em diversas tarefas, particularmente na sua pirâmide; a falta de dinheiro, para continuar com as suas obras hercúleas, teria levado Khufu ao cúmulo da perversidade, levando-o a prostituir a própria filha, que receberia pelos seus favores o pagamento em pedras, que teriam servido para construir a pirâmide do meio das três pequenas pirâmides das rainhas, localizadas no lado este da grande pirâmide, aquela que está referenciada por GI-b e que pertenceu, provavelmente, à

rainha Meritités. Corroborando esta opinião, há o facto de a oferenda ser semelhante mas não igual, uma vez que o quarto conto é a antecâmara do quinto, pois não há uma conclusão tão concludente como as anteriores. E a razão é simples: o quinto conto já é introduzido no quarto conto (L. M. ARAÚJO, «Khufu» em *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 485; I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, p. 152; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 125; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 86; HERÓDOTO, *L'Égypte. Histoires*, II, pp. 124-126; M. LEHNER, *The Complete Pyramids*, pp. 108-117).

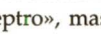
[114] É uma forma narrativa introdutória completamente diferente das anteriores, que prenuncia uma alteração significativa no conto.

[115] Terras e bens afectos às oferendas divinas (B. MENU, *Petit Lexique de l'Égyptien Hiérogliphique*, p. 156).

[116] Não nos parece que G. Lefebvre tenha razão ao considerar que Khnum tinha um simples e secundário papel de carregador e as deusas todo o trabalho. Ele participa em cada um dos três nascimentos, como as deusas, sendo mais natural o seu disfarce de carregador do que de mulher música (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 86).

[117] No Império Antigo constituiram-se vários tipos de música que evoluíram para o Império Médio: a música religiosa, que se dividia em música de templo, música funerária e mistérios (origem do drama litúrgico); música de corte; música de circunstância (cerimónias solenes da corte, festas de jubileu, procissões dos deuses...); música utilitária (de magia e de trabalho) e música rural (R. PÉREZ ARROYO, *La Música en la Era de las Pirámides*, pp. 101-106). A profissão de músico era uma profissão muito digna, diríamos mesmo, digna de deuses. Era uma profissão conceituada, cujos executantes gozavam de privilégios, justificando assim que no Império Antigo os músicos fossem sepultados nas necrópoles reais. A música era considerada uma arte com uma certa elevação, com um certo destaque, pois quando as deusas Ísis, Néftis, Meskhenet, Heket, acompanhadas de Khnum, resolveram mascarar-se para levar a cabo, secretamente, os partos divinos da mulher de Rauser, foi de mulheres músicas. Os próprios instrumentos eram presentes divinos, pois foi com eles que presentearam o aflito Rauser. Acrescentemos que estes instrumentos tinham também uma certa simbologia: eram associados aos cultos hatóricos, com uma forte influência na protecção da mulher, da maternidade e do parto, por um lado, mas também se ligavam à protecção e ao renascimento do faraó no Além. As matracas, os colares *menat* e os sistros, o *sekhem* (sistro arqueado) ou o *sechechet* (sistro arquitectural), acompanhavam sempre as divindades e as sacerdotisas hatóricas ou a ela associadas. Deste modo, uma série de divindades estavam associadas à música. Antes do mais Hathor, modelo divino da feminilidade e das características associadas ao

feminino (gentileza, amabilidade, ternura, sensualidade...), a protectora das mulheres. Hathor era a deusa do amor, do prazer erótico e sexual, da alegria da dança, do canto e da música. Nesta última atribuição era portadora de um sistro, fosse o *sekhem* ou o *sechechet*, numa das mãos e o colar *menat* na outra, para ser agitado durante os rituais apropriados. Era ainda a deusa do álcool, da embriaguez e do êxtase associado ao álcool e, por isso, patrona dos ébrios. Por vezes era-lhe associada a deusa Ísis, quando representada com o *sechechet*, o sistro arquitectural hatórico (um naos com duas volutas laterais sobre uma cabeça de humana com orelhas de vaca) numa das mãos, e, de igual modo, o colar *menat* na outra. Filha e esposa de Ré, terá concebido com ele Ihi (noutras descrições o pai era Hórus), considerado o deus da música, personificando o júbilo musical e apresentando-se de coroa real dupla, a *pchent*, trança infantil, sistro e colar *menat*. Tot tinha os instrumentos de sopro e de cordas sob a sua tutela, para além de ter sido o criador dos três tons de recitativo (poesia destinada à recitação com acompanhamento de música), conforme revela Diodoro da Sicília, acrescentando que esta criação vem desde a origem da música egípcia: um tom alto, um tom médio e um tom baixo, criados por Tot à semelhança das três cordas de uma harpa (ou lira). Ainda segundo Diodoro da Sicília, cada tom estaria relacionado com uma estação do ano: o tom alto com o Verão (Akhet), o tom médio com a Primavera (Peret) e o tom baixo com o Inverno (Chemu). Bés, o anão disforme, era protector das mulheres, das crianças e da vida familiar. Era ainda patrono da música, da dança, do prazer sexual e do divertimento em geral. Incentivando deuses e homens às manifestações de folia e festa, era representado a dançar e a tocar harpa ou pandeiro (J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 140, 177-178, 180-181, 319-320, 333-334; R. PÉREZ ARROYO, *La Música en la Era de las Pirámides*, p. 114).

[118] Nome do sacerdote de Ré, marido de Reddjedet, um nome bem apropriado ao exercício da sua actividade: Rauser significa «Ré é poderoso». Este nome lemo-lo tal como se assumiu em convenção antiga para o nome de Ramsés (): a anteposição honorífica colocando o nome do deus antes do verbo e passando a consoante fraca do fim da palavra de «e» para «a». Se modernizássemos a leitura deveríamos ler User-ré.

[119] Este desalinho era consequência da aflição de estar só e ter que enfrentar o parto sozinho sem ter experiência.

[120] Comparar com a *História de Sinuhe* B, 268-269 e ver notas 158 e 159. A palavra *sḫm* no singular significa «ceptro», mas *sḫmw* está inequivocamente no plural, por isso pode significar «sistros» ou «matracas». Havia dois tipos de sistros hatóricos: o sistro *sekhem*, ou sistro arqueado (que encontramos aqui), e o sistro *sechechet*, ou sistro arquitectural (que aparece na *História de Sinuhe*). O colar *mnit* surge na *História de Sinuhe* no plural, mas aqui, tal como se confirma no papiro, está no

singular. Em todo o caso, o pronome que se segue está no plural, o que nos permite aqui assumi-lo (A. ERMAN, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, I, pl. X; A. ERMAN, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, II, pl. X; J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, p. 177).

[121] Rauser dirige-se só às mulheres, mas o bagageiro não se tinha eclipsado! Era um simples criado e, portanto, marginal à conversa entre o dono da casa, um sacerdote de Ré, e três damas que o visitam, prontas para ajudar numa hora de aflição.

[122] O desalinho do homem e este fechar de porta com as mulheres no interior do quarto, também nos dá a medida de quanto este acto era um assunto muito mais de mulheres do que de homens. Aparentemente, a presença de Khnum é estranha, uma vez que não é provável que os físicos, isto é, os médicos, assistissem aos nascimentos, pois em nenhuma representação das várias que existem em paredes de templos, normalmente de nascimentos reais, surge qualquer figura auxiliar masculina. A parturiente é auxiliada exclusivamente por mulheres. A ausência de físicos pode ficar a dever-se a diversas causas, sem que se saiba ao certo qual delas é válida. As duas hipóteses mais frequentes são o facto de também haver mulheres versadas nesta matéria, autênticas parteiras, ou ser um processo tão natural que dispensava o apoio médico. Contudo, as deusas tomam posição junto da mãe e Khnum não. Ele não ajuda nem assiste aos nascimentos, sendo chamado a assumir a sua função só após cada nascimento. O último caso tem sido considerado uma troca de frases, uma das muitas distracções do escriba deste papiro. Khnum estaria à margem, ou mesmo fora da sala (B. BRIER e H. HOBBS, *Daily Life of the Ancient Egyptians*, pp. 235-236; C. STETTER, *The Secret Medicine of the Pharaohs*, pp. 85-89).

[123] User-ref significa «Mais poderoso do que ele». O nome inscrito no papiro é claramente este e não Userkaf («O seu *ka* é poderoso»), nome correcto do primeiro rei da V dinastia. Contudo, não somos da opinião de Sethe que julgava que os nomes do papiro deviam ser mudados para os nomes correctos. E por uma razão muito simples: esta não é uma questão de erros. Há é jogos de palavras semelhantes no som, mas de significado diferente, aquilo que geralmente se chama um calemburgo ou trocadilho. Neste caso a palavra foi *wsr*. Em muitas culturas surge a atribuição de nomes por paronomásia, isto é, formados a partir da combinação de palavras que apresentam semelhança fonética e/ou morfológica mas com sentidos diferentes. Um dos exemplos mais conhecidos é do Antigo Testamento, onde existem vários exemplos. Rachel, mulher de Jacob, depois de um parto particularmente difícil, resolve dar ao recém-nascido o nome de Ben-ôni, que significa «Filho da minha dor». Jacob, que estava presente, resolve de imediato alterá-lo para um nome de melhor augúrio: Bin-Yâmin, isto é, «Filho da direita», que deu o nome em português de Benjamin. Aliás, em português existe mesmo

o nome Das Dores, que provém de uma invocação de Nossa Senhora (Das Dores) em momento de igual aflição. Até exclamações das parturientes ou de alguém que assiste ao parto, podem dar origem a um nome. Um exemplo célebre disto é muito mais recente e deve-se a Rabelais, que explica que o nome de Gargantua se ficou a dever à exclamação do pai ao ver o seu filho: «que grand tu as!». Uma outra questão fica a dever-se a Maneton, o sacerdote egípcio do século III a. C., responsável pela divisão da história do Egipto faraónico em trinta dinastias, desde cerca de 3100 a.C. até 343 a. C., ano da morte do último rei autóctone, Nectanebo II. Não se sabe qual o conceito que Maneton tinha de «dinastia» ou se tinha conhecimentos ou critérios que hoje nos escapam. Certo é que na sua divisão há casos de numa mesma dinastia haver faraós sem antepassados comuns, ou de haver separação de dinastias havendo sucessão consanguínea. Este é exactamente o caso que se verifica entre a IV e a V dinastias: Userkaf era neto de Djedefré, filho de Khufu. Além do mais, viria a casar com Khentkaués, filha de Menkauré, unindo pelo casamento as duas linhas de descendência de Khufu. Sendo, provavelmente, os outros dois reis seus irmãos, então o que terá separado estas duas dinastias? Será que Maneton, como sacerdote de Serápis e conselheiro eclesiástico de Ptolemeu I Sóter I, teve conhecimento do conto *Khufu e os Magos* e se filiou nele à falta de outras provas na época? (K. SETHE, «Aus den Wundererzählungen vom Hofe des Königs Cheops» (1927), p. 42; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 87; P. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, pp. 9-10 e 60-61).

[124] Cerca de 52,5 centímetros de comprimento. Cfr. nota 29.

[125] Para *nḫbt* ver Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 245.

[126] O material típico de construção utilizado nas habitações era o tijolo cru e nalgumas dependências eram feitos junto à parede uns socalcos de tijolo, com cerca de 75 centímetros de altura, 175 centímetros de comprimento e 80 centímetros de largura (modelo de Deir el-Medina), que, certamente cobertos com mantas, esteiras e almofadas, serviam para sentar e dormir. Também feito com tijolos era o «banco dos nascimentos», onde a mulher dava à luz sentada ou acocorada (G. e M. F. RACHET, *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, pp. 149-150; G. POSENER, *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, pp. 160-161; B. BRIER e H. HOBBS, *Daily Life of the Ancient Egyptians*, pp. 235-236).

[127] Por aqui se depreende que Khnum estaria também no quarto. Cfr. nota 120.

[128] Novo trocadilho, desta vez com a palavra *sꜣḫ*. É atribuído à criança o nome de Sahré, «Aquele que resiste a Ré» e o nome do segundo rei da V dinastia é Sahuré (*sꜣḫ-w-rʿ*), «Aquele que não resiste a Ré» ou «Aquele que é próximo de Ré». Com a simples intromissão da partícula enclítica negativa, altera-se o nome para o seu oposto. A criança ao querer atrasar o seu nascimento, não só resistia ao corpo da mãe, cuja função era expeli-lo, como estava a resistir ao seu pai Ré, que o conce-

bera para que nascesse e se tornasse rei (P. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, pp. 60-62).

[129] Omissão do escriba e restauro das palavras «de ouro», conforme se encontra nos outros dois partos.

[130] A utilização do pronome sufixo dual *fy* nesta frase é bastante interessante. A frase está no singular, um rei a assumir a realeza em toda a terra, mas sem esquecer o tradicional dualismo do Egipto faraónico: rei era-o do Alto e do Baixo Egipto, era rei das Duas Terras. É o dual, que é um pronome que só se utiliza para entidades que constituem pares, isto é, para entidades duplas, como é o caso, que dá esta dimensão à frase.

[131] Frase diferente da linha 244: não só há uma construção pseudoverbal, como se empregam termos diferentes.

[132] Terceiro trocadilho, terceira criança, terceiro rei da V dinastia. Na realidade o seu nome não era Keku, «Aquele que é escuro», que seria um estranho nome para um rei, completamente fora de toda a lógica onomástica faraónica, mas Kakai. É o primeiro rei a aparecer com duas cartelas, Neferirkaré Kakai, sendo este o seu nome de nascimento e o primeiro o nome de coroação. Quanto ao seu significado, o primeiro não levanta qualquer dúvida, significa «Belo é o *ka* de Ré»; já o segundo, *k3-k3.i*, é difícil de traduzir. Não é um plural ideográfico, pois nesse caso seriam três *ka*; parece ser um dual, mas este plural só se utilizava para entidades duplas, que constituíam pares (braços, olhos, mãos...). Ora, cada pessoa tinha apenas um *ka*. Por isso a tradução mais aproximada que é possível fazer, «Aquele que tem os seus *ka*» resulta estranha e fora da lógica onomástica egípcia. Será que lido em conjunto com o primeiro nome significará a união do *ka* de Ré com o *ka* real? Mesmo assim não é convincente (P. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, pp. 60-62).

[133] Em relação aos dois primeiros nascimentos há aqui uma troca na ordem destas frases.

[134] A palavra *it* significa «cevada» ou «grãos» em geral, «cereais». Contudo, aqui, além de estar no plural é seguida do numeral «um», pelo que julgamos poder entender-se por «um saco de cevada». É provável que fosse um *ḫ3r*, palavra que significa mesmo «saco», mas que era uma unidade de volume igual a dez *ḥk3t*, isto é, cerca de 48 litros. O *ḥk3t* era, portanto, a unidade de medida de volume, principalmente para os cereais, igual a 4,8 litros (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 87; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 32 e 201; J. P. ALLEN, *Middle Egyptian*, p. 102).

[135] A Ré.

[136] Ou seja, antes de abandonarem a casa de Reddjedet, os deuses utilizaram o expediente de deixar aí o saco de grão com as coroas reais dentro, difícil de transportar em plena tempestade, como pretexto para poderem regressar.

[137] Provavelmente esta «purificação» deverá ter o mesmo significado que a contenção de alguns dias que é pedida às mulheres hoje em dia, após terem dado à luz, permitindo uma reorganização dos tecidos e o desaparecimento de quaisquer mazelas, dores, deformações ou ferimentos, que tenham subsistido ao parto. Aliás, os Egípcios também tinham preocupações médicas com o parto e o pós-parto, havendo alguns papiros médicos, entre os quais alguns especificamente ginecológicos. Num deles, o *Papiro Kahun*, um papiro ginecológico de cerca de 1820 a. C., é apresentado um remédio muito aconselhado para colocar abundantemente na vagina para dar à luz (450 ml de óleo novo), mas que podia ser utilizado noutras situações de dores «na região púbica, vagina e zona da vagina que fica entre as nádegas». Um outro exemplo surge no *Papiro Ebers*, generalista, de cerca de 1500 a. C., que apresenta um remédio para colocar na vagina após o parto (uma mistura de uma planta não identificada chamada *kheperuer*, açúcar, água de alfarroba e leite), sem que se perceba bem se é para ajudar a expelir a placenta ou para ajudar os tecidos do útero a voltarem à sua posição normal (J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 25 e 191-197; C. STETTER, *The Secret Medicine of the Pharaohs*, pp. 85-89).

[138] Cfr. nota 116. Na iconografia do Império Antigo, sobretudo entre a IV e a VI dinastias, aparecem alguns homens, e em certas ocasiões também mulheres, por vezes em grupos de dois ou de três frente a um ou vários instrumentistas a fazer determinados sinais com as mãos, nos quais musicólogos como Hickmann e Pérez Arroyo identificam indicações modais e rítmicas, são o resultado da sistematização levada a cabo pelos Egípcios para fixarem uma linguagem musical para a eternidade. É um sistema musical iconográfico que se encontra fixado nos relevos funerários. A palavra «quironomia» é empregue na musicologia há já bastante tempo e deriva do grego «quiros» que significa «mão», para se referir a uma antiga forma de dirigir ou indicar movimentos melódicos com as mãos ligada às tradições musicais orais, especialmente no canto dos textos religiosos. Os autores helenísticos que falam deste saber asseguram que a origem há que procurá-la no Egipto ainda que tenha sido na Grécia que tenha surgido o termo. Foi utilizada em Israel, em Bizâncio, inclusive em quase todas as civilizações antigas asiáticas incluindo a Mesopotâmia, Índia, Tibet, Coreia, China e Japão. No Ocidente a quironomia foi aplicada ao canto chão, facilitando a memorização das melodias litúrgicas durante a Idade Média. No Egipto, a Igreja copta manteve esta tradição até há algumas décadas directamente herdada dos templos faraónicos. Simultaneamente na escrita hieroglífica, o braço e a mão eram os únicos determinativos para escrever *ḥst*, os que «faziam música» ou «faziam cantar o instrumento» que estava ao seu lado, sendo o Egipto o único lugar onde aparece a direcção quironómica de instrumentistas. Durante o Império Médio, os

quirónomos quase desapareceram das cenas musicais, de junto ao determinativo que lhes havia sido comum e impôs-se a imagem do cantor com harpa. Por fim, no Império Novo, o termo *ḥsꜣ* também perderá o seu significado simbólico convertendo-se numa palavra para cantar ou recitar, completamente afastada do seu significado original (R. PÉREZ ARROYO, *La Música en la Era de las Pirámides*, pp. 120-121).

[139] Cfr. notas 116 e 137. É no Império Antigo que se encontram as bases da teoria musical egípcia, coincidindo com a construção das grandes pirâmides e o apogeu do culto solar. A música, longe de ser um simples entretenimento, estava associada à cosmologia e à religião, integrando-se num contexto de proporções, ciclos rítmicos e medidas. Para os Egípcios a música era uma arte sagrada onde se integrava a dança e se fundiam o astronómico e o teológico. Havia o culto da voz e do canto, sendo pouco frequente a música exclusivamente instrumental. É a música, como veículo da palavra sagrada, que justifica que no Império Antigo os músicos, de que se conservam muitos nomes, fossem sepultados nas necrópoles reais. Deve no entanto referir-se que não era qualquer um que se tornava músico. A profissão de músico implicava uma longa aprendizagem e muita prática, quer fossem homens ou mulheres os executantes. Alguma iconografia do Império Antigo apresenta-nos conjuntos instrumentais mistos: no túmulo de Idu, em Guiza, podemos ver as cinco harpistas acompanhadas por um flautista e com a presença de um quirónomo. Em Sakara, no túmulo de Mehu, aparecem duas harpistas num registo e dois harpistas noutro. Em Dahchur, duas mulheres tocam harpa, um homem canta e outro toca flauta. Há outros exemplos. Estes conjuntos instrumentais localizavam-se no interior dos palácios, onde, conforme se vê em algumas representações, se sentavam sobre um estrado de madeira que deveria servir de caixa de ressonância, ampliando o som das harpas e os golpes dos quirónomos no chão. Para marcar o ritmo havia palmas, matracas e sistros (R. PÉREZ ARROYO, *La Música en la Era de las Pirámides*, p. 104). Provavelmente, além dos músicos profissionais, nos lares mais abastados, a educação das raparigas parece ter dado atenção à execução de harpa já desde o Império Antigo, tal como a espineta primeiro e o piano depois tiveram num passado recente. É que há muitos exemplos iconográficos onde a esposa toca harpa para o marido no quarto de dormir, ou noutros sítios menos íntimos são as suas filhas que tocam esse instrumento na sua presença. Por vezes, cantavam enquanto tocavam (H. G. FISCHER, *Egyptian Woman of the Old Kingdom and of the Heracleopolitan Period*, pp. 9-13). A música era uma maneira dos Egípcios se fazerem escutar pelos deuses. A música fazia parte da sua sensibilidade. Era, portanto, uma arte divina, e em simultâneo profundamente humana, que se impunha no quotidiano da vida egípcia fazendo parte da sua oração, dos seus cultos funerários e, sobretudo, juntamente com a

palavra, servia para manter a *maat*. Sendo assim, tendo como referência a qualidade técnica alcançada nas artes plásticas pelos Egípcios, a sua música terá sido elevada, cheia de profundo misticismo e «com regras que exibiam desenhos melódicos e rítmicos precisos, mas, antes de tudo, tipicamente egípcios. A execução desta música estava determinada por um estrito carácter ritual durante o qual nada era deixado ao acaso. Cada postura, gesto e movimento, estava rigorosamente fixado, criando uma estética estilizada para a prática vocal e instrumental, como se observa na arte» (R. PÉREZ ARROYO, *La Música en la Era de las Pirámides*, pp. 101-102). A origem deste ritualismo era a sua concepção de «música» entendida como ordem do movimento ou «lei», dotada de um poder activo de regulação que não podia ser alterado, por ser parte integrante da cosmologia e do mundo dos deuses. Os sacerdotes, tanto os cantantes como os instrumentistas, «reconheciam na música esse poder mágico-religioso capaz de elevar o homem ao plano metafísico, que permitia ao músico uma busca espiritual em estado de consciência, uma via destinada à reflexão, ao aperfeiçoamento e à aquisição do domínio sobre si próprio. A serenidade dos movimentos constituía também um caminho ao reconhecimento e ao estado de *maat*» (R. PÉREZ ARROYO, *La Música en la Era de las Pirámides*, p. 102).

[140] Refere-se a Reddjedet.

[141] Outra omissão com restauro de Sethe (K. SETHE, «Aus den Wundererzählungen vom Hofe des Königs Cheops» (1924), p. 35; A. M. BLACKMAN, *The Story of King Kheops and the Magicians*, p. 16-16a e pl. 12-col. 12).

[142] Ou seja, «feita» ou «encadernada» em pele.

[143] Com respeito à preposição seguida de pronome sufixo */r.f*, seria normal termos em vez de , uma vez que se segue um pronome sufixo. No caso de aparecer , seria mais um erro, já que esta é uma grafia rara para «sua cara» ou «a cara dele». Contudo é isto mesmo que Erman, Sethe e De Buck lêem, ao contrário de A. M. Blackman, confirmado por W. V. Davies numa nota sua. Ampliada e mais contrastada esta área do papiro, comparámos com outros exemplos próximos, onde aparecem os dois primeiros casos e parece-nos tratar-se do primeiro deles. Sendo assim, é outro erro do escriba (K. SETHE, «Aus den Wundererzählungen vom Hofe des Königs Cheops» (1924), p. 35; A. M. BLACKMAN, *The Story of King Kheops and the Magicians*, p. 16-16a e pl. 12-col. 12; A. ERMAN, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, II, pl. XII; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 87).

[144] Há alguma incerteza em relação aos dois últimos caracteres desta frase. Da leitura que o papiro permite, parece mais credível a hipótese de Blackman ( ), *r.i*, «contra mim», do que a apresentada por Sethe ( ), *sp-sn*, para a duplicação do demonstrativo neutro «isto, isto», reforçando a incredibilidade da criada perante o que lhe tinha acontecido. Além do mais, não nos parece uma persona-

gem nem um acto que merecessem aqui tanta ênfase (A. ERMAN, *Die Märchen des Papyrus Westcar*, II, pl. XII; K. SETHE, «Aus den Wundererzählungen vom Hofe des Königs Cheops» (1924), p. 35; A. M. BLACKMAN, *The Story of King Kheops and the Magicians*, pp. 16-16a e pl. 12-col. 12; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 1a-1b; 6a-6b; 30a-30b; 66b).

[145] Aparentemente eram filhos da mesma mãe mas tinham pais diferentes.

[146] Não encontramos neste caso a palavra «molhos» ou «feixes», *bꜣt* (), como em B1,41 do *Conto do Camponês Eloquente*, mas a palavra «fio», mais propriamente, cada um dos fios com que se faz uma corda.

[147] O papiro acaba aqui, sem que haja qualquer indicação de quantas páginas faltam para o fim ou de como terminaria a narrativa. Nem mesmo se sabe se falta alguma coisa! Dito de outra maneira: faltar deve faltar, uma vez que não há o cólofon que se julga que deveria existir, uma vez que se acredita que esta é uma cópia de um original mais antigo! Contudo, este final coincide com o fim da página 12 do papiro, sem que haja qualquer lacuna, seguindo-se apenas uma superfície branca. É um final abrupto e diferente de todos os outros contos. Aparentemente é uma cópia incompleta.

2. HISTÓRIA DE SINUHE

2.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse

Conhecemos a *História de Sinuhe* graças a seis manuscritos sobre papiro, donde se destacam dois: o *Papiro de Berlim 3022* (**B**), com 311 linhas mas sem o princípio do conto, e o *verso* do *Papiro do Ramesseum A* ou *Papiro de Berlim 10499* (**R**), com 203 linhas que incluem o princípio do conto. Como manuscritos secundários temos: cinco pequenos fragmentos de papiro referenciados com as letras de M a Q pertencentes a **B** e designados genericamente por *Papiro Amherst* (**A**); o *Papiro Golénischeff* ou *Papiro de Moscovo 4657* (**G**), que apresenta quatro páginas do início do conto num estado bastante deteriorado; o *Papiro Petrie* ou *Papiro Hagareh 1, UC 32773* (**H**) que apenas contém sete linhas (103-109 de **B**); e o *Papiro de Buenos Aires* (**B-A**), igualmente com apenas sete linhas (251-257 de **B**). Estão escritos em egípcio hierático e são maioritariamente do Império Médio: **B**, **A** e **H** da XII dinastia, **B-A** da XII ou da XIII dinastia, **R**, o único que foi descoberto num contexto datado, da XIII dinastia[1] e **G** da XIX dinastia. As diferenças que apresentam são, fundamentalmente, pequenas variações de estilo e erros de copista, tanto em determinativos como em palavras, ou mesmo em frases completas.

Com respeito à sua proveniência, **B** pertenceu, até 1843, à Colecção Athanasi, altura em que foi adquirido pelo Königliches Preussisches Museum, mais tarde os Staatliche Museen de Berlim, conjuntamente com outros objectos e papiros. O seu local de origem egípcia exacta não ficou registado, havendo apenas algumas conjecturas que apontam para a sua provável descoberta num túmulo tebano, uma vez que, sem que se conheça qualquer localização precisa, é sabido que o grego

[1] G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 45; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. xxv-xxviii.

Giovanni d'Athanasi (1798-1854) realizou a maior parte das suas recolhas de antiguidades egípcias em Lucsor e arredores[2]. Hoje são propriedade dos Staatliche Museen.

R é proveniente da zona do Ramesseum, onde J. E. Quibell o encontrou em 1896 numa caixa localizada num túmulo dos finais do Império Médio, situada sob os armazéns do templo funerário de Ramsés II. Não foi um achado isolado, visto estar acompanhado de mais vinte e três papiros, a maior parte de carácter mágico-medicinal, uma forte sugestão para identificar a actividade do seu proprietário que, de certo modo, é confirmada por parte do mobiliário funerário que os acompanhava. Encontrado em muito mau estado, passou pelo University College de Londres para restauro, mas actualmente também se encontra nos Staatliche Museen de Berlim, agora com as duas antigas colecções egípcias reunidas num único museu.

A deve o seu nome ao facto de ter pertencido à colecção de Lord Amherst de Hackney (1835-1909)[3], desconhecendo-se onde e quando o terá adquirido. É provável que tenha sido adquirido em 1861, conjuntamente com outros fragmentos de outros papiros, quando Amherst adquiriu a Colecção Lieder, no Cairo, onde permaneceu entre 1825 e 1862[4]. Em 1912 foi comprado pela Biblioteca Pierpont Morgan de Nova Iorque, actual proprietária. Os pedaços M-Q de **A** foram comprovadamente identificados por Newberry como fragmentos de **B**[5]. Deste modo, embora se desconheça o percurso efectuado desde que se separaram daquele papiro até chegarem aos actuais detentores, a sua origem mais provável é Tebas.

O *Papiro Petrie*, **H** por ser proveniente d'El-Harageh, à entrada do Faium, é um fragmento de 10 centímetros de comprimento por 15

---

[2] R. B. Parkinson, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. x; E. Perry, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 21; N. and H. Strudwick, *Thebes in Egypt*, p. 211; R. W. Dawson e E. P. Uphill, *Who Was Who in Egyptology*, p. 21.

[3] J. Vercoutter, *À la Recherche de l'Égypte Oubliée*, p. 14.

[4] R. B. Parkinson, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. x.

[5] G. Lefebvre, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 3.

centímetros de largura, descoberto num cemitério do Império Médio aí existente, mas sem que tivessem sido registados com exactidão o local e a data da descoberta. Hoje é propriedade do Petrie Museum, em Londres.

B-A deve o seu nome ao facto de ter sido encontrado no Museu de História Natural de Buenos Aires, sem qualquer registo de como fora aí parar ou qual a sua origem no Egipto. Com cerca de 18 centímetros de comprimento e 10 de altura, apresenta uma escrita bem legível em colunas, das quais as das extremidades estão quase totalmente obliteradas.

G é um papiro muito dilacerado e fragmentado composto por quatro colunas de texto horizontal, cada uma considerada, modernamente, uma página, na última das quais só sobreviveram dois caracteres. O texto não é seguido: nas colunas um e dois reproduz-se B 22 e na coluna três B 56-66.

Ainda que não se saiba a origem da maioria dos papiros, nem se conheça o original, o texto era conhecido no Egipto desde a XII dinastia. E no Império Novo e no Terceiro Período Intermediário, pelo menos os escribas e candidatos a escriba, tinham conhecimento deste conto, como provam não só o *Papiro Golénischeff*, como a existência de vinte e cinco óstracos, a maioria datada da XIX ou da XX dinastia[6]. As excep-

---

[6] OA^{shm} (Óstraco Ashmolean, da XIX dinastia), OB^{1} (Óstraco de Berlim 12341, período dos Hicsos), OB^{2} (Óstraco de Berlim 12379, da XIX dinastia), OB^{3} (Óstraco de Berlim 12623, da XIX-XX dinastia), OB^{4} (Óstraco de Berlim 12624, da XIX-XX dinastia), OB^{dt} (Óstraco Borchardt, da XIX-XX dinastia), OCl (Óstraco Clère, ramséssida), OCy (Óstraco Černý, da XIX dinastia), OP^{1} (Óstraco Petrie 58, da XIX-XX dinastia), OP^{2} (Óstraco Petrie 12, da XIX-XX dinastia), OP^{3} (Óstraco Petrie 59, da XIX-XX dinastia), OP^{4} (Óstraco Petrie 66, da XIX-XX dinastia), OS (Óstraco Senenmut 149, da XVIII dinastia), OV (Óstraco Varille, da XIX dinastia), C (Óstraco do Cairo nº 25216, da XIX dinastia), DM^{1} (Deir el-Medina = Óstraco OIFAO 1011), DM^{2} (Deir el-Medina = Óstraco OIFAO 1045/recto), DM^{3} (Deir el-Medina = Óstraco OIFAO 1174), DM^{4} (Deir el-Medina = Óstraco OIFAO 1437), DM^{5} (Deir el-Medina = Óstraco OIFAO 1438), DM^{6}

ções são **OB**[1], que é do período dos Hicsos, e **OS**, que é da XVIII dinastia. A maioria é oriunda de Deir el-Medina, e todos são de calcário e de tamanho diversificado. Alguns são escritos em ambas as faces, umas vezes a preto outras a encarnado, podendo conter desde o registo de uma linha incompleta a cerca de uma dúzia de linhas. Pelo tamanho destaca-se o **OA**[shm], da XIX dinastia, o maior de todos com 130 linhas incompletas, sendo, contudo, uma cópia de inferior qualidade.

B e **R** foram publicados em 1909 por Gardiner, em 1924 por Sethe (extractos) e em 1932 por Blackman[7]. **A** tinha já sido publicado em 1899 por Newberry[8]. O papiro **G** teve publicação em 1906, feita por Maspero[9]. **H**, o *Papiro Petrie*, foi publicado por Gardiner em 1916[10] e **B-A** em 1934 por Rosenvasser[11]. No que respeita aos óstracos, destacamos o que se encontra no Ashmolean Museum, em Oxford, uma cópia da XIX dinastia, de fraca qualidade, que contém 130 linhas do conto parcialmente incompletas e que foi publicado por Barns em 1952[12]. Através de **B** e **R** reconstitui-se todo o conto, incorporando ocasionalmente alguns enxertos ou variantes de outras proveniências. Começaremos com **R**, que contém o início e a primeira metade do conto, e depois passaremos para **B** até ao fim, evitando, na maior parte das vezes, completar a narração de um com frases do outro. **A**, **G**, **H** e **B-A** são dispensáveis,

---

(Deir el-Medina = Óstraco OIFAO 1439), DM[7] (Deir el-Medina = Óstraco OIFAO 1440), DM[8] (Deir el-Medina = Óstraco OIFAO 1609), G (Óstraco Gardiner 354) e L (Óstraco de Londres BM 5629, da XIX dinastia) (A. M. BLACKMAN, «The Story of Sinuhe», pp. 1--41; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, pp. 3-4).

[7] A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», em A. Erman, *Literarische Texte des Mittleren Reiches. Hieratische Papyrus aus den Königlichen Museen zu Berlin*; K. SETHE, *Aegyptische Lesestücke*; A. M. BLACKMAN, «The Story of Sinuhe» em *Middle-Egyptian Stories*, pp. 1-41.

[8] P. NEWBERRY, *The Amherst Papyri*, pl. 1 M-Q e pp. 9-10.

[9] G. MASPERO, «Les Mémoires de Sinouhît», p. 32.

[10] A. H. GARDINER, «*Notes on the Story of Sinuhe*», p. 177.

[11] A. ROSENVASSER, «A new duplicate Text of the Story of Sinuhe», p. 47.

[12] M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 223; J. W. B. BARNS, *The Ashmolean Ostracon of Sinuhe*.

bem como os óstracos existentes. Utilizaremos um total de 336 linhas assim distribuídas: 46 de **R** (de 1 a 46) e 290 de **B** (da 21 à 311).

Embora se confrontem outras fontes, este trabalho segue, fundamentalmente, as leituras dos papiros realizadas por A. Gardiner e A. M. Blackman.

Sinopse. Estamos na presença de um homem de posição socialmente relevante, educado à egípcia: não só apresenta um comportamento exemplar, como teme o castigo para os que infringem a norma. Numa ausência de longa duração no estrangeiro, sob a roupa e costumes asiáticos, viveu sempre um forte espírito egípcio que observava as regras básicas de *maat*: lealdade ao seu rei e solidariedade com o próximo.

O facto de, do ponto de vista literário, este texto não só não se enquadrar verdadeiramente em nenhum género literário, como ser uma mistura de estilos – narrativa, epístola, autobiografia e hino – leva a que lhe chamemos simplesmente de *História de Sinuhe*, uma narração de acontecimentos que podem ou não ser fictícios. Tanto mais que o narrador é a personagem principal desta história, o próprio Sinuhe que, no final, ao jeito de uma instrução tumular, nos informa que todo o seu relato é uma narrativa *post mortem*. Diz Sinuhe: «Eu obtive os favores do rei até ao dia da morte», B 309-310.

Sinuhe era um nobre ao serviço da rainha Neferu, mulher de Kheperkaré Senuseret, filho e, segundo alguns autores, co-regente de Sehetepibré Amenemhat[13], o fundador da XII dinastia. Amenemhat I

---

[13] Quando D. Wildung observa que alguns textos do Império Médio são instruções do rei para o seu sucessor, como no caso da *Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret*, ou de Kheti ao seu filho Merikaré, é uma afirmação com a qual facilmente se concorda. Mas quando acrescenta que isso indica a existência de co-regência, deixa de poder haver concordância. Pode-se concluir que na literatura do Império Médio, pelo menos nos textos que aqui tratamos, os mais significativos dessa época, não há qualquer indicação que leve a admitir peremptoriamente a co-regência (D. WILDUNG, *L'Âge d'Or de l'Égypte. Le Moyen Empire*, p. 128). Não pretendemos imiscuir-nos na questão da existência ou inexistência da co-regência, porque apenas conhecemos indirectamente as duas estelas e uma inscrição rupestre que

morre quando o seu filho se encontra no estrangeiro à frente do exército, numa bem sucedida expedição punitiva contra as tribos do deserto

---

fundamentam, para os seus defensores, a sua existência. Contudo, tanto a *História de Sinuhe* como a *Instrução de Amenemhat ao seu filho Senuseret*, permitem fazer algumas considerações. Na *História de Sinuhe*, da primeira vez que Senuseret é nomeado diz-se: «Ora, sua majestade tinha enviado um exército ao país dos Líbios/e o seu filho mais velho era quem o comandava,/o bom deus Senuseret,/que tinha sido enviado para atacar os países estrangeiros/e para abater os Líbios». E logo depois: «Os mensageiros encontraram-no na estrada/e alcançaram-no à noite./Rapidamente ele se pôs a correr muito:/o falcão levantou voo junto com os seus seguidores,/sem dar conhecimento ao seu exército». Para D. Wildung isso é uma menção à co-regência, pois o autor ao tratar Senuseret por «deus» e «falcão» está a reconhecer-lhe o estatuto real. Mas isso não quer dizer co-regência, uma vez que o autor sabia que Amenemhat I estava morto e Senuseret tinha sido o seu sucessor. Quando Sinuhe faz o elogio do novo rei do Egipto diz: «Certamente o seu filho entrou no palácio/e tomou posse da herança de seu pai./É agora um deus sem igual». E pouco depois: «Ele subjugou países estrangeiros./O seu pai estava ainda no palácio/e ele fez-lhe um relatório depois de ter realizado o que ele lhe ordenara.» São afirmações que dão Senuseret como sucessor do rei e chefe militar, mas não como co-regente. Além do mais teve que fazer um relatório ao rei para confirmar se tinha cumprido as ordens dadas! No outro texto, logo no início Amenemhat diz: «Ouve o que eu te vou dizer/e quando tu reinares no país,/quando tu governares o Egipto,/poderás agir segundo as minhas palavras com grande perfeição.» Aparentemente o rei fala de um sucessor e não de um co-regente. Mesmo no fim Amenemhat diz: «Olha! Eu comecei e quero assegurar que tu concluis./Foi para ti que eu conduzi a bom porto o que estava na minha vontade./Tu tens o encargo de conservar a coroa branca, a divina progenitura!/O selo está no seu lugar, segundo o que eu comecei para ti./Há alegria na barca de Ré./Tu ascendes à realeza criada antes de mim,/mas não como eu me fiz alguém excelente!/Edifica os teus monumentos!/Assegura uma renda para o teu poço tumular!/Luta para saberes o que me aconteceu!/Porque não há ninguém que eu amasse como tu junto à minha majestade». Com clareza é explicado que Amenemhat I chegou à realeza sem pertencer à realeza e Senuseret um digno sucessor para também ele se tornar uma majestade! Não será a última frase que deixa no ar a incerteza da co-regência. Mesmo nos versos eventualmente mais controversos, como «Olha, a traição aconteceu quando tu não estavas ao pé de mim,/antes da corte saber que eu te fizera florescer,/e antes de eu estar sentado junto de ti. Vou ensinar-te a governar,/já que

ocidental. É enviada uma mensagem para o seu regresso e ele volta de imediato em grande segredo. Foram igualmente enviadas mensagens aos outros filhos do rei que também se encontravam no exército e Sinuhe, que fazia parte da expedição, acaba por escutar sem querer uma intervenção de um desses príncipes que, não sendo completamente clara, permite que se deduza a possibilidade de ter sido o encabeçar de uma conspiração contra o herdeiro. Temendo pela sua vida, sem ver hipóteses de avisar Senuseret, a quem se mantinha fiel, opta pela fuga. Errando por locais como a Síria, Biblos ou Kedem, acaba por se fixar num país independente, para os lados da Palestina, conhecido por Retenu. Adoptado pelo rei local, Amunenchi, casa com a sua filha, tem filhos, obtém vitórias militares e torna-se chefe de tribo, possuidor de terras, gado e muitas riquezas. Defende a sua posição no reino de Retenu perante o desafio de outro herói local, que pretendia as suas riquezas, e acaba por se apoderar das do adversário depois de o vencer, tornando-se ainda mais rico, poderoso e considerado no reino adoptivo.

Lembrado no Egipto e com saudades da sua terra, envia uma mensagem ao faraó explicando as razões da sua fuga e pede-lhe autorização para regressar e poder morrer no Egipto. Essa autorização é-lhe concedida e, depois de distribuir os seus bens e cargos pelos filhos, regressa ao país de origem. Acolhido de forma amigável, afectuosa ao ponto de Sinuhe se emocionar, é reintegrado na alta sociedade, nos amigos únicos do faraó, e recebe uma casa onde nada faltava e tudo era

---

eu desconhecia isto, que eu não levei a melhor sobre isto,/e que o meu coração negligenciou os servidores», a única leitura que se pode fazer é que Amenemhat tinha muita confiança em Senuseret. É verdade que o fez «florescer», mas em quê? Pode ter sido com o seu alto cargo militar onde mostrou grande empenho na defesa do Egipto! A frase «antes da corte saber que eu te fizera florescer» faria de Senuseret um co-regente em segredo. E tudo isto foi «antes de estar sentado junto» dele. Esta é a única frase em que poderíamos pensar que o rei até pode ter pensado na co-regência, mas não teve tempo de a concretizar, pois, como é dito no início deste texto, só depois da morte do pai o filho reinou no Egipto. Amenemhat I, pode ter preparado um sucessor, mas não parece que tenha tido um co-regente, pelo menos visível na literatura da época.

de primeira qualidade. A sua vida no Além é assegurada como convinha a uma pessoa do seu estatuto, restando a Sinuhe aguardar calmamente em vida, com prosperidade e saúde, o dia da sua passagem.

2.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada

R

r-pˁt ḥ3ty-ˁ
O membro da elite[1], o governador[2],

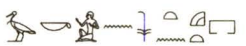
s3b ˁḏ-mr ḏ3tt ity m t3w styw
o dignitário e administrador dos domínios reais[3] nos países dos Asiáticos,

rḫ-nsw m3ˁ mry.f
o conhecido do rei[4], o que ele ama verdadeiramente[5],

šmsw s3-nht
o companheiro Sinuhe[6]

ḏd.f
ele diz:

ink šmsw šms nb.f
«Eu era um companheiro que seguia o seu senhor,



b3k n ipt-nsw
um servidor do harém real

rt-pˁt wrt ḥswt
e da grande dama, a muito louvada

ḥmt-nsw s-n-wsrt m ḫnm-swt
esposa real de Senuseret[7] em Khenemsut[8],

sȝt-nsw imn-m-ḥȝt m ḳȝ-nfrw
filha real de Amenemhat em Kaneferu[9],

nfrw nbt imȝḫ
Neferu, a venerada.

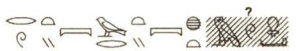
ḥȝt-sp 30 ȝbd 3(-nw n) ȝḫt sw 7
No ano 30, no terceiro mês de Akhet, dia 7[10],

ˁr nṯr r ȝḫt.f nsw-bit sḥtp-ib-rˁ
o deus subiu para o seu horizonte[11], o rei do Alto e do Baixo Egipto Sehetepibré[12]

sḫr.f r pt ḫnm m itn
subiu para o céu e juntou-se ao disco solar,

ḥᶜ-nṯr ȝbḫ m iri sw
o corpo divino fundiu-se com aquele que o tinha criado.

iw ḫnw m sgr ibw m gmw
A residência real[13] estava em silêncio, os corações em aflição,



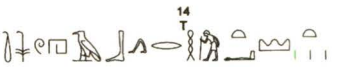
rwty wrty ḫtmw
a grande porta dupla estava fechada[14],

šnyt m tp ḥr mȝst pᶜt m imw
todos os que o rodeavam tinham a cabeça sobre os joelhos[15], os membros da elite em lamentações.

ist rf sbi.n ḥm.f mšᶜ r tȝ tmḥiw
Ora, sua majestade tinha enviado um exército[16] ao país dos Líbios[17]

sȝ.f wr m ḥry iry
e o seu filho mais velho era quem o comandava,

nṯr nfr s-n-wsrt
o bom deus Senuseret,



ti sw ḥ3b r ḫwt ḫ3swt
que tinha sido enviado para atacar os países estrangeiros

r sḳr imyw ṯḥnw
e para abater os que estavam entre os Líbios[18].

ti sw ḫm iy.f
Agora ele voltava

in.n.f sḳr-ʿnḫw n ṯḥnw
e ele trazia os abatidos-vivos líbios

mnmnt nbt nn ḏrw.s
e toda a espécie de gado, sem limites.

smrw nw stp-s3 ḥ3b.sn r gs imnty
Os amigos[19] do palácio enviaram (uma mensagem) para o lado ocidental,

r rdit rḫ s3-nsw sšmw ḫpr m ʿḥnwty
para dar a conhecer ao filho do rei os acontecimentos que tinham ocorrido na câmara de audiências.

gmi.n sw wpwtyw ḥr wꜣt
Os mensageiros encontraram-no na estrada

pḥ.n.sn sw r tr n ḫꜣwy
e alcançaram-no à noite.

n sp sinn.f rssy
Rapidamente ele se pôs a correr muito:

bik ꜥḫ.f ḥnꜥ šmsw.f
o falcão levantou voo junto com os seus seguidores

nn rdit rḫ st mšꜥ.f
sem dar conhecimento disso ao seu exército.

ist hꜣb r msw-nsw
De igual modo, tinham mandado (mensagens) para os filhos do rei

wnw m-ḫt.f m mšꜥ pn
que o tinham acompanhado neste exército,

nis.n.tw n wˁ im
e um deles tinha sido chamado[20].

ist wi ˁḥˁ.kwi sḏm.n.i ḫrw.f
Ora, eu estava lá e escutei a sua voz.

iw.f mdw.f iw.i m ˁrw w3
Quando ele falou eu estava a pouca distância.

psḏ ib.i sš ˁwy.i
O meu coração perturbou-se, os meus braços estenderam-se[21],

sd3 ḫr m ˁt.i nbt
um tremor abateu-se sobre todos os meus membros.

nfˁ.n.i wi m nftft
Eu retirei-me com um salto

r ḥḥy n.i st dg(3)i
para procurar um lugar onde me esconder.

rdit.i wi imytw bꜣty
Coloquei-me entre dois arbustos

r iwt wꜣt šmw.s
para deixar a estrada para os viajantes.

irit.i šmt m ḫntyt
Caminhei em direcção ao Sul[22].

n kꜣ.i spr r ḫnw pn
Eu não pensava chegar a esta residência real,

ḫmt.n.i ḫpr ḥꜣʿyt
(pois) previa que acontecesse uma luta

n ḏd.i ʿnḫ r-sꜣ nn
e eu não pensava na vida depois disso.

nmi.n.i mꜣʿty m hꜣw nht
Atravessei Maati, nas imediações do Sicómoro,

sm3.n.i m iw-snfrw
e cheguei à ilha de Seneferu[23].

wrš.n.i im m ʿḏ n sḫt
Passei o dia lá, no limite da terra cultivada,

ḥḏ.n.i wn hrw
e parti ao amanhecer.

ḫpi.n.i s ʿḥʿ m r-w3t.i
Encontrei um homem em pé à entrada do meu caminho.

tr.n.f wi snḏ n.f
Ele saudou-me com respeito (mas) tive medo dele.

ḫpr.n tr n msyt
Chegou a hora do jantar

s3ḥ.n.i r dmi ng3w
quando passei pela localidade de Negau[24].

ḏ3i.n.i m wsḫt nn ḥmw.s
Atravessei numa barca sem remo axial

m swt n imnty
graças ao vento de oeste.

sw3.n.i ḥr i3bty ikw
Passei a este da pedreira

m ḥryt nbt-ḏw-dšr
por cima da Senhora da Montanha Vermelha[25].

rdi.n.i w3t n rdwy.i m ḫdi
Dei a estrada aos meus pés em direcção ao Norte

dmi.n.i inbw-ḥḳ3
e cheguei aos Muros do Rei[26],

iry r ḫsf styw r ptpt nmiw-šʿy
feitos para reprimir os Asiáticos e para esmagar os Corredores da Areia[27].

šsp.n.i ksw.i m bȝt
Eu tomei a minha posição inclinada num arbusto,

m snḏ mȝȝ wršy tp inb imy hrw.f
com medo de ser visto pela sentinela sobre o muro, aquela que estava no seu dia.

irt.i šmt tr n ḫȝwy
Pus-me a caminho no momento da noite

ḥḏ.n tȝ pḥ.n.i ptn
e quando a terra clareou cheguei a Peten[28].

B

ḫni.kwi r iw n km-wr
Parei numa ilha de Kemuer[29]

ḫr.n ibt ȝs.n.f w(i)
e a sede caiu rapidamente sobre mim;

ntb.kwi ḫḫ.i ḫmw
eu queimava e a minha garganta estava ressequida.

ḏd.n.i dpt mt nn
Eu disse para mim mesmo: «Isto é o sabor da morte!»[30].

ṯst.i ib.i sʒḳt.i ḥʒw.i
Eu levantei o meu coração, eu sacudi o meu corpo[31]

sḏm.n.i ḫrw nmi n mnmnt
e (então) ouvi a voz[32] de berros de vacas[33]

gmḥ.n.i styw
e vi asiáticos.

sʒi.n wi mtn im pʒ wnn ḫr kmt
Fui reconhecido pelo chefe deles que já tinha estado no Egipto.

ʿḥʿ.n rdi.n.f n.i mw psi.f n.i irtt
Então ele deu-me água e aqueceu-me[34] leite.

šm.n.i ḫnʿ.f n wḫyw.f nfr irt.n.sn
Fui com ele para a sua tribo e o que eles fizeram (por mim) foi bom.

rdi.n wi ḫ3st n ḫ3st
Fui dado de país em país.

fḫ.n.i r kpny ḥsi.n.i r ḳdm
Parti para Kepeni[35] e segui para Kedem[36].

ir.n.i rnpt gs im ini.n wi ʿmw-nnši
Passei um ano nesse lugar[37] e, então, Amunenchi veio buscar-me[38].

ḥḳ3 pw n (r)tnw ḫrt
Ele era o governador de Retenu Superior[39]

ḏd.f n.i
e ele disse-me:

nfr tw ḥnʿ.i sḏm.k r n kmt
«Tu estarás bem comigo. Tu escutarás a linguagem do Egipto.»

ḏd.n.f nn rḫ.n.f ḳd.i sḏm.n.f šs3.i
Ele disse isto porque conhecia o meu carácter e tinha ouvido falar da minha sabedoria,

mtr.n wi rmṯ kmt ntyw im ḥnᶜ.f
porque as pessoas do Egipto que estavam lá com ele testemunharam por mim!

ᶜḥᶜ.n ḏd.n.f n.i
Então ele disse-me:

pḥ.n.k nn ḥr m išst pw
«Porque é que tu vieste para aqui?

in iw wn ḫprt m ḫnw
Aconteceu alguma coisa na residência real?»

ᶜḥᶜ.n ḏd.n.i n.f
Então eu respondi-lhe[40]:

nsw-bit sḫtp-ib-rᶜ wḏ3w r 3ḫt
«O rei do Alto e do Baixo Egipto Sehetepibré[41] subiu para o horizonte

n rḫ.n.tw ḫprt ḥr.s
e não se sabe o que se passou a esse propósito.»

ḏd.n.i swt m iw-ms
Mas eu disse, deturpando a verdade[42]:

ii.n.i m mšᶜ (n) tȝ tmḥw
«Eu regressava de[43] uma expedição[44] ao país dos Líbios

wḥm.tw n.i
quando eles me contaram.

ib.i ȝdw ḥȝty.i n ntf m ḫt.i
O meu espírito vacilou e o meu coração[45], que não estava mais no meu corpo,

ini.n.f wi ḥr wȝwt wᶜrwt
lançou-me para os caminhos da fuga[46].

n wfȝt.i
Ninguém falou de mim,

n psg.tw r ḥr.i
não fui cuspido na minha cara,

n sḏm(.i) ṯs-ḫwrw
não ouvi acusações,

n sḏm.tw rn.i m r wḥmw
o meu nome não foi ouvido na boca daquele que relata[47].

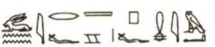
n rḫ.i ini wi r ḫ3st tn
Eu não sei o que me trouxe a este país estrangeiro!

iw mi sḫr nṯr
Foi como que um plano de deus!

mi m33 sw iḏḥy m 3bḏw
Como ver um homem do Delta em Abido

s n ḫ3t m t3-sty
ou um homem dos pântanos na Núbia.»

ʿḥʿ.n ḏd.n.f ḫft.i
Então ele disse-me concordando comigo[48]:



wnn irf t3 pf mi m
«Como será esse país

m-ḫmt.f nṯr pf mnḫ
sem ele, esse deus poderoso,

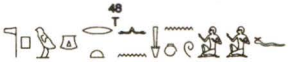
wnnw snḏ.f ḫt ḫ3swt
cujo terror se estendia aos países estrangeiros,

mi sḫmt rnpt idw
como Sekhmet num ano de peste?»

ḏd.k(w)i r.i n.f wšb.i n.f
Eu disse[49] respondendo-lhe[50]:

nḫmn s3.f ꜥḳ r ꜥḥ
«Certamente o seu filho entrou no palácio

iti.n.f iwꜥt nt it.f
e tomou posse da herança de seu pai.



nṯr pw grt nn snw.f
É agora um deus sem igual.

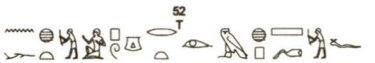
nn ky ḫpr ḫr-ḥ3t.f
Não existiu outro antes de si.

nb s3t pw iḳr sḫrw
É o senhor da sabedoria: excelente de conselhos

mnḫ wḏt-mdw prit h3it ḫft wḏ.f
e perfeito nos decretos. Vamos e vimos conforme as suas ordens!

ntf d3ir ḫ3swt iw it.f m-ḫnw ʿḥ.f
Ele subjugou países estrangeiros. O seu pai estava ainda na residência real

smi.f š3wt.n.f ḫpr
e ele fez-lhe um relatório depois de ter realizado o que ele lhe ordenara.



nḫt pw grt iri m ḫpš.f
Agora é um campeão que age com o seu braço poderoso.

pr-ꜥ nn twt.n.f
Ninguém é tão activo como ele

mɜɜ t(w).f hɜi.f r-pḏtw
quando o vemos carregar sobre os inimigos

ḫꜥm.f r-ḏɜw
ao entrar em combate.

wꜥf ꜥb pw sgnn drwt
É um que faz vergar a cornamenta[51], debilita e subjuga (os adversários)

n ṯs.n ḫrwyw.f skw
e (assim) os seus inimigos não podem conduzir as tropas.

iꜥi ḥr pw tš wpwt
Ele lava a cara[52] e despedaça crânios.

n ꜥḥꜥ.n.tw m-hɜw.f
Ninguém pode endireitar-se perto dele.

pḏ nmtwt pw skiꜣf bhꜣw
Ele é largo de passadas largas que destrói os fugitivos.

nn pḥwy n dd nꜣf sꜣ
Ele não tem fim para com aquele que lhe der as costas.

ꜥḥꜥ-ib pw m ꜣt sꜣsꜣ
Ele levanta o coração[53] no momento do ataque.

ꜥnnw pw n rdiꜣnꜣf sꜣꜣf
Ele enfrenta sem virar as costas.

wmt ib pw mꜣꜣꜣf ꜥšꜣwt
Ele tem um coração corajoso quando vê uma multidão.

n rdiꜣnꜣf ḥmsw ḥꜣ ibꜣf
Ele não permite que a indolência ocupe o seu coração.

wd ḥr pw mꜣꜣf iꜣbt
Ele fica impaciente quando contempla o Oriente[54].

rš.f pw hȝt.f r-pḏt
Ele rejubila[55] quando carrega sobre os estrangeiros.

ṯȝȝ.f ikm.f titi.f
Ele agarra o seu escudo e esmaga (os inimigos).

n wḥm.n.f ˁ (r) ḫdb.f
Ele não repete o seu golpe quando mata.

nn wn rwi ˁḥȝw.f nn iṯḥ pḏt.f
Ninguém escapa à sua flecha, ninguém estica o seu arco.

bhȝ pḏt ˁwy.fy mi bȝw n wrt
Os estrangeiros fogem das suas mãos como do poder da Grande[56].

ˁḥȝ.f ḫmt.n.f pḥwy
Em combate ele prevê o fim

n sȝi.n.f n spyt
e não se preocupa com o resto.

nb i3mt pw ꜥ3 bnit
É possuidor de encanto e grande de doçura.

it.n.f m mrwt
Conquistou por[57] amor.

mri sw niwt.f r ḥꜥ.sn
A sua cidade[58] ama-o mais do que ao seu próprio corpo[59],

ḥꜥi st im.f r nṯr.sn
ela regozija-se mais com ele do que com o seu deus.

sw3 ṯ3yw ḫmwt ḥr rnnwt im.f
Os homens e as mulheres passam e aclamam-no.

iw.f m nsw iṯi.n.f m swḫt
Ele é o rei. Ele conquistou(-a quando ainda estava) no ovo,

iw ḥr.f r.s ḏr msit.f
o seu rosto está (virado) para isso[60] desde que ele nasceu[61].

sᶜšȝw pw msiywt ḥnᶜf
Ele multiplica os que nasceram com ele[62].

wᶜ pw n dd nṯr
Ele é único, um dom de deus!

ršwy tȝ pn ḥkȝ.n.f
Feliz[63] está este país governado por ele.

swsḫ tȝšw pw
Ele alargou as fronteiras,

iw.f r iṯit tȝw rsyw
ele conquistou os países do Sul[64],

nn kȝi.f ḫȝswt mḥtwt
sem deixar de pensar nos países do Norte,

iri.n.tw.f r ḫwit styw r ptpt nmiw-šᶜy
porque ele foi criado[65] para bater os Asiáticos e para esmagar os Corredores da Areia.

hȝb n.f im rḫ.f rn.k
Manda alguém até ele e faz com que ele conheça o teu nome,

m šny wȝ r ḥm.f
como alguém a averiguar a distância a que está de sua majestade!

nn tm.f irỉ bw-nfr
Ele não deixará de fazer bem

n ḫȝst wnnty.sy ḥr mw.f
a um país que está sobre a sua água[66].»

ḏd.in.f ḫft.i
Ele disse-me concordando comigo:

ḫr ḥm kmt nfrt ntt srḫt rwd.f
«Ora bem! O Egipto ficará feliz por ser informado da sua força[67]!

mk tw ʿȝ wnn.k ḥnʿ.i
Olha, tu estás aqui comigo,

nfr irit.i n.k
eu far-te-ei bem[68].»

78 T

rdi.n.f wi m-ḥ3t ḫrdw.f
Ele considerou-me antes dos seus filhos

79 T

mni.n.f wi m s3t.f wrt
e casou-me com a sua filha mais velha.

rdi.n.f stp.i n.i m ḫ3st.f
Ele fez com que eu escolhesse para mim do seu país,

80 T

m stpw n wnt ḥnꜥ.f ḥr t3š.f n kt ḫ3st
escolhendo com ele do que era seu, na sua fronteira com outro país.

t3 pw nfr i33 rn.f
Era uma bela terra chamada Iaa.

82 T

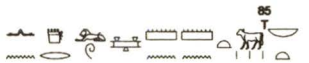
iw d3bw im.f ḥnꜥ i3rrt
Aí havia figos e uvas;

wr n.f irp r mw
era mais abundante o vinho do que a água;

ꜥ3 bit.f ꜥš3 b3ḳ.f
o seu mel era abundante e o seu óleo[69] em quantidade;

dḳrw nb ḥr ḫtw.f
havia todos os tipos de frutos nas suas árvores;

iw it im ḥnꜥ bdt
havia aí cevada e trigo;



nn ḏrw mnmnt nbt
e uma quantidade ilimitada de gado de todas as espécies.

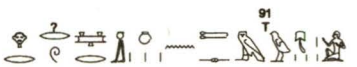
ꜥ3 grt dmit r.i m ii n mrt.i
A abundância que me foi dada foi pelo amor que eu inspirava:

rdit.f wi m ḥḳ3 wḥyt m stp n ḫ3st.f
ele fez-me chefe duma tribo na melhor parte do seu país.

iri n.i ꜥḳw m mint irp m ḥrt hrw
Faziam-me pão todos os dias, vinho em porções diárias,

iwf psi ȝpd m ȝšr ḥrw-r ꜥwt ḫȝst
carne cozinhada, pato assado, assim como pequenos animais do deserto.

iw grgt n.i iw wȝḥt n.i
Caçavam para mim e punham (a caça) diante de mim,



ḥrw-r inw n ṯsmw.i
(além) da caça para os meus cães.

iw irt n.i ... ꜥšȝw irtt m pst nbt
Preparavam-me muitas [coisas][70] com leite em tudo o que era cozinhado.

ir.n.i rnpwt ꜥšȝwt
Passaram por mim muitos anos,

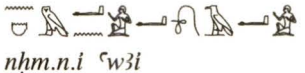
ḫrdw.i ḫpr m nḫtw
os meus filhos tornaram-se poderosos,

s nb m d3r whyt.f
cada homem dirigindo a sua própria tribo.

wpwty ḫdd ḫnt r ḫnw 3b.f ḥr.i
O mensageiro que viajasse para o Norte ou para o Sul, para a residência real[71], ficava comigo

iw s3b.i rmṯ nbt iw.i di.i mw n ib
porque eu fazia parar toda a gente e dava água a quem tinha sede.

rdi.n.i tnm ḥr w3t
Eu fazia com que o perdido voltasse à estrada

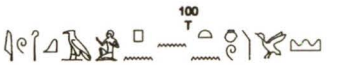


nḫm.n.i ꜥw3i
e socorria o que fora roubado.

styw w3 r štm
Quando os Asiáticos se tornaram hostis,

r sḫsf-ꜥ ḫk3w ḫ3swt
opondo-se aos chefes dos países estrangeiros[72],

ḏ3is.n.i šmt.sn
eu opus-me aos seus movimentos.



iw ḥḳ3 pn n (r)tnw
Este governador de Retenu

di.f iry.i rnpwt ʿš3w m ṯsw n mšʿ.f
fez-me passar muitos anos como comandante do seu exército.

ḫ3st nbt rwit.n.i r.s
Cada terra contra a qual eu avançava

iw iri.n.i ḥd.i im.s
eu actuava de forma a prevalecer sobre ela.

drt ḥr smw ḫnmwt.s
Destruía-lhe as pastagens e as suas cisternas,

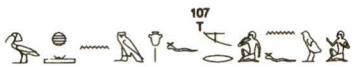
ḫ3ḳ.n.i mnmnt.s
capturava-lhe o seu gado,

ini.n.i ḫrw.s nḥm wnmt.sn
trazia comigo a sua população e apoderava-me das suas provisões.

sm3.n.i rmṯ im.s
Eu destruía as pessoas assim:

m ḫpš.i m pḏt.i
com o meu braço forte, com o meu arco,

m nmtwt.i m sḫrw.i iḳrw
com as minhas manobras e com os meus planos excelentes.



3ḫ.n(.i) m ib.f mri.n.f wi
Isso foi útil para mim no seu coração: ele amava-me,

rḫ.n.f ḳni.n.i
porque ele sabia que eu era corajoso.

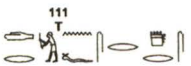
rdit.f wi m-ḫ3t ḫrdw.f
Ele pôs-me à frente dos seus filhos,

m33.n.f rwḏ ꜥwy.i
porque viu a força dos meus braços.

iwt nḫt n (r)tnw
Um homem forte de Retenu

mṯ3(.n).f wi m im3.i
veio provocar-me à minha tenda[73].

pry pw nn snw.f
Era um campeão sem igual



dr.n.f s[y] r-ḏr.s
que tinha vencido toda a gente[74].

ḏd.n.f ꜥḥ3.f ḥnꜥ.i
Ele disse que combateria comigo

ḫmt.n.f ḫwtf wi
porque ele pensava vencer-me[75]

kȝi.n.f ḥȝḳ mnmnt.i ḥr sḫ n wḥyt.f
e planeava espoliar-me do meu gado por conselho da sua tribo.

ḥḳȝ pf nḏnḏ.f ḥnᶜ.i ḏd.k(w)i n rḫ.i sw
Aquele governador[76] veio conferenciar comigo e eu disse-lhe: «Eu não o conheço.

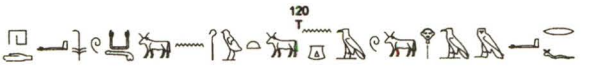
n ink tr smȝ.f wstn.i m ᶜȝi.f
Na verdade, eu não sou seu companheiro para ir livremente ao seu acampamento.

in nt-pw wn.n.i sȝ.f sb.n.i inbwt.f
Por acaso abri a sua vacaria ou atravessei as suas vedações?

rḳt-ib pw ḥr mȝȝ.f wi ḥr irt wpwt.f
É por rancor[77], porque ele me vê cumprir as tuas[78] ordens!

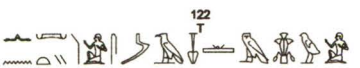
nḥmn wi mi kȝ n ḥww
De facto, eu sou como um touro que pertence a uma manada

m ḥr-ib ky idt
no meio de outra manada[79];



hd sw kȝ n ꜥwt ngȝw ḥr ȝm r.f
o touro desta manada ataca-o, o touro dos longos cornos procura alcançá-lo.

in iw wn twȝ mrrw n sȝ n tp-ḥr(y)
Haverá algum homem de condição inferior que seja amado quando decide ser chefe?



nn pḏty smȝ m idḥw
Nenhum estrangeiro se alia a um homem do Delta!

ptr smn dyt r ḏw
Quem pode fixar o papiro à montanha[80]?

in iw kȝ mr.f ꜥḥȝ
É por um touro gostar de combater,

pry mr.f wḥm sȝ m ḥr nt mḫȝ.f sw
que um touro feroz toca em retirada com medo de que ele o iguale?

ir wnn ib.f r ḥ3 im ḏd.f ḫrt-ib.f
Se o seu coração quer combater que lhe transmita o seu desejo!

in iw nṯr ḫm š3wt.n.f
Haverá um deus que ignore as suas próprias ordens,

rḫ nt-pw mi m
ou sabe de facto quais são?»

sḏr.n(.i) ḳ3s.n.i pḏt.i wdi.n.i ḥ3w.i
Durante a noite eu encordoei o meu arco, atirei as minhas flechas,

di.n.i sš n b3gsw.i sḫkr.n.i ḫ3w.i
fiz deslizar a minha adaga e poli as minhas armas.

ḥḏ.n t3 (r)tnw iit ḏdb.n.s wḥwyt.s
Tornou-se branca a terra e o Retenu veio. Ele incitara as suas tribos

sḫw.n.s ḫ3swt nt gs sy
e reunira metade pertencente a terras estrangeiras,

kȝi.n.s ʿḥȝ pn
porque ele pensava neste combate.

ḥȝty nb mȝḫ.n.i
Todos os corações ardiam por mim.

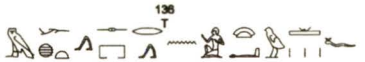
ḥmwt ṯȝyw ḥr ʿʿi
As mulheres e os homens murmuravam,

ib nb mr n.i ḏd.sn
cada coração sofria por mim. Eles disseram:

in iw wn ky nḫt ʿḥȝ r.f
«Não há outro campeão que lute contra ele?»

ʿḥʿ.n ikm.f minb.f
Foi então que o seu escudo, o seu machado

ḥpt.f n nsywt ḥr
e a sua braçada de dardos caíram (sobre mim).



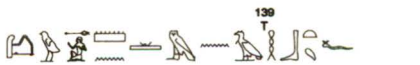
m-ḫt spri.n.i ḫʿw.f
Depois de ter escapado às suas armas

rdi.n.i swꜣ ḥr.i
e de fazer passar por cima de mim

ʿḥꜣw.f sp n iwtt
as suas flechas em vão,

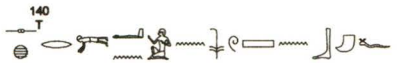
wʿw ḥr ḫn m wʿw
uma sobre uma em aproximação,

ḫʿm.n.f wi sti.n.i sw
ele aproximou-se de mim e eu atirei sobre ele:



ʿḥꜣw.i mn m nḥbt.f
a minha flecha fixou-se no seu pescoço.

sbḥ.n.f ḫr.n.f ḥr fnd.f
Ele gritou e tombou sobre o seu nariz.



sḫr.n.i {n} sw {š} n mnḫ.f
Eu deitei-o por terra com o seu (próprio) machado[81].

wḏ.n.i išnn.i ḥr ỉ3t.f
Soltei o meu grito de guerra sobre as suas costas.

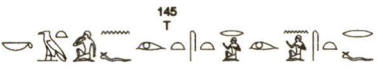
ʿ3m nb ḥr nmi
Todo o asiático gritou.

rḏi.n.i ḥknw n mntw
Fiz uma oração a Montu[82],

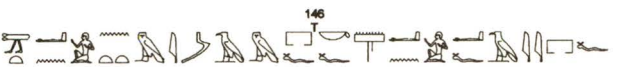
mrw.f ḥb n.f
(enquanto) os seus simpatizantes[83] carpiam sobre ele.

ḥḳ3 pn ʿmw-nnši rḏi.n.f wi r ḥpt.f
Este governador Amunenchi colocou-me no seu abraço.

ʿḥʿ.n ini.n.i ḫt.f ḫ3ḳ.n.i mnmnt.f
Então, eu apoderei-me dos seus bens e capturei o seu gado.



kꜣt.n.f irt st r.i iri.n.i st r.f
Aquilo que ele tinha planeado fazer-me, eu fi-lo contra ele:

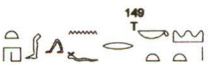


iṯi.n.i ntt m imꜣ.f kf.n.i ꜥꜣy.f
tomei posse do que ele tinha na sua tenda e pilhei o seu acampamento.

ꜥꜣ.n.i im wsḫ.n(.i) m ꜥḥꜥw.i
Tornei-me grande[84] com isso: largo nas minhas riquezas

ꜥšꜣ.n(.i) m mnmnt.i
e opulento com o meu gado.

ḫr irt nṯr r ḥtp n ṯsi.n.f im.f
Assim, o deus terá agido para apaziguar aquele que ele tinha erguido contra ele



thi.n.f r kt ḫꜣst
quando o desviou em direcção a outra terra.

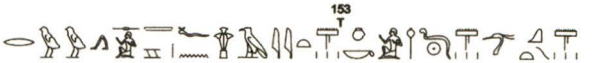
iw min ib.f iꜥi
Hoje o seu coração está lavado.

wꜥr wꜥr n ḥ3w.f iw mtr.i m ḫnw

Um fugitivo fugia no seu tempo, (agora) a minha fama chegou à residência real.

s33 s33y n ḥḳr iw.i di.i t n gsy.i

Um retardatário arrastava-se por causa da fome, (agora) eu dou[85] pão ao meu vizinho.



rww s t3.f n ḥ3ywt ink ḥḏw ḥbsw p3ḳt

Um homem abandonava o seu país por causa da sua nudez, (agora) eu tenho roupas brancas de linho fino[86].

bt3 s n-g3w h3b.f ink ꜥ33 mrt

Um homem corria por não ter quem enviar, (agora) eu sou rico em servos.

nfr pr.i wsḫ st.i sḫ3wy.i m ꜥḥ

A minha casa é bela e o meu domínio é vasto, (agora) lembram-se de mim no palácio.

nṯrw nb ȝ3 wꜥrt tn

Ó deus, qualquer que sejas, que decidiste esta fuga,

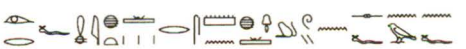
ḥtp.k di.k wi r ḫnw
possas tu apaziguar-te e fazer-me voltar para a residência real[87]!

smwn.k rdit mȝ.i bw wršw ib.i im
Certamente farás com que eu veja o lugar onde o meu coração passa o tempo!

ptr wrt r ꜥbt-ḫȝt.i m tȝ msi.kwi im.f
O que há de mais importante do que ser enterrado na terra onde nasci?

mi m sȝ pw
Vem em meu auxílio!

ḫpr sp nfr di.n.i nṯr ḥtp
Ocorreu um feliz acontecimento: eu fiz com que o deus fosse apaziguado[88]!



irr.f mi-ḫt r smnḫ pḥwy n sfn.n.f
Possa ele fazer o mesmo para tornar firme aquele a quem ele afligiu.

ib.f mr n dḳr.n.f r ꜥnḫ ḥr ḫȝst
Possa o seu coração compadecer-se por aquele que ele excluiu para viver numa terra estrangeira!

in min rf ntt.f ḥtp
Se hoje ele está apaziguado,

sḏm.f n nḥi n wꜣ
possa ele escutar a prece daquele que está longe!

wdb.f ꜥ r ḫwi.n.f tꜣ im.f
Possa ele trazer de novo[89] o seu braço a quem ele forçou a andar sobre a terra,

r bw ini.n.f sw im
para o lugar de onde ele o tirou!

ḥtp n.i nsw n kmt
Possa o rei do Egipto ser clemente comigo,

ꜥnḫ.i m ḥtpwt.f
possa eu viver da sua paz!

nḏ.i ḫrt ḥnwt tꜣ ntt m ꜥḥ.f
Possa eu saudar a senhora do país que está no seu palácio[90]!

sḏm.i wpwt nt ḫrdw.s
Possa eu escutar as mensagens dos seus filhos!

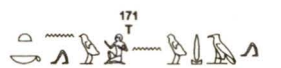
iḫ rnpy ḥ^{c}w.i
Então que o meu corpo rejuvenesça

ntt (r)f i3wi h3iw
porque a velhice chegou.

wgg 3s.n.f wi
A debilidade dominou-me;

irty.i dns ^{c}wy.i nw
os meus olhos estão pesados; os meus braços estão fracos;

rdwy.i fḫ.n.sn šms ib wrd(w)
as minhas pernas recusaram-se a seguir; o (meu) coração está cansado.



tkn wi n (s)wḏ3
Eu estou perto da partida!

sbi.sn {n} wi r niwwt nḥḥ
Que eles me conduzam[91] para as cidades da eternidade[92].

šms.i nbt-r-ḏr
Possa eu acompanhar a «senhora de tudo»[93]!

iḫ ḏd.s n.i nfr n msw.s
Possa ela falar bem de mim aos seus filhos!

sbi.s nḥḥ ḥr.i
Possa ela passar a eternidade por cima de mim[94]!

ist rf ḏd n ḥm nsw-bit ḫpr-kȝw-rᶜ mȝᶜ-ḫrw
Ora, quando falaram à majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Kheperkauré[95], justo de voz,

ḥr sšm pn nty wi ḫr.f
desta condição em que eu me encontrava,

wn.in ḥm.f hȝb.f n.i ḫr ȝwt-ᶜ nt ḫr-nsw
logo sua majestade me enviou (emissários) com presentes reais,

s3wi.f ib n b3k im mi ḥk3 n ḫ3st nbt
para que eles aumentassem o coração[96] do humilde servidor, como o de um qualquer governador de uma terra estrangeira.

msw-nsw nty m ꜥḥ.f ḥr rdit sḏm.i wpwt.sn
E os filhos reais, que estavam no seu palácio, fizeram-me ouvir as suas mensagens[97].

mit n wḏ iy n b3k-im
Cópia do decreto que trouxeram ao humilde servidor,

ḥr init.f r kmt
relativamente ao seu regresso ao Egipto.

ḥr ꜥnḫ-mswt nbty ꜥnḫ-mswt
«Hórus: que vive nos nascimentos; as Duas Senhoras: que vive nos nascimentos;

nsw-bit ḫpr-k3-rꜥ
rei do Alto e do Baixo Egipto: Kheperkaré;

sꜣ rᶜ imn-m-ḥꜣt ᶜnḫ ḏt r nḥḥ
filho de Ré: Amenemhat[98], que viva para sempre, eternamente!

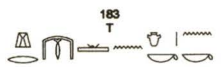
wḏ-nsw n šmsw sꜣ-nht
Decreto real para o companheiro Sinuhe[99].

mk init n.k wḏ pn n nsw
Vê, trouxeram-te este decreto do rei

r rdit rḫ.k ntt pḥr.n.k ḫꜣswt
para te fazer saber: tu percorreste países estrangeiros[100];

prit m ḳdmi r (r)tnw
tu foste de Kedem para Retenu;

dd tw ḫꜣst n ḫꜣst
uma (terra) deu-te a uma (outra) terra



ḫr sḫ n ib.k n.k
sob conselho do teu coração.

ptr irit.n.k iri.tw r.k
O que fizeste para que alguém aja contra ti?

n wʿ3.k ḫsf.tw mdw.k
Tu não injuriaste (de modo a que) alguém puna as tuas palavras!

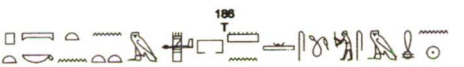
184
T

n mdw.k m sḏ n srw itn.tw ṯsw.k
Tu não falaste contra o conselho dos grandes (de modo a que) alguém se oponha aos teus discursos.

185
T

sḫr pn ini.n.f ib.k
Esta decisão foi o teu coração que a trouxe,

nn rf m ib(.i) r.k
não havia nada no (meu) coração contra ti!

186
T


pt.k tn ntt m ʿḥ mn.s rwḏ.s m min
Este teu céu que está no palácio[101], ele está estável e próspero hoje;

dpt.s tp.s m nsyt nt t3
a sua cabeça está ornada[102] como soberana do país

msw.s m ḥnwti
e os seus filhos estão na sala de audiências.

w3ḥ.k špssw n dd.sn n.k
Acumula as riquezas que eles te derem,

ʿnḫ.k m 3wt.sn
tu viverás da sua extensão.

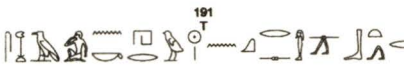
iri.n.k iwt r kmt
Volta para o Egipto!

m33.k ḫnw ḫpr.n.k im.f
Vê a casa na qual tu nasceste!

sn.k t3 r rwty wrty ḫnm.k m smrw
Beija a terra da grande porta dupla[103]! Junta-te aos amigos[104]!

iw min is š3ʿ.n.k tni
Na verdade, hoje tu começaste a envelhecer.

fḫ.n.k bȝȝwt
Tu perdeste virilidade.



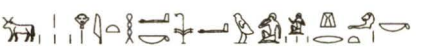
sḫȝ.n.k ḥrw n ḳrs sbt r imȝḫw
Pensa no dia do enterro, na passagem ao estado de bem-aventurado[105].

wḏ͑.tw n.k ḫȝwy m sfwt wṯȝw m ͑wy tȝyt
Uma noite ser-te-á destinada, com óleos e faixas de mumificação das mãos de Tait[106].

iri.tw n.k šms wḏȝ ḥrw smȝ tȝ
Far-te-ão um cortejo fúnebre no dia da união à terra[107],

wi m nbw tp m ḫsbd
a máscara da múmia[108] será de ouro, a cabeça de lápis-lazúli,

pt ḥr.k rdit m mstpt
o céu estará por cima de ti quando fores posto no sarcófago[109].



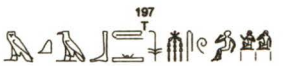
iwȝw ḥr iṯḥ.k šm͑ww ḫr-ḥȝt.k
Serás puxado por bois e precedido por cantores.

iri.tw ḫbb nnyw r r is.k
Será executada a dança dos mortos à entrada do teu túmulo,

nis.tw n.k dbḥt-htpw
será recitada para ti a lista de oferendas

sft.tw r r ꜥb3w.k
e farão sacrifícios diante da tua estela funerária.

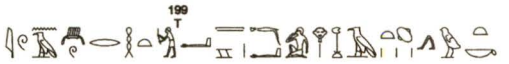
iwnw.k ḫwsiw m inr ḥḏ
Os teus pilares serão construídos em pedra branca,



m-ḳ3b nsw-msw
no meio dos das crianças reais[110].

nn wn mt.k ḫr ḫ3st nn bs tw ꜥ3mw
Tu não morrerás num país estrangeiro! Os Asiáticos não te enterrarão!

nn dit.k m inm n sr iri.tw ḏri.k
Tu não serás depositado numa pele de carneiro, nem te farão um túmulo (qualquer)[111].



iw n3 3w r ḥwit t3 mḥi ḥr ḫ3t iwt.k
Já é tarde para uma vida errante! Pensa no (teu) cadáver e regressa!»

spr.n wḏ pn r.i
Este decreto chegou-me

ḥᶜ.kwi m ḥr-ib wḥwt.i
quando eu estava no meio da minha tribo[112].

šdnt.f n.i
Foi-me lido em voz alta

di.n(.i) wi ḥr ḫt.i
e eu deitei-me sobre o meu ventre,

dmi.n.i s3tw
toquei no (pó do) chão

di.n.i sw sš ḥr {n} šnby.i
e fiz com que ele se espalhasse sobre o meu cabelo[113].

dbn.n.i ꜥ3y.i ḥr nhm r ḏd
Percorri o meu acampamento aos berros dizendo:

iri.tw nn mi m n b3k
«Como é que isto pode ser feito a um servidor

thi.n ib.f r ḫ3swt ḏrḏrywt
cujo coração se perdeu pelas terras estrangeiras[114]?

ḥr ḥm nfr w3ḥ-ib nḥm wi m-ꜥ mt
Na verdade, boa é a clemência que me salva da morte!

iw k3.k r rdit iry.i
O teu *ka* vai fazer com que eu passe

pḥwy ḥꜥw.i m ḫnw
o fim dos meus membros em casa[115].»

mit n smi n wḏ pn
Cópia da resposta a este decreto.

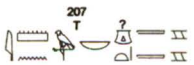
bꜣk n ʿḥ sꜣ-nht ḏd
Este servidor do palácio, Sinuhe, diz:

m ḥtp nfr wrt
«Em muito boa paz!

rḫt wʿrt tn irit.n bꜣk im m ḫm.f
Conhecimento desta fuga que o humilde servidor fez na sua ignorância.

in kꜣ.k nṯr nfr nb tꜣwy
Pelo teu *ka*, (ó) deus perfeito, senhor das Duas Terras,

mrw rʿ ḥsiw mntw nb wꜣst
amado de Ré, favorito de Montu senhor de Tebas,



imn nb nst tꜣwy
de Amon senhor do trono[116] das Duas Terras,

sbk-rʿ ḥr ḥwt-ḥr itm ḫnʿ psḏt.f
de Sobek-Ré, de Hórus, de Hathor, de Atum e da sua Enéade[117],

spdw nfr-bꜣw smsrw ḥr-iꜣbty
de Sopedu-Neferbau-Semseru o Hórus do Oriente[118],

nbt imḥt ḫnm.s tp.k
da senhora de Imehet, possa ela envolver a tua cabeça[119],

ḏꜣḏꜣt tpt nw
do conselho que está sobre[120] a inundação,

mnw-ḥr ḥr-ib ḫꜣswt
de Min-Hórus que está no meio dos desertos,

wrrt nbt pwnt nwt ḥr-wr-rᶜ
de Ureret senhora de Punt[121], de Nut, de Horuer-Ré

nṯrw nbw tꜣ-mri
e de todos os deuses da Terra Amada[122]

iww nw wꜣḏ-wr
e das ilhas do Grande Verde[123].

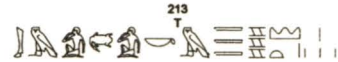
di.sn ꜥnḫ wȝs r fnḍ.k
Possam eles dar vida e poder ao teu nariz[124]!

ḫnm.sn tw m ȝwt-ꜥ.sn
Possam eles dotar-te com os seus dons!

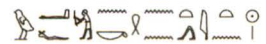
212
T

di.sn n.k nḥḥ nn ḏrw.f
Possam eles dar-te uma eternidade sem fim

ḏt nn ḥnty.s(y)
e uma duração sem limites[125]!

213
T


wḥm snḍ.k m tȝw ḫȝswt
Possa o medo que tu inspiras repercutir-se por planícies e montes[126],



wꜥf.n.k šnnt itn
porque tu dominaste (tudo) o que rodeia o disco solar!

214
T

nḥi pw n bȝk im n nb.f
Esta é a prece deste humilde servidor ao seu senhor,

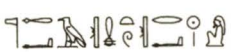
šdi m imnt(y)
que o salva do Ocidente[127]!

nb sỉ3 sỉ3 rḫyt
O senhor da percepção[128] que compreende o povo,

sỉ3.f m ḥm n stp-s3
ele percebeu na majestade do palácio[129],

wnt bỉ3k im snḍ ḍd st
aquilo que o humilde servidor tinha medo de dizer.

iw mi ḫt ꜥ3 wḥm st
É como uma grande coisa para repetir!



nṯr ꜥ3 mitw rꜥ
O grande deus, imagem de Ré,

ḥr sšs3 bỉ3k di.n.f ḍs.f
dá sensatez àquele que trabalha para si próprio[130]!

iw bȝk im m-ᶜ nḏ-r ḥr{r}.f
O humilde servidor está na mão daquele que pergunta por si[131].

di.tw ȝ ḫr sḫr.f
Por isso[132] faz com que[133] esteja sob a sua autoridade!

iw ḥm.k m ḥr iti
A tua majestade é Hórus, o conquistador;

nḫt ᶜwy.k r tȝw nbw{y}
os teus braços são mais poderosos do que todos os países[134].

wḏ grt ḥm.k rdit init.f
Possa agora a tua majestade ordenar que ele traga

mᶜki m ḳdm ḫntyw-iᶜwš m ḫntkšw
Meki de Kedem[135], Khentiuiauch de Khentekechu[136]

mnws m tȝwy fnḫw
e Menus das duas terras de Fenekhu[137].

ḥḳ3w pw mtrw rnw
São governadores[138] com nomes famosos

ḥprw m mrwt.k
que cresceram no amor a ti,

nn sḫ3 (r)tnw n.k im-s(y) mitt ṯsmw.k
sem mencionar o Retenu, que é teu como os teus cães de caça!

is wʿrt tn irt.n b3k
Na verdade, esta fuga que foi feita pelo servidor,

n ḫmt.s nn s m ib.i n ḳmd.i s
ela não foi planeada, ela não estava no meu coração, eu não a imaginei!

n rḫ.i iwd.i r st[.i]
Eu não sei o que me separou[139] do (meu) lugar!

iw mi sšm rswt
Foi como um estado de sonho,

mi mȝȝ sw idḥy m ȝbw
como se um homem do Delta se visse em Elefantina

s n ḫȝt m tȝ-sty
ou um homem dos pântanos na Núbia!

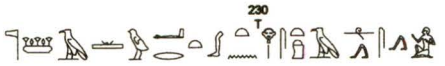
n snḏ(.i) n sḫst m-sȝ.i
Eu não tive medo, ninguém correu atrás de mim,

n sḏm.i ṯs-ḥwrw
eu não ouvi acusações,

n sḏm.tw rn.i m r wḥmw
o meu nome não foi ouvido na boca do arauto.

wpw-ḥr nf n ḏdf ḥʿw.i
Apesar disso o meu corpo arrepiou-se,

rdwy.i ḥr ḥwḥw ib.i ḥr ḫrp.i
as minhas pernas puseram-se em fuga e o meu coração orientava-me.



nṯr šȝ wˁrt tn ḥr stȝ.i
O deus que determinou esta fuga conduziu-me,

n ink is ḳȝ-sȝ ḫnt
porque eu não sou alto de costas[140] frente ao medo.

snḏ s rḫ tȝ.f
Um homem conhece o seu país[141]!

di.n rˁ snḏ.k ḫt tȝ
Ré instalou o temor a ti em todo o país

ḥr.k m ḫȝs(w)t nbt
e o terror a ti em todos os países estrangeiros!

m wi m ḫnw m wi m st tn
Olha, eu estar na residência real ou estar neste lugar,

ntk is ḥbs ȝḫt tn
pertence-te, na verdade, cobrir este horizonte,

wbn itn n mrt.k
pois é segundo o teu desejo que o sol se ergue,

mw m itrw swrit.f mr.k
que a água do rio é bebida por tua vontade,

ṯ3w m pt ḫnmt.f ḏd.k
que o ar do céu é respirado se tu o disseres[142]!

iw b3k im r swḏt ṯ3t.i iri.n b3k im m st tn
O humilde servidor vai legar (o poder) à descendência[143] que o humilde servidor criou neste lugar.

iwt pw iry r b3k im irr ḥm.k m mrt.f
O humilde servidor está de volta[144]! Que a tua majestade faça como ela desejar!

ʿnḫ tw m ṯ3w n dd.k mr rʿ ḥr ḥwt-ḥr fnd.k pw šps
Vive-se do ar que tu dás! Possam Ré, Hórus e Hathor amar esta tua augusta narina!

mrrw mntw nb wꜣst ꜥnḫ.f ḏt
Possa Montu, senhor de Tebas, desejar que ela viva eternamente!»

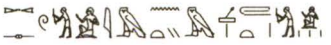
rdt iry.i hrw m iꜣꜣ ḥr swḏt ḫt.i n msw.i
Fizeram-me passar (mais) um dia em Iaa, para transmitir os meus bens aos meus filhos[145].

sꜣ.i smsw m-sꜣ wḫyt.i wḫyt.i ḫt.i nbt m-ꜥ.f
O meu filho mais velho[146] ficou com o encargo da minha tribo; a minha tribo e todos os meus bens ficaram na sua posse:

ḏt.i mnmnt.i nbt dḳrw.i ḫt.i nb bnri
os meus servos, todo o meu gado, os meus frutos e todas as minhas árvores de fruto.

iwt pw iri.n bꜣk im m ḫntyt
O humilde servidor iniciou o regresso em direcção ao sul.

ḥdb.n.i ḥr wꜣwt-ḥr
Fiz uma paragem nos Caminhos de Hórus[147]



ṯsw im nty m-sȝ pḥrt
e o comandante que estava aí encarregue de patrulhar a fronteira,

hȝb.f wpwt r ḫnw r rdit rḫ.tw
enviou uma mensagem para a residência real para os informar.

rdi.in ḥm.f iwt (i)m(y)-r sḫtyw mnḫ n pr-nsw
Sua majestade enviou um intendente da confiança dos camponeses do domínio real,

ꜥḥꜥw ȝṯpw m-ḫt.f ḫr ȝwt-ꜥ nt ḫr-nsw
acompanhado de barcos carregados que levavam presentes do rei[148]

n styw iww m-sȝ.i ḫr sbit.i r wȝwt-ḥr
para os asiáticos que me tinham acompanhado no meu precurso até aos Caminhos de Hórus.

dm.n.i wꜥ im nb m rn.f
Eu chamei cada um deles pelo seu nome

iw wdpww nb ḫr irtw.f
e todos os servidores foram fazer as suas[149] obrigações.

šsp.n.i fȝi.n.i ṯȝw
Parti (navegando) e fui transportado com vigor[150].

šbb ꜥtḥ tp-mȝꜥ.i r pḥt.i dmi n iṯw
Amassaram e coaram[151] ao meu lado até acabar por tocar em Itju[152].

ḥḏ.n rf tȝ dwȝ sp-sn iw iw ỉȝš n.i
Então, quando a terra clareou muito cedo duas vezes[153], vieram chamar-me:

s 10 m iwt s 10 m šmt ḥr sṯȝ.i r ꜥḥ
dez homens vieram e os dez homens conduziram-me ao palácio.

dhn.n.i tȝ imytw šspw
Eu toquei com a cabeça o chão entre as esfinges.

msw-nsw ꜥḥꜥ m wmtw ḥr irt ḫsfw.i
As crianças reais estavam de pé no pórtico para fazer a minha aproximação.

smrw stȝw r wȝḫ
Os amigos[154], (que tinham sido) admitidos no pátio de entrada com colunas,

ḥr rdit.i ḥr wȝt ꜥḫnwt
mostravam-me o caminho para sala de audiências.

gmi.n.i ḥm.f ḥr st wrt m wmt nt ḏꜥmw
Eu encontrei sua majestade num grande trono num pórtico dourado

wn.k(w)i rf dwn.kwi ḥr ḫt.i
e logo eu me prostrei sobre o meu ventre,

ḫm.n(.i) wi m-bȝḥ.f
inconsciente de mim próprio na sua presença.

nṯr pn ḥr wšd.i ḫnmw
Este deus dirigiu-se a mim amigavelmente,

iw.i mi s it.w m ꜥḥḥw
mas eu estava como um homem tolhido pela escuridão!

bȝ.i sbiw ḥꜥw.i ȝdw
O meu *ba* enfraqueceu, o meu corpo estremeceu

ḥ3ty.i n ntf m ḫt.i rḫ.i ꜥnḫ r mt
e o meu coração, ele não estava no meu corpo: eu senti a vida em direcção à morte[155]!

ḏd.in ḥm.f n wꜥ m nn n smrw
Sua majestade disse a um dos amigos:

ṯs sw im mdw.f n.i
«Ergue-o e faz com que ele me fale!»

ḏd.in ḥm.f
Sua majestade disse:

mk tw iwt ḫwi.n.k ḫ3swt
«Olha, tu voltaste! Tu percorreste países estrangeiros empreendendo a fuga[156].

iri.n wꜥrt ḥd im.k tni
A idade actuou em ti e tu foste envelhecendo.

pḥ.n.k i3wy
Tu atingiste a velhice.

nn šrr ʿbt ḫ3t.k
Não é coisa pequena o teu cadáver[157]!

nn bs.k in pḏtyw m iri.k sp-sn gr
Não serás inumado pelos estrangeiros! Não ajas, não ajas agora!

n mdw.k dmt rn.k
Não fales (até) o teu nome ser pronunciado!

snḏ 3 n ḫsf
Tens medo de uma punição?»

wšb.n.i st m wšb snḏw
Eu respondi a isto como responde um homem cheio de medo:

ptr ḏdt n.i nb.i
«Que me disse o meu senhor?

ir wšb.i st nn irit.i ʿ n nṯr is pw
Que[158] respondo eu a isto? Nada posso fazer: na verdade é a mão do deus!

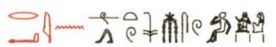
ḥr pw wnn.s m ḫt.i
O medo, ele está no meu corpo

mi sḫpr wꜥrt šȝȝt
como o que provocou a fuga ordenada[159].

263
T

mk wi m-bȝḥ.k
Olha, estou aqui na tua presença!

ntk ꜥnḫ ir ḥm.k m mrr.f
Tu és a vida! Possa a tua majestade agir como ela desejar!»



rdi.in sṯȝ tw msw-nsw
Fizeram entrar as crianças reais

264
T

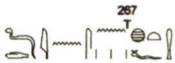
ḏd.in ḥm.f n ḥmt-nsw
e sua majestade disse à esposa real:

265
T

mt sȝnht iw m ꜥȝm ḳmȝ n styw
«Vê! Sinuhe voltou como asiático, criado pelos Asiáticos!»

wd.s sbḥ ꜥ3 wrt
Ela lançou um grito muito grande[160]

msw-nsw m dywt wꜥt
e as crianças reais, gritando a uma só voz



ḏd.in.sn ḫft ḥm.f
disseram perante sua majestade:

n ntf pw m mɜꜥt ity nb.i
«Na verdade não é ele, ó soberano, meu senhor!»

ḏd.in ḥm.f ntf pw m mɜꜥt
Então sua majestade disse: «Na verdade é ele».

ist rf ini.n.sn mniwt.sn
Ora, elas traziam os seus colares,

sḫmw.sn sššwt.sn m ꜥ.s
as suas matracas[161] e os seus sistros[162] na sua mão[163]

ms.in.sn st n ḥm.f
e elas presentearam com isso sua majestade:

ʿwy.k r {r} nfrt nsw wꜣḥ
«Que as tuas mãos (se estendam) para[164] a Bela[165], rei eterno,

ḫkryt nt nbt pt
(para) os ornamentos da senhora do céu!

di nbw ʿnḫ r fnd.k
Possa a Dourada dar vida ao teu nariz!

ḫnm tw nbt sbꜣw
Possa a senhora das estrelas unir-se a ti!

ḫdi šmʿ.s ḫnt mḥw.s
Possa a coroa do Alto Egipto descer em direcção à coroa do Baixo Egipto

smꜣ twt m r n ḥm.k
e juntas unirem-se na palavra da tua majestade[166]!

di.tw w3ḏt m wpt.k
Possa Uadjit[167] ser posta na tua fronte,

sḫr.n.k tw3w m ḏwt
porque tu tiraste os pobres do mal!

ḥtp n.k rˁ nb t3wy
Que te seja agradável Ré, senhor das Duas Terras[168]!

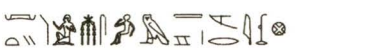
ḥy n.k mi nbt-r-ḏr
Saudações para ti, como para a senhora de tudo[169]!

nft ˁb.k sfḫ šsr.k
Distende o teu arco e alivia a tua flecha!

imi ṯ3w nty m itmw
Forma ar para aquele que sufoca!

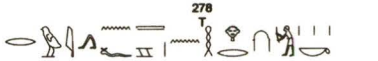
imi n.n ḫnt tn nfrt
Dá-nos a nossa bela festa[170]

m mtn pn sꜣ mḥyt
com este chefe nómada, filho do vento do Norte[171],



pḏty ms m tꜣ-mri
estrangeiro nascido na Terra Amada[172]!

iri.n.f wʿrt n snḏ.k
Ele pôs-se em fuga por temor a ti!



rwi.n.f tꜣ n ḥryt.k
Ele deixou o país por ter muito medo de ti!

nn ꜣyt ḥr n mꜣ ḥr.k
Não empalidecerá mais o rosto daquele que viu a tua face;

nn snḏ irt dgit n.k
não terá mais medo o olho que olhou para ti!»

ḏd.in ḥm.f
Sua majestade disse[173]:

nn snḏ.f n ꜥ.f r ḥryt
«Ele não terá medo. Ele não estará mais em condição[174] de ter muito medo.

iw.f r smr m-m srw
Ele será um amigo entre os oficiais,

rdit.f m-ḳ3b šnywt
ele será posto no meio dos cortesãos.

wḏ3w.tn r ꜥḫnwty
Ide vós aos (seus) aposentos privados

dw3t r irt ꜥḥꜥw.f
para ensinar a fazer o seu serviço!»

prt.i rf m-ḫnw ꜥḫnwty
Eu saí do interior da sala de audiências

msw-nsw ḥr rdit n(.i) ꜥw.sn
e as crianças reais vieram dar-me as suas mãos.

šm.n(.i) m-ḫt r rwty wrty
De seguida nós fomos para a grande porta dupla

rdi.kwi r pr nsw-sȝ špssw im.f
e eu fui instalado na casa de um filho do rei, cheia de luxos:

sḳbbwy im.f ḥmw nw ȝḫt
tinha uma casa de banho e imagens do horizonte[175].

sḏȝwt im.f nt pr-ḥḏ
Havia aí coisas preciosas que pertenciam ao tesouro

ḥbsw nw sšrw nsw ꜥntyw tpt
– roupas de linho real, mirra e óleo fino –

nsw srw mrr.f m ꜥt nbt
do rei e dos oficiais que ele amava, em cada quarto.

wdpw nb ḥr irt.f
Todos os servidores estavam na sua função.

rdi swȝ rnpwt ḥr ḥᶜw.i
Fizeram com que os anos fossem eliminados do meu corpo:

ṯȝ.kwi ᶜᶜb šnw.i
barbearam-me e cortaram-me o cabelo.

iw rdi sbt n ḫȝst ḥbsw n nmiw-šᶜ
A carga[176] foi dada ao deserto e as roupas aos beduínos.

sd.kwi m pȝḳt gs.kwi m tpt
Vestido de linho fino, ungido com óleo fino

sḏr.kwi ḥr ḥnkyt di.n.i šᶜy n imyw.f
e estendido sobre uma cama, eu dei a areia àqueles que estão nela

mrḥt n ḫt n wrḥ im.s
e o óleo de árvore[177] para os que se ungem.

iw rdi n.i pr n nb š
Então deram-me uma casa de proprietário de jardim

m wn m-ᶜ smr
que tinha pertencido a um amigo[178].

iw ḥmwtw ᶜšȝw ḥr ḳd.f
Numerosos trabalhadores (re)construíram-na

ḥt.f nb srd m mȝwt
e todas as suas árvores foram plantadas[179] como novas.

iw ini n.i šȝbw m ᶜḥ
Traziam-me comida[180] do palácio

sp 3 sp 4 n hrw
três ou quatro vezes por dia,

ḥrw-r ddt nsw-msw
sem contar com a que me davam as crianças reais

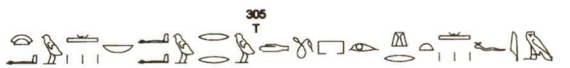
nn ȝt nt irit ȝbw
sem pararem um momento.

iw ḫwsw n.i mr m inr m-ḳ3b mrw
Construíram para mim uma pirâmide de pedra no meio das pirâmides.

(i)m(y)-r mḏḥw mr ḥr šsp s3tw.f
O intendente dos talhadores de pedra da pirâmide preparou o seu terreno,

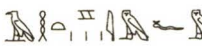
(i)m(y)-r ḫtmtyw ḥr sš gnwtyw ḥr ḥr ḫtit
o intendente dos tesoureiros fez a escrita[181], (o intendente) dos escultores[182] gravou,

(i)m(y)-r k3wt ntyw ḥr ḥrt ḥr ḏ3t t3 r.s
o intendente dos trabalhadores que estavam na necrópole estava atarefado com ela.



ḫ'w nb ddw r rwd ir ḫrt.f im
Todo o mobiliário que iria ser posto no túmulo teria os seus elementos feitos aí.

rdi n.i ḫmw-k3 iri.n.i š-ḫrt
Deram-me sacerdotes do *ka* e fizeram-me um domínio funerário,



ȝḫwt im.f m-ḫnt r dmi
com terras aráveis em frente, no lugar certo[183],

307
T

mi irt n smr tpy
como deverá ser feito para o primeiro amigo[184].

308
T

iw twt.i sḫr m nbw šnḏyt.f m ḏˁmw
A minha estátua foi coberta de ouro e o seu saiote de electro.

in ḥm.f rdi irt.f
Foi sua majestade quem o mandou fazer.

309
T

nn šwȝw iry n.f mitt
Não há outro homem comum por quem tenha sido feito o mesmo!

310
T

iw.i ḫr ḥswt nt nsw ḫr
Eu obtive os favores do rei

r ỉwt hrw n mni
até ao dia da morte.

311
T

iw.f pw ḥ3t.f r pḥ.fy
E acabou, do princípio ao fim,

mi gmyt m sš
como o que se encontrou na escritura[185].

NOTAS

[1] Faulkner traduz *pʿt* por «patrícios», «aristocratas», e *r-pʿt*, abreviatura de *iry-pʿt*, por «nobre hereditário», isto é, aquele que pertence à aristocracia. Em nosso entender, nenhuma das duas hipóteses se adapta ao Egipto faraónico, onde não havia propriamente uma nobreza ou aristocracia mas antes uma elite que era privilegiada pelo rei (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 88 e 148).

[2] O significado literal da expressão *ḥɜty-ʿ* é «aquele que está à frente a fazer de braço», «o que está em primeiro lugar». Esta ideia pode ser entendida como um «príncipe local», um «governador de província» (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 51; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 162). Contudo, a primeira expressão que, segundo Lefebvre, usa a palavra «príncipe» no sentido latino do termo, *princeps*, o primeiro, o principal, também não faz sentido nem em termos políticos nem em termos sociológicos, no antigo Egipto (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 5). Em todo o caso, é aquele que comanda, conforme veremos também logo na segunda frase de o *Conto do Náufrago*, onde assumiremos uma terminologia náutica, mais a contexto.

[3] Normalmente a palavra com que se escreve rei é ou , *nsw*. Menos comum é a utilização de , *nisbe* de Ity-taui, e a sua variante , *ity*, que convencionalmente traduzimos por «soberano» (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 51), onde aparecem dois crocodilos. O facto de serem dois marca a dualidade egípcia: Alto e Baixo Egipto. A razão para a adopção desta forma de grafia para soberano também é simples. Sobek era o «senhor das águas», o deus criador sob o nome de Sobek-Ré, representado por um crocodilo, ou por um homem com cabeça de crocodilo, que tinha como principais lugares de culto Medinet el-Faium, a que os Gregos chamaram de Crocodilópolis, e Kom Ombo. A partilha deste templo com Horuer é acompanhada por textos que o integram no sistema cosmogónico de Heliópolis, figurando Ré como Sobek e Chu como Horuer. É deste modo que a sua personalidade é enriquecida com características solares, tornando-se Sobek-Ré, um deus universal e criador. Como crocodilo era o demiurgo solar que saía das águas do Nilo, tal como o Sol saiu do oceano primordial na manhã da «primeira vez». Daí que se o Sol fosse o «Senhor de *maat*» por excelência, por causa deste sincretismo Sobek acabou por ter o epíteto de «príncipe de *maat*». Assumindo desde o início qualidades de deus da fertilidade, os crentes acreditavam que a cheia anual seria tanto maior quantos mais crocodilos (o seu *ba* terrestre) povoassem as margens do Nilo, tornando mais abundantes as colheitas. Como senhor das águas tutelava rios, lagos, pântanos e canais. Em Sais era considerado filho de Neit e o seu nome significava «Aquele que faz brotar

a vegetação das margens», ou «Aquele que provoca a fertilidade». Esta ligação aos cultos de fertilidade associavam-no também à morte e aos enterramentos, aproximando-o de Osíris. Por outro lado, a sua acção como patrono da realeza, que se intensificou a partir do momento em que a casa real se deslocou para as cercanias do Faium, no Primeiro Período Intermediário, assimilava-o a Hórus, fazendo dele o deus de vários faraós, como foi o caso dos quatro faraós da XIII dinastia, os Sebekhotep, «Sobek está satisfeito», do faraó da XVII dinastia Sebekemsaf, «Sobek é a sua protecção» ou, assumindo forma feminina, da derradeira rainha da XII dinastia, Sebekneferu Sebekkaré, «A beleza de Sobek» ou «A perfeição de Sobek» no nome de coroação, ou prenome, e «Sobek é o *ka* de Ré» no nome de nascimento. É um elemento que ajuda a confirmar a datação da maioria dos papiros que contêm este conto, que, com excepção de um, são da XII e XIII dinastias. Cfr. T. F. CANHÃO, «Kom Ombo: o antigo domínio de Sobek», pp. 262-263.

[4] «O conhecido do rei», *rḫ-nsw*, é um título. É alguém, normalmente da elite, que por manter uma relação de conhecimento (*rḫ*) com o rei, muito diferente de uma relação de submissão (*ḫr* – aquele que está sob), se destina a ocupar um cargo. Aparece por vezes aplicado a mulheres, que poderiam ser aias, bailarinas, músicas, ou terem outros cargos femininos na corte.

[5] Esta declaração com recurso ao verbo amar, parece-nos estabelecer logo à partida a condição de um privilegiado que, aconteça o que acontecer, terá sempre a protecção real.

[6] Companheiro (*šmsw*), lit.: «Aquele que segue», o faraó. Era um dignitário que ajudava o rei a governar o Egipto. Sinuhe (*sꜣ-nḥt*), lit.: «O Filho do Sicómoro», que se deveria traduzir por Sanehet, mas preferimos manter a leitura tradicional. Este nome situa a nossa personagem como servidor de Hathor, deusa da fertilidade e do renascimento, uma vez que a deusa era adorada em Mênfis como a «senhora do sicómoro». Esta adoração tinha por base a convicção de que ela se escondia entre a folhagem de uma grande *ficus sicomurus*, situada no limite do deserto, na confluência do mundo dos vivos com o dos mortos, recebendo com água e alimentos as «almas» (*bau*) dos defuntos que, como aves, aí poisavam. Por outro lado, uma vez que na terra era a rainha que representava esta deusa, quando o nosso aventureiro estiver perante a rainha, esta assumir-se-á como sua mãe espiritual que o rejuvenescerá simbolicamente (P. LUINO, *La Véritable Histoire de Sinouhé*, p. 40).

[7] Senuseret significa «O Homem de Useret». É o faraó Senuseret I, que, para alguns, foi co-regente com o seu pai Amenemhat I, fundador da XII dinastia e terá governado sensivelmente entre 1971 e 1926 a. C. A deusa Useret, «A Poderosa», era adorada em Tebas, podendo ter precedido a deusa Mut como esposa de Amon em Karnak. Foi patrona das expedições egípcias ao Sinai. Curiosamente, este nome

real não aparece envolto por uma cartela no papiro R, embora esta surja noutras fontes (P. A. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, pp. 78-81; J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 174-181 e 236; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 2; A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pl. 1a).

[8] Khenemsut é o nome da pirâmide de Senuseret I no sector sul de Licht (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 233, nota 1); *ḫnm-swt*, «Unidos estão os lugares».

[9] Kaneferu é o nome da pirâmide de Amenemhat I no sector norte de Licht (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 233); *ḳ3i-nfrw*, (pirâmide) «Alta e bela».

[10] Ver nota 107 de *Khufu e os Magos* sobre o calendário egípcio. Fruto das preocupações relacionadas com a produção de alimentos, o mais antigo calendário egípcio era baseado em observações lunares combinadas com o ciclo anual das inundações do Nilo, medidas através de sistemas a que se dá o nome de nilómetros. Aparentemente utilizavam dois calendários: um baseado no percurso solar e nas fases da lua, o calendário civil ou móvel e outro na elevação helíaca de Sírio, o calendário sotíaco ou fixo. A conjugação de diversos elementos permite fazer o paralelismo entre os diferentes calendários, incluindo o que usamos actualmente. Não só documentos do tipo do *Papiro Ebers* põem em evidência a relação entre o ano móvel e o ano fixo dos Egípcios, mas também certos acontecimentos astronómicos, como os equinócios ou a elevação helíaca, permitem referências fixas em qualquer calendário. Assim é possível dizer que ao terceiro mês de Chemu, ou Verão, do calendário móvel egípcio, correspondia o mês do Festival de Ano Novo no seu calendário fixo; este começava no primeiro dia do mês de Tot, que correspondia ao 19 de Julho do calendário juliano que, por sua vez, corresponde ao 15 de Junho do nosso calendário actual, na latitude de Mênfis. Deste modo, podemos determinar que o terceiro mês de Akhet, ou da Inundação (designado por *khenethuthor*, «Viagem de Hathor»), corresponderia no nosso calendário actual aos trinta dias compreendidos entre 15 de Agosto e 14 de Setembro, sendo o seu dia 7 o nosso dia 21 de Agosto (Cfr. T. F. CANHÃO, «O calendário egípcio: origem, estrutura e sobrevivências», pp. 39-61).

[11] No trigésimo ano de reinado o rei morreu, indo agora ao encontro da eternidade no seu túmulo, na pirâmide. Esta obra, provavelmente de referência nas salas de aula do antigo Egipto, embora tenha a parte política baseada em factos e apresente uma excelente visão de um emigrante egípcio, não passa de uma ficção. O reinado de Senuseret Kheperkaré durou 34 anos e não trinta, tendo morrido por volta do ano de 1910/1911 a. C. (P. A. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, pp. 79-82).

[12] Nome de coroação de Amenemhat I que significa «O que satisfaz o coração de Ré». Na tradução portuguesa da obra de Clayton, não é tido em conta que *ḥtp* é antecedido de um prefixo causativo, *sḥtp-ib-rᶜ*, não se devendo ler «Satisfeito está

o coração de Ré» (P. A. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, p. 78; P. A. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, p. 78).

[13] A residência real era o local de habitação do rei em Iti-taui, capital da XII dinastia, perto da moderna El-Licht, a cerca de trinta quilómetros a sul de Mênfis.

[14] O grande portal do palácio, por motivo do falecimento do rei, estava fechado para audiências.

[15] Por esta expressão podemos entender, para além dos familiares, que todos os que o serviam no palácio andavam de cabeça baixa pela dor causada pela morte do rei.

[16] A palavra *mšʿ* pode significar «exército» ou «expedição». No primeiro caso, as grafias mais comuns com que aparece são e ; no segundo são e . A grafia que aqui surge () parece-nos poder ser aplicada a ambos os casos, dependendo a tradução do contexto. Assim, para evitar possíveis confusões, neste texto traduzi-la-emos sempre por «exército», sem que consideremos errado traduzi-la por «expedição», mas em *O Náufrago*, por exemplo, onde o contexto não tem qualquer conotação bélica, traduzi-la-emos por «expedição» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 119; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 221).

[17] É uma variante plural de líbio: *tmḥ*, (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 299 e 304).

[18] Outra forma de referir os Líbios (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 307). Embora neste conto estas duas palavras surjam indistintamente para designar os Líbios, na realidade elas aludem a dois povos distintos da Líbia (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 233). «Para abater os que estavam entre os Líbios» pode não significar um ataque directo aos Líbios, mas àqueles que fossem fugitivos do Egipto e que se tivessem refugiado entre os Líbios.

[19] Estes amigos eram os amigos do faraó, os altos dignitários do palácio, cuja designação era motivada pela proximidade com o rei. Por vezes eram também designados por *smr wʿty*, ou seja, «amigo único» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 229; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 43; ver notas 104 e 154).

[20] Até aqui podemos considerar a apresentação de Sinuhe, que agora vai iniciar a sua fuga.

[21] Isto é, tombaram num gesto de impotência face ao momento.

[22] Embora o determinativo seja G. P1 ( ), significando esta palavra inicialmente «navegar para sul», acabou por ser empregue para todo o tipo de deslocações em direcção ao Sul.

[23] Os determinativos da palavra Maati são um pouco confusos: no papiro R, que neste momento seguimos, identificam-se mais com canal e, em B, com lago. De

qualquer modo, é provável que o lago ou canal «o Lugar Certo», ou o «Lugar Verdadeiro», possa ser o topónimo de uma região de Guiza, perto do Sicómoro, nome do santuário da árvore de Hathor precisamente em Guiza. Uma vez que o nome do fugitivo é «O Filho do Sicómoro», estes topónimos evocam a origem e os valores com que Sinuhe devia viver. A Ilha de Seneferu, rei da IV dinastia, é o local funerário estabelecido por este faraó, ainda indeterminado mas, obviamente, à entrada do deserto e fora das terras de cultura (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pl. 2a; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 9; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 44).

[24] Provavelmente era uma pequena cidade localizada no vértice sul do Delta, na margem oeste do Nilo em frente à moderna Gebel Ahmar, onde se atravessava o rio (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 44).

[25] É uma pedreira que se situava a oeste da Montanha Vermelha, a moderna Gebel Ahmar, perto de Heliópolis, cuja padroeira era a deusa Hathor (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 44).

[26] Os «Muros do Rei» eram uma fortificação, ou conjunto de fortificações, mandadas erguer por Amenemhat I para defesa da fronteira nordeste do Egipto, provavelmente no Uadi Tumilat, mais ou menos a meio do actual canal do Suez, que controlavam as rotas caravaneiras que atravessavam o norte do Sinai pelos chamados «Caminhos de Hórus». Eram ao mesmo tempo um importante entreposto comercial devido à passagem dessas caravanas e das expedições mineiras que daí partiam e chegavam das minas de turquesa e cobre de Serabit el-Khadim e Uadi Maghara, muito exploradas na XII dinastia (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 44 nt.11; B. MANLEY, *Atlas Historique de l'Égypte ancienne*, pp. 48-49). Levada à letra, a expressão *inbw-ḥḳ3* significa Muros do Governador: a palavra *inbw* significa «muros» ou «muralhas» e *ḥḳ3* significa «governador». Faulkner não lhe dá nome, dizendo apenas que é uma «fortaleza da fronteira oriental»; Sánchez Rodrígues, para além de ter tido um lapso de escrita na palavra na página 93 do seu dicionário, chama-lhes «Muros do governador» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 23 e 178; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUES, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 93 e 307). Aqui apenas aparece a palavra *inbw*, mas na linha 66 de *As Profecias de Neferti*, a expressão está completa, *inbw-ḥḳ3*, e a palavra «governador» além do seu determinativo normal, G. S38 ( ), tem como determinativo G. G7 ( ), usado apenas com reis ou divindades, e ainda surge dentro de uma cartela, exclusiva dos soberanos. Por estas razões, julgamos que não lhe devemos chamar de Muros do Governador ou Muralhas do Príncipe, como sugerem alguns autores, mas Muros do Rei ou Muros do Soberano.

[27] Os Corredores da Areia eram os nómadas do deserto, os Beduínos.

[28] Peten é outra localidade antiga de que não se sabe a localização exacta, mas que

se julga que se situava no extremo oriental do Uadi Tumilat, no caminho para Kemuer, a região dos lagos Amargos, incluindo o lago Timsah (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 44). Neste ponto passamos para o *Papiro de Berlim 3022* (B).

[29] O significado de Kemuer é «o Grande Negro».

[30] A palavra «morte» escreve-se em hieróglifos sem *w* ( ) mas ele lê-se, devendo-se pronunciar *mut* (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 213 e 568; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 120).

[31] Na palavra *s3kt.i* não faz sentido a existência de um *t*. Gardiner e Blackman pensam do mesmo modo, não tendo muita certeza se é um *t* ou o caracter anterior mal feito (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pl. 5a; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, pp. 13 e 13a).

[32] Na realidade a palavra *ḫrw* significa «voz» e a palavra *nmi* traduz-se por «berros», «gritos», mas tratando-se da «voz de berros de vacas» obviamente que em português são «mugidos».

[33] A palavra *mnmnt* significa gado *vacum* na generalidade, mas em português, independentemente de serem vacas, bois ou vitelos, é hábito usar neste sentido o termo «vacas».

[34] Na expressão *psi.f* há uma anteposição gráfica: o pronome sufixo ( ) antecede o determinativo G. Q7 ( ).

[35] A cidade de Kepeni, que em R está escrita , é o nome que os Egípcios atribuíam a uma das mais importantes cidades da região de Canaã com quem mantiveram relações comerciais, em especial os faraós da XII dinastia. A Gubla ou Guebal em língua semita, o excelente porto fenício cujo nome os Gregos adaptaram para Biblos é hoje apelidada de Gebel. Aí procuravam os Egípcios uma das matérias-primas de que mais necessitavam e que, por sinal, era o principal produto local, a madeira (B. MENU, *Petit Lexique de l'Égyptien Hièroglyphique*, p. 297; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 44; J. A. RAMOS, «Biblos», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 153-154).

[36] Kedem era, provavelmente, a montanha libanesa, produtora da célebre madeira de cedro da região, ou o nome de uma povoação que se localizava nessa área (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 44; B. MENU, *Petit Lexique de l'Égyptien Hièroglyphique*, p. 297).

[37] É duvidosa a tradução desta passagem. Uns autores traduzem por «meio ano» (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 29; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 60), outros por «ano e meio» (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», p. 10; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 8; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 224; P. LUINO, *La Véritable Histoire de Sinouhé*, p. 49). Contudo, ninguém parece ter-se interessado em ultrapassar esta questão temporal da forma mais simples: *gs*, além de significar «meio», que não

se sabe bem se é para acrescentar ou diminuir ao ano, embora gramaticalmente pareça mais «ano e meio», significa «lugar»; e *im*, que não tem o caracter G. Aa13 (=), não podendo ser «lado» mas antes uma partícula proclítica, pode ser também o advérbio de lugar «ali», «aí» ou «lá» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 17 e 291).

[38] Desde o encontro com os Asiáticos que não se entende bem se Sinuhe, embora com um tratamento de excelência, foi escravizado ou não. Há frases duvidosas, como «eu fui dado de país em país». Agora este verbo *ini*, para além de poder significar «trazer», «retirar» ou «buscar», também significa «comprar», «adquirir» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 22). Se não o conhecia, por que outra razão Amunenchi teria ido buscar Sinuhe? Não foi um encontro casual!

[39] O Retenu era a actual Palestina, sendo o Retenu Superior o actual Líbano do Norte, onde ficava a cidade de Biblos, hoje a cidade de Gebel a norte de Beirute (cfr. nota 35). Antes, na Antiguidade, foi ainda designada por Fenícia e no Império Novo os Egípcios designaram-na por Djahi. Era uma região onde o Egipto do Império Médio mantinha uma intensa actividade comercial, tanto através do porto de Biblos como por via terrestre através dos Caminhos de Hórus, evitando qualquer tipo de intervenção militar e desenvolvendo uma forte influência cultural egípcia (B. MANLEY, *Atlas Historique de l'Égypte Ancienne*, pp. 48-49 e 72-73). Numa manifestação de superioridade cultural, o próprio rei do Retenu era visto como governador, uma vez que para os Egípcios só o seu faraó era considerado rei e, por consequência, senhor de todas as terras. Aliás, isso mesmo é considerado em B 221-223 quando Sinuhe afirma: «São governadores de nomes famosos que cresceram no amor a ti, sem mencionar o Retenu, que é teu como os teus cães de caça!»

[40] Esta última frase não consta de B, aparecendo em R 59, tanto em Gardiner como em Blackman, bem como em OB^1 e OB^3, que Blackman apresenta nesta passagem (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 3a e 6a; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 16).

[41] Em B só aparece a parte final da cartela, não existindo a parte que deveria anteceder a palavra «ré» (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pp. 6a e 6; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 16).

[42] Faulkner traduz esta expressão por «deturpar a verdade», mas Gardiner, no § 194 da sua gramática, explica que esta é uma frase idiomática usada como substantivo: falso, erróneo, mentiroso, inexacto (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 13; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 145).

[43] De facto, a preposição de (*n*) não está lá, mas só pode ser uma distracção do escriba uma vez que em seu lugar repetiu o caracter G. N16, que ali não faz

qualquer sentido. Em B e OB[3], tal não acontece (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pl. 6[a]; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 17).

[44] A palavra *mšᶜ* pode escrever-se de duas maneiras: e (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 119). Como facilmente se compreende pelos determinativos, a primeira dirá respeito a uma expedição efectuada por meios náuticos e a segunda a uma expedição que evolui em marcha por terra. Deste modo, é de crer que ele se quisesse referir a uma expedição marítima à Líbia, vizinha do Egipto, mas, igualmente, sobranceira ao Mediterrâneo.

[45] Nesta passagem é claramente visível a diferença entre coração físico, *ḥ3ty*, e «espírito», «pensamento», «consciência», *ib*.

[46] Na palavra *ntf*, um pronome independente da terceira pessoa singular masculino, não se percebe o que fazem os determinativos G. D20 () e G. A2 (). Na palavra *wᶜrwt* ( ), cujo significado literal é «voar», aparece o determinativo G. N23 ( ) que significa «canais de irrigação», «terras irrigadas». Portanto será um «voo por terra», isto é, neste contexto uma corrida ou uma fuga, para o que contribui também a presença do fonema trilítero *wᶜr* () (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 442, 452, 457 e 488; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 58 e 142).

[47] Aquele que relata é um arauto, por isso a frase é «o meu nome não foi ouvido na boca de um arauto».

[48] Estas frases não constam de B. São R65, R66 e R67 (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pl. 3a; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, pp. 17-18).

[49] *.k(w)i* é uma variante da primeira pessoa do singular masculino do pronome sufixo, que já surgiu completo, utilizado com a forma verbal do pseudo-particípio («old perfective» de Gardiner). Nesta forma verbal, os verbos transitivos têm um significado passivo e os verbos intransitivos marcam um resultado, uma situação já realizada. Tem, portanto, um carácter estático, que se opõe ao carácter dinâmico da flexão sufixal. Marcam o estado do sujeito. Como as desinências pronominais do pseudo-particípio são próprias e indissolúveis do verbo, na transliteração devem estar ligadas a ele por um ponto (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 234-245; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hièroglyphique*, pp. 82-84 e 141-146).

[50] Sinuhe inicia aqui um elogio a Senuseret.

[51] Ou seja, é capaz de obrigar um touro a baixar a cabeça.

[52] «Lava a cara» no sentido de «vingar» ou «repor a dignidade».

[53] A palavra composta *ʿḥᶜ-ib*, literalmente «levantar o coração», «levantar o espírito», «levantar o ânimo», pode ser utilizada em expressões ideomática com o signifi-

cado de «persistente» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 47; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 125-126).

[54] O primeiro signo da palavra *i3bt* é mesmo o G. U23 ( ) e não o habitual G. R15 ( ) (A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 21; A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 4, 4a, 7 e 7a; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 8).

[55] O pronome sufixo *.f* ( ) foi introduzido posteriormente.

[56] Pelo facto de presidir aos partos reais, segundo os «Textos das Pirâmides», onde surge no § 580 um epíteto igual a este («O seu coração [do rei] pertence a Sekhmet, a Grande»), e por já ter sido nomeada (B, 45), deverá ser a deusa Sekhmet (R. O. FAULKNER, *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, pp. 234-235; J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, p. 284).

[57] A preposição *m* não consta de B; contudo, está presente em R e G (A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 21; A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 4, 4a, 7 e 7a).

[58] Não há dúvida de que o que está escrito é cidade. Não nos parece muito lógico escrever cidade querendo escrever país: *t3*, *t3-mḥw* ou *kmt* são palavras bem diferentes com grafemas bastante diferentes. Provavelmente pretendia-se pôr em relevo a cidade, isto é, a capital onde residia o soberano ou de onde tinha partido, mais uma vez, a reunificação, onde, de certo modo, os habitantes locais viviam mais perto do seu rei: Iti-taui.

[59] O pronome sufixo *sn* não consta de B, só figurando em R. Tanto esta como a aplicação seguinte deste pronome, *nṯr.sn*, é estranha à estrutura gramatical portuguesa, contudo, em egípcio, a palavra «corpo» é um substantivo colectivo donde, em nosso entender, a utilização de um plural. Razão similar assiste ao caso seguinte. Embora haja noutros textos diversos exemplos da utilização da palavra «deus» no plural, aqui, talvez devido à proximidade do caso anterior, o politeísmo egípcio foi tratado desta maneira: a referência devia ser em relação ao deus principal da cidade, mas o pronome lembrou que a cidade tinha vários deuses. Independentemente destes considerandos, que traduzem o que pode ter vindo ao pensamento do escriba, é obvio que são erros gramaticais (A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 21; A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 4, 4a, 7 e 7a; J. H. WALKER, *Studies in Ancient Egyptian Anatomical Terminology*, p. 18).

[60] A cidade e os seus habitantes.

[61] Para tornar mais compreensível esta passagem, houve necessidade de recorrer a R, 93. Aí surge a expressão *r.s*, omissa em B, e que, literalmente, significa «para isso». Lefebvre dá-nos a indicação de que uma frase idêntica, mais explícita, consta de uma inscrição de Tutmés III: «ovo perfeito de Amon, saído do seio

(maternal) quando o seu rosto estava (já virado) para a realeza (*r nsyt*)» (A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 21; A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 4, 4a, 7 e 7a; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 11).

[62] Ou seja, os seus contemporâneos.

[63] Os dois últimos caracteres da palavra *rswy* ( ), foram introduzidos posteriormente no espaço entre as duas colunas.

[64] Sul (*rsyw*), por causa da concordância no plural, é mais uma palavra mal escrita, mesmo tendo em conta as variantes: não só o primeiro caracter costuma ser G. M24 como lhe falta o *y*, G. Z4: dever-se-ia escrever (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 153).

[65] O caracter G. Z7 ( ) do pronome dependente *tw* não aparece em B, só em R (A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 22; A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 4, 4a, 7 e 7a).

[66] É uma expressão de fidelidade a uma pessoa. Hoje dizemos, «estar no mesmo barco». Contudo, a explicação egípcia de «estar na água» é um pouco mais complexa. Padiusir («Dado por Osíris»), cuja forma onomástica grega é Petosíris, viveu nos finais do período faraónico, na XXX dinastia, período da segunda dominação dos Persas (343-332 a. C.) e da tomada de posse do Egipto por Alexandre Magno, em 332 a. C. Além de sumo sacerdote de Tot, era sacerdote da Ogdóade (da «Cidade dos Oito», Khmunu), chefe dos sacerdotes de Sekhmet, segundo sacerdote de Khnum-Ré e sacerdote de Amon-Ré, tudo em Hermópolis Magna, nome que os gregos davam a Khmunu, onde Tot era a divindade principal como deus da sabedoria, ou nas imediações (Heruer e Neferusi). Os textos do seu túmulo, embora sejam muito tardios em relação à *História de Sinuhe*, explicam claramente o pensamento egípcio acerca desta temática. Para revelar que se encontrava no «caminho correcto», no «bom caminho» ou no «caminho de deus», Padiusir utiliza alusões à água: «Eu estava na água do senhor de Khmunu». Regista Luís Araújo: «Segundo Bernadette Menu a metáfora do "caminho" ou do "rio" ilustra bem a via traçada por uma autoridade divina (um deus ou o rei) que o Egípcio, ainda candidato a múmia, deveria seguir para poder alcançar a suprema recompensa da eternidade. Assim "estar na água" do rei ou de um deus, ou estar no "caminho de vida", no "caminho de deus", significava cumprir as regras morais e de sã conduta, respeitar os outros, ser solidário, saber escutar, e ter um comportamento nobre e altruísta». Como corolário deste pensamento, Djedhor, filho de Padiusir, fez gravar para a eternidade o seguinte discurso de carácter sapiencial, ainda segundo informação de Luís Araújo: «Que o teu coração se regozije por todo o bem que te foi dado desde que andas sobre as águas do teu senhor Tot. O teu ser é exaltado por isso, estas são as águas da vida para as quais se orientou o teu

coração. É bendito por deus aquele que se esforça por seguir o seu caminho e esse é o terreno em que te apoias. Não há caminho que se possa comparar a este, ele prolonga a existência, multiplicando os anos de vida e enriquecendo o homem que é pobre». (L. M. ARAÚJO, «O túmulo de Petosíris: expressão da confluência cultural greco-egípcia», pp. 331-334). É evidente que estes textos são de uma época em que a ética e a sabedoria tradicionais do Império Médio se tinham transformado em religião. O grande pilar da conduta humana já não era *maat*, mas a «vontade de deus». Contudo, recordamos que um dos textos mais emblemáticos do Império Médio, e que foi justamente apelidado de compêndio de *maat*, o *Conto do Camponês Eloquente*, que incluímos neste trabalho, recorre sistematicamente, quase do princípio ao fim, a metáforas sobre a água, fazendo da expressão «o meu caminho é bom» o mote de desenvolvimento ideológico desse texto (cfr. o *Conto do Camponês Eloquente*, pp. 158-244).

[67] Do rei.

[68] Sinuhe instala-se em casa de Amunenchi.

[69] Alguns autores especificam que era óleo de moringa. Na família botânica das moringácias existem diversos tipos de moringa. O que é aqui referido será, provavelmente, a *moringa peregrina*, endémica no Nordeste africano. Nativa da região do mar Vermelho, espalha-se do Norte da Somália ao Golfo Pérsico e, mais a norte, chega ao mar Morto. É exclusiva destas regiões. O óleo produzido a partir dos seus tubérculos parece ter sido um dos mais importantes da Antiguidade, sendo usado em diversas aplicações (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 79; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 31; L. MANNICHE, *Egyptian Luxuries*, pp. 7 e 30; e ainda *Moringa Home Page* em http://www.mobot.org/gradstudents/olson/moringahome.html).

[70] Não há nada escrito no manuscrito, apenas um espaço em branco onde caberão dois a quatro caracteres (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 8, 8a; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 24). As propostas de Parkinson, Lichtheim e Simpson, «doces», e a de Lefebvre, «bolos», são apenas isso mesmo: propostas que procuram colmatar uma falha original (B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 32; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 63; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 227; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 12).

[71] Neste caso residência real, mais do que uma referência ao palácio real é uma referência ao Egipto. Assim, o sentido desta frase é: «todo aquele que viajasse do Egipto ou para o Egipto».

[72] É desta expressão *hekau-khasut*, com que os Egípcios designavam qualquer povo estrangeiro e não uma raça específica, que os Gregos formarão a palavra hicsos. É assim um conjunto heterogéneo de populações que, em várias fases da história

faraónica, se instalaram e dominaram o Egipto. A primeira leva significativa que penetrou gradualmente no Egipto aproveitando a debilidade e ineficácia dos faraós da XIII dinastia, foi constituída por grupos nómadas vindos dos territórios a leste do Delta. Tendo sido uma implantação progressiva e, no geral, pacífica, os momentos bélicos foram-lhes favoráveis, fruto das melhores armas e técnicas militares mais eficazes que possuíam. Por exemplo, foram os responsáveis pela introdução dos carros ligeiros de combate atrelados a dois cavalos. Seriam de tal maneira importantes na história do Egipto, que tiveram força suficiente para ter as suas próprias dinastias, a XV e a XVI dinastias egípcias. Estas dinastias foram contemporâneas, sendo os reis da segunda vassalos dos da primeira, e fazem parte de um dos períodos conturbados da história deste país: o Segundo Período Intermediário. Embora conservando a sua própria identidade cultural, os Hicsos adoptaram muito da cultura egípcia: a administração, a escrita, as titulaturas reais, a religião, alguns modelos estéticos, etc. Tiveram Auaris como a sua principal cidade (M. J. SEGURO, «Hicsos», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 419-420; I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, pp. 136 e 137).

[73] A palavra mais comum para tenda é *iʿm*, , sendo *im(ȝ)* uma variante (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 551).

[74] Ou seja, «que tinha vencido todos os adversários no Retenu».

[75] Cfr. M. DEFOSSEZ, «Note lexicographique sur le mot *ḥwtf* », pp. 187-190.

[76] Amunenchi, governador do Retenu e amigo de Sinuhe.

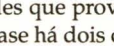
[77] A palavra *rḳ* significa «separar», e *ib* «coração», «espírito», «vontade», «desejo»; daí que possam ser atribuídos a esta expressão, segundo os determinativos, os significados de «má vontade», «inveja», «descontentamento», «rancor» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 153; B. MENU, *Petit Lexique de l'Égyptien Hièroglyphique*, p. 136; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 268-269).

[78] Aqui surge o que, aparentemente, parece ser mais um erro ou distracção do escriba: deveria constar a segunda pessoa masculina singular do pronome sufixo, *.k* ( ), em vez da terceira pessoa masculina singular *.f* ( ).

[79] Para Faulkner a palavra *idt*, , é incerta devido à sua origem e derivação. Originalmente a palavra *idt* escrevia-se , ou , significando «vulva», o que está de acordo com o caracter G. F45 () que Gardiner diz representar o «útero bifurcado de uma bezerra»; por extensão surgiu com o determinativo G. E1 ( ) passando a significar, com este determinativo, «vaca». Embora admitindo que neste contexto, o que provavelmente se pretenderia escrever era *idr*, , nesta ou noutra qualquer variante, a existência desta palavra nesta frase pode levar-nos a pensar que, se foi intencional, poderia ter sido com a intenção de dar a entender ao leitor que era um touro no meio de uma manada de vacas, ou de «chocas» que,

aliás, teriam também o seu semental (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 466 e 492; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 35).

[80] Sinuhe inicia aqui uma série de máximas onde se confrontam algumas incompatibilidades que provocam espanto. É um verdadeiro ensinamento.

[81] Nesta frase há dois caracteres excedentários. Quanto à frase seguinte, a expressão *minb.f* (), ainda que incompleta, está bem escrita em R 166, em particular no que respeita ao bilítero N36 (), que poderia ser o fonema *mi* (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 8, 8a; A. H. GARDINER, *Notes of the Story of Sinuhe*, pp. 55 e 144; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 28).

[82] Montu, o deus falcão, era uma divindade guerreira, patrono das armas (cfr. J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 206-209).

[83] A palavra *mrw* aparece bem escrita em R 168. Mais uma vez é uma palavra incompleta mas, no lugar do caracter G. N36 ( ), que aqui se assume como o bilítero *mr*, não há qualquer dúvida (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 8, 8a; A. H. GARDINER, *Notes of the Story of Sinuhe*, pp. 55 e 144; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 28).

[84] Isto é, poderoso.

[85] Conforme se observa em Gardiner e tal como noutras situações em que um ou outro caracter foi acrescentado posteriormente à margem das colunas, o verbo dar e o pronome sufixo, *di.i* ( ) foram introduzidos após a escrita corrente do texto. É um texto com muitos erros e algumas correcções.

[86] Neste local, B apresenta o resto da coluna em branco (cerca de meia coluna) e todo um espaço de uma coluna à sua esquerda, continuando o texto normalmente no início da coluna seguinte. Esse espaço foi subtraído à contagem, não tendo sido feito qualquer salto na mesma.

[87] Sinuhe inicia aqui um momento de nostalgia do Egipto e da corte.

[88] Esta afirmação não deve levar-nos a pensar que Sinuhe tivesse poder sobre a acção do deus, uma impossibilidade para qualquer mortal na cultura dos antigos Egípcios, mas que as suas acções levaram a divindade a reconsiderar a sua actuação junto de Sinuhe.

[89] É uma variante de *wḏb-ʿ* ( ), mas ao ver o pronome sufixo intrometer-se entre as suas duas componentes esta palavra composta deixa de o ser passando a *wdb.f ʿ* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 72 e 76; A. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 157).

[90] Ou seja, a rainha. Aliás, o próprio pronome pessoal está errado, devia estar no feminino *ʿḥ.s*.

[91] O texto hieroglífico apresenta aqui um incompreensível *n* (—).

[92] As «cidades da eternidade» eram as necrópoles.

[93] Epíteto para rainha.

[94] A rainha Neferu é identificada com a deusa Nut, incarnação da abóbada celeste, normalmente representada no interior da tampa dos sarcófagos. Deste modo, a rainha continuaria a proteger Sinuhe para além da morte física, ou seja, durante a sua eternidade (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 16; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 234).

[95] O nome de entronização de Senuseret I é Kheperkaré («O *kꜣ* de Ré vem à existência»). Sem possibilidades de confrontar com R, que nesta passagem, mesmo no final do manuscrito existente, se encontra em falta, consideramos que o plural de *kꜣ* deve ter sido mais uma negligência do escriba. Tanto mais que, na linha 179 o escreveu correctamente. Temos, ainda, a informação de que o nome está correctamente escrito no único local que, relativamente a esta passagem, possibilita uma comparação: o Ashmolean Ostracon of Sinuhe. Foram feitos todos os esforços para obter cópia ou microfilme da obra de J. W. B. Barns (J. W. B. BARNS, *Ashmolean Ostracon of Sinuhe*, Oxford, 1952), mas o British Museum alegou sempre ser uma «obra de referência» que não poderia ser deslocada, fotocopiada ou microfilmada (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 10, 10a, 11 e 11a; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 31; P. LE GUILLOUX, *Les Aventures de Sinouhé*, p. 57; P. A. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, p. 78). Logo a seguir há outro lapso do escriba, ao aplicar o epíteto «justo de voz» a um rei que, no momento da acção descrita no conto, estaria ainda vivo.

[96] Isto é, «para alegrar o coração». Os dois caracteres da palavra «coração» ( ), bem como o pronome relativo «que» ( ) e o pronome sufixo «seu» que acompanha o substantivo «palácio» ( ), foram acrescentados *a posteriori* entre colunas (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 10 e 10a; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 31).

[97] A coluna 177 está escrita em menos de metade do espaço normalmente ocupado pelas outras colunas. Por um lado, o escriba ao prever que o título que se segue não cabia por inteiro até ao fim da coluna, poderá ter entendido que o deveria escrever na totalidade na coluna seguinte; por outro lado, houve uma mudança de orientação de escrita: a coluna 178 transformou-se em linha; a 179 voltará a ser uma coluna, mas a partir da 180 teremos linhas até à 276, só voltando às colunas com a 277. A coluna 179 estende-se à direita do início de cada uma das linhas 180 a 192. Mantém-se o sentido da leitura da direita para a esquerda (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pl. 11).

[98] Sem dúvida que, até ao momento, esta é a maior incoerência do escriba. Aqui deveria constar *s-n-wsrt* ( )! É de Senuseret que estamos a falar! Esta é a sua titulatura real, cuja forma e conteúdo eram o seu protocolo de governação. Falta o terceiro nome, o Hórus de Ouro, que por sinal era igual ao nome de Hórus

e ao nome das Duas Senhoras, *ʿnḫ-mswt*, «Aquele que vive dos nascimentos» (J. VON BECKERATH, «Königsnamen», em *LÄ* III, 1980, col. 546) mas depois da coroação a titulatura real raramente voltava a ser citada completa, destacando-se como mais frequentes o nome de Hórus, o nome de coroação e o nome de nascimento. Temos, ainda, a informação de que o nome está correcto no Ashmolean Ostracon of Sinuhe (P. LE GUILLOUX, *Les Aventures de Sinouhé*, p. 57).

[99] Incompreensivelmente, no nome de Sinuhe aqui escrito aparece um caracter estranho e excedentário, G. O1 ( ), que nada tem a ver com o «filho do sicómoro».

[100] O caracter G. Z1 que se encontra ao lado de G. X1 () na palavra *ḫ3swt* ( ), parece ter sido apagado propositadamente. De facto, um dos dois caracteres semelhantes estava a mais.

[101] Referência à rainha Neferu, assimilada a Nut (cfr. nota 109).

[102] A palavra *dpt* () existe, com diferentes determinativos, para «barco» (), «gosto», «sabor» () e «rins» (). Da forma que se apresenta aqui, não consta em lado algum. Gardiner confirma que é o que de facto lá está, mas que pode ter havido uma correcção, e Blackman acrescenta que Sethe, em *Aegyptische Lesestücke*, p. 11, sugere que os caracteres hieráticos corrompidos, transcritos para hieróglifos, fossem , ou seja, uma variante da palavra *k3p*, que é o verbo «cobrir». Neste sentido, «a cabeça coberta» seria no sentido de estar coberta com algo de especial; como sabemos que é da rainha que se está a falar, provavelmente seria a cabeça coberta pelas insígnias reais. Daí que tenhamos optado pela presente tradução (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 11 e 11a; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 32; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 284 e 312).

[103] O palácio (cfr. nota 13).

[104] Estes amigos não são os amigos de Sinuhe, mas os amigos do rei. De facto, a designação de amigo, *semer* (*smr*) funcionava como um título para os que privavam com o rei (ver notas 19 e 154).

[105] A obtenção do estado de bem-aventurança, *imakh* (*im3ḫ*), não era para todos. Ser *imakhu* (*im3ḫw*) era uma posição social. Veja-se o *Conto do Camponês Eloquente*.

[106] Deusa da tecelagem a quem competia produzir o tecido para a preparação dos corpos dos defuntos (cfr. J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, p. 361).

[107] A palavra *t3* tem um caracter a mais, D36 (), que não lhe pertence (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 11 e 11a; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 32).

[108] Há claramente uma distinção entre a palavra *wi*, que se refere à cobertura da múmia, ao seu primeiro invólucro, e a palavra *mstpt*, que significa sarcófago, o invólucro exterior. Embora tenham variado em vários aspectos ao longo da his-

tória, os sarcófagos eram de madeira, pedra, cartonagem, terracota e, até, de ouro, podendo coexistir vários sarcófagos de tamanhos diferentes encaixados uns nos outros; os exteriores tinham forma, normalmente, rectangular e os interiores forma antropomórfica, mas um mesmo defunto podia ter, em simultâneo, as duas formas, sendo os exteriores rectangulares e os interiores antropomórficos. O ouro era utilizado na preparação dos corpos em conformidade com o estatuto social do defunto, podendo surgir, de dentro para fora, em coberturas de membros, amuletos, máscaras ou sarcófagos maciços. A múmia, o corpo do defunto enfaixado, tinha uma primeira cobertura, uma mortalha que envolvia a totalidade do corpo, que uniformizava a sua apresentação; tal como as faixas, era quase exclusivamente de linho e podia apresentar, ou não, decoração alusiva à existência no outro mundo, como pinturas de divindades protectoras e textos mágicos. Deste modo não poderia ser «a primeira cobertura de ouro». Antes do sarcófago, a primeira cobertura usada nas múmias eram máscaras, conforme propõe Sánchez Rodríguez. Contrariamente aos Ingleses, em Portugal não se diferencia caixão de sarcófago. *Grosso modo*, os egiptólogos anglo-americanos reservam o termo «sarcófago» para o ataúde final, regra geral rectangular e de pedra, que era depositado no túmulo, designando todos os outros féretros que estivessem no seu interior por caixões (cfr. J. H. TAYLOR, *Death and the Afterlife in Ancient Egypt*; cfr. S. IKRAM e A. DODSON, *The Mummy in Ancient Egypt. Equipping the Dead for Eternity*; cfr. *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 592-595 e 765-767; A. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 138).

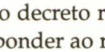
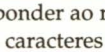
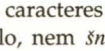
[109] No texto está claramente expresso céu, *pt*. Contudo, é uma alusão à presença da deusa Nut no sarcófago. No interior da sua tampa, exactamente por cima da múmia, era comum a representação do firmamento simbolizado pelo corpo da deusa, como protectora do morto: ela garantia a abundância de água e alimentos na Duat, podendo também ser representada como uma vaca, «a vaca do céu». Por vezes a imagem de Nut era gravada na base interna, sob o defunto, conforme podemos ver na base do sarcófago externo de Pabasa, dos séculos III-I a. C., ptolemaico, portanto, que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa. Aparecia também no exterior dos sarcófagos e nas paredes dos túmulos, quer em representações pictóricas, quer em textos. Esta deusa cósmica que personificava o céu, a abóbada celeste, arqueava o seu corpo sobre a terra, Geb, seu irmão e marido, do qual era separada pelo seu pai, Chu, deus da atmosfera (unido a Tefnut, deusa da humidade) por ter desobedecido a Ré e se ter unido ao irmão contra sua vontade. Tocava o solo com a ponta dos dedos das mãos e dos pés nos quatro pontos cardeais. A boca e a vagina encontravam-se ao nível do horizonte, representando respectivamente a entrada e saída do sol (Ré), seu filho, que todos os dias ao entardecer era por si devorado (Atum) para na manhã

seguinte nascer de novo do seu ventre (Khepri). É um dos elementos da Enéade heliopolitana, mãe de Osíris, Ísis, Set e Néftis, que foi concebida depois dos seus pais serem criados por Atum, o criador solitário, que surgiu do Nun, o oceano primordial, o não-criado (J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 118-121; I. SHAW e P. NICHOLSON, «Nut», em *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, pp. 207--208; C. M. FARIAS, «Nut», em *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 633; J. H. TAYLOR, *Death and the Afterlife in Ancient Egypt*, pp. 29, 30, 88, 124-125, 225, 234 e 240; L. M. ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, pp. 302-303).

[110] O rei trata-o como a um filho, prometendo-lhe um túmulo junto dos túmulos dos seus próprios filhos.

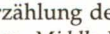
[111] É a apresentação de um *modus operandis* diferente do egípcio. O tratamento do corpo do defunto com recurso a uma pele de caprino, e a designação do túmulo por uma palavra não habitual no Egipto, como que a menosprezar e diminuir a importância destes rituais estrangeiros e a acrescentar um certo grau de impureza.

[112] Erro, ou «variante», como lhe chama Faulkner, de *whyt* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 66).

[113] É um gesto de humildade e respeito pelo decreto real. Sinuhe vai demonstrar a sua alegria por este acontecimento e responder ao rei. A palavra *šnby* () é uma curiosidade ortográfica: com estes caracteres não existe nenhuma palavra; e não é nem *šnw* (), cabelo, nem *šnbt* (), peito. Tendo em conta o determinativo, optamos por cabelo (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 268-269).

[114] O determinativo G. A17 () foi feito sem braços. O próprio Faulkner assinala essa ocorrência. Não é caso único. Já antes apareceram dois caracteres G. G41 ( ) sem asas (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 11 e 11a; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 32; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 324).

[115] Isto é, à espera da morte, que para os Egípcios era apenas uma etapa a caminho da eternidade.

[116] Variante da palavra  (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 139).

[117] Referência à Enéade de Heliópolis, na qual Atum, o demiurgo, ocupa o primeiro lugar.

[118] Sopedu era um deus falcão da região nordeste do Delta, muitas vezes assimilado ao próprio Hórus. Representado normalmente por um falcão com duas longas plumas na cabeça, podia também assumir a forma de um homem com barba postiça. Mantinha as duas plumas na cabeça. Vulgarmente era representado com feições asiáticas, parecendo um guerreiro beduíno. Dominava todo o deserto oriental, tendo a seu cargo a vigilância das fronteiras orientais do Delta e a pro-

tecção dos interesses egípcios nas minas de turquesa da península do Sinai. Por tudo isto, foram-lhe atribuídos epítetos como «senhor do Este», ou «castigador dos Asiáticos». Entre Sopedu e Hórus do Oriente existe a nomeação de outras duas divindades, provavelmente locais, que, se Sopedu é o Hórus do Oriente, só podem estar associadas a ele na divindade sincrética Sopedu-Neferbau-Semseru, entendida no conjunto como o Hórus do Oriente. Julgamos que, ao contrário de Parkinson e Lichtheim, Gardiner e Lefebvre parecem não ter razão ao separar estas divindades. Contudo, Lefebvre, em nota, refere que Neferbau, Semseru e o Hórus do Oriente (?), são três divindades assimiladas por Sopedu (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 37; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 230; A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», p. 12; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 18; J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 172-173).

[119] Por um lado, a palavra *imḥt* significa «o mundo inferior», o «outro mundo», o Além, a Duat; por outro lado, parece uma referência à *iaret* do faraó.

[120] São as divindades que auxiliam Hapi, o deus da inundação do Nilo.

[121] Ureret é a designação da coroa branca do Alto Egipto, e a «senhora do Punt» é Hathor. Por isso esta divindade, «A Grande», assimila as duas. O Punt era uma região muito rica, algures na costa do mar Vermelho, a sul do Egipto, de onde vinham muitas riquezas (cfr. nota 62 do *Conto do Náufrago*). A palavra *nbt* devia ter como determinativo G. B1 ( ), mas no final da linha 209 do papiro B, o que é visível é um caracter igual ao de outros dois caracteres existentes no meio da mesma linha (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pl. 12).

[122] A «Terra Amada» é o Egipto (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 293). Nesta enumeração dos deuses que Sinuhe afirma protegerem o rei, figuram as principais divindades cósmicas (Ré, Hórus, Hathor, Atum e a sua Enéade), os deuses protectores da XII dinastia (Ré, Montu, Amon e Sobek), a *iaret* (serpente sagrada que mais tarde os Gregos chamarão *uraeus*), divindades com influência na parte oriental do Egipto (Sopedu e as duas divindades asiáticas a ele associadas, Neferbau e Semseru), divindades fluviais (o Conselho de Hapi), o deus de Copto, Min-Hórus, protector das estradas que conduziam ao mar Vermelho, a «senhora do Punt», Nut e Horuer-Ré divindades de Qus e Qift, ambas a noroeste de Nagada (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 18; cfr. J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 109 e 111).

[123] Faulkner, Parkinson ou Lichtheim, traduzem *uadj-uer* (*wȝḏ-wr*) por «mar», mas outros, como Lefebvre ou Luino, filiando-se em Vandersleyen, traduzem por «Grande Verde» e «Muito Verde», referindo-se ao Delta, a maior zona verde do Egipto. Fruto de vinte e cinco anos de pesquisas e reflexão, Vandersleyen apre-

senta uma excelente argumentação, apoiada pela reprodução hieroglífica transliterada e traduzida dos 322 documentos em que se apoiou, no sentido de provar que aquele termo jamais designou o mar: «*uadj ur* não podia ser senão uma vista do Nilo, as zonas que ele irrigava, que ele tornava verdejantes, zonas portanto estritamente limitadas aos territórios que a inundação alcançava, quer dizer o vale, incluindo o delta e o Faium», sem excluir as regiões ao sul do Nilo no Alto Egipto. Aliás, tendo em atenção o contexto em que está integrado *uadj--uer*, é nossa opinião que tudo aponta para o Nilo e não para o mar: «...do conselho que está sobre a Inundação, de Min-Hórus que está no meio dos desertos, de Ureret senhora de Punt...» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 56; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 37; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 230; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 19; P. LUINO, *La Véritable Histoire de Sinouhé*, p. 73; cfr. VANDERSLEYEN, *Ouadj our. Un outre aspect de la Vallée du Nil*, pp. 8-9). Cfr. nota 15 do *Conto do Náufrago* e T. F. CANHÃO, *O Conto do Náufrago. Um olhar sobre o Império Médio egípcio. Análise histórico-fisolófica*, pp. 32-36.

[124] Ou seja, «deixá-lo viver».

[125] Aqui estão expressas as duas ideias complementares de eternidade em que assentava a concepção de tempo dos Egípcios: o tempo de Ré, uma contagem cíclica baseada no movimento do sol, que se repete todos os dias (*nḥḥ*) e que, por esse facto, é infinita; e o tempo de Osíris, uma contagem linear de ciclos que se iniciavam cada vez que um novo rei subia ao trono. Estes ciclos sucediam-se uns aos outros (*ḏt*), tornando a contagem linear infinita na globalidade, mas finita cada vez que era coroado um novo rei. Uma vez que esta última é, assim, uma «eternidade» limitada à capacidade de sobrevivência de cada monarca, para evitar a repetição do termo, optamos aqui por «duração». Esta era a compreensão política do tempo que se filiava na sua concepção cósmica: partindo do tradicional dualismo, os Egípcios entendiam a ideia de eternidade como a união entre o tempo *neheh* e o tempo *djet*: «que viva eternamente, para sempre» (*ankh neheh djet*). *Neheh* correspondia ao tempo cíclico e solar, filiando-se no sol, Ré, que nasce todos os dias e depois desaparece para renascer no dia seguinte; *djet* correspondia ao tempo linear que segue o seu rumo sempre para diante, infinitamente, como Osíris, rei da eternidade e senhor dos defuntos. Através do culto dos mortos uniam-se esses dois conceitos: uma renovação diária em todos os dias do futuro (L. M. ARAÚJO, «Eternidade», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 350-351; T. F. CANHÃO, «O calendário egípcio: origens, estruturas e sobrevivências», p. 39.

[126] Expressão semelhante ao actual «por vales e montes» com o significado de «por todo o lado» (cfr. R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 292).

[127] O Ocidente é onde se enterravam os defuntos, onde ficavam as necrópoles, as moradas da eternidade, a Duat. Assim, esta frase é o mesmo do que: «É a prece deste humilde servidor ao seu senhor, que o salva da morte».

[128] A palavra *sỉ3* tanto pode representar o verbo «saber», «entender», «discernir», «pensar», como o substantivo «percepção», «conhecimento». Neste último caso refere-se ao conhecimento intuitivo, não racional, «um poder intelectual utilizado na criação do cosmos», como refere Parkinson (cfr. R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 212; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 38 e 50; P. LUINO, *La Véritable Histoire de Sinouhé*, p. 74).

[129] Uma quinta maneira de referir o palácio: *stp-s3* (cfr. nota 60 de *Khufu e os Magos*).

[130] Isto é, de quem sobrevive unicamente pelos seus meios sem qualquer tipo de ajuda.

[131] O *r* antes do *f* é mais uma distracção do escriba; provavelmente estão trocados e seria *rdi* em vez de *di*.

[132] Entendemos que *3* surge aqui como uma partícula enclítica com valor exclamativo, traduzindo-se por «de facto», «na verdade» ou «deveras». Contudo, a expressão que em português melhor se aplica na circunstância é «por isso» (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 184).

[133] O mais lógico seria termos aqui um pronome composto mal escrito (*tw.i*), «eu», ficando a frase «Por isso, eu ponho-me sob a sua autoridade», mas Gardiner remete esta forma pronominal para a XVII dinastia, para o neo-egípcio, e o papiro em causa é da XII dinastia, escrito em médio egípcio (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 98); também não parece ser o pronome indefinido (*tw*), «alguém», uma vez que sabemos que Sinuhe se refere a si próprio, nem um uso reflexivo do pronome dependente *tw*, porque neste caso não é um apelo para que o rei se coloque sob a sua própria autoridade (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 46); deste modo, só pode ser a segunda pessoa masculina do singular do pronome dependente, em lugar da segunda pessoa masculina do singular do pronome sufixo, como seria correcto, ou ter sido omitido o pronome sufixo (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 39 e 45).

[134] Entre esta frase e a seguinte a encarnado existe um espaço com sinais de um caracter apagado.

[135] Cfr. a nota 36.

[136] Localidade da Ásia.

[137] Localidade da Síria-Palestina. Provavelmente o escriba queria escrever um plural, mas em vez de triplicar cada caracter para fazer o plural ideográfico, apenas os duplicou criando um dual ideográfico.

[138] Outro erro na palavra *ḥk3w*: o primeiro caracter deveria ser G. S38 (𓋴). Cfr. nota 26.

[139] Na palavra *iwd* () os caracteres do meio estão trocados, devendo o *w* ante-

ceder o *d*. Contudo, o *d* parece ter sido feito a partir de uma correcção de outro *w*, como confirmam Gardiner e Blackman. Aparentemente foi corrigido o caracter errado e forçada uma anteposição gráfica (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 12 e 12a; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, pp. 34 e 34a; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 14).

[140] Isto é, que não é empertigado, arrogante, ao ponto de não respeitar a autoridade do seu país.

[141] Sinuhe diz que, conhecendo o seu país, sabia que a sua vida podia correr perigo por ter escutado o que não devia. Com esse receio, pôs-se em fuga.

[142] Ou seja, o faraó é que tinha todo o poder para realizar a escolha e decidir onde era o lugar de Sinuhe.

[143] Para lá da questão do pronome sufixo estar na primeira pessoa do singular, quando devia estar na terceira pessoa do singular, e de ter sido acrescentado *a posteriori* entre as duas linhas, a palavra *ỉ3t* é de tradução duvidosa. Normalmente, tem sido traduzida por «vizir», *ỉ3ty* (P. LUINO, *La Véritable Histoire de Sinouhé*, p. 77) ou vizirato (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», p. 13). Mas Parkinson traduz por «gente miúda», *chicks*, referindo que é uma forma terna de se referir aos filhos já adultos como estratégia literária para manter o interesse da audiência (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 39 e 50). Lichtheim também a traduz com esse sentido, mas de valor mais lato: *brood*, isto é, «ninhada», «bando», «grupo», «descendência» (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 231). Rejeitamos a palavra *vizir* (, ,), que nos parece um erro excessivo e não nos parece ser a opção que melhor se enquadra no contexto. Por outro lado, *ỉ3* ( ), significa «passarinho» e, em sentido figurado, «criança»; e *ỉt* ( ) é um substantivo colectivo que significa «pessoal», «grupo», «habitantes». Ora, estando perante um escriba que nos tem vindo a presentear com um rol considerável de erros, correcções e acrescentos, parece-nos mais provável tratar-se de um erro sobre alguma destas duas últimas palavras do que sobre a primeira.

[144] Já se encontraram muitos erros ortográficos neste texto, mas uma frase inteira deslocada da linha 236 para a linha 238, como fizeram Gardiner e Lefebvre, não nos parece razoável (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», p. 13; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 20).

[145] Sinuhe prepara-se para regressar ao Egipto.

[146] O pronome sufixo que acompanha a palavra «filho» e o determinativo de «mais velho», ambos G. A1 ( ), foram acrescentados *a posteriori* entre linhas (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 13 e 13a; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 35).

[147] Sinuhe já por aqui tinha passado quando fez este caminho em sentido contrário. Segundo Lefebvre, os «Caminhos de Hórus» era a designação de uma fortificação na fronteira entre o Egipto e a Síria, perto de El-Kantara, ponto de passagem das caravanas. Contudo, Manley no seu *Atlas* descreve e desenha uma outra realidade: os «Caminhos de Hórus» eram as rotas de caravanas mais utilizadas na passagem do Egipto para Retenu, seguindo pelo norte do Sinai entre a fortaleza fronteiriça designada por «Muros do Rei», a que Lefebvre chamou de «Muros do Príncipe», a sul, e uma linha de fortalezas junto ao mar, a norte, bases das patrulhas militares egípcias que policiavam permanentemente a região e as caravanas que por aí circulavam (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, pp. 7 nt. 20 e 21 nt. 99; B. MANLEY, *Atlas Historique de l'Égypte Ancienne*, pp. 48-49; cfr. nota 26).

[148] A preposição «para» () que aqui antecede a palavra «asiáticos» ( ) foi acrescentada *a posteriori*, a encarnado, sob a preposição «do» () que, devido à anteposição honorífica, surge na transliteração e na tradução antes da palavra «rei» (), mas que no egípcio hieroglífico está depois de «rei».

[149] A frase está no plural, aparecendo o pronome sufixo na terceira pessoa masculina do singular, *.f* ( ), e devia aparecer na terceira pessoa masculina do plural, *sn* ( ).

[150] A palavra *ỉ3w* significa «alento», podendo ser, portanto, sinónima de «vigor» (A. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 476).

[151] É uma manifestação de alegria: durante toda a viagem fizeram e beberam cerveja. Eram estas as duas principais operações da manufactura da cerveja: amassar a pasta resultante da mistura da farinha de cevada com água e, depois, filtrá-la para um recipiente, devendo-se beber de imediato (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 21).

[152] *Itju* parece ser uma forma arcaica de designar Iti-taui ( ), «Aquela que domina o Duplo País», nome da residência dos primeiros reis da XII dinastia em Licht, ao sul de Mênfis, fundada por Amenemhat I com o nome completo de Amenemhat-Ititaui, ou seja, «Amenemhat dominou as Duas Terras» (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 21; M. J. SEGURO, «Amenemhat», em *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 54).

[153] Isto é, na aurora do segundo dia.

[154] Os amigos aqui referidos são os amigos do faraó, os seus próximos, isto é, os notáveis (ver notas 19 e 104).

[155] Não é o verbo «sentir», mas o verbo «saber», «compreender» que se encontra nesta frase. Contudo, aquele é o verbo que melhor transmite esta ideia em português. Além do verbo «sentir», na nossa língua também é frequente usar o verbo «ver» com o sentido de «perceber», «compreender».

[156] O verbo *ḫwỉ* significa «vagabundar», «percorrer» a terra, daqui chegamos à

expressão «percorrer em fuga» (A. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 287).

[157] Isto é, sem importância.

[158] Mais um erro, assinalado tanto por Gardiner como por Blackman: corrigir *ir*, , para o pronome interrogativo *ih* (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 13 e 13a; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 37; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 176-177 e 406-408).

[159] Recordemos B229: «O deus que determinou esta fuga conduziu-me...». Os dois últimos caracteres de *šȝ*, o *t* e o determinativo G. Y1, foram acrescentados *a posteriori* entre linhas (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 14 e 14a; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 37 e 37a).

[160] A palavra *wr*, «grande», está, de facto, no feminino: *wrt* (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 13 e 13a; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 37).

[161] Cfr. notas 116, 119 e 137 de *Khufu e os Magos*. Para evitar expressões do tipo «... os seus colares, os seus sistros e os seus sistros...» ou, melhor, «... os seus colares, os seus sistros *sekhem* e os seus sistros *sechechet*...», uma vez que *sekhem* também pode ser traduzido por «matraca», optamos aqui por esta última hipótese.

[162] Cfr. notas 116, 119 e 137 de *Khufu e os Magos*. Referência a instrumentos musicais usados em rituais de culto, particularmente associados a Hathor, protectora do faraó, deusa do renascimento e do amor. Com o seu gesto, as crianças reais fazem aqui o papel de Hathor, desempenhando uma cerimónia de rejuvenescimento do rei. No túmulo de Senebi, governador da 14ª província do Alto Egipto no tempo de Amenemhat I e Senuseret I, podemos ver na parede norte da capela, escavada na rocha, a representação de uma cerimónia em sua honra. O defunto está presente com os seus colares rituais e, à sua frente encontram-se sacerdotes e sacerdotisas empunhando mais colares cerimoniais, sistros, matracas e flautas, um harpista e outros ritualistas batendo as palmas, cantam, enquanto é feita uma oferenda de pão ritual à deusa. Há ainda algumas figuras a dançar e outras a lutar (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 52; R. B. PARKINSON, *Voices from Ancient Egypt*, pp. 78-81).

[163] O pronome sufixo está, de facto, na terceira pessoa singular do feminino.

[164] O segundo *r*, que inicia a linha B270, parece ser um erro de repetição.

[165] «A Bela» era um epíteto corrente de Hathor, bem como os que se seguem.

[166] Com pequenas variantes, a habitual tradução desta passagem costuma ser: «A coroa do Alto Egipto desce em direcção ao Norte e a coroa do Baixo Egipto sobe em direcção ao Sul e juntam-se, unidas na palavra da tua majestade». Não sendo exactamente isso que lemos neste excerto, o sentido é praticamente o mesmo. Entre os anteriores tradutores deve ter imperado a tradicional visão dualista da sociedade egípcia. Contudo, lembramos que em todos os momentos de reunifi-

cação do Egipto até ao século VII a. C., foi sempre o Alto Egipto que acabou por resgatar e integrar o Baixo Egipto! O conto passa-se no tempo do faraó Senuseret I, que, segundo alguns, foi co-regente com o seu pai Amenemhat I, provável vizir do último Mentuhotep, da XI dinastia, sediada em Tebas. Fundador da XII dinastia e reunificador das Duas Terras, terá governado sensivelmente entre 1991 e 1962 a. C. É um elemento a ter em consideração em relação à datação do original e ao seu autor, que poderá ter vivido o episódio da reunificação, tendo em conta toda a problemática que a cronologia relativa dos Egípcios levanta (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 23; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 41; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 232; P. MALHEIRO, «Co-regência», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 236-238; J. C. SALES, «Cronologia», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 255-257; cfr. nt. 13, pp. 138-139).

[167] Embora escrita com toda esta simplificação ( ), neste contexto, esta palavra só pode ser entendida como uma variante de *w3ḏt* ou *w3ḏyt* (;), isto é, a *iaret* ou *uræus*, a deusa cobra que incarnava a prosperidade e protegia a fronte do faraó.

[168] Aceitamos a proposta de Blackman, ao preferirmos a grafia de *t3wy*, em vez daquela que ele próprio e Gardiner apresentam: (A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», pls. 14 e 14a; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 38 e 38a).

[169] Epíteto da rainha.

[170] Frase confusa. Para a palavra *ḫnt*, R. Faulkner propõe «despesas cerimoniais». Outros autores traduzem-na por «presente» ou «recompensa». Gardiner traduz por «festa», «festividade». Como estar em festa é estar feliz, estar satisfeito, optamos por esta hipótese. Para além disso, o pronome sufixo que lhe está acoplado, *.n*, parece estar errado: com *ḫnt* e *nfrt* no singular, «bela festa», não faz sentido estar lá a segunda pessoa do plural (*.tn*)! A única coisa que é plural na frase, são os interlocutores, «nós», daí a primeira pessoa do plural; deve haver um *t* a mais, pois todos traduzem por «nós» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 192; P. LUINO, *La Véritable Histoire de Sinouhé*, p. 82; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 232; A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», p. 14). Tanta alegria estimulada pelos sons proporcionados pelo agitar dos instrumentos do grupo dos idiofones (instrumentos cujo som é produzido pela vibração do seu próprio corpo: matracas, sistros, chocalhos) tinha que culminar numa bela festa. A música era uma manifestação diária dos Egípcios. O culto diário e festivo dos templos era acompanhado de música. Para isso havia sacerdotes cantores, bailarinas e bailarinos especializados que utilizavam instrumentos musicais, os quais pertenceriam aos próprios templos. Aparentemente, seriam os mesmos músicos dos templos que executavam a música na

corte, conforme se depreende dos títulos funerários de alguns músicos que ocupavam simultaneamente cargos no templo e na corte. De igual modo, as diferenças entre uma festa no palácio ou numa festa privada em casa de um membro da elite, talvez se ficassem pela quantidade e qualidade dos músicos, embora se aceite que pudesse haver um número determinado para cada circunstância. A disposição dos músicos e as características dos sons e do elemento melódico deveriam ser muito parecidas. Mesmo nas manifestações lúdicas de música e dança na corte, parece ter havido um determinado ritual onde imperava a sobriedade dos movimentos, o estatismo, com origem num princípio estético que se baseava na busca de um «estado de perfeição». Conforme podemos observar em iconografia do Império Antigo, os músicos sentavam-se sobre uma tarimba baixa e nessa posição característica preparavam os seus espíritos emitindo sons que captavam também a atenção dos ouvintes. Este momento de concentração dos músicos e do público, servia também para projectar na assistência «a elegância com que deviam de ser tocados os instrumentos, de forma tal que a música proporcionasse um prazer visual junto com o auditivo» (R. PÉREZ ARROYO, *La Música en la Era de las Pirámides*, p. 103). Mantendo sempre uma afinação rigorosa e sem sair de regras estritas, a música instrumental começava com sons largos e moderados, e, quando era o caso, as danças começavam com grande lentidão. Dadas as características da arte egípcia, na sua música deve ter existido a variação mas não a improvisação. Devido à grande importância que tinha a palavra na cultura egípcia, não existia reportório instrumental independente do vocal. Os instrumentos vinham em segundo plano como extensões da própria voz, acompanhando, repetindo ou interpretando a melodia cantada, umas vezes imitando as suas inflexões outras tentanto dialogar com ela. Além dos já referidos idiofones, havia os membranofones, que incluíam diferentes tipos de tambores, os aerofones, constituídos por flautas oblíquas, clarinetes duplos e trombetas, e os cordofones onde se enquadravam os diferentes tipos de harpas. A harpa era um instrumento de luxo tocado tanto por homens como por mulheres. Embora a sua aprendizagem tivesse um grande grau de dificuldade e exigisse uma longa aprendizagem, faziam parte da educação e hábitos das jovens das melhores famílias. No Império Antigo, só os homens tocavam a flauta e o clarinete duplo, mas a partir do Império Médio já é comum ver figuras femininas a tocarem estes instrumentos. A julgar pelos numerosos nomes de flautistas conhecidos, de todos os instrumentos, a flauta parece ter gozado de uma situação privilegiada. É provável que isso se tenha ficado a dever ao facto de os aerofones, tal como o canto, se alimentar da respiração humana, o alimento divino (cfr. nts. 161 e 162; 116, 119 e 137 de *Khufu e os Magos*).

[171] O vento do Norte está aqui divinizado pela presença do determinativo G. A40 () que indica uma divindade.

[172] Daqui até ao fim o texto apresenta-se em colunas.

[173] Começa aqui a parte final do conto: Sinuhe é reabilitado, reinstala-se no Egipto e espera calmamente a chegada da morte.

[174] A nossa opção de tradução baseia-se no facto da palavra ꜥ ( ), para além do seu significado mais corrente de «braço» ou «mão», poder significar «condição» ou «estado», conjugado com o facto de o determinativo poder ser usado em palavras que expressam ideias referentes a «alimentação», «palavra», «pensamento» ou «sentimento» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 36).

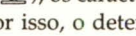
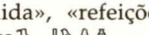
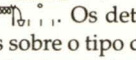
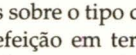
[175] A hipótese de ser uma «sala de refrigeração» ou uma «sala fresca», como lhe chama Lefebvre, não nos parece um grande luxo, uma vez que uma boa parte das casas, e não só as mais abastadas, parece ter tido esse conforto, escavando um ou dois compartimentos no subsolo para a conservação de alimentos e água. Parece-nos também pouco plausível que imagens do horizonte pintadas nas paredes da casa de um nobre fossem um grande luxo, uma vez que as decorações e ornamentações das paredes internas das habitações, com motivos florais e geométricos, se generalizaram entre as classes mais elevadas a partir da XII dinastia. Pelo contrário, embora os Egípcios tivessem a palavra *ꜥnḫ* ( ) para espelho, em que o determinativo G. N34 ( ) representa um pedaço de metal, cobre ou bronze, de que eram feitos os espelhos egípcios, parece-nos fazer todo o sentido a interpretação de Lichtheim, baseada em C. E. Sander-Hansen, em que *ꜥḥmw nw ȝḫt*, lit. «imagens do horizonte», fosse uma forma de expressar a ideia de imagem reflectida. Tanto mais que o determinativo da palavra *ꜥḥmw* não é o habitual G. G7 ou G. G12, ou , mas G. N33, , determinativo também usado para metais e minerais. E não deviam ser apenas espelhos de mão, uma vez que R.-M. e R. Hagen afirmam expressamente: «A partir da [décima] segunda dinastia, os membros das classes sociais elevadas possuíam casas de banho equipadas com duches e espelhos». Casas de banho, que surgem por volta da XII dinastia nas casas mais abastadas e se generalizam às classes médias no Império Novo, e espelhos, isso é que seriam grandes luxos naquela época! (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 24; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 48 e 249; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 233-234; D. VALBELLE, *La Vie dans l'Égypte Ancienne*, pp. 98-100; B. KEMP, *Ancient Egypt. Anatomy of a Civilization*, 137-180; G. e M. F. RACHET, *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, pp. 149-150; G. POSENER, *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, pp. 160-161; I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, pp. 188 e 293; M. J. MACHADO, «Casa», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 187-188; S. QUIRKE e J. SPENCER, *British Museum. Le Livre de l'Ancienne Égypte*, p. 180; R.-M. e R. HAGEN, *Egipto: Pessoas, Deuses, Faraós*, p. 133; A. ERMAN e H. RANKE, *La Civilization Égyptienne*, pp. 224-262).

[176] A palavra *sbt* significa «carga», «substância», o que, neste contexto, nos parece ser uma forma de referir a sujidade acumulada sobre o corpo.

[177] É o óleo de oliveira, isto é, o azeite, diferente do óleo usado pelos Egípcios que era o óleo de rícino (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 24).

[178] A presença do determinativo G. A40 ( ) indica-nos que era um amigo real.

[179] Na palavra *srd* ( ), os caracteres *rd* () foram introduzidos *a posteriori* entre colunas. Talvez por isso, o determinativo G. M32 ( ) tenha ficado antes e não depois deles.

[180] A palavra «comida», «refeições», escreve-se normalmente  , ou , ou  , ou , ou  , ou ainda  . Os determinativos com que se escrevem dão-nos preciosas informações sobre o tipo de refeição em causa. No primeiro caso podemos considerar uma refeição em termos genéricos, uma vez que G. Y1 ( ) é um determinativo usado em conceitos abstractos, o segundo caso é semelhante, uma refeição em termos genéricos, mas mais particularizada uma vez que são produtos da terra, animais ou vegetais, devido à presença de G. N18 (), um determinativo ligado à terra. Os outros todos são bem mais específicos: o terceiro caso refere mesmo «pão e cerveja» (G. X2, , e G. W22,); o quarto tem a mesma referência mas substitui a desinência da pluralidade (G. Z2,) pelo determinativo usado para alimentos (G. X4,); o quinto caso também tem a referência a «pão e cerveja» mas sobre uma mesa de oferendas, a triplicar, isto é, no plural ideográfico, sendo utilizado especificamente em textos referentes a oferendas; o sexto caso, com G. F51 ( ), um pedaço de carne, pode-nos querer informar que é uma refeição de caça ou, no mínimo, de carne; finalmente, o último caso, com G. M43 ( ), que representa uma vinha e com G. N33 (), que representa grãos, indica-nos uma refeição frugal, não propriamente de vegetais mas mais de frutos (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 261; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 415).

[181] A tradução da frase *(i)m(y)-r ḥtmtyw ḥr sš* levanta alguns problemas. Menu diz-nos que *ḥtmtyw* é a actual leitura de *sḏ3wty*, que traduz por «chanceler», «guarda do selo». Faulkner apresenta para *(i)m(y)-r ḥtmtyw* a tradução de «superintendente da fortaleza», embora traduza *ḥtm* como «selo», «contrato», com o determinativo G. S20 ( ), que Gardiner diz substituir por vezes G. S19 ( ), e «castelo», «forte» com o determinativo G. O1 ( ); *sḏ3w* traduz por «portador do selo». Gardiner, ainda que com dúvida na leitura da palavra, diz que *sḏ3wty* significa «tesoureiro». Mas depois, o próprio Gardiner, Parkinson, e Lichtheim, traduzem *(i)m(y)-r ḥtmtyw ḥr sš* por «o intendente (mestre, chefe) dos desenhadores desenhou-a». Se *sš* para além de significar «escrever», poder também ser traduzido por «desenhar», «pintar», já «desenhos» e «desenhador» ou «pintor» têm vocá-

bulos próprios, diferentes dos referidos: *ḳdwt* ( ) e *sš ḳdwt* ( ) (B. MENU, *Petit Lexique de l'Égyptien Hièroglyphique*, p. 169; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 199, 246, 259 e 282; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 506; A. H. GARDINER, «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», p. 14; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 42; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 233).

[182] Esta palavra também não está bem escrita: em vez do caracter G. R8 ( ) devia estar o caracter G. T19 ( ). Além do mais, foi esquecido antes *(i)m(y)-r* e repetido, desnecessariamente, *ḥr*.

[183] Obviamente que Faulkner traduz *dmi* por «cidade», mas propõe «no seu lugar certo» para a expressão *r dmi* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 313).

[184] Cfr. R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 229; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 373 e 465.

[185] O cólofon era a prova de que o texto em causa não era um original e tinha sido copiado na íntegra. Obedecia à fórmula específica que aqui se encontra completa.

3. CONTO DO NÁUFRAGO

3.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse

O *Conto do Náufrago* surge num único manuscrito, o *Papiro São Petersburgo 1115* também designado por *Papiro Leninegrado 1115*, ou até por *Papiro Ermitério 1115*[1], que esteve durante tempo indeterminado no Museu Imperial de São Petersburgo, e que actualmente se encontra no Museu Pushkin de Moscovo[2]. A quase total ausência de eco sobre a

---

[1] Veja-se, por exemplo, o título da obra de P. LE GUILLOUX, *Le Conte du Naufragé (Papiro Ermitério 1115)*, que incluímos na bibliografia.

[2] Optamos pela primeira designação por ter sido em São Petersburgo que Golenischeff encontrou o papiro em 1881, quando Lenine tinha apenas nove anos de idade, sendo assim que é referido na sua primeira publicação de 1913 (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116 et 1116A de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, São Petersburgo: planches 1-8 en phototypie, avec transcription en hiéroglyphes, 1913, pp. 1-2). A segunda designação implicaria andar ao sabor dos vários nomes que a cidade fundada em 1703 por Pedro, o Grande, teve ao longo da sua curta história. O nome que o czar deu à nova capital russa deveu-se, antes do mais, à sua devoção pelo apóstolo Pedro. Depois, em 1914, o seu nome muda para Petrogrado quando, estando em guerra contra a Alemanha, os russos se aperceberam que «burgo» era um termo de ascendência alemã. Feita a revolução em 1917, com a morte de Lenine em 1924, volta a mudar de nome e passa a designar-se Leninegrado. Finalmente, com a queda do regime soviético em 1991, os próprios habitantes da cidade aprovaram o regresso do seu nome às origens. Por seu lado, o Museu Pushkin, fundado em 1896, começou a constituir o seu acervo desde a fundação à custa de várias colecções, sobretudo do Museu Imperial de São Petersburgo, adquirindo logo no início a colecção do egiptólogo Golénicheff. Em 1918, e entre 1924 e 1930, foram incorporadas neste museu milhares de peças do Museu Imperial de São Petersburgo. Estas são as datas mais prováveis para o papiro ter transitado para Moscovo. Como não se sabe quando entrou no Museu Imperial de São Petersburgo, desconhece-se quanto tempo ali esteve.

existência deste conto no seu tempo, impede-nos de avaliar o impacto obtido junto dos seus contemporâneos[3]. Cremos que pelo menos o arquétipo seja um papiro da XII dinastia, uma vez que surge no seu cólofon uma situação específica criada no Império Médio a partir da XII dinastia, que é o aparecimento na escrita hierática do método invertido para expressar filiação, com recurso à contracção de G. G39 (𓃀) e substituição por G. H8 (𓆑), determinativo de ovo. Contudo, é preciso não esquecer que para Gardiner esta substituição só ocorreria na XIX dinastia, não aparecendo mais cedo senão em situações convencionais, pormenor que num papiro do século XII parece impossível[4].

Independentemente da sua datação literária, Golénischeff comparando-o com os papiros do *Conto do Camponês Eloquente*, d'*A História de Sinuhe* e do *Diálogo de um Desesperado com o seu Ba*, acredita que todos eles são coevos do quarto rei da XII dinastia, Senuseret II, ou posteriores, tendo sido escritos na mesma época[5]. A este respeito, começamos por integrá-lo na justificação que já apresentámos defendendo a nossa convicção de que a paternidade do *Conto do Camponês Eloquente* possa ser atribuída a seu filho Senuseret III[6]. Em relação ao *Conto do Náufrago*, estendemos essa convicção ao filho deste, Amenemhat III. Neste caso, tendo em conta a excepcional exploração de minas, sobretudo de cobre e de turquesa no Sinai e no deserto oriental, e a forma como este faraó terá enfrentado a eternidade ao mandar construir duas pirâmides, a «Pirâmide Negra» em Dahchur, abandonada devido a deficiências na

---

[3] Conhece-se apenas uma referência a este conto num óstraco ramséssida, e nem sequer é uma cópia exacta, T. F. CANHÃO, «Datação e temática do Conto do Camponês Eloquente», 170.

[4] T. F. CANHÃO, «O Conto do Camponês Eloquente», 30-31, nt. 27.

[5] W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116 et 1116A de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, p. 2. Simpson vacila entre a XI e a XII dinastia, afirmando num lado ser da XI dinastia e noutro da XI ou do início da XII dinastia; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 51, e W. K. SIMPSON, «Schiffbrüchiger», em *LÄ* V (1984), col. 619.

[6] T. F. CANHÃO, «Datação e temática do Conto do Camponês Eloquente», pp. 169-170.

construção, e outra em Hauara, junto da qual foi erguido o templo funerário que, graças à complexidade da sua planta, que apresenta mais de mil salas, foi chamado de Labirinto na Época Greco-romana[7]. Podem ter sido motivos inspiradores.

De proveniência desconhecida, foi encontrado num armário do primeiro daqueles museus em 1881, ano em que Golénischeff o apresentou no V Congresso de Orientalistas, em Berlim, cinco anos depois de se terem encontrado no mesmo local outros dois papiros em muito pior estado de conservação (*Papiro São Petersburgo 1116A* e *Papiro São Petersburgo 1116B*)[8] e sem se saber como qualquer um dos três chegou à Rússia. Os três papiros foram alvo de uma publicação fac-similada com transcrição para egípcio hieroglífico por parte de Golénischeff, em 1913, tendo sido feita outra transcrição do egípcio hierático para o egípcio hieroglífico de o *Conto Náufrago* em 1972, por Blackman[9]. De um papiro com folha relativamente espessa, foi escrito apenas no *verso*, tendo sido utilizadas tinta negra e encarnada.

Com um comprimento de 3,80 metros e com cerca de 12 cm de largura, encontra-se em perfeito estado de conservação apresentando 189 linhas intactas, 136 verticais e 53 horizontais, numa escrita egípcia hierática muito bem desenhada e de bonito efeito. É um trabalho assinado mas desconhece-se a história do seu autor ou do seu pai, também referido. Deduz-se apenas que eram pessoas de condição social elevada e, obviamente, de equivalente formação intelectual. Embora se confrontem outras fontes, a realização deste trabalho segue, fundamentalmente, as leituras dos papiros feitas por Golénischeff e Blackman[10].

---

[7] L. M. Araújo, «Amenemhat III», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 55-56; L. M. Araújo, *Os Grandes Faraós do Antigo Egito*, pp. 113-115.

[8] Ver em *As Profecias de Neferti* o capítulo «7.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse».

[9] A. M. Blackman, «The Story of the Shipwrecked Sailor», 41-48.

[10] Sobre todas as questões relacionadas com este conto ver T. F. Canhão, O Conto do Náufrago. Um olhar sobre o *Império Médio Egípcio. Análise histórico-filológica. The Tale of the Shipwrecked Sailor. A Glance over Egypt's Middle Kingdom. A Historical-Philological Analysis*, Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2012.

Sinopse. Sem que haja uma clara nomeação, temporização ou localização exactas, embora se possam reconhecer alguns locais, este conto tem sobretudo uma perspectiva simbólica, não sendo possível encontrar-lhe qualquer dimensão histórica. O comandante de um barco acaba de chegar ao Egipto, provavelmente a Elefantina, vindo de uma expedição à Núbia. A viagem não terá corrido pelo melhor, pois teme enfrentar o faraó, sendo perceptível na sua única fala pensar ter a vida em perigo. Para o confortar, o narrador e herói do conto, elevado à condição de «companheiro excelente», conta-lhe uma história fantástica, destinada a mostrar-lhe que mesmo nas piores circunstâncias é sempre possível acontecer um milagre. Único sobrevivente de um naufrágio provocado por uma violenta tempestade onde pereceram todos os outros tripulantes do seu barco, acaba por ir parar a uma ilha maravilhosa mas imaginária, a ilha do Ka, onde se depara com o seu único habitante, um deus serpente. Recebido como algo de insignificante e desprezível, acaba por ser confidente da enorme serpente nessa terra sagrada de regras rituais precisas. Na linha 151, a serpente afirma claramente «Na verdade, eu sou o governador do Punt» (*ỉnk ỉs ḥḳ3 pwnt*), terra mítica de localização incerta mas real, «O País de Deus», de onde vinham muitas riquezas para o Egipto, que também vemos descritas no conto. No fim, o deus serpente permite ao náufrago que regresse ao Egipto e seja feliz.

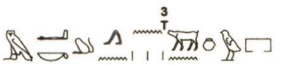
3.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada

ḏd.in šmsw ikr

Então[1] o excelente companheiro[2] disse:

wḏ3 ib.k ḥ3ty-ʿ

«Sossega o teu coração[3], comandante[4]!



mk pḥ.n.n ḫnw

Vê, nós chegámos a casa[5].

šsp ḫrpw ḥwi mnit

O maço está empunhado, o cabeço de amarração cravado,

ḥ3tt rdit ḥr t3

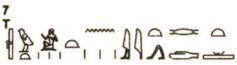
a amarra da proa posta em terra.

rdi ḥknw dw3 nṯr

Façamos uma oração! Louvemos o deus!

s nb ḥr ḥpt snw.f

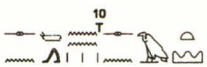
Cada homem abraça o seu companheiro.



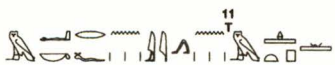
iswt.tn iit ʿdt
A nossa equipagem regressou em boas condições,

nn nhw n mšʿ.n
sem perdas na nossa expedição.

pḥ.n.n pḥwy wꜣwꜣt
Atingimos os confins de Uauat[6]



sni.n.n snmwt
e passámos Senmut[7].



mk r.f n ii.n m ḥtp
Olha, nós[8] voltámos em paz,

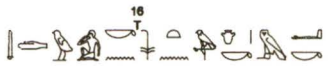
tꜣ.n pḥ.n sw
nós alcançámos a nossa (própria) terra.

sḏm r.k n.i ḫꜣty-ʿ
Escuta-me (ó) comandante,

ink šwi (m) ḥ3w
porque eu estou vazio de exagero.

iʿi tw imi mw ḥr ḏbʿw.k
Lava-te! Põe água sobre os teus dedos

iḫ wšb.k wšd.t(w).k
e poderás responder quando se dirigirem a ti[9].



mdw.k n nsw ib.k m-ʿ.k
Fala ao rei com o teu coração na tua mão

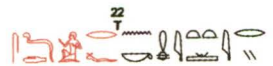
wšb.k nn nitit
e responde sem balbuciar.

iw r n s nḫm.f sw
A boca de um homem pode salvá-lo,

iw mdw.f di.f ṯ3m n.f ḥr
o seu discurso pode fazer com que a sua cara se oculte[10].

ir.k m ḫrt ib.k
Age segundo o teu coração.

swrd pw ḏd n.k
É cansativo falar contigo[11]!



sḏd.i r.f n.k mitt iry
Eu vou contar-te qualquer coisa de idêntico

ḫpr m-ᶜ.i ḏs.i
que me aconteceu[12] a mim próprio,

šm.kwi r bi3 n ity
quando me dirigia[13] para a região mineira do soberano[14].

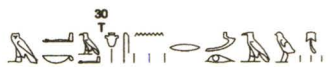
h3i.kwi r w3ḏ-wr
Eu descia pelo Grande Verde[15]

m dpt nt mḥ 120 m 3w.s
num barco de cento e vinte côvados[16] de comprimento

mḥ 40 m sḫw.s
por quarenta côvados de largura[17],

sḳd 120 im.s m stpw n kmt
com cento e vinte marinheiros a bordo[18], dos melhores do Egipto.

mȝ.sn pt mȝ.sn tȝ
Vigiassem o céu ou vigiassem a terra,

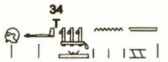


mʿkȝ ib.sn r mȝw
o seu coração era mais bravo (do que) o dos leões.

sr.sn ḏʿ n iit(.f)
Eles podiam prever um vendaval antes da sua chegada

nšny n ḫprt.f
e uma tempestade[19] antes da sua formação.

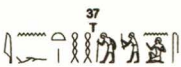
ḏʿ pri iw.n m wȝḏ-wr
Um vendaval saiu[20] quando estávamos no Grande Verde,



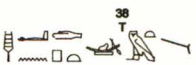
tp-ꜥ sȝḥ.n tȝ
antes que conseguíssemos alcançar terra.

fȝit tȝw iri.f wḥmyt
O vento levantou-se, ele fazia um bramido[21],

nwyt im.f nt mḥ 8
e a ondulação nele era de oito côvados[22].



in ḫt ḥḥ n.i s(y)
O mastro partiu-se a meu favor[23]



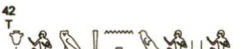
ꜥḥꜥ.n dpt m(w)t
e depois o barco morreu[24].

ntyw im.s n sp wꜥ im
Dos que estavam aí, não restou um só.

ꜥḥꜥ.n.i rdi.kwi r iw
Então fui depositado numa ilha

in wꜣw n wꜣḏ-wr
por uma vaga do Grande Verde.

iri.n.i ḥrw ḫmt wˁ.kwi
Passei três dias[25] sozinho,



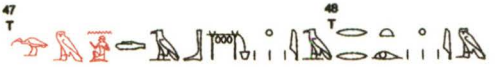
ib.i m snw.i
(só com) o meu coração por companheiro.

sḏr.kwi m-ḫnw n kꜣp n ḫt
Estendido inerte no interior de (um abrigo de) madeira[26],

ḳni.n.i šwyt
eu abraçava a sombra[27].

ˁḥˁ.n[.i] dwn.n.i rdwy.i
Depois estendi as pernas

r rḫ dit.i m r.i
para saber o que havia de pôr na minha boca.



gm.n.i dȝbw iȝrrt im
Encontrei ali figos e uvas,

iȝḳt nbt špst
todo o tipo de excelentes legumes[28],

kȝw im ḥnᶜ nḳᶜwt
(havia) lá figos de sicómoro e figos de sicómoro entalhados[29],

šspt mi irt.s
e pepinos como se eles tivessem sido cultivados[30];

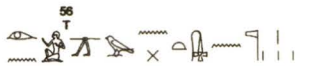
rmw im ḥnᶜ ȝpdw
(também) havia lá peixes e aves.

nn ntt nn st m-ḫnw.f
Não havia nada que não estivesse no seu interior[31]!

ᶜḥᶜ.n ssȝi.n(.i) wi
Então, eu saciei-me

rdi.n.i r t3 n wr ḥr ꜥwy.i
e pus no chão o que era demasiado sobre os meus braços.

šdit.i ḏ3 sḫpr.n.i ḫt
Cortei um pau para fazer lume[32],



iri.n.i sbi n sḏt n nṯrw
acendi um fogo e deitei o fogo[33] para os deuses.

ꜥḥꜥ.n sḏm.n.i ḫrw ḳri
Foi então que ouvi um barulho de trovão

ib.kwi w3w pw n w3ḏ-wr
e imaginei que fosse uma vaga do Grande Verde.

ḫwt ḥr gmgm
As árvores estalavam

t3 ḥr mnmn
e a terra tremia[34].

kf.n.i ḥr.i
Destapei a minha cara[35]

gmi.n.i ḥfȝw pw iw.f m iit
e vi que era uma serpente, era ela enquanto vinha.

n(y)-sw mḥ 30
Trinta côvados pertenciam-lhe[36]

ḫbsw.f wr.s r mḥ 2
e a sua barba era maior que dois côvados[37].

ḥᶜw.f sḫrw m nwb
O seu corpo estava coberto de ouro,

inwy.fy m ḫsbd mȝᶜ
e as suas sobrancelhas[38] de verdadeiro lápis-lazúli.

ᶜrk sw r ḫnt
Ela inclinou-se para diante.

iw wpi.n.f r.f r.i
Então ela abriu a sua boca para mim,

iw.i ḥr ḫt.i m-bꜣḥ.f
enquanto eu permanecia sobre o meu ventre diante dela[39],

ḏd.f n.i
e ela disse-me:

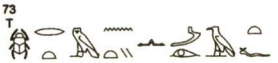
nm ini tw sp-sn nḏs
«Quem te trouxe? Quem te trouxe, homenzinho[40]?

nm ini tw
Quem te trouxe?

ir wdf.k m ḏd n.i ini tw r iw pn
Se demoras a dizer-me quem te trouxe para esta ilha,

rdi.i rḫ.k tw
eu farei com que tu te conheças,

iw.k m ss
tu estando na qualidade de cinzas



ḫprt m nty n m3t.f
tornar-te-ás naquele que nós não podemos ver.»

iw mdw.k n.i
«Tu falas-me

nn wi ḥr sḏm.i st
e eu não escuto (nada) disso!

iw.i m-b3ḥ.k
Eu estou aqui diante de ti,

ḫm.n(.i) wi
mas eu não me reconheço!»

ꜥḥꜥ.n rdi.f wi m r.f
Então ela pegou-me com a sua boca

iṯi.f wi r st.f nt snḏm
e levou-me para o seu lugar de felicidade[41]

wꜣḥ.f wi nn dmit.i
(onde) ela me depôs sem me tocar.

wḏꜣ.kwi nn ỉtt im.i
Eu estava de boa saúde e sem nada faltar em mim.

iw wp.n.f r.f r.i
Ela abriu a sua boca para mim,

iw.i ḥr ḫt.i m-bꜣḥ.f
enquanto eu permanecia sobre o meu ventre diante dela,

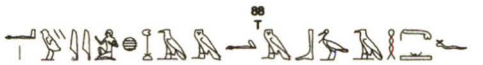
ꜥḥꜥ.n ḏd.n.f n.i
e então ela disse-me:

nm ini tw sp-sn nḏs
«Quem te trouxe? Quem te trouxe, homenzinho?

nm ini tw r iw pn n wꜣḏ-wr
Quem te trouxe para esta ilha[42] do Grande Verde,

nty gs.fy m nwy
que tem os seus dois lados na água[43]?»

ʿḥʿ.n wšb.n.i n.f st
A isto, respondi-lhe então



ʿwy.i ḫꜣm m-bꜣḥ.f
(com) os braços caídos diante dela,

ḏd.i n.f
dizendo-lhe[44]:

ink pw hꜣi.kwi r biꜣw
«Eu, eu descia para as minas

m wpwt ity
com uma mensagem do soberano,

m dpt nt mḥ 120 m ȝw.s
num barco de cento e vinte côvados de comprimento

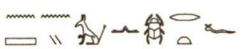
mḥ 40 m sḫw.s
por quarenta côvados de largura.

sḳd 120 im.s m stpw n kmt
Estavam a bordo cento e vinte marinheiros, dos melhores do Egipto.

mȝ.sn pt mȝ.sn tȝ
Vigiassem o céu ou vigiassem a terra,

mʿkȝ ib.sn r mȝw
o seu coração era mais bravo (do que) o dos leões.

sr.sn ḏʿ n ỉit.f
Eles podiam prever um vendaval antes da sua chegada



nšny n ḫprt.f
e uma tempestade antes da sua formação.

99 T

wˁ im nb mˁkȝ ib.f
(Em) cada um deles o seu coração era bravo

100 T

nḫt ˁ.f r snw.f
e o seu braço era mais forte do que o do seu companheiro!

101 T

nn wḫȝ m-ḥr ib.sn
Não havia nenhum incompetente[45] na presença dos seus corações.

102 T

ḏˁ pri iw.n m wȝḏ-wr
Um vendaval eclodiu quando estávamos no Grande Verde,

103 T

tp-ˁ sȝḥ.n tȝ
antes que conseguíssemos alcançar terra:

104 T

fȝit ṯȝw
o vento levantou-se,

iri.f wḫmyt
ele bramia

nwyt im.f nt mḥ 8
e as vagas atingiam os oito côvados.

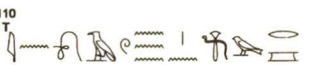
in ḫt ḥḥ n.i s(y)
O mastro partiu-se a meu favor

ʿḥʿ.n dpt m(w)t.t[i]
e depois o barco morreu.

ntyw im.s n sp wʿ im
Dos que estavam aí não restou um só,

ḥr-ḫw.i mk wi r-gs.k
excepto eu que estou aqui na tua presença.

ʿḥʿ.n ini.kwi r iw pn
Então, eu fui depositado nesta ilha



in wꜣw n wꜣḏ-wr
por uma vaga do Grande Verde».

111

ḏd.in.f n.i
Então ela disse-me:

112

m snḏ m sp-sn nḏs
«Não tenhas medo, não tenhas medo, homenzinho!

m ȝtw ḥr.k
Não branqueies o teu rosto[46]!

113

pḥ.n.k wi
Tu estavas-me reservado!

114

mk nṯr rdi.n.f ᶜnḫ.k
Vê, o deus fez com que tu vivesses

ini.f tw r iw pn n kȝ
e conduziu-te a esta ilha do Ka[47],

115

nn ntt nn st m ḫnw.f
não há nada que não (haja) aí no seu interior.

116
T

iw.f mḥ ẖr nfrwt nbt
Ela está cheia de tudo o que é bom.

117 T 118 T

mk tw r irit ꜣbd ḥr ꜣbd
Olha! Tu passarás mês após mês

119 T

r kmt.k ꜣbd 4 m ẖnw n iw pn
até completares quatro meses no interior desta ilha.

120 T

iw dpt r iit m ẖnw
Então, um barco virá do (teu) país,

121 T

sḳdw im.s rḫ.n.k
com marinheiros teus conhecidos[48].

122 T

šm.k ḥnꜥ.sn r ẖnw
Tu partirás com eles para o (teu) país[49]

123 T

m(w)t.k m niwt.k
e morrerás na tua cidade[50].

124
T

rš.wy sḏd dpt.n.f

Como é feliz aquele que pode contar aquilo que experimentou,

sn ḫwt mr

(depois de) terem passado os maus acontecimentos!

125
T

sḏd.i r.f n.k mitt iry

Eu vou contar-te então uma coisa parecida

ḫprw m iw pn

que aconteceu nesta ilha.

126
T

wn.i im.f ḥnᶜ snw.i

Eu estava aqui com os meus irmãos[51],

127
T

ḫrdw m-ḳ3b.sn

entre os quais havia crianças.

km.n.n ḥf3w 75

Na totalidade éramos 75 serpentes,

m msw.i ḥnᶜ snw.i
juntando as minhas crianças com os meus irmãos.

nn sḫ3.i n.k s3t ktt
E não me esquecerei de te mencionar uma filhita

init.n.i m sš3
que obtive por meio de preces[52]!

ᶜḥᶜ.n sb3 h3iw
Então, uma estrela caiu[53]

pri.n n3 m ḫt m-ᶜ.f
e eles partiram durante o fogo por causa dele.

ḫpr.n r.s nn wi ḥnᶜ 3m.ny
Isto aconteceu quando eu não estava com (eles) e eles arderam

nn wi m ḥr-ib.sn
sem que eu estivesse entre eles.

ḥr.n.i m(w)t.kwi n.sn
Então eu (fiquei como) morto por causa deles,

gm.n.i st m ḫ3yt wr t
(quando) os encontrei numa única pilha de cadáveres.

ir ḳni n.k d3r ib.k
Se és forte, controla o teu coração!

mḥ.k ḳni.k m ḫrdw.k
Encherás o peito com os teus filhos,

sn.k ḥmt.k
beijarás a tua mulher,

m3.k pr.k
verás a tua casa.

nfr st r ḫt nbt
E estas coisas serão o melhor de tudo!

135 T

pḥ.k ḫnw wn.k im.f
Tu alcançarás o país onde tu existias

136 T

m-ḳ3b n snw.k
no meio dos teus irmãos

wn.k r.f
e tu existirás de novo[54]!»

137 T

dm3.kwi ḥr ḫt.i
Estendido sobre o meu ventre,

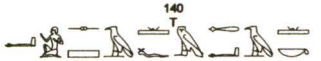
138 T

dmi.n.i s3tw m-b3ḥ.f
toquei no chão diante dela.

ḏd.i r.f n.k
«Deixa-me então dizer-te[55].

139 T

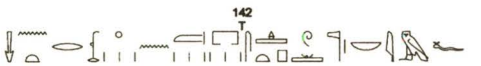
sḏd.i b3w.k n ity
Falarei do teu poder ao soberano,



di.i sš3.f m ꜥ3.k
farei com que ele seja informado da tua grandeza.

di.i ini.t(w) n.k ibi
Farei com que te tragam láudano (?),

ḥknw iwdnb ḫs3yt
hekenu, iudeneb, canela (?)[56]



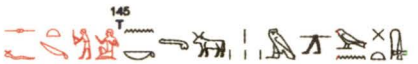
snṯr n gsw-prw sḥtpw nṯr nb im.f
e incenso[57] dos templos para agradar a cada deus.

sḏd r.f ḫprwt ḥr.i
Contarei então o que me aconteceu

m m3t n.i m b3w.f
quando eu vi os seus poderes.

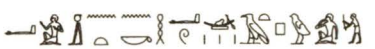
dw3-nṯr.tw n.k m niwt
Oraremos a deus por ti na cidade[58],

ḫft-ḥr ḳnbt t3 r-ḏr.f
perante os notáveis do país inteiro.



sft.i n.k k3w m sb n sḏt
Matarei para ti touros em imolação,

wšn.n.i n.k 3pdw
torcerei o pescoço a aves para ti



di.i ini.t(w) n.k ḥꜥw 3tpw
e farei com que te tragam barcos carregados

ḫr špssw nb n kmt
de todas as riquezas do Egipto,

mi irrt n nṯr mrr rmṯ
como devemos fazer por um deus que ama os homens[59],

m t3 w3 n rḫ sw rmṯ
num país longínquo que os homens[60] não conhecem.»

149 T

ḥr.n sbt.n.f im.i m nn ḏd(w).n.i

Então ela riu de mim, daquilo que eu tinha dito

m nf m ib.f

de errado para o seu coração.

150 T

ḏd.f n.i

Ela disse-me:

n wr n.k ʿntyw

«(Então) a mirra não é importante para ti?

ḫpr.t(i) nb snṯr

Tornaste-te possuidor de incenso?

151 T

ink is ḥḳ3 pwnt

Na verdade, eu sou o governador[61] do Punt[62]:

ʿntyw n.i im sw

a mirra pertence-me!

152

ḥknw pf ḏd.n.k ini.t(w).f
Aquele *hekenu* que tu disseste que me trariam,

bw pw wr n iw pn
é a coisa mais importante desta ilha[63]!

153

ḫpr is iwd.k tw r st tn
Chegará, na verdade, (o momento) em que deixarás este lugar

154

n sp m3.k iw pn
e jamais voltarás a ver esta ilha

ḫpr m nwy
que será transformada em ondas[64].»

155

ꜥḥꜥ.n dpt tf iit
Então esse barco veio,

mi srt.n.f ḫnt
como ele tinha predito anteriormente.

ʿḥʿ.n.i šm.kwi
Então eu fui,

156

rdi.n(.i) wi ḥr ḫt ḳ3i
subi a uma árvore alta

si3.n.i ntyw m-ḫnw.s
e reconheci aqueles que estavam no seu interior.

157

ʿḥʿ.n šm.kwi r smit st
Então eu fui para contar isto (à serpente),

gmi.n.i sw rḫ st
mas encontrei-a (já) sabedora do assunto.

158

ʿḥʿ.n ḏd.n.f n.i
Então ela disse-me:

snb.t(i) sp-sn nḏs
«Adeus! Adeus, homenzinho!

r pr.k mȝ.k ḫrdw.k
Para tua casa ver os teus filhos!

imi rn.i nfr m niwt.k
Faz com que o meu nome seja bom na tua cidade!

mk ḫrwt.i pw im.k
Eis os meus bens (que eu espero) de ti[65]!»

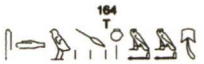
ʿḥʿ.n rdi.n(.i) wi ḫr ḫt.i
Então eu pus-me sobre o meu ventre,

ʿwy.i ḫȝm m-bȝḥ.f
(com) os meus braços estendidos diante dela,

ʿḥʿ.n rdi.n.f n.i sbt
e eis que ela me deu um carregamento

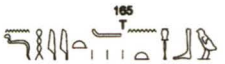
m ʿntyw ḥknw iwdnb ḫsȝyt
de mirra, *hekenu*, *iudeneb*, canela (?),

tišps šȝᶜsḫ msdmt
tichepes[66], *chaasekh*, galena[67],



sdw nw mm
caudas de girafa,

mrryt ᶜȝt nt snṯr
resina de terebintina, um grande pedaço de incenso[68],



nḏḥyt nt ȝbw
dentes de marfim,

ṯsmw gwfw kyw
cães de caça, macacos, babuínos[69]

špssw nb nfr
e todo o tipo de riquezas de qualidade[70].

ᶜḥᶜ.n ȝtp.n.i st r dpt tn
Depois carreguei isto neste barco.

ḫpr.n rdi.tw.i ḥr ḫt.i
Ela chegou e eu pus-me sobre o meu ventre

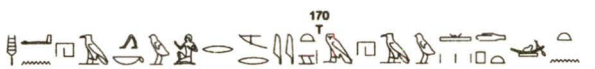
r dwꜣ-nṯr.n.f
para lhe agradecer.

ʿḥʿ.n ḏd.n.f n.i
Então ela disse-me:

mk tw r spr r ḫnw n ꜣbd 2
«Olha! Tu chegarás a casa em dois meses[71],

mḥ.k ḳni.k m ḥrdw.k
tu abraçarás os teus filhos

rnpy.k m-ḫnw ḳrst.k
e rejuvenescerás no interior da tua sepultura[72].»



ʿḥʿ.n hꜣi.kwi r mryt m hꜣw dpt tn
Então eu desci até à margem, para junto deste barco,

ʿḥʿ.n.i ḥr i3š n mšʿ nty m dpt tn
e então chamei a tripulação[73] que estava neste barco.

rdi.n.i ḥknw ḥr mryt n nb n iw pn
Dei graças sobre a margem ao senhor desta ilha

ntyw im.s r mitt iry
e aqueles que estavam a bordo fizeram o mesmo[74].

nʿit pw iri.n.n m ḫdi
(Depois) esta viagem foi feita por nós em (direcção ao) norte,

r ḫnw n ity
para a residência real.

spr.n.n r ḫnw ḥr 3bd 2
Chegámos à residência em dois meses,

mi ḏdt.n.f nbt
tal como tudo o que ela tinha dito.

ʿḥʿ.n ʿḳ.kwi ḥr ity
Fui então levado à presença do soberano

175

ms.n.i n.f inw pn
e ofereci-lhe os presentes

ini.n.i m-ḫnw (n) iw pn
que tinha trazido do interior da ilha.

176

ʿḥʿ.n dwꜣ-nṯr.n.f n.i
Então ele agradeceu-me

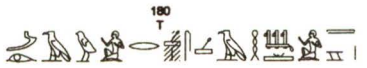
ḫft-ḥr ḳnbwt tꜣ r ḏr.f
na presença dos notáveis de todo o país.

177

ʿḥʿ.n rdi.kwi r šmsw
Então[75] eu fui feito companheiro

178 179

sꜣḥ.kwi m tpw 200
e dotado de 200[76] servidores.



m3 wi r-s3 s3ḥ.i t3
Olha para mim[77] depois que eu toquei terra,

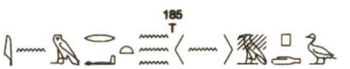
r-s3 m3.i dpt.n.i
depois do que eu vi, do que experimentei!

sḏm r k [n r].i
Ouve, portanto, o que pertence à minha boca[78]!

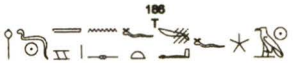
mk nfr sḏm n rmṯ
Vê, é bom escutar as pessoas![79]»

ʿḥʿ.n ḏd.n.f n.i
Então ele disse-me:

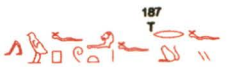
m iri iḳr ḫnms.i
«Não faças de excelente, meu amigo!



in m rdit mw [n] 3pd
Quem dará água à ave



ḥḏ t3 n sft.f dw3
quando a terra começar a brilhar para ela ser abatida pela manhã[80]?»



iw.f pw ḥ3t.f r ph.fy
E acabou, do princípio ao fim,

mi gmyt m sš
como o que se encontrou na escritura,

[m] sš sš ikr n ḏbʿw.f
na escrita do escriba hábil de seus dedos,

imny-s3 imnʿ3 ʿnḫ wḏ3 snb
Amenaá, filho de Ameni[81]. Possa ele viver, prosperar e ter saúde[82]!

NOTAS

[1] O início do conto com o recurso à forma narrativa *sḏm.in.f*, uma forma verbal de passado narrativo que num conto introduz, normalmente, um novo episódio, tem dado corpo à dúvida de que este conto possa estar incompleto, pois o começo tão abrupto, que no entanto não deixa de ser coerente, sugere a hipótese de poder faltar um preâmbulo qualquer.

[2] Companheiro (*šmsw*), lit.: «Aquele que segue», o faraó. Era um dignitário que ajudava o rei a governar o Egipto (cfr. *História de Sinuhe*, R2), numa designação que, aparentemente, deriva de outra bastante mais antiga segundo os «Textos das Pirâmides», do tempo de Pepi I: *šmsw ḥr*, ou seja, «Aqueles que seguem Hórus». De acordo com a mitologia egípcia eram seres simbólicos que governavam o Egipto primordial, antes da transmissão do poder aos homens na pessoa do faraó, e que o recebiam quando da sua ascensão à eternidade. «Aqueles que seguem o faraó» (*šmsw pr-ꜥꜣ*) seriam os seus representantes na terra. Pode ser traduzido, também, por dependente, alguém que trabalha para outrem. Até à linha 123 o texto está escrito em colunas verticais; da 124 à 176 surge em linhas, para terminar, da 177 à 189, novamente em colunas (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 264; M. LAPIDUS, *La Quête de l'Île Merveilleuse*, p. 21; W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage Impérial*, pp. 1--8 e pl. I-VIII).

[3] Esta é uma forma *sḏm.f* imperativa, que era usada frequentemente para introduzir uma notícia.

[4] Cfr. nota 2 da *História de Sinuhe*.

[5] A palavra *ḫnw* significa literalmente «interior», sendo frequentemente utilizada em contextos onde significa «palácio real». Contudo, pode ter também o sentido de «casa», o que, neste contexto, significa «país de origem», «pátria» ou «reino». Neste texto, esta palavra aparece como substantivo ou elemento da preposição *m-ḫnw*, entendida sempre com uma certa ambiguidade, mas que, muito provavelmente, não se punha aos leitores de então, conhecedores das subtilezas da sua escrita que hoje ainda nos escapam. Reservamos a designação de «palácio real» ou «residência real» quando aparece especificamente designado *ḫnw n ity* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 202).

[6] Esta região correspondia à Núbia Setentrional, entre a primeira e a segunda catarata. Localizando-se entre o Nilo e o mar Vermelho, era um país da Baixa Núbia já no final do Império Antigo, tendo estado ao longo da sua história sob domínio egípcio em diversas ocasiões, sobretudo a partir do Império Médio quando foi anexado pela primeira vez para consolidar o poder tebano e a segurança da sua fronteira meridional. Para além das questões político-militares, havia as questões

económicas ligadas ao fluxo permanente de minerais, principalmente o ouro, e de produtos exóticos dessa e através dessa região. Servindo de tampão entre o Egipto e Kuch, grande parte do antigo país de Uauat repousa hoje sob as águas do lago Nasser (J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 32-33 e 183; B. MANLEY, *Atlas Historique de l'Égypte Ancienne*, pp. 26-27, 37, 41, 43, 45, 50-51, 54-55, 60-61, 68-69, 90, 106 e 124).

[7] Senmut é o antigo nome da ilha de Biga, localizada a sul de Assuão ao lado da ilha de Agilka e da ilha de Filae, hoje submersa. É evidente que para atingir as fronteiras de Uauat teriam que passar por esta ilha, localizada mais a norte do que aquela região (J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 72-73).

[8] Os signos , o pronome dependente «nós», foram acrescentados posteriormente entre as colunas 10 e 11 (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage Impérial*, pl. I).

[9] *iḫ* é uma partícula proclítica que marca o desejo de uma consequência futura. É, claramente, um ritual de purificação que antecede a introdução junto da pessoa real de natureza divina.

[10] Faulkner traduz *ṯ3m* por «ocultar», «esconder» e a expressão *ṯ3m ḥr* por «ocultar a cara = mostrar indulgência». Mas Lichtheim opta pelo verbo «perdoar», que nos parece expressar melhor o provérbio ou máxima a que, provavelmente, corresponderiam estas duas frases (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 303; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 212).

[11] Provavelmente, estas duas frases transmitem a tomada de consciência do náufrago em relação ao facto de o seu interlocutor ser alguém de condição superior à sua, o comandante do barco, a quem era escusado dar conselhos. Daí que parta de imediato para a narrativa.

[12] Aqui começa, verdadeiramente, o *Conto do Náufrago*, sem a garantia de que as linhas anteriores sejam uma pequena introdução completa.

[13] É a primeira pessoa do pseudoparticípio, o «old perfective» de Gardiner, como se pode perceber pela desinência pronominal que acompanha o verbo. Nesta utilização independente, isto é, sem recurso a um substantivo ou a um pronome onde se apoiar, é usado em formas narrativas para indicar uma situação passada, sobretudo com os verbos de movimento (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 234-242).

[14] A palavra *bi3* pode significar «bronze», que é uma liga, «cobre», «um mineral» não metálico, uma «região mineira», ou «firmamento» e uma «matéria de origem celeste», conforme os determinativos. De Norte a Sul do Egipto, do Sinai à Núbia minas de onde se extraíam diversos tipos de minérios, todas elas controladas pelo Egipto como monopólio real. Neste texto não há uma localização exacta destas minas. Pode ser um daqueles subterfúgios literários para generalizar: uma ilha

misteriosa em qualquer parte do universo. Sobre a palavra *ity* ver a nota 2 da *História de Sinuhe* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 202; J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, p. 21; B. MANLEY, *Atlas Historique de l'Égypte Ancienne*, pp. 19, 51, e 69; M LAPIDUS, *La Quête de l'Île Merveilleuse*, p. 26; P. Le GUILLOUX, *Le Conte du Naufragé*, p. 23; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 30; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 33; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 212; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 51; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 92; T. F. CANHÃO, *O Conto do Náufrago. Um olhar sobre o Império Médio egípcio. Análise histórico-filológica*, pp. 27-30). Acerca desta forma de escrever «soberano» cfr. nota número 3 da *História de Sinuhe*.

[15] É uma referência geográfica ao vale do Nilo e não ao mar Vermelho, como afirma Lefebvre. Há mesmo uma inscrição em Filae com uma procissão de «Nilos», onde «um "Nilo" fala em nome do "Hapi do Alto Egipto que reside em Biga, e fornece a divina água fresca ao *w3d-wr*"». Cfr. nota 123 da *História de Sinuhe* (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 33; C. VANDERSLEYEN, *Ouadj our. Un outre aspect de la Vallée du Nil*, pp. 74 e 319; T. F. CANHÃO, *O Conto do Náufrago. Um olhar sobre o Império Médio egípcio. Análise histórico-filológica*, pp. 32-36).

[16] Cfr. nota 29 de *Khufu e os Magos*.

[17] Seria um barco de 63 metros de comprimento por 21 metros de largura.

[18] «Em ela», uma vez que barco em egípcio era uma palavra feminina. Há algumas curiosidades nesta frase: *sḳd* está no singular e não é um substantivo colectivo, o que não concorda com o numeral expresso; o determinativo desta palavra não é um homem sentado com um remo (G. D10) como pretendia Golénischeff, mas um homem em pé com os braços abertos para o céu (G. D30); finalmente, registe-se que Golénischeff leu os dois numerais «cento e vinte» como sendo «cento e cinquenta», o que não está correcto (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage Impérial*, pl. II; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, 2a-2b, 3a-3b; 52a-52b; 53a-53b).

[19] Estas duas palavras *ḏr* e *nšny* referem-se a mau tempo. Enquanto o determinativo da primeira a associa a «vento», sendo um vento forte e fora do normal, já a segunda, *necheni*, é algum muito mais forte, cujo determinativo é o animal de Set (G. E20), senhor do deserto, causador das tempestades. É provável que seja uma daquelas tempestades de areia a que os árabes hoje chamam de *khamsin*, capazes de provocar grandes estragos. Encarado como uma manifestação do poder divino, o vento pode ser ouvido e sentido, mas apenas os seus efeitos podem ser vistos. Nós próprios, por duas vezes nos vimos envolvidos em acontecimentos dessa natureza em 2001, quando então participámos na primeira expedição arqueológica portuguesa autorizada pelo Conselho Supremo de Antiguidades

Egípcias para escavar o palácio do faraó Apriés da XXVI dinastia. Uma das vezes, na região de Mênfis, em Kom Tuman, no campo de trabalho, e outra em Sakara, no andar junto à duna de Sakara que a missão portuguesa ocupou durante a campanha de 2001, pelo menos. Na primeira encontrávamo-nos no campo arqueológico e os trabalhos ficaram por aí nesse dia. Uma brisa inicial evoluiu progressiva e rapidamente para vento muito forte. A nossa inexperiência com fenómenos desta natureza ainda fez com que tentássemos continuar, mas acabámos por ver que era impossível a manipulação de qualquer equipamento, o vento arrastava as pessoas e tirava-lhes as coisas das mãos, era impossível abrir os olhos, mesmo abrindo-os não se via nada a não ser grãos de areia a deslocarem-se a grande velocidade e a fustigarem os olhos, as pessoas mal se viam umas às outras, tinham dificuldade em comunicar com o barulho ensurdecedor do vento, mal podiam respirar e os grãos de areia magoavam. No final, a grande tenda de apoio rasgou-se de alto a baixo, as varetas tombaram e algumas espias soltaram-se, tendo os seus «restos mortais» que ser desmontados para irem a coser. Algum equipamento dispersou-se. As áreas escavadas tiveram que voltar a ser limpas, pois ficaram cobertas de areia. No segundo caso, foi durante a noite e estávamos dentro de casa. As janelas, que durante a noite ficavam abertas, acordaram-nos a bater fortemente contra as paredes, não havia electricidade, mesmo dentro de casa era difícil respirar, a boca enchia-se-nos de areia. Às escuras fechámos as janelas mas, mesmo assim, sentíamos areia por todo o lado e ouvíamos o forte barulho do vento. Ainda o melhor sítio para estar era debaixo do lençol: mais valia suportar um ambiente ainda mais abafado do que levar com a areia. Na manhã seguinte, estava tudo calmo, mas o interior da casa era quase como se não houvesse paredes: havia uma camada de areia por todo o lado que, nos cantos opostos às janelas, chegava a ter alguns centímetros. Ao fim do dia, no regresso do campo de trabalho, na parte da manhã, e do museu de Mênfis, na parte da tarde, o trabalho que sempre acabava por se concluir em casa seria a dobrar nesse dia!

[20] É um pseudoparticípio. Começa aqui o relato da tempestade e do naufrágio.

[21] A palavra *whmyt* tem sido traduzida com o sentido de «repetição» e, nesta passagem, assume frequentemente o significado de «duplicação». Faulkner propõe «grande barulho contínuo» ou «grande gritaria contínua», podendo, portanto, significar também «aquele que produz um grito com a voz», sobretudo tendo em conta o determinativo do homem com a mão na boca. O verbo «bramir» parece-nos adequado uma vez que se pode aplicar ao ser humano com o significado de «gritar», «berrar de dor», «paixão» ou «cólera», «exaltar-se»; aos animais, com o significado de «rugir», «soltar a sua voz»; ou até aos elementos, significando produzir «som forte», «retumbante», «sibilante» ou «estrondear». Aliás, Camões,

em *Lusíadas*, V, 38, utiliza-o afirmando: «pôs nos corações um grande medo bramindo o negro mar»; e Alexandre Herculano, em *Eurico*, no capítulo 16, diz: «por entre o redemoinhar e bramir do vento e das tempestades» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 67; M. LAPIDUS, *La Quête de l'Île Merveilleuse*, p. 29; P. LE GUILLOUX, *Le Conte du Naufragé*, p. 25; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 34; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 212; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 52; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 92; *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, vol. 5, p. 21, col. dir.).

[22] Cerca de 4,2 metros. Muita gente tem questionado como seria possível uma ondulação desta envergadura num rio. Contudo, Vandersleyen tem a resposta: ela «corresponde à chegada rápida e brutal da inundação: a palavra *wꜣw* não tem senão esse sentido nos outros textos onde se encontra. Quanto à vaga de oito côvados que provocou o naufrágio, ela chamava-se *nwyt* e pertence totalmente ao vocabulário nilótico» (VANDERSLEYEN, *Ouadj our. Un outre aspect de la Vallée du Nil*, pp. 74 e 319). Nem a inundação vinha sempre calma e serena, nem todas as regiões do Nilo são suficientemente largas para as águas subirem paulatinamente. Quem já navegou pelo Nilo, sabe que no Alto Egipto o rio tem passagens bastante estreitas e rochosas, onde não é difícil imaginar uma cena desta natureza, que pudesse ocorrer antes da construção da barragem de Assuão. Acrescente-se que o desnível entre o período mais seco do Nilo e a enchente máxima do rio, elevava as águas a mais de sete metros de altura. No entanto, algumas são tão estreitas, como é o caso da primeira catarata, que é preciso bastante boa vontade para imaginar um barco daquela envergadura a manobrar aí. Textos do Império Médio que relatam expedições punitivas aos Núbios, falam de que os locais estreitos, os remoinhos e outros perigos das cataratas eram ultrapassados retirando os barcos da água, transportando-os às costas por terra e voltando a colocá-los na água mais adiante. Este aparente exagero pode ser um recurso literário para empolgar o leitor (cfr. L. M. ARAÚJO, «Barco», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 142-143).

[23] Isto é, ele salvar-se-á graças à madeira à qual se agarrará. É uma construção do tipo *in* + sujeito + particípio, que apresenta o pronome reflexo *s(y)* no fim da frase, reportando-se ao substantivo feminino mais próximo de si, *ḥt*, e não um pronome dependente que se ligue ao longínquo substantivo feminino *nwty*, o que, aliás, daria uma tradução um pouco diferente: «Foi o mastro que ela partiu em meu favor». Por outro lado, este substantivo é traduzido vulgarmente por «árvore», «estaca», «peça de madeira», mas, a contexto, também pode significar «mastro», como sugerem Faulkner, Sánchez Rodrígues, Parkinson, Lichtheim ou Lapidus, e nós usámos em B1,88 no *Conto do Camponês Eloquente*, embora a palavra mais correcta seja *ḥt-ṭꜣw* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 198; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUES, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 333; D. JONES, *A*

Glossary of Ancient Egyptian Nautical Titles and Terms, p. 128; M. LAPIDUS, *La Quête de l'Île Merveilleuse*, p. 29; P. LE GUILLOUX, *Le Conte du Naufragé*, p. 25; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 34; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 212; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 52; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 92; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 30).

[24] Para transmitir a ideia de que o barco se afundou, foi aplicado exactamente o mesmo verbo que se utilizava para os seres vivos, uma vez que na cultura faraónica o barco era entendido como uma entidade viva (D. JONES, *A Glossary of Ancient Egyptian Nautical Titles and Terms*, p. 215).

[25] Vê-se claramente no papiro que os três traços posteriores à palavra «dia» não são o caracter G. Z2, que, conforme se pode confrontar na mesma página com outros exemplos, são normalmente mais pequenos e ligados entre si, sendo portanto o número três (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage Impérial*, pl. II).

[26] Imaginamos que pudesse ser uma toca no interior de uma árvore oca.

[27] Isto é, «recolhia-me à sombra», porventura bastante abalado pelo naufrágio.

[28] O determinativo de *šps*t, G. Y1, , foi inserido entre as colunas 48 e 49 (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage Impérial*, pl. II).

[29] A palavra «entalhados» assume o significado de «com cortes», «feridos», portanto, «maduros», isto é, uns seriam maduros e os outros ainda verdes. Também pode ser uma referência a figos maduros e figos secos. Cfr. nota 89 d'*As Admoestações de Ipu-uer*.

[30] Cfr. Á. SÁNCHEZ RODRÍGUES, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 97.

[31] A palavra «dele» refere-se a «ilha», *iw*, que em egípcio é uma palavra masculina.

[32] Seria a produção de fogo pelo processo de fricção de uma vara mais rija num outro pedaço de madeira mais mole. Aliás, os caracteres desta palavra, sugerem isso mesmo: o determinativo G. M3 ( ), um ramo, e no início o caracter G. U28 (), o bilítero *ḏ3*, exactamente uma vara de fazer fogo sobre a madeira a friccionar.

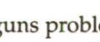
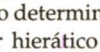
[33] Os dois determinativos da última palavra da coluna 54, G. Z9 e G. M3 ( ), já não cabiam nessa coluna, mas em vez de iniciarem a coluna seguinte, foram escritos junto aos restantes caracteres da palavra, no espaço entre colunas, mas ocupando parte do espaço da coluna 55 que, para não se sobrepor a esses caracteres, acabou por ficar mais curta (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage Impérial*, pl. III).

[34] Os verbos *gmgm* e *mnmn* são verbos durativos, que se caracterizam pela repetição de duas das consoantes do seu radical bilítero ou trilítero, e expressam movimentos, ocupações, sons ou outras acções contínuas ou repetidas (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 210-211).

[35] Perante esta situação de terror, teria antes tapado a cara.

[36] Isto é, 15,75 metros. *n(y) sw* é uma das possibilidades de expressar enfaticamente o adjectivo possessivo, usando o *nisbe* de *n* mais o pronome dependente: *ny wi*, «eu pertenço à», *ny tw*, «tu pertences à» (masculino), *ny sw*, «ele pertence à», etc. (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 88-89; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique*, p. 99).

[37] Ou seja, mais de 1,05 metros.

[38] A palavra *iny*, «sobrancelhas», levanta alguns problemas. Golénischeff lê e Blackman, apoiado por um grupo onde pontuam Erman, Gardiner e Möller, lê  . Nós olhamos para o manuscrito e o determinativo que aí consta é e não . Tanto mais que este oitavo caracter hierático da coluna 65 é exactamente igual ao décimo primeiro caracter da coluna 63, que não levantou problemas. Confirmamos isto com Goedicke. Depois Faulkner diz que a palavra *in*, , significa «sobrancelhas», mas que é um provável erro de *inḥ*; nesta palavra,  , acrescenta que pode ter como variante o determinativo . Em todo o caso, o que nos parece existir aqui e não ser discutível é a existência de um plural dual (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage Impérial*, pl. III; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, pp. 43-43a; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 6a-6b; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 23-24).

[39] Não só a serpente é apresentada como uma entidade divina, visível nos atributos, a barba (*duá-uer*, a falsa barba que o faraó usava em cerimónias oficiais ou que aparecia em representações pintadas ou esculpidas como símbolo da sua imortalidade; era semelhante à de Osíris, com a particularidade de ser trapezoidal, ondulada e direita, enquanto a do deus era curva na ponta inferior), o ouro (a cor do sol e dos deuses) e o lápis-lazúli (a cor da abóbada celeste), como o náufrago assume a atitude de respeito e adoração às divindades, em particular ao faraó.

[40] A frase duplica graças ao signo gráfico de repetição [nesta reprodução tão reduzida não é possível visualizar os pontos que existem no interior do caracter G. O50], *sp-sn*; por seu lado, *nḏs*, tanto pode significar «pequeno», como «homem do povo», donde o «homenzinho». O determinativo de «homem» desta palavra, G. A1, foi acrescentado entre as colunas 69 e 70 (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 221 e 145; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 157; W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage Impérial*, pl. III).

[41] Curiosamente, o determinativo habitual da palavra *snḏm*, , G. Y1, foi substituído por G. A17, , determinativo de criança. Eventualmente apelando para uma compreensão do local onde se têm os filhos, as crias!

[42] Esta passagem é uma repetição das colunas 66 a 71, contudo apresenta algumas pequenas diferenças.

[43] Numa ilha no mar, nunca «os seus dois lados» estariam «na água». De uma forma geral, devido às correntes marítimas estas ilhas têm um lado mais agreste, e o lado oposto, mais protegido, poderá então ser de areal, ou seja, «estar na água». Só um rio, ao passar por ambos os lados de uma língua de terra, produz uma ilha que pode ter os dois lados opostos de areal. Aliás, a expressão «os seus dois lados» só é compreensível se entendermos que é a corrente que dá sentido a essa orientação (C. VANDERSLEYEN, «En relisant le Naufragé», p. 1023).

[44] Inicia-se aqui uma série de repetições de frases, que apresentam por vezes algumas pequenas variantes, sobretudo ao nível de determinativos.

[45] Tanto Blackman quanto outros que se lhe seguiram, omitem na palavra *wḫ3* o caracter *3* ( ), G. G1. Contudo, Golénischeff apresenta-o, pelo simples facto de ele existir no manuscrito e ser, de facto, esse caracter (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage Impérial*, pl. IV; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 44; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 14a-14b; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 68; M. LAPIDUS, *La Quête de l'Île Merveilleuse*, linha 65; P. LE GUILLOUX, *Le Conte du Naufragé*, p. 42).

[46] A palavra *3tw* é uma variante de *3yt* ( ), «branquear». Temos aqui três frases em que foi empregue o imperativo negativo *m* ( ), G. D17 (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 3 e 4).

[47] A noção de *ka* escapa às nossas categorias racionais: ela congrega todas as noções relativas às forças vitais, tanto nos seus aspectos espirituais como materiais. Era ao mesmo tempo uma energia criadora e conservadora de vida. Era alimento e vitalidade de Maat, que mantinha tanto a ordem cósmica quanto a ordem entre os homens, vivos ou mortos. Era um dos elementos integrantes do ser humano, tal como o *ba* e o *akh*, os dois outros princípios espirituais que os Egípcios acreditavam constituir a totalidade harmónica do ser, humano ou divino, ou como o corpo ou o nome, sem os quais também não era possível viver (cfr. L. M. ARAÚJO, «Akh», «Ba» e «Ka», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 40-41, 131-132, 469-470).

[48] Não nos parece que seja a forma verbal activa pretérita *sḏm.n.f*, a que os franceses chamam *accompli*, *rḫ.n.k*, «que tu conhecias», uma vez que o náufrago continua vivo, mas antes o pseudoparticípio *rḫ.(w) n.k*, «conhecidos de ti».

[49] O último caracter da coluna 122 foi acrescentado entre esta e a coluna 123, a última das nove páginas em colunas. Aproximadamente do meio para baixo encontra-se em branco. Com o número 124 começa uma nova secção de seis páginas com o texto escrito em linhas, que continuarão até à linha 176.

[50] Vimos também em Sinuhe qual a importância para os Egípcios de morrerem na sua terra. Aliás, o argumento de que só no Egipto os Egípcios teriam direito aos rituais apropriados para uma vida eterna, foi usado pelo rei para fazer regressar Sinuhe às origens. Cfr. *História de Sinuhe*, B 178-199.

[51] Aparentemente no sentido de comunidade.

[52] Será, porventura, uma filha da serpente obtida através de um acto de fé ou de magia. Uma deusa que supomos poder ser Maat.

[53] O autor, ou pelo menos o mentor do conto, pode ter observado ou sabido da queda de algum meteorito, e essa observação astronómica ter ficado registada desta forma.

[54] A maioria das traduções consultadas termina o discurso da serpente com a expressão «no meio dos teus irmãos», como são os casos de Erman, Lefebvre, Lichtheim, Parkinson, Simpson ou Lapidus. Contudo, Le Guilloux chama-nos a atenção para o facto do discurso poder acabar depois de *wn.k rf*, «tu existirás portanto». O que nos parece bastante lógico: se o náufrago for forte e se controlar, voltará a ver a família, os amigos e o seu país, terminando a sua aventura e recomeçando uma nova vida, ou seja, existindo de novo. Vandersleyen diz muito claramente que a «sintaxe egípcia permanece misteriosa» e que «as razões de ligar certas proposições entre elas não são frequentemente explícitas» (M. LAPIDUS, *La Quête de l'Île Merveilleuse*, p. 46; P. LE GUILLOUX, *Le Conte du Naufragé*, pp. 51-53; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 37; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 214; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 55; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 95; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 33; C. VANDERSLEYEN, «En relisant le Naufragé», p. 1020).

[55] Também esta passagem não é consensual. Há quem se mantenha fiel ao manuscrito, como nós, e quem corrija a frase para *ḏd.i rf n.f*, traduzindo por «E eu disse-lhe então» ou similar. Sem dúvida que esta é a fórmula mais corrente, mas neste texto existem outros dois exemplos de transições entre interlocutores que escapam à normalidade: linhas 73-74 e 135-136 (M. LAPIDUS, *La Quête de l'Île Merveilleuse*, p. 47; P. LE GUILLOUX, *Le Conte du Naufragé*, p. 53; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 37; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 214; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 55; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 95; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 33).

[56] São quatro essências que ainda não estão identificadas com exactidão. O *ibi* poderá ser o láudano, o *hekenu* era um óleo sagrado, um perfume ou um incenso (para Parkinson é «malabathrum»), o *iudeneb* uma substância aromática de origem africana (para Parkinson é «terebintina»), e o *khesait* pode ser uma substância aparentada com a canela ou a própria canela (para Parkinson é «bálsamo» e para Simpson é «cássia»). No que respeita ao termo *hekenu*, não concordamos com a tradução directa de «óleo sagrado» que S. Quirke faz, ou Sánchez Rodríguez prevê no seu dicionário, uma vez que os óleos sagrados eram vários, como podemos confirmar com L. Manniche (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 37; M. LAPIDUS, *La Quête de l'Île Merveilleuse*, p. 47; P. LE GUILLOUX, *Le Conte du Naufragé*, p. 55; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 15, 179, 205 e 234; W. K.

SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 55; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique*, pp. 27, 28, 155, 173 e 192; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 96; L. MANNICHE, *Egyptian Luxuries*, p. 152; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 308; S. QUIRKE, *Egyptian Literature 1800 BC. Questions and readings*, pp. 74-75).

[57] Na palavra *snṯr* falta no manuscrito o caracter inicial G. R8 ( ), o qual aparece nos restantes casos em que esta palavra surge neste manuscrito (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage Impérial*, pl. VI).

[58] A cidade certamente que seria a cidade onde estava o soberano, a capital.

[59] Independentemente de optarmos por «homens» ou por «humanidade», traduzimos esta passagem por: «como devemos fazer por um deus que ama os homens, num país longínquo que os homens não conhecem» (147-148). Loprieno levanta aqui um problema de tradução, afirmando que gramaticalmente tanto é possível traduzir esta passagem dizendo «por um deus que ama os homens» ou «por um deus que os homens amam». Mas não podemos fixar-nos apenas no cotexto, isto é, no que existe no texto do ponto de vista linguístico que ajuda a compreender a frase. Temos também que ter em consideração o contexto, ou seja, o que existindo em torno do assunto situa a frase sem nada ter a ver com a linguística. Se é um «país longínquo que os homens não conhecem», como é que a humanidade saberia que lá existia um deus? E como amariam um deus de que não conheciam a existência! Faz muito mais sentido a primeira tradução: o náufrago está num país longínquo e desconhecido da humanidade, onde encontrou uma divindade que o protege e ajuda. Por isso é «um deus que ama os homens», digno das maiores e melhores oferendas possíveis. O seu desconhecimento por parte da humanidade é também atestado, de certo modo, pelo pedido que a divindade faz ao náufrago em 159-160 (A. LOPRIENO, «The Sign of Literature in the Shipwrecked Sailor», p. 216.

[60] Nesta frase e neste contexto «os homens» são os Egípcios.

[61] A palavra *ḥḳ3* tem um determinativo que leva muita gente a traduzi-la por «rei» ou «soberano», o caracter G. G7, o falcão sobre um estandarte ( ), utilizado como determinativo em divindades e na palavra rei que, neste caso, confere um carácter divino e/ou real a este governador, sem o igualar ao rei do Egipto. Manteremos a tradução de «governador» e não a alteraremos para «rei», porque os Egípcios tinham diversas palavras para este último termo, que o autor não quis empregar aqui, talvez pelo facto de que para eles só havia um rei, o faraó. Exactamente da mesma maneira que quando este determinativo aparece a dar carácter divino e/ou real ao «senhor da ilha», em 171, não traduzimos *nb* por «rei» ou «soberano». A eventualidade de confusão com qualquer outro «governador» do Egipto, em nossa opinião não é de considerar, porque as palavras ou os determi-

nativos certos distinguem-nos. Por exemplo, , *ḥḳ3-ḫwt*, «governador de distrito». Tudo isto sem, indiscutivelmente, deixar de ser o «governante», o «dirigente» ou o «chefe máximo» do Punt, o que nos leva a admitir que numa tradução literária, não acompanhada do texto hieroglífico ou de qualquer estudo, se possa usar o termo «soberano» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 178; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 306-307).

[62] O Punt foi objecto de numerosas expedições egípcias, entre a V dinastia e a Época Greco-romana, muitas das quais sobreviveram em vários tipos de relato, dando a região como origem da mirra, do incenso e de outras substâncias aromáticas, bem como de ouro, marfim, madeiras exóticas, entre as quais o ébano, e diversas espécies animais, locais ou provenientes de outras regiões africanas. Para além do exotismo, esta terra era também mítica, pois daí vinham variados produtos para o culto, desde os aromáticos e ornamentais às peles rituais dos sacerdotes, o que levava os Egípcios a designá-lo por «País de Deus». Apesar de tudo isto, sabe-se que deveria ficar na África Oriental, à beira de um rio, desconhecendo-se a sua localização exacta. As hipóteses mais frequentes são a Somália, o Sudão, a Eritreia, na Etiópia, ou o Sul da Núbia. Grande parte das expedições iam pelo mar Vermelho, partindo maioritariamente dos portos de Quseir ou Mersa Gauasis, mas houve algumas que foram por terra, o que afasta a hipótese também avançada de poder ser o Iémen. Não era um território inimigo do Egipto, mas um território soberano africano seu amigo e parceiro comercial. Na corte egípcia estiveram de visita os filhos dos príncipes de Punt e a célebre Ati, a obesa e deformada mulher de Parehu, soberano do Punt, que se vêem num desses relatos, no templo de Hatchepsut em Deir el-Bahari (L. M. ARAÚJO, «Punt» em *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 723; I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, pp. 231-232; G. POSENER, *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, p. 229; B. MANLEY, *Atlas Historique de l'Égypte Ancienne*, pp. 27, 45, 51, 59, 74 e 75).

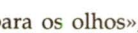
[63] Ou seja, todos os produtos que o náufrago tinha como preciosos e pretendia oferecer à serpente, já ela tinha e em quantidade.

[64] Também esta frase leva a crer tratar-se de uma ilha fluvial. As ilhas que aparecem e desaparecem são uma característica nilótica: passada a inundação, o aluvião pode provocar o aparecimento de ilhas que, devido às suas características aluviais, na cheia seguinte podem desaparecer sem deixar rasto (C. VANDERSLEYEN, «En relisant le Naufragé», p. 1023).

[65] A linha 160 é a última da página e tem apenas cinco caracteres, tendo cerca de 1/6 do comprimento das restantes.

[66] Para Parkinson é «cânfora» (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 97).

[67] Faulkner e Menu traduzem por «tinta preta para os olhos», mas Menu acrescenta «galena». E Lise Manniche, numa página onde apresenta uma fotografia de um

recipiente de cana para «tinta para os olhos», com a inscrição  (*msdmt m3ʿt nfrw*), isto é, «verdadeira e bela tinta preta para os olhos», esclarece: «A tinta preta para os olhos era usualmente baseada em galena, um minério de chumbo cinzento-escuro que podia ser facilmente extraído em numerosas localidades no Alto Egipto entre Quseir e o mar Vermelho. (...) Nos tempos romanos e medievais foi usado um antimónio composto, um minério que em bruto não se encontrava no Egipto. Em latim era designado por *stibium*, uma palavra derivada da egípcia *mesdemet*, que era uma designação da tinta para os olhos em geral. (...) Registos antigos mencionam tinta para os olhos importada. (...) Os Asiáticos, o povo de Naharina para lá do Eufrates e os habitantes do distante Punt eram os fornecedores da corte egípcia.» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 118; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique*, p. 104; L. MANNICHE, *Egyptian Luxuries*, pp. 135-137).

[68] Ao contrário da maioria dos tradutores consultados, que vêem aqui apenas um produto, «grande/s pedaço/s de incenso» ou de «resina de terebintina», parecem-nos ser dois produtos distintos (M. LAPIDUS, *La Quête de l'Île Merveilleuse*, p. 52; P. LE GUILLOUX, *Le Conte du Naufragé*, p. 61; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 38; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, p. 214; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 56; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 97; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 34).

[69] São duas espécies de macacos diferentes. O primeiro é o *Cercopithecus aethiops*, um pequeno macaco cinzento; o segundo é o *Papio hamadryas* ou o *Papio cynocephalus anubis*. Qualquer deles é facilmente domesticável, sendo os babuínos animais bastante inteligentes. Não é, portanto, estranho, que um babuíno fosse um dos animais sagrados de Tot, ainda que nenhum deles fosse um animal típico da fauna egípcia (P. F. HOULIHAN, *The Animal World of the Pharaohs*, p. 75).

[70] Como chama a atenção G. Lefebvre, parece, de facto, uma lista com o tipo de produtos que os Egípcios procuravam no Punt (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 39; cfr. nota 81).

[71] Uma vez que actualmente não se sabe a localização exacta do Punt, esta referência é importante. Uma missão de arqueologia experimental poderia aproximar-nos mais da verdadeira localização desta região. É evidente que seria necessário começar por definir o tipo de embarcação a utilizar e tentar fazer a viagem o mais aproximada do que se imagina que teria sido nesta época, tendo em conta as diferenças do percurso de então e de hoje.

[72] Outra passagem pouco consensual. A tradução mais comum é «voltarás a ser jovem na tua terra e serás enterrado nela», assumindo *rnpy.k m ḥnw ḳrst.k* em que *ḥnw* é traduzido por «terra», «país» ou «casa» e *ḳrst.k* por *ḳrs(.tw).k*. Lichtheim diz mesmo que a ênfase do conto é o «regresso a casa», com o que, aliás, concordamos, mas aqui

parece-nos mais importante ter em conta as implicações que para os Egípcios tinha morrer e ser enterrado no Egipto ou fora dele, bem como o facto de os rituais funerários implicarem o renascer e, portanto, o rejuvenescimento eterno do defunto num mundo intemporal (M. LAPIDUS, *La Quête de l'Île Merveilleuse*, p. 53; P. LE GUILLOUX, *Le Conte du Naufragé*, p. 63; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 39; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, pp. 214-215; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 55; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 97; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 34; R. SOUSA, «Morte», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 584-585; cfr. J. H. TAYLOR, *Death and the Afterlife*, pp. 10-45).

[73] No início do papiro, nas frases 7 e 8, não se levantou qualquer dificuldade. Como para a tripulação foi usada a expressão *iswt.sn*, «a nossa equipagem», neste contexto não havia dúvida para a tradução da palavra *ms*ʿ por «expedição», que sabemos também poder significar «soldados» ou «exército». Nesta passagem continua a justificar-se essa tradução porque o contexto se mantém. Todavia, porque em nosso entender foneticamente resulta melhor aqui, preferimos usar o sinónimo «tripulação» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 30 e 119).

[74] O pronome sufixo *.s* refere-se a barco, que era onde estavam os marinheiros, que em egípcio era uma palavra feminina. Parece-nos mais lógico o náufrago e os marinheiros darem graças a uma reconhecida divindade que lhes carregou o barco com todas aquelas riquezas e os deixa partir, do que o náufrago dar graças à divindade e aos marinheiros.

[75] Com esta palavra entramos na última página do manuscrito. Está redigido em colunas e é a única página que apresenta deterioração: na parte superior existem nove pequenas lacunas que destruíram parcial ou totalmente um, dois ou três caracteres iniciais de algumas colunas; na parte inferior as colunas terminam mesmo na raia do papiro, apenas deixando incompletos os dois últimos caracteres da linha 180.

[76] Há aqui outra divergência, desta vez de transcrição do hierático para o hieroglífico. Uns lêem o quinto caracter hierático desta linha como e outros, vendo aí o quinto e o sexto hieróglifos da linha, como . Goedicke mostra-nos que a confusão é bem possível: há manuscritos hieráticos onde são praticamente iguais. Analisámos então outros caracteres *f* do papiro e verificámos que os *f* são sempre semelhantes entre si e ligeiramente diferentes deste caso (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage Impérial*, pl. VIII; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, 18a-18b e 53a-53b).

[77] Depois de fazer o relato da sua aventura, o náufrago dirige-se de novo ao comandante.

[78] Há espaço para a hipótese avançada por Golénischeff: , ficando então *sḏm r.k n r.i*, que literalmente se traduz por: «Ouve, portanto, o que pertence à minha

boca!» Mas é também possível que estivesse apenas *sḏm r.k n.i*, ou seja, «Ouve-me, portanto!», como sugere Lefebvre, que encontrou esta expressão completa em *Lebensmüde*, 67 (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage Impérial*, p. VIII; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 39).

[79] Esta frase parece ser uma referência sapiencial. Aliás, sabemos da importância de «escutar» para os Egípcios: os sábios escutavam antes de falar e os imprevidentes falavam antes de escutar!

[80] Até aqui, este conto foi um monólogo. Esta é a única fala do comandante e parece que ele está condenado. Fala com um ar sapiencial e com este último provérbio parece querer dizer ao náufrago que não valia a pena ter demorado tanto com o relato, uma vez que, de qualquer modo, será punido brevemente. Uma vez que se segue o cólofon, não seria no fim que estaria a resposta a esta questão. Provavelmente haveria mesmo uma introdução onde eram apresentados os interlocutores e a problemática do conto!

[81] Como referimos na nota 26 do *Conto do Camponês Eloquente* a propósito de Rensi, filho de Meru, o hieróglifo G. H8 ( ) é o determinativo de ovo. Surge aqui numa situação específica criada no Império Médio, a partir da XII dinastia, com o aparecimento na escrita hierática do método invertido para expressar filiação, passando-se a fazer a contracção de G. G39 ( ). Contudo, a sua substituição pelo hieróglifo G. H8, segundo Gardiner, só ocorreria na XIX dinastia, não aparecendo mais cedo senão em situações convencionais (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 66 e 474; cfr. nota 26 do *Conto do Camponês Eloquente*).

[82] É uma fórmula habitual empregue inicialmente com atributos conferidos ao rei ou a um elemento honorável da sociedade egípcia, particularmente em cartas, como desejo de um futuro longo, próspero e saudável. Isto leva-nos a admitir que o pai do redactor, Ameni, e/ou o próprio redactor, Amenaá, fossem considerados pessoas importantes na época da redacção do papiro. Sobretudo a partir da XVII dinastia surge também aplicada a outros termos ligados à realeza, como *pr-nsw* e *pr-ꜥ3* no *Papiro Westcar*, formulando igual desejo em relação à casa real e ao palácio, não aos edifícios mas como colectivos da instituição real. Aqui, por se encontrar no final do texto, apresentamo-la completa, mas, em outros casos, como já aconteceu no terceiro conto do referido *Papiro Westcar*, por exemplo, escrevê-la-emos de forma abreviada, v. p. s., por se encontrar sistematicamente no meio do texto e quebrar a sua fluência (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 50 e 239; cfr. nota 58 do *Khufu e os Magos*, nota 32 das *Admoestações de Ipu-uer* e nota 2 de *As Profecias de Neferti*).

4. CONTO DO CAMPONÊS ELOQUENTE

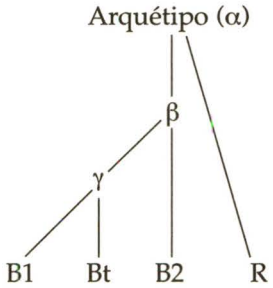
4.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse

O *Conto do Camponês Eloquente* chegou até nós graças a quatro manuscritos sobre papiro: o *Papiro de Berlim 3023* (**B1**), o *Papiro de Berlim 3025* (**B2**), o *recto* do *Papiro Butler* ou *Papiro BM 10274* (**Bt**) e o *recto* do *Papiro do Ramesseum A* ou *Papiro de Berlim 10499* (**R**). Existem ainda pequenos pedaços dos dois primeiros manuscritos designados genericamente por *Papiro Amherst* (**A**), sendo o *Papiro Amherst I* constituído pelos fragmentos A-E de **B1** e o *Papiro Amherst II* pelos fragmentos F-G de **B2**. Escritos em egípcio hierático, todos parecem ser cópias diferentes de um original, provavelmente perdido. Aliás, a existência de cólofon em **B2** assegura com toda a certeza que não se trata de um manuscrito original. Todos os papiros são do Império Médio: **B1**, **B2** e **Bt** da XII dinastia e **R**, o único que foi descoberto num contexto datado, da XIII dinastia[1]. A relação entre os diferentes papiros é a que Parkinson determinou após aturada análise filológica[2] e que reproduzimos no esquema que se segue; α, β e γ estão dados como desaparecidos. As diferenças que apresentam são, fundamentalmente, pequenas variações de estilo e erros de copista, deliberados ou não, tanto em determinativos como em palavras, ou, mesmo, em frases completas.

---

[1] G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 45; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. xxv-xxviii.

[2] R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. xxix.



Com respeito à sua proveniência, **B1** e **B2** pertenceram até 1843 à Colecção Athanasi, altura em que foram adquiridos pelo Königliches Preussisches Museum, mais tarde os Staatliche Museen de Berlim, conjuntamente com outros objectos e papiros. A sua origem egípcia exacta não ficou registada, havendo apenas algumas conjecturas que apontam para a sua provável descoberta num túmulo tebano, uma vez que, sem que se conheça qualquer localização precisa, é sabido que o grego Giovanni d'Athanasi (1798-1854) realizou a maior parte das suas recolhas de antiguidades egípcias em Lucsor e arredores[3]. Hoje são propriedade dos Staatliche Museen de Berlim.

Da descrição dos papiros que fizemos em 2003, e que publicámos na revista *Cadmo* sem imagem[4], em 2004, julgamos importante salientar o seguinte: **B2** é um rolo com duas faces que mede 295 cm x 15 cm. O texto, escrito todo em colunas orientadas da direita para a esquerda, ocupa somente o *recto*. No *verso* só há uma pequena área escrita equivalente a três

---

[3] *Idem*, p. x; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 21; N. and H. STRUDWICK, *Thebes in Egypt*, p. 211; R. W. DAWSON e E. P. UPHILL, *Who Was Who in Egyptology*, p. 21.

[4] T. F. CANHÃO, *«O meu caminho é bom». O Conto do Camponês Eloquente. Texto hieróglifo, transliteração, tradução comentada e análise de uma fonte documental*, pp. 36-37; T. F. CANHÃO, «O Conto do Camponês Eloquente na Literatura do Antigo Egipto», pp. 128-129.

colunas do *recto*, possivelmente não mais do que um simples apontamento ou memorando do escriba[5]. As marcas de palimpsesto são insignificantes, indicando apenas pequenas correcções e não a existência de qualquer texto anterior.

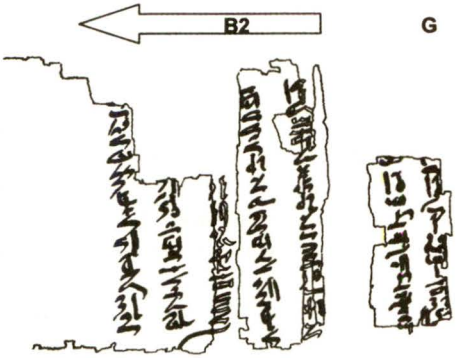


Figura 1 – Restauro do início de **B2** com os fragmentos F-G de **A** II[6].

Figura 2 – Fotografia dos fragmentos F-G

Compõe-se de 142 colunas, às quais até 1991 eram acrescentadas quatro linhas incompletas dos dois pequenos fragmentos F-G de **A** II (F – 3 cm x 5 cm; G – 3 cm x 6,5 cm), que em Outubro de 2000 estavam reduzidas a apenas três linhas incompletas (F – 1,7 cm x 4,5 cm)[7]. Inexplicavelmente entre estas duas datas, o fragmento F sofreu uma amputação parcial tendo desaparecido o conjunto completo que constituía a primeira daquelas quatro linhas (figuras 1 e 2). O facto dos conjuntos F e G não se entrosarem directamente e pertencerem à parte do papiro

---

[5] R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. xix.

[6] Em *idem*, p. xx.

[7] Estas duas datas referem-se: a primeira à publicação da obra de R. B. Parkinson e a segunda à carta de envio das fotografias da Pierpont Morgan Library para o autor deste trabalho.

em falta, o que para além de levantar grandes problemas de restauro os torna desprezíveis tanto para a inteligibilidade do conto como para as dimensões de **B2**, não é razão para escamotearmos esta perda recente de um pedaço do património universal.

R é proveniente da zona do Ramesseum, onde J. E. Quibell o encontrou em 1896 numa caixa localizada num túmulo dos finais do Império Médio, situado sob os armazéns do templo funerário de Ramsés II. Não foi um achado isolado, visto estar acompanhado de mais vinte e três papiros, a maior parte de carácter mágico-medicinal, forte sugestão para identificar a actividade do seu proprietário que, de certo modo, é confirmada por parte do mobiliário funerário que os acompanhava. Encontrado em muito mau estado, passou pelo University College de Londres para restauro, mas actualmente também se encontra nos Staatliche Museen de Berlim.

Bt foi adquirido por Samuel Butler (1774-1839) em 1835 quando a terceira Colecção Salt foi postumamente vendida[8]. O respectivo catálogo afirma que a sua origem é Tebas[9] e é sabido que os agentes de Henry Salt (1780-1827)[10] se concentraram sobretudo no Ramesseum, em Lucsor e em Karnak[11]. Em 1840 foi adquirido pelo Museu Britânico (BM), ainda hoje o seu proprietário, cujos arquivos confirmam a proveniência tebana[12].

---

[8] R. W. Dawson e E. P. Uphill, *Who Was Who in Egyptology*, pp. 77-78.

[9] R. B. Parkinson, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. xi.

[10] Henry Salt, cônsul de Inglaterra no Egipto, reuniu três importantes colecções de peças egípcias, tendo como colaboradores nas investigações e recolha de antiguidades nesse país o grego de Lemnos, Giovanni Athanasi, e o italiano Giovanni Belzoni. A maior parte das suas colecções encontram-se hoje no Museu Britânico (1ª e 3ª colecções – 1083 peças a segunda) e no Museu do Louvre (2ª colecção – 4014 peças) (*Idem*, p. xxxiii; J. Vercoutter, *À la Recherche de l'Egypte Oubliée*, pp. 66-67; R. W. Dawson e E. P. Uphill, *Who Was Who in Egyptology*, pp. 370-371).

[11] J. Vercoutter, *À la Recherche de l'Egypte Oubliée*, pp. 69-75.

[12] R. B. Parkinson, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. xi.

A I e II devem o seu nome ao facto de terem pertencido à colecção de Lord Amherst de Hackney (1835-1909)[13], desconhecendo-se onde e quando os terá adquirido. Parkinson corrobora a ideia avançada por Newberry de que a hipótese mais provável é terem sido adquiridos em 1861 quando Amherst adquiriu a Colecção Lieder, no Cairo, onde permaneceu entre 1825 e 1862[14]. Em 1912 foram comprados pela Biblioteca Pierpont Morgan de Nova Iorque, actual proprietária. Foram comprovadamente identificados por Newberry e Griffith como fragmentos de **B1** e **B2**[15]. Embora se desconheça o percurso efectuado desde que se separaram daqueles papiros até chegarem aos actuais detentores, a sua origem mais provável é Tebas.

Ainda que só **R** tenha a sua proveniência efectivamente identificada, tudo indica que terão todos sido encontrados no Alto Egipto, na região de Tebas. Em todo o caso, isso não atesta que o original tenha sido aí criado. Do que não há dúvidas, é que no Império Novo, pelo menos entre escribas e candidatos a escriba, havia conhecimento deste conto, como o prova a existência de um óstraco ramséssida de calcário com cópia de **B1**, 28-29[16].

As primeiras publicações destes papiros são ainda do século XIX: **B1** e **B2** foram publicados em 1859 por Lepsius[17], **Bt** em 1892 por Griffith[18] e **A** em 1899 por Newberry[19]. O papiro **Bt** tinha tido já em 1864 uma publicação parcial feita por Goodwin[20]. Em 1908 surgiu uma importante publicação de **B1**, **B2** e **R**, fotografados, transcritos para

---

[13] R. W. Dawson e E. P. Uphill, *Who Was Who in Epistology*, p. 14.

[14] R. B. Parkinson, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. x.

[15] *Idem*, pp. x-xi; E. Perry, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 69-70.

[16] A. H. Gardiner, «The Eloquent Peasant», p. 25; W. K. Simpson, «Allusions to The Shipwrecked Sailor and The Peasant in a *Ramesside Text*», pp. 50-51.

[17] C. R. Lepsius, *Denkmaeler aus Aegypten und Aethiopien*, pl. 108-110, 113-114.

[18] F. Ll. Griffith, «Fragments of Old Egyptian Stories from the British Museum and Amherst Collections», pp. 451-472.

[19] P. Newberry, *The Amherst Papyri*, pl. 1.

[20] C. W. Goodwin, «Lettre à F. Chabas sur un fragment hiératique se rattachant au papyrus de Berlin n.º II», pp. 249-266

hieróglifos e traduzidos por Vogelsang e Gardiner[21]. Em 1922, Gardiner reviu o texto destes três manuscritos introduzindo diversas correcções[22]. Pela qualidade excepcional da de 1908 e pelo pioneirismo das outras, destacamos estas obras de uma lista muito mais vasta de publicações respeitantes a estes papiros. Através de **B1**, **B2** e **R** reconstitui-se todo o conto, permanecendo apenas algumas lacunas pontuais que não impedem a cabal compreensão do texto.

Seguimos preferencialmente **B1** pelo seu estado de conservação, embora não contenha nem o início (está em **R**) nem o fim (está em **B2**) do conto; **A** e **Bt** são dispensáveis. Utilizámos um total de 428 linhas assim distribuídas: 51 do **R** (de 1.1. a 8.3), 326 do **B1** (da 32 à 357) e 51 do **B2** (da 91 à 142). Pomos de lado o tipo de contagem de linhas adoptado por G. Lefebvre, M. Lichtheim e R. B. Parkinson, uma contagem rápida de cinco em cinco linhas[23], utilizando uma contagem linha a linha que segue a nova orientação de R. B. Parkinson para o texto hieroglífico que, no seu livro *The Tale of The Eloquent Peasant*, apresenta a concordância entre a «velha» e a «nova» maneira de numerar as linhas dos diversos fragmentos. A primeira foi fixada por Vogelsang e Gardiner em 1908 e a segunda resultou da própria leitura de R. B. Parkinson, posterior, portanto, às obras de É. Suys, A. De Buck e G. Lefebvre[24].

Embora se confrontem outras fontes, a tradução e a transliteração seguem, fundamentalmente, a leitura dos papiros realizada por R. B.

---

[21] F. Vogelsang e A. H. Gardiner, *Literarische Texte des Mittleren Reiches IV: Die Klagen des Bauern. Hieratische Papyrus aus den Königlichen Museen zu Berlin 4.*

[22] A. H. Gardiner, «The Eloquent Peasant», pp. 5-25.

[23] R. B. Parkinson, *The Tale of The Eloquent Peasant*; G. Lefebvre, *Romans et Contes Égyptiens*; M. Lichtheim, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I.

[24] R. B. Parkinson, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. xxxix-xlii; É. Suys, *Étude sur le conte du fellah plaideur*; A. De Buck, *Egyptian Readingbook*. Quanto à segunda obra é de ter sempre em conta que Parkinson afirma ser «baseada numa nova e grandemente errada leitura dos manuscritos». De resto, é flagrante a ausência de um grande número de hieróglifos na sua leitura.

Parkinson e publicada em egípcio hieroglífico no seu livro referido no parágrafo anterior[25].

Sinopse. No tempo do rei Nebkauré Kheti, um dos três monarcas que sabemos terem existido no período heracleopolitano[26] e do qual

---

[25] Sobre todas as questões relacionadas com este conto ver T. F. CANHÃO, «O Conto do Camponês Eloquente na Literatura do Antigo Egipto», pp. 125-143; T. F. CANHÃO, «Datação e Temática do Conto do Camponês Eloquente», pp. 163-187; T. F. CANHÃO, «O Conto do Camponês Eloquente», pp. 11-54; T. F. CANHÃO, «Khuenanupu um camponês eloquente», pp. 81-112; T. F. CANHÃO, «O grande intendente Rensi», pp. 25-45; T. F. CANHÃO, «O rei Nebkauré Kheti», pp. 29-49.

[26] No Primeiro Período Intermediário o Egipto assistiu a um enfraquecimento do poder real que acabou por conduzir à própria fragmentação do Estado centralizado. O desenvolvimento deste multifacetado processo fez com que a capital mudasse de Mênfis para Tebas, com uma breve passagem por Heracleópolis. Os 64 anos de reinado de Pepi II, no final da VI dinastia, terão contribuído grandemente para a instabilidade que se seguiu com uma crise sucessória, por um lado e, por outro, com uma diminuição do respeito pela figura do faraó, pois, na busca de apoios para manter a estabilidade da longa governação, deixou acumular títulos e direitos nas famílias locais mais importantes (cfr. L. M. ARAÚJO, *Os Grandes Faraós do Antigo Egito*, p. 88 e H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 56a e 56b). E quando a característica fundamental do sistema político egípcio se traduzia na centralização do poder nas mãos de um «rei-deus» forte, numa monarquia divina, assistimos ao enfraquecimento do seu poder, delegando competências e valorizando, através de decretos, a carreira de autoridades provinciais. Dos 31 éditos conhecidos do Império Antigo, 9 são de Pepi II e «13 dos efémeros reis da VIII dinastia», dos quais 14 foram encontrados em Copto, nomeando membros de uma única família local para ocuparem diversos cargos administrativos e religiosos. Os títulos de «grande sacerdote», de «governador de uma cidade», de «director do Sul» ou outros, acumulavam-se. Estes cargos provinciais tornavam-se hereditários e os governadores provinciais agiam nas suas províncias como soberanos; o poder central enfraquecia e as famílias locais, acumulando funções civis e religiosas, fortaleciam-se. Deste modo, surge uma «nova classe média», independente e auto-suficiente, enfeudada e hierarquizada, onde se incluíam detentores de cargos da polícia local, a quem os títulos e propriedades concediam poder e desencadeavam ambição. Esta situação, além de enfraquecer os domínios da coroa, conduziu também à redução do erário real, introduzindo carências na corte, porque a usurpação levava os governadores de província a comportamentos de autênticos reis em cada província,

pouco mais se sabe do que o seu nome, o camponês Khuenanupu desloca-se do Uadi Natrun, no deserto líbio, rico em lagos salgados, ao Vale do Nilo, para trocar os seus produtos por outros de que necessita para sustentar a sua família. No caminho é agredido e roubado por Nemtinakht, filho de um proprietário local, Iseri, dependente do grande intendente Rensi.

Então o camponês, não conseguindo resolver o caso no local, dirige-se a Neninesu para apelar ao próprio Rensi, que fica impressionado com a qualidade do seu discurso. Por este motivo, apresenta o caso ao rei, dizendo claramente em **B1**, 106-107 que o camponês é «bom orador

---

recompensando as suas clientelas e esquecendo o faraó (cfr. T. F. CANHÃO, *«O meu caminho é bom». O Conto do Camponês Eloquente. Texto hieroglífico, transliteração, tradução comentada e análise de uma fonte documental*, pp. 18-19 e nota 27). A propósito das ideias de «monarquia divina» e «rei-deus», elas foram criadas nos finais do século XIX com um sentido universal que nunca tiveram, uma vez que foram criadas fundamentalmente com exemplos africanos. Aliás, a historiografia ocidental considerou até há bem pouco tempo o Egipto Antigo como uma cultura do Próximo Oriente, alheando-se quase por completo da sua localização geográfica e das implicações culturais daí provenientes. Cervelló Autuori afirma num interessante artigo: «Como é evidente que os termos "realeza" e "divino" são conotados ao excesso nas nossas línguas, e não podem ser utilizados sem serem definidos, é conveniente precisar desde já o sentido exacto que lhe atribuímos. A nossa palavra "rei" remete necessariamente para uma forma de poder político-militar, enquanto que o rei ao qual nos referimos não é necessariamente dotado destas prerrogativas e pode ser um personagem que dispõe apenas de funções exclusivamente cósmico-rituais. Nós conservaremos contudo este termo porque se trata, em todo o caso, de um personagem único, centro da vida da sua comunidade, e que pertence necessação com um deus-vítima sacrificial que, pela sua morte, facilita a ordem e expia o caos. O rei é antes do mais um corpo-fetiche depositário de poder cósmico benéfico, o centro dinâmico do universo, o ser no qual converge o cósmico e o social, um integrador universal; e é por isso que falamos da sua causalidade pessoal. É estritamente como fetiche-vítima sacrificial que é preciso entender a palavra "deus" neste contexto. Ao carácter eminentemente cósmico e ritual do rei divino africano pode eventualmente ser acrescentado um poder político-militar mais ou menos importante numa organização social pré-estatal ou plenamente estatal» (J. CERVELLÓ AUTUORI, «Monarchie pharaonique et royautés divines africaines», pp. 28-30).

na realidade» (*nfr mdw n wn mꜣꜥ*), a única passagem onde aparece a expressão, *nfr mdw*, ou seja, bom orador, com o sentido de ser possuidor de uma oratória convincente, isto é, eloquente. Uma vez que não foram os antigos Egípcios que deram ao texto o nome que hoje lhe é atribuído, estamos em crer que foi esta expressão que inspirou o seu título nos nossos dias. Devido ao agrado do rei pela qualidade do seu discurso, o camponês vê-se então obrigado a fazer repetidos apelos à justiça, as nove petições, que só com a intervenção do monarca acaba por lhe ser concedida. No fim é-lhe apresentada a razão que presidiu à demora da justiça, compensada a sua verticalidade e teimosia, e castigado e despojado dos bens aquele que o tinha maltratado, isto é, foi restabelecida a ordem, ou seja, *maat*.

No decorrer do longo apelo feito pelo camponês, o autor deste texto exemplarmente organizado, servindo-se de numerosos e belos subterfúgios literários, acaba por expor um conjunto de ideias fundamentais, verdadeiro pilar do pensamento e modo de agir no Império Médio do Egipto faraónico, a que Jan Assmann chamou de «tratado sobre Maat»[27].

[27] J. Assmann, *Maât, l'Égypte pharaonique et l'idée de justice social*, p. 36.

4.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada

R

s pw wn ḫw.n-inpw rn.f
Era este um homem do passado e o seu nome era Khuenanupu[1].

sḫty pw n sḫt-ḥmɜt
Era um camponês de Sekhet-Hemat[2].

ist wn ḥmt.f mrt rn.s
Tinha uma mulher chamada Meret[3].

ḏd.in sḫty pn n ḥmt.f tn
Este camponês disse a esta sua mulher:

mt wi m hɜt r kmt
«Olha! Vou descer para o Egipto

r int ḳw im n ḫrdw.i
para trazer comida dali para as minhas crianças[4].

šm swt ḫɜ.n.i nɜ n it
Vai pois e pesa-me a cevada

1.4 T

nty m pȝ mḫr m ḏȝt it n sf
que está no celeiro, o que resta da cevada do passado[5].»

ʿḥʿ.n ḫȝ.n.f n.s it ḥḳȝt 6
Então ele pesou para ela seis alqueires de cevada[6].

1.5 T

ḏd.in sḫty pn n ḥmt.f tn
Este camponês disse a esta sua mulher:

mt [...] *n.t it ḥḳȝt 2(0)*
«Olha! [tu tens][7] vinte alqueires de cevada

r ʿḳw ḥnʿ ḫrdw.t
de provisões para ti e para as tuas crianças.

1.6 T

irrt n.i swt tȝ it ḥḳȝt 6
Queiras tu fazer-me desses seis alqueires de cevada

m t ḥnḳt n hrw nb
pão e cerveja para cada dia

kꜣ ꜥnḫ.i im.f
em que eu viverei com ele[8].»

1.7 T

hꜣt pw ir(w).n sḫty pn r kmt
Descer para o Egipto foi o que fez este camponês[9]

2.1 T

ꜣtp.n.f ꜥꜣw.f m
e carregou os seus burros com

2.2 T

iꜣrw
juncos,

2.2 T

rdmt
plantas *redemet*[10],

2.3 T

ḥsmn
natrão,

2.4 T

ḥmꜣt
sal,

2.5 T

ḫt [...]*tyw*
madeira de [...]*tiu*[11],

2.6 T

ꜥwnt nt tꜣ-iḫw
varas de Taihu[12],

2.7 T

ḫnwt nt bꜣw
peles de leopardos,

3.1 T

ḫꜣwt nt wnšw
couros de cães selvagens[13],

3.2 T

n šꜣw[...]
coentros[14],

3.3 T

ꜥnw
pedras *anu*[15],

3.4 T

tnm
plantas *tenem*,

3.5 T

ḫprwr
plantas *kheperuer*,

3.6 T

sꜣhwt
sahut,

3.7 T

sꜣkswt
saksut,

4.1 T

miswt
plantas *misut,*

4.2 T

snt
pedras *senet,*

4.3 T

ꜥb[...]w
pedras *abu*[16],

4.4 T

ibsꜣ
hortelã[17],

4.5 T

inbi
plantas *inbi*[18],

4.6 T

mnw
pombos,

4.7 T

nꜥrw
pássaros *naru*[19],

5.1 T

wgs
pássaros *ugués,*

5.2 T

wbn
feno[20],

5.3 T

tbsw
plantas *tebesu,*

5.4 T

gngnt
grãos *guenguent,*

5.5 T

šny-tꜣ
«cabelos da terra»,

5.6 T

inst
grãos *inset,*

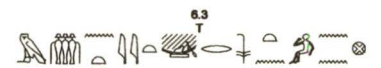
6.1 T

mḥ m inw nb nfr n sḫt-ḥmꜣt
uma abundante quantidade de todos os bons produtos de Sekhet-Hemat[21].

6.2 T

šmt pw ir(w).n sḫty pn
Este camponês caminhou indo

6.3 T



m ḫntyt r nni-nsw
para sul[22], em direcção a Neninesu[23]

spr pw ir(w).n.f r w n pr-ffi
e ele chegou ao distrito de Perfefi[24],

r mḥty mdnit
ao norte de Medenit.

gm.n.f s ꜥḥꜥ ḥr mryt
Encontrou um homem em pé sobre a margem.

nmty-nḫt rn.f sꜣ s pw isry rn.f
O seu nome era Nemtinakht[25] e era filho de um homem chamado Iseri,

ḏt pw nt mr-pr wr mrw-sꜣ rnsi
um dos dependentes do grande intendente Rensi, filho de Meru[26].

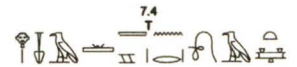
ḏd.in nmty-nḫt pn
Este Nemtinakht disse

mꜣꜣ.f ꜥꜣw n sḫty pn ꜥꜣbyw ib.f
quando viu os burros deste camponês que agradavam ao seu coração[27]:

ḥ3 n.i šsp nb
«Ah! Se eu tivesse algum ídolo

ʿw3.i ḫnw n sḫty pn im.f
através do qual eu pudesse apropriar-me dos bens[28] deste camponês!»

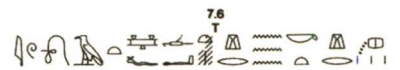
ist rf pr nmty-nḫt pn
Ora, a casa deste Nemtinakht



ḥr sm3-t3 n r-w3t
era sobre o caminho ribeirinho

ḫns pw
que era estreito:

n wsḫ is pw ḳnn.f r sḫw n d3iw
não era largo (ao ponto que) ele fosse mais forte que a largura de uma peça de estofo[29].



iw w3t.f wʿt ḫr mw kt ḫr it
Um dos lados estaria debaixo de água e o outro debaixo da cevada.

ḏd.in nmty-nḫt pn n šmsw.f
Este Nemtinakht disse ao seu dependente:

is in n.i ifd m pr.i
«Vai e traz-me um bocado de pano de minha casa»,

in.in.tw.f n.f ḥr-ˁ
e ele foi trazido imediatamente.

ˁḥˁ.n sš.n.f sw ḥr sm3-t3 n r-w3t
Então ele estendeu-o sobre o caminho ribeirinho;

ḫnn sdb.f ḥr mw
a sua franja assentava sobre a água

npnpt.f ḥr it
e a sua bainha sobre a cevada.

B1

šmt pw ir(w).n sḫty pn
Este camponês vinha andando

ḥr wꜣt nt rmṯ(t) nbt
no caminho de toda a gente[30]

ḏd.in nmty-nḫt pn
(mas) este Nemtinakht disse[31]:

ir-hrw sḫty n ḫnd.k ḥr ḥbsw.i
«Presta atenção, camponês! Tu não vais caminhar sobre as minhas roupas[32]!»

ḏd.in sḫty pn
Este camponês disse:

iry.i ḫst.k nfr mtn.i
«Eu farei o que te agradar[33], (mas) o meu caminho é bom[34].»

prt pw ir(w).n.f r-ḥrw
Ele deslocou-se para ir para o lado de cima[35]

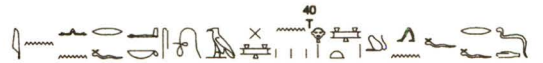
ḏd.in nmty-nḫt pn
e este Nemtinakht disse:

in iw n.k šmˁ.i r wȝt
«Será que a minha cevada[36] te vai servir de caminho?»

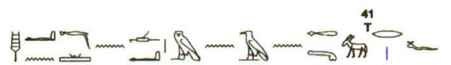
ḏd.in sḫty pn
Este camponês disse:

nfr mtn.i iḫmt kȝt mtnw ḫr šmˁ
«O meu caminho é bom. A margem é alta, o caminho está debaixo da cevada[37]

ḥn.k rf wȝtt.n m ḥbsw.k
e tu obstróis ainda o nosso caminho com as tuas roupas.



in nn rf dı̈.k swȝ.n ḫr wȝt pḥ.n.f r.f ḏd
Tu não permites[38] que passemos pelo caminho?», disse ele[39].



ˁḥˁ.n mḥ.n wˁ m nȝ n ˁȝ r.f
Nesse momento um dos burros encheu a sua boca

m bȝt nt šmˁ(y)
com um molho de cevada.

ḏd.in nmty-nḫt pn
Este Nemtinakht disse:

mk wi r nḥm ꜥ3.k sḫty
«Olha! Eu vou ficar com o teu burro, camponês,

ḥr wnm.f šmꜥ.i
porque ele comeu a minha cevada!

mk sw r hbt ḥr ḳn.f
Vê, ele vai pisar grão por causa da sua ofensa[40]!»

ḏd.in sḫty pn
Este camponês disse:

nfr mtn.i wꜥt ḥḏt(i)
«O meu caminho é bom. Estando um lado destruído,

in.n.i ꜥ3.i ḥr šnꜥ
levei o meu burro sobre o (lado) interdito[41]

it.k sw ḥr mḥw n r.f m bꜣt nt šmˁ
e tu toma-lo porque ele encheu a sua boca com um molho de cevada!

iw.i grt rḫ.kwi nb n ḏꜣtt tn
Aliás, eu conheço o senhor deste domínio.

ns-s(y) mr-pr wr mrw-sꜣ rnsi
Ele pertence ao grande intendente[42] Rensi, filho de Meru.

ntf grt ḫsf(w) ˁwꜣ(w) nb m tꜣ pn r-ḏr.f
E é justamente ele que pune todos os ladrões no país inteiro!

in ˁwꜣ.tw.i rf m ḏꜣtt.f
Serei eu espoliado no seu domínio[43]?»

ḏd.in nmty-nḫt pn
Este Nemtinakht disse:

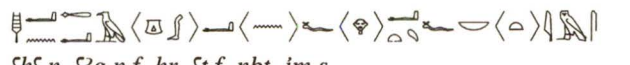
in pꜣ pw ḫn-n-mdt ḏdw rmṯ
«É este[44] o provérbio[45] que as pessoas dizem:

dm.tw rn n ḫwrw ḥr nb.f
"O nome do pobre só é pronunciado por causa do seu mestre?"

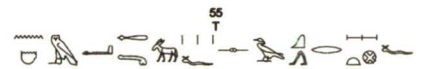
ink pw mdw n.k
Eu é que falo contigo

mr-pr wr pw sḫ3y.k
e é o grande intendente que tu queres evocar!»

ḥ r.n ṯ3.n.f nf i33yt nt isr w3ḏ r.f
Então ele pegou numa vara de tamargueira[46] verde[47] contra ele



ḥ r.n ḫ3g.n.f ḥr ḫt.f nbt im.s
e então ele fustigou-lhe todos os seus membros com ela[48]



nḥm ḫ3w.f s ḳ r ḏ3tt.f
e apoderou-se dos seus burros, que foram introduzidos no seu domínio.

wn-in sḫty pn ḥr rmyt ḫ3w wrt
Logo este camponês se pôs a chorar muito grandemente

n-mr-n iryt r.f
pelo mal feito contra ele.

ḏd.in nmty-nḫt pn
Este Nemtinakht[49] disse:

m ḳ3 ḥrw.k sḫty
«Tu não levantes a voz, camponês!

mk tw r dmi n nb-sgr
Vê, tu vais em direcção à cidade do senhor do silêncio[50]!»

ḏd.in sḫty pn
Este camponês disse:

ḥ(w).k wi ꜥw3.k ḫnw.i
«Tu bates-me, roubas-me os meus bens

nḥm.k rf nḫwt m r.i
e tiras-me até o queixume da minha boca!

nb-sgr di.k rk n.i ḫt.i
Ó senhor do silêncio possas tu devolver-me[51] os meus bens

iḫ tm.i sbḥ nrw.k
que eu pararei de chorar para tua terribilidade[52]!»

ir.in sḫty pn ʿḥʿw 10 r ḥrw 10
Este camponês esperou dez partes de dez dias[53]

ḥr spr n nmty-nḫt pn
apelando a este Nemtinakht,

n rdi.f mɜʿ.f rs
mas ele não lhe prestou atenção.

šmt pw ir.n sḫty pn r nni-nsw
Este camponês caminhou em direcção a Neninesu

r spr n mr-pr wr mrw-sɜ rnsy
para apelar ao grande intendente Rensi[54], filho de Meru.

gm.n.f sw ḥr prt m sbȝ n pr.f
Encontrou-o prestes a sair da porta de casa

r hȝt r ḳȝḳȝw.f n ꜥrryt
para descer até à sua barca oficial[55].

ḏd.in sḫty pn
Este camponês disse:

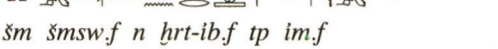
ḥȝ rdi.t(w) swḏȝ.i ib.k
«Ah! Possas tu permitir que eu alegre o teu coração[56]

ḥr pȝ ḫn-n-mdt
com este assunto.

sp pw rdit iwt n.i šmsw.k n ḫrt-ib.k
Será caso para tu me enviares o dependente que tu desejares,

hȝb.i n.k sw ḥr.s
que eu envio-to de volta (informado) sobre isso[57].»

rdi.in mr-pr wr mrw-sȝ rnsy
Assim, o grande intendente Rensi, filho de Meru, fez com que[58]



šm šmsw.f n ḫrt-ib.f tp im.f
fosse enviado o seu seguidor predilecto diante dele,

hȝb sw sḫty pn ḥr mdt tn mi ḳi.s nb
para este camponês mandá-lo de volta com a questão em todos os seus detalhes[59].

wn.in mr-pr wr mrw-sȝ rnsy
Logo o grande intendente Rensi, filho de Meru,

ḥr srḫt nmty-nḫt pn n srw nty r gs.f
denunciou este Nemtinakht aos magistrados que estavam com ele[60].

ḏd.in sn n.f
Eles disseram-lhe:

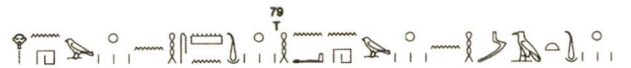
smwn sḫty.f pw iw n ky r gs.f
«Provavelmente ele é um dos camponeses que veio junto de outro como ele.

mk irrt.sn pw r sḫtyw.sn
Olha, isso é o que eles fazem aos seus camponeses

iww n kt-ḫt r gs.sn
que se dirigem para outros para além deles[61]!

mk irrt.sn pw
Olha, isso é o que eles costumam fazer.

sp pw n ḫsf.tw n nmty-nḫt pn
Isto é razão para que punamos este Nemtinakht



ḥr nhy n ḥsmn ḥnᶜ nhy n ḥmɜt
por causa de um pouco de natrão e de um pouco de sal[62]?

wḏ.tw n.f dbɜ st dbɜ.f st
Ordenemos-lhe que restitua aquilo e ele restituirá aquilo.»

gr pw ir(w).n mr-pr wr mrw-sɜ rnsy
O grande intendente Rensi, filho de Meru, ficou em silêncio.

82 T

n wšb.f n nn srw
Ele não respondeu aos magistrados

wšb.f n sḫty pn
nem respondeu a este camponês[63].

83 T

iw.in rf sḫty pn r spr
Então este camponês veio para apelar

84 T

n mr-pr wr mrw-sꜣ rnsy
ao grande intendente Rensi, filho de Meru.

ḏd.f
Ele disse[64]:

mr-pr wr nb.i wr n wrw
«Grande intendente, meu senhor! O maior dos maiores!

85 T

sšmw n iwtt ntt
Guia de tudo o que existe e de tudo o que não existe[65]!

ir h3.k r š n m3ʿt
Se desceres para o Lago da Verdade[66]

sḳd.k im.f m m3ʿw
navegarás nele com uma brisa.

nn kf ndbyt ḥt3.k
Não será arrancado o pano da tua vela[67];

nn ihm dpwt.k
o teu barco não se irá atrasar[68];

nn iwt iywt m ḫt.k
nenhum acidente afectará o teu mastro;

nn sw3 sgrgw.k
as tuas vergas não se quebrarão;

nn sḫm.k h3ʿʿ.k ḥr t3
não te afundarás quando tocares[69] em terra;

nn iṯi tw nwyt
não serás arrastado pelas águas;

nn dp.k ḏwt nt itrw
não experimentarás a malvadez do rio;

nn mȝȝ.k ḥr snḏ
não verás um rosto que tenha medo.

iw.n.k rmw šnᶜyw
Mas mudando de direcção os peixes virão até ti

pḥ.k m ȝpdw ḏdȝ
e tu apanharás o mais gordo dos pássaros[70].

ḥr-ntt ntk it(f) n nmḥ(y)
Porque tu és um pai para o órfão,

hi n ḫȝrt sn n wḏᶜt
um marido[71] para a viúva, um irmão para a mulher divorciada[72],

šndyt nt iwtw mwt.f
o saiote daquele que não tem mãe[73].

imi iry.i rn.k m tȝ pn r ḥp nb nfr
Permite que te faça nesta terra o teu nome acima de toda a boa lei,

sšmw šw m ꜥwn-ib
guia vazio de rapacidade[74],

wr šw m nḏyt
o mais vazio de vilania!

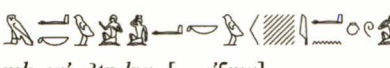
sḫtm grg sḫpr mȝꜥt
Aniquilas a mentira e dás existência à verdade!

ii ḥr ḫrw ꜥꜥ-r.i
Vem à voz daquele que apela.

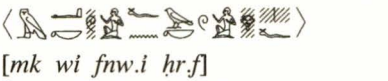
ḏd.i sḏm.k
Eu falo[75] para que tu entendas.

ir mꜣᶜt ḥsy ḥss ḥsyw
Faz justiça, ó glorioso que glorifica aqueles que são glorificados!

dr sꜣir.i
Destrói a minha miséria[76]!



mk wi ꜣtp.kw [... iᶜnw]
Olha, eu (estou) oprimido pelo [...] desgosto!



[*mk wi fnw.i ḥr.f*]
Vê, eu (estou) debilitado por causa dele[77]!

ip wi mk wi m nhw
Examina-me! Vê, eu (estou) na miséria[78]!»

ist rf ḏd.n sḫty pn mdt tn
Ora[79], este camponês fazia este discurso[80]

m rk ḥm n nsw-bit
no tempo[81] da majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto

104
T

nb-kꜣw-rꜥ mꜣꜥ-ḫrw
Nebkauré, justo de voz[82].

105
T

šmt pw ỉr(w).n mr-pr wr mrw-sꜣ rnsy
E o grande intendente Rensi, filho de Meru,

tp-m ḥm.f
foi diante de sua majestade

ḏd.f
e ele disse:

106
T

nb.ỉ ỉw gm.n.ỉ wꜥ m nn sḫty
«Meu senhor, encontrei um destes camponeses

107
T

nfr mdw n wn mꜣꜥ
bom orador na realidade[83].

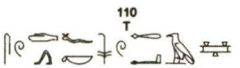
ꜥwꜣ ḥnw.f
Foi despojado dos seus bens

in s nty r ꜥḫ3w.i
por um homem que está ao meu serviço[84].

mk sw iw r spr.n.i ḥr.s
Vê, ele veio suplicar-me sobre esse assunto.»

ḏd.in ḥm.f
Sua majestade disse:

m mrr.k mȝ.i snb.kwi
«Se tu desejas ver-me de boa saúde,



swdf.k sw ꜥȝ
tu deves retê-lo aqui

nn wšb r ḏdt.f nbt
sem responder a nada do que ele possa dizer,

in-mrwt wn.f ḥr ḏd
para que ele continue a falar.

gr iḫ in.t(w) nn mdw.f m sš
Cala-te[85]. Então, que as suas palavras nos[86] sejam trazidas por escrito

sḏm.n st
para que possamos ouvir isso.

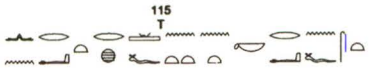
ir swt ꜥnḫ ḥmt.f ḥnꜥ ḫrdw.f
Mas assegura o sustento[87] da sua mulher e dos seus filhos!

mk iw wꜥ m nȝ n sḫty
Vê, um destes camponeses vem ao país

r šwt pr.f r tȝ
só quando a sua casa está vazia por terra!

ir grt ꜥnḫ sḫty pn m-ḥꜥw.f
Assegura também o sustento do próprio camponês.

wnn.k ḥr rdit di.tw n.f ꜥḳw
Farás com que lhe sejam dadas provisões,



nn rdit rḫ.f ntt ntk rdi n.f st
mas sem permitir que ele saiba que foste tu quem lhas deu.»

wn.in.tw ḥr rdit.n.f
E assim foram-lhe dados

t 10 ḫnḳt ds 2 rᶜ nb
dez pães e dois jarros de cerveja por dia[88].

dd.st mr-pr wr mrw-sꜣ rnsy
O grande intendente Rensi, filho de Meru, dá isso;

dd.f st n ḫnms.f ntf dd n.f st
ele dá isso a um amigo e ele lhe dará isso [ao camponês].

ᶜḥᶜ-n hꜣb.n
Então[89] enviou uma mensagem,

mr-pr wr mrw-sꜣ rnsy
o grande intendente Rensi, filho de Meru,

118
T

n ḥḳ3 n sḫt-ḥm3t
ao governador de Sekhet-Hemat

ḥr irt ʿḳw n ḥmt sḫty pn
para assegurar a alimentação da mulher deste camponês

m 3 ḥḳ3t rʿ nb
com três galões[90] por dia.

119
T

iw in rf sḫty pn r spr n.f sp 2
Então este camponês veio para apelar-lhe uma segunda vez[91]

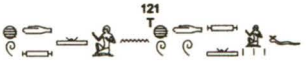
ḏd.f
e ele disse:

mr-pr wr nb.i wr n wrw
«Grande intendente, meu senhor! O maior dos maiores!

120
T

ḫwd n ḫwdw
O mais rico dos ricos!

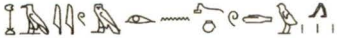
nty wn wr n wrw.f
Aquele em quem os grandes têm alguém que é o maior



ḫwd n ḫwdw.f
e os ricos têm alguém que é o mais rico[92]!

ḥmw n pt sʒw n tʒ ḫʒy fʒi wdnw
Leme do céu! Esteio da terra! Fio-de-prumo[93] que suporta pesos!

ḥmw m sbn sʒw m gsʒ
Leme, não te afastes! Esteio, não te inclines!



ḫʒy m ir nwdw
Fio-de-prumo, não osciles!

nb wr ḫr iṯit m iwtt nb.s
Um grande senhor toma (daquele que) não tem senhor

ḫr ḥᶜḏʒ ḫr wᶜi
e por causa disso pilha alguém isolado,

ḫrt.k m pr.k
enquanto a tua porção está em tua casa.

ḥnḳt hnw 1 ḥnᶜ t 3
Um jarro de cerveja e três pães,

ptr pnḳt.k m ss3it tw3w.k
que mais precisas tu de dispensar para saciar os teus dependentes[94]?

in mt mt ḥnᶜ ḫrw.f
Um mortal morre tão bem quanto os seus dependentes[95]!

in iw.k r s n nḥḥ
Serás tu um homem da eternidade[96]?

n iw is pw iwsw gs3w tḥ nnm
Não é errado[97] a balança de mão inclinar-se, o pêndulo [da balança] desviar-se,

mty m3ᶜ ḫpr m tnbḫ
um homem honesto mudar e desviar-se[98]?

mk mꜣᶜt wtḫ.s ḥr.k
Vê, a justiça escapa[99] debaixo de ti,

nšt m st.s
expulsa do seu lugar!

srw ḥr irt iyt
Os magistrados estão a proceder mal;

tp-ḥsb n mdt ḥr rdit ḥr gs
a qualidade do discurso está posta sobre um lado[100];

sḏmyw ḥr ḫnp
os juízes roubam.

iṯ.f sꜣty pw n mdt m ᶜḳꜣ.s
Aquele que apanha com a sua integridade o que é desonesto com as palavras,

ḥr irt rf nwdw im.s
faz com (isso), portanto, que ele vacile.

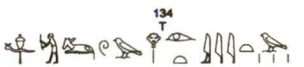
rdiw-ṯ3w ḥr g3wt ḥr t3
Aquele que deve dar o pão[101] falta na terra;

srfw ḥr rdit nšp.tw
aquele que torna as coisas fáceis faz ofegar;

pssw m ʿwnw
aquele que é mediador torna-se um saqueador;

dr s3ir m wḏ irt(w).f
aquele que deve afastar a necessidade[102] ordena que ela seja criada.

dmi m wḏnw.f
O porto está ele próprio submerso;



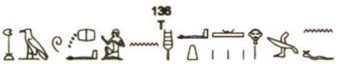
ḫsf iw bin ḥr irt iywt
aquele que deve castigar o que está errado pratica o mal.»

ḏd.in mr-pr wr mrw-s3 rnsy
Então o grande intendente Rensi, filho de Meru, disse:

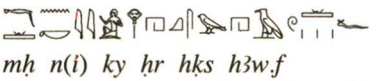
in ꜥ3t pw n.k imy ḥr ib.k
«A tua grandeza em bens é importante para o teu coração

r iṯi tw šmsw.i
mais do que o meu dependente ser preso[103]?»

ḏd.in sḫty pn
Este camponês disse:

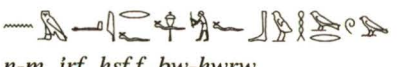


ḫ3w n(i) ꜥḥꜥw ḥr si3t.n.f
«O medidor dos montes de cereais defrauda em seu favor.



mḥ n(i) ky ḥr ḥḳs ḥ3w.f
Aquele que enche [os celeiros] para outro rouba os seus bens.

sšm r ḥpw ḥr wḏ ꜥw3t
Aquele que devia orientar-se segundo as leis comanda o roubo.



n-m irf ḫsf.f bw-ḥwrw
Quem, portanto, reprimirá o mal

138
T

dr nw ḥr irt nwdw
se aquele que deve repelir o defeito está a vacilar?

ꜥḳꜣ ky ḥr ḫꜣbb
Um é exacto por meio da perversão[104],

139
T

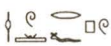
wfꜣ ky ir iyt
a calúnia do outro provoca problemas.

itr gm.k r.k n.k
Encontras tu (aqui alguma coisa) para ti[105]?

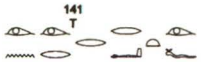
140
T

ḥwꜥ ḫsf ꜣw iyt
Corrigir é rápido, o mal dura muito tempo[106].

iw bi r st.f nt sf
Uma boa acção volta ao seu lugar de ontem[107].



wḏ r.f pw
É justamente o preceito:



ir(w) n irr r rdit ir.f
age para com aquele que age para fazer com que ele aja.

dwȝ-nṯr n.f pw ḥr irrt.f
Isto é agradecer a alguém por aquilo que ele faz,

nit ḫt pw tp-ꜥ stit
isto é evitar qualquer coisa antes de ser lançada,

wḏ ḫt pw n nb ḥnt
isto é dar uma instrução a alguém que é mestre artesão.

ḥȝ ȝ ȝt sḫtm.s
Oh! Se num instante pudesse trazer a ruína,

pnꜥ m rwi-iȝdt.k ꜥnd m ȝpdw.k
destruir a tua rede *rwi* de pássaros[108], diminuir os teus pássaros,

ḫbȝ m ḳbḥw.k
destruir a tua caça de água[109]!

pr m3w špwt sḏmw sḫiw
Aquele que via tornou-se cego[110], aquele que ouvia tornou-se surdo,

145
T

sšmw ḫpr(w) m stnmw
aquele que devia guiar tornou-se um falso guia[111]!

146
T

di.n.(i) brw 1 in tr snb di.n.k
(Eu) causei um *beru*[112] e tu passaste por cima?

147
T

irr.k r.k irf r-m
Porque ages tu contra ti próprio?

mk tw nḫt wsrt
Olha! Tu és forte e poderoso[113].

148
T

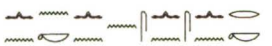
ꜥ.k pri ib.k ꜥwn
O teu braço é activo e o teu coração é ambicioso.

sf sw3 ḫr.k
A piedade passou ao teu lado!

nḫ.wy mɜir sky.k
Como é miserável o pobre homem que tu destruíste!

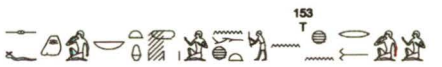
twt.k n wpwty n ḫnty
Pareces um mensageiro de Khenti!

mk tw swɜt ḥr nbt-idw
Olha, tu superas a senhora da pestilência[114]!



nn n.k nn n.s n n.s nn r.k
Se tu não tens nada, ela não tem nada; se não há nada contra ela, não há nada contra ti;

n irr.k st n irr(.s) st
se tu não actuares, ela não actuará!



sf nb t nḫt n ḫnr
O senhor do pão deve ser clemente, a violência é para o criminoso[115].

twt ṯɜwt n iwtw ḫt.f
Roubar convém àquele que não tem bens,

154
T

ḫnp ḫt in ḫnr
quando os bens são roubados pelo criminoso.

sp bin iwty šwiw
Um mau comportamento daquele que não cumpre

155
T

nn r.f ṯsi.tw im.f
não[116] deve ser proclamado por ele.

ḥḥy n.f pw
Ele procura por ele próprio (os seus meios de subsistência).

156
T

iw.k swt sꜣit m t.k
Mas tu estás saciado com o teu pão

tḫt m ḥnḳt.k
e bêbado com a tua cerveja!

157
T

iw.k ḫwdt m sšrw nbw
Tu és rico com todas as coisas[117].

iw ḥr n ḥmy r ḥ3t
O rosto do timoneiro está virado para a frente

sbn dpt r mrr.s
e o barco vai à deriva como ele deseja.

iw nsw m-ḫnt(y)
O rei está dentro de casa,

iw ḥmw m ᶜ.k
o leme está na tua mão

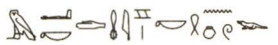
rdi.tw iyt m h3w.k
e o mal está instalado à tua volta.

3w sprw.i wdn fdḳ
Demorado é o (ofício) do queixoso! Profunda é a divisão[118]!

išst pw nty im
"O que é que se passa ali?",

k3.tw
pensarão[119].

ir ibw snb mryt.k
Age como um porto de abrigo[120]! O teu porto está tranquilo,



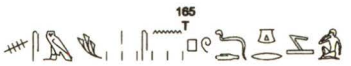
mk dmi.k šnw
(mas) olha, o teu cais está infestado de crocodilos[121]!

ʿḳ3 ns.k imi.k tnmw
Que a tua língua seja justa[122] e não te enganes.

t3mw pw n s ʿt im.f
Um órgão do homem pode ser a sua ruína[123].

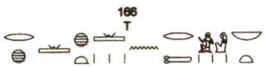
m ḏd grg s3w srw
Não digas mentiras! Vigia os magistrados!

mnḏm 1 pw ʿḏyw sḏmyw
Um cesto engorda os juízes[124]!



smw.sn pw ḏd grg
Dizer mentiras é o seu pasto[125],

wn.f isw ḥr ib.sn
isto é uma coisa ligeira para o seu coração.



rḫ ḫt n rmṯw nbt
És o mais sábio de todos os homens

in ḫm.k ∅ m ḥ3w.i
e ignoras simplesmente os meus problemas[126]?

dr s3ir n mw nḏs nb
Tu que afastas todas as pequenas necessidades de água,

mk wi ḫr mṯnw iwi
vê, eu tenho um percurso e estou sem barco!

mni mḥi nb
Tu que salvas todo aquele que se está a afogar,

šdi bgʒw
salva o náufrago!

ḫdr.k wi m-hʒw ir ḏr.k
Defende-me (antes) do momento do teu fim»[127]!

iw in rf sḫty pn
Então, este camponês veio

r spr n.f 3 nw sp
para apelar-lhe uma terceira vez

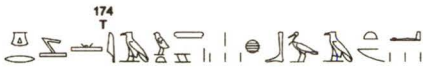
ḏd.f
e ele disse:

mr-pr wr nb.i
«Grande intendente, meu senhor!

ntk rᶜ nb pt ḥnᶜ šnwt.k
Tu és Ré, senhor do céu, com os teus cortesãos.

iw ḫrt bw nb im.k mi nwy
A subsistência de todos os homens vem de ti como a inundação!

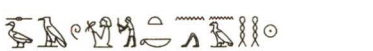
ntk ḥꜥpy sw3ḏ š3w
Tu és Hapi[128] que faz reflorescer os prados



grg i3wt ḫb3wt
e fertiliza as terras exaustas[129].

ḫsf ꜥw3i nḏ ḥr m3ir
Castiga o ladrão, protege o pobre:

m ḫpr m wḏnw r sprw
não te transformes na vaga contra o queixoso!



s3w tkn nḥḥ
Presta atenção, a eternidade aproxima-se[130]!

mri w3ḥ mi ḏd
Deseja viver muito tempo, de acordo com o provérbio:

ṯ3w pw n fnḏ irt m3ʿt
respirar pelo nariz é como fazer justiça[131].

ir ḫsft r ḫsfw.n.f
Pune aquele que deve ser punido

nn sni.tw r tp-ḥsb.k
e ninguém se aproximará da tua rectidão.

in iw iwsw nnm.f
Errará a balança de mão?

in iw mḫ3t ḥr rdit ḥr gs
A balança de suporte inclinar-se-á para um dos lados[132]?

in iw rf ḏḥwty sfn.f
Será Tot clemente?

iḫ r ir.k iyt
Se assim for[133], então podes fazer o mal!

rdi.k tw 2 nw 3 pn
Faz tu o segundo destes três[134].

ir sfn 3 ḫr.k sfn.k
Se os três são clementes, então tu podes ser clemente!

m wšb nfrt m bint
Não respondas ao bem com o mal.

m rdi kt m st kt
Não ponhas uma coisa no lugar da outra.

rdw mdt r snmyt
O (meu) discurso irá crescer mais do que a planta *senmit*[135],

r dmi n ḫnm m wšb.s
mais do que o que é bom para o seu odor.

ntf iyt r rdit rd(w) ḥbsw
Voltar a regar o mal é fazer com que o revestimento (vegetal) cresça[136].

spw 3 pw r rdit ir.f
Três vezes para fazer com que ele aja[137].

irr.k ḥmw r ndbyt
Se tu manobrares o leme de acordo com a vela

šdi wḏnw r irt mꜣʿt
a corrente arrasta(-te)[138] para fazer justiça.

sꜣw ḥꜣ.k r.k ḥr nfryt
Tem cuidado que encalhas por causa da corda do leme!

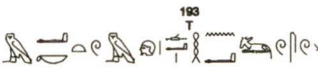
ʿḳꜣyt nt tꜣ irt mꜣʿt
O equilíbrio do país é praticar a justiça[139].

m ḏd grg iw.k wrt
Não digas mentiras porque tu és grande.

m is iw.k dnst
Não sejas ligeiro porque tu és (um homem) de peso[140]!

m ḏd grg ntk iwsw
Não digas mentiras porque tu és a balança (de mão)!

m tnbḫ ntk tp-ḥsb
Não (te) desvies porque tu és a rectidão[141]!



mk tw m tp wˁ ḫnˁ iwsw
Vê, tu não fazes senão como uma balança (de mão):

ir gsꜣ.f ḫr.k gsꜣ.k
se ela se inclina, tu também te inclinas!

m sbn ir.k ḥmw
Não te desvies quando manobrares o leme!

šd ḫr nfryt
Puxa a corda do leme[142]!

m iṯ(w) ir.k r iṯw
Não agarres quando agires contra o ladrão[143]:

196
T

n wr is pw
não há certamente grandeza,

wr im ʿwn-ib
quando o grande é ganancioso!

197
T

tḫ pw ns.k
A tua língua é o pêndulo (da balança),

dbn pw ib.k
o teu coração os pesos (da balança),

198
T

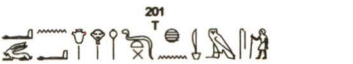
rmnw.f pw spty.ky
os teus lábios são os seus braços[144].

ir ḥbs.k ḥr.k r nḫt ḥr
Se cobrires o teu rosto contra o violento,

199
T

n-m irf ḫsf.f bw-ḥwrw
quem então repelirá o mal[145]?

mk tw m ḥwrw n rḫty
Vê, tu és como[146] um miserável lavadeiro,



ʿwn-ib ḥr ḥḏit ḫnms
um ganancioso que prejudica um amigo[147]

btn m-ʿ ḥnk.f n tw3.f
e abandona um dos seus íntimos em favor de um dos seus clientes.

sn.f pw iy in n.f
É seu irmão aquele que vem e lhe traz (presentes)[148].

mk tw mḫnty ḏ3 nb ḥmt
Vê, tu és um barqueiro que atravessa todo aquele que paga,

ʿḳ3y ʿḳ3.f fḏḳw
um justo cuja justiça está despedaçada.

mk tw m ḥry-šnʿw
Vê, tu és como um chefe de armazém

n rdi n.f sw3 šw ḫr-ᶜ
que não deixa passar o pobre imediatamente[149].

mk tw ṯnḫr n rḫyt
Vê, tu és um falcão[150] para o povo,

ᶜnḫ m ḥwrw nw 3pdw
vivendo por cima dos pássaros mais fracos.

mk tw wdpw rš.f pw rḫs
Vê, tu és um carniceiro que se alegra com a carnificina,

nn i3tyw iry r.f
a mutilação não é nada para ele.

mk tw m mniw n ḏw.s is r.i
Vê, tu és um pastor: então não é mau para mim

n ip.n.k
que tu não saibas avaliar[151]?

iḫ ir.k nhw m msḥ skn
Tu mostras menos respeito que o crocodilo voraz.

ibw tši r dmi n t3 r-ḏr.f
Os lugares de refúgio faltam nas cidades de todo o país[152].

sḏmw n 3 sḏm.n.k
Ouvinte, na verdade tu não escutas!

tm.k tr sḏm ḥr-m
Deste modo, porque é que não escutas[153]?

iw min 3 ḫsf n.i 3dw
É porque hoje eu reprimi um agressor?

iw msḥ ḫti.f
O crocodilo retira-se[154]?

ptr r.f km iry n.k
Qual é, portanto, o teu lucro com respeito a isto?

gmi.tw imnw mꜣʿt
A secreta[155] verdade será encontrada

rdit sꜣ grg r tꜣ
e fará cair a mentira por terra.

m grg dwꜣ n iit.f
Não faças planos para o amanhã antes de ele chegar!

n rḫ.n.tw iyt im.f
Ninguém sabe os males que há nele»[156]!

ist r.f ḏd.n sḫty pn mdt tn
Ora, este camponês fazia este discurso

mr-pr wr mrw-sꜣ rnsy
ao grande intendente Rensi, filho de Meru,

r pgꜣ n ʿrryt
à entrada do escritório[157].

ꜥḥꜥ-n rdi.n.f ꜥḥꜥ imy-sꜣ 2 r.f
Então (Rensi) fez levantarem-se dois servidores contra ele

ẖr smiw
com chicotes

ꜥḥꜥ-n ꜥꜣg.sn ꜥt.f nbt im
e então fustigarem-lhe todos os seus membros com eles[158].

ḏd.in sḫty pn
Este camponês disse:

sꜣ mrw tnm ẖr.f
«O filho de Meru continua a errar[159].

ḥr.f šp r mꜣꜣt.f sḫi r sḏmt.f
O seu rosto está cego perante aquilo que vê, surdo àquilo que ouve

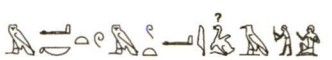
th ib ḥr sḫꜣyt.n.f
e pouco sensato em relação ao que lhe mencionam[160].

mk tw m niwt nn ḥḳ3-ḥwt.s
Olha, tu és como uma cidade sem o seu governador,

mi ḫt nn wr.s
como uma companhia sem um chefe,

mi dpt nn sḫry im.s
como um barco sem capitão,

sm3yt nn sšmw.s
como um bando sem o seu chefe[161]!



mk tw m šnᶜ iṯ3
Olha, tu és como um polícia[162] que rouba,

ḥḳ3-ḥwt šspw
um governador que aceita (subornos),

imy-r w ḫsf ḥᶜḏ3
um superintendente de distrito que defende[163] a pilhagem

ḫpr m imy-ḫ3t n irr
e se torna o modelo para aquele que agiu (mal)[164].»

225
T

iw in r.f sḫty pn r spr n.f 4 nw sp
Então, este camponês veio para apelar-lhe uma quarta vez.

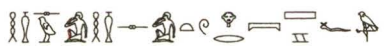
226
T

gm.n sw ḥr prt m sb3
Encontrou-o prestes a sair da porta

n ḥwt-nṯr nt ḥry-š.f
do templo de Herichef[165]

227
T

ḏd.f
e ele disse:



ḥsw ḥs tw ḥry-š.f
«Ó louvado, possa Herichef louvar-te

228
T

ii.n.k m pr.f
porque tu vens de sua casa[166]!

ḥḏi bw-nfr nn ꜥbt.f
O bem pereceu. Não há adesão a ele.

229
T

pṯḥ s3 n grg r t3
A mentira foi atirada ao chão[167]!

in iw t3 mḫnt.s ꜥḳt.s
Se a sua barca (já) regressou,

230
T

ḏ3.tw irf m
como conseguiremos atravessar (o rio)

sḫpr sp m msdd
quando isso é feito de má vontade[168]?

231
T

ḏ3t itrw m-s3 tbwty
Atravessar o rio sobre as sandálias[169]

ḏ3t nfr nn
é fazer uma boa travessia? Não!

232
T

n-m tr sḏr r šsp
Quem é que agora dorme até o dia amanhecer[170]?

233
T

ḥḏi šmt m grḥ sby m hrw
Estar proibido de caminhar de noite, viajar de dia

234
T

rdit ꜥḥꜥ s r sp.f
e permitir que um homem permaneça de pé por causa do seu caso,

nfr n wn-mꜣꜥt
está bem na verdade!

235
T

mk nn km n ḏd.n.k st
Olha, não serve de nada dizer-te isto:

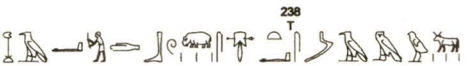
sf swꜣ ḥr.k
«A piedade passou ao teu lado!

236
T

nḫ.wy mꜣir sky.k
Como é miserável o pobre homem que tu destruíste»[171]!

mk tw mḥw iʿi ib.f
Olha, tu és um caçador que lava o seu coração[172],

wdd r irt mrt.f
que está ocupado a fazer (apenas) o que lhe agrada,



ḫ3ʿ dbw sti sm3w
que arpoa hipopótamos, trespassa touros selvagens,

pḥ rmw sḫt 3pdw
que pesca os peixes e apanha na armadilha pássaros[173].

nn ḫ3ḫ r šw m wʿrw
Nenhum discurso rápido está livre de precipitação,

nn is-ib dns sḫr-ḫt
não há ninguém leve de coração que seja pesado em relação aos seus apetites[174].

w3ḥ-ib.k rḫ.k m3ʿt
Se fores paciente então conhecerás a verdade!

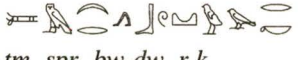
d3ir stpt.k r nfr bss grw
Controla a tua escolha para o bem daquele que é introduzido humildemente[175]!

nn sḫmw mḏd bw-iḳr
Nenhum homem apressado pratica a excelência,

nn wn ḫ3ḫ-ib ini.tw ʿ
nenhum impaciente produz efeito (com) o braço.

sgmḥ irty swḏ3.tw ib
Possam os olhos ver, que o coração será informado[176]!

m k3hsw ḫft wsr.k
Não sejas cruel só porque és poderoso,



tm spr bw-ḏw r.k
assim o mal não te atingirá!

sw3 ḥr sp iw.f r snw
Passa por cima de um caso e ele será dois[177].

in wnm dp
Aquele que come saboreia;

iw wšdw wšb.f
aquele que foi posto em causa responde;

in sḏrw mȝȝ rswt
aquele que dorme vê um sonho[178].

ir wḏ^{c}-rwt m ḫsfw n.f
Quanto ao juiz que merece ser punido,

iw.f m imy-ḫȝt n irr
ele é um modelo para aquele que agiu (mal)[179].

wḫȝ mk tw pḥt
Louco, olha! Tu estás a ser atingido!

ḫm-ḫt mk tw wšd.t
Ignorante, olha! Tu estás a ser interrogado!

pnḳy-mw mk tw ꜥḳt
Despejador de água[180], olha! Tu estás a encalhar!

ḥmy m sbn dpwt.k
Timoneiro, não deixes o teu barco à deriva!

sꜥnḫw m rdi mt.tw
Distribuidor de vida, não (nos) deixes morrer!

sḥtmw m rdi ḥtm.tw
Destruidor, não (nos) deixes perecer!

šwyt m ir m šw
Sombra, não ajas como a luz do sol[181]!

ibw m rdi iṯi msḥ
Porto de abrigo[182], não deixes que o crocodilo (nos) apanhe[183]!

4 nw sp 3 m spr n.k
É a quarta vez que apelo para ti!

in rf wrš.i r.f
Vou então passar todo o meu tempo com isto[184]?»

iw in rf sḫty pn r spr n.f 5 nw sp
Então, este camponês veio apelar-lhe uma quinta vez

ḏd.f
e ele disse:

mr-pr wr nb.i
«Grande intendente, meu senhor[185]!

iw ḫwdw ḥr ... ...
O pescador *khudu*[186] está [... ...];

... ... nyw ḥr sm3 iy
[... ... ...][187] ilude e mata o peixe *ii*;

sti-rmw ḥr ḫ3ḫ ʿwbbw
o pescador de arpão arpoa o peixe *aubeb*;

ḏ3bḥw r p3ḳrw
o pescador *djabehu* vai contra os peixes *pakeru*;

iw wḥˁw ḫb3.f itrw
o pescador de rede[188] destrói o rio.

mk tw m mnt iry
Olha, nisso tu és como eles[189]!

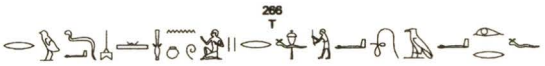
m ˁwn ḫwrw ḥr ḫt.f
Não roubes a um pobre os seus bens!

fn rḫ.n.k sw
O (homem) fraco que tu conheces[190].

ṯ3w pw n m3ir ḫt.f
Respirar para o miserável (são) os seus bens;

dbi fnḏ.f pw nḥm.st
aquele que os rouba tapa o seu nariz[191].

rdi.n.tw.k r sḏm mdt
A razão pela qual tu foste nomeado foi para ouvir casos,

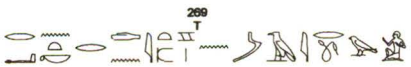


r wḏ^{c} snw r ḥsf ^{c}w3(y) irr.f
para julgar entre as partes[192], para punir o gatuno[193].

mk f3 pw n iṯ3 iry.k
(Mas) olha, o que fazes [com o teu comportamento] é apoiar o ladrão!

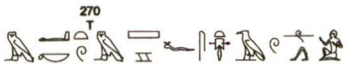
iw mḥ.tw ib im.k
Tu que devias ser de confiança

iw.k ḫprt m thw
ages como um transgressor!

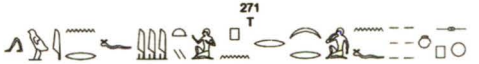


rdi ntk r dnit n m3ir
Tu foste colocado como um dique para o necessitado,

s3w mḥi.f
evita que ele se afogue[194]!



mk tw m šꜣ.f sṯꜣw
Olha, tu és o seu lago que o inunda[195]!»



iw in rf sḫty pn r spr n.f 6 nw sp
Então este camponês veio apelar-lhe uma sexta vez

ḏd.f
e ele disse:

mr-pr wr nb.i
«Grande intendente, meu senhor!

nb sisy.f grg sḫpr mꜣᶜt
O senhor que diminui a mentira faz a verdade vir à existência!

sḫpr bw nb nfr sḥtm bw
Aquele que cria o bem para toda a gente é o que destrói (o mal)[196]!

mi iw sꜣw ḏr.f ḥḳr
Como a saciedade quando vem acaba com a fome

ḥbws ḏr.f ḥ3wt
e o vestuário acaba com a nudez[197].

mi ḥtp pt r-s3 ḏ^{r} ḳ3
Como o céu quando acalma depois de uma grande tempestade[198]

sšmm.s ḥsw nb
aquece todos aqueles que têm frio.

mi ḫt pst w3ḏwt
Como o fogo cozinha o que está cru.

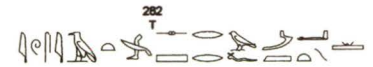
mi mw ʿḥm ibt
Como a água mata a sede[199].

m33 m ḥr r.k
Vê com a tua cara[200]:

pssw m ʿwnw
aquele que divide é um saqueador[201];

shrr m iri ȝhw
o apaziguador cria o sofredor;

stwt m ir mnwt
aquele que deve remover os obstáculos é um criador de sofrimento[202].



iw siȝt sšrr.f mȝᶜt
Mas aquele que engana diminui a verdade!

mḥ nfr n ḥḳs n wbn mȝᶜt
Prestar boas contas não é com faltas nem com excessos de verdade!

ir in.k imi n snw.k
Se tu adquires (qualquer coisa), então (dá-o) ao teu igual[203].

wgyt šwt m ᶜḳȝ
"Palrar"[204] não tem qualquer seriedade!

iw ȝhw.i sšm.f r iwdt
Mas o meu sofrimento conduz-me à separação;

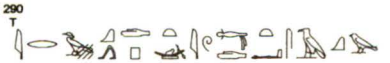
iw srḫy.i inn.f rwwt
a minha acusação provoca a partida[205].

n rḫ.n.tw wnnt m ib
Não saberemos, na realidade, o que está no coração[206].

m wsf irr. k r smit fdḳ.k
Não sejas indolente! Age em relação à acusação[207]!

n-m ṯs.f ꜥḥ3-mw m ꜥ.k
Se tu divides, quem juntará de novo? A vara de sondagem está na tua mão,

mi ḫt wn sp n mwy ḫpr
como uma vara que abre (caminho) quando o infortúnio acontece na água!



ir ꜥḳ dpt iw šdit.s 3ḳ
Se o barco encalha, então os seus salvados serão destruídos

3tpw.s n t3 ḫr mryt nbt
e a sua carga ficará no fundo de cada um dos bancos de areia[208].

iw.k sbȝt iw.k ḥmwt iw.k twt
Tu és instruído, inteligente e completo,

n is n ʿwn
mas não no que respeita ao roubo!

iw.k irr.k tw twt bw-nbw
Tu devias ser o modelo[209] de todos os homens,

iw ḥȝw.k m nwdw ʿḳȝ
mas os teus casos oscilam de um lado para o outro!

siȝty n tȝ r-ḏr.f
A honestidade engana todo o país[210]!

kȝny n bw-ḥwrw
O jardineiro[211] do mal

ḥr ntf ḥsp.f m iwyt
rega o seu jardim com crimes

r sḫpr ḥsp.f m grg
para fazer crescer no seu jardim a mentira,

r ntf iywt n ḏt
para regar de problemas (toda) a propriedade[212]!»

iw in rf sḫty pn r spr n.f 7 nw sp
Então este camponês veio apelar-lhe uma sétima vez

ḏd.f
e ele disse:

mr-pr wr nb.i
«Grande intendente, meu senhor!

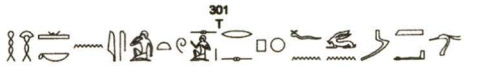
ntk ḥmw n t3 r-ḏr.f
Tu és o leme de toda a terra[213].

sḳdd t3 ḥft wḏ.k
A terra navega apenas sob o teu comando!

ntk snw n ḏḥwty
Tu és igual a Tot,

300
T

wḏ^{c} nn rdit ḥr gs nb
que julga sem pender para um lado[214].

301
T


w^{3}ḥ.k nis tw s r sp.f n wn-m^{3c}
Senhor, possas tu ser paciente quando um homem te suplica em relação à sua causa legítima.

m šnt-ib.k nnk st
Não estejas oposto de coração[215]: isso não é para ti!

302
T

ḫpr ^{3}w ḥr m ḥw^{c}-ib
Aquele que estende a vista tornar-se-á estreito de coração[216]:

m w^{3} n ntt n iit
não te alegres com o que ainda não chegou[217],

303
T

m ḥ^{c}w n ntt n ḫprt
nem com o que ainda não aconteceu!

iw wḫd sȝw.f m ḫnms
A indulgência prolonga a amizade[218]

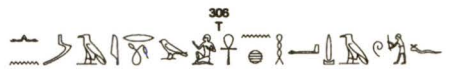
304
T

sḥtm sp ḫpr
destruindo o caso que aconteceu.

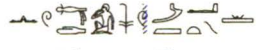
n rḫ.n.tw wnnt m ib
Ninguém sabe o que está no coração[219].

305
T

ḫbȝ ḥp ḥḏ tp-ḥsb
Se a lei é subvertida a ordem é destruída,

306
T


nn mȝir ꜥnḫ ḥꜥḏȝw.f
nenhum miserável pode viver se for roubado.



n wšd sw mȝꜥt
A justiça não se dirige a ele[220].

307
T

iw grt ḫt.i mḥt
Além do mais o meu corpo está cheio:

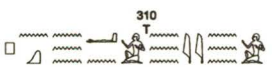
ib.i ȝṯp pr is m ḫt.i
o meu coração pesado[221] e o que sai do meu corpo

n ʿ iry
é a causa do seu estado!

ngt pw m dnit mw.s ȝsw
Tal como a brecha de um dique deixa que se escoem rapidamente as suas águas,

wn r.i r mdt
também a minha boca se abre para falar!

ʿḥʿ ȝ ʿḥȝ.n.i mri.i
Então eu manobrei a minha vara [de conduzir o barco],



pnḳ.n.i mwy.i
eu deitei fora a minha água[222],

snf.n.i ntt m ḫt.i
eu despejei o que estava no meu corpo,

iʿi.n.i šȝmw.i
eu lavei a minha roupa suja.

311
T

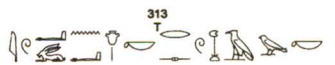
ḫn.i ḫpr
O meu discurso está feito.

mȝirw.i ḏr ḫft-ḥr.k
A minha miséria acaba perante ti.

312
T

ptr ḏȝrw.k
De que mais precisas tu?

iw wsf.k r tht.k
A tua indolência[223] faz-te seguir por mau caminho,

313
T


iw ʿwn-ib.k r swḫȝ.k
a tua rapacidade enganar-te-á,

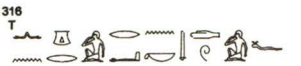
iw snm.k r sḫpr ḫrwyw.k
a tua cobiça criar-te-á inimigos[224].

314
T

in iw.k swt r gmit ky sḫty mitw.i
Mas encontrarás tu outro camponês como eu[225]?

315
T

in iw wsfw spry r ꜥḥꜥ r r n pr.f
Um preguiçoso mantém um queixoso à entrada de sua casa?

316
T


nn gr rdi.n.k mdw.f
Não há nenhum silencioso que tenhas feito falar,

nn sḏr rdi.n.k rs.f
nenhum adormecido que tenhas acordado[226],

317
T

nn ḫbꜣ-ḥr sspd.n.k
nenhum deprimido que tenhas animado[227],

318
T

nn tm r wn.n.k
ninguém de boca fechada a quem a tenhas aberto,

nn ḫm rdi.n.k rḫ.f
nenhum ignorante a quem tenhas feito um sábio,

nn wḫ3 sb3.n.k
nenhum tolo a quem tenhas instruído[228].

319
T

ḥsrw ḏwt pw srw
Os magistrados devem combater o mal,

nbw bw-nfr pw
eles são os senhores do bem,

320
T

ḥmwt pw nts ḫpr ntt
eles são os artífices que criam o que é,

ṯsw tp ḥsḳ
que voltam a pôr no lugar a cabeça cortada[229].»

321
T

iw in rf sḫty pn r spr n.f 8 nw sp
Então, este camponês veio apelar-lhe uma oitava vez[230]

ḏd.f
e ele disse:

mr-pr wr nb.i
«Grande intendente[231], meu senhor!

iw ḫr.tw n ḥnt wꜣ
Uma grande queda por causa da cobiça[232].

iw ꜥwn-ib šw.f m sp
O rapinante não tem sucesso;

iw wn sp.f n wht
o seu sucesso falhou.

iw ꜥwn-ib.k nn n.k st
Tu és ganancioso: isso não é para ti[233].

iw ꜥwꜣi.k nn ꜣḫ n.k
Tu roubas: não é benéfico[234] para ti.

rdi ꜣ ꜥḥꜥ s r sp.f
De facto[235], deixa um homem defender o seu caso,

nfr n wn-m3ᶜ
perfeito na realidade.

325
T

ḫrt.k pw m pr.k
A tua porção está em tua casa;

ḫt.k mḥt
o teu ventre está cheio;

wbn it ṯtf.s
a medida de grão transborda

326
T

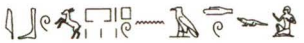
3ḳ prw.s n t3
e o seu excedente espalha-se pelo chão.

327
T

iṯw ᶜw3y nḥmw
Ladrão, gatuno, saqueador[236]!

328
T

srw ir.n.tw r r ḫsf r iywt
Os magistrados[237] que[238] foram nomeados para reprimir o mal



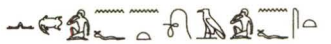
ibw pw n ꜣdw
são um refúgio para o agressor!

srw ir.n.tw r ḫsf r grg
Os magistrados foram nomeados para reprimir a mentira!

n rdi.n snḏ.k spr n.k
Não ter medo de ti faz(-me) apelar para ti!

n siꜣ n.k ib.i
Tu não entendes o meu coração!

grw ꜥnn sw r irt ṯswt n.k
O homem silencioso que veio queixar-se a ti



n snḏ.n.f n twꜣ.n.f st
não tem medo daquele a quem suplica.

n ini sn.f r.k m-ḫnw mrrt
E o seu irmão não te poderá ser trazido de dentro da rua[239]!

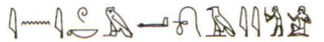
iw ȝ šdw.k m sḫt
As tuas parcelas de terra[240] estão no campo,

iw fḳȝ.k m ḏȝtt
o teu rendimento está na tua propriedade,

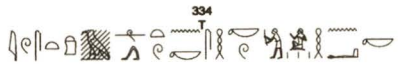
iw ʿḳw.k m šnʿw
as tuas provisões estão no celeiro.

iw srw ḥr rdit n.k
Os magistrados estão a dar-te

iw.k ḥr iṯt
e tu vais aceitando!

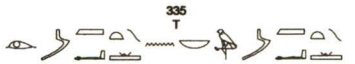


in iw.k m ʿwȝy
Serás tu um ladrão?



iw stȝ.tw n.k skw ḥnʿ.k
Trazem para ti e as tropas estão contigo

r psšt šdwt
para dividir as parcelas de terra[241]!

335 T


ir mꜣᶜt n nb mꜣᶜt
Faz justiça para o senhor da justiça,

nty wn mꜣᶜt nt mꜣᶜt.f
aquele que tem na verdade a sua justiça[242]!

336 T

ᶜr šfdw gsti ḏḥwty
Cálamo, rolo de papiro, paleta[243] de Tot,

337 T

ḥrt-r irt iywt
mantém(-te) afastado do mal[244]!

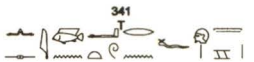
nfr nfrt nfr r.f
A bondade daquele que é bom é boa para ele,

338 T

iw swt mꜣᶜt r nḥḥ
mas a justiça é para a eternidade:

hȝȝ.s m-ˁ irr.sy r ḫrt-nṯr
ela desce à necrópole com aquele que a cumpre!

iw ḳrst.f smȝ-tȝ im.f
Ele é sepultado e a terra envolve-o,

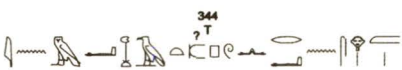


n sin.(n).tw rn.f tp(y)-tȝ
(mas) o seu nome não desaparece com ele, sobrevive[245]:

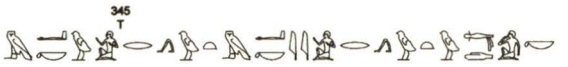
iw.f iw sḫȝ.tw.f ḥr bw-nfr
ele é lembrado por causa da (sua) bondade.

tp-ḥsb pw n mdw-nṯr
Esta é a regra das palavras de deus[246].

in iwsw pw n gsȝ.n.f
É uma balança de mão? (Então) não se pode inclinar.



in mḫȝt pw n rdi.n.s ḥr gs
É uma balança de suporte[247]? (Então) não pode pender para um lado[248].



mk wi r iwt mk ky.i r iwt wšd.k
Olha, eu voltarei e outro como eu virá[249] para te dirigir a palavra!

m wšbw m wšd grw
Não respondas pondo em questão o homem silencioso[250]!

m ph nty n ph.n.f
Não ataques quem não (te) ataca[251]!

n sf.n.k n mn.n.k
Tu não és piedoso; tu não estás a sofrer[252];

n ski.n.k
tu não estás perturbado[253].

n rdi.n.k n.i dbȝw n mdt tn nfrt
Tu não me dás pagamento por este belo discurso

prrt m r n rˁ ḏs.f
que sai da boca do próprio Ré[254]!

351
T

ḏd mꜣꜥt ir mꜣꜥt
Diz *maat*. Pratica *maat*[255].

352
T

ḏr ntt wr.s ꜥꜣ.s wꜣḥ.s
Ela é grande, ela é eficaz, ela é duradoura[256],

gmw.tw kft.s
ela decide a teu favor, ela dá credibilidade[257],

353
T

sbw.s r imꜣḫ
Ela conduz ao estado de bem-aventurado[258].

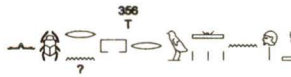
354
T

in gsꜣ iwsw
A balança (de mão) inclina-se?

355
T

ḥnkw.f pw fꜣyw ḫt
É porque os seus pratos carregam coisas!

356
T
?



n ḫpr.n prw n tp-ḥsb
Nenhum excesso é possível em relação ao normal[259].

n spr.n sp ḫs r {r} dmi
Uma acção vil não fará chegar ao porto[260]

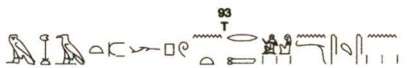
ḫry-sꜣ r sꜣḥ tꜣ
aquele que for o último a alcançar a terra[261]!»

B2

iw in r.f sḫty pn r spr n.f 9 nw sp
Então, este camponês veio apelar-lhe uma nona vez[262]

ḏd.f
e ele disse:

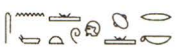
mr-pr wr nb.i
«Grande intendente, meu senhor!



mḫꜣt pw nt rmṯ ns.sn
A língua dos homens é a sua balança de suporte,

in iwsw ḏʿr ḏꜣt
(mas) é a balança de mão que descobre as deficiências[263].

ir r ḫsft r ḫsfw.n.f
Pune aquele que deve ser punido



sni.tw tp-ḥsb r.k
e (ninguém) se aproximará da tua rectidão[264].

95
T

... ... *grg ḫpr*
[... ...] a mentira aconteceu[265].

96
T

ḫrt.f ꜥnn.s mꜣꜥt r ꜥḳꜣ.f
A sua porção regressa à verdade para a corrigir[266].

97
T

ḫt pw nt grg mꜣꜥt
A verdade é propriedade da mentira,

swḏ.f pw n nw.tw.f
que a faz prosperar e não retroceder[267].

98
T

ir šm grg iw.f tnm.f
Quando a mentira se mete a caminho[268] perde-se.

n ḏ3i.n.f m mḫnt
Ela não atravessará na barca,

n sš3
não progredirá.

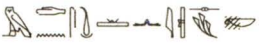
ir ḫwd ḫr.f
Quanto àquele que se torna rico por sua causa[269],

nn msw.f nn iwʿw.f tp t3
ele não terá progenitura, ele não terá herdeiro sobre a terra.

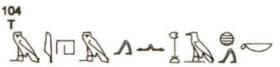
ir sḳdd ḫr.f
Quanto àquele que navega com ela,

n s3ḥ.n.f t3
ele não aportará em terra.

n mni n dpwt.f r dmi.s
O seu barco não atracará no seu cais.



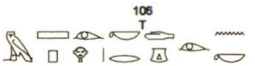
m dns n is.k
Não sejas pesado, tu não és leve!



m ihm n ḫ3ḫ.k
Não sejas lento, tu não és rápido!

m nmˁ m sḏm n ib
Não sejas parcial, não escutes o (teu) coração[270]!

m ḥbs ḥr.k r rḫ.n.k
Não cubras o teu rosto[271] contra aquele que tu conheceste!



m šp ḥr.k r dgi.n.k
Não sejas cego em frente daquele para quem tu olhaste!

m ni tw3 tw
Não rejeites aquele que vem suplicar-te[272]!

h3i.k m p3 wsf
Possas tu abandonar esta lentidão

smit ṯs.k
e proclamar a tua sentença.

ir n irr.n.k
Age por aquele que agiu por ti[273].

m sḏm n bw-nbw r.f
Não dês ouvidos a todos os que estão contra ele

nis s r sp.f n wn mɜʿ
quando um homem apela pela sua causa legítima[274].

nn sf n wsfw
Não há "ontem" para o indolente[275],

nn ḫnms n sḫ mɜʿt
não há amigo para aquele que é surdo à justiça,

nn hrw nfr n ʿwn-ib
não haverá dias felizes para o avarento[276].

ḫprw wṯsw m mȝiry
Quando o acusado se torna um miserável

mȝiry r sprw
e o miserável se transforma num queixoso,

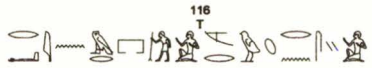
ḫpr ḫfty m smȝw
o adversário torna-se um assassino[277].

mk wi ḥr spr n.k
Vê, eu fiz-te uma queixa

n sḏm.n.k st
e tu não a escutaste!

iw.i r šmt
Eu irei

spr.i ḥr.k n inpw
e eu farei uma súplica por ti a Anúbis[278].»



rdi in mr-pr wr mrw-sꜣ rnsy
Então, o grande intendente Rensi, filho de Meru,

šm imy-sꜣ 2 r ꜥnn.f
mandou dois servidores para o trazer de novo

wn.in sḫty pn snḏ
e este camponês teve medo.

ib.f irrt r ḥsf n.f
Ele pensou[279] que o fossem punir

ḥr mdt tn ḏd.tn.f
por causa dos discursos que tinha feito.

ḏd.in sḫty pn
Este camponês disse:

ḥsfw n ib m mw
«Um homem sedento[280] aproxima-se da água,

ḏ3it r n ḥrd n sbnt m irtt
a boca de uma criança de mama estende-se para o leite.

ntf mt n nḥy
É a morte que se desejou.

m33.f n iy.f
Vê-a porque ela chega:

ii wdf mt.f r.f
a sua morte vem devagar contra ele[281].»

ḏd.in mr-pr wr mrw-s3 rnsy
Então o grande intendente Rensi, filho de Meru, disse:

m snḏ sḫty
«Não tenhas medo, camponês!

mk ir r.k r irt ḥnᶜ.i
Vê, o que foi feito contra ti foi para agires de acordo comigo[282]!»

rdi.in sḫty pn ꜥnḫ.i ḥr
Este camponês enviou-lhe (um impropério)[283]: «Um rosto onde eu vivo[284]!

wnm.i ỉ m t.k
Comerei o teu pão

swri.i ỉ [ḥnḳt].k r nḥḥ
e beberei a tua cerveja[285] eternamente?»

ḏd.n mr-pr wr mrw-sꜣ rnsi
O grande intendente Rensi[286], filho de Meru, disse:

sꜣ grt ꜥꜣ
«Agora fica aqui

sḏm.k nꜣy.k n sprwt
e escuta as tuas queixas.»

rdi in.f šdt ... ḥr ꜥrt mꜣ(w)t
Ele fez ler[287] de um rolo de papiro novo

sprt nbt r ḫrt ... ...
cada petição segundo o seu conteúdo [... ... ...][288].

130
T

sˁḳ in.s mr-pr wr mrw-sȝ rnsi
E o grande intendente Rensi, filho de Meru, mandou-o entregar [o rolo de papiro]

131
T

n ḥm n nsw-bit nb-kȝw-rˁ mȝˁ-ḫrw
à majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Nebkauré, justo de voz.

wn.in nfr st ḥr ib.f
E isto foi mais agradável ao seu coração [do rei]

132
T

r ḫt nbt ntt m tȝ pn r-ḏr.f
do que todas as coisas que estão neste país inteiro.

ḏd.in ḥm.f
Sua majestade diz:

133
T

wḏˁ tw ḏs.k sȝ mrw
«Julga tu próprio, filho de Meru[289].»

rdi in mr-pr wr mrw-sꜣ rnsi
Então, o grande intendente Rensi, filho de Meru,

šm imy-sꜣ 2 r ... ...
manda dois servidores para [trazerem Nemtinakht][290].

ꜥḥꜥ-n.f in ir wpwt m ... ...
E então trouxeram-no e foi feito um inventário dos [membros da família].

ꜥḥꜥ-n gmi.n.f tpw 6 ḥrw-r ... ...
Então ele encontrou seis pessoas, como também [... ... ...],

r šmꜥ.f r bdty.f
a sua cevada do Alto Egipto, o seu cereal,

r ꜣw.f r šꜣw.f r ꜥwt ...
para os seus burros, os seus porcos e [o seu] gado miúdo[291]. ... ...

nmty-nḫt pn n sḫty pn ... ...
Este Nemtinakht [foi dado] a este camponês,

... ... *t*... *f nbt ḏ* ... ...
... ... [com toda a sua propriedade, todos] os seus [bens[292], todos os] de[pendentes[293]

... ... *n nmty-nḫt pn* ... ...
e tudo o que pertencia] a este Nemtinakht.

iw.f pw ... ...
E acabou, [do princípio ao fim, conforme o que se encontrou na escritura][294].

NOTAS

[1] Este nome significa «Aquele que Anúbis protegeu». Em Parkinson surge com o hieróglifo G. D36 ( ) e em De Buck com o G. D43 ( ). Julgamos ser este último o símbolo correcto, já que o hieróglifo G. D43 pode representar o fonema bilítero *ḫw*, presente na palavra em causa. Quanto à transcrição portuguesa desta palavra e ao contrário de grande parte dos autores que opta, geralmente, por Khunanup, optámos por manter a preposição íntegra – *en* – e a terminação em *u* de Anupu, ou seja, de Anúbis. É a única vez que aparece expresso o nome do camponês. Depois será sempre referenciado por «o camponês». Como veremos, serve no entanto para moldar o seu carácter, relacionando-o com Anúbis, a divindade protectora associada à morte e à necrópole. Este tipo de construção gramatical nas frases de predicado nominal ou pronominal, que é pronominal no caso vertente (*rn.f*), surgiu com frequência no Império Médio para designar pessoas. Aparecerá ainda nos casos de Meret (R 1.2), Nemtinakht (R 6.5) e Iseri (R 6.6) (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 1; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 88; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 100-102 e 454-455; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 182; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 100).

[2] Sekhet-Hemat, a «povoação do sal», é o Uadi Natrun, o Vale do Sal ou Oásis do Sal, uma depressão natural a oeste do Delta, 6 metros abaixo do nível do mar, que, com os seus 8 km de largura, se estende por 50 km de sueste para noroeste. Ainda hoje é uma região com vários lagos salgados, rica em cloretos, carbonatos e sulfatos. À mesma latitude de Alexandria e de Roseta, e na mesma longitude de Merimda e de Aussim (Letópolis), fica a cerca de 80 km a noroeste de Guiza, donde, seguindo o rio, Heracleópolis dista cerca de 140 km, percurso total de aproximadamente 220 km da origem ao destino de Khuenanupu. Perry afirma tratar-se de uma distância excessiva para percorrer em seis dias (?). Depois de traduzir *sḫty-ḥm3t* por «pântano salgado» e tendo em conta a informação do afastamento do camponês para sul e o emprego da palavra *sdb* (R 8.2) – franja – pronunciada por Nemtinakht, vocábulo conhecido no dialecto actual do Faium, sugere a hipótese do camponês ser oriundo de uma localidade dessa área. Por outro lado, se tanto o contexto como o cotexto permitem verter *sḫty-ḥm3t* como Oásis do Sal, então *sḫt* é oásis e, portanto, *sḫty* poderá traduzir-se por oasiano. Contudo, independentemente do oasiano ser camponês, salineiro, caçador ou pequeno comerciante, o que efectivamente o papiro regista é, literalmente, «aquele que pertence ao campo», expressão que marca a sua condição social e que, no contexto do conto, constitui a linha de força a salientar como contraponto à voz

dos grandes senhores. Finalmente, o simbolismo da condição de camponês, figura associada à cheia anual do Nilo, eterno recomeço da vida, como na «primeira vez», também não deve ter deixado de afluir à mente do autor. Tanto mais que lhe podemos associar o conceito de *maat*, como imperativo de consonância para regressar à normalidade (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47; G. R. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 75; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 182; P. VERNUS e E. LESSING, *Dieux de l'Égypte*, p. 196; cfr. J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 21 e 25; B. MANLEY, *Atlas Historique de l'Égypte Ancienne*, pp. 19 e 129; B. TRIGGER *et al.*, *Historia del Egipto Antiguo*, pp. 358 e 420; P. GRANDET, *Contes de l'Égypte Ancienne*, p. 171; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 102-103; *Mapa de Estradas* 1:1 000 000 do actual Egipto, da Cartographia Kft., Budapeste, 1999; *Mapa de Estradas* 1:950 000 do actual Egipto, Kümmerly + Frey, Berna, 1990).

[3] A apresentação da mulher de Khuenanupu é feita segundo uma construção gramatical diferente: para o camponês é empregue uma frase nominal substantivo + *pw* + substantivo pretérito (*s pw wn*), para a sua mulher é usada a forma verbal *ist sḏm.f* (*ist wn ḥmt.f*) que dá a entender tratar-se de uma figura pontual e secundária (E. PERRY, *A critical study of the Eloquent Peasant*, p. 99). Segundo Lefebvre, o nome dela seria Méryé, ou seja, «Aquela que é amada». Gardiner e Lichtheim são da mesma opinião (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 170).

[4] Esta afirmação confirma o que se sabe através de outras fontes: a procura de comida e a fome foram tormentos que atravessaram todo o Primeiro Período Intermediário. Por outro lado, há aqui uma interessante mudança de pronomes sufixos relacionados com as crianças, cujo número se ignora: primeiro, na primeira pessoa do singular e, depois, na segunda e no género feminino. Perry explica que isso se deve à mudança de estatuto da mulher: quando se ausenta o marido, o chefe de família sobre o qual recai a solução dos problemas de bem-estar, a mulher emerge do seu papel secundário e assume lugar preponderante em relação à família próxima. Este facto atesta a importância social da mulher no antigo Egipto (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 105-106).

[5] O que consta em Parkinson é *sf*, «ontem» ou «o passado», mas é possível que o hieróglifo que aparece em Parkinson e é omitido por De Buck, G. N5 (⊙), fosse o determinativo de *snf* ( ), «último ano» como pretende Lichtheim (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 1; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 88; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 170).

[6] No texto lê-se «ele pesou para ela», o que poderá ser um erro do copista, já que não se ajusta ao contexto segundo o qual se deveria ler «ela pesou para ele». Contudo Gardiner manteve essa tradução: «então ele pesou para ela». O número

que se lê nesta frase, normalmente tido como a totalidade, é de decifração duvidosa face ao estado de deterioração do papiro. Na obra conjunta de 1908 sobre o Camponês Eloquente, Vogelsang e Gardiner denotando eventual divergência de opiniões ao transcreverem o hierático para o hieroglífico deixam um espaço em branco, embora ao traduzirem o texto avancem um hipotético oito entre parêntesis rectos, que Donadoni vem a confirmar em 1967. Gardiner corrige a sua opinião em 1923 ao propor seis; Parkinson subscreve igualmente este número; Suys avança vinte na tradução e apresenta 26 entre parêntesis rectos no texto hieroglífico (hipótese também sustentada por Lichtheim), número para o qual Parkinson diz não haver espaço. Como nas frases seguintes surgem os números dois e seis, parece não se terem levantado grandes dúvidas a Lefebvre. Para evitar polémicas ligadas à avareza, não condizentes com o carácter do camponês, e cálculos matemáticos especulativos, este autor aceita a confusão de pronomes, o que era vulgar neste tipo de documentos, concordando com o número oito, para o qual há espaço, mesmo na impossibilidade de uma leitura exacta. Suys ainda faz notar que Vogelsang e Gardiner discordavam entre si da leitura do número que se segue: o primeiro lia dois (o número avançado na sua obra conjunta) e o segundo lia vinte (expresso por Gardiner em 1923). Lefebvre e Donadoni concordam com o primeiro e Parkinson e Lichtheim com o segundo. Suys, embora especulando também, avançou entretanto uma interessante proposta. Começa por lembrar que o rasgão do papiro vai até ao princípio da linha, não permitindo, de facto, saber qual o espaço ocupado pelos caracteres que aí estariam, sendo por isso de admitir tanto o dois como vinte. Afirma ainda que os caracteres que se lêem dois podem também traduzir-se por vinte em medidas de capacidade, o que Allen confirma para textos hieráticos do Império Médio: os números de um a nove colocados depois da unidade de medida são multiplicados por dez (vide infra nota 90). Propõe, então, a seguinte leitura: «"Vai pois e pesa-me a cevada que está no celeiro, o que resta da cevada [da última estação]"». Então ele mediu para ela vinte alqueires de cevada. Depois o camponês disse à sua mulher: «"Olha, tu tens vinte alqueires de cevada de provisões para ti e para as tuas crianças; mas faz-me destes seis alqueires de cevada pão e cerveja para (as necessidades) de cada dia em que estarei de viagem"». Embora o primeiro número vinte pareça forçado, o mais extraordinário desta proposta é que admitindo que só depois da mulher ter medido o todo, não expresso, o marido fez a divisão e confirmou que o segundo número é vinte e não dois, então os pronomes passam a estar correctos. Embora o total seja 26 (6+20), com esta interpretação não há necessidade de o expressar num único número, sendo o número inicial (seis) a parte que Khuenanupu separou da totalidade para fazer «pão e cerveja» e o seguinte (vinte) o que ficará em casa para alimentar a família. É também salvaguardado o carácter do camponês, que não se

serve da maior parte para si. Será que Gardiner tinha razão nos números e nos pronomes, e que o escriba afinal não cometeu qualquer erro? (F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», p. 9 e chapa 1a; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 1; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 58; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, pp. 1-3 e 2*; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 170; S. DONADONI, *La Letteratura Egizia*, p. 88; J. P. ALLEN, *Middle Egyptian*, p. 102).

[7] Para este espaço deteriorado do papiro, Lichtheim propõe originalmente «tu tens»; Gardiner avança «*mt* [*espaço*] *nt*», achando impossível tratar-se de *wn* e *sp*; Parkinson abre um espaço mas propõe (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 170; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 1 e 1a).

[8] Em geral, as medidas do Egipto Antigo e as de capacidade em particular, não têm qualquer relação com as nossas, antigas ou modernas. Usavam sistemas diferentes para medirem volumes líquidos ou sólidos. A unidade que aqui traduzimos por alqueire era a medida *standard* para sólidos, em particular para o cereal: a *ḥḳ3t* (4,8 l). Equivalia a 10 *hnw* valendo cada um cerca de 0,48 l. A *ḥḳ3t* tinha diversos múltiplos: *ḥḳ3ty* ou "duplo *ḥḳ3t*" = 2 *ḥḳ3t* (9,6 l); *ipt* = 4 *ḥḳ3t* (19,2 l); *ḫ3r* = 10 (48 litros). Lêem-se respectivamente «heqat», «heqati», «hin», «oipe» e «sack». A partir das *ḥḳ3t* usavam regularmente numerais e fracções em textos hieroglíficos ou hieráticos (J. P. ALLEN, *Middle Egyptian*, p. 102).

[9] Esta construção, infinitivo + *pw* + *sḏm.n.f*, é um tratamento literário de uma forma verbal semelhante ao nosso pretérito perfeito.

[10] Lefebvre diz que se trata de uma planta específica do oásis e Parkinson de folhas de palmeira (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 58). A partir da linha 2.1 continuamos com o texto de R, confirmado até à linha 5.6 por Bt. Todos os manuscritos apresentam esta lista em colunas. Vogelsang e Gardiner, Suys (em colunas) e Parkinson (em linhas) fazem a transcrição para hieróglifos respeitando o afastamento original dos determinativos de cada palavra que, de facto, surgem afastados e colocados à distância em relação ao resto das palavras, como se de uma lista ou inventário se tratasse; já De Buck, que neste particular acompanhamos, apresenta-a em linhas consecutivas, sem qualquer afastamento. Sobre a disposição original, Suys apresenta uma curiosa interpretação, embora algo estranha, afirmando que os caracteres assim dispostos, além de determinativos são «recapitulativos» como nas listas, traduzindo-os pelo seu valor pictográfico: *rdmt* – em molhos, sal – em grãos, couros de cães selvagens – peles, *snt* – pedras, pombos – pássaros, etc. (F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 1a; É. SUYS, *Étude*

sur le conte du fellah plaideur, pp. 3-4; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 2-6; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 89).

[11] Apenas pela terminação não é possível identificar esta região.

[12] *t3-iḥw*, «o país das vacas», é o oásis de Farafra a cerca de 300 km a oeste do Vale do Nilo, aproximadamente à mesma longitude de Assiut. A variedade de produtos e o facto de entre aqueles que eram típicos do Uadi Natrun, como o natrão (carbonato de soda natural) e o sal (cloreto de sódio), existirem outros de diferentes proveniências, favorece a tese de que Khuenanupu era mais um pequeno comerciante do que um camponês ou salineiro (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 182; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 75).

[13] A tradução corrente para esta palavra tem sido lobo (*Lupu*) ou chacal (*Canis aureus*), uma subespécie do chacal dourado (*Canis aureus lupaster*), mas estas espécies parecem não ter existido no Egipto. De facto, parecia tratar-se antes de cães selvagens, de longas orelhas pontiagudas e com focinho fusiforme, em variantes mais ou menos puras do *Canis lupaster*. Entre os animais domésticos surgia também o cão, *Canis familiaris*, por vezes auxiliar do homem nas caçadas (L. M. ARAÚJO, «Cão», em *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 177-178; G. POSENER, *Dictionnaire de la Civilisation Egyptienne*, p. 44; P. F. HOULIHAN, *The Animal Word of the Pharaohs*, pp. 44-45, 65, 72, 80-82; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 63). Esta nota, inicialmente escrita em 2003 e confirmada em 2010, viu surgir no início de 2011 duas notícias no *Diário de Notícias* (30/01/2011 e 02/02/2011), que não tivemos oportunidade de confirmar, e que apontavam para uma investigação feita por investigadores das universidade de Oslo, Oxford e Adis Abeba, publicada na revista *PLoS One*, sobre esta questão. Ao compararem ADN do chacal do Egipto com ADN de lobos cinzentos (*Canis lupus*) de outras latitudes, revelaram o seu parentesco com o lobo cinzento do Norte da Europa, da Índia e dos Himalaias, de quem a informação genética está mais próxima do que dos chacais dourados. Assim, o que até então parecia ser um cão selvagem, é mesmo um lobo. E este lobo africano terá sido a única espécie de lobo cinzento avistada em África. Terão mesmo conseguido determinar que o lobo cinzento terá chegado a África há cerca de três milhões de anos, ainda antes da sua disseminação pelo hemisfério norte. De uma forma geral, são três as espécies de lobos existentes: além do referido lobo cinzento, existem o lobo vermelho (*Canis rufus*) e o lobo etíope ou lobo abissínio (*Canis simensis*), muito raro e ameaçado, havendo apenas cerca de 500 exemplares em meio selvagem no seu único habitat: a Etiópia e a Eritreia, normalmente em terras acima dos 3.000 metros. A suspeitas em relação a este parentesco surgiram há mais de cem anos quando Thomas Huxley, biólogo britânico, se deslocou em 1880

ao Egipto e observou que os «chacais» locais eram muito parecidos com lobos. Agora, com as novas tecnologias, foi possível confirmar a sua suspeita. Do ponto de vista biológico será interessantíssimo verificar como esta espécie de lobo africano evoluiu lado a lado com o lobo da Etiópia, espécie totalmente diferente, e com o chacal, mantendo o seu registo genético.

[14] O provável determinativo ou redundância em falta não impede a decifração desta palavra. Com alguma reserva, Gardiner propõe bambu; Lichtheim, Lefebvre e Suys optam por plantas *necha*; e Faulkner alvitra coentro, uma planta originária da Europa austro-oriental e da Ásia temperada, utilizada como condimento na alimentação, e como fármaco por ser estimulante e carminativo (A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 170; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 3; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 261; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 7, [s.d.], p. 60, col. dir.).

[15] A pedra *anu* não está identificada. Associa-se, normalmente, a uma pedra fina calcária. Desconhecemos as plantas *tenem* e *misut*, embora se admita que a primeira tenha sido utilizada no fabrico de cerveja e a segunda, por ter a mesma raiz de *misw* – ponta, bico, pico – possa ser um cardo. A planta *kheperure*, ainda por identificar e referida noutros textos, seria possivelmente uma droga. *Sahut* é um produto do qual nada se sabe. O termo *saksut* parece referir-se a um produto conotado com grãos, mas é igualmente desconhecido (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47; B. MENU, *Petit Lexique de l'Égyptien Hiéroglyphique*, pp. 48, 93, 162, 238).

[16] As pedras *senet* e *abu* são desconhecidas. No espaço por identificar da segunda, Parkinson, Gardiner, Lichtheim e Lefebvre propõem . Neste caso ler-se-ia pedras *abau* (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 4; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 170; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47).

[17] Em Parkinson e Suys o hieróglifo é G. E8* ( ) e em De Buck G. E7 ( ). Como seguimos o primeiro autor, optamos por ele, apesar de Gardiner defender que não aparece antes da XIX dinastia. É provável que não passe de uma divergência de interpretação da escrita hierática cursiva. Parkinson referencia as plantas *ibsa* como hortelã (menta) silvestre e Menu apenas como hortelã. Há diversos tipos de hortelã e as suas utilizações variam entre o uso gastronómico e o medicinal (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 5; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 2*; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 89; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 459; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 48; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 58; B. MENU, *Petit Lexique de l'Égyptien Hiéroglyphique*, p. 28; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 13, pp. 391-392).

[18] As plantas *inbi*, embora conhecidas de outros textos, não estão ainda identificadas (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 48).

[19] Lefebvre interroga-se se os pássaros *naru* (*nʿrw*) não designarão as avestruzes (*niw*), segundo uma hipótese de Sethe (in *Aegyptische Lesestücke*, Leipzig, 1924, ou K. SETHE, *Erläuterungen zu den Aegyptischen Lesestücken*, Leipzig, 1927). Os pássaros *ugués* são desconhecidos (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 48).

[20] Para as plantas *uben*, Menu avança a designação de feno, mas as plantas *tebes* são desconhecidas. Os grãos *guenguent* estão por identificar, sabendo-se, no entanto, do seu emprego medicinal. Segundo Lefebvre, *šnw-tȝ*, é a designação de «cabelos da terra», tubérculos arredondados que nascem nas raízes do *Cyperus esculentus L* (junça comestível); para Faulkner, ainda que com alguma dúvida, é o fenacho, planta leguminosa utilizada como ração para o gado; Menu afirma tratar-se de uma referência genérica de plantas ou vegetação. Os grãos *inset* são conhecidos mas encontram-se por identificar (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 48; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 268; B. MENU, *Petit Lexique de l'Égyptien Hiéroglyphique*, pp. 60, 214; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 11, p. 67, col. dir.).

[21] B1 começa logo depois do fim da lista. Mas R e Bt, embora com omissão de caracteres em várias palavras, apresentam a lista completa de produtos mas com uma diferença significativa: R apresenta vinte e sete e Bt apenas catorze. Aparentemente nenhuma é o original e apenas os oito produtos iniciais são comuns, o que leva a crer tratar-se dos que constavam da lista original. Estão associados em quatro pares masculino/feminino: dois vegetais, dois minerais, dois tipos de madeira e dois tipos de peles de animais. Nos três primeiros pares os géneros gramaticais estão expressos, mas no último par essa associação surge de outra forma: as duas palavras são femininas mas os animais a que se referem são masculinos. Para além da óbvia dualidade, pilar da cultura egípcia antiga, há claramente uma intenção mágico-religiosa inicial que posteriormente foi adulterada, associada à organização desta lista: o oito é o dobro da totalidade, portanto, redobrada intensidade. É, certamente, também uma referência às oito divindades criadoras, a Ogdóade, adoradas na «Cidade dos Oito», Hermópolis, o principal local de culto do deus Tot, na bifurcação do Nilo e do Bahr Yussef. Quatro pares de quatro deuses rãs cada um ligado a uma de quatro deusas cobras, simbolizavam diferentes aspectos do caos antes da criação: Nun e Naunet, a água; Kek e Keket, as trevas; Heh e Hehet, o infinito espacial; e Amon (homófono do deus tebano) e Amaunet, o oculto. Parece-nos um apelo propositado do autor, um escriba com uma cultura ao nível dos sacerdotes ou do rei, que se entrega a uma tarefa literária e que necessita de todo o apoio para a sua concretização e divulgação. Os seis produtos adicionados em Bt também foram organizados em pares:

dois tipos de pedra, dois vegetais e dois tipos de grão, por comparação com R de categorias diferentes dos anteriores. Aparentemente não há razão mágico-religiosa para este número. A não ser numa visão dualista levada ao extremo, e como anteriormente a ideia de quatro foi duplicada, o escriba responsável pelo papiro tenha agora duplicado o três, número da pluralidade, normalmente ligado à tríade Osíris, Ísis e Hórus, ou a qualquer uma das muitas tríades da religião egípcia. Os dezanove produtos adicionados em R não aparentam qualquer organização mágico-religiosa na sua origem e, a sua disposição algo anárquica apenas nos mostra a vontade de um copista em demonstrar a sua erudição, possivelmente alimentada pela prática médica, uma vez que inclui plantas sobre as quais é consensual o uso terapêutico (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 112-115; R. H. WILKINSON, *Reading Egyptian Art*, pp. 131-133, 137 e 142--145; I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, p. 210; G. POSENER, *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, pp. 196-197).

[22] Embora o determinativo seja G. P1, não nos parece correcta a tradução de Devauchelle «foi navegando para Sul», donde conclui que Khuenanupu fez parte da viagem de barco. De igual modo nos surpreende que com esta versão se vincule a ideia de que «ir em direcção ao Sul» possa equivaler a «seguir a corrente», o que neste caso seria «navegar para Norte». Partindo de premissas incorrectas, fica falseado o restante raciocínio e a origem geográfica do camponês, que, em sua opinião, se identificaria a sul de Heracleópolis, em Tarabiya, próximo da cidade de Oxirincus, a actual El-Bahnasa e antiga Per-medjed, capital da 19ª província do Alto Egipto (D. DEVAUCHELLE, «Le paysan déraciné», pp. 34-40; cfr. J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 121 e 129).

[23] Neninesu [*nni-nsw*] «a criança real» – mais tarde Henennesu [*ḥwt-nni-nsw*] «a casa da criança real», donde o copta *ḥnès*, depois o árabe *Ehnás*, nome da capital da 20ª província do Alto Egipto, capital dos reis da IX e X dinastias. Esta cidade (apelidada na Época Greco-romana de Heracleópolis Magna) faz hoje parte do *markaz* de Beni-Suef (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 48; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 183; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 76).

[24] A construção infinitivo + *pw* + *ir.n.f* é semelhante a infinitivo + *pw* + *sḏm.n.f* (cfr. supra nota 9). Perfefi (*pr-ffi* «o domínio de Fefi») não está identificado, mas Parkinson, sem o explicar, avança a hipótese de se situar perto de Dahchur, a cerca de 80 km a norte da capital. Por seu turno, Grandet apresenta a hipótese de Perfefi ser apenas uma das leituras possíveis desse local, sendo Per-Iti outra, podendo assim ser Letópolis, já que, por vezes, esta cidade é designada por Per--Iit. Haveria, contudo, uma troca de duas letras. Em todo o caso não deixa de ser uma hipótese a considerar, uma vez que Letópolis não só se situa junto ao Nilo como fica logo à saída da pista do percurso Sekhet-Hemat-rio Nilo. Medenit

(*mdnit*), que Grandet traduz literalmente por dique, não é identificada por Lefebvre, que apenas e sem explicação observa que não se trata de Atfith. Perry e Parkinson contrariam-no. Para estes trata-se mesmo de Atfith (Afroditópolis), capital da 22ª província do Alto Egipto, a cerca de 50 km a norte de Heracleópolis. Perry acrescenta ainda constituir característica do período heracleopolitano designar as pequenas localidades com nomes formados com *pr*, o que confirmámos com Clère e Vandier em duas estelas, uma pertencente a Djari e outra anónima (qualquer dos exemplos na terceira linha de cada reprodução). A nosso ver não é muito consistente tratar-se de Atfith, uma vez que toda a 22ª província de que era capital se situava na margem oriental do Nilo, e o percurso de Khuenanupu, aparentemente, desdobra-se na margem ocidental. Aliás, como o próprio Parkinson considera, ao desenhá-lo num mapa no seu livro *The Tale of Sinuhe and Other Ancient Egyptian Poems*. Outra questão duvidosa reside no facto de uma ser Letópolis e outra Atfith. Para estarem relacionadas deviam situar-se nas proximidades uma da outra e sem povoações de referência entre elas. As duas regiões são possíveis, mas, ao que julgamos, o problema continua por clarificar. Na palavra distrito (*w*) os dois últimos caracteres estão trocados em R e Bt. O determinativo da palavra *mdnit*, G. V11 ( ), aparece bem posicionado em De Buck (abertura contrária ao sentido da leitura) e invertido em Parkinson (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 48; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 76 e p. xxxiii; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; P. GRANDET, *Contes de l'Égypte Ancienne*, p. 171; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 523; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 7; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 89; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 117; J. J. CLÈRE e J. VANDIER, *Textes de la Première Période Intermédiaire et de la XIème Dynastie*, pp. 14 e 44).

[25] Em Parkinson o hieróglifo é G. G7B ( ) e forma-se a palavra Nemtinakht. Em Vogelsang e Gardiner, Suys e De Buck interpretam-no como sendo G. G26 (), formando-se daqui a palavra Djehutinakht, com o que Lichtheim e Perry não concordam. Aparentemente não há qualquer ligação contextual com a divindade da 12ª ou da 18ª províncias do Alto Egipto – *anty* (), excepto se a aproximação do camponês ao vale do Nilo, a partir do oásis de Bahriya, passasse por Menat-Khufu, na 16ª província do Alto Egipto. Assim, para atingir Neninesu, passaria pela 18ª província, onde poderia ter ocorrido a desavença e onde, portanto, o nome do espoliador podia assimilar o nome da divindade local. Porém, parece não ter sido o caso. Já a inclusão de Tot no seu nome («O poderoso deus Tot») podia harmonizar-se pela negativa com o contexto, isto é, admitir-se que a atitude da personagem se opõe ao seu próprio nome: aparentemente poderoso e sem qualquer sabedoria. Num período de «crise da consciência» (S. DONADONI (ed.), *Testi Religiosi Egizi*, p. 185), seria uma espécie de caricatura reforçada por uma

divindade poderosa. Parkinson, Lichtheim e Perry em virtude de uma diferente interpretação do hierático, em vez de Djehutinakht apresentam o nome Nemtinakht («Nemti é poderoso»). Parkinson explica tratar-se de uma alusão a um deus menor, Nemti, hipotética divindade protectora dos viajantes, não excluindo também a faceta irónica do nome. Perry afirma que se tratava de um epíteto comum no Império Médio, capaz de reforçar sarcasticamente a figura do opositor de Khuenanupu, acabando por ridicularizar todos os que se opuseram à justiça. Em suma, um texto elaborado com a pretensão de ser paradigmático, provavelmente escrito ou encomendado por um faraó com a intenção de o difundir por todo o Egipto como meio de conquista do poder perdido, não poderia colocar nesta situação o nobre e poderoso Tot, sempre defensor da verdade e da justiça. Nesta frase, entre *s* e *ḥr*, existe nos papiros B1 e Bt a preposição *im* ( ), «em», inexistente no papiro R (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 7; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 89; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 468 e 470; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 170 e 183; G. R. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 58 e 76; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 119-120; F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 2a e outras; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 4* e outras; J. P. ALLEN, *Middle Egyptian*, p. 461).

[26] Lit.: «o seu nome é tamargueira». Não era invulgar no antigo Egipto dar às pessoas nomes de plantas. Mas neste caso haverá uma outra razão: será com uma vara de tamargueira que Nemtinakht agredirá Khuenanupu (B1, 22). De facto, parafraseando Perry, é caso para dizer: «Tal pai, tal filho!». A função de grande intendente era um dos cargos oficiais mais altos da XII dinastia. Logo abaixo do faraó, dirigia os seus domínios, desconhecendo-se a sua existência nas dinastias heracleopolitanas, o que constitui mais um elemento a favor da datação dos papiros. É interessante a construção do «clima» do conto através dos nomes, condicionando-se o leitor a uma atmosfera de benevolente autoridade, «sugerindo que o bem e o mal estão inexoravelmente ligados», pois «filho de Meru» (*mrw sꜣ*) é homófono do epíteto «Amado Filho» (*mrrw sꜣ*), espécie de homem virtuoso. Numa perspectiva gramatical *mrw* é o masculino correspondente ao nome da mulher do camponês, *mrt*. A construção *sꜣ s pw* («era o filho de um homem») faculta ainda a informação que, do ponto de vista político, Nemtinakht, não sendo nobre de nascimento ou de estatuto social superior, era um indivíduo livre que gozava de certos privilégios. O hieróglifo G. H8 ( ) é o determinativo de ovo. Surge aqui numa situação específica criada no Império Médio, a partir da XII dinastia, com o aparecimento na escrita hierática do método invertido para expressar filiação, passando-se a fazer a contracção do G. G39 ( ). Contudo, a sua substituição pelo hieróglifo G. H8, segundo Gardiner, só ocorreria na XIX

dinastia, não aparecendo mais cedo senão em situações convencionais, pormenor que, em papiros datados da XII e XIII dinastias, se torna impossível. Termina aqui a parte inicial que Lefebvre designa de *Introdução* e começa a que denomina por *Djehutinakht trata de obter discussão* (ver nota 79 de *O Conto do Náufrago*; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 58 e 76; P. GRANDET, *Contes de l'Égypte Ancienne*, p. 171; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 66 e 474; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 48; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 120-121).

[27] Embora *ib* se traduza literalmente por coração, era considerado pelos egípcios como centro das emoções, da memória e a fonte dos desejos humanos. Daí a nossa opção. M. H. T. Lopes na sua obra *O Homem Egípcio e a sua Integração no Cosmos*, insere-o no capítulo do homem intelectual (e não do físico), titulando um subcapítulo de: «O coração: sede da consciência» (M. H. T. LOPES, *O Homem Egípcio e a sua Integração no Cosmos*, pp. 102-107). Aliás, o músculo cardíaco propriamente dito era designado por *hati*, enquanto *ib* era considerado o centro da vontade e da inteligência (R. SOUSA, «Coração», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 234-236). Na grafia hieroglífica da palavra *ꜥ3byw*, De Buck utiliza o caracter G. M19 ( ) e Parkinson o caracter G. M43 ( ). Faulkner regista a palavra «agradável», *ꜥ3b*, escrita com o primeiro caracter para pessoas e o segundo para coisas. Entre *ꜥ3byw* e *ib.f* encontra-se a preposição *ḥr* ( ), «sobre», não existente no papiro R. No final desta frase, os papiros B1 e Bt apresentam ainda o verbo *dḏ.f* ( ), «ele disse» ou «ele pensou», igualmente inexistente no papiro R (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 7; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 89; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 38).

[28] Não se trata de demonstração religiosa mas de um pensamento que traduz o desejo de uma ajuda mágica, através de uma estátua protectora de um deus e não de um amuleto qualquer. Entre *nb* e *ꜥw3.i* encontra-se nos papiros B1 e Bt o adjectivo *mnḫ* ( ), «eficaz», inexistente em R (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 8; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 89).

[29] Entenda-se por «mais forte que a largura» como «que passasse além da largura». Ou seja, a largura do caminho junto ao rio equivalia à largura do pano que Nemtinakht se preparava para aí estender. Devido à dificuldade em se saber hoje a medida exacta de «uma peça de estofo» daquele tempo, variando a sua largura entre os 50 e 430 cm, interessa reter apenas que o caminho era mesmo mais estreito do que o tecido, como se verá (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 131-132). Contudo, refira-se que esta pode ser outra passagem em que se faz sentir a presença da magia. As palavras egípcias *isd* (peça rectangular de pano com franjas) e *ḥbs* (peça de vestuário) parecem sinónimas, uma vez que a primeira era usada como vestuário enrolada ao corpo e atada na frente. Neste caso, para atingir os seus fins Nemtinakht terá usado uma peça de vestuário e não

um pano qualquer. Ora, «de acordo com os antigos, as forças espirituais do homem estavam ocultas nas suas roupas», pelo que «uma peça de roupa de homem cont[inha] a sua identidade e simboliza[va]-a», dando resposta à questão que Nemtinakht pusera em R, 7.2, referida na nota anterior (N. SHUPAK, «A New Source For The Study of The Judiciary and Law of Ancient Egypt», p. 7).

[30] Um «caminho de toda a gente» é um caminho público. Embora Gardiner afirme existir uma distinção entre *r-w3t* e *w3t*, traduzindo o primeiro por caminho e o segundo por estrada, não nos parece necessário fazer aqui essa diferenciação, chamando estrada a uma estreita e sinuosa passagem (cfr. A. H. GARDINER, «Notes as the Story of the Eloquent Peasant», pp. 265-267).

[31] B1 só apresenta passagens a encarnado a partir da 109ª linha (vide infra nota 63).

[32] Segundo Vogelsang e Gardiner, e Parkinson, o papiro B1 apresenta nesta passagem uma frase negativa, *n* ( ), em vez da interrogativa exibida nos papiros R e Bt, *in* (). Também nos parece claramente . Contudo, assinale-se que a partícula interrogativa aparece por vezes abreviada apenas com o *n* (); como na escrita hierática e são muito semelhantes, uma caligrafia menos cuidada ou qualquer pequena deterioração podem suscitar engano, sobretudo na omissão do *i* (). Da linha 32 (8.4) à linha 209 (31.8) acompanharemos em paralelo estes dois papiros (F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 5a; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 10; M. C. BETRÒ, *Geroglifici. 580 Segni per Capire l'Antico Egitto*, pp. 59 e 163; D. P. SILVERMAN, *Interrogative Constructions with jn and jn-jw*, pp. 1 e 14, nota 81).

[33] Esta é uma fórmula comum de consentimento frequente nas conversações dos antigos Egípcios, tanto entre iguais como na relação com superiores (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 136).

[34] Esta exclamação, uma construção *sḏm.f*, é repetida três vezes seguidas, B1 34, B1 36-37 e B1 44.

[35] Tentando evitar problemas, depois de afirmar que o caminho é bom, isto é, público, Khuenanupu resolve passar pela sua parte interior, ou seja, a que confina com os campos.

[36] O papiro R reforça a interrogação terminando esta frase com a palavra camponês, *sḫty* ( ), inexistente em B1. Por outro lado, em vez de *it* ( ), cevada, utiliza *šmˁ* ( ), cevada do Alto Egipto, que traduziremos apenas por cevada.

[37] Isto quer dizer que Nemtinakht dilatara já a sua terra de cultura sobre parte do caminho público. A palavra *mtnw* aparece como variante de *mṯn* ( ).

[38] O verbo *rdi* ( ) tem diversas variantes, podendo o carácter G. D37 ( ) ser substituído pelo caracter G. D36 ( ). Esta substituição pode ocorrer também noutras situações (vide supra B1, 146 e infra nota 109) (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 156; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 454 e 579).

[39] Apenas o papiro R (9.3/9.4) exibe a expressão *r.f ḏd*. Com ela atinge-se a parte do conto em que Nemtinakht se apodera dos burros de Khuenanupu.

[40] O burro, domesticado no Egipto ainda no Pré-dinástico, é desde sempre um animal polivalente que ao longo dos séculos tem desempenhado múltiplas tarefas na agricultura e nos transportes egípcios. Nalgumas regiões, após a colheita, ainda hoje se utilizam animais para descascar cereais, fazendo-os caminhar sobre eles. No Egipto antigo não havia sistema monetário com moedas, ou seja, peças de metal cunhado, mas para evitar especulações foi adoptado um sistema que indexava os produtos a determinadas quantidades de metal em bruto, isto é, não cunhado. O cobre para as pequenas transacções e a prata e o ouro para as de grande valor (I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, pp. 174-175 e 294). De qualquer modo, se havia determinados pesos de metal que fixavam o valor oficial dos produtos, «isso chega para falar de dinheiro, e por consequência de "venda" com toda a força do termo», como afirma A. Théodoridès. Servindo-se das palavras de E. Chassinat, este autor acrescenta que o Egipto dispunha de «um sistema monetário oficial, que entrava em jogo logo que a administração intervinha numa operação qualquer, aja ela como interessada, aja com o carácter de lhe dar um carácter legal. O fisco taxava o que era sujeito a contribuição numa soma avaliada em pesos de metal, que este [o contribuinte] pagava com o seu trigo, o seu vinho, o seu óleo e os animais da quinta; o artesão, com os produtos da sua indústria. O cobrador registava tudo cotando cada artigo à taxa da tarifa legal. As transacções entre particulares, logo que davam lugar a formalidades de ordem jurídica, eram submetidas à mesma regra de estimativa: a natureza do pagamento deixava-se à escolha das partes, mas o valor das matérias que constituíam o pagamento eram apreciados na base do padrão de metal» (A. THÉODORIDÈS, *Vivre de Maât. Travaux sur le droit égyptien ancien*, seconde partie, pp. 722-723). Por exemplo, já no Império Novo, no tempo de Tutmés III (1479-1425), a unidade de comparação possível é a medida de superfície da terra que se designava por *setjat* (em grego *arura*). Representava 10 000 côvados (1 côvado = 52,5 centímetros, logo, 10 *sedjat* seriam cerca de 2,75 hectares) e equivalia a quinze gramas de prata, o que era muito pouco comparado com os preços do gado. Na XVIII dinastia o valor de um burro era de 23 a 26 gramas de prata, enquanto uma vaca variava entre 45 e 60, podendo atingir as 128, o de um porco, entre quatro e seis, e o de uma cabra entre um a três. Na mesma época (período ramséssida), um escravo custava entre 27 e 36 gramas de prata (D. VALBELLE, *A Vida no Antigo Egipto*, p. 73). Segundo Nemtinakht, a apreensão do burro destinava-se a pô-lo a trabalhar para si de modo a pagar o prejuízo, o que constituía prática legal dos tribunais egípcios. Era, entretanto, um valor muito elevado (ver notas 29 de *Khufu e os Magos*; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent*

Peasant, p. 140; cfr. B. MIDANT-REYNES, *Préhistoire de l'Egypte*, pp. 198-202; P. F. HOULIHAN, *The Animal Word of the Pharaohs*, pp. 29-33; J. P. ALLEN, *Middle Egyptisn*, pp. 101-102).

[41] Alguns egiptólogos vêem o determinativo G. V20 (∩), que aparece duas vezes, como o numeral dez. Resulta uma frase estranha com uma relação que nos parece desproporcionada: um burro pelo preço de dez molhos de cevada, cada um com o tamanho necessário para encher a sua boca. A hipótese de Grandet, dez *chenaty*, ainda nos parece mais desproporcionada, não havendo sequer confirmação do seu valor na época do conto (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 12--13; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 90; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 49; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 171; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 59; P. GRANDET, *Contes de l'Égypte Ancienne*, pp. 45 e 171). Outros egiptólogos, nas palavras *ḥḏt(i)* e *šnᶜ* (var. *šnᶜty*), entendem o caracter final que Parkinson identifica com o determinativo G. V20 (∩), como dois pronomes sufixos *.s* ( ). É o caso de Vogelsang e Gardiner, confirmado, posteriormente, por Gardiner e Wente. Resulta uma passagem de interpretação duvidosa; para outras leituras de B1 44-46 cfr. o artigo de Wente (F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 5a; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 367; E. F. WENTE, «A Note on "The Eloquent Peasant" B1 13-15», pp. 105-109).

[42] A palavra *wr* (ou simplesmente – «grande», «o maior», «o chefe», variantes de – «grande»), escreve-se correctamente com o caracter G. A19 ( ) e não com G. A25 ( ). Uma vez que no papiro R está correcto, não deverá ser lapso de Parkinson mas erro do escriba (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 64; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 444).

[43] Esta passagem afirma Nemtinakht como ladrão e apresenta Rensi como alguém dotado de capacidade para julgar. A expressão *tȝ r-ḏr.f* («no país inteiro»), que se repetirá ainda duas vezes (B1, 294 e B1, 298), constitui um reforço à ideia de que o texto terá sido escrito no Império Médio. Frequente em textos não religiosos do início da XII dinastia, era um autêntico slogan político que reflectia e confirmava a recente reunificação do Egipto. Esta última frase *in ᶜwȝ.tw.i rf m ḏȝtt.f* é a excepção que confirma a regra de Gardiner nas frases interrogativas em que a partícula enclítica *rf* segue sempre a partícula interrogativa *in* (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 142; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 402).

[44] Sem ser na escrita hierática é raro o uso do caracter G. G41 ( ) em vez de G. G40 ( ) na palavra *pȝ*, mas, por vezes, ocorria, como confirma Gardiner na sua gramática. Contudo, tanto na obra que escreveu com Vogelsang, como num artigo de 1913, utiliza nesta frase o G. G40 (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 472; F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 5a; A. H. GARDINER, «Notes as the Story of the Eloquent Peasant», pp. 268-269).

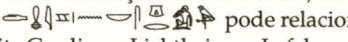
[45] Em B1, 68 traduziremos a palavra *mdt* por «assunto». Defendem alguns autores que em ambos os casos se poderia traduzir por «assunto», uma vez que faz igualmente sentido e a tradução por «provérbio» não ocorre em qualquer outra passagem. Para melhor compreensão na língua portuguesa, preferimos seguir Faulkner e fazer esta diferenciação (D. P. SILVERMAN, *Interrogative Constructions with jn and jn-jw*, pp. 63-64; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 192).

[46] A tamargueira é uma planta cuja existência no Egipto está documentada desde o Paleolítico. A semelhança do patronímico de Nemtinakht referido anteriormente, Iseri (*isry*), com a palavra tamariz (*isr*) insere-se na ideia da construção do carácter das personagens através dos seus nomes: a ligação de um acto violento ao seu patronímico caracteriza-o como um homem violento e sem escrúpulos (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 60 e 76; E. PERRY, *A critical study of the Eloquent Peasant*, pp. 146-147; cfr. supra nota 26; cfr. B. MIDANT-REYNES, *Préhistoire de l'Égypte*, pp. 47 e 60).

[47] Verde no sentido de fresca, viçosa.

[48] Para tornar esta frase compreensível e de acordo com o contexto, houve que introduzir algumas palavras e caracteres que, embora não constem deste papiro, estão expressas em R 11.3.

[49] Em Parkinson, a palavra Nemtinakht inicia-se aqui com uma redundância – um *t* – inexistente em todas as outras repetições do mesmo vocábulo. Entretanto em Vogelsang e Gardiner, tal como em Suys ou De Buck, está omisso, donde concluirmos tratar-se de um lapso de Parkinson (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 12; F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 5a; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 6*; A. DE BUCK, *Egyptian Reading-book*, p. 91).

[50] O «senhor do silêncio» é Osíris, deus do reino dos mortos. Surge aqui uma subtil ameaça de morte, ao pretender-se silenciar Khuenanupu que, fazendo jus ao seu nome, não se intimida e transforma o apelo a Osíris a seu favor invocando o silêncio, qualidade moral, como satisfação divina. Porém, uma outra questão se levanta: a frase  pode relacionar-se com a localização de Perfefi e Medenit. Gardiner, Lichtheim e Lefebvre traduzem-na por: «Vê, tu vais em direcção à casa do senhor do silêncio». Parkinson e Grandet substituem «casa» por «porto». Lichtheim refere a existência de um santuário de Osíris nas redondezas e Lefebvre vai ao ponto de o localizar «em Naref (Abusir el-Malaq)», que identificámos a cerca de 10/12 km de El-Lahun. Desconhecendo-se a rigorosa posição geográfica de Perfefi e Medenit trata-se de uma afirmação arriscada! Contudo, *dmi* também significa cidade! O próprio determinativo liga-se muito mais a «terra» ou «local», do que a «casa» ou «santuário» para o qual é

usado, normalmente, *pr* ( ). Quanto a «cais» ou «desembarcadouro», segundo D. Jones, é por vezes empregue, embora não seja o mais vulgar; os determinativos mais comuns são, além de *pr*, G. P1 ( ) e similares, e G. O49 ( ). Em nosso entender, uma tradução mais adequada e próxima do contexto, será: «Vê, tu vais em direcção à cidade do senhor do silêncio». Assim, tanto se poderá entender como uma forma de dizer «tu vais para o cemitério», como conduzir a uma orientação geográfica. Poderá também querer significar aproximação à necrópole de Mênfis, que vai de Abu Rauach a Dahchur, passando por Guiza, Abusir e Sakara; ou mesmo a Mênfis, cidade de Osíris, aí assimilado a Ptah-Sokar, ainda no Império Antigo. Neste caso, Khuenanupu estaria perto de Letópolis e, então, seria aí que se localizariam Perfefi e Medenit (cfr. supra nota 24). Se estivesse já entre Abu Roach e Dahchur a construção da frase intimidatória seria, provavelmente, de outro modo! Estas duas localidades distam uma da outra cerca de 40 km, aproximadamente o equivalente ao comprimento do Uadi Natrun e a 1/6 da totalidade do percurso do Uadi Natrun a Neninesu, sensivelmente 230 km (A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 8; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 171 e 183; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 50; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 60 e 76; P. GRANDET, *Contes de l'Égypte Ancienne*, p. 46; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 313; D. JONES, *A Glossary of Ancient Egyptian Nautical Titles and Terms*, pp. 203-207).

[51] Parkinson apresenta e De Buck e Suys . Qualquer delas está correcta; a primeira partícula enclítica ( ) é apenas menos vulgar. Trata-se de uma questão de fidelidade ao manuscrito (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 186).

[52] Termo pouco comum, mas existente em português, usado aqui por Khuenanupu em sentido elogioso dadas as funções de Osíris na Duat. Aliás, entre os epítetos de Osíris, encontramos «senhor do terror» e «aquele que inspira temor» (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 183).

[53] O ano egípcio dividia-se em doze meses de trinta dias e cada mês tinha três semanas de dez dias. Parece-nos uma referência temporal genérica (um conjunto qualquer de dez dias, tal como hoje dizemos «uma semana» para referir quaisquer sete dias) e não uma referência a um espaço de tempo próprio, contado entre dois dias específicos (tal como hoje se diria «a próxima semana», referindo-nos a um espaço de segunda-feira a domingo). Acerca das diversas acepções possíveis da palavra «semana» cfr. o artigo de Miosi. Começa aqui a prova de que Khuenanupu, sabendo-se com razão, nunca se desencorajou. E se, passada esta semana, apresentou o seu caso ao grande intendente, numa sucessão de nove petições, foi porque Nemtinakht não lhe prestou atenção. Em relação às provisões com que saiu de casa, elas já se teriam esgotado, uma vez que se destinavam apenas a seis

dias. Em sua casa também não tinha deixado abundância de alimentos (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 76; P. GRANDET, *Contes de l'Égypte Ancienne*, p. 171; F. T. MIOSI, «A possible referende to the non-calendar week», pp. 150-152).

[54] O escriba do papiro B1 escreve o nome Rensi com *i* ( ) ou com *y* ( ) indiferenciadamente ao longo de todo o documento.

[55] Barca *ʿrryt* é uma embarcação posta à sua disposição para o desempenho das funções oficiais, uma vez que *ʿrryt* significa «escritório», «sala de administração» (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 50). Segundo Suys, este termo designa um órgão administrativo com origem no Império Médio, cujos documentos mencionam frequentemente «os chefes ou arautos do *arerit*», ou «se os dados do nosso conto respondem à verdade histórica, ao tempo dos reis heracleopolitanos». De qualquer modo é um elemento susceptível de ajudar a estabelecer a data da origem do conto (É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 17). Tem efectivamente uma conotação jurídica, associada à prática dos juízes egípcios se deslocarem pelo país, para se inteirarem dos processos a julgar, numa possível alusão à existência de tribunais itinerantes. Outras referências há que corroboram esta ideia, embora se saiba que este tipo de embarcações podia ser usado em situações alheias à justiça e à administração, como, por exemplo, no transporte de cereais (N. SHUPAK, «A New Source For The Study of The Judiciary and Law of Ancient Egypt», pp. 17-18).

[56] A expressão *swḏ ib* («alegrar o coração») é uma fórmula comum na correspondência egípcia que pode ou não ser alegre, uma vez que o seu significado corresponde a «fazer uma comunicação» (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 50). Sobre a tradução de *mdt* vide supra nota 45.

[57] Viver na capital, ter barca oficial e ser interpelado por meio de um intermediário, são evidências do seu alto cargo na administração, sinónimo, por sua vez, de uma prestação judicial justa e rápida para pôr fim à desavença entre Khuenanupu e Nemtinakht.

[58] A partícula *.in* após o verbo *rdi* funciona como forma ideomática da preposição *.n* podendo-se traduzir por «Assim... fez com que» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 22, 124 e 154-156)

[59] A expressão *mi ḳi.s* é um sinónimo raro de *mi ḥd.s* (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 79).

[60] Esta troca na ortografia de *srw*, que se escreve correctamente com G. A21 ( ), surge efectivamente na leitura de Parkinson com parte do signo deteriorado. Na escrita hierática há uma certa similaridade entre G. A17 ( ) e G. A21 (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 15-15a; M. C. BETRÒ, *Geroglifici. 580 Segni per Capire l'Antico Egitto*, pp. 36 e 44).

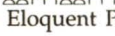
[61] Os camponeses dos oásis eram fornecedores de determinados senhores no Egipto

a quem deviam fidelidade para evitarem dissabores (A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 9).

[62] Há aqui uma análise incorrecta por parte destes magistrados que, com a sua atitude, surgem como representantes da anarquia e da corrupção que se viveu no Egipto no Primeiro Período Intermediário.

[63] Com a sua reacção, a figura de Rensi é separada da dos seus auxiliares.

[64] Inicia-se a primeira súplica, seguida da participação de Rensi ao rei, que dará as suas ordens. Todas as petições serão introduzidas por uma frase narrativa onde pontuará sistematicamente esta construção gramatical, *sḏm.in.f*, uma das quatro formas da flexão sufixal indirecta, como um passado narrativo. Em B1, só a II e a III petições têm a primeira linha totalmente escritas a tinta vermelha, o que não acontece com as I, IV, V, VII e VIII, havendo contudo outras frases a vermelho. Algumas dessas frases nem sequer estão totalmente escritas com esta tinta, não se vislumbrando qualquer padrão coerente ao longo dos quatro papiros para o uso da tinta encarnada. Em B1, umas vezes introduz algumas falas; outras algumas petições; outras ainda, destaca frases ou parte delas, que, quando muito, poderão representar uma espécie de mensagens e conselhos a seguir. Em R, as três petições (as três primeiras) iniciam-se a vermelho, incluindo a primeira a segunda frase, a expressão *ḏd.f*; na segunda e terceira petições, parte das frases iniciais está ilegível mas não parece haver dúvida que ambas estariam a vermelho. Em B2, nas três petições (as três últimas) apenas a pequena frase inicial *iw.in rf* surge a vermelho. Em R, no conto introdutório, observam-se marcadas a vermelho as mudanças de falas e a frase inicial *s pw wn*. Em Bt, apenas as quarenta linhas iniciais do conto, nunca surge o vermelho. A crer no raciocínio de Parkinson sobre a relação entre os diversos papiros, é provável que R seja o que se aproxima mais do original e que os outros sejam já variantes dos copistas.

[65] A expressão *iwtt ntt* é uma fórmula para dizer «tudo». Além do mais, insere-se numa frase retórica muito usada para referir a totalidade das coisas. Há no entanto que pôr duas questões: a expressão correcta é *ntt iwtt*; e *ntt* escreve-se e não . Em R encontramos para a mesma expressão:  (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 153; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 9; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 17).

[66] Este lago sagrado situado na capital egípcia das IX e X dinastias e que fontes de diversas épocas designam por Maaty de Heracleópolis, até ao momento não foi ainda localizado. A divindade local, Herichef (*ḥry-š.f*), significa «aquele que está no seu lago». De certo modo, com a metáfora seguinte sobre a caçada, integramo-nos também na história local, através desta primeira alusão a *maat* (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 61 e 77; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 9; E. PERRY, *A critical study of the Eloquent Peasant*, pp. 174-178).

[67] Na palavra *ḥtȝ*, o determinativo aparenta ser uma vela ( ) sem mastro, variante que nem o WinGlyph nem o livro *Hieroglyphica* apresentam. Em sua substituição usamos o G. N36 ( ) deformado, por ser o caracter que mais se assemelha. Em R surge em seu lugar G. S28 ( ).

[68] Comparando o papiro B1 com o papiro R encontramos no primeiro a falta do determinativo G. D54 ( ) na habitual construção da palavra *ihm* (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 17; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 28; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 554).

[69] A palavra *ḥȝᶜ* é sinónima de *ḥȝg* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 163).

[70] Os dois caracteres acrescentados são omissos em B1, mas constam em R 15.3.

[71] Nesta palavra existe um caracter G. Z1 antes do caracter G. A1 incompreensível.

[72] No caracter G. Aa21 ( ) desta palavra, Parkinson acrescenta sobre o traço perpendicular um outro horizontal inexistente, de facto, a não ser na variante H. Aa21A, que, no entanto, é bastante diferente ( ) (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 542 e 547; N. GRIMAL, J. HALLOF e D. VAN DER PLAS (eds.), *Hieroglyphica*, p. 1 Aa-1).

[73] Destas quatro frases, as duas primeiras são expressões típicas das autobiografias do Primeiro Período Intermediário e dos Impérios Antigo e Médio; a terceira é mais rara e a quarta é um produto original do conto. Provavelmente, ao apelidar Rensi de «saiote» (*šndyt*), esteve subjacente a ideia do simbolismo mágico inerente às vestes (vide supra nota 29), na tentativa de fazer do grande intendente a «roupa protectora» dos órfãos. Uma vez que o verbo *wḏᶜ* significa «separar», por *wḏᶜt* podemos entender mulher «divorciada», (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 197-204; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 75; N. SHUPAK, «A New Source For The Study of The Judiciary and Law of Ancient Egypt», p. 7).

[74] Este é o primeiro de quatro epítetos que Khuenanupu vai atribuir a Rensi, contrariamente aos cinco que Lichtheim e Perry reconhecem. É «uma titulatura quase real», já que a titulatura real era exclusiva dos monarcas. Perry afirma mesmo que a expressão *iri rn* era «a frase técnica usada exclusivamente para estabelecer os cinco nomes da titulatura real», nunca atribuída a outra pessoa (G. R. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 77; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 183; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 207). No papiro R a construção *ᶜwn-ib* tem no lugar do segundo ᶜ que o papiro B1 apresenta, o determinativo correcto com que se escreve esta palavra, G. A24 ( ), (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 557; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 40).

[75] O pronome sufixo *i* ( ), foi acrescentado posteriormente (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 18a).

[76] O pronome sufixo *i* ( ), só consta em R 16.5.

[77] As palavras «desgosto! Vê, eu (estou) debilitado por causa dele!» só constam do papiro R 16.6/7.

[78] Toda esta passagem apresenta uma forte implicação jurídica, denunciada por palavras e expressões normalmente tidas como termos técnico-legais do Egipto antigo: *ḫrw* (apelar), *ddi-r* (aquele que apela), *sḏm* (compreender para julgar), o óbvio *irì mꜣʿt* (fazer justiça), *dr* (destruir o mal), *sꜣir* (miséria de quem sofreu um desaire), *ꜣtp* (oprimido), *ip* (examinar, avaliar) (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 210-215).

[79] O regresso à narrativa é expresso pela construção *ist rf*, na qual a partícula proclítica *ist* seguida da partícula enclítica *rf* marca uma mudança de assunto, introduzindo uma nova e diferenciada informação que se pretende pôr em relevo, e que é uma proposição circunstancial.

[80] A palavra *mdt* (discurso) também pode ser entendida com o sentido técnico-legal de «apelo» ou «alegação da defesa» (E. PERRY, *A critical study of the Eloquent Peasant*, p. 232).

[81] É uma forma literária de empregar a palavra «tempo», com o sentido de época já passada.

[82] Provavelmente é Nebkauré Kheti, um dos últimos reis das dinastias heracleopolitanas. No conto traçam-se algumas características da sua personalidade e da monarquia em geral (P. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, pp. 70-71; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 77; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 52).

[83] Mais uma palavra *mdw* (palavras, discurso) que também pode ser lida num sentido técnico-legal de «apelo» ou «alegação da defesa» (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 234).

[84] A frase «por um homem que está ao meu serviço» só se encontra em R 17.5. Gardiner informa que nos textos hieroglíficos os dois caracteres G. T14, ( ), se confundem frequentemente com os dois dedos, G. D50, ( ), (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 456).

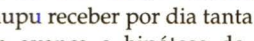
[85] A aparente negligência deste caso que conheceremos a partir daqui, tem a sua origem nestas palavras do rei. Elas formam o suporte das nove petições e da justiça que acabará por chegar. Com elas, implicitamente o soberano aceita a inocência de Khuenanupu, despreza Nemtinakht e os conselheiros de Rensi, associa-se aos deuses e, por arrastamento, a Rensi. A regra do silêncio, imposta ao grande intendente, já ele a tinha seguido em B1, 82, quando se votou ao silêncio perante os seus magistrados e Khuenanupu. Em *swḏf* ( ) o determinativo encontra-se antes do último fonema.

[86] Uma vez que o plural majestático não era usado no Egipto antigo, quando o rei pronuncia «nós» refere-se, certamente, a si e aos seus cortesãos (G. LEFEBVRE,

Romans et Contes Égyptiens, p. 52). A palavra *mdw.f*, «as suas palavras», só consta do papiro R.

[87] Em relação a *iri ʿnḫ* (lit.: «fazer vida», «providenciar vida», «fazer viver»), deve entender-se que só há vida em casa se existirem meios de subsistência, provisões (A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 10; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 242-244). Na palavra *st* ( ) a desinência de plural aparece em primeiro lugar.

[88] Como vimos, no *Papiro Westcar* cada conto terminava com uma oferenda. No final do terceiro conto, como expressão de agradecimento ao mágico que recuperou a jóia perdida, Djadjaemankh, «sacerdote leitor chefe e escriba dos livros», antiga personagem de relevo no tempo de Seneferu, Khufu diz: «Que sejam feitas oferendas de mil pães, cem jarros de cerveja, um boi e duas bolas de incenso à majestade do rei Seneferu, justo de voz, e juntamente que seja oferecido um bolo, um jarro de cerveja e uma bola de incenso ao sacerdote leitor chefe e escriba do rolo de papiro Djadjaemankh, por eu ter visto o seu acto de sabedoria», 143-146. Nesta passagem, enquanto a relação entre o pão/bolo e a cerveja oferecidos ao sacerdote, a pessoa de destaque que praticara actos relevantes, é de 1 para 1 referenciados à unidade, a relação da oferenda ao rei morto, deificado, passava a ser de 10 para 1 e em milhares e centenas. Pão e cerveja, nas devidas proporções, para além de constituírem a base da alimentação dos egípcios, em especial dos mais pobres que apenas lhe acrescentavam alguns vegetais, eram elementos fundamentais das oferendas aos deuses e aos mortos, formando também o suporte dos salários no Egipto. Além do mais, esta é mais uma passagem susceptível de identificar a data do texto original: os 10 pães eram o salário diário de um trabalhador de Hammamat (Tebas) no reinado de Senuseret I, filho de Amenemhat I, hipotético co-regente com o pai e segundo rei da XII dinastia, expressamente citado noutro conto da mesma época, o nosso segundo texto, a *História de Sinuhe*. É um pormenor da vida quotidiana no início do Império Médio, compulsado em fontes não literárias, que poderá ser mais do que uma coincidência. Segundo R. J. Leprohon, que comparou os números do *Conto do Camponês Eloquente* (onde não temos nem 1 para 1, nem 10 para 1, mas uma proporcionalidade intermédia de 5 para 1: 10 pães para 2 jarros de cerveja) com os de uma lista datada do ano 38 do reinado de Senuseret I, encontrada no Uadi Hammamat, os trabalhadores das pedreiras no Império Médio recebiam cada um 10 pães por dia. Estendendo as suas comparações a 61 outras listas que G. Goyon reuniu na obra *Nouvelles Inscriptions Rupestres du Wadi Hammamat*, publicada em Paris, em 1957, conclui que era essa a quantidade de pães que qualquer trabalhador recebia nessa época. Contudo, há uma grande discrepância em relação à cerveja: os trabalhadores vulgares, recebiam com os seus 10 pães 1/3 de jarro de cerveja por dia, enquanto

Khuenanupu recebia 2 jarros. Por seu lado, os altos funcionários, como, por exemplo, o intendente da Grande Magistratura (*imy-r pr n d3d3t ʿ3t*) e o intendente do Tesouro (*imy-r pr n pr-ḥḍ*) recebiam 2 jarros de cerveja, mas com 50 pães diários. Se esta diferença se justifica pelo simples facto de a uma maior responsabilidade corresponder um maior salário, que justificação podemos encontrar para Khuenanupu receber por dia tanta cerveja? Ainda que em forma de interrogação, Leprohon avança a hipótese de se tratar de um subterfúgio para manter o camponês de «língua solta», de modo a proporcionar-lhe um bom desempenho na sua função de entretenimento. De facto, esta poderá ser uma boa justificação para as atitudes excessivas tomadas por um «simples» camponês perante um alto funcionário, mas não esqueçamos que já antes Khuenanupu tinha demonstrado possuir um forte carácter. Por outro lado, num texto que enumera uma grande e variada quantidade de oferendas no túmulo I de Assiut, da XII dinastia, consta na linha 314 da grande parede este do lado norte da porta de entrada, a seguinte oferenda:  , *ḥnḳt ds 2 ḳfnw t-ḥḍ 10*, 2 jarros de cerveja e 10 pães de «pão branco». São exactamente as mesmas quantias do *Conto do Camponês Eloquente*. Este facto, embora faça cair por terra a interrogação de Leprohon e ensombre a sua teoria, só por si não nos esclarece, uma vez que a oferenda é enumerada e não explicada. Talvez uma leitura integral do texto hieroglífico de Griffith permita chegar a alguma conclusão categórica a este respeito (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 215-217; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, pp. 77-80; R. J. LEPROHON, «The Wages of the Eloquent Peasant», pp. 4-6; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 245; P. A. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, pp. 78-81; CASTEL RONDA, E., *Los Sacerdotes en el Antiguo Egipto*, pp. 211-213; L. M. ARAÚJO, *O Clero do Deus Amon no Antigo Egipto*, pp. 201-202, 393-394; F. Ll. GRIFFITH, *The Inscriptions of Siût and Dêr Rîfeh*, chapa 8, coluna 314; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 292).

[89] A construção da frase em português, tal como em inglês ou francês, implica que o verbo *h3b*, «enviar» uma mensagem, se integre só depois da frase seguinte: «Então o grande intendente Reusi, filho de Meru, enviou uma mensagem ao governador de Sekhet-Hemat».

[90] Há aqui uma dificuldade na decifração dos papiros que determina diversas hipóteses. Seguimos a que Parkinson apresenta, ainda que a sintaxe egípcia comum coloque o 3 depois de *ḥḳ3t*, que, segundo Gardiner, significa galão, uma medida para cereais equivalente a 4,54 litros. Por seu lado, Allen, sem traduzir a palavra, que afirma equivaler a 4,8 litros, avança a seguinte informação: para textos hieráticos do Império Médio, os numerais colocados antes da unidade de medida são multiplicados por 100. Ora, tal medida diária (400,8 litros) não se afigura congruente, pelo que, embora contrariando o dado anterior (vide supra nota 8),

consideramos aqui um hipotético lapso sintáctico do escriba, pelo que optamos por não substituir o 3 por 300, já que 4,54/4,8 litros por dia de cereais, não sendo quantidade excessiva, parecem razoáveis para três ou quatro pessoas naquelas condições. Esta medida inglesa foi também usada em Portugal, razão pela qual mantemos «galão» em vez de «litro», já que «3 litros» estaria bastante longe dos 13,62/14,4 litros a que correspondem 3 galões (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 198 e 508; J. P. ALLEN, *Middle Egyptian*, p. 102).

91 Inicia-se a mais longa das nove petições que marca iniludivelmente a mudança da narrativa para o discurso.

92 Com esta invocação da grandeza e riqueza de Rensi, Khuenanupu envolve o grande intendente no seu caso, definindo-o como pessoa privilegiada à qual se assacam responsabilidades. Acrescenta de imediato uma série de metáforas que traduzem a sua autoridade absoluta e universal, sem deixar de admitir pela primeira vez que até um homem como Rensi é susceptível de errar. Terminará descrevendo o erro como uma grande catástrofe («o porto submerso») e Rensi como o seu autor: «aquele que deve castigar o mal pratica o mal».

93 Parkinson inverte o sentido dos dois caracteres G. T14 (𓏤𓏤) da palavra *ḫꜣy* (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 17).

94 «Alguém isolado» refere-se a Khuenanupu e o «grande senhor» personaliza Nemtinakht. Deste modo o camponês associa Nemtinakht a Rensi, com um grande elogio a este: se o seu dependente era um «grande senhor», ele era ainda maior. Por outro lado, veicula mais uma vez um apelo à responsabilidade de uma pessoa poderosa como Rensi que, perante «alguém isolado», em vez de lhe fazer justiça lhe oferece «um jarro de cerveja e três pães» o que, evidentemente, não o satisfaz. Esta dádiva, por não corresponder e ser mesmo inferior às quantidades mencionadas, parece-nos um estereótipo, sinónimo de «umas migalhas», provavelmente a ração mínima dos mais necessitados. Por outro lado, leva-nos a crer que as porções referidas (vide supra nota 88) deviam ser suficientes, funcionando como medida padrão do salário de um camponês na escala de pagamentos reais. A palavra *twꜣw* caracteriza os dependentes do ponto de vista social, económico e político, isto é, de origem humilde, que nada possuem e estão submetidos a alguém (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 267-268).

95 Esta perspectiva de mortalidade é, de imediato, aproveitada para pôr em causa o desejo de eternidade de Rensi, tentando incutir-lhe algum temor num claro endurecimento do discurso.

96 Esta é uma ideia de sentido múltiplo: a mortalidade do homem é igual quer para o rico quer para o pobre; e do ponto de vista social diferenciam-se os homens da eternidade dos «mortos vulgares». Por um lado apresenta-se com clareza o significado natural da finitude do homem, da sua separação do mundo terrestre: ricos

ou pobres, todos a alcançarão. Por outro põe em causa o desejo de eternidade de Rensi, incutindo-lhe algum temor, através de nítido endurecimento do discurso. Mas, subjacente, subsiste uma outra revelação de cariz social: a distinção entre os homens da eternidade e os mortos comuns. Os primeiros, os ricos, tinham um túmulo com inscrições maioritariamente filantrópicas (as estelas funerárias onde eram descritas todas as suas acções caritativas: dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, dar roupa a quem anda nu, etc.) e posses para cuidar da sua manutenção e mumificação, como forma de perpetuação ao longo dos tempos; os segundos, os pobres, eram enterrados na própria areia do deserto sem que os seus corpos passassem pelas mãos dos mumificadores, ou destituídos de qualquer atenção, sendo esquecidos pouco depois de mortos e impedidos deste modo de alcançarem a «eternidade», numa atitude que punha em causa a ideia de imortalidade, pilar do pensamento egípcio. Prova também que os próprios Egípcios tinham consciência de que esta era um privilégio só concedido aos ricos e poderosos, primeiro apenas acessível aos «reis-deuses» e depois, também, aos seus familiares e principais dignitários a quem a «democratização» do Primeiro Período Intermediário proporcionou semelhante tratamento. Ver infra nota 258.

[97] Na palavra *iw*, os dois últimos caracteres estão trocados; a palavra correcta é (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 552; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 12).

[98] Três imperativos na forma negativa para três exemplos de injustiça. A metáfora da balança para a justiça será desenvolvida em várias passagens posteriores. Para nos mantermos fiéis tanto quanto possível a Parkinson, escrevemos a palavra *tnbḥ* ( ) com o caracter G. E12, um porco, por ser o animal que mais se assemelha ao quadrúpede não identificado que se encontra no papiro. Poderá tratar-se de uma hiena, uma vez que o animal parece ter uma série de listas no dorso. O determinativo usual na escrita desta palavra é , G. D54 (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 299).

[99] Na palavra *wṯḥ*, segue-se a hipótese de Parkinson, que, por sua vez, adopta a de Gardiner, admitindo a troca dos dois primeiros caracteres. Trata-se de uma metátese (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 23a).

[100] Ou seja, mostra parcialidade. Para Khuenanupu o seu caso põe em risco a credibilidade ancestral da justiça e do sistema judicial egípcio. A palavra *srw* designa os oficiais da justiça que trabalhavam na dependência do vizir. Não deve ser confundida com *sḏmyw*, os juízes. A primeira designa a função, e a segunda o nome oficial do título (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 272-273).

[101] É uma forma de dizer «dar a vida», sobrevivendo através das provisões. Recordemos que foi através do «sopro» das próprias asas que Ísis ressuscitou Osíris.

Em termos jurídicos significa «dar a liberdade». É o início de uma série de frases sobre a «doação da vida» com largo exemplo de expressões jurídicas, a partir de B1, 129: *sr*, *sḏmy*, *rdi-ṯ3w*, *psš* e *dr-s3(i)r* são diversos tipos de juízes (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 275-277; R. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 236 e 303).

[102] Na mudança da linha 132 para a linha 133, o escriba repetiu na segunda o último caracter da primeira.

[103] Com esta ameaça/provocação Rensi consegue que o camponês continue o seu discurso no qual, cada vez mais, envolve Rensi e, simultaneamente, vai clarificando as ideias.

[104] É expressa a ideia de que *ḫ3bb* se opõe a *m3ᶜt*, ao mesmo tempo que compara a acção de Nemtinakht com a de Rensi.

[105] Esta resposta de Khuenanupu, afirmação clara de que o mal e a hipocrisia estão instalados na sociedade por causa da inoperância da justiça, termina com a acusação do envolvimento de Rensi no roubo.

[106] Na palavra *ḫwᶜ* falta o *w* ( ).

[107] Isto é, tudo o que fosse bem feito não seria esquecido. Entre os Egípcios antigos, recordar ou esquecer o «ontem» eram processos vulgares de descrever como atitude moralizadora a gratidão ou a ingratidão, relativamente a algo realizado no passado. São ideias que se ligam com os conceitos de tempo e história egípcios (A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 12; A. H. GARDINER, «Notes on the Story of the Eloquent Peasant», pp. 17-18; A.-S. VON BOMHARD, *Le Calendrier Égyptien. Une Œuvre d'Éternité*, pp. x-xi e 4; E. HORNUNG, *L'Esprit du Temps des Pharaons*, pp. 147-163; P. VERNUS, *Affaires et Scandales sous les Ramsès*, pp. 159-172; P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'Histoire dans l'Égypte Pharaonique*, pp. 35-54).

[108] Usualmente a frase *pnᶜ m rwi.k* traduz-se por «destruir a tua vinha» (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 174; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 12; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 55). Mas Perry, Parkinson e outros não perfilham a mesma opinião. Filiando-se na ideia de que o caracter G. M43 ( ) substitui por vezes o determinativo de rede (por exemplo, na palavra *i3dt*), passam a adoptar a frase *pnᶜ m rwi-i3dt.k*, traduzindo-a por «destruir a tua rede *rwi* de pássaros» (Perry) e «destruir a tua rede de pássaros» (Parkinson). Contudo, se nos parece correcto acrescentar *i3dt*, o mesmo não acontece com a supressão de *rwi*. Esta perspectiva aproxima-se muito mais da cultura e conceitos dos antigos Egípcios (na magia dos números, o três representa a pluralidade), não obstante a dificuldade em captar o sentido do que está expresso: uma tripla repetição de um tema – aves – como alusão simbólica a conceitos expressos no conto, em particular de *maat*, em vez da enumeração de um tema agrário e dois do foro ornitológico, aparentemente desconexos e carregados de um significado de destruição, sem

qualquer outra mensagem subliminar. As cenas de pesca e caça, abundantemente representadas em diversos túmulos, não só pertenciam ao leque de actividades quotidianas dos Egípcios, como traduziam toda uma linguagem simbólica, há muito reconhecida como um dos estádios de transformação para o renascimento do defunto (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 64; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 289-291; R. H. WILKINSON, *Reading Egyptian Art*, pp. 131--133 e 142-143; L. MANNICHE, *Egyptian Luxuries*, pp. 104-106).

[109] Procurando atrair a atenção de Rensi, Khuenanupu deseja-lhe uma desgraça para que através dela avalie o sofrimento em que se encontra.

[110] O *t* da palavra *špw* é um erro do escriba. Parkinson assinala-o, Vogelsang e Gardiner sugeriram-no e Gardiner confirmá-lo-á mais tarde (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 24 e 24a; F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 8a; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 23).

[111] Ver, ouvir e guiar são características inerentes à função dos juízes, aqui aplicadas de forma bastante violenta e exibindo o lado negativo do «princípio da reciprocidade»: para quem praticou o mal apenas se deseja o pior.

[112] Gardiner não tem dúvidas sobre a palavra de que se trata – é *ʿnbrw* – acrescentando apenas a convicção de a quarta letra se lhe afigura ser mais um *r* do que um *d*. Mas não a traduz. Do mesmo modo procedem Lichtheim e Lefebvre. Para Parkinson, sem qualquer outra referência a essa utilização, a palavra *ʿnbrw* é sinónima de *nbt*, que significa «cesto», e, daí, depositário. Para si, a primeira parte de B1, 146 translitera-se *ʿnbrw in tr snb.k* e traduz-se por «Depositário, tu não foste longe de mais?». Trata-se de uma alusão à sua opulência, numa nova associação entre riqueza e responsabilidade. Neste caso falta de responsabilidade que, como julga Khuenanupu, é criminosa e autodestrutiva. Embora discordemos em parte, é Perry que nos oferece uma nova perspectiva ao apresentar a hipótese de transliteração *di.n* (*.i*) *brw in tr snb di.n.k*, que altera por completo a inteligibilidade desta passagem. O verbo *di*, variante de *rdi* (vide supra nota 38), surge repetido, primeiro numa flexão sufixal indirecta, na forma *sḏm.n.f*, como um passado simples e, depois, numa «construção coloquial» *in* + partícula enclítica + substantivo + *sḏm.f* relativo; por seu lado, *tr* é entendido como partícula enclítica. A palavra *brw*/*bdw*/*btw* é desconhecida, e *snb* significa literalmente «saltar por cima» (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 24a; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 64 e 79; F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 9a; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», pp. 12 e 23; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 174; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 55; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 295--296; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 55-56, 148-149, 188-189, 590; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 231).

[113] Embora Rensi seja forte e poderoso e, por isso, duplamente obrigado a cumprir *maat*, a quem agrada a piedade (*sf*) e se opõe a ambição (*ʿwn*), há aqui uma distinção entre poder pessoal (*nḫt*) e poder político-administrativo (*wsr*).

[114] O «pobre homem» é o próprio Khuenanupu que compara agora Rensi a um mensageiro de Khenti, o temível deus crocodilo Khenti-kheti, e à deusa Sekhmet, «senhora da pestilência». Como tinha já procedido com o «mestre do silêncio», Khuenanupu evitou tratar estas divindades pelo nome para não atrair maus presságios.

[115] «O senhor do pão» é uma expressão que significa «o homem com rendas» ou «o homem com bens» ou, ainda, «o homem abastado». Ao contrapor «senhor do pão» e «criminoso», «clemência» e «violência», não só avulta a questão da culpabilidade (a violência é para o criminoso a clemência para o «senhor do pão»), como se introduz uma componente social: quem não precisa de roubar e o faz, não age de acordo com a sua condição; aquele que rouba para sobreviver merece desculpa. B1, 153 a 217 apresenta-se escrito em colunas de linhas horizontais.

[116] Gardiner e Parkinson admitem o *i* ( ) embora lhes pareça ter sido obtido a partir de um *t* ( ) alto ou de um *w* ( ) (A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 13; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 25 e 25a).

[117] Ou seja: tu és rico porque tens tudo. Embora o papiro apresente aqui dificuldades de leitura, aparentemente é a palavra *sšrw* que se encontra entre *m* e *nbw*, independentemente da sua correcção ortográfica, uma vez que o caracter G. S28 ( ) não é utilizado normalmente nesta palavra e, em seu lugar, é usual G. Z1 ( ) (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 248).

[118] Khuenanupu relaciona a demora de resolução do seu modesto caso com uma complexidade que não existe e que apenas resulta da morosidade de Rensi.

[119] Com esta pergunta, Khuenanupu tenta dar a entender a Rensi que a opinião pública lhe será desfavorável devido à lentidão em resolver o seu problema, obrigando-o a prolongar as diligências.

[120] Khuenanupu tenta ainda cativar Rensi demarcando-o dos juízes corruptos e de todos os corruptos que o rodeiam.

[121] No imaginário egípcio um juiz imparcial é considerado um refúgio e um juiz ávido um voraz crocodilo (A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 13).

[122] Vide supra nota 84.

[123] A palavra *ỉ3mw* significa, de facto, verme, e a frase transmite-nos que ele poderá significar a sua destruição. Neste caso, a palavra verme ou traduz um tom depreciativo ao comparar uma língua destrutiva a um verme desconhecido igualmente devorador, ou exprime em sentido figurativo o equivalente a «língua venenosa» de cobra, em oposição a «língua justa». Não é mais do que um vulgar paralelismo ainda hoje usado, embora com adaptações diversificadas.

[124] É uma referência à facilidade de corrupção dos juízes com um simples cesto de fruta ou de vegetais. Esta frase relaciona-se com a seguinte, uma vez que *sm* significa pasto, vegetais, ervas ou plantas. Os juízes nutriam-se de mentiras desde que «alimentados» pelos presentes daqueles que, independentemente da justiça, pretendiam os julgamentos resolvidos a seu favor. É a denúncia do mal que se opõe à justiça.

[125] O primeiro caracter da palavra *smw*, não consta das listas de Gardiner (). Porém, ele encontra-se no WinGlyph e no livro *Hieroglyphica* como o caracter *H.* F37B, isto é, uma variante de G. F37 (). Faulkner confirma a sua grafia. Suys, ainda que com hesitação e uma grafia invertida, também a emprega (N. GRIMAL, J. HALLOF e D. VAN DER PLAS (eds.), *Hieroglyphica*, p. 1 F-1; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 225; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 14*).

[126] O sinal ∅ marca um «sujeito zero», característico da predicação de situação em frases introduzidas por determinadas formas gramaticais (elementos introdutórios como *iw*, o verbo *wnn/wn*, a negação *nn*, a interrogação *in* ou os pronomes relativos *nty* e *iwty*) onde o sujeito se não encontra claramente expresso. Corresponde, normalmente, a um pronome pessoal neutro. A construção do verbo *ḫm* com a preposição *m* é uma situação pouco vulgar. Além do mais, é um verbo transitivo que tem um complemento directo que surge «sem intercepção de uma preposição». É uma situação que pode ter sido criada para enfatizar o verbo e, portanto, o sentido da frase (D. P. SILVERMAN, *Interrogative Constructions with jn and jn-jw*, p. 25). A ideia de «sujeito zero» é de tal modo recente que não consta das gramáticas mais antigas, embora se encontre já o sinal ∅ para assinalar a omissão do sujeito em publicações posteriores a 1995 (A. LOPRIENO, *Ancient Egyptian – A Linguistic Introduction*, pp. 159-161 e 202-205; M. COLLIER e B. MANLEY, *How to Read Egyptian hieroglyphs*, p. 133).

[127] Também neste final, os argumentos do queixoso voltaram a servir-se da temática náutica. O final da linha 167 e a linha 168 do papiro B1 correspondem no papiro R às frases 26.4, 26.5 e 26.6, diferentes das primeiras e construídas de modo a aumentar a carga dramática do final deste segundo discurso.

[128] Hapi não é a deificação do Nilo, que os Egípcios conheciam apenas por *iteru* – o rio – e cujo nome, de etimologia incerta, provavelmente atribuído pelos Gregos, mas a inundação deificada do Nilo. Não se trata, portanto, de divinizar o curso de água, mas o «espírito do Nilo, sua essência dinâmica», a dicotomia dar/tirar a vida ao Egipto e aos Egípcios: torna verdes e férteis os campos com a sua chegada e provoca o contrário com a sua partida. É representada por um homem de farto abdómen, vestido à semelhança dos pescadores dos pântanos e rodeado de plantas aquáticas (G. POSENER, *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, pp. 187--190; I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, p. 118).

[129] A palavra aparece escrita desta forma em Sánchez Rodríguez, mas Faulkner diz que deveria ser *i3dwt* com um caracter *d* ( ) em vez do carater *w* ( ), possivelmente devido à difícil leitura do caracter hierático que consta no papiro (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 72; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 10).

[130] A «eternidade» será alcançada apenas depois de passar o julgamento de Osíris. Com o seu comportamento, Rensi põe em risco a possibilidade de atingir a «vida eterna».

[131] Isto é, fazer justiça é tão simples quanto respirar.

[132] A balança de pratos equidistantes como símbolo (universal) da justiça. Na palavra *mḫ3t*, surgem dúvidas sobre o determinativo final que, com mais frequência, é G. U38 ( ) ou variantes. Em todo o caso, tanto *mḫ3t* como *iwsw* podem apresentar diversos determinativos como *H.* U91 ( ) ou G. U39 (), entre outros. M. H. Ducros publicou dois interessantes artigos sobre balanças egípcias. Descritas em pormenor, inclusive com as medidas dos diversos componentes, estão separadas por tipologias: no primeiro artigo descreve as balanças de suporte e, no segundo, as balanças de mão. É neste último que ficamos a saber que os camponeses quando não dispunham de balança, se serviam dos próprios braços estendidos lateral e horizontalmente para comparar o peso de dois produtos. A este propósito apresenta uma interessante figura recolhida numa representação astronómica: uma personagem sentada com os dois braços abertos em forma de cruzeta, cuja cabeça foi substituída por uma pluma de avestruz, isto é, a pluma que simboliza Maat. É a prova inequívoca de que já os egípcios adoptavam a balança como símbolo de justiça (M. H., DUCROS, «Étude sur les balances égyptiennes», pp. 32-53; M. H., DUCROS, «Deuxième étude sur les balances égyptiennes», pp. 240-253; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 14 e 115; N. GRIMAL, J. HALLOF e D. VAN DER PLAS (eds.), *Hieroglyphica*, p. 2 U-4).

[133] Na palavra *iḫ*, Parkinson substitui o caracter G. D21 ( ) por G. Y1 ( ), afirmando que o caracter demótico não apresenta o pequeno traço que distingue o segundo do primeiro. De facto, a comparação entre estes dois caracteres demóticos permite-nos constatar uma diferença mínima, podendo até desaparecer nos manuscritos devido à «caligrafia» do escriba (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 28 e 28a; M. C. BETRÒ, *Geroglifici. 580 Segni per Capire l'Antico Egitto*, pp. 57 e 237).

[134] No egípcio antigo, «segundo» quer dizer «o igual». Khuenanupu propõe então que Rensi se iguale às três últimas interrogações feitas por si. Trata-se de uma nova comparação divina, agora com Tot, deus que tutela a justiça, além da sabedoria e da escrita. Mas é também uma afirmação sarcástica, pois ao admitir que Rensi poderá incorrer no mal, admite a mesma possibilidade a Tot. Não é por

acaso que o número três é utilizado. Para além de se tratar da terceira petição, este número e seus múltiplos tinha para os antigos Egípcios toda uma simbologia mágica ligada à pluralidade. Não é por acaso que uma das formas de construção do plural de uma palavra se opera através de um determinativo, o caracter G. Z2 (𓏺𓏺𓏺), constituído por três traços! Do mesmo modo acontece com as tríades divinas, ou as três formas da divindade solar: Khepri, Ré e Atum. Ou ainda com a divisão do ano egípcio em três estações e os meses em três grupos de dez dias cada! E não se esgotam aqui os exemplos (cfr. R. H. WILKINSON, *Reading Egyptian Art*, pp. 126-147).

[135] Planta não identificada de rápido crescimento ou de grande envergadura, à qual Khuenanupu compara o seu discurso.

[136] Revestimento que impede a disseminação do odor.

[137] Referência ao facto de ser já a sua terceira petição, isto é, a terceira vez em que o mal foi «regado».

[138] Um barco mal manobrado será difícil de dirigir, enquanto o contrário o levará a bom porto. É mais uma imagem literária forjada com material náutico, para comparar uma boa navegação a uma justiça equilibrada. Esta palavra apresenta um traço oblíquo que se sobrepõe aos caracteres G. I10 e G. N35. Não se trata de nenhum caracter e em nada influi na construção da palavra *wḏnw*. Tal como Parkinson, julgamos tratar-se de um traço fortuito do escriba (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 29 e 29a).

[139] Na palavra *mꜣʿt*, em vez do habitual caracter G.Z5 (𓏛) surge G. Z7 (𓏜).

[140] Isto é: «não queiras passar despercebido porque tu és um homem importante». Pertence a uma sequência de frases negativas que reforçam a carga dramática do texto e dão expressão à urgência de resolução do problema.

[141] Quatro frases, cada uma com um primeiro segmento, ou frase principal, na forma negativa (*m* + complemento verbal), a que lhe responde uma segunda parte ou frase causal (*wi.k* + construção do «pseudoparticípio», nas duas primeiras, e *ntk* + substantivo, nas duas segundas), formando um conjunto de instruções directas ao comportamento dos juízes, para se manterem em conformidade com *maat*. A propósito da palavra *tnbḥ* vide supra nota 98 (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 234-236).

[142] As instruções continuam, agora apelando ao imaginário náutico.

[143] Isto é, não te apropries daquilo que o próprio ladrão roubou. Continua, portanto, o aconselhamento sobre a conduta moral de quem administra a justiça. Faulkner translitera a palavra ladrão por *iṯw* e Gardiner por *itw* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 34; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 275).

[144] Khuenanupu não se satisfaz com a comparação homem/balança, chegando ao ponto de comparar os componentes de um e de outro. Evidentemente que os

órgãos humanos são aqueles que os antigos Egípcios ligavam directamente com o poder de decisão (o coração), a construção e transmissão de decisões (língua e lábios) e os componentes da balança que permitem conferir qualquer valor (pêndulo e pesos), expresso pela posição final dos braços. Segundo Parkinson, o original demótico não permite saber com clareza se na construção dual *spty.ky*, aparece apenas o caracter G. D24 ou se, tal como G. V31*, este se encontra sobre dois caracteres G. Z1, que assumem a função de G. Z4 de acordo com a construção correcta apresentada por Gardiner (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 29a; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 60).

[145] A palavra *ḥwrw* conotava-se com criminosos políticos, em particular no período heracleopolitano (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 335).

[146] Quando uma frase começa por *mk tw m*, este último marca a comparação (cfr. G. LEFEBVRE, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, p. 247; cfr. J. P. ALLEN, *Middle Egyptian*, p. 84). Aqui o discurso sobe de tom, iniciando-se uma série de acusações directas, mas mantém algum sarcasmo quando afirma que Rensi é como o barqueiro que só atravessa quem paga, numa invocação dos textos das autobiografias tão em moda no Primeiro Período Intermediário, onde os seus virtuosos autores, entre diversos auto-elogios, afirmavam ter atravessado grande quantidade de pessoas sem nada cobrar (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 81).

[147] Em Parkinson, na palavra *ḫnms* o caracter G. A21 está incompleto: falta-lhe o cajado. Em Vogelsang e Gardiner, e Suys apresenta-se completo (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 29; F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 11a; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 16*).

[148] Há aqui três questões: uma socioeconómica, outra jurídica e outra política. A primeira informa-nos que a profissão de *rḫty* era das menos consideradas na escala social e aberta à tentação, provavelmente por isso mesmo, de vender a força de trabalho e a amizade pela melhor oferta, ou seja, era subornável. A segunda, o emprego do verbo *ḥḏi*, «infringir», «destruir», «prejudicar», tem implicações jurídicas, uma vez que só se «prejudica um amigo» quebrando regras, ou seja, passando por cima do que é lei; a utilização do substantivo *bw-ḫwrw*, com conotação política, para designar o mal logo seguido do adjectivo *ḫwrw* para caracterizar o *rḫty*, leva-nos a pensar que toda esta passagem se dirige àqueles que no Primeiro Período Intermediário enveredaram pelo caminho da defesa exclusiva dos seus interesses, em detrimento da estrutura político-administrativa centralizada na figura do rei.

[149] À saída dos armazéns e das fábricas de pão e bolos, deviam juntar-se os mais pobres sempre prontos a aproveitar a boa vontade dos seus funcionários que, por vezes, como no caso deste funcionário, seriam capazes de discutir antes de lhes darem qualquer coisa.

[150] Embora surja, aparentemente, como invocação das capacidades desta ave, capaz de se lançar do alto sobre as presas, apanhando-as no ar, não devemos esquecer que no imaginário egípcio o falcão é um pássaro real. Embora Sánchez Rodriguez traduza esta palavra por «ave de rapina», Faulkner tradu-la por «falcão», o que em nosso entender é preferível uma vez que temos que coordenar o tipo de ave com a sua característica expressa no texto: «vivendo por cima dos pássaros mais fracos». Das aves de rapina do Egipto, o falcão é a única que se especializou no tipo de voo (em oposição ao voo planado das águias e dos abutres) que favorece a caça em espaços abertos, preferindo montanhas, penhascos, estepes, pradarias ou desertos, aos ambientes florestais. O falcão, em particular o falcão peregrino, especializou-se na caça aérea a aves de médio tamanho. Dono de uma excelente visão, paira a grandes altitudes sobre as potenciais refeições, caindo sobre elas em voo picado a velocidades que chegam a atingir os 350 quilómetros por hora. Por esta razão ataca mais vezes as suas eventuais presas no ar do que em terra (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 306; A. SÁNCHEZ RODRIGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 479; P. F. HOULIHAN, *The Animal Word of the Pharaohs*, pp. 39-49, 147-150; «Falcão», em *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. X, pp. 851-853).

[151] O verbo *ip*, «avaliar», «examinar», refere-se à avaliação jurídica do caso de Khuenanupu, embora a comparação seja feita com o pastor, para quem certamente as suas ovelhas eram mais valiosas do que o valor que o mercado lhes atribuía.

[152] Sobre a utilização do caracter G. E8* vide supra nota 17 (cfr. R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 15). Esta é a primeira frase em que já não há acompanhamento do papiro R. A última frase deste papiro, correspondendo à B1, 209, foi R 31.8. Só voltaremos a ter outro papiro em paralelo a partir de B1, 262, já na quinta petição (cfr. R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 30 e ss.).

[153] O verbo *sḏm* é aqui empregue com um sentido técnico-jurídico de «escutar o queixoso», isto é, de investigar/avaliar o caso. Para a transliteração desta passagem cfr. A. LOPRIENO, *Ancient Egyptian – A Linguistic Introduction*, p. 215.

[154] O agressor é o crocodilo que, por sua vez, é encarnado por Rensi, numa comparação com o anterior «crocodilo voraz». Khuenanupu enfrentou Rensi, reprimindo-o e mostrando não se amedrontar. «O crocodilo retira-se» ignorando a questão, mas, como se constata na interrogação seguinte, Khuenanupu vê nesse gesto de abandono a cumplicidade de Rensi e a pretensão de lucrar também com o roubo de Nemtinakht.

[155] Na palavra *imnw* o determinativo é G. A4, mas em Parkinson surge um determinativo inexistente na lista de signos de Gardiner ou no WinGlyph: um homem sentado, com as pernas pendentes e não ajoelhado, de braços no ar. Suys apre-

senta o caracter correcto. Neste ponto, De Buck salta da linha 168 (B1, 199) para a linha 183 (B1, 214) (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 31; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 18*; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 95).

156 É claramente uma intimidação. O que poderá acontecer a quem procede tão mal como Rensi? Com pequenas variantes formais, a ideia de que o futuro anulará o presente transformando-o em passado, está presente em diversos textos da literatura sapiencial (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 348).

157 Com a construção *ist rf sḏm.n.f* voltamos, por momentos, à parte narrativa. A propósito da palavra *arerit* (*ꜥrryt*) vide supra notas 55 e 57.

158 B1, 218 a 287 apresenta-se em colunas.

159 A construção verbal *sḏm.ḫr.f* é uma forma rara da «flexão sufixal indirecta», que desapareceu pouco depois da XVIII dinastia (cfr. G. LEFEBVRE, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, pp. 145-149).

160 Novamente três características que qualquer juiz deve apresentar e que Khuenanupu não reconhece a Rensi. As implicações jurídicas são claras: ver, ouvir e ser sensato em relação aos processos jurídicos (o «que lhe mencionam»).

161 A palavra *smỉyt* escreve-se com e não com . Tanto Parkinson como Vogelsang e Gardiner apresentam o segundo. Contudo a observação da *Old Hieratic Paleography* permitiu verificar que a escrita cursiva destes dois caracteres produz, em diversos exemplos, resultado igual (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 31; F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 12a; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 226; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 13a-13b e 14a-14b).

162 A palavra *šnꜥ* levanta dúvidas. Não só se operou a substituição dos caracteres G. V7 ( ) e G. N35 ( ) pelo caracter G. V1 ( ), o que não sendo normal é possível, uma vez que este último pode assumir-se como o fonograma bilítero *šn*, como no lugar do determinante G. D54 ( ) aparece um incompreensível G. M17 ( ), para além de haver ainda o caracter G. X1 ( ) que, neste caso, não transliteramos. Em todo o caso não nos afigura tratar-se de *šnt*, uma vez que, não só se exibem na palavra mais dois caracteres que não são determinativos, como o seu significado, «irritar» ou «enfurecer», foge ao enquadramento do cotexto e do contexto, destruindo a lógica de enumeração de funcionários. Poderia ver-se aí também uma tentativa de escrever *šnṯw*, que significa «aquele que se relaciona com as querelas», isto é, um polícia; ou, ainda, *šnṯ* que se pode traduzir por xerife (cfr. J. P. ALLEN, *Middle Egyptian*, p. 444; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 15; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 269-270).

163 O verbo *ḫsf* tanto pode significar «punir», «castigar», «opor-se» ou «repelir», como «proteger» ou «defender». A aplicação de uma ou de outra tradução varia

com o contexto em que a palavra se integra. Neste caso há uma sucessão de frases onde o tradicional dualismo egípcio se faz notar através de uma série de contradições: um polícia que rouba, um governador que aceita subornos e um superintendente de distrito que defende a pilhagem e, por isso, se torna modelo para os malfeitores. Mas já antes, em B 178, este verbo apareceu. Aí estava integrado numa série de frases onde não havia contradição: destruir e castigar o ladrão para proteger o pobre, não ser uma vaga contra o queixoso e, por isso, punir quem devia ser punido para ser um exemplo de rectidão (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 331-332; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 197).

164 Termina aqui a terceira petição, iniciando-se logo de imediato a quarta. Nela regressarão as lamentações e denúncias directas, com imagens variadas e complexas.

165 O nome Herichef significa «Aquele que está sobre o seu lago». Principal divindade de Neninesu, onde ainda hoje persistem as pedras do seu templo. Tendo adquirido importância durante o Primeiro Período Intermediário, era representada por uma figura antropomórfica masculina com uma cabeça de carneiro encimada por uma coroa semelhante à coroa branca do faraó, *ḥḏt*, ladeada por duas plumas. Na mão direita segurava um *ˁnḫ* e na esquerda um *wȝs*. Estas características faziam dele não só um deus da fecundidade, mas também uma divindade ligada ao poder real, tendo frequentemente epítetos como «rei dos dois países» ou «soberano dos dois rios», em estreita ligação com Ré, Osíris e Amon. É a confirmação de que, de facto, a história se passa em Heracleópolis (cfr. M. C. PÉREZ DIE, *Excavaciones en Ihnasya el Medina*, p. 17 e fig. 1 e 2, anexas; J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, p. 212; P. VERNUS e E. LESSING, *Dieux de l'Égypte*, pp. 34, 54 e 186).

166 Khuenanupu recomeça com os mais altos elogios tentando aproveitar o clima do momento: Rensi sai purificado do templo e o seu estado de pureza é propício a Khuenanupu que vê nele a sua ligação aos deuses. Isto é, tenta que a momentânea pureza moral de Rensi lhe resolva o seu caso.

167 Mas Khuenanupu não perde tempo e avança de imediato com os seus lamentos, afirmando que já não há justiça no Egipto. Partindo da generalidade, aumenta progressivamente as suas lamúrias até se fixar agressivamente em Rensi.

168 A leitura e tradução desta expressão foi inicialmente feita por Gardiner, o primeiro a concordar que, embora sendo uma construção difícil, não deixa de ter lógica: o rio tem de ser vencido mesmo que a barca esteja do outro lado. A pé é impossível. Compara-se o processo judicial a uma travessia a realizar nas melhores condições (A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 15).

169 Isto é, a pé.

170 Quer dizer: «dormir toda a noite descansadamente», ou seja, em paz e segurança.

Com o caos instalado na terra quem o consegue? Nos textos I e III de Senuseret III, textos de meados do Império Médio, hinos para Lichtheim e canções para Simpson, surge expressa esta ideia: «Aquele que deixa o povo dormir até o dia clarear» e «Quão grande é o senhor desta cidade: ele é um quarto quente que deixa cada homem dormir até amanhecer». Portanto, o rei e, por extensão a sua administração, eram o garante da tranquilidade da população. São postos em causa nesta frase interrogativa e o melhor é «perecer». O verbo (*ḥdi*) é o predicado das três frases explicativas que se seguem: caminhar enquanto se devia descansar, viajar nas horas menos próprias para o fazer no deserto e não ter quem o defenda (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 198 e 199; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, pp. 282-283).

[171] São duas frases que Khuenanupu já tinha dirigido a Rensi nas linhas B1, 148 e 149, sem com elas ter obtido qualquer proveito, o que reforça a ideia da desagregação da justiça e instalação do caos.

[172] Isto é, satisfaz o seu desejo.

[173] Por um lado, Khuenanupu põe em relevo a valentia de Rensi evocando-o como um caçador que domina todos os habitats naturais – água, terra e ar, ou seja, o universo. Por outro, faz dele um predador, dando-lhe a entender que se ocupa tanto com estas actividades que nem de tempo dispõe para administrar a justiça.

[174] Como já vimos, para os Egípcios o coração era o centro da inteligência. Nesta perspectiva, «leve de coração» significa «leve de pensamento», «inteligente»; «que seja pesado» quer dizer «vagaroso a mover-se»; e «em relação aos seus apetites» interpreta literalmente a intenção do corpo (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 83). É a velocidade vista como ponderação e perigo.

[175] Não parece uma questão tão pacífica quanto Suys afirma, tentando demonstrar que o significado de *grw* é, indiscutivelmente, «silencioso». De facto, tanto Faulkner como Gardiner traduzem a palavra por «homem silencioso» e «silenciosamente», pondo o segundo em questão a sua própria opção. Por sua vez, Parkinson, traduz *grw* por «calmamente» e, por seu lado, Lichtheim, dá-lhe o significado de «humildemente». Optámos por esta última hipótese porque julgamos que um homem que «chora muitíssimo» ao ponto de o mandarem calar, que é espancado e que não desiste até à nona petição, alternando entre um tom elogioso e um tom ameaçador, não é certamente um homem silencioso, nem calmo. Persistência sim, calma não. Pelo contrário, quem pede a devolução dos seus bens a alguém que lhe é superior, ainda que tendo razão, deve posicionar-se com certa humildade para facilitar a sua obtenção (É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 131; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 290; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 16; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 68; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 178 e 183).

[176] É, sem dúvida, um apelo à percepção de Rensi que, até aqui, parece inexistente e que, a revelar-se, só lhe pode trazer más consequências. Implícita ou explicitamente, há sempre no ar uma ameaça. O verbo *sgmḥ* é a forma causativa do verbo *gmḥ*, frequentemente mais usado para a percepção intelectual do que para a percepção visual (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 252 e 289; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 392-392).

[177] Isto é, «e os seus problemas duplicarão».

[178] Princípio da causalidade.

[179] «Aquele que agiu» e mal é o criminoso. É o julgamento do próprio juiz. A palavra composta *wḏʿ-rwt* designa um determinado tipo de juiz cujas funções precisas são desconhecidas. Similares a esta, há, no entanto, outras designações cujas funções são conhecidas. São os casos de *wsʿ-mdwt*, «juízes de assuntos correntes» e *wḏʿ-mꜣʿt*, «juízes em direito puro», respectivamente considerados magistrados dos pequenos assuntos quotidianos e magistrados das leis, isto é, dos processos mais complexos (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 399).

[180] É, certamente, uma metáfora náutica, uma vez que *pnḳ* quer dizer «despejar a água do barco». A frase seguinte explicita esta, afirmando que Rensi está prestes a naufragar, o que significa que o seu trabalho não é bem desempenhado. A construção da frase assemelha-se à das duas anteriores, sem qualquer pronome que permita traduzir por «tu que despejas a água». Provavelmente era um insulto relativamente à modéstia da tarefa.

[181] Nesta perspectiva o sol é prejudicial porque queima e disseca.

[182] Os dois primeiros caracteres da palavra *ibw* (G. D58 e G. M17) encontram-se trocados em Parkinson mas correctos em Vogelsang e Gardiner, e Suys. Sobre a utilização do caracter G. E8* vide supra nota 17 (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 33; F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 13a; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 20*; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 15).

[183] É um final extraordinariamente violento e, até aqui, o pior momento para Rensi.

[184] E com esta interrogação de desespero, na qual se constata quanto Khuenanupu se apercebe da incapacidade de Rensi para resolver o seu problema, termina a quarta petição.

[185] É curioso que, mantendo-nos sempre no papiro B1, as três primeiras petições apresentem a sucessão G. A20/G. A1/G. V30/G. A1, e as petições de cinco a oito G. A20/G. V30/G. A1/G. A1. Ainda que pudesse, efectivamente, ter ocorrido uma troca de caracteres por parte do escriba, *wr* pode escrever-se abreviadamente sem determinativo (ou) e *nb* com determinativo (ou). Em qualquer dos casos é G. A1. O segundo caracter G. A1 é o pronome sufixo. A quarta petição é a única onde não é apresentado este tipo introdutório e a

nona, já em B2, exibe um misto das duas situações G. A20/G. A1/G. V30/G. A1/G. A1 (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 16, 22, 27, 31, 33, 34, 37, 41 e 46; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, pp. 8*, 10*, 14*, 18*, 20*, 22*, 24* e 28*).

[186] Faulkner afirma tratar-se de um tipo de pescador. Gardiner e Lichtheim opinam por um pescador de determinada qualidade de peixe. Parkinson vê nesta palavra um fabricante de redes e para Perry é um tipo de pescador com rede para certos peixes (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 187; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 16; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 178; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 418; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 69).

[187] Parkinson, na transposição do hierático para o hieroglífico, avança a hipótese de se tratar da palavra peixe, *mḥyt* ( ). De qualquer modo, só é possível confirmar os caracteres finais G. K1, determinativo que sendo o da palavra peixe não se translitera, e G. Z2, determinativo do plural que, pelo facto da palavra ser feminina, igualmente não é transliterável. Daí que discordemos de Gardiner e de Lefebvre, que fazem constar das suas traduções a terminação *yw*. O segundo introduz a palavra «pescador» sem se saber ao certo se é a palavra que se encontra no texto. Mesmo assim, segundo o padrão das frases em que se insere esta, é bem provável que fosse um quinto tipo de pescador. E igualmente divergimos de Parkinson que, na tradução do conto, apresenta as duas últimas letras da palavra «fisher». Suys apresenta *iiw*. Seguimos o cauteloso critério de Lichtheim e deixamos um espaço em branco (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 33a; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 114; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 16; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 61; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 69; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 178; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 139).

[188] A palavra tanto significa «pescador» como «passarinheiro», isto é, «aquele que caça pássaros», actividade para a qual se usavam armadilhas de rede, conforme se pode observar nalguns relevos ou frescos da arte egípcia. Também aí se encontram diversas representações de pesca e diferentes tipos de rede, nomeadamente de arrasto que, com os seus pesos a rojar o fundo, colhiam grande quantidade de pescado e danificavam, possivelmente, o leito do rio. Afastamos, assim, a hipótese de Lichtheim, que propõe «peixe *wḥꜥ*», pois, se traduzirmos por *wḥꜥ*, isto é, *Synodontis schall*, o único destes peixes identificável, não se entendem os danos que a sua captura provocaria no rio. Quando muito seria um risco para os pescadores, devido à existência de um espigão no dorso, erguido como autodefesa quando atacado (cfr. J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, p. 193; cfr. R.-M. e R. HAGEN, *Egipto: Pessoas, Deuses, Faraós*, pp. 96-97; M.

LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 178 e 183; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 66; P. F. HOULIHAN, *The Birds of Ancient Egypt*, pp. 11, 67-69, 75, 119; D. J. BREWER e R. F. FRIEDMAN, *Fish and Fishing in Ancient Egypt*, pp. 21-46 e 67-68).

189 Rensi é comparado a cinco tipos específicos de pescadores que matam e destroem selvaticamente os peixes e o próprio rio. Para além de se tratar da quinta petição, ocorre um novo paralelismo com as cinco titulaturas reais.

190 Quando Khuenanupu afirma «não roubes a um pobre os seus bens» não está a afirmar que Rensi o faz de forma directa, mas que, negligenciando a justiça, é conivente com o roubo de que tinha sido alvo. Assim como a afirmação «o (homem) fraco que tu conheces» significa também que se deve interessar por ele, uma vez que o conhece e ao seu caso. As linhas B1, 262 e B1, 263, são acompanhadas pelo fragmento F do papiro B2 (*Papiro Amherst II* – fragmento F-G de B2), bastante degradado (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 33 e 34).

191 A respiração funciona aqui como uma metáfora para justiça.

192 Mais uma vez o juiz surge como símbolo da justiça, como uma balança, num apelo às responsabilidades de Rensi.

193 Cfr. G. LEFEBVRE, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, p. 89.

194 Novamente um conjunto de regras de comportamento para os juízes, abundante em termos técnico-jurídicos, onde se aborda também a oposição entre os conceitos de bem e mal.

195 A brevidade e simplicidade da quinta petição funcionam na estrutura do conto como uma charneira: quatro petições para cada lado e ponto da situação, explícito e completo.

196 Seguindo a percepção de Gardiner, Lefebvre vê aqui um salto de uma linha por parte do escriba ao copiar o papiro. Contudo, Lichtheim alerta para o facto de em vez da frase terminar incompleta em *nb*, esta palavra ser um ditógrafo que, ao ser considerado excedente, permite uma leitura contínua. Parkinson não se detém nesta questão. E para Faulkner *bw nb* significa «toda a gente», remetendo para a gramática de Gardiner que confirma tratar-se de uma hipótese, ainda que se admita supressão dos determinativos de pluralidade ( ), como noutros casos já detectados neste texto. Suponha-se também e a título de hipótese a intenção de registar a expressão «para tudo»! Parece-nos, entretanto, faltar a palavra *bin* na conclusão da frase, depois de *bw*, uma vez que *bw* é estranha à frase seguinte e na expressão *bw bin* forma o substantivo «mal», omisso na tradução. Aliás, Suys, assinala esse lapso propondo duas outras hipóteses (*ḥwrw* e *ḏw*) que, do mesmo modo que *bin*, também formam o substantivo «mal» com *bw* (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 34; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 16; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 62; R. B. PARKINSON, *The Tale of*

Sinuhe, pp. 69 e 83; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 178 e 184; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 81, 129, 166 e 320; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 60; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, pp. 147, 22* e 23*).

[197] As linhas B1, 275 a B1, 278 são acompanhadas pelo fragmento G do papiro B2 (*Papiro Amherst II* – fragmento F-G de B2), bastante degradado. A partir de B1, 279 passamos a utilizar também o papiro B2 (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 34 e ss).

[198] Segundo Parkinson, a palavra *ḏr* do papiro B1 apresenta um *d* que não consta do papiro B2, onde a palavra aparece correctamente escrita.

[199] Sobre as linhas desta petição, Parkinson é de opinião de que algumas «imagens incluem frases reminiscentes dos ideais éticos das autobiografias» (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 83).

[200] Ou seja: «vê por ti próprio».

[201] Encontramos esta frase na segunda petição, linha 132 (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 19).

[202] Cfr. A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 17.

[203] Quer dizer: «se tomaste uma decisão então partilha-a com o teu próximo».

[204] Contrariando Gardiner, Suys afirma, justificadamente em nosso entender, que *wgyt* não deve ser considerada uma metáfora, mas vocativo com valor de epíteto, uma vez que, pelo contrário, Rensi não se decide falar. Lembramos que, por regra, os epítetos retratam o essencial de alguém pela positiva e nunca pela negativa. Muito menos com uma tão elevada carga de cinismo. Daí não ser natural Khuenanupu chamar «palrador» a alguém cuja principal característica era o silêncio. Do ponto de vista contextual, ou até cultural, estaria mais correcto, por exemplo, um epíteto do tipo «silencioso» (A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 17; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 152).

[205] Em *srḫy*, aparentemente, o *r* e o *ḫ* estão trocados. Não parece ser a palavra *sḫry*, capitão de um barco, a que melhor se enquadra no contexto desta frase. Além do mais, a palavra *srḫy* aparece correctamente escrita no papiro B2 (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 35).

[206] Em B1, 288 inicia-se a escrita no verso do papiro. B1, 288 a 335 está escrito em colunas de linhas horizontais.

[207] O verbo *smi* é um termo técnico-jurídico que significa «dar a resposta oficial». Quer isto dizer que Khuenanupu não pretende apenas uma simples reacção humana mas, mais do que isso, exige uma reacção oficial (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 448).

[208] Nesta passagem, as linhas 290 e 291 de B1 diferem das suas correspondentes 12, 13 e 14 de B2, o que dificulta a tradução. Há até na introdução da frase seguinte

– segunda metade da linha 291 de B1 – uma expressão a mais em B2, no início da linha 14: *iw rḫt*, ou seja, «sabe-se que». A falta de coincidência entre B1 e B2, observa-se noutras passagens, mas apenas assinalaremos as que originarem alterações significativas (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 36).

[209] Tanto nesta como na frase anterior, surgem variantes da palavra *twt* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 295-296).

[210] Na expressão que exprime a totalidade, falta um caracter no papiro B1. No papiro B2 está correcta ( ). Uma outra divergência entre os papiros deve-se ao facto de à palavra *ʿḳ3* de B1, corresponder em B2 a expressão *ʿḳ3 n bw nb*, com valor de epíteto: «aquele que é honesto para toda gente» (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 36-37). A segunda hipótese é mais redutora, uma vez que se dirige directamente a Rensi; enquanto em B1 tem um sentido mais lato, oferecendo uma panorâmica do Egipto antes da reunificação, isto é, do conturbado Primeiro Período Intermediário.

[211] Esta palavra, que Faulkner traduz como «negociante», «comerciante de vinhos», Gardiner atribui-lhe o significado literal de «jardineiro», tradução que Faulkner apresenta para *k3ry* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 284; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 17).

[212] Parece ser, de facto, a palavra «propriedade». Contudo, embora com a variante , Parkinson afirma que o último caracter é G. O50, não podendo ser nem G. O49 ( ) nem G. N16 ( ) (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 37-38).

[213] A expressão *t3 r ḏr.f* é frequente em textos profanos de conotação política, do princípio do Império Médio. «Toda a terra» transmite a ideia da recente reunificação do Alto e do Baixo Egipto e, por oposição, expressa a sua discordância ao divisionismo existente no período imediatamente anterior. Como se deduz da frase seguinte, Rensi, tal como o rei, tem todo o poder para conduzir os acontecimentos, primeiro os que respeitam a Khuenanupu e depois ao país, asserção que também veicula a ideia de centralização de poder, inerente à monarquia teocrática egípcia (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 466-467).

[214] Ou seja, «que não é parcial». Nesta sétima petição, Khuenanupu volta ao problema das inter-relações cósmicas e sociais, discorrendo sobre a oposição entre certo e errado, reflectindo-a em si e em Rensi. Contudo, ao contrário da terceira petição Rensi já não é um deus mas um «irmão do deus». Como Tot representava a divindade referência para os juízes no Egipto faraónico, transmite mais uma mensagem que pretende vincular os magistrados à dignidade das suas funções. A palavra *w3ḥ* tem no papiro B1 os dois primeiros caracteres trocados, apresentando-se correctamente escrita no papiro B2. Suys também assinala esta troca em B1 (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 37; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 22*).

[215] Ou seja, «não te zangues».

[216] Isto é, «aquele que vê longe, que é prudente, tornar-se-á compreensivo».

[217] Na palavra *ḥʿw* é utilizado o caracter G. A30 em B1 e em B2 o caracter G. A28, que Faulkner e Gardiner confirmam ser, de facto, o determinativo da palavra *ḥʿi*. Suys faz a mesma leitura em B1 (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 37; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 164; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 580; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 24*).

[218] Curiosa frase: Khuenanupu afirma-se um companheiro de quem Rensi terá pena de se separar.

[219] Depois de *ib*, foram escritas e apagadas duas linhas no papiro B1 que não constam do papiro B2, mas que Parkinson decifrou. Não as incluiu no texto dando conta delas noutro local. Do mesmo modo, Suys, também não as inclui. Agiremos do mesmo modo (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 38 e xviii; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 24*).

[220] Khuenanupu opõe directamente ao saqueador o humilde saqueado, do lado de quem está a justiça.

[221] Khuenanupu faz sentir a imperiosa necessidade de falar.

[222] Nova passagem com metáforas náuticas, que são tão do agrado de Khuenanupu. Há, no entanto, uma dificuldade acrescida na interpretação desta passagem. Para além da possibilidade de obtermos uma série de actividades náuticas, é também possível uma visão mais prosaica, relacionada com necessidades fisiológicas. Suys opta claramente por esta [«...eu paro, eu comprimi a minha necessidade de urinar... (mas) eu dei ar ao que havia no meu ventre, eu lavei a minha roupa salgada!» (É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 163)]. Caso tenha havido intencionalidade para permitir esta dupla leitura, o facto só revela a aflição a que chegara Khuenanupu.

[223] Os dois primeiros caracteres da palavra estão trocados e o escriba optou pelo determinativo G. G38 em vez do G. D41. Suys apresenta uma leitura totalmente diferente (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 39; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 68; F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 15a; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, pp. 165 e 24*).

[224] Nesta variante da palavra *ḫrwy* falta o habitual caracter G. P8 ( ) depois do *ḫ* e do *r* (fonema trilítero *ḫrw*, colocado na palavra como redundância). Vogelsang e Gardiner e Suys fazem a mesma leitura (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 39; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 196; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 24*; F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 15a).

[225] Segunda frase bastante curiosa nesta sétima petição: afinal Khuenanupu está satisfeito com o seu desempenho, dando a entender que o melhor é Rensi tê-lo em consideração pois, provavelmente, não encontrará mais ninguém honesto e detentor da verdade (cfr. supra nota 218).

[226] Na palavra *rs*, o caracter G. U40 ( ) substitui o usual G. T13 ( ). Gardiner, em determinada passagem, dá o primeiro como sendo uma forma degradada e tardia do segundo na escrita hierática, mas noutro local, identifica-o como uma alternativa semi-hierática de G. U39 ( ) da XVIII dinastia. Suys opta por G. T13 (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 40; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 512 e 521; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 152; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 24*).

[227] Nesta frase surgem dois caracteres em B1 e B2, que, aparentemente, são erros dos escribas copistas: antes da palavra *sspd* existe um caracter G. Z2 ( ) que também poderia ser G. N35 ( ), de leitura inexplicável em qualquer dos casos. E, como determinativo da mesma palavra figura o caracter G. T9 ( ), que não consta de B2. Parkinson lembra que pode ser confusão com *pḏ*, isto é, «avivar», «estimular». Vogelsang e Gardiner registam o primeiro e deixam um espaço em branco no segundo, afirmando Gardiner, mais tarde, que o primeiro caso é de difícil explicação. Suys concorda com a dificuldade de interpretação do primeiro caso e julga que o segundo representa um «olho branco» (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 40 e 40a; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 18; F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 16a; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, pp. 24* e 25*).

[228] É o registo do total falhanço de Rensi devido à sua absoluta inércia e pouca humanidade.

[229] Na *Instrução Lealista* encontramos uma expressão semelhante na quinta estrofe: «Ele é um Atum porque une pescoços». Da mesma maneira que a expressão «porque une pescoços», é sinónima de «vivificar», isto é, dar vida, também esta frase indicia que era aos magistrados que competia prestar apoio a quem necessitava, repor o que deixou de estar bem. É uma expressão cujo significado figurado «dar vida» significa «dar alento», «dar força», «apoiar» todo aquele que sofreu um duro revés. Por outro lado este passo evoca a cena relatada no *Papiro Westcar* com o mago Djedi e a sua capacidade de repor cabeças cortadas. É uma manifestação da *maat* social (ver nota 16 da *Instrução Lealista*; ver *Khufu e os Magos*, 155-156).

[230] A oitava petição é a que apresenta o mais longo e explícito discurso de *maat*, que está agora, indiscutivelmente, com Khuenanupu e não com Rensi.

[231] Em B1, no caracter G. A20, falta o cajado ao homem, o que não acontece em B2. Também em Vogelsang e Gardiner essa falha persiste, mas em Suys está correcto (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 41; F. VOGELSANG e A. H.

GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 16a; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, pp. 24*).

[232] A cobiça provoca uma grande queda e Rensi é enquadrado de imediato nesta ideia através da ganância e do roubo.

[233] Esta linha termina com um traço oblíquo, aparentemente, sem qualquer leitura. Parkinson, que apenas o assinala em B1, identifica-o com um «traço palimpsesto» e Suys não o refere (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 41 e 41a; F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 16a; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 24*).

[234] Na palavra *ỉḫ*, em B1 falta o caracter G. Aa1 ( ), existente em B2. Suys também acusa a sua falta, mas Vogelsang e Gardiner registam-no (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 41; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 24*; F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 16a).

[235] Depois do verbo *rdi* aparece a partícula enclítica *ỉ* com força exclamatória podendo-se traduzir por «na verdade» ou por «de facto» (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 184).

[236] Sem contenção verbal, declara expressamente o que já vinha afirmando desde o princípio: até o mais alto funcionário administrativo que não se comporte segundo Maat é equiparado aos mais vis elementos da sociedade.

[237] Segue-se, novamente, a declaração de que Rensi abusa do seu poder e age de forma incorrecta relativamente às suas funções. Regista-se a mesma deficiência referenciada na nota 60: na palavra *srw*, a presença do caracter G. A26 deve-se, provavelmente, a um lapso de Parkinson, uma vez que tanto na frase seguinte, como nos dois casos correspondentes em B2, encontramos correcto o caracter G. A21. Idêntica situação ocorre em Vogelsang e Gardiner, e Suys (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 42; F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 16a; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, pp. 24*).

[238] Por comparação com a frase seguinte e com as duas frases correspondentes de B2, há um r ( ) excedente (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 42).

[239] Quer dizer que, com a frase completa, Khuenanupu pretende transmitir que outro queixoso como ele será difícil de encontrar. Pela segunda vez no conto aparece uma frase que exprime plena confiança nas suas qualidades ímpares (cfr. supra nota 225).

[240] Além de dúvidas suscitadas em B1 na decifração da expressão , onde o primeiro e o quinto caracteres surgem inexplicavelmente, sem que no segundo caso figurem traços de uma anterior existência de G. N23 (), há a presença de traços palimpsestos. Em B2 a expressão aparece correctamente escrita: . Vogelsang e Gardiner deixam os dois espaços em branco e Suys, tal como nós, mantém o segundo mas sugere G. 43 () para o primeiro espaço (R. O. FAULKNER,

A Concise Dictionary of Middle Egyptian, p. 274; F. VOGELSANG e A. H. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 16a; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 26*).

241 A palavra *skw* aparece escrita, tanto em B1 como em B2, com um caracter G. V28 encabeçado por um pequeno traço oblíquo à direita, em vez do caracter G. V29 ( ). Ao contrário do que acontece em B1, que na segunda frase tem um pequeno espaço em branco onde provavelmente teria a partícula interrogativa *in* ( ), em B2 estas duas frases são introduzida por ela. O contexto não é garantia suficiente para se poder afirmar que fosse, de facto, uma interrogação do tipo *in* + *iw sḏm.f* (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 43; D. P. SILVERMAN, *Interrogative Constructions with jn and jn-jw*, p. 74, nota 414).

242 Nesta frase de dez palavras quatro são iguais: *maat*. Este jogo de palavras, provavelmente com alguma ligação à estrutura poética do texto, levanta-nos, entretanto, problemas de tradução, sobretudo nas duas últimas repetições. Também parece viável a leitura «aquele que tem a verdade e a justiça».

243 Na palavra *gsty* o caracter G. Z1 ( ), com o qual se escreve a palavra, foi sobreposto ao caracter G. X1 ( ) (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 43). Em B2 foi mantido o erro sem qualquer sinal de correcção.

244 O senhor da justiça é o deus criador Ré, «aquele que vive através da justiça», e a quem pertencem os pratos da balança (cfr. supra nota 131), a verdadeira justiça. Mas, ao comparar Rensi com os instrumentos de Tot, o escriba de Ré, dá-se corpo à ideia de Rensi ser um agente dessa verdade suprema (a escrita dá «corpo» a ideais): Ré →Tot → Rensi. Mas é uma incarnação imperfeita devido ao seu comportamento, totalmente inadequado à sua posição e que, associando Tot, é evocado como impróprio de um homem de bem: «mantém-te afastado do mal». Ao que se segue um ensinamento que reforça o ideal de virtude do homem que age bem. É também uma frase cuja tradução se torna difícil. Parkinson sugere: «Só a bondade do homem bom é boa para ele»; Fecht: «...pois bom é o bem precisamente do bem!»; Lefebvre: «Quando o que está bem está bem, então está bem!»; e Gardiner só altera a pontuação final: «Quando o que está bem está bem, então está bem.» Até ao fim, toda a segunda parte desta oitava petição encerra o discurso de Maat. B1, 336 a 357 estão escritos em colunas (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 73; G. FECHT, «Bauerngeschichte», col. 641; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 66; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 19).

245 Faulkner apresenta a expressão *tp(y)-t3* ( ) para o substantivo «sobrevivente»; Allen a variante *tpi-t3* ( ); e Gardiner o plural *tpyw-t3* ( ), que traduz por «os que vivem», mas nenhum apresenta qualquer verbo associado. Por outro lado, as traduções de Gardiner, Lefebvre, Lichtheim e Parkinson desprezam a presença de *tp*. Assim, tendo em conta a inexistência de qualquer

determinativo que personifique a expressão, parece-nos mais lógica a nossa tradução do que «o seu nome de rosto», que se reduz a «o seu nome» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 298; J. P. ALLEN, *Middle Egyptian*, p. 470; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 600; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 20; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 66; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 181; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 73).

[246] É uma evocação do deus primordial, criador da justiça, que conclui a parte do discurso de Khuenanupu onde *maat* transcende o mundo e a sua ordem social para entrar na Duat, na qual se reflectia o resultado de uma vida de acordo com *maat*. A palavra encontra-se incorrectamente escrita em B2, referindo Parkinson que, em B1, o caracter G. R8 () foi acrescentado no início da palavra, depois do escriba o ter erradamente escrito no final da mesma, não respeitando a anteposição honorífica (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 44 e 44a).

[247] Na palavra *gs3* existe um *r* ( ) a mais, omisso em B2. Acerca das palavras *iwsw* e *mḫ3t* cfr. supra nota 132 (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 292).

[248] Regresso à metáfora da balança com alusões múltiplas: lembram que o ideal de Maat se verifica no perfeito equilíbrio dos pratos; que Rensi é juiz; que Khuenanupu tem direito a um julgamento justo; e, até, que o comportamento dos homens será julgado depois da morte, na balança divina.

[249] Equivalente a: «quem quer que esteja naquela situação». O discurso de Khuenanupu exprime, agora, alguma condescendência por Rensi que se mantém silencioso. Mas, depois de o ter insultado, o camponês diz que está apenas a afastar-se de *maat*.

[250] Eis uma frase cujo teor contraria a acção que exprime. É evidente que Khuenanupu já afirmara ser «um homem silencioso» que vinha falar a Rensi, demonstrando o respeito devido por um indivíduo de condição social inferior a outro de condição superior, mas há muito que, com as suas petições, deixara de ser «um homem silencioso». Em nosso entender, trata-se de mais uma regra de conduta veiculada através do conto e que deve passar para a opinião pública, do que uma análise da situação relatada.

[251] Na linha 347, surge, de facto, o grupo , mas Parkinson afirma que foi escrito por cima do grupo depois de apagado, pelo que suprimimos o pronome dependente *tw* (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 44 e 44a).

[252] B2 apresenta uma frase a mais em relação à linha B1, 348.

[253] Em qualquer dos papiros e aparentemente, a palavra *skꜣ* apresenta uma grafia com várias incorrecções ou, pelo menos, bastante diferente do usual. Acontece o

que já referimos na nota 241: os caracter G. V28 são encabeçados por um pequeno traço oblíquo à direita, em vez do caracter G. V29 ( ); em B1 duplicam como fonemas unilíteros redundantes os caracteres G. S29 ( ) e G. V28 ( ); em B2 é o caracter G. S29, com o fonema redundante G. O34 ( ) e o caracter G. V31A ( ); este último aparece em B1, erradamente depois de G. G37 ( ), que deveria ser determinante na conclusão da palavra. A linha 349 apresenta um espaço em branco correspondente a três ou quatro grupos grandes de hieróglifos. O mesmo acontece em B2. Há, no entanto, sinais de traços palimpsestos sobre os quais o escriba se absteve de escrever.

[254] Parece-nos uma confissão de autoria do conto. Quem mais, senão o próprio faraó, se atreveria a encarnar Ré? Um camponês? Em todo o caso, o «discurso perfeito» de Khuenanupu é uma incarnação de Maat posta por Ré na boca do camponês eloquente, aliados contra Rensi, que assim deixa de ser um representante do divino. Afirma-se aqui a doutrina da reciprocidade que, com a da solidariedade social, constituem princípios básicos de *maat*.

[255] B2 apresenta uma frase a mais, em relação à linha B1, 351. Na tentativa de maior fidelidade à língua portuguesa, chegámos a pensar traduzir a primeira *maat* por «verdade» e a segunda por «justiça», mas como a justiça é alheia a factores de grandeza, devendo simplesmente ser justa, percebemos que o que estava em causa eram os princípios fundamentais do «dizer e fazer *maat*», isto é, a solidariedade comunicativa e a solidariedade activa.

[256] A palavra *wꜣḥ* tem os dois primeiros caracteres trocados em B1, mas está correcta em B2.

[257] O caracter G. A2 da penúltima palavra da linha 352 está incompleto. Parkinson avança a hipótese do escriba se ter apercebido do seu erro e ter feito uma correcção da metade restante para G. Y1. Em B2 a palavra correspondente é (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 45 e 45a).

[258] A palavra *imꜣḫ* está correcta em B2, exactamente com os mesmos caracteres que encontramos em B1, à direita e à esquerda do espaço assinalado, o que nos leva a crer que nada falte entre G. U1 e G. Aa1, tendo o escriba apenas deixado um espaço entre caracteres maior do que o normal. Independentemente do estatuto de cada um, a vida terrestre e a vida além da morte eram entendidas como uma continuidade sem barreiras. A própria existência após a morte não foi concebida como uma forma espiritual abstracta, mas como um mundo real, uma espécie de vida em negativo da passagem terrena, onde, com a ajuda de rituais mágicos, se evoluía por várias etapas com o objectivo de alcançar a eternidade. Os deuses, incluindo o faraó, eram inigualáveis na sua imortalidade. Um rico e poderoso não passava de um *imakhu* (), de um bem-aventurado, isto é, de um proprietário de um túmulo, uma pessoa com um estatuto social bem definido,

uma vez que tinha o «reconhecimento público» e «um lugar permanente na memória social» que essa propriedade lhe conferia, sobrevivendo no seu túmulo depois da morte. O *imakhu* era, portanto, um sobrevivente e não um imortal (J. ASSMANN, *Maât, l'Egypte pharaonique et l'idee de justice sociale*, pp. 65 e 72). Ver supra nota 96.

[259] Tal como hoje, o zero das balanças era aferido pela norma que regulava com equidade o equilíbrio dos seus pratos, perfeitamente à mesma altura. Quando esse equilíbrio se não verificava o resultado era falso. À imagem da balança, também para cumprir *maat* era necessário um equilíbrio absoluto.

[260] A preposição *r* (<>) está repetida em B1, o que não acontece em B2. Como é uma mudança de linha, poderá, eventualmente, dever-se a uma distracção do escriba.

[261] A oitava petição termina com mais uma metáfora náutica que, em conjunto com a anterior imagem das balanças, nos reconduzem ao nível do ideal. Contudo, não deixa de ser uma ameaça de morte para Rensi.

[262] É nesta frase que passamos a fazer uso do papiro B2, cuja numeração não sofreu qualquer alteração, coincidindo as duas contagens que temos feito desde o início.

[263] Estas duas frases querem dizer que, embora seja pela linguagem que um homem se trai, são os pratos da balança que confrontam o que se pesa num prato com os pesos colocados no outro, ou seja, a importância do que se diz depende do equilíbrio do discurso.

[264] É mais um apelo à justiça de Rensi. Ainda que com ligeiras diferenças, esta frase é igual à frase que se ecnontra em B1, 178.

[265] A linha B2, 95 está incompleta devido à danificação do papiro, tornando-se incompreensível. Gardiner alvitra a possibilidade de faltarem as palavras *bin tnm*, mas Perry sugere um restauro com uma construção que encontramos em B2, 98: *ir šm grg* (A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 24; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 526-527).

[266] Acerca da grafia hieroglífica de *ʿḳ3* vide supra nota 84.

[267] É completamente duvidoso o caracter que se encontra no espaço deteriorado. Aparentemente poderá ser um, ou mesmo dois, determinativos da palavra *nw*, «retroceder» segundo proposta de Sánchez Rodriguez (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 46 e 46a; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 24; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 232). Contudo, nesta confrontação entre a verdade e a mentira, vê-se que a mentira não pode existir sem a verdade, nem pode prevalecer em relação a esta. A verdade é-lhe superior porque a mentira é apenas a sua negação e o impedimento da sua prosperidade.

[268] Isto é, «quando falecer». Temos aqui o paralelismo entre a viagem da mentira e o percurso da vida de qualquer egípcio, que se prolonga para além da morte. É o mesmo imaginário de navegação, de passagem, de viagem.

[269] O determinativo G. U30 (𓋴) da palavra *ḫwd* é substituído por Faulkner por G. O38 (𓉔). Há, também, na construção da preposição e do pronome sufixo *ḫr.f* um inexplicável caracter a mais (𓅓) (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 186). Surge aqui a enunciação do castigo divino para o comportamento de Rensi e de Nemtinakht, impedidos de atingirem a eternidade.

[270] «Não escutes o teu coração» quer dizer: não realizes o teu desejo, a tua vontade. Para os egípcios era exactamente no coração que «residiam» os mecanismos do desejo e da vontade. Aliás, era para ele que transferiam todas as actividades cerebrais (vide supra nota 27).

[271] Isto é, «não vejas». Expressão semelhante em B1, 198.

[272] Um conjunto de frases imperativas negativas (negativa + infinitivo) construídas de modo a que a segunda parte (*sḏm.f* e *sḏm.f r sḏm.n.f*) seja a antítese da primeira, e sumariem as principais atitudes que o camponês criticou a Rensi: inércia, demora, desprezo e parcialidade. Na frase B2, 107 há, muito provavelmente, a troca de *mȝṯ* por *mit*.

[273] Estamos em presença das doutrinas da reciprocidade e da solidariedade social, princípios básicos de *maat*. Khuenanupu, que ajudou Rensi a atingir a verdade, deve ser pago com a justiça, tanto mais que a posição de Rensi o obriga a tal procedimento.

[274] Expressão semelhante em B1, 300-301.

[275] O indolente não tem passado para ser recordado, não tem memórias, não tem reputação (cfr. supra nota 107).

[276] O avarento ao não cumprir *maat* põe em causa a sua eternidade (cfr. supra nota 107).

[277] É uma frase ambígua: ou Khuenanupu põe uma vez mais em relevo a troca de papéis entre si e reforça o seu acto como duplamente criminoso, que lhe custara os bens e está prestes a ceifar-lhe a vida; ou põe em evidência o silêncio de Rensi com o mesmo resultado prático. Rensi ou Nemtinakht, um deles é o adversário «assassino» e Khuenanupu o «miserável queixoso».

[278] Lembremos que Khuenanupu é «aquele que Anúbis protegeu» (vide supra nota 1). Desde a sua apresentação em R, 1.1 que, ao contrário de outros, o seu nome não voltou a aparecer. Ao surgir como a última palavra da nona petição, encerra o processo que o seu nome abrira.

[279] A respeito do caracter G. E8* (𓃒) vide supra nota 17.

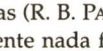
[280] A respeito do caracter G. E8* (𓃒) vide supra nota 17.

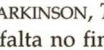
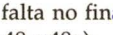
[281] Khuenanupu reconhece que Rensi está perto de concluir o caso, mas da pior maneira para si. Chamando a Rensi «homem sedento» e «criança» (talvez com a ideia subjacente de infantilidade ou inconsciência), diz que o grande intendente sempre teve a ideia de lhe pôr fim à vida.

[282] Com esta frase Rensi reocupa o lugar de autoridade que lhe é devido.

[283] Aparentemente, parece um lapso do escriba, que em vez de *ḏd* escreve *rdi*. Lefebvre, na linha de Gardiner, aconselha a troca. Contudo, por serem duas grafias tão diferentes, surge-nos a ideia de poder não se tratar de erro e de *rdi* ter o sentido de «enviar». Faulkner apresenta este significado em relação a cartas, missivas. Com a confissão de Rensi, Khuenanupu «enviou-lhe» a resposta, com o sentido de «atirou-lhe», «disparou», isto é, respondeu-lhe com rapidez (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 69; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 21; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 155).

[284] Estamos em crer que é uma exclamação que significa «Pela minha vida!».

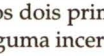
[285] Neste caso não há dúvida em relação à expressão «tua cerveja». Contexto e cotexto assim o indicam, e o espaço existente é à medida dos caracteres que faltam:  (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 48 e 48a).

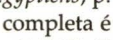
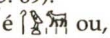
[286] Tal como em B1, também o escriba de B2 regista o nome Rensi com *i* () ou com *y* () indiferenciadamente (cfr. supra nota 54).

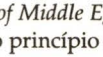
[287] Não é totalmente certo que haja alguma lacuna no final da linha 128, mas subsis tem dúvidas (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 48 e 48a).

[288] Possivelmente nada falta no final da linha 129 (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 48 e 48a).

[289] O julgamento é finalmente colocado no respectivo nível de autoridade e surge a solidariedade social, com relevo para a reciprocidade. Cumpriu-se Maat. Esta rápida conclusão põe em evidência dois factos: a eficácia da autoridade egípcia e a importância de Maat como seu suporte.

[290] Para a reconstituição das lacunas desta parte final, completamos a nossa análise contextual, com as indicações de Parkinson, Gardiner e Lefebvre. Para o vazio desta linha, por exemplo, os dois primeiros concordam com o restauro de  . Em todo o caso há alguma incerteza, própria da inexistência de parte do texto (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 48a; A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 25; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 75; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 69).

[291] A palavra completa é  ou, simplesmente,  (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 39; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 508).

[292] Parte-se do princípio que seria a palavra  .

[293] Parte-se do princípio que seria a palavra .

[294] Embora não haja a certeza de quantos caracteres ou grupos de caracteres se perderam, esta última linha é o início do cólofon que, completo, deveria ocupar toda a linha 124. O cólofon obedecia a uma fórmula específica que se encontra completa, por exemplo, na *História de Sinuhe* ou em *O Conto do Náufrago*. Era a prova de que o texto em causa tinha sido copiado na íntegra (R. B. PARKINSON, *The Tale*

of The Eloquent Peasant, pp. 48 e 48b; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 43 e 98; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, pp. 25 e 40; P. LUINO, *La Véritable Histoire de Sinouhé*, pp. 85 e 140; M. LAPIDUS, *La Quête de l'Île Merveilleuse*, pp. 58 e 88).

5. AS ADMOESTAÇÕES DE IPU-UER

5.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse

As Admoestações de Ipu-uer é um dos títulos que habitualmente é dado ao texto conhecido através de um único manuscrito: o *Papiro de Leiden 344 recto*. Pertenceu a Giovanni Anastasi[1] e, segundo ele próprio informou, terá sido descoberto em Mênfis, provavelmente em Sakara. Em 1828 este manuscrito hierático foi vendido ao Museu de Antiguidades de Leiden, o seu actual proprietário. É uma cópia da XIX dinastia muito estragada e com um grande número de passagens perdidas, nomeadamente o princípio, onde, à semelhança de outros textos, poderíamos encontrar as razões da sua existência, e o fim. O escriba parece ter copiado uma versão anterior com muito pouco cuidado, tendo cometido alguns erros.

É um texto escrito em médio egípcio, tendo na ortografia, no vocabulário e em algumas características gramaticais, óbvios paralelismos com outros textos do Império Médio, nomeadamente com o *Conto do Camponês Eloquente* e a *Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret* ou

[1] Giovanni Anastasi (1780-1860) tinha origem grega, mas uma vez estabelecido em Alexandria desenvolveu uma bem sucedida carreira de comerciante, no seu tempo um dos maiores do Egipto. Entre 1828 e 1857 desempenhou as funções de cônsul geral da Suécia e da Noruega no Egipto. Paralelamente a estas actividades, empenhou-se também no comércio de antiguidades. Com agentes em Sakara e Tebas, acabou por vender importantes colecções ao governo alemão em 1828 (provavelmente ao governo prussiano de Guilherme I, uma vez que a unidade alemã só se efectivaria em 1871), ao Museu Britânico em 1839 e em Paris em 1857. Os papiros associados ao seu nome são diversos e importantes, estando hoje espalhados por Londres, Paris e Leiden (R. W. DAWSON e E. P. UPHILL, *Who Was Who in Egyptology*, p. 15).

com o *Diálogo de um Desesperado com o seu Ba*. É também posto em paralelo com este tipo de textos do Império Médio o seu conteúdo filosófico e poético, apresentado num longo discurso. Ainda que alguns se inclinem para a crença de que a guerra civil referida e a ocupação do Delta pelos Asiáticos indiquem o período dos Hicsos, considerandos filológicos e paleográficos, bem como alguns detalhes administrativos[2], entre outros, empurram-nos para um período histórico entre os finais da VI e a X dinastias, isto é, para o Primeiro Período Intermediário, e um período literário dos finais da XII dinastia. Além disso, a temática deste texto é comparável à temática d'*As Profecias de Neferti* e d'*As Lamentações de Khakheperréseneb*, dois textos que embora falem de grandes desgraças, anarquia e privações, parecem ter sido escritos em períodos já de paz e prosperidade. Este apenas é maior e mais repetitivo. Contudo, não é um poema histórico: basicamente é um diálogo reflexivo sobre o difícil existencialismo num mundo em mudança.

---

[2] Em 6,12 fala-se dos «seis grandes tribunais», o *ḫnbt* de Tebas, o supremo tribunal que controlava todos os outros tribunais do país, servindo em alguns casos de tribunal de apelação, que tratava directamente das questões relacionadas com a «casa grande» (o «Estado») e os que lhes estavam próximo, embora seja admissível que as instâncias supremas pudessem ter variado em conformidade com a localização da capital de cada época. Contudo, é muito antes, com Niuserré, faraó da V dinastia, que aparecem atribuídos à mesma pessoa pela primeira vez o título de *imy-r ḫwt-wrt*, «administrador do grande tribunal» e o título de *imy-r ḫwt-wrt 6*, «administrador dos seis grandes tribunais». Ao contrário do primeiro título, que nunca era atribuído a um vizir, o segundo era sempre acumulado voluntariamente com outros títulos pelo vizir. Usado esporadicamente no Império Antigo, parece ter caído em desuso na primeira metade do Império Médio, reaparecendo depois no início da XII dinastia, provavelmente com a subida ao trono do vizir de Mentuhotep IV, o futuro Amenemhat I, surgindo em papiros da segunda metade do Império Médio como atribuído ao vizir (T. F. CANHÃO, *«O meu caminho é bom». O Conto do Camponês Eloquente*, pp. 178-182). Em 10,7 fala-se do «supervisor da cidade» como sendo um cargo exercido na cidade real, a partir do palácio. Com o tempo, e com certeza após a XVIII dinastia, este título passou a ser apenas um epíteto do vizir (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage from a hieratic papyrus in Leiden*, p. 18).

O que existe deste conto arruma-se em dezassete páginas de 18 cm de altura e 378 cm de comprimento. Cada página tem catorze linhas, aparentemente com excepção das páginas 10 e 11 que parece só terem tido treze linhas. Mesmo a primeira página parece ter perdido duas ou três linhas, pois só foi possível recuperar parte de onze linhas, não se sabendo ao certo quantas se perderam. E dessas onze linhas, só o último terço de cada uma delas sobreviveu. As páginas 2 a 7 têm poucas lacunas, mas o texto está totalmente sumido em diversos locais. A página 8 tem uma grande lacuna que compreende o último quinto das últimas sete linhas e a partir daqui o meio das restantes páginas está inteiramente ou parcialmente destruído[3]. Um pequeno número de fórmulas introdutórias estereotipadas, sempre escritas a tinta encarnada, aparece sistematicamente repetida a curtos intervalos introduzindo cada parágrafo, sendo na transcrição de Gardiner substituídas por um traço de sublinhado. Através dessas fórmulas é possível dividir o texto em seis secções ou poemas. Foram utilizadas 221 linhas de dezassete páginas: primeira página com onze linhas; treze páginas com catorze linhas, duas páginas com treze linhas e a última página com duas linhas.

O papiro está totalmente escrito de ambos os lados, mas o *verso* nada tem a ver com este texto, compreendendo um conjunto de hinos a uma divindade solar, objecto de transcrição, transliteração e publicação em 1886, por A. Massy[4]. Como falta o princípio ao nosso manuscrito, não sabemos o nome do faraó que convocou Ipu-uer, nem sabemos verdadeiramente quem é Ipu-uer, pois também fomos espoliados dos seus títulos. Aliás, as oito últimas páginas apenas apresentam cerca de metade de cada uma. Além disto, este texto mostra-se particularmente difícil porque o escriba responsável por ele (ou outros antes dele), cometeu numerosos erros, como, por exemplo, a omissão de palavras inteiras que têm que ser subentendidas, a omissão de um ou

---

[3] A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage from a hieratic papyrus in Leiden*, p. 1.

[4] *Idem, ibidem.*

mais caracteres em certas palavras, concordâncias de género e número erradas, alterações na ordem mais comum dos determinativos e trocas de pronomes. Encontrámos mesmo algumas palavras desconhecidas e inexistentes nos dicionários consultados.

O material de suporte apresenta-se muito escuro, sobretudo ao redor das áreas deterioradas, que existem praticamente em todas as páginas, por isso não existem fotografias suas, com excepção da fotografia da página 7, uma das duas únicas páginas pouco deterioradas e com condições mínimas para poderem ser fotografadas, que Gardiner apresenta na sua obra de 1909, reimpressa em 1990[5]. É esta a nossa fonte para este trabalho. Existe uma outra cópia fac-similada feita por T. Hooiberg e incluída em C. Leemans (ed.), *Monumens égyptiens du Musée d'Antiquités des Pays-Bas à Leide* (Leiden, 1841-82), II, pls. xv--cxIII[6], à qual não tivemos acesso. Existem também alguns artigos anteriores à publicação de Gardiner, nomeadamente de Chabas, Lauth, Brugsch, Erman e Lange[7] que se reflectem na obra de Gardiner.

Sinopse. Ipu-uer, provavelmente um nobre da corte que o parece rodear, podendo mesmo ser o superintendente dos cantores (*imy-r ḥsw*) de quem Simpson mostra uma citação junto às representações de Imhotep, Kaires, Khety e Khakheperréseneb[8], dirige-se a alguém que, aparentemente, só pode ser o rei, «o velho rei» que «vive pacificamente no seu palácio»[9]. Wilson, por exemplo, julga que o rei, que não está identificado, possa ser um dos últimos faraós da VI dinastia ou de uma das confusas dinastias do Primeiro Período Intermediário[10], mas na

---

[5] *Idem, ibidem.*

[6] A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage from a hieratic papyrus in Leiden*, p. 4; J. A. WILSON, «Egyptian Oracles and Prophecies», p. 441.

[7] J. A. WILSON, «Egyptian Oracles and Prophecies», pp. 4-5.

[8] W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, fig. 6, última página do livro; L. M. ARAÚJO, *O Clero do Deus Amon no Antigo Egipto*, p. 214.

[9] A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 93.

[10] J. A. WILSON, «Egyptian Oracles and Prophecies», p. 441.

opinião de Parkinson não é um rei específico mas «uma representação generalizada da autoridade»[11], que Ipu-uer trata ao mais alto nível por «senhor de tudo», título partilhado pelo rei e pelo demiurgo. É descrita uma época catastrófica em que a idade de ouro foi esquecida e substituída pela violência, a anarquia, o crime e o roubo. A hierarquia desapareceu e todos os valores foram invertidos. Os ritos deixaram de ser celebrados e deixaram de se fazer oferendas às divindades. As leis foram espezinhadas e os segredos traídos. No meio de uma crise de autoridade, o próprio palácio real estava em perigo. Contudo, no fim fica um raio de esperança porque haverá alguns resistentes aos infortúnios descritos, e que se fizerem renascer os verdadeiros valores permitirão que a esperança renasça. Mas para que a felicidade regresse é necessário que o rei esteja consciente dos seus deveres. Faz a denúncia das condições sociais e políticas de determinada época com um ar de resistência patriótica, numa tentativa de dar força a um rei aparentemente enfraquecido, mas sempre protegido pelos deuses. Acompanha-se uma organização do texto devidamente escalonada: primeiro o desespero perante a destruição e o caos de uma verdadeira revolução social, depois o desejo do regresso do equilíbrio perdido e, por fim, a visão de um futuro normalizado.

[11] R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe and Other Ancient Egyptian Poems*, p. 166.

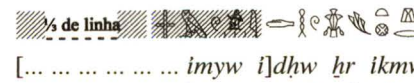
5.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada

[... ... ... *iryw*]-ꜥ*3w ḥr* [*ḏd*] *šm.n ḥ3ḳ n.n*
..... os guardiões da porta [disseram][1]:
«Vamos e pilhemos»[2];

bnrytyw [... ... ...]
os pasteleiros [deixaram de fabricar o pão][3];

*? n ḏd rḫtyw f3t 3tpw.f n*ꜥ[*??*... ... ...]
os lavadores [de minério] recusam-se[4] a transportar a sua carga. .....
.....[5]

[... ... ...] *grg 3pdw ṯs n.sn skw.*[*sn* ... ...]
..... os passarinheiros formaram companhias [para lutar][6]; .....
.....



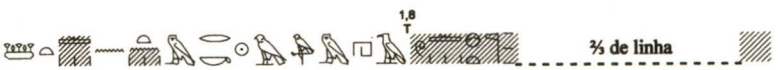
[... ... ... *imyw i*]*dḥw ḫr ikmw*
..... aqueles que estão dentro dos pântanos[7] andam com escudos;

ꜥ*tḫw* [... ... ...] *snm*
os cervejeiros [deixaram de fabricar a cerveja][8]; ..... está triste;

m33 s s3.f m ḫrwy.f
um homem olha o seu filho como um inimigo seu;

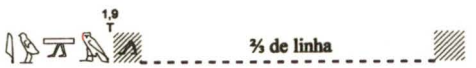
sh3 [... ... ...] *swt ky*
confunde-se[9].....contra outro,

mi ḫr ḫpš wpwt [... ... ...] *n3yw*
«Vinde com força!» é uma mensagem .....???[10]



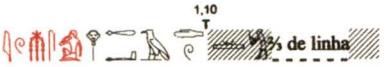
š3tw n.tn m rk ḫr m h3[*w psḏt* ... ...]
predestinadas para ti no tempo de Hórus, na era da Enéade; .....
.....

[*iw*] *šm nb ḳd m irtyw m-ᶜ ḫprwt m t3*
O homem virtuoso caminha com tristeza por causa das transformações no país[11].

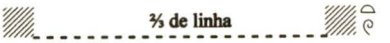


iw šm [... ... ...]
Agora que ..... caminha ..... .

[*iw*] *ḫ3styw ḫpr m rmṯw m st nb*
Os habitantes do deserto[12] transformaram-se em Egípcios em todo o lado.

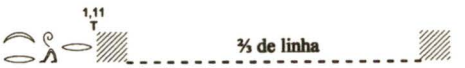


iw-ms ḥr ʿ3dw [... ...]
Na verdade[13], o rosto está pálido ... ...



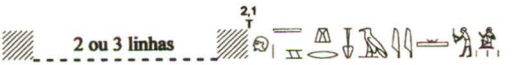
[... ... ...] *tw*
... esta .....[14].

srt.n tpw-ʿ
O que os antepassados predisseram



sprw r [... ... ...]
chegou até .....

iw-ms nn rww [... ... ...]
Na verdade, ninguém escapa .....



[... ... ...] *tp tȝ ḫr smȝyw*
..... sobre a terra cheia de quadrilhas;

šm s r skȝ mr m ikm.f
um homem vai lavrar ligado com o seu escudo.

iw-ms sfw ḥr ḏd sny[-ib.i ...]
Na verdade, aquele que é doce de rosto diz: «O meu coração sofre ……»;

[..... *spdw*] *ḥr.i m nty wn s*
…… pontiagudo de rosto[15] é o que existe no homem[16].

iw-ms ḥr ꜥ3dw pḏt grg
Na verdade, os rostos estão pálidos e o arqueiro está pronto.

ꜥḏ3w m st nbt nn s n sf
Os malfeitores estão por todo o lado e já não existe o homem de ontem[17]!

iw-ms ḫ3kw ḥr ḥꜥḏ3 m st nbt
Na verdade, o saqueador rouba em todo o lado;

b3k ḫry iṯt gmt.f
aquele que é servo apanha o que encontra.

iw-ms ḥꜥpy ḥr ḫwi n sk3.tw n.f
Na verdade, face à inundação[18] do Nilo[19] eles não trabalham para ela[20].

s nb ḥr [ḏd] n rḫ.n ḫprwt ḫt tȝ
Cada homem diz: «Nós não compreendemos o que aconteceu através do país.»

iw-ms ḥmwt wšr n iwr.n.tw
Na verdade, as mulheres estão estéreis e não conseguem engravidar;

n ḳd.n ḫnmw m-ˁ sḫrw tȝ
Khnum não fabrica mais[21] por causa do estado do país.

iw-ms šmȝw ḫpr m nbw špssw
Na verdade, os pobres tornaram-se senhores opulentos[22];

tm irit n.f tbwty m nb ˁḥˁw
aquele que não podia fazer para si próprio um par de sandálias possui (agora) todas as coisas.

iw-ms ḥmw iryw ib.sn snmw
Na verdade, os dependentes têm o seu coração triste;

n snsn.n wrw rmṯ.sn nhmw
os grandes já não confraternizam com o seu povo (quando) ele grita.

iw-ms [*ib*] *sḫm i3dwt ḫt t3*
Na verdade, a violência de coração é uma praga que está por todo o país,

snf m st nb(t)
o sangue está por todo o lado;

n nḳ3n n mwt wnḫyt ḥr ḏd
a morte não escasseia[23] e a mortalha fala[24]

n tkn im st
se não se aproximarem dela.

iw-ms mwt ʿš3 ḳrs m itrw
Na verdade, muitos mortos são sepultados no rio[25].

nwy m ḥ3t ḫpr is wʿbt m nwy
A inundação é uma sepultura; de facto, a inundação tornou-se uma tumba.

iw-ms špsw m nḫwt šw3w ḫr rš̈wt
Na verdade, os opulentos lamentam-se e os pobres[26] estão alegres.

niwt nb(t) ḥr [ḏd] im m dr.n ḳnw mm.n
Todas as cidades dizem: «Vamos eliminar[27] os poderosos de entre nós.»

iw-ms rmṯw mi gmtw sbw ḫt t3
Na verdade, a espécie humana é como as íbis negras[28], a imundice está por todo o país;

nn ms ḥḏ ḥbsw m p3 rk
de facto, ninguém se veste de branco nestes tempos.

iw-ms t3 ḥr msnḥ mi irt nḥp
Na verdade, a terra gira como uma roda de oleiro;

ʿw3y m nb ʿḥʿw [...] m ḥ3kw
o ladrão possui todas as riquezas, o [homem rico][29] é o saqueador.

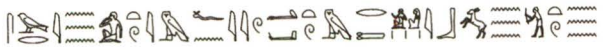
iw-ms kf3-ib mi [... ... ...]??
Na verdade, os homens honrados estão como .....;

nḏs ḥry iry.i m
O homem comum está aterrorizado: «O que posso fazer[30]?»

2,10 T

iw-ms itrw m snfw

Na verdade, o rio é sangue



swri.tw im.f nyw.tw m rmṯ ibi.tw mw

e bebem dele afastando-se da sua qualidade de homens, sedentos de água.

2,11 T

iw-ms sbḫt wḫ3w ḏriwt 3mm

Na verdade, as portas, as colunas e as paredes ardem;

ḏrwt n pr-nsw ʿnḫ wḏ3 snb mn rwd

(mas) as paredes[31] do palácio do rei, v. p. s.[32], estão firmes e duradouras.

iw-ms swh3 dpt rs{w}(y)

Na verdade, o barco do Sul naufragou[33];

ḫb3 niwt š̈m3w ḫpr m k3yt š̈wyw

as cidades foram destruídas e o Alto Egipto transformou-se numa terra alta seca.

2,12 T

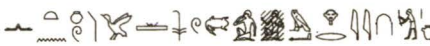
iw-ms msḫw ḥr b3fy p3w n iṯt.n.sn

Na verdade, os crocodilos estão saciados com o peixe[34] que têm capturado,

šm n.sn rmṯ ḏs iry ḥḏ pw n t3 tw
(pois) os homens vão a eles deles mesmo[35]. Isto é a destruição deste país!

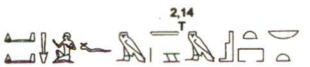
ḏd.tw m dg3s ꜥ3 mk sy šnw
Diz-se: «Não caminhes aqui. Vê, é uma armadilha[36]!

mk ḫnd.tw sḫt mi rmw
Vê, nós pisamos[37] a nassa como os peixes!»



n tnw sw snḏ m ḥry ib
O homem assustado não sabe o que diz por causa do terror no (seu) coração.

iw-ms rmṯ ꜥndw
Na verdade, os homens são poucos[38].



dd sn.f m t3 m st nbt
Aquele que atira o seu irmão por terra está por todo o lado;

mdw rḫw ḫt wꜥr.f n wḏfw
a palavra daquele (que) conhece as coisas foge sem demora[39].

iw-ms s3 s rḫ rn.f g3w sḫ3.f
Na verdade, ao filho de um homem conhecido faltará o reconhecimento do seu nome

ḫpr ms nbt.f m s3 ḥmt.f
e a criança da sua mulher tornar-se-á no filho da sua dependente.

iw-ms dšrt ḫt t3 sp3wt ḫb3
Na verdade, o deserto estende-se a todo o país[40], as províncias estão destruídas.

pḏt rwty iyt.ti n kmt
Os estrangeiros do exterior vêm[41] para o Egipto.

iw-ms spr [... ... ...]
Na verdade, [os estrangeiros][42] chegaram

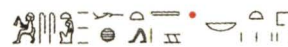
nn ms wn rmṯ m st nb(t)
e, de facto, não há pessoas em nenhum lugar.

iw-ms nbw ḫsbd ḥḏ mfk3t
Na verdade, o ouro, o lápis-lazúli, a prata, a turquesa[43],

ḥmɜgt ḥsmn ibht [... ... ...] *nbw*
a cornalina, a ametista[44], a pedra *ibehet* e todas .....[45]

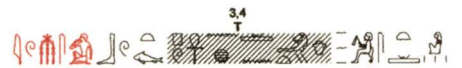
3,3
T

mnḫw r ḫḫw n ḥmtw
estão atadas com cordas ao pescoço das dependentes,



špsswt ḫt tɜ nbwt prw ḥr ḏd
(enquanto) as grandes damas erram pelo país. As donas de casa dizem:

ḥɜ n.n wnmw.ti n.n
«Pudéssemos nós ter alguma coisa para comer!»

3,4
T


iw-ms bwt pw ꜥnḫ n ḥɜtyw špswt
Na verdade, a vida é uma abominação para os corações das grandes damas,

ḥꜥw.sn snmw m isywt
os seus corpos são dignos de pena nos andrajos,

ibw.sn btkw ḥr nḏ ḫrt.sn [...]
os seus corações cedem por causa da sua condição[46] .....

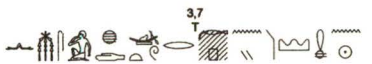
iw-ms gmgm hnw nw ḥbny
Na verdade, as caixas de ébano foram quebradas[47],

ssnḏmw šps sw3.tw.f m 3twt
as madeiras preciosas e magníficas foram partidas em camas

[... ... ...]*??* [... ...].*sn*
.....??.....delas.

iw-ms ḳdw mrw ḫpr m ḥwtyw
Na verdade, os construtores de pirâmides transformam-se em lavradores.

wnw m dpt nṯr nḥbw [...]
Aqueles que estão na barca sagrada estão oprimidos[48] ...



n ms ḥd.tw r kpny min
Nos dias de hoje não se pode navegar para Kepny[49].

pw-tri iri.ti.n r ꜥšw n sꜥḥw.n
Agora[50], como faremos para (obter) a madeira de cedro para as nossas múmias,

ḳrs.tw wꜥbw m inw.sn
com que produtos os sacerdotes puros os enterram

sdwḫ.tw wrw m sft iry r-mn-m kftyw
e com que óleos embalsamarão os grandes se eles vêm de tão longe quanto Keftiu[51]?

n ii.n.sn ḥḏi nbw
Eles não virão mais: o ouro foi destruído

ḳn [...] *inyt nt kꜣwt nb(t)*
e acabaram-se os materiais para todos os trabalhos.

kfw.n.t[*w*] *ḫt pr-nsw ꜥnḫ wḏꜣ snb*
Pilharam[52] os bens do palácio real, v. p. s.

wryw iw wḥꜣtyw ḫr ḥbyt.sn
Como é grande[53] quando os oasianos vêm com as suas oferendas para os festivais[54]:

tmꜣyw mskꜣw m rdmt wꜣḏ
esteiras de junco e peles (de animais), juntamente com plantas *redemet*[55] verdes

3,10 T

sgnnw nw ȝpdw
e gordura de aves[56]

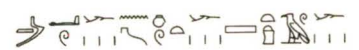
r ib irw ḥȝwt
por[57] (terem) consciência de que criavam a riqueza[58].

iw-ms ȝbw ṯny itrt šmˁt
Na verdade, Abu e Tjni[59], a autoridade do Alto Egipto[60],

3,11 T

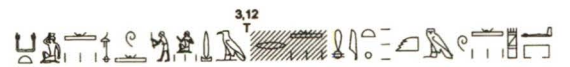
n bȝk n ḥȝˁyt
não pagavam por causa da revolta.

ḥḏi wˁḥw ḏˁbt irtyw
Estão destruídas as vagens de alfarroba, o carvão de lenha, os frutos *irtiu*[61],



mȝˁw nwt štȝw
a madeira *maau*, a madeira *nut* e a madeira de arbustos[62]

3,12 T



kȝt ḫmw ḏȝrw mitw kmw ˁḥ
(para) o trabalho dos artífices[63]. A necessidade[64] põe fim[65] ao palácio.

iw pr-ḥḏ r-m m-ḫmt bȝkw.f
Para que serve uma casa do tesouro sem as suas receitas[66]?

nfr is ib n nsw iw n.f mȝᶜwt
Feliz fica o coração do rei quando vêm até ele os presentes[67]!

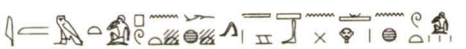
3,13

ḫr is ḏd ḫȝst nb mw.n pw wḏȝ.n pw
Então cada país estrangeiro poderá dizer: «Ele é a nossa água[68]! Ele é a nossa prosperidade!»

pw-tri iri.tn r swȝw r ȝḳw
(Mas) o que podeis fazer acerca disto, se tudo está em ruínas?

3,14

iw-ms sbit ȝḳw nn iri.tw.f
Na verdade, (até) o riso está (uma) ruína! Não o fazemos mais.



imt pw ntt ḫt tȝ šbn ḫr nḫwt
Só há gemidos espalhados pelo país, misturados com lamentações.

iw-ms iwty nb m nty wn
Na verdade, aquele que nada possuía (agora) é possuidor;

wnw m rmṯ [ḫpr m] kȝwy di.tw ḥr wȝt
aqueles que eram egípcios tornaram-se estrangeiros e fizeram com que se pusessem a caminho.

iw-ms šnwy šrr n ḥr nb
Na verdade, o cabelo diminuiu sobre todos[69];

n tni.n.tw sȝ s r iwty.n.f sw
não se distingue mais o filho de um homem (de bem) do daquele que não era nada.

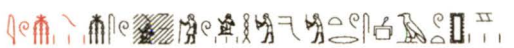
iw-ms idi.n.sn ḥr ḫrw
Na verdade, eles ficaram surdos por causa do barulho.

n ʿḳȝ ḫrw m rnpwt nt ḫrw
Nenhuma voz pode ser justa nos anos de barulho.

nn pḥwy n ḫrw
Não há fim para o barulho!

iw-ms wr šri [ḥr ḏd] mr.i mt.i
Na verdade, grandes e pequenos[70] dizem[71]: «Eu desejo a minha morte»;

ḫrdw ktt ḥr [ḏd] tmw sw r rdt ꜥnḫ
as criancinhas dizem: «Ele[72] nunca (me) devia ter dado a vida».



iw-ms msw wrw ḫwi.tw r s3wt
Na verdade, as crianças dos grandes[73] foram atiradas contra as paredes;

ḫrdw nw nḥbt di.[t]w ḥr ḳ3n-r t3
as crianças de pescoço foram postas nas terras altas[74].

iw-ms wnw m wꜥbt di.tw ḥr ḳ3n-r t3
Na verdade, os que estavam nos locais de purificação[75] foram abandonados nas terras altas;

sšt3w pw n wtw ḥr sḫrw ḥr.f
os segredos dos embalsamadores caíram por causa disso.

iw-ms nf3y 3ḳw m33 sf
Na verdade, aquilo que víamos ontem está arruinado[76];

t3 spw n gfnw.f
a terra está abandonada à sua debilidade,

mi wḥ3t mḥyw
como o linho quando é cortado.

iw-ms idḥw r-ḏr.f nn dg3y.tw.f
Na verdade, não se pode ocultar todo o Delta[77],

mḥ-ib n t3 mḥw m mtnw ḫwi
a segura[78] terra do Baixo Egipto está (cheia) de caminhos que (os invasores) podem percorrer.

pw-tri nty tw r irt n ḫpr wꜥrt m st nbt
«Na realidade, o que podemos fazer? A fuga tornou-se impossível em todo o lado!»

ḫr.tw ḏd.tw w3t r st št3w
e continuam a dizer[79]: «O caminho para o lugar dos segredos,

mk sw m-ꜥ ḫmw sw mi rḫw sw
vejam, tanto está na posse daqueles que o ignoram[80] como na posse dos que o conhecem!»

ḫ3styw ḫmw m k3t idḥw
Os estrangeiros estão peritos nos trabalhos (das terras pantanosas) do Delta.

iw-ms di.tw ḫnmw ḥr bnwyt
Na verdade, os servidores são postos a moer os cereais

ḥbsy pȝḳt ḫwi.tw m ḏȝit
e aqueles que vestem linho fino são espancados como malfeitores;

tmy mȝȝ hrw pri n ḫsf
Aqueles que não vêem o dia saem sem restrições.

wnyw ḥr ḫnkyt nt h{ȝ}iw.sn
Aquelas que estão na cama dos seus maridos

im m sḏr.sn ḥr šdw wḥmw
deixam-nas dormir em tábuas continuadamente![81]

ḏd.i iw.f dns r.i r šdw ḫry ꜥntyw
Se eu digo[82]: «É pesado para mim, por causa das pranchas carregadas de mirra,

iwh st ḫry ꜥnḏw mḥ ḫr šrt
carregar isso e os jarros cheios de grãos.»

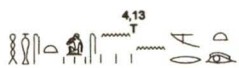
im m rḫ.sn ḳniw
Assim, elas[83] não conhecerão o palanquim

ḥr wbȝw ḥḏ sw
e o camareiro faltar-lhes-á.

nfr pw pḥrt iry
Não[84] há remédio para isto!

snni n.sn špswt mi bȝkwt
As grandes damas sofrem como as dependentes.

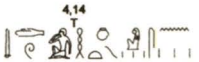
ḫn{y}wt m mi ꜥtw m-ḫnw nȝtw
As mulheres músicas[85] estão nos quartos no interior das salas de tecelagem[86]



ḥsit.sn n mrt m irtyw
e o que elas cantavam para Meret[87] passaram a ser cantos fúnebres.

sḏdw [... ... ... *ḥr*] *bnwyt*
Os que narravam ..... estão a moer cereais.

iw-ms ḥmwt nbt sḫm rw.sn
Na verdade, todas as dependentes têm poder com o que sai das suas bocas;



mdw ḥnwt.sn
quando as suas senhoras falam

dns pw r bꜣkw
é fastidioso para as dependentes.

iw-ms nhwt ski gnw wnw
Na verdade, as árvores estão destruídas e os (seus) ramos desnudados,

iwd.n.i sw ḥmw n pr.f
(pois) os dependentes separam-se da sua casa[88].

iw rmṯ r ḏd sḏm.sn st
As pessoas dirão quando ouvirem isto:

ḥḏi fḳꜣw n ḫꜣw n ḫrdw
«As recompensas de abundância para as crianças estão destruídas».

nn kȝw nḳᶜwt šbnw
(Já) não há comida misturada com figos entalhados de sicómoro[89].

iw min dpt iry mi m min
Agora, qual é o sabor disso hoje?

iw-ms wrw ḥḳrw ḥr swn
Na verdade, os grandes têm fome e estão desolados

šms.tw šmswt st [... ... ...] ḥr nḫwt
(enquanto) servem os seus servidores. ... ... por causa das lamentações.

iw-ms tȝw ḥr ḏd
Na verdade, o homem de cabeça quente diz:

ir siȝ.i rḫ n.i nṯr tn
«Se a minha percepção me fizesse saber onde o deus está,

kȝ iry.i n.f
então eu agiria por ele!»

iw-ms m3ʿt ḫt t3 m rn.st pwy
Na verdade, o bem está por todo o país só em seu nome,

iw isft pw irr.sn ḥr grg ḥr st
pois o que eles fazem é o mal que eles (próprios) estabeleceram[90].

iw-ms sḫsw ʿḥ3 ḥr n ḫnwt.f
Na verdade, o combatente corre pelos seus bens;

ʿw3yt iṯt.tw ḫt.f nbt
o ladrão tem todas as suas coisas tomadas.

iw-ms ʿwt nbt ib.sn rmw
Na verdade, todos os animais têm os seus corações a chorar;

mnmnt ḥr imt m sḫrw t3
o gado geme por causa do estado do país.

iw-ms msw wrw ḥwi{t}.tw r s3wt
Na verdade, as crianças dos grandes foram atiradas contra as paredes;

ḫrdw nw nḥ[b]t di.tw ḥr ḫ3n-r t3
as crianças de colo foram abandonadas nas terras altas[91].

ḫnmw ḥr imt ḥr wrdw.f
Khnum lamenta-se porque está cansado[92].

iw-ms šʿd sm3.st
Na verdade, o terror[93] mata!

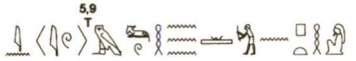
snḏw ḥr ḫsf irw r ḫftyw.tn
O homem temeroso opõe-se: ajam contra os vossos inimigos.

iw grt ʿndw twt tw wḏ3w ḥr nty ktw
Agora, os homens pequenos[94] usam poucas imagens divinas e amuletos.

in iw m šms n ḫnty ḫnʿ wdʿ.f
Está a servir Khenti e o homem que ele despedaçou?

in iw m rḫs n m3yw 3šr n sḏt
Está a matar em grande número para o Leão, queimando no fogo[95]?

5,9 T

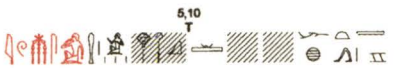


in [*iw*] *m iwḥ n ptḥ*
Está a molhar para Ptah?

iṯt inyt dd.tn n.f ḥr-m
Os materiais foram aceites[96]. Porque razão vós dais para ele?

n pḥ sw ind is pw dd.tn n.f
A miséria não o consegue alcançar com o que vós fazeis por ele?

5,10 T

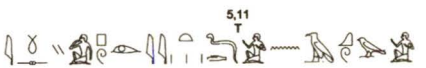


iw-ms ḥmw ḥr ḥḳ3 [... ...] *ḥt t3*
Na verdade, os servidores governam ... ... por todo o país.

nḫt ḥr h3b n bw nbw
O poderoso envia (a sua mensagem) para todo o lado.

ḥw s sn.f n mwt.f
Um homem espanca o seu irmão da sua mãe.

5,11 T



išsy pw irywt ḏd.i n 3ḳw
O que é que foi feito[97]? Eu digo que foi o sofrimento!

iw-ms w3wt ḫwiw mtnw s3w
Na verdade, os caminhos estão vigiados e as estradas guardadas.

ḥms.tw ḥr b3wt r iit.tw ḫ3wy
Sentam-se nos arbustos até que venha o viajante nocturno,

5,12
T

r iṯt 3tpw.f
de modo a apanhar-lhe a sua carga.

nḥmw nty ḥr.f ḫnmw m sḫt nt ḫt
O que ele carrega é roubado, ele é espancado com golpes de pau

ḫdbw m nfw
e morto injustamente.

5,13
T

iw-ms nf3y 3ḳw m33 sf
Na verdade, aquilo que víamos ontem está arruinado[98];

t3 spw n gnwt.f
a terra está abandonada à sua debilidade,

mi whȝw mḥyw
como o linho quando é cortado.

nḏsw pryw nmtywt ḫr swnw
Os homens de baixo nível saem e movimentam-se[99] por causa da aflição.

nbyw [... ...] *nw* [...]
Os ourives ... ... isto ... ...

ḥȝ rf grḥ pw m rmṯ n iwr n msit
Oxalá isto possa ser o fim da espécie humana, não se conceberá mais, nem se nascerá!

iḫ gr tȝ m ḫrw nn ḫnw
Então, a terra em barulho silenciar-se-á e não haverá mais distúrbios[100].

iw-ms [*wnm.tw*] *m smw*
Na verdade, comem-se[101] pastos,

sʿmw.tw m mw
que se ingerem com água,

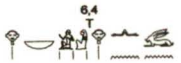
n gmi.n.tw ḳɜɜyw smw ɜpdw
pois não se encontram mais grãos, vegetais ou aves.

nḥm.tw pryt m r n ꞩɜiw
Roubam-se (até) os frutos da boca dos porcos;

n ḥr [ḏd.tw] ꜥn n.k st r.i ḥr ḥḳrw
não se dirá mais: «Isto é mais agradável para ti do que para mim», por causa da fome.

iw-ms it ɜḳw ḥr wɜwt nb(t)
Na verdade, os cereais foram destruídos por todo o lado;

sḫɜw m ḥbsw ḫsɜyt m mrḥt
despidos da (sua) roupagem e de grãos com óleo.



ḥr nbw ḥr [ḏd] nn wn
E todos dizem: «Não há nada».

wḏɜw fk sɜw.f pd r tɜ
Os armazéns estão vazios e os seus guardas estão estendidos no chão.

m smw m rwd pw n ib.i
Será isto uma forte ajuda para o meu coração?

iw.i ḏr r-sy
Eu estou completamente acabado.

ḥ3 rf iri.n.i ḫrw.i m t3y 3t
Pudesse eu levantar a minha voz neste momento

nḥm.f wi m-ˁ wḥdt.i irwt im st
e isso salvar-me-ia do sofrimento que faz ali isto.

iw-ms ḫnrt ḏsr šdi sšw.f
Na verdade, a câmara sagrada foi privada dos seus escritos

sḫ3w st št3w wnt
e o lugar dos segredos foi revelado[102].

iw-ms ḫk3w sḫ3w
Na verdade, as fórmulas mágicas foram reveladas;

šmw sḫnw snḥ3 tw ḥr sḫ3 st in rmṯ
presságios e encantamentos[103] tornaram-se ineficazes por serem repetidas pelo povo[104].

iw-ms wn ḫ3[w] šdi wpt.sn
Na verdade, os escritórios foram abertos, os seus inventários foram levados

ḫpr rmṯ ḏt m nb ḏt
e as pessoas que eram servos tornaram-se senhores de servos.

iw-ms sšw sm3.tw šdi sšw.sn
Na verdade, os escribas são mortos e os seus escritos levados.

bin wy n.i n indw m rk iry
Ah, como foi má para mim a miséria desta época!

iw-ms sšw nw tm3 ḏrw sšw.sn
Na verdade, aos escribas dos cadastros[105] destroem-lhes os escritos;

ʿnḫt n[t] kmt m h3y.i int n.i
os grãos da vida do Egipto são agora: «eu desço e ele é-me trazido[106]».

6,10 T

iw-ms ḥpw nw ḫnrt dw r-ḫnty

Na verdade, as leis da câmara do conselho[107] são deitadas fora

šm.tw ms ḥr.s m iwwyt

e, de facto, caminham sobre elas nos lugares públicos;

6,11 T

ḥwrw ḥr ng3t im m-ḫnw mrwt

os miseráveis partem isso no interior das ruas[108].

iw-ms ḥwr spr r ꜥ psḏt

Na verdade, o miserável atinge o braço da Enéade;

sḥ3w sšmw pf mꜥb3yt

o procedimento da «Casa dos Trinta»[109] foi revelado.

6,12 T

iw-ms ḫnrt wr m pri h3i.f

Na verdade, a «Câmara do Grande Conselho» está com (gente) que vai e vem[110]

ḥwrw ḥr šmt iyt m ḥwt-wryt

e os miseráveis vão e vêm das «Grandes Casas».

6,13 T

iw-ms msw wrw ḫ3ᶜ m mrwt

Na verdade, as crianças dos grandes são atiradas para as ruas;

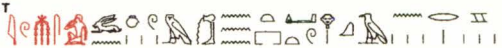
rḫ ḥr [ḏd] tyw wḫ3 ḥr [ḏd] m bi3w

o sábio diz «É assim!», o ignorante diz «Não é!»

nty n rḫ.f sy ᶜn m ḥr.f

e aquilo de ele não saber nada é agradável para ele.

6,14 T



iw-ms wnw m wᶜbt di.tw ḥr ḳ3n-r t3

Na verdade, aqueles que estavam nos locais de embalsamamento foram abandonados nas terras altas;

sšt3w pw n wtw ḥr sḫrw ḥr.f

os segredos dos embalsamadores caíram por causa disso[111].

7,1 T

mtn is ḫt w3w.ti r ḳ3i

Olhem, de facto o fogo há muito que se eleva,

pri wbdt.s r ḫftyw t3

ele arde erguendo-se contra os inimigos do país.

mtn is iri ḫt n pȝ ḫpr wȝw

Olhem, de facto foram feitas coisas que nunca tinham acontecido antes:

šdi nsw in ḥwrw

o rei foi roubado por miseráveis[112].

mtn ḳrs m bik{w} m šfdywt

Olhem, aquele que foi enterrado como um falcão[113] está (agora) num féretro de madeira[114];

iw imnt.n mr šwt

o que a pirâmide ocultava está vazio.

mtn is ḫrw-r sšwȝw tȝ m nswyt

Olhem, de facto, além disso, o país foi privado da realeza,

in nhy n rmṯ ḫmw sḫrw

por alguns homens que ignoram conselhos.

mtn is wȝ r sbiw ḫr iʿrʿt

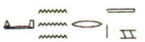
Olhem, de facto, aventuraram-se a cair em rebelião contra a *iaret*[115],

nḫt nt rᶜ shr tɜwy
o poder de Ré que pacifica as Duas Terras.

mtn sštɜw n tɜ ḫmm ḏrw.f sḥɜw
Olhem, os segredos do país, cujos limites são desconhecidos, foram divulgados;

ḫny whn.n.f n wnwt
a residência real[116] foi derrubada num momento.

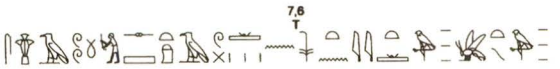
mtn kmt wɜ.ti r stt mw
Olhem, o Egipto pôs-se a verter água;



di mw r tɜ
aquele que deitava água na terra

iṯt.n.f nḫt ᶜ m mɜirw
conduziu o poderoso à miséria[117].

mtn šdw ḳrḥt m tpht.s
Olhem, o espírito da serpente[118] foi tirado do seu covil;



sḫ3w sš t3w n nsyt bit
os segredos dos reis do Alto e do Baixo Egipto foram desvendados.

mtn ḫnw ḥr snḏt m g3wt
Olhem, a residência real tem medo da miséria

nb tw rwd ḥ3ʿyt nn ḫsf-ʿ
e o senhor[119] lutará firmemente sem oposição.

mtn t3 ṯs n.f ḥr sm3yw
Olhem, o país está em dificuldades sob o domínio de quadrilhas;

ḳn ḥsy ḥr nḥmw ḫt.f
ao homem corajoso, o cobarde roubou as suas propriedades.

mtn ḳrḥt ḥr mw mi nnyw
Olhem, o espírito da serpente está na água como os mortos;

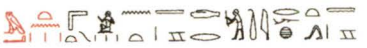
tm iri n.f ḏb3t m nb ḥ3t
aquele que nem um sarcófago podia fazer (agora) é senhor de um túmulo.

mtn nbw wᶜbt dr ḥr ḳ3n-r t3
Olhem, os senhores dos lugares de embalsamamento foram expulsos para as terras altas;

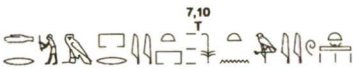
tm iri n.f ḳrs m nb pr-ḥḏ
aquele que nem um caixão podia fazer (agora) é senhor de um tesouro.

mtn is n3 ḫprw rmṯ
Olhem, de facto, para as transformações do povo!

tmw ḳd.n.f ᶜt m nb(t) ḏriwt
Aquele que não podia construir uma (simples) sala tem (agora) todas as paredes.



mtn ḳnbt nt t3 dr.ti r-ḫt t3
Olhem, os tribunais do país foram reprimidos em todo o país;



dr m prywt nsywt
aquele que (antes) era reprimido (agora) está nas casas reais.

mtn špswt ḥr šdw wrw m šnᶜ
Olhem, as grandes damas estão em jangadas e os grandes senhores estão no armazém[120].

tm sḏr ḥr ḏrit m nb ḥnkyt
Aquele que nem num quarto podia dormir (agora) é senhor de uma cama.

mtn nb ḫt sḏr ibi
Olhem, um senhor de posses passa a noite sequioso;

dbḥ n.f tȝḥw.f m nb sḫrw
aquele que pedia restos para si (agora) é um senhor de taças a transbordar.

mtn nbw ḏȝywt m isywt
Olhem, os senhores de túnica (agora andam) com farrapos;

tm sḫt n.f m nb pȝḳt
aquele que não podia tecer para si (agora) é senhor de linho fino.

mtn tm mḏḥw n.f imw
Olhem, aquele que não podia construir para si próprio um barco

m nb ꜥḥꜥw
(agora) é senhor de barcos;

nbt iry ḥr gmḥ st nn st m-ᶜf
os senhores disso olham para isto e isto não está na sua mão.

7,13 T

mtn iwty šwyt.{tw.}f m nb šwyt
Olhem, aquele que não tinha a sua sombra[121] (agora) é senhor de uma sombra;

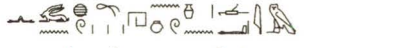
nbw šwyt m wḫ3 n ḏᶜw
os senhores da sombra estão na rajada de vento da tempestade.

mtn ḫm ḏ3ḏ3t m nb bnt
Olhem, aquele que ignorava a lira (agora) é senhor de uma harpa;

7,14 T

tm ḥsy n.f ḥr swhi mrt
aquele que não cantava para si próprio (agora) exalta Meret[122].

mtn nbw wḏḥw m ḫmt
Olhem, os senhores que tinham jarras de oferendas de cobre[123],



n wnḫw ḥnw n wᶜ im
(agora) nenhuma jarra está adornada para um único deles.

8,1 T

mtn sḏr ḫ3ry m g3w [g]m.f špss

Olhem, aquele que dormia sem mulher porque não tinha, encontrou a abundância;

tm n.f m33 ʿḥʿ ḥr swdn

aquele que não era visto levanta-se porque (agora) está pesado[124].

mtn iwty ḫt.f m nb ʿḥʿw

Olhem, aquele que não tinha bens (agora) é senhor de riquezas

8,2 T

wr ḥsy.tw.f

e o grande favorece-o.

mtn šw3w nw t3 ḫpr m ḫwdw

Olhem, os pobres de terra tornaram-se ricos

ḫt m iwty n.f

e o senhor com posses (tornou-se) naquele que não tem nada.

8,3 T

mtn wdpww ḫpr m nbw wb3w

Olhem, os cozinheiros tornaram-se senhores dos copeiros;

wn m wpwty ḥr h3b ky
aquele que era um mensageiro (agora) manda outro.

mtn iwty pˁt.f m nb mḫr ḥnnt
Olhem, aquele que não tinha pão (agora) é senhor de um celeiro;

8,4
T

šnˁ.f m ḫwt ky
o seu armazém[125] está cheio dos bens de outro.

mtn wšw šny iwty mrḥt.f
Olhem, aquele a quem cairam os cabelos e que não tinha o seu óleo

ḫpr m nb ḫbbt ˁntyw nḏm
tornou-se senhor de jarros de mirra doce.

8,5
T

mtn iwtt m pdsw.s m nbt 3tp
Olhem, aquela que não tinha uma caixa (agora) é senhora de um cofre[126];

gmḥt ḥr.s m nw m nbt ˁnḫ
aquela que via o seu rosto na água (agora) é senhora de um espelho[127].

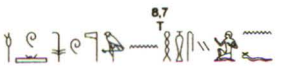
mtn isḫ mtn
Olhem, de facto olhem[128]!

nfr s ḥr wnmw kꜣw.f
Um homem é feliz quando come a sua comida:

snm ḫt.k m ꜣw-ib
«Consome o teu bem alegremente

nn n.k ḥnḥn r.k
e sem entraves!»

ꜣḫw pw n s wnmw kꜣw.f
É excelente quando um homem come a sua comida:



wḏ sw nṯr n ḥsy n.f
o deus ordena-o para aquele que o glorifica.

meia linha em branco

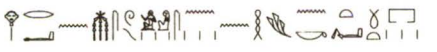
[... ... ...]
.....

[*mtn is ḫm*] *nṯr.f ḥr wdnw n.f*
Olhem[129], de facto, aquele que ignorava o seu deus (agora) faz-lhe oferendas,

m snṯr n ky
com incenso de outro

n rḫ.n.f
e sem o seu conhecimento.

mtn špswt wrywt nbt špssw
Olhem, as mulheres ricas e as grandes damas, senhoras de grandes riquezas,



ḥr rdi n msw.sn n ḥnkt
dão as suas crianças por uma cama.

mtn is s [... ... ...] *špst m ḥmt*
Olhem, de facto, um homem .....[130] uma grande dama como esposa,

nḫw.n sw it.s iwty ḥr sm3.f
o pai dela protegia-o (agora) aquele que não tem é a causa da morte dele[131].

mtn msw ḳnbt m is[ywt]
Olhem, as crianças dos magistrados estão em andrajos.

[... ... ... *bḥs*] *nw ḥtw.sn n ḥ3ḳyw*
Os bezerros das suas vacas[132] ..... para os ladrões.

mtn nsyw ḥr ḳnḳn m k3w
Olhem, os dependentes reais espancam os touros

m3i[r ḫpr m ḥ3]ḳwy
e os miseráveis tornam-se ladrões.

mtn ṯm sft n.f ḥr sft wnḏw
Olhem, aquele que nunca abateu (gado) para si (agora) mata touros[133];

ḫm ḥn ḥr m3[3 stpt m sḫrw] nb
aquele que nunca controlou a boca, contempla (agora) todo o tipo de alimentos escolhidos.

mtn nsyw ḥr ḳnḳn m rw
Olhem, os dependentes reais matam gansos

ddwt nṯrw r ḏbȝw iwȝw
e dão-nos aos deuses em recompensa dos touros de cornos largos[134].

mtn ḥmwt [... ...] *ḥr wdnw ȝpḥw*
Olhem, as dependentes ..... de oferendar aves[135];

špswt iry [... ... ...]
as grandes damas ....[136]

mtn špswt ḥr sḫs[*ḥ*] *m rwwt wᶜt*
Olhem, as grandes damas estão a fugir de uma partida só;

[*ibw*].*sn pṯḥw m snḍ n mt*
os seus corações lançam-se ao chão com medo da morte.

[*mtn*] *ḥrw nt tȝ ḥr sḫs*
Olhem, os chefes do país[137] fogem;

nn ḥnt.n.sn m-ᶜ gȝwt nb ḥs[*wt*]
eles não têm ocupação porque lhes falta um senhor que os elogie.

[*mtn*] *nbw ḥnkwt ḥr sʒtw*
Olhem, os senhores que tinham camas (agora) estão no chão;

sḏr btkw r.f m ʒdt n.f šdw
aquele que passava a noite na imundice, pois (agora) prepararam-lhe um tapete de pele.

mtn špswt wʒww r ḥḳrw
Olhem, as grandes damas caem na fome;

nsyw sʒit m irit.n.sn
os dependentes reais estão saciados com o que foi preparado para elas.

mtn iʒwt nbt nn st r st.s{t}
Olhem, nenhuma função está no seu lugar[138],

mi idr tnbḥ nn mniw.f
como uma manada dispersa sem o seu vaqueiro.

mtn kʒw m wḏyw nn nwyw st
Olhem, os touros[139] desencaminham-se sem ninguém que cuide deles;

s nb ḥr iniwt n.f ȝbw m rn.f
cada homem agarra (os touros) para si e marca-o a fogo com o seu nome.

mtn smȝw.tw s r-gs sn.f
Olhem, um homem é morto ao lado do seu irmão;

iw.f ḥr hȝi isk sw r mkt ḥʿw.f
ele cai enquanto[140] ele [o irmão] protege o seu corpo.

mtn iwty ḥtr.f m nb m idr
Olhem, aquele que não tinha uma junta de bois sua (agora) é senhor de uma manada;

tm gmi n.f skȝ m nb mnmn(t)
aquele que não encontrava por si próprio bois para lavrar (agora) é senhor de gado.

mtn iwty prt.f m nb šnwwt
Olhem, aquele que não tinha grãos seus (agora) é senhor de celeiros;

ini n.f ṯȝbt m dd pri st
aquele que tinha que ir buscar grãos (agora) garante a sua saída.

mtn iwty sȝḫw.f m nb mrt
Olhem, aquele que não tinha dependentes (agora) é senhor de servos;

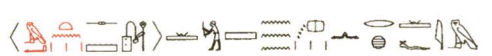
wn [wr] m irr.f wpwt ḏs.f
aquele que era um grande (agora) ele próprio faz as suas mensagens.

mtn ḳnw nw tȝ n smi[.n.sn]
Olhem, os homens poderosos da terra não são mais informados

ḫrw n rḫyt wȝw r ȝḳw
do estado[141] das pessoas comuns caídas em ruína!

mtn ḥmw nb n bȝkw.sn
Olhem, todos os artesãos, eles estão sem trabalhar;

sšwȝw ḫftyw tȝ ḥmwt.f
os inimigos do país esvaziaram-no de trabalho artesanal.

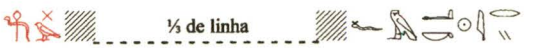


[*mtn sš*] *šmw n rḫ.f im*
Olhem, aquele que fazia os registos da colheita (agora) não sabe nada disso;

tm [*sk3 n.f* ... ...]
aquele que não podia trabalhar para si próprio ... ...

[... ... ...] *ḥr ḫpr n smi.n.tw.f*
..... acontece, mas já não pode ser anunciada.

sš [*b3giw*] *ʿwy.fy m ḫnw.f*
O escriba, com os seus braços inertes, está em sua casa.



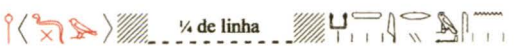
ḥḏi [... ... ...].*f m rk iry*
Destruído está[142] ... ... seu ... ... naquele tempo.

m33 s [*n sn.f mi*] *ḏ3yw.f*
Um homem vê o seu irmão como seu inimigo;

fn ḥr int ḳbḥ [*ḥr t3w* ... ...]
o homem fraco traz a calma em vez da cólera ... ...

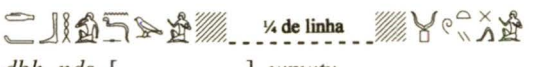
[ʿ*rr*]*yt snḏw n* [... ... ...]
a porta do medo, não ... ...

iw ḫwrw [... ... ...] *n tȝ ḥd.s ḫr.s*
os pobres ... ... e a terra não se ilumina por causa disso.

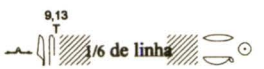


ḥḏi [... ... ...] *kȝw iry m-ᶜ.sn*
Destruído está ... ... a comida deles

[... ... ...] *snḏ n ḫryt.f*
... ... medo do seu terror;



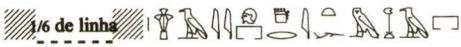
dbḥ nḏs [... ... ...] *wpwty*
o homem comum pergunta ... ... um mensageiro.



n is [... ... ...] *rk*
Este não é ... ... o momento.

itt.tw.f ȝtp m ḫt.f
Apoderam-se dele carregado com os seus bens,

nḥmw [... ... ... *swȝ*].*tw ḫr sbȝ.f*
apropriam-se ... ... passa-se à sua porta.



[... ... ...] *? ḥ3y ḏrit m ḫ3*
... ... ? do lado de fora dos muros da oficina

ʿ*wt ḫry bikw nrwt*
são as habitações quem têm falcões[143] e abutres

[... ... *sšs*]*p*
... ... fazer brilhar.

in nḏs rs.f t3 ḥḏ ḥr.f nn ḥryt.tw.f
O homem comum está vigilante? O dia nascerá sobre ele sem ele ter medo disso.

sḫs.tw ḥr m3ʿw
Eles correm pelas margens,

ḫnkw m wryt t3yt m ḫnw
encharcando a roupa que é uma mortalha dentro de casa[144];

im3ww pw ir(*w*).*n.sn mi ḫ3styw*
eles fazem tendas como os estrangeiros[145].

ḥḏt irt ḥ3b.tw ḥr.s in šmsw
Destruí o envio[146] de mensagens pelos servidores

m wpwtw nbw.sn nn ḥryt.sn
fiéis aos seus senhores, sem medo.

mk s 5 pw ḏd.sn ḏd.sn
Olha, há um homem num grupo de cinco e eles falam. Eles dizem-lhe:

šmw ḥr w3t rḫ.n.tn iw.n spr.wyn
«Vai pela estrada que tu conheces, nós chegámos».

rmy r.f t3-mḥw
O Baixo Egipto chora.

šnᶜ n nsw ḥ3y.i in.tw n.i n bw nbw
No armazém do rei – eu acedo e eu trago – é tudo para todos.

iw pr-nsw ᶜnḫ wḏ3 snb
A casa real, v. p. s.,

r-ḏr.s ḫmt bȝkw.f
na sua totalidade[147] desconhece os seus rendimentos.

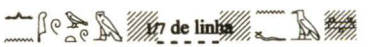
ntf it bty ȝpdw rmw
Pertencem-lhe a cevada e o trigo, as aves e os peixes;

ntf ḥḏt pȝḳt ḫmt mrḥt
pertencem-lhe as roupas brancas de linho e o linho fino, o cobre e o óleo.

ntf psš(t) ḳn sšnw ḳniw
pertencem-lhe os tapetes e as esteiras, os lótus[148] e os fardos[149],

bȝkw nb nfr iy.f irw irw
todos os bons produtos que ele produzia[150].

ḏfȝw skt st m pr-nsw ꜥnḫ wḏȝ snb
Se o aprovisionamento foi destruído[151] na casa real, v. p. s.,



nn šw.tw m [... ...] *nfȝ*
sem estar vazio de ... ... este.

ḥḍi ḫftyw nw ḫnw špst
Destruí os inimigos desta magnífica residência real

sbḳ ḳnbt
com um esplêndido corpo de magistrados

[... ... ...] *im.f mi* [... ... ...]
... ... com ele como … ... ...

šmw ms (i)m(y)-r niwt nn sˁšȝ n.f
Aquele que dirige a cidade passeia sem uma escolta para si.

ḥḍ[*i ḫftyw nw ḫnw špst*]
Destruí[152] os inimigos desta magnífica residência real

sbḳ [... ...]
com esplêndidos ... ...

[*ḥḍi ḫftyw nw*] *ḫnw pf špst*
Destruí os inimigos desta magnífica residência real

ꜥš3 *hpw* [... ... ...]
com numerosas leis ... ...

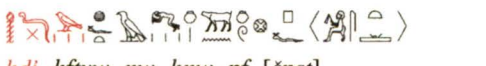
10,9

? [... ... ...]
? ... ...

10,10

[*ḥdi ḫftyw nw ẖnw*] *pf šps*[*t*]
Destruí os inimigos desta magnífica residência real

[... ... ...] *?*
... ... ?



ḥdi ḫftyw nw ẖnw pf [*špst*]
Destruí os inimigos desta magnífica residência real

10,11

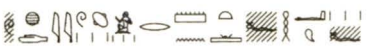
[... ... ...] *nn* ꜥḥꜥ.*n.tw* [... ... ...]
... ... não podemos manter-nos de pé ... ...

[*ḥdi ḫftyw nw ẖnw*] *pf*3 *špst*
Destruí os inimigos desta magnífica residência real,

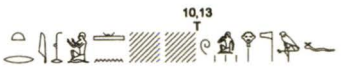
ꜥš3 ḫ3{m}w
de numerosos escritórios[153].

iw-ms [... ... ...] *?*
Na verdade ... ... ?

sḫ3w tḫb [... ... ...]
Lembrem-se[154] de irrigar ... ...;



wḫdyw r mnt.f ḥꜥ.f
alguém que sofre do seu corpo,



try n [... ...] *ḥr nṯr.f*
o respeito de ... ... relativamente ao seu deus,

mki.f r [... ... ...]
protege a (sua) boca ... ...

msw iry mtyw ḫr ḫwi wḏnw
cujas crianças testemunham grandes espancamentos[155].

sḫ3[w sḫw]d šnwt špw m snṯr
Lembrem-se[156] de enriquecer o celeiro, sair perfumando com incenso[157],

ḫrpw mw m ḥst m nhpw
de oferendar água num jarro logo ao amanhecer.

sḫ3w rw ḏd[3]w trpw stw
Lembrem-se (de trazer) gansos cinzentos gordos, gansos de cabeça branca e gansos do Nilo[158]

wdnw ḥtpw-nṯr n nṯrw
(para) oferecer oferendas divinas aos deuses.

sḫ3w wsr ḥsmn sspd tw ḥḏw
Lembrem-se do natrão mastigado[159], da preparação dos pães brancos

in s ḥrw iwḥ tp
por um homem no dia em que se humedecer a cabeça[160].

sḫ3w sḥr snw ḫti ḫ3
Lembrem-se de erguer mastros de bandeiras e de esculpir mesas de oferendas,

wᶜb ḥr twry rw-prw
enquanto o sacerdote limpa os santuários,

ḥwt-nṯr skȝḥȝ.ti mi irṯt
o templo é emplastrado (de branco) como[161] leite,

snḏm st ȝḫt srwḏ pȝwt
perfuma-se o horizonte[162] e perpetuam-se as oferendas de pão.

sḫȝw nḏrw tp-rdw šbšb sssw
Lembrem-se da observância das regras[163], da ordem correcta das datas (dos rituais),

šdt bs m wᶜb(w)t r ḫst ḫt
de impedir que alguém entre para o serviço do sacerdócio com o corpo impuro[164]:

irt st pw m nf sswn ib pw [... ...]
fazer isto será errado e destrói o coração ... ... …

hrw ḫnty ḥḥ ȝbdt tn [*ip*] *rnpwt rḫ*
o dia que está à cabeça da eternidade, os meses foram contados e os anos conhecidos[165].

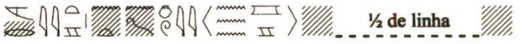
sḫ3w sft iw3w [... ... ...]
Lembrem-se de sacrificar bois ... ...

m tp n⸢⸣w.tn
do melhor das vossas planícies.

sḫ3w pri wḥ3 s iᶜš n.tn
Lembrem-se de ir purificar o homem que vos invocou[166],

rdt rw ḥr ḫt [... ... ...]
de pôr gansos cinzentos no fogo ... ...

[... ... ...] *wpwt dsy dr* [...]
... ... mensagem, jarro ... de suprimir ...



mryt nt nwy [... ... ...]
das margens dos canais de irrigação ... ...

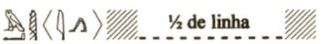
[... ... ...] *? nt ḥmwt* [... ... ...]
... ... ? das mulheres ... ...

[... ... ...] ? *mnḫwt* [... ... ...]
... ... ? roupa ... ...

rdit [*i3wt* ... ...]
Fazer adorações ... ...

[... ... ...] *r sḥtp.tn*
... ... para vos agradar.

[... ... ...] *m g3w rmṯ*
... ... para sortilégio da humanidade.



mi [*iw* ... ...]
Faz vir ... ...

[... ... ...] ? *n rᶜ wḏw.n* [... ... ...]
... ... ? de Ré, ordenar ... ...

ḫr tri sw m nᶜw r imntt r ...
respeitá-lo na viagem para o Ocidente para ...

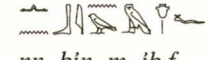
ʿn[dw ... ...] *in nṯrw*
ser pouco ... ... ao lado dos deuses.

mtn sw ḥr ḏ[r ḳd] rmṯ ḥr-mʿ{w}
Olhem, porque procura ele dar forma à humanidade[167]

n tny snḏw r sḫmw ib
sem distinguir o homem tímido do homem violento?

iw ini.n.f ḳbḥw ḥr tȝw
Se ele for despejar água fria sobre as chamas[168],

iw ḏd.tw mniw pw n bw-nbw
eles dizem: «Ele é o pastor de todos;



nn bin m ib.f
o mal não existe no seu coração».

ʿ*nd iȝdr.f iri.n.f is hrw r nw st*
O seu gado[169] é reduzido, mas ele passa o dia com isso

12,2
T

ḫt n ib iry
e há fogo nos seus corações[170].

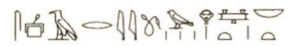
ḥ3 ꜥḏ.f bit.sn m ḫt tpt
Ah! Se ele tivesse percebido as suas qualidades na primeira geração!

k3 ḫwi.f sḏbw ḏ3i.f ꜥ r.s
Então ele poderia ter batido estacas[171], estendido o seu braço contra ele

12,3
T

sky.f mtwt iry iwꜥt.sn
e destruído o seu sémen e a sua hereditariedade.

3bb.tw mst r.s nḥ3t-ib ḫpr
(Mas como) o seu nascimento foi desejado a tristeza aparece



s3ry ḫr w3t nbt
e a miséria está por todo o lado.

12,4
T

nf3 pw n wni.f wn n3 nṯrw ḫr-ib iry
Assim foi! E não acabará (enquanto) os deuses não estiverem entre eles.

prr styt m ḥmwt rmṯ
A semente virá das mulheres da espécie humana;

n gmi.n.tw ḥr wꜣt
não será encontrada num caminho!

ḥwi ny r ḥr pri
Por causa disso os combates aparecerão

12,5
T

ḏri.n iww m sḫpr.n.sn
e aquele que pune o mal é (agora) o seu criador.

n iʿš-n-ḫꜣt m wnwt.sn
Não há piloto nas suas horas[172]!

in iw rf tny min
Onde está ele hoje?

in iw.f tr sḏr
Estará neste momento a dormir?

mtn n m33.n.tw b3w iry
Olhem, o seu poder não se vê!

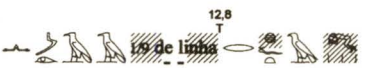
ir snm.n.tw n gmi.n.i tw
Mas se nós estivéssemos tristes eu não te encontraria

n iʿš.n.tw n.i m šw 3dyw r.s
e ninguém me teria chamado em falta para ser agressivo contra eles[173]!

sswn ib pw ḫnt
O coração está destruído!

grt ḥry r n bw-nbw
Agora o assunto está em cima da boca de toda a gente

min is snḏ st r s ḥḥw m rmṯ
e hoje[174] o medo deles é maior do que de milhões de humanos.



n m33 [... ...] r ḫftyw
Não se vê ... ... para os inimigos[175];

[... ... ...] *ḫnnw r ḫnty.f ꜥḳ r ḥwt-nṯr* [... ... ...]
... ... tumultos no seu salão de entrada para o templo ... ...

rmi n.f ḫntyw [... ... ...]
aqueles que presidem ... … choram. ... ... …

pf3 iri swh3 ḏdt.f pw ?? [... ...]
Aquilo ... ... que fez o caos[176]; as suas palavras ?? ... ...

n ḫr t3 [... ... ...]
A terra não caiu ... ... …

wbdt twtw
as imagens arderam

ꜥd iswy iry
e os seus túmulos foram destruídos.

nwi [... ... ...]
Aquele que guarda ... ...

12,11 T

m33.f hrw n [... ...] *nb*
Ele vê o dia de ... ... todos ... .

tm iri.n.f mḥ iwd pt r s3tw
Ele nunca completou a separação entre o céu e a terra

snḏ ḥr ḥr-nbw
e o medo está em todos os rostos.

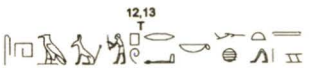
12,12 T

in iw ir m iri.f st m pḥ.ti.n n ms.f r.s
Se ele faz isto quando nos alcança, quem nos estenderá a mão[177] contra isto

m msdd.k nḥm
se tu nos repudiares e fores embora[178]?

ḥw si3 m3ᶜt ḥnᶜ.k
Hu, Sia e Maat[179] estão contigo,

12,13 T



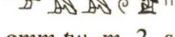
sh3 pw rdi.k ḫt t3
(mas) foi o caos que tu espalhaste através da terra

ḥnᶜ ḫrw ḫnnw
juntamente com o barulho do tumulto.

mk ky ḥr wdi r ky
Olhem, um homem agride outro homem;

sny.tw r wḏ.n.k
eles transgridem o que tu ordenaste.

ir šmt 3 s ḥr wꜣt
Se três homens caminharem por uma estrada,



gmm.tw m 2 s
só dois homens poderão ser encontrados:

in ᶜšꜣt smꜣw ᶜndt
o grande número mata o pequeno número.

in iw rf mniw mri mt
Deverá um pastor amar a morte?

ḫr k3 wḏ.k iri.tw
Sendo assim, poderás ordenar que se faça isso.

13,1
T

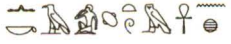
šbi.n mrwt is pw wˁ msd ky
Isto é, na verdade, a substituição do amor: um odeia o outro.

ˁnd ḫprw.sn pw ḫr w3t nbt
São poucas as suas formas por todo o lado!

13,2
T

iri.n.k ist r sḫpr nfȝ dḏ.n.k grg
Enquanto tu agias (assim) fizeste isto acontecer! Tu falaste mentira.

tȝ m kȝkȝ sḫtmw rmṯ
A terra encheu-se de ervas daninhas que destruiram a humanidade.



n kȝi.tw m ˁnḫ
Não se pode pensar que isto seja viver!

13,3
T

nn r ȝww n rnpwt m ḫȝˁyw
Todos estes anos têm sido um estado de guerra:

ḥdb.tw s ḥr tp-ḥwt.f
pode-se matar um homem debaixo do seu próprio tecto.

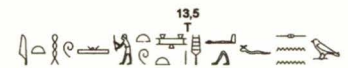
iw.f rs.f m pr.f n ṯ3š
Ele tem que estar atento ao limite da sua casa.

in ḳni.f nḥm.f sw ꜥnḫ.f pw
Se ele for forte ele pode salvar-se. Isto é a sua vida!

13,4
T

h3b.tw b3wt r nḏsw
Eles enviam emboscadas[180] (mesmo) contra pessoas comuns!

šmt.f ḥr mtnw r m33.f wḏnw
Ele irá pelos caminhos até ter a inundação à vista!

13,5
T


iṯḥw.tw w3t ꜥḥꜥ.f snni
Eles submergem o caminho e ele fica em perigo.

nḥm nty ḥr.f ḫnm m sḫi nt ḫt
O que ele carrega é roubado, ele é espancado a golpes de pau

ḥdbw m nfȝ
e morto injustamente[181].

ḥȝ dpt.k m nhy n mȝirw iry
Se tu pudesses provar um pouco desta miséria!

kȝ ḏd.k m ḫt
Então tu poderias dizer

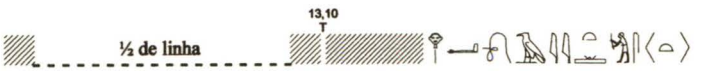
[... ... ...] *? .f m-mᶜ*
... ... ? entre

ky m inbw m ḫȝw? [... ... ...]
outro numa muralha de ? ... ...

[... ... ...] *? šmmw r ḫt rnptw*
... ... ? quente para a humanidade ... ... anos

irỉ mdt [... ... ...]
fazer um discurso ... ...

[*iw irf ḥmw*] *nfr ꜥḥꜥw ḥr ḫnty* [... ... ...]
De qualquer modo é certamente bom[182] (quando) os barcos sobem o rio,



[... ... ...] *ḥr ꜥwȝyt st*
... ... os rouba.

iw irf ḥmw nfr [... ... ...]
De qualquer modo é certamente bom (quando) ... ...

[*iw irf ḥm*]*w nfr iṯḥw iȝdt*
De qualquer modo é certamente bom (quando) puxamos a rede

mḫȝ.tw ȝpdw [*m mšrw*]
e prendemos os pássaros ao anoitecer.

iw irf ḥmw nfr [... ...] *sꜥḫw n.sn*
De qualquer modo é certamente bom (quando) ... ... a dignidade está nelas.

mtnw ḥr irt šmt
As estradas foram feitas para andar.

iw irf ḥmw nfr ʿwy rmṯ
De qualquer modo é certamente bom (quando) as mãos dos homens

sḫw.sy sn mrw
constroem pirâmides,

šdi mrw irt mnw m nhwt n nṯrw
cavam canais e fazem plantações de sicómoros para os deuses.

iw irf ḥmw nfr rmṯ tḫw
De qualquer modo é certamente bom (quando) as pessoas se embriagam[183];

swri.sn myt ibw.sn nfr
quando elas bebem as suas bebidas[184] os seus corações ficam felizes!

iw irf ḥmw nfr nhm m rw
De qualquer modo é certamente bom (quando) a alegria está na boca (dos homens)

iw bwꜣw nw spꜣt ʿḥʿ(w)
e os notáveis dos distritos se mantêm de pé

14,1 T

ḥr m33 nhmw m pr.sn
e contemplam a alegria das suas casas,

ḥbsw m ḥ3tyw twryt r ḥ3t
vestidos de linho fino, a frente purificada

srwdw m ḥry-ib
e solidamente estabelecidos no interior[185].

14,2 T

iw irf ḥmw nfr 3tiwt 3dt
De qualquer modo é certamente bom (quando) as camas estão preparadas

wrsw n wrw ṯ3r m wḏ3w
e os apoios de cabeça dos senhores estão firmes na sua robustez;

14,3 T

s3rt nt s nb km.ti m ifdy ḫt m šwyt
(quando) a necessidade de cada homem é satisfeita com um leito de madeira à sombra

ʿ3 ḫtmw ḥr.f sḏr m b3y
e uma porta se fecha sobre aquele que dorme nos arbustos[186].

iw irf ḥmt nfr pȝḳt sš.ti
De qualquer modo é certamente bom (quando) o linho fino é aberto

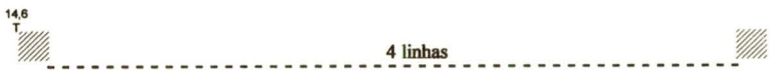
hrw wpt-rnpt
no dia de Ano Novo[187];

[...] *ḥr wḏbw*
... sobre as margens[188],

pȝḳt m sš.ti ḥȝtyw ḥr stt
o linho fino é aberto e as roupas de linho (estendidas) no chão.

imy-r ḥȝ[tyw ...] ? [... ... ...]
Os responsáveis pelas roupas ... ... ? ... ...

[... ... ...] *nhwt nḏsw ḥr* [... ... ...]
... ... as árvores, os homens comuns ... ...



[... ... ...]
... ...

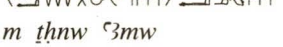
[... ... ...] *sn sp ḥ3ḳ[w]* [... ... ...]
... ... ? acções de pilhagem ... ...

pḫr iry mi styw [... ... ...]
dando a volta a isso como os Asiáticos ... ...

[... ... ...] *n.f iw.tw ḥr sḫrw iry*
... ... dele (?), relativamente ao seu comportamento

ḳn.sn n.sn
eles chegaram ao fim por eles próprios.

nn gmi.n.tw nty r ḥ ḥr mkt st
Ninguém encontrará quem esteja destinado a levanter-se e a proteger isto[189]



m ṯḥnw ʿ3mw
dos Líbios e dos Asiáticos.

ʿḥ3 s nb ḥr snt.f mki.f ḥ.f
Cada homem combate pela sua irmã e pela protecção dos seus próprios membros.

in nḥsyw kꜣ iri.n mki.tn
São os Núbios? Possamos nós fazer a vossa protecção

sᶜšꜣ ᶜḥꜣwty r ḫsf pḏt
com numerosos guerreiros para repelir os estrangeiros!

in iw.s m ṯmḥyw kꜣ iri.n ᶜnw
Será por causa dos Líbios? Possamos nós fazê-los recuar!

mḏꜣyw nḏmw ḥnᶜ kmt
Os Medjai[190] estão satisfeitos com o Egipto.

mi-m irf s nb ḥr smꜣ sn.f
Como pode, então, qualquer homem matar o seu irmão?

ḏꜣmw ṯs.n n.n ḫprw m pḏtyw
Tropas que nós comandámos para nós próprios tornaram-se archeiros

wꜣw r ḫbꜣ
e caíram em (nos) destruir!

ḫprt n.f im.f rdit rḫ styw sšmw n tȝ
Isto deu origem a que déssemos conhecimento aos Asiáticos do estado do país!

15,2
T

iw grt ḫȝsty nb ḥrt snḏw.f
Agora, todos os estrangeiros estão com medo dele[191]!

dpt n rḫyt ḥr [ḏd]
A experiência do povo permite dizer:

nn dit kmt šʿy
«O Egipto não pode ser dado à areia!

15,3
T

nḫt.s ḥr ḏrw.s
Ele é forte por causa dos seus limites[192]».

[...] *ḏd r.tn m-ḫt rnpwt* [... ... ...]
... para vos dizer alguns anos mais tarde ... ...

ḥr ḫbȝ sw ḏs.f
Por causa da sua própria destruição

15,4 T

in spw [*sᶜnḫ prw*].*sn*
é o momento de preservar as suas casas para viver[193];

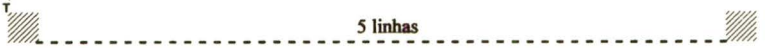
[...] *im r sᶜnḫ mswf*
... ali para alimentar as suas crianças.

15,5 T

wnn [... ...] *iw* [...] *ḫprwt.tn* [... ...] [...]
Existe ... ... ? ... transformar-vos ... ...

ḏd.in ḏ3mw [... ... ...]
Então as tropas disseram ... ...

15,6 T



[... ... ...]
... ...[194]

15,11 T

[... ... ...] *?* *iri n.tn ?* [... ... ...]
... ... ? eles fizeram ? ... ...

15,12 T

? [... ... ...] *ḳmiw inḥ3st* *ᶜryt* [... ...]
? ... ... resina, folhas de lótus, grãos *arit*[195] ... ...

[... ... ...] *m ḥ3w n ḳw* [...]
... ... pela abundância de provisões ...

ḏdt.n i-pw-wr
Foi o que disse Ipu-uer[196]

wšb.f n ḥm n nb r-ḏr
quando respondeu à majestade do senhor de tudo:

[... ...] *ḳm3wt nb*
«... ... toda a criação.

ḥm st pw m nḏmt ḥr ib
De facto, ignorar isso é agradar ao coração.

iw iri.n.k nfr ḥr ib.sn
Tu fizeste o que agradava aos seus corações

sᶜnḫ.n.k rmṯ im.sn
e mantiveste vivas as pessoas com eles[197],

16,1 T

iw ḥbsw.sn ḫnty.sn
mas elas (continuam) a esconder as suas faces

n snḏ n dw3yt
com medo do amanhã!»

wn s pw tni tp-ʿ swḏ3.f
Era uma vez um homem[198] idoso que estava quase a morrer

iw s3.f m nḫn n s3rtw.f
e o seu filho era muito novo e não tinha a sua sabedoria.

16,2 T

š3ʿ.n.f ḫsf ḥr k3w.f [...] *pw nḫt ḥsb ḥmt (?)*
Ele começou a desabituá-lo da sua comida ... ... ? forte ração de mulher (?).

n wpw.f r.f mdw ḫr.tn
Ele não podia abrir a sua boca para falar convosco.

itt.tn sw m š3w n ḫpw
vós conduziste-o a um destino de morte[199].

16,3 T ½ de linha

rmw [... ... ...] *šmt* [...]
chorar ... ... caminhar ... ...[200]

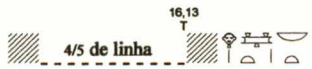
16,4 T

[... ... ...]
... ...

16,12 T

[...] *ḫt.tn*
... depois de vós.

wn t3 [... ... ...]
A terra é ... ...

16,13 T 

[... ... ...] *ḥr w3t nbt*
... ... em todo o lado.

ir i3ᶜš.tw n [... ... ...]
Se vos chamamos para ... ...

16,14 T

rmw r.f ms[*?* ... ...] *?* *.sn*
chorar pois ? ... ... ? os seus ... ...

ʿḳ r ḥwt-kȝw niwt
entrar nas capelas funerárias da cidade (dos mortos)

wbdw twtw [... ... ...] *ḫȝtw nt sʿḥw*
e queimar as estátuas ... ... os cadáveres das múmias.

bi nty ḥȝty-ʿ [... ... ...]
o lugar[201] que o governador [202] ... ...

[... ... ...] *n ḫrp kȝt* [... ... ...]
... ... … para dirigir o trabalho[203] ... ...

NOTAS

[1] A falta do início do texto, onde deveria haver uma introdução que nos diria quem era Ipu-uer e com quem é que ele falava, leva-nos a tomar uma de duas opções: ou traduzimos os verbos no futuro na perspectiva da profecia, ou no presente e no passado, na perspectiva de que quem discursa está a descrever uma situação a que assistiu. É nesta última que nos integramos, tanto mais que há alguns elementos gramaticais que nos obrigam a isso (cfr. notas 17 e 76, por exemplo). Na primeira frase deu-se a elipse do verbo «dizer», o que, segundo Gardiner, referindo-se especificamente a cartas, acontece frequentemente em textos do início do Império Médio. Mas, noutro local da sua gramática, diz que «frequentemente *ḏd* é idiomaticamente omitido depois de *ḥr*» (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 246 e 366). É uma possível ajuda para a datação do original deste texto. Do ponto de vista da estrutura do texto é natural que as frases em falta pudessem duplicar o número de versos.

[2] Quem devia garantir a segurança trai a confiança de quem os colocou naquela missão e tornam-se gatunos.

[3] Hipótese de Fermat e Lapidus. O caracter isolado antes da frase seguinte, G. A1 (), não tem tradução (A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 13 e 85).

[4] A expressão *n ḏd* significa «recusar» e deve ser seguida de infinitivo (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 20; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 325).

[5] Só com dois caracteres não é possível saber qual a palavra que continuaria na linha seguinte, não sendo possível por isso avançar com qualquer hipótese de reconstituição da frase que se encontraria neste local.

[6] Esta reconstituição do início da quarta linha não tem nada de extraordinário, uma vez que faltam os dois últimos determinativos normalmente encontrados no final do substantivo colectivo «tropas», «esquadrões» ou «companhias», bem como o pronome sufixo, com função de pronome possessivo, na terceira pessoa do plural, para a frase estar gramaticalmente bem construída.

[7] Isto é, «os habitantes do Delta». Os «pântanos» é uma forma de designar a região do Baixo Egipto correspondente ao delta do Nilo, tanto mais que tem o determinativo de região, de local, de cidade ou de país.

[8] Hipótese de Fermat e Lapidus (A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 13 e 86).

[9] Os caracteres tanto podem ser o início do substantivo «hostilidade», «ingratidão», *sḫ3*, como o substantivo «confusão», o verbo intransitivo «estar em confusão», «ser desagradecido», ou o verbo transitivo «confundir», *sḫ3*,

ou ainda o causativo, terceira inflexão, «trazer para baixo», «fazer cair», *sh3i* ou o substantivo «descarga» em sentido médico, *sh3t* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 237; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 383). As duas últimas, sobretudo a segunda, não parecem integrar este contexto, mas qualquer uma das duas primeiras poderia completar-se no início da linha seguinte, pelo que a nossa opção de seguir a hipótese de Gardiner é meramente especulativa (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 19).

[10] Estes seis caracteres, que se lêem *n3yw*, não formam qualquer palavra e sem o seu princípio foi-nos impossível determinar que palavra seria.

[11] Como já fizemos referência noutros textos, também neste surge a troca dos dois últimos caracteres na palavra *t3*.

[12] «Habitantes do deserto» no sentido de «estrangeiros», uma vez que para os Egípcios o Egipto era o vale do Nilo, sendo as tribos do deserto consideradas forças hostis e perturbadoras da ordem natural.

[13] É a primeira vez que aparece a palavra composta *iw-ms*, com o significado literal de «mas aí está», variante de *ms*, que significa «na verdade» e que se prolongará até 6,14. Esta expressão aparecerá com duas grafias, ou , sendo sempre transliterada no singular. Está sempre escrita a tinta encarnada no manuscrito. Do princípio do texto até 1,9 seria a introdução e entre as linhas 1,9 e 6,14 constituiriam o primeiro poema (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 145 e 186).

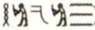
[14] Para terminar uma frase, este *tw* só poderá ser um pronome demonstrativo de tipo clássico, que por estar no singular a sintaxe determina que venha depois do substantivo de que é determinante, concordando com ele em género (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 85-86).

[15] Isto é, «com uma cara agressiva».

[16] A tradução da expressão *nty wn s* não é segura. No *Conto do Camponês Eloquente*, B1, 120, traduzimos por «aquele em quem (os grandes têm alguém que é o maior)»; em B1, 335, por «aquele que (tem na verdade a justiça)». Aqui parece-nos que o correcto seja: «aquilo que existe no homem», entendendo nós que o último caracter é a palavra «homem» e não um determinativo.

[17] Esta frase expressa a ideia actual do «antigamente é que era bom», ou «no meu tempo é que era». Contudo, o seu significado na cultura egípcia faraónica é bem mais abrangente, tendo um profundo valor moral e sendo um pilar de toda a estrutura do seu pensamento religioso e social. Não significa simplesmente uma fixação a convenções ou hábitos, mas o respeito pela tradição que ensinava o modo correcto de agir. Aquele que se recordava do «ontem» evitava o mal, aquele que se desligava dele estava destinado à prática do mal sob todas as formas. Quem não estava ligado ao «ontem» promoveria o caos e faria surgir a barbárie,

o roubo e, em geral, o crime. Era a eterna luta entre *maat* e *isefet*. O «ontem» representava a necessidade de um permanente retorno à «primeira vez», onde tudo era calmo e ordenado. Como se diz no *Conto do Camponês Eloquente*: «Uma boa acção volta ao seu lugar de ontem» (B1, 140); as más acções eram fruto de quem vivia apenas o «hoje» sem qualquer memória do «ontem».

18 O caracter não consta da lista de Gardiner mas é o caracter Z12 da *Hieroglyphica*. Em Sánchez Rodríguez nunca surge, aparecendo no seu lugar o caracter G. Z5 (\), um traço oblíquo com as extremidades onduladas empregue na escrita hierática do médio egípcio para substituir os caracteres de desenho mais difícil, em particular as figuras humanas. Aparece na expressão , *ḥwny-r-ḥr* («combatente»), e no verbo da terceira inflexão com o significado de «inundar» *ḥwi*, . Mas surge no dicionário de Faulkner neste mesmo verbo *ḥwi* (), com a tradução de «chover», podendo também ser o substantivo «inundação». É um caracter que aparece como hieróglifo mas, na realidade, a sua origem é a escrita hierática, onde foi criado pelas mesmas razões do caracter que substituiu. A sua forma parece ser uma estilização do caracter A24 ( ) ao qual o vemos sempre associado. O caracter H. Z12 além de aparecer outras vezes neste texto, surgirá ainda na *Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret* e na *Instrução de Kheti* (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 85-86; N. GRIMAL, J. HALLOF e DIRK VAN DER PLAS, *Hieroglyphica*, pp. 1 Z-1 e 3-1; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 287; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 165).

19 Aqui referenciado não só como rio mas, sobretudo, personificado como deus.

20 Ou seja, a agricultura dependia da inundação e da construção de diques, canais, comportas e outros trabalhos hidráulicos que era necessário fazer antes dela chegar, para evitar que a inundação se transformasse em desastre impedindo de receber grande parte do seu benefício.

21 O deus Khnum é o criador dos homens e dos seus *kau*, a partir do barro na sua roda de oleiro. Esta frase liga-se à anterior, uma vez que se as mulheres não podiam conceber era porque a acção divina fora interrompida.

22 Não é uma observação de regozijo, mas de demonstração do caos instalado.

23 O verbo *nkȝn* não consta do dicionário de Faulkner, mas encontra-se no dicionário de Sánchez Rodríguez (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 249).

24 R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 63 e 325; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 146 e 502.

25 Diferentemente do que foi escrito em 2,3 e respectiva nota 19, aqui o rio é designado por *itrw*. Neste caso não interessava a sua designação divina, mas antes a terrena, a física. É uma forma de banalizar a morte: aos mortos é destinada uma morte terrestre sem possibilidade de existência na Duat, uma vez que não há

referência às águas celestes que consubstanciariam Hapi e davam forma às cheias anuais e à ideia associada de fecundidade e sobrevivência. O número de mortos é de tal ordem que os rituais funerários acabam por ser abandonados, pondo em risco todo o sistema ideológico-religioso. O rio, que devia ser fonte de vida, passa a estar poluído e a ser lugar de morte. Quando o caos se instala, toda a conjuntura se altera: os homens sofrem e os deuses deixam de se manifestar.

[26] A palavra *šw3w* tem os últimos determinativos trocados.

[27] A partícula enclítica *m* é usada para manifestar um desejo (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 185).

[28] As pessoas, tal como as íbis negras, escavavam a terra, sujando as suas roupas de linho branco, normalmente imaculadas.

[29] Segundo a opinião de Helck, é possível que aqui estivesse a palavra *wsr* (W. HELCK, *«Die "Admonitions" Pap. Leiden 1344 recto»*, p. 8). É nitidamente a caracterização de um período de caos, com uma grande confusão social onde os grupos sociais sofriam alterações profundas, aproveitando-se os mais pobres das fraquezas que impediam os mais ricos de defenderem os seus bens. É neste sentido que é usada a primeira expressão, tudo roda e invertem-se as posições. Não nos parece que esta frase tenha alguma relação com Khnum, uma vez que até já vimos que ele nestas circunstâncias estava inactivo.

[30] O adjectivo *ḥr*, «aterrorizado», está mal escrito : tem um plural que não devia ter e uma concordância com *imy*, o determinativo *y*, depois do caracter com que deveria terminar. O escriba que escreveu este papiro não deveria ser grande profissional, pois, aparentemente, pretendeu criar, errada e desnecessariamente, um dual, acrescentando a desinência *y* a um plural mal escrito da palavra raiz. Esta palavra nem representa uma entidade dupla! É uma forma verbal; é um particípio prospectivo passivo, isto é, uma forma verbal do verbo *iri* que projecta a acção para um futuro subjectivo ou próximo (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 536-537; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique*, p. 135).

[31] O significado desta palavra não é totalmente seguro e só aparece no dicionário de Faulkner (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 324).

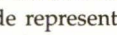
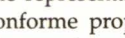
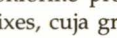
[32] Cfr. nota 58 de *Khufu e os Magos*; cfr. nota 80 do *Conto do Náufrago*; cfr. nota 2 de *As Profecias de Neferti*.

[33] Estamos perante uma metáfora: o «barco» é o «Estado» e o «Sul» o Alto Egipto. Entende-se desta frase, e do que se segue, que houve um colapso no governo no Alto Egipto.

[34] O conjunto de caracteres é completamente desconhecido. Não aparecem em qualquer dos dicionários consultados. Gardiner, que não transcreve o primeiro caracter, diz que Sethe os translitera por *ḥfp* ou *šfp* e Fermat e Lapiduz seguem Helck que os translitera por *ḥfp*. O primeiro e os últimos, atendendo ao

contexto, atribuem-lhe o significado de «saciados». Concordamos com o seu hipotético significado, mas não compreendemos as transliterações propostas: os quatro últimos caracteres podem ser determinativos, apenas sendo transliterável a desinência do plural, podendo o antepenúltimo ser uma redundância, mas o segundo e o quarto devem ser transliterados, ficando em dúvida o quinto que, em «group-writing», conjuntamente com o sexto, pode representar o caracter *p*. Contudo, provavelmente teremos duas palavras, conforme propomos, ou uma palavra composta. A segunda relacionada com peixes, cuja grafia é *rmw*, conforme surge a seguir. Em todo o caso, qualquer uma de significado desconhecido (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 29; W. HELCK, *«Die "Admonitions" Pap. Leiden 1344 recto»*, p. 10; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, p. 100; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 52 e 472).

[35] Lembramos que neste contexto de desordem os mortos eram lançados ao rio.

[36] Julgamos que a forma gráfica usada para *chenu*,  , seja uma variante de  *šnw*, que significa «rede», e com a qual os passarinheiros faziam armadilhas para apanhar pássaros e os pescadores para apanhar peixes. Também nesta palavra é utilizado um caracter que não consta da lista de Gardiner mas que surge na *Hieroglyphica*; é o caracter H. V49 (), um caracter composto pelos caracteres G. V7 () e G. V9 () unidos por um longo traço vertical. O sector V da lista de Gardiner refere-se a caracteres ligados a «cordas, fibras, cestos...», mas este caracter, que aparecerá mais vezes neste texto, surge também referenciado como H. M108, portanto no sector M de «árvores e plantas» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 268; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 425; N. GRIMAL, J. HALLOF e DIRK VAN DER PLAS, *Hieroglyphica*, pp. 1 V-1, 2 V-2 e 3-3).

[37] Tal como os peixes, os homens são apanhados nas redes. Não devemos esquecer que o rio estava cheio de mortos!

[38] Não é uma constatação quantitativa mas qualitativa: os homens conscienciosos, os homens de carácter.

[39] São tempos em que ninguém ouve a voz da razão e da sabedoria.

[40] Quer dizer que as terras de cultura estão ao abandono e sujeitas à desertificação.

[41] Esta é uma forma verbal designada por Gardiner de «old perfective». Erman, que descobriu esta forma verbal, chamava-lhe «pseudo-particípio», como ainda hoje acontece com os autores de língua francesa. É a única forma verbal sobrevivente no Egipto onde se mantiveram as terminações verbais semitas. No fundo é uma forma verbal semelhante à conjugação *sḏm.f*, só que é feita com desinências pronominais específicas: *.kwi*, *.ti*, *.w*, etc. (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 234-242; G. LEFEBVRE, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, pp. 167-182; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique*, pp. 141-146).

[42] Não nos parece que seja a hipótese avançada por Gardiner, o «povo», uma vez que o povo era o povo egípcio, os Egípcios, como de imediato constataremos; nem a hipótese de Simpson: o «homem». É mais provável que pudesse ser a hipótese de Fermat e Lapidus: «estrangeiros». Não só reforça a frase anterior, como contrapõe os que chegam aos que aí vivem, uma vez que «pessoas» se refere aos Egípcios (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 31; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 213; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, p. 103).

[43] Nas linhas 3,2 e 3,3 surgem completamente desgarrados quatro pontos encarnados (em todo o texto só aparece mais um em 3,10 e mal posicionado) que separam conjuntos de palavras gramaticalmente organizadas. Podiam ser usados como ajudas para a correcta respiração que uma boa leitura exige, mas, uma vez que estamos a trabalhar num poema, estas marcas gráficas parecem ser mesmo marcas de versos, compostos por dois ou três *cola* cada. Não se percebe é porque é que não foram colocadas outras marcas destas, ou porque é que elas não sobreviveram, uma vez que há outras passagens a tinta encarnada.

[44] Há uma certa dúvida se esta palavra significa «bronze» ou «ametista». No contexto parece-nos que se enquadra melhor a segunda (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 31; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 173; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 213; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, p. 103; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 152; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 96; C. LALOUETTE, *Textes Sacrés et Profanes de l'Ancienne Égypte*, vol. I, p. 213; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 178; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 306).

[45] Provavelmente a palavra em falta seria «jóias» ou «minerais e pedras preciosas».

[46] É interessante numa mesma frase podermos ver a diferença entre o «coração físico», que tem dificuldade em aguentar tanta necessidade, tornando a saúde precária, e o «coração intelectual», sede do pensamento e dos sentimentos, que faz as grandes damas deixarem de pensar correctamente.

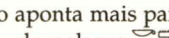
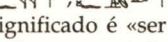
[47] Nesta frase e na próxima continua a descrição do mal que foi feito aos requintados materiais domésticos das grandes damas.

[48] Novamente a ideia de que os deuses estão inactivos. A ideia desta palavra é no sentido de «escravizados», «de mãos atadas».

[49] Biblos.

[50] A partícula enclítica *tr*, que segue o demonstrativo *pw* aqui com valor interrogativo, pode significar «na verdade», mas para não se confundir com a introdução sistemática da palavra composta *iw-ms*, preferimos esta tradução.

[51] Keftiu era a designação egípcia para Creta, que aqui aparece com o signo trilítero *tyw* () duplicado.

[52] O contexto aponta mais para que a palavra  seja uma variante, ou uma corruptela, da palavra *kf*, que significa «descobrir», «despir», «despojar», «limpar» e, portanto, «pilhar», e da qual Faulkner apresenta como variantes , do que da palavra  *kf3*, cujo significado é «ser discreto», e cuja única variante por ele apresentada é (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 285).

[53] Neste contexto não nos parece que fique bem «é grande», «é importante». Sobre o valor interrogativo de *wr* cfr. R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 63 e A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 408.

[54] Aparentemente o isolamento dos habitantes dos oásis, ou pelo menos de grande parte deles, preservava-os da penúria e do mal-estar social que se faziam sentir no Delta e no Vale.

[55] Esta planta aparece no *Conto do Camponês Eloquente*, na lista de produtos que ele carregou nos seus burros (R, 2,2).

[56] A palavra *sgnn* é o substantivo «sebo» ou o verbo «ensebar», que aplicado a animais pode significar «engordar» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 252). Aqui aparece no plural e com algumas redundâncias, podendo querer significar «pássaros gordos».

[57] De facto, por cima da preposição «por» existe um pequeno círculo encarnado, como as habituais marcações de pontuação. Neste caso, a sua existência deslocada e praticamente isolada não faz qualquer sentido.

[58] Na continuação do que dissemos na nota 54, esta frase transmite-nos uma certa consciência social e solidariedade dos habitantes dos oásis para com os habitantes do Vale, já que, depois de satisfeitos os rituais, as oferendas que estivessem em excesso em relação às necessidades dos templos, incluindo a alimentação dos sacerdotes, eram distribuídas pelos mais necessitados.

[59] Elefantina e Tinis.

[60] A tradução desta passagem, e até a transliteração, são duvidosas. Alto Egipto não aparece escrito como em qualquer das variantes conhecidas; esta será uma outra grafia a acrescentar. E para a parte deteriorada Gardiner propõe uma palavra, no singular, que traduz com ambiguidade: «domínio». Esta tanto pode significar um território como o exercício da autoridade. Na ausência de determinativos que nos induzam para o primeiro significado, julgamos estar na presença do segundo. Destacam-se aqui duas cidades: uma na fronteira sul do Egipto dessa época, importante comercial e militarmente – Elefantina; a outra uma cidade sagrada no Médio Egipto, ainda de localização incerta, e que parece ter sido preponderante sobretudo nas Épocas Pré-dinástica e Arcaica ou, exactamente, Tinita – Tinis. Com a desintegração do Egipto, as províncias mais afastadas do Sul começam a falhar com os seus compromissos. Provavelmente estas duas terão sido as primei-

ras a isentarem-se (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 34; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 174 e p. 192, nt. 23; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 108; I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, p. 288).

[61] Numa enumeração de géneros vegetais não nos parece lógico incluir um elemento do género mineral, «um mineral azul», conforme é proposto no dicionário de Faulkner. Mantemos por isso a sua denominação egípcia, tal como às outras espécies não identificadas como, aliás, outros tradutores (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 28; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 174; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 214; C. LALOUETTE, *Textes Sacrés et Profanes de l'Ancienne Égypte*, vol. I, p. 214).

[62] Estamos em crer que seja uma referência a varas flexíveis usadas em trabalhos entrançados que, genericamente, se designam em Portugal por vimes por serem originalmente provenientes de um arbusto chamado vimeiro, designação comum a algumas árvores e arbustos do género *salix*, da família das salicáceas. Por extensão, aplica-se o termo a qualquer vara flexível. É neste sentido que usamos aqui esta palavra, uma vez que este tipo de arbustos não parece existir, ou ter existido, no Egipto (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, t. VI, p. 3707; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 36, p. 147).

[63] Acumula-se a impressão de que, de facto, o escriba deste manuscrito não era um técnico muito qualificado. Há muitos erros e omissões. Aqui, por exemplo, parecem existir os dois casos: a grafia da palavra *ḥnm* apresenta dois determinativos a mais e não tem a desinência do feminino; o contexto parece apontar para a ausência da preposição «para» (—) antes de *kꜣt* (cfr. R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 170).

[64] O restauro desta passagem do início da décima segunda linha é da nossa responsabilidade. A palavra *mitw* é desconhecida. Dada a já referida fraca qualidade do escriba, é possível que aqui estejamos a ser suas vítimas. Aparentemente não falta nenhum caracter no início desta palavra, pois o espaço existente só permite a conclusão da palavra anterior. Mas, se por omissão do escriba, ela falta no meio? E se errou também no penúltimo caracter, ou se a transcrição do hierático para o hieroglífico permite a dúvida e o penúltimo caracter é G. W22 (𓏏) em vez de G. N33 (𓏏)? Em Goedicke observam-se algumas semelhanças. Neste caso a palavra poderia ser 𓇋𓏏𓏏𓏏𓏏𓏏 *mint*, isto é, «ração diária» e a frase ficar: «A necessidade de (uma) ração diária põe fim ao palácio». Esta frase já estaria a contexto (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 34; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 104; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 26a e 26b; 46a e 46b).

[65] Cfr. R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 286.

[66] Entre *r-m* e *m-ḫmt* há um caracter a mais.

[67] Parece-nos ser a forma feminina da palavra *mꜣʿw*, isto é, «presentes», «oferendas», mais do que «verdade», «justiça», «integridade» ou «honestidade» (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 152 e 161, nota 6; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 102).

[68] A palavra água aparece aqui em sentido figurado. Associada às ideias de gerar, manter a vida e purificar, mas também à ideia do exemplo a seguir. Provavelmente teria o sentido de: «Ele é a nossa energia» ou «Ele é o nosso sucesso» mas, sobretudo, «Ele é o nosso caminho», o «bom caminho» (cfr. nota 66 da *História de Sinuhe* a propósito da afirmação em B 74-75 do *Papiro de Berlim 3022*: «Ele não deixará de fazer bem a um país que está sobre a sua água»).

[69] Não é uma percepção de calvície generalizada, mas a indicação de estatuto social, tal como podemos confirmar em pinturas e relevos: o povo andava normalmente de cabeça rapada e descoberta, e as pessoas mais importantes com perucas.

[70] Uma vez que a palavra *šri* também quer dizer «jovens», esta frase referir-se-á a «idosos e jovens», não devendo ser entendida como uma indicação do estatuto social de cada um.

[71] Voltamos a lembrar que por vezes, tal como no princípio da frase seguinte, o verbo «dizer» era subentendido.

[72] Ele refere-se ao pai.

[73] Aqui já é uma referência ao estatuto social. Estes «grandes» são a elite social, pessoas bem nascidas ou de destaque social. Uma vez que 4,3 e 4,4 são praticamente iguais a 5,6 e 5,7, resolvemos preencher a palavra *msw*, «crianças», exactamente da mesma maneira.

[74] Isto é, os bebés eram abandonados e entregues ao calor tórrido das colinas mais próximas.

[75] Pela continuação da frase percebe-se que esse local era destinado à mumificação e as pessoas em causa eram os defuntos que estavam a ser preparados para a vida no Além.

[76] Novamente a ideia de passado (cfr. nota 17). De novo também o facto das linhas 4,4 e 4,5 serem praticamente iguais às linhas 5,12 e 5,13.

[77] Devido às condições propícias à agricultura e à sua localização geoestratégica, o Delta era a zona mais apetecida pelos invasores. Esta frase pode significar que era uma região aberta à invasão estrangeira, aos Asiáticos e, no Império Novo, aos Povos do Mar, e que não tinha grandes hipóteses de se defender.

[78] A palavra *mḥ-ib* significa «aquele em quem se pode confiar», «homem de confiança», «confidente». Como aqui se aplica à terra, julgamos que os termos que melhor traduzem essa ideia sejam «reservada» ou «segura», transmitindo a ideia de que era preciso um certo grau de conhecimento do local para cirular pelas

terras pantanosas do Delta (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 274; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 216).

[79] Existe aqui uma duplicação do verbo «dizer». O verbo *ḏd*, não levanta qualquer dúvida, mas *ḥr* também pode ser uma expressão parentética do mesmo verbo «dizer», referindo-se indiferentemente ao presente ou ao passado. Literalmente será «disseram e dizem» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 113; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 347-348).

[80] Que ignoram que o caminho conduz ao local designado por «lugar dos segredos». Aparentemente, com base no último determinativo que aparece mal localizado na palavra *št3w* (são numerosos os casos em que há determinativos depois da desinência de plural), parece ser uma referência religiosa que está por identificar.

[81] Este conjunto de frases faz a apreciação das profundas alterações sociais que ocorreram com a ocupação do Delta. Os ocupantes puseram os homens comuns a trabalhar para si moendo os cereais, maltrataram os de melhor condição social, liberalizaram a condição dos que viviam confinados aos seus postos de trabalho e impuseram às esposas daqueles que dormissem em padiolas, em ataúdes, provavelmente à espera da morte. Na palavra *šdw*, alterámos o determinativo final para , uma vez que Gardiner diz que lhe parece ser aquele, mas imperfeitamente escrito. Em Goedicke confirmámos que o primeiro signo, G. P1, imperfeitamente escrito, se pode confundir com aquele pelo qual optámos por G. M3. A leitura é a mesma mas o significado é diferente, segundo Sánchez Rodríguez e Lichtheim. Observado o contexto, para nós faz mais sentido pôr as esposas a dormir em ataúdes do que em jangadas ou barcaças. Aliás, a palavra *šdw* surge novamente na frase seguinte, está indiscutivelmente bem escrita, mas Gardiner não a traduz, parecendo desconhecer o seu significado na altura em que publicou este seu estudo (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, pp. 38-40; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 274; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 431; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 153 e 162, nota 10; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 20a e 20b; 30a e 30b).

[82] Esta forma verbal não está correcta. Deveria ser: «se alguém diz», ou «aquelas que dizem» ou ainda «se elas dizem». Este erro condiciona as duas frases seguintes. Depois voltamos às «senhoras bem-nascidas». Correctamente devia estar escrito: «Se elas dizem, "Estas pranchas com mirra são pesadas para mim", (logo elas) são carregadas com jarros cheios de grãos.» Há uma troca de pronomes sufixos: em vez da primeira pessoa do singular masculina, deveria estar a terceira pessoa plural feminina. A capacidade de concentração do escriba deixa muito a desejar!

[83] O pronome sufixo na terceira pessoa do plural está erradamente escrito, apresentando um *t* no lugar do *n*.

[84] A expressão *nfr pw*, tal como *nfr n*, é uma expressão idiomática que representa a negação (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 132; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 237).

[85] A palavra *ḫnwt* tem dois erros: não só apresenta um *y* que não é usual, como o caracter G. G38 surge em vez do habitual G. G41. Esta palavra bem escrita seria . Neste longo monólogo reflexivo sobre o difícil existencialismo num mundo em mudança, estes quatro versos são desprovidos de quaisquer conotações com templos ou ritos, falando de música em sentido lato. Porventura de música popular. Por isso surge Merit e não qualquer uma das outras divindades. Sabemos que Hathor, Ísis, Ihi, Tot ou Bés, entre outras, eram divindades que, nas suas múltiplas atribuições, apareciam também ligadas à música e aos instrumentos musicais, mas Merit, «A Amada», era a deusa da música. Sabemos, também, que havia vários tipos de música, mas a música para Merit não devia ser fúnebre; pelo contrário, deveria ser alegre. Seria música de rua, de salões, até de alcova, mas nunca de recantos mais ou menos escondidos e de trabalho árduo, como eram as salas interiores ocupadas por teares. Embora houvesse também música de trabalho, tal como música fúnebre e ritual, depreende-se dos dois primeiros versos que a música, de uma forma geral, deveria ser alegre e festiva, o que só pode acontecer quando enquadrada por gente que a aprecia despreocupadamente.

[86] Mais um exemplo da confusão social existente: as mulheres que tinham a função de fazer música, por já não terem os seus senhores a quem distrair, são desviadas para outras funções, no caso a tecelagem.

[87] «A amada», deusa da música. Na realidade não havia uma, mas duas Meret: a Meret do Baixo Egipto e a Meret do Alto Egipto. A distinção desta dualidade fazia-se com os símbolos do Baixo Egipto, o papiro ( ), e do Alto Egipto, o lótus ( ). Para além da designação hieroglífica, estas deusas aparecem nas barcas de várias divindades, bem como em diversos relevos, normalmente acompanhadas por Hathor, também ela uma divindade protectora da música, distinguindo-se da mesma forma: usando na cabeça uma coroa de papiros ou de lótus (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 111; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 214; J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 336-337).

[88] Estas árvores devem ser dos jardins dos senhores, agora abandonadas e destruídas, sem ninguém para cuidar delas uma vez que os dependentes que faziam esses serviços se foram embora.

[89] Uma expressão semelhante aparece no *Conto do Náufrago*. Enquanto aí se confrontam dois tipos de figos de sicómoro, aqui surgem como complemento alimentar que, atendendo à frase seguinte, parece ter sido uma iguaria. Cfr. nota 29 do *Conto do Náufrago*.

[90] A reconstituição da palavra *maat* na primeira destas duas frases é imposta pela presença da palavra *isefet* na segunda. Independentemente da complexidade destes dois conceitos, neste caso específico, o equilíbrio entre estas duas frases é dado pela oposição entre bem e mal.

[91] Estas duas frases, embora com ligeiras diferenças de vocabulário, grafismo e até alguns erros, são iguais a outras duas inseridas em 4,3. Os erros são a existência de um *t* (G. X1) a mais no verbo *ḥwi* e um *w* (G. Z7) em vez de um traço (G. Z1) em *ḳȝn-r* e a falta do *b* (G. D58) em *nḥbt*.

[92] Khnum vê-se a «trabalhar» muito e para nada! Por mais crianças que ele crie, elas são mortas.

[93] Esta palavra é homófona de *sʿd*, que significa «cortar» e não consta do dicionário de Faulkner (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 416).

[94] É uma referência de estatuto social, em oposição aos «grandes» que são os «importantes». Os «pequenos», os de estrato social inferior, estariam tradicionalmente mais ligados à superstição e à religião, na tentativa de melhorarem a sua condição de vida por essas vias, uma vez que o dia-a-dia era duro e pouco eficaz para a maioria. Aliás, seguem-se algumas frases que tentam demonstrar a inutilidade desses comportamentos, face à terrível situação que se vivia. Fala-se do deus crocodilo Khenti que é simultaneamente um demónio da morte; do homem que ele despedaçou, merecedor também de culto e podendo interceder na Duat; de Sekhmet, a deusa leoa, outra divindade ligada à morte, a quem se oferece um sacrifício por incineração (o *w* na palavra *mȝyw* deve ser um erro, não só porque o resto da frase está no singular, como pelo facto de no fim da palavra em vez da desinência de pluralidade aparecer a desinência de unidade, ou marca de ideograma em relação ao signo anterior – G. F27 – usado para substituir o desenho de um leão e genericamente empregue como determinativo dos mamíferos); e de Ptah, deus criador de Mênfis, mas neste contexto consorte de Sekhmet.

[95] Ver nota anterior.

[96] Supomos que sejam os «materiais» sacrificados aos deuses: animais incinerados e líquidos derramados em libações. Pergunta-se de imediato porque é que se tem esse gesto para com a divindade.

[97] Segundo a transcrição de Gardiner há, de facto, a troca de G. X1 ( ) por G. Z4 () nesta palavra (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 43 e pl. 5).

[98] Novamente a ideia de passado (cfr. nota 17). Não é uma referência aos bens materiais ou hábitos, mas à tradição, às práticas correctas, em última análise, a *maat*. Como já antes observámos na nota 76, as linhas 5,12 e 5,13 são praticamente iguais às linhas 4,4 e 4,5.

[99] Ainda que aparentemente mal escrita, parece-nos que temos aqui a palavra *nmtt*,

num plural com *nisbe*. A palavra correctamente escrita no singular seria , mas no plural, para além da forma ideográfica , ela seria completamente diferente: . A exptressão *pryw nmtywt* tem a primeira palavra no final de uma linha e a segunda no princípio da linha seguinte, pelo que nos parece que a nossa tradução possa ser mais correcta do que *pry iwty*, «vão e vêm», como apresentam Fermat e Lapidus. Não conseguimos vislumbrar a segunda destas palavras (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 44 e pl. 5; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 133-134; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 239; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, p. 125)

[100] A desordem é tal, que é mesmo avançada a hipótese de um retorno da humanidade à «primeira vez»: preconiza-se a destruição total da humanidade para um recomeço em equilíbrio.

[101] O verbo «comer» e o pronome indefinido *tw* não constam, nem nunca constaram, do papiro. Não é, portanto, uma reconstituição, mas um acréscimo de Gardiner. A pouco mais de meia linha, num local intacto do papiro, após *iw-ms*, o escriba deixou, pura e simplesmente, um espaço em branco, como que para ver mais tarde o que deveria de escrever nele, mas nunca o fez. Nem ninguém por ele. Não saberia escrever a palavra que pretendia? E outras palavras que também não escreveu da melhor forma? Ou terá achado excessivamente desumano o que lhe veio ao pensamento, e teve algum tipo de receio de grafar o verbo com que reduzia o homem à sua condição mais animalesca, pondo-o a comer a própria comida dos animais? Isto, caso a culpa tenha sido do autor! Pois se foi do copista, pode ter sido simplesmente a impossibilidade de ler a palavra que se encontrava no papiro de onde ele copiava, e falta de imaginação, ou qualquer outra razão, para preenchimento da lacuna.

[102] A câmara sagrada e o lugar dos segredos deveriam ser lugares de acesso restrito, que guardariam arquivos religiosos e legais, agora violados e vilipendiados por esta onda de anarquia que não se limitou a criar o caos de miséria e fome entre os homens, mas também atingiu profundamente a administração expondo muitos dos seus segredos (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 193, nt. 48).

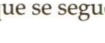
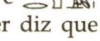
[103] Para o significado destas duas palavras Gardiner apresenta «encantamentos *šm*» e «encantamentos *sḫn*»; Faulkner dá a ambas o significado de «uma classe de encantamentos»; Sánchez Rodríguez diz que o primeiro é um «encantamento» e o segundo um «conjuro» ou um «encantamento»; Parkinson diz que o primeiro significa «presságios» e o segundo «fórmulas de adivinhação» (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 47; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 242 e 266; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 389 e 422; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 177).

[104] Para o causativo *snḫ3*, que se forma da palavra *nḫ3* e tem o significado de «contrário», «perverso», «terrível», «anormal», alguns tradutores, como é o caso de Parkinson, avançam com a hipótese de poder significar «perigoso». Mas Faulkner atribui-lhe o significado de «frustrar» e Sánchez Rodríguez acrescenta a este o de «ser ineficaz». Parece-nos que manipuladas pelo povo, que não tinha outros conhecimentos mágicos e religiosos para as poder fazer actuar, elas seriam mais ineficazes do que perigosas (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, pp. 47-48; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 177; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 233; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 378).

[105] Eram os funcionários da administração que faziam o levantamento das propriedades e respectivos cálculos para o pagamento dos impostos, como se deduz do que acerca do assunto é dito por Gardiner (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 49).

[106] Agora só com a morte se obtem o grão. Há aqui implícito o mito osiríaco da agricultura: Osíris era simbolizado pelo grão. A germinação dos grãos evocam a ressurreição, por isso Osíris é uma porta aberta para a vida: para os grãos na terra e para os mortos na Duat. Para o significado de *ḥ3y.i int n.i* cfr. R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 156.

[107] Uma instituição que vigiava e fazia cumprir as leis do trabalho (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 194, nt. 50). Pelo que se segue no texto, deveria haver diversas instituições locais.

[108] Na realidade o que está no manuscrito é  , uma palavra incompreensível, desconhecida ou errada. Gardiner diz que o que lá deveria de estar era  *mrrt*, que se traduz por «rua» e que está no plural. Para conduzir o seu raciocínio apela para uma passagem da *Instrução de Kheti* sobre o barbeiro que andava de rua em rua à procura de clientes, onde surge , «de rua em rua», para dizer que o escriba que escreveu *As Admoestações de Ipu-uer* terá compreendido mal o determinativo ou . Este último sempre foi simplesmente um determinativo, o primeiro podia ser um determinativo ou o bilítero *mr*. No outro caso, podia ser o bilítero *t3* e o unilítero *3*. Portanto, a haver alguma confusão, ela deve ter partido da leitura do manuscrito de onde foi feita a cópia, cujo cursivo podia ser de difícil leitura. Não é uma questão de oralidade como, por exemplo, nos parecem ser alguns casos da *Instrução de Kheti* (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 50; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 214; cfr. *Instrução de Kheti*, 5,4).

[109] A ordem social, a começar no mais alto nível, o cósmico, está desfeita. As instituições judiciais, que deviam manter a ordem e a justiça, não escapam: a «casa dos trinta» era um tribunal; a «câmara do grande conselho» era a instituição que cen-

tralizava a vigilância e o cumprimento das leis do trabalho, supervisionando as «câmaras de conselho»; e as «grandes casas» são as «seis grandes casas», que era o supremo tribunal (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 194, nts. 51 e 52).

[110] Ou seja, um local de entrada livre.

[111] A linha 6,14 deve ser uma grande desatenção do escriba, pois é uma cópia praticamente igual à linha 4,4. Termina aqui a primeira parte, iniciando-se de imediato a segunda, com uma nova fórmula introdutória que se prolongará até 9,8.

[112] É uma informação literária corroborada pelos conhecimentos arqueológicos: em períodos de crise nem as múmias reais estavam a salvo, sendo cobiçadas por bandos de assaltantes que pretendiam, sobretudo, apoderar-se dos tesouros com que os faraós eram enterrados, mas muitas vezes, para além de profanarem os seus túmulos, profanavam também os próprios corpos mumificados, cobertos de riquezas.

[113] A palavra *bik* apresenta um *w* a mais.

[114] O divino foi profanado e vulgarizou-se.

[115] Isto é, a serpente sagrada *iaret*, que os Gregos chamarão de *uraeus*.

[116] A palavra *ḫny* é uma variante de *ḫnw* ou *ḫnw* (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 339).

[117] Há aqui um jogo de palavras. O camponês, «aquele que deitava água na terra», regava os campos mas já não o faz levando à miséria o seu senhor, «o de braço poderoso». Deste modo, o potencial de vida do Egipto desperdiça-se. O Egipto ia desperdiçando a água, «o Egipto pôs-se a verter água», não aproveitando este bem essencial para a sua subsistência.

[118] Na serpente vivia o espírito dos primeiros reis egípcios; o seu «covil» é o trono real.

[119] O senhor é o rei (cfr. R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 128). O rei tudo fará para impedir que a miséria e a necessidade atinjam o palácio real.

[120] Gardiner refere que este armazém é mencionado noutros textos como o lugar onde são encerrados ou que emprega os escravos capturados pelo faraó. Isto quer dizer que os privilegiados foram reduzidos à escravatura (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, pp. 57-58).

[121] O pronome dependente *tw* entre o substantivo *šwyt* e o pronome sufixo *f* é um erro. É gramaticalmente impossível. Tanto mais que até se referem a pessoas diferentes: o *tw* à segunda pessoa singular masculina do pronome dependente e o *f* à terceira pessoa singular masculina do pronome sufixo. Só há uma possibilidade de podermos encontrar esta sucessão, mas em vez de um substantivo temos que ter um verbo, como *dgi.tw.f* em 4.6 ou *ḥsy.tw.f* em 8.2, que são a passiva

da forma verbal *sḏm.f* na 3ª pessoa masculina do singular, em que *.tw* é uma terminação inseparável do verbo, seguindo-se-lhe o pronome sufixo (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 41-42).

[122] Deusa da música, cfr. nota 87. A introdução da lira neste texto dá-nos um elemento de datação importante: a lira é originária da Ásia e foi introduzida no Egipto no Império Médio. Esta comparação entre lira e harpa é basicamente uma comparação de tamanho e complexidade para distinguir o pobre do rico: a lira é um instrumento pequeno, sóbrio e bastante portátil e a harpa, embora possa ter diversos tamanhos e formas, é grande, por vezes com ricas decorações e de maior dificuldade de transporte. No fundo, parece que as mulheres músicas em tempos de normalidade tinham uma vida boa que perderam e que nem tempo ou dinheiro tinham para a música, agora parecem serem-lhe dedicados, provavelmente acompanhando-a com uma boa dose de lazer.

[123] Há alguma incerteza na leitura desta palavra: *ḥmt* ou *bi3*? Também há dúvidas quanto ao seu significado: bronze (Gardiner, Parkinson e Lichtheim) ou cobre (Erman, Simpson e Lalouette)? (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 490; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 80 e 169; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 166 e 294; A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 60; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 179; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 156; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 102; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 220; C. LALOUETTE, *Textes Sacrés et Profanes de l'Ancienne Égypte*, vol. I, p. 218). A propósito da fórmula 816 dos «Textos dos Sarcófagos», que incluímos num estudo sobre o *Conto do Náufrago*, e embora Faulkner diga no seu dicionário que *bia* é um «mineral» não metálico, traduz na passagem em questão *bia* por «ferro» e diz que se refere ao ritual da abertura da boca com uma enxó de ferro. Sem dúvida que parece ser o ritual da abertura da boca, mas *bia* poderá ser traduzida por «ferro» no Império Médio (c. 2040-1780 a. C.)? A metalurgia do ferro só em meados do Império Novo (c. 1560-c. 1070) é que surgiu no Egipto, depois de se espalhar por todo o Próximo Oriente entre 1600 e 1200 a. C. e, ainda assim, sem substituir de imediato o bronze. Até então existia mas, por não ter sido ainda desenvolvida metalurgia apropriada, o que havia na natureza era muito pouco (mais raro que o ouro) e pouco maleável por falta de tecnologia apropriada. No Egipto têm aparecido artefactos de ferro com datações do terceiro e do segundo milénio a. C., havendo indícios da existência deste metal já no quarto milénio. Mas este último era de origem meteorítica, o que não acontece aos do terceiro e segundo milénios que não apresentam na sua composição níquel, como é o caso dos do quarto milénio. Contudo, o «ferro» não é uma substância que se obtenha do céu, a menos que se admita a hipótese de ser, de facto, de origem meteorítica.

Qualquer «estrela» que tenha caído do céu! Há no vocabulário respeitante a *bia* duas palavras que, em nossa opinião, em vez de serem traduzidas por «um mineral não metálico» têm mais possibilidades de serem este «ferro» meteorítico. São as palavras e que apresentam o caracter G. N14, uma estrela. Se no *Conto do Náufrago* poderá ter ficado registado a queda de um meteorito, é bem possível que o produto de uma «estrela» possa ter ficado registado no próprio vocabulário egípcio! Contudo, até ver, prevalecem as opiniões de que este ferro era um subproduto da produção de cobre (R. O. FAULKNER (ed.), *The Ancient Egyptian Coffin Texts. Spell 1-1185 and Indexes*, vol. III, pp. 7-8; C. C. CORREIA, «Metalurgia», em *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 566-567; J. OGDAN, «Metals», em P. NICHOLSON e I. SHAW, *Ancient Egyptian Materials and Technology*, pp. 166-168; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 80; T. F. CANHÃO, *O Conto do Náufrago. Um olhar sobre o Império Médio egípcio. Análise histórico-filológica*, pp. 27-30).

[124] Embora mantenhamos a transliteração exacta do que está no texto hieroglífico, a palavra *swdn* não existe. Deve ser mais um erro do escriba, que trocou os quatro primeiros caracteres. A palavra deveria ser , um plural de *dns*, que significa «pesado», «aborrecido», «opressivo», «sobrecarregado» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 314).

[125] Para a leitura de como *šnᶜ*, cfr. A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 460, R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 269 e Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 425.

[126] Uma caixa simples de maquilhagem teria sido substituída por uma outra reforçada e bem decorada.

[127] A frase significa que quem era pobre e apenas se podia ver no reflexo da água, agora tinha posses para adquirir um espelho que reflectisse a sua imagem. Era um objecto primeiro de cobre e mais tarde de bronze, muito polido, «que ganhava vida» quando alguém ou alguma coisa se reflectia nele.

[128] O terceiro caracter de *isḫ* deverá ser mais um erro; como noutras frases, a palavra correcta será *is*, pois *isḫ* não existe. Poderia ser *is ḫm*, faltando dois caracteres à segunda palavra ( ). Nesse caso poderia ser o princípio de uma frase incompleta. Contudo, ao contrário de Gardiner, não nos parece que o primeiro *mtn*, seguido de *isḫ*, seja o início de uma frase não concluída e omitida pelo escriba e o segundo *mtn* o início de outra frase. Julgamos que não falta nada e que o segundo *mtn* é um reforço do primeiro, uma vez que introduzem uma espécie de provérbio, ou de ensinamento, para induzir as pessoas a consumirem normalmente o que é seu, subentendendo-se que se devem desviar do que é alheio. Neste local não há qualquer deterioração do papiro, tendo sido lido sem qualquer contrariedade. Os dois *mtn* encontram-se na mesma linha, escritos a

encarnado, intervalados por *isḫ*, que está escrito a preto. Estar a escrever a preto, trocar de pincel e escrever uma palavra a encarnado, voltar a trocar de pincel e escrever outra palavra a preto, para trocar novamente de pincel e voltar a escrever a encarnado antes de regressar à tinta preta, mesmo que o trabalho tivesse sido interrompido neste local, parece-nos excessivamente grotesco que se «esqueça» uma frase inteira nestas condições. Entendemos esta duplicação como uma forma de vincar bem a situação.

[129] Há um espaço de cerca de meia linha que nunca esteve preenchido. Provavelmente o escriba do manuscrito de Leiden, ou outro antes dele, encontrou aqui um conjunto de caracteres ilegíveis ou incompreensíveis, não tendo reconstituído o texto e mantendo o espaço em branco. Numa hipotética reconstituição do que se segue, para manter o ritmo antitético das frases, já antes interrompido com o duplo *mtn*, consideramos a hipótese de Gardiner, seguida, entre outros, por Parkinson ou Lichtheim, de que é muito provável que na sequência em falta estivesse o início de outra estância (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 62; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 180; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 157; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 103; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 221).

[130] As linhas 8 a 14 da página 8 perderam a parte final, cerca de 1/5 em cada uma. Nalguns casos é possível fazer o restauro, noutros não.

[131] Isto é, «um indigente pode matá-lo». A grafia mais correcta seria a que se encontra em 8.2, *iwty n.f sm3.f*.

[132] Deve ser outro erro. A palavra correcta seria *iḫwt*.

[133] Com maior precisão: «gado vacum de cornos pequenos» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 63). Na escrita cursiva, o caracter Z11 ( ) é igual ao caracter M42 ( ) (H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 23a e 23b; 49a e 49b).

[134] A anarquia chegou ao ponto de em vez de serem os sacerdotes a fazerem as oferendas aos deuses serem os dependentes reais a fazê-las, servindo-se para isso dos singelos gansos que substituíram os prestigiados touros de cornos largos.

[135] Tendo em conta a frase anterior, provavelmente é uma variante de *3pd* no plural (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 64).

[136] Mais um espaço em branco, onde nada foi alguma vez escrito. Ver nota 118.

[137] O genitivo indirecto em vez de ser o feminino singular *nt* deveria ser o masculino plural *nw* ou *nw*.

[138] A palavra *i3t* no plural significa «ofício», «oficina», «função», podendo referir-se a cargos ou funções públicas ou privadas, religiosas ou laicas. Ter cada função no seu próprio lugar é uma ideia basilar do pensamento egípcio. Só assim se consegue a *maat*; o contrário é sinónimo de caos (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de*

Jeroglíficos Egipcios, p. 73; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 7; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, p. 152).

[139] A única palavra com G. E1 em que este determinativo aparece como ideograma é *k3*, isto é, «touro», «boi» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 283).

[140] Há um caracter errado na palavra *isk* ( ).

[141] Mais uma troca de caracteres: deveria ser *ḫrt* ( ).

[142] Termina aqui a segunda parte, iniciando-se de imediato a terceira, com uma nova fórmula introdutória para uma série de estâncias bastante mais irregulares do que as anteriores. Haverá nova mudança em 10,12.

[143] Neste caso, mesmo sendo um plural, estaria mal construído. É provável que no espaço corrompido pudesse estar a negativa, ficando «sem brilhar» ou «sem luz», pois o sentido da frase conduz a essa visão negativa.

[144] Faulkner diz que *wryt* é um «tecido para filtrar líquidos», isto é, um pano para «coar», «filtrar», «espremer», ou «por onde se fazem passar» líquidos (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 64) Mas «tecido» pode ser «roupa» e «filtrar» pode ser «deformar», neste caso deformada pelo excesso de água. Por seu lado, a palavra *ḫnkw* tem um determinativo que se associa a líquidos, G. W22 ( ) e outro à ideia de fazer passar forçadamente, de filtrar, G. A24 ( ). Daqui que esta passagem de difícil tradução, sobretudo porque a palavra *ḫnkw*, que Gardiner leu *sḫnk*, é desconhecida e não consta em nenhum dos dicionários consultados, nos permita avançar com esta sugestão de tradução, tendo em conta a frase anterior (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 71). Por seu lado, o determinativo de *t3yt* não nos indica que possamos estar a falar directamente da deusa Taiet, deusa da tecelagem, mas sim mesmo de uma mortalha. Em todo o caso, implicitamente é uma referência à deusa, já que ela estava ligada ao enfaixamento dos defuntos e ao embalsamamento, havendo na «Casa da Purificação», local onde se procedia às mumificações, uma cortina cujo trabalho de tecelagem lhe era atribuído. Aliás, a «roupa molhada» adere ao corpo tal como as faixas impregnadas de resinas o faziam também (L. M. ARAÚJO, «Taiet», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 802-803; J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, p. 361).

[145] Vivendo e morrendo em tendas em vez de casas, as suas «paredes de pano» eram autênticas mortalhas.

[146] Aparentemente há a troca da grafia de *tw* por *wt*. Julgamos que é mesmo erro, mas Gardiner afirma que não pode ser lido como *tw* pelo facto desta alteração «disléxica» só aparecer na escrita hierática a partir da XXI ou da XXII dinastia (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 72).

[147] O pronome sufixo da terceira pessoa do singular devia ser o masculino e não o feminino, para manter toda a frase no mesmo género gramatical.

[148] O espaço degradado tem o tamanho exacto para a palavra *sšnw*, na sua variante , da qual só terão sobrevivido os últimos três caracteres, que indicam o tipo de planta e o seu plural. O lótus, nome do lírio de água, era uma das plantas mais significativas do Egipto faraónico: desde emblema do Alto Egipto, até símbolo do renascimento segundo alguns mitos da criação, o lótus, servia também como essência de perfumes, sendo igualmente o emblema do deus Nefertum, senhor dos perfumes. Perpetuado na pedra das colunas de muitos templos, existia essencialmente em duas espécies: o azul e o branco. Acrescente-se que a parte inferior do caule de qualquer uma delas era comestível (I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, pp. 164-165; M. J. MACHADO, «Lótus», em *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 518).

[149] Eventual referência aos fardos de diversas plantas que se faziam após a colheita, destinados a diversas utilizações, desde forragem até diversas indústrias como a produção de papiros ou a perfumaria. Para nós faz mais sentido esta tradução, a contexto com diversos produtos que se extraíam da terra ou se fabricavam artesanalmente, do que «palanquim», um meio de transporte, que a maioria de tradutores apresenta.

[150] A segunda palavra *irw* pode ser uma corruptela ou variante de , que Sánchez Rodríguez, com base num exemplo de Ahmose 3 (Urk IV 2,3), nos diz significar «seus», «dele». Poderia ser «que ele produzia seus»! Em todo ocaso, para funcionar gramaticalmente como um pronome sufixo com função possessiva, a sua posição na frase nunca seria esta. O mais certo é ser a palavra que rege a frase seguinte. Mas este caso também é estranho, pois teremos um pronome sufixo com função possessiva com um comportamento gramatical dum pronome independente, aparecendo no início da frase (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 100).

[151] Outra palavra desconhecida: *skt* ( ). Contudo existem os verbos *sk* () e *ski* () que significam, respectivamente, «limpar», «tirar» escombros e «destruir», «perecer». Julgamos poder interpretá-la como «destruição dos alimentos» ou «destruição dos aprovisionamentos» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 250-251; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 399-400).

[152] Há uma série de lacunas, correspondentes a dois enormes buracos no papiro que atingem as linhas sete a treze desta página, mas que em parte é possível reconstituir devido ao facto de os caracteres decifráveis nos permitir perceber que aqui o texto se tornou mais regular, isto é, repetitivo, e os espaços são à medida dessas reconstituições (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, chapa 10).

[153] Ou é uma palavra desconhecida, pois não consta nos dicionários consultados, ou pode haver aqui um erro e a letra *m* estar a mais. A palavra correctamente escrita seria *ḥ3* ( ), escritórios (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 183; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 313).

[154] Terminada a quarta parte inicia-se de imediato a quinta, com uma nova fórmula introdutória que se repetirá até 11,11.

[155] A tradução da palavra *wḏnw* não é certa. Faulkner não a refere e Sánchez Rodrigues apresenta para ela o significado de «inundação», «crescida» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 76; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 161).

[156] Segue-se uma série de frases introduzidas pelo verbo *sḫ3w* que se viram privadas da tinta encarnada.

[157] Por aqui se vê que este hábito é ancestral.

[158] Eram as aves tradicionalmente oferendadas aos deuses: o ganso cinzento (*Anser anser*) largamente criado em aviários; o ganso de cabeça branca (*Anser albifrons*), que apesar do nome apresentava na cabeça cinzenta apenas uma faixa branca que circundava todo o bico; e o ganso do Nilo (*Alopochen aegyptiaca*), o mais divulgado na arte egípcia (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 196; P. F. HOULIHAN, *The Birds of Ancient Egypt*, pp. 54-65; L. M. ARAÚJO, «Ganso», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 387-388).

[159] O acto de mastigar fazia parte das cerimónias de purificação dos serviços sacerdotais (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 196).

[160] Trata-se de uma cerimónia na qual a purificação se obtinha ungindo a cabeça.

[161] De facto, em vez de *mi* está *my*, mas só pode ser um erro.

[162] Isto é, o templo. Para ver o significado de *snḏm*, cfr. Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 380.

[163] Embora se escreva com a síncope do *w*, *nḏrw* é um verbo da quarta inflexão. Com início nesta linha e prolongando-se até à décima segunda, há dois grandes buracos no papiro, que no seu máximo de largura fazem praticamente desaparecer as linhas nove e dez (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 145; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 254-255).

[164] Membros da elite social deveriam servir alguns meses como sacerdotes, sendo por isso fundamental a sua purificação antes de ingressarem ciclicamente no templo. Mesmo os «servos do deus» que estavam dedicados ao sacerdócio com maior regularidade, não viviam em reclusão conventual, exercendo no exterior do templo outras funções e misturando-se com a população, fazendo com que as cerimónias de purificação tivessem que ser uma constante (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 196; L. M. ARAÚJO, «Sacerdotes», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 387-388).

[165] Estes dias e meses são as datas rituais, as que mais importam na eternidade. O pequeno restauro que apresentamos, *ip*, é baseado em Parkinson. O restauro feito por Fermat e Lapidus, que, aliás, se deve a Helck, *i3w*, não nos parece correcto uma vez que não existem na cultura faraónica expressões literais para «ano novo» e «ano velho». De igual modo, não conhecemos a terminologia «novo/velho» aplicada a meses ou outra qualquer medição do tempo. Normalmente são expressões do tipo: «Abertura do ano» *wpt-rnpt*, «Ano bom, ano correcto, ano perfeito» *rnpt nfrt*, «Ano mau, ano incorrecto, ano imperfeito» *rnpt gbt*. Mais do que um restauro, parece-nos uma «modernização» desajustada (W. HELCK, *«Die "Admonitions" Pap. Leiden 1344 recto»*, p. 51; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, p. 167; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 184 e 196; cfr. T. F. CANHÃO, «O calendário egípcio: origem, estrutura e sobrevivências»).

[166] Há uma valorização do próprio sacerdote ritualista, que não deve ser esquecido nas oferendas de cada um, pois é ele quem faz a união social e cósmica entre pessoas e deuses através das suas invocações.

[167] Para além das estâncias se tornarem maiores e mais complexas, há nesta frase uma nova alteração da fórmula introdutória. Em relação às duas reconstituições aqui existentes, a primeira corresponde a um pedaço do papiro ilegível e a segunda a uma ausência de grafismo. Este último espaço estava mesmo em branco, mas as reconstituições são praticamente seguras. Na interrogativa *ḥr-mˁ* existe um *w* a mais (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 406).

[168] Isto é, «se ele tentar acalmar alguma situação ao rubro».

[169] A palavra *i3dr* não consta em nenhum dos dicionários consultados, contudo, não sendo um erro, o determinativo e o contexto da frase parecem indicar que o seu significado seja «rebanho», «manada», «gado», «animais».

[170] Isto é, «e eles sentem-se reconfortados».

[171] Este é mais um caracter que não consta da lista de Gardiner, mas que encontramos na *Hieroglyphica*: é o caracter H. O30u ( ). A sua posição é invertida em relação ao H. O30 ( ). A sua inclusão no grupo O, «Edifícios, partes de edifícios, etc.», permite-nos concluir que seriam estacas e que, no presente caso, estavam associadas ao gado. Contudo, tanto Faulkner quanto Sánchez Rodriguez, associam-no a palavras como «obstáculo», «impedimento», «oposição» (N. GRIMAL, J. HALLOF e D. VAN DER PLAS, *Hieroglífica*, p. 10-1; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 258; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 410).

[172] Parece-nos uma metáfora em que o autor, ao usar o termo piloto, aquele que conhece o verdadeiro caminho para guiar o barco que conduz, se refere ao demiurgo que, como se segue, parece adormecido, uma vez que não se sente o seu poder.

[173] Aparentemente *.s* substitui o pronome sufixo da terceira pessoa do plural por omissão de parte da sua desinência (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 205 e Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 345). Nesta passagem, Ipu-uer dirige-se a alguém, provavelmente ao rei, que o terá chamado para se aconselhar face ao caos em que o Egipto mergulhara. Diz ainda duas outras coisas: só foi possível este encontro porque o demiurgo no momento da criação não fez a separação necessária entre os homens, o que parece ser uma crítica ao próprio rei, uma vez que não é natural que um sábio falasse contra si próprio; se os deuses não são capazes de equilibrar a situação, muito menos terá o rei capacidade para tal.

[174] É a mesma palavra que aparece em 12.5, mas não apresente o determinativo.

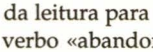
[175] Provavelmente seria «não se vêem protectores contra os inimigos», mas o restauro que Fermat e Lapidus apresentam não nos convence e não conseguimos propor outra solução. Pelo menos com aquela grafia, que parece exceder bastante o espaço em falta no papiro (A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, p. 174; A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, chapa 12).

[176] A palavra *sḫ* apresenta aqui um caracter G. Z7 ( ) a mais (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 237).

[177] No sentido de «quem nos protegerá».

[178] Ipu-uer continua a insistir com o seu interlocutor para que ele reaja.

[179] Estas três divindades representam a deificação de três conceitos: Hu personificava o poder da palavra com a qual o demiurgo dava existência às coisas – a palavra criadora; Sia personificava o conhecimento, a percepção e a compreensão divina – a inteligência. Eram duas divindades associadas a Ptah: Sia, o génio que personificava o coração, pensava, e Hu, personificando a língua, executava. Sobre Maat ver o *Conto do Camponês Eloquente* (J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 415-416).

[180] A palavra *bꜣwt* é desconhecida, mesmo aparecendo registada no dicionário de Sánchez Rodrigues com o significado de «servidor». É uma proposta de Gardiner, feita com pouca convicção, mas seguida por Lichtheim e Fermat e Lapidus, com igual falta de convicção e que nós não partilhamos. Helck propõe a correcção da leitura para  *btꜣ*, ou seja, «corredor», palavra formada a partir do verbo «abandonar», o que além de não nos convencer, apresenta um método que não utilizamos: altera por completo a grafia original. Partindo do princípio que não é um erro, a busca dum significado a contexto levou-nos à utilização, também com alguma incerteza (em vez do verbo *ḥꜣb* faria mais sentido estar o verbo *rdi*), da proposta de Parkinson, «emboscada», pois julgamos que tem alguma lógica: com medo das emboscadas que lhe possam fazer, ele fugirá sem parar. Por outro lado o determinativo aparece em palavras

como , «interior» (de uma emboscada) ou , «lugar» (de uma emboscada), para além de poder ser o fonema bilítero *pr* no verbo *pri*, «partir», «sair», «fugir». Portanto, parece-nos poder fazer algum sentido a possibilidade de poder existir uma palavra com este significado e a utilização deste determinativo, que não vemos em palavras com o significado de «servidores», «criados». Por exemplo: *iḫms*, *ʿḳyt*, *wbȝyt*, *wdpw*, *bȝk*, *bȝkt*, *mrw*, *mrt*, *ḥm*, *ḥmt* e *ḥnwty* (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 164; A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, pp. 85-86 e chapa 13; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 160; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, p. 180; W. HELCK, «*Die "Admonitions" Pap. Leiden 1344 recto*», p. 59; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 187; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 492).

[181] A mesma frase, com ligeiras diferenças de concordância, em 5.12.

[182] Esta introdução com que se inicia outra parte do texto, agora afirmando que apesar de tudo o que se passa no Egipto ainda é possível pensar em coisas boas, está ausente do papiro. Contudo, a parte final do pedaço em falta mostra sinais de tinta encarnada e é exactamente do tamanho dos exemplos que se seguem constituídos por estas palavras. Curiosamente todos a preto (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 87 e chapa 13).

[183] A bebida e a embriaguez vistas com um valor positivo, provavelmente por serem manifestações que acompanhavam muitas celebrações religiosas.

[184] A palavra *myt* não é traduzida por Gardiner e por Lichtheim; Faulkner diz apenas «uma bebida»; Parkinson diz que é «uma bebida forte»; Sánchez Rodríguez chama-lhe «licor»; Helck diz que se trata de «espumante»; enquanto Fermat e Lapidus preferem «bebida inebriante» (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 88; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 160; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 104; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 187; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 202; W. HELCK, «*Die "Admonitions" Pap. Leiden 1344 recto*», p. 61; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, p. 184).

[185] O autor sonha com o ideal de vida egípcio, por contraste com a anarquia existente.

[186] Ou seja, quando a segurança existe para todos inclusivamente para aqueles que dormem ao relento.

[187] Deveria ser um procedimento próprio das celebrações do Ano Novo. Em relação ao calendário agrícola, era um dia que ficava no final da época das colheitas (Chemu) e dava início ao período da inundação (Akhet) (cfr. T. F. CANHÃO, «O calendário egípcio: origem, estrutura e sobrevivências»).

[188] Provavelmente o que falta seria ou teria o sentido de «logo que o Nilo sobe...».

[189] O Egipto.

[190] Numa enumeração de povos periféricos ao Egipto, não nos parece que esta palavra surja aqui com o seu significado futuro de «polícias do deserto», mas como a referência original dos povos da região de Medjai, que Faulkner diz ser uma «região da Núbia». Contudo, essa não é a localização correcta desta região, conforme nos mostra Manley. A Núbia é a região a sul do Egipto entre a ilha de Elefantina e a confluência do Nilo com o Atbara, e Medjai fica a norte dessa região no Deserto Arábico. Incluindo a região dos montes do mar Vermelho, é uma região delimitada de oeste para este pelo mar Vermelho e o rio Nilo, e de norte para sul entre o Uadi Hammamat e o Uadi el-Hudi. Aliás, no mapa da página 45 do atlas de Manley, que se intitula o «Egipto do Império Médio, de 1956 a 1080 a. C.», época provável da origem deste conto, era uma zona periférica ao Egipto que não se encontrava sob o seu domínio (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 123; B. MANLEY, *Atlas Historique de l'Égypte Ancienne*, pp. 27, 45 e 51; J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 12-13).

[191] Do país, do Egipto.

[192] A anarquia instalada assusta os estrangeiros vizinhos do Egipto que, inclusivamente, se sentem ameaçados. Mas ficar sem fazer nada e deixar que a areia do deserto tome conta de tudo também não é a solução.

[193] O que parece ser um *w* ( ), aparentemente, está a mais, embora todas estas linhas até ao fim sejam de muito difícil leitura (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, chapa 15).

[194] As linhas 15,6 a 15,11 desapareceram quase na totalidade. Sobreviveram no tempo em que Gardiner as leu, aquilo que parece ser a palavra *int*, «peixe», na linha 15,6, quatro ou cinco caracteres na linhas 15, 10 e pouco mais do que isso na linha seguinte, ambos hoje sem significado (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, chapa 15).

[195] Trata-se de uma enumeração de produtos, sem que se entenda se faltam ou se existem. Contudo, em função do que será dito a seguir, parece que o faraó terá conseguido restabelecer a ordem e, portanto, é provável que sejam produtos que voltavam a circular novamente.

[196] O nome Ipu-uer, que significa «Grande é aquele que fala», isto é, que diz as coisas com correcção, é o nome apropriado para um sábio que faz esta descrição. O «senhor de tudo» é o faraó, não um faraó específico mas qualquer faraó referenciado pelo seu epíteto mais divino, uma vez que esta designação era partilhada por si e pelo demiurgo. Ipu-uer dirige-se, portanto, de uma forma genérica, a todos quantos ocupem a cadeira do poder máximo. Não é um conto histórico, onde se identifique um rei, um acontecimento, ou algum local em particular, mas antes um conjunto de lamentações. É um monólogo, cujas partes em falta, quanto muito, poderiam provar ser um diálogo, onde se reflecte acerca das dificuldades da vida num Egipto em crise.

[197] Isto é, com o que agradava ao coração.

[198] A frase *wn s pw* lembra a primeira frase do *Conto do Camponês Eloquente*: *s pw wn*. Embora sejam gramaticalmente diferentes, elas podem ser traduzidas da mesma forma. Pela posição na frase, *wn* é um verbo no primeiro caso (aliás, correctamente deveria ser *wnn*) que significa «ser», «estar» ou «existir», e um substantivo estativo que se refere ao passado ou ao futuro, conforme o contexto, no segundo. Literalmente, a frase daquele conto lê-se «este homem era do passado» ou «este era um homem do passado» e, portanto, possibilitando a tradução mais interpretativa de «era uma vez um homem», numa construção substantivo + *pw* + estativo. Enquanto a frase que aqui encontramos se lê literalmente «havia este homem» ou «existia este homem» ou, ainda «este homem existia», permitindo também uma tradução mais interpretativa de «era uma vez um homem», numa construção verbo + *pw* + substantivo. Cfr. *Conto do Camponês Eloquente* R 1.1.

[199] Gardiner, tal como Fermat e Lapidus, atribui o significado de «destino» à palavra *šꜣw*. Encontrámos esta palavra com este significado nos dicionários, mas com uma grafia completamente diferente: (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 94; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, p. 193; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 261; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 414).

[200] As linhas 16,3 a 16,11 desapareceram quase na sua totalidade, havendo apenas três ou quatro hieróglifos, praticamente ilegíveis, na terceira linha. Até ao fim do que ainda existe não é possível estabelecer grande coerência textual (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, chapa 16).

[201] A palavra *bi* não existe, mas *bw* significa «lugar». Ou é erro do copista ou somos nós a imaginar o que poderia estar lá! Nas condições em que se encontra esta parte do papiro é muito difícil ter certezas absolutas.

[202] Antes da parte destruída existe nesta linha uma pequena área em branco. É natural que faltem alguns caracteres no final da última linha da página anterior, pois há espaço para isso e os dois primeiros caracteres da linha 17,1, isolados ou em conjunto com os que se seguem, não constituem qualquer palavra conhecida. Contudo, os seguintes podem ser lidos da forma que apresentamos, ainda que possa ser uma leitura incorrecta por desconhecimento do resto do texto (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, chapa 16).

[203] O resto do texto perdeu-se e não há qualquer elemento que nos permita saber a extensão da parte inexistente, embora os cálculos de Parkinson apontem para a possibilidade de, no que resta do papiro, ainda poder ter havido espaço para cerca de dez linhas manuscritas, ou seja, para cerca de 25 versos (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 199).

6. DIÁLOGO DE UM DESESPERADO COM O SEU *BA*

6.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse

O *Diálogo de um Desesperado com o seu Ba* é mais um texto que surge num único manuscrito conhecido, em escrita hierática: o *Papiro de Berlim 3024*. Integrando até 1843 a Colecção Athanasi[1], é um papiro que, através de Richard Lepsius, foi adquirido nessa altura pelo Königliche Preussische Museum, mais tarde os Staatlichen Museen de Berlim, conjuntamente com outros objectos e papiros (entre eles uma cópia da *História de Sinuhe* e duas do *Conto do Camponês Eloquente*). É um papiro dos finais da XII dinastia, do qual se perdeu o início mas se preservou a parte final que apresenta cólofon. Segundo Barta, é possível que o óstraco «Gardiner 369» contenha uma parte do início perdido[2]. Deste início são também os fragmentos H, I J, K e L do *Papiro Amherst III*, propriedade da Biblioteca Pierpont Morgan, de Nova Iorque[3], que não utilizaremos aqui por serem praticamente incompreensíveis: o fragmento H apresenta parte de três linhas onde apenas um hieróglifo (G. Y1) é legível e os restantes pouco mais exibem. Contudo, na junção dos fragmentos J e K é possível ler a significativa expressão *sbȝ.i tw*, «eu ensino-te» supostamente no que é a primeira fala de *ba*[4].

Parkinson afirma que tendo em conta a linguagem, o original deve ter sido composto poucas décadas antes de efectuada esta cópia[5]. O seu

---

[1] *Vide* em *Conto do Camponês Eloquente*, o capítulo 4.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse, p. 354, nt. 10.

[2] W. Barta, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, p. 10.

[3] Já no *Conto do Camponês Eloquente* se fez referência aos fragmentos do A-E do *Papiro Amherst I* e aos fragmentos F-G do *Papiro Amherst II* (*vide* pp. 351-355).

[4] R. B. Parkinson, «The missing beginning of the "The Dialogue of a Man and his Ba": P. Amherst III and the History of the Berlin Library», em *ZÄS* 130 (2003), 120-133.

[5] R. B. Parkinson, *The Tale of Sinuhe*, p. 154.

comprimento é de 3,50 metros e a largura de 16 cm. Contém sete folhas, das quais as primeiras têm 44 cm de comprimento e as últimas apresentam alguma variação. Cerca de 2,50 metros deste papiro é palimpsesto, tendo sido preservadas perto do final do *recto*, 25 colunas de outro texto, a história de um pastor e de uma deusa, que Goedicke designa por «História do pastor»[6]. Como habitualmente foram utilizadas a tinta negra e a tinta encarnada, ainda que esta última apenas tenha servido para escrever o cólofon.

Com excepção de algumas falhas no início, encontra-se em perfeito estado de conservação, desenvolvendo-se por 155 colunas, numa escrita hierática muito bem desenhada, fluente e de bonito efeito[7]. Tal como outros papiros anteriores, também este tem numerosos erros e omissões, sobretudo na sua parte final. Não se sabe ao certo quantas colunas faltarão no início, mas como a primeira folha tem catorze colunas e 22 cm de comprimento, o que representa metade das outras folhas iniciais, pelo menos catorze colunas estão em falta nesta página. Isto contando os 44 cm por inteiro! Mas, no início dos papiros, os escribas deixavam sempre uma margem maior para evitar que qualquer deterioração avançasse até ao texto. Essa margem era variável podendo atingir os 10 cm, ou seja, seis ou sete colunas. Sendo assim, a primeira página deveria ter 21 colunas e não 28. Ora as sete colunas em falta seriam manifestamente pouco espaço para as frases de abertura à laia de título, a primeira intervenção do homem ao qual o *ba* responde e, eventualmente, algumas referências às divindades invocadas na disputa, que surgem na primeira parte preservada[8]. Por isso é provável que falte uma outra página antes, num total de cerca de 35 linhas (21+14).

---

[6] H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, p. 2.

[7] *Idem*, pp. 218, 220, 222, 224, 226, 228, 230, 232; A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, pl. 1-10; W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, em anexo fotográfico não numerado.

[8] H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, pp. 2 e 83.

Contudo, Barta chega a uma conclusão diferente de Goedicke e confirma-a de duas formas distintas, sem se afastar da ideia de que são raciocínios hipotéticos. A diferença de um centímetro no tamanho total do papiro (351 cm) é irrelevante, mas os 41 centímetros para o comprimento médio de cada uma das oito folhas completas e os 19,5 centímetros para a primeira folha conservada incompleta, já fazem diferença. Tal como Goedicke, ou nós próprios, conta 155 linhas num espaço de 240,6 centímetros, em que cada coluna tem uma largura de cerca de 1,6 centímetros, o que determina que uma folha completa tivesse 25 colunas. A primeira folha, que está incompleta, tem treze colunas, o que quer dizer que faltam doze colunas. Considerando-se que faltam duas folhas antes e não uma, como pretendia Goedicke, temos um total em falta de 62 colunas (12+25+25)[9]. Note-se que se considerarmos apenas uma folha em falta, Barta obtém um resultado muito semelhante ao de Goedicke (12+25=37). Mas como é que se chega à falta de duas folhas? Através do outro processo de contagem que é a base de todo o trabalho de Barta: a contagem dos *cola*[10]. Como o mais pequeno elemento de construção métrica, o *cólon* pode oferecer uma possível base de medida.

Com excepção das respostas mais curtas do *ba*, todos os discursos são formados por quatro estrofes, ficando de fora pequenas frases intercalares, de características narrativas, que introduzem os discursos: os do *ba* foram construídos com duas sílabas tónicas e os do homem com três. Uma única excepção nessas introduções (embora o segundo discurso do homem também seja atípico): o terceiro discurso do *ba*, que é um verso de quatro tónicas, impossível de decompor porque isso poria em causa a sua unidade relativa (o complemento directo – boca – separar-se-ia do predicado – responder – introduzindo o segundo verso). Não sendo de admitir um erro do copista, uma vez que pelas outras introduções ele seria capaz de usar fórmulas mais curtas, a colocação de

---

[9] W. Barta, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, pp. 60-61.

[10] Sobre a contagem dos *cola* ver a Introdução do livro de T. F. Canhão, *Doze Textos Egípcios do Império Médio. Traduções integrais*, IUC, 2013.

um raro caso de uma construção de quatro tónicas neste local, só pode ficar a deve-se a um caso muito especial: funciona como charneira de todo o texto[11]. O quadro de síntese que Barta nos apresenta para a organização geral deste texto poético, que nós reproduzimos, ajuda-nos a perceber a contagem dos *cola*:

I. Discurso do homem	
Introdução	3 tónicas
Discurso	69 tónicas
I. Discurso do *ba*	
Introdução	2 tónicas
Discurso	7 tónicas
II Discurso do homem	
Introdução	- - - - - - - -
Discurso	54 tónicas
III Discurso do *ba*	
Introdução	4 tónicas
Discurso	89 tónicas
III Discurso do homem	
Introdução	3 tónicas
Discurso	210 tónicas
IV Discurso do *ba*	
Introdução	2 tónicas
Discurso	19 tónicas[12]

Considerando a frase de quatro tónicas o meio da composição, vemos que 135 *cola* antecedem-na (3+69+2+7 +54) e 323 *cola* seguem-na (89+3+210+2+19). Considerada a diferença entre estes dois resultados, o equilíbrio entre duas metades iguais só seria possível se no início existissem mais 188 tónicas (323–135), sendo este o número de *cola*

[11] Embora este não seja um texto mágico, é de relembrar em *O Camponês Eloquente* o significado dos números três e quatro, nt. 21, pp. 479-480 e nt. 134, p. 507.

[12] W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, p. 60.

perdidos. Como cada linha tem em média três tónicas, devem ter existido 63 linhas antes do primeiro discurso completo do homem. Tendo-se conservado em estado fragmentário as últimas três linhas do que se pensa ter sido o primeiro discurso do *ba*, faltariam assim cerca de 60 linhas ao papiro, um número muito próximo dos cálculos que têm em consideração a extensão do papiro e o número de colunas por página[13].

A grande conclusão que se tira destes cálculos, é que se pode ter perdido cerca de um quarto deste texto. Uma vez que chegaram até nós seis intervenções, três do homem e três de *ba*, é provável que estejam em falta uma fala introdutória do homem e a primeira réplica de *ba*, da qual temos a conclusão. Assim, cada um falaria quatro vezes, um número muito presente neste texto (falas, estrofes das conversas longas, tónicas da frase charneira...) e de grande significado para os Egípcios. Pelo facto de se ter perdido o seu início, não conhecemos nem o motivo nem as circunstâncias mais próximas do discurso desta obra literária realmente única, sem paralelo na literatura egípcia. Embora sem a marcação dos pontos que encontramos noutros textos, ou da utilização da tinta encarnada, a estrutura literária deste texto é, também na nossa opinião, poética, mas é bom não esquecer que em relação a este texto têm surgido diversas opiniões e, em parte, completamente opostas. É um discurso que está organizado simetricamente, o que é bem visível sobretudo na segunda metade, onde mantém uma cadência muito sugestiva nas últimas estrofes, parecendo até existirem refrães, pelo insistente uso de anáforas. No plural e não no singular, porque não parece estarmos na presença de um poema, mas num encadeado de poemas, facilmente separáveis uns dos outros. Pelo tema – reflexões sobre a morte – e pela estrutura literária, quase diríamos estar na presença de uma canção de harpista, não fosse o protagonista estar vivo e a desusada extensão que no seu todo apresenta! A estas dificuldades, acrescente-se o facto de termos que determinar o significado de uma quantidade de palavras raras ou mesmo desconhecidas.

---

[13] W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, p. 60.

As obras de Erman, Barta e Goedicke, a primeira ainda do século XIX, são fac-similadas, com excelentes fotografias e transcrição para egípcio hieroglífico; há ainda outra transcrição do egípcio hierático para o egípcio hieroglífico feita for Faulkner[14]. São estas as nossas fontes para este trabalho.

Sinopse. Este texto representa a introspecção de um homem vivo que se debate entre as opções de continuar a viver ou morrer, assumindo o homem a defesa da morte e o *ba* a defesa da vida. Não é um texto religioso. O homem, anónimo, está num dualismo – tão típicos na cultura egípcia – em que procura uma saída pelo suicídio, sendo confrontado pela sua própria alma, se quisermos, consciência, que o tenta dissuadir de levar avante os seus intentos. Nenhuma destas palavras é inteiramente correcta para definir *ba*, um dos complexos princípios espirituais da personalidade humana ou divina que constituíam a totalidade espiritual de cada indivíduo, que, inclusive, compreendia uma componente física ao nível da personalidade e, até, do desejo sexual, através do qual a pessoa se manifestava em vida ou na morte[15]. Por esta razão, manteremos a palavra original na tradução. Mas, uma vez que o homem fala consigo próprio, com o seu eu, embora redutoras, talvez nenhuma delas seja totalmente inusitada, tendo nós particular inclinação para a segunda.

O motivo da sua indecisão é o facto de estar completamente alienado pelo mundo que o rodeia e, principalmente, sem saber como encarar a morte e o que esperar dela. A própria morte era entendida pelos Egípcios de forma dualista, com respeito e temor. O *ba* discorda e opõe-se, defendendo a vida e argumentando, de forma muito pragmática, que a morte é dolorosa. Há claramente uma inversão de papéis. Essa

---

[14] A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*; H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*; W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*; R. O. FAULKNER, «The Man who was tire of life».

[15] Os outros dois elementos eram o *ka* e o *akh* (L. ARAÚJO, «Ba», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 131-132).

inversão e esse pragmatismo do *ba* surgem em coisas tão simples como o facto de o homem para se referir à morte optar por expressões como o «santificado Ocidente» e o *ba* preferir a palavra, nua e crua, «morte»; ou o facto de para o homem a morte ser um porto de abrigo e para a alma um naufrágio. Os discursos do homem e do *ba* vão-se alternando desde um discurso de *ba* que desconhecemos, mas do qual temos a resposta do homem, até ao discurso final do *ba*, antes do cólofon. Temos três intervenções do homem e quatro do *ba*, sendo que a primeira é incompreensível. Por fim, quando poderíamos prever o triunfo da vida sobre a morte, a alma concorda com o homem num discurso onde pela primeira vez em todo o texto é utilizada a palavra «nós».

6.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada

... ... tn r ḏd ... ...
... vós, para dizer[1]... ... ...

... ... n nmᶜ.n [ns.s]n
... ... As suas línguas não podem ser parciais!

i[w] r ḫ3[bb ...] db3w
Isso pode ser uma retribuição ... desonesta[2]!

n nmᶜ.n ns.sn
As suas línguas não podem ser parciais!»

iw wpi.n.i r.i n b3.i
Eu abri a minha boca para o meu *ba*,

wšb.i ḏdt.n.f
para responder ao que ele dissera:

iw n3 wr r.i m min
«Isto é muito grande para mim hoje[3]!

n mdw bꜣ.i ḥnᶜ.i
O meu *ba* não fala junto comigo!

iw grt wr r ᶜbᶜ
Isso agora é um grande exagero!

iw mi wsf.i im
Isso é como que ignorar-me!

n šm bꜣ.i
O meu *ba* não deve partir.

ᶜḥᶜ.f n.i ḥr.s
Deve permanecer firme comigo nisto.

[... ... ...].*f nn* ᵀ[... ...].*f* [... ...].*f*
... ... (?). Não ... (?) ... (?). Ele ... ...

m ḫt.i m šnw nwḥ
no meu corpo como uma armadilha[4] de corda.

nn ḫpr m-ᶜ.f rwi.f hrw ḳsnt
Isso não acontecerá por seu intermédio se ele partir no dia de infortúnio[5]!

mtn bȝ.i ḥr thit.i
Vejam[6], o meu *ba* está a enganar-me!

n sḏm.n.i n.f
Eu não devo ouvi-lo.

ḥr stȝ.i r mt n iit[.i] n.f
Arrasta-me[7] para a morte porque (eu) não chegava a ela!

ḥr ḫȝᶜ ḥr ḫt r sȝmt.i
Lança-(me)[8] ao fogo para que eu me queime!

[...] *mnt.f* [... ... ...].*f*
... seu semelhante ... ... (?).

tkn.f im.i hrw ḳsnt
Ele tem que estar perto de mim no dia da morte!

16 T

ꜥḥꜥ.f m pf gs mi iri nḥpw

Ele deve ficar deste lado, como «o que reza»[9] faz!

17 T

pꜣ is pw prr ini.f sw r.f

Na verdade é ele quem deve ir à frente, uma vez que ele foi a sua própria origem!

18 T

bꜣ.i wḫꜣ r sdḥ ꜣh[w] ḥr ꜥnḫ

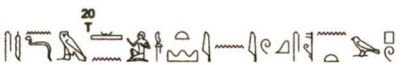
O meu *ba* foi ignorante ao minimizar o sofrimento relativamente à vida!

19 T

ihm wi r mt n iit.i n.f

Deténs-me em relação à morte e eu (ainda) não cheguei lá!

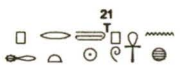
20 T



snḏm n.i imnt in iw ḳsnt pw

Faz com que me seja agradável o Ocidente! Isto é difícil?

21 T



pẖrt pw ꜥnḫ

A vida é um estado transitório;

iw ḫtw ḫr.sn

(só) as árvores caem!

ḫndt r.k ḥr isft wꜣḥ mꜣir.i
Deita abaixo o mal e derruba a minha miséria!

wḏꜥ wi ḏḥwty ḥtp nṯrw
Possa julgar-me Tot, o que apazigua os deuses!

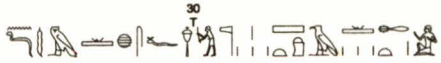
ḫsf ḫnsw ḥr.i sš m mꜣꜥt
Possa Khonsu, o que escreve com verdade, defender-me!

sḏm rꜥ mdw.i sg wiꜣ
Possa Ré, o que controla a barca sagrada, ouvir as minhas palavras!

ḫsf isds ḥr.i m ꜥt ḏsr[t]
Possa Isdés[10] defender-me na sala sagrada[11]!

[*ḥr*] *ntt sꜣir.i wdn*
Para que a minha miséria[12] seja (mais) forte,

m [*ꜣtpw* (*?*)] *fꜣi.n.f n.i*
ele aumentou o peso[13] sobre mim!



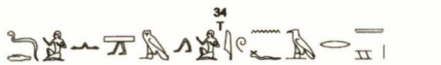
nḏm ḥsf nṯrw štɜw ḫt.i
Será agradável aos deuses protegerem os segredos do meu corpo!»

ḏdt.n n.i bɜ.i
Ao que o meu *ba* me disse[14]:

n ntk is s iw.k tr ꜥnḫt
«Tu não és um homem? Na verdade tu estás vivo.

ptr km.k mḥy.k ḥr ꜥnḫ
O que[15] ganhas em ponderar sobre a vida

mi nb-ꜥḥꜥw
como um homem rico[16]?»



ḏd.i n šm.i iw nfɜ r tɜ
Eu disse: «Eu ainda não parti desta terra[17]!

nḥmn tw ḥr tfyt nn nwit.k
De facto, se te escapares, não te importará!

ḫnri nb ḥr ḏd iw.i r iṯit.k
Todos os criminosos dizem: "Eu vou agarrar-te com firmeza!"

iw grt.k mt rn.k ꜥnḫ
Além disso, quando estiveres morto, o teu nome estará vivo

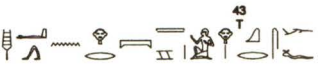
st nfꜣ nt ḫnit ꜥfd(t) nt ib
e aquele será um lugar tranquilo, atractivo[18] para o coração.

dmi pw imnt ḫnit ḳs[... ...] *ḥr*
O Ocidente é o cais[19] ... ... viagem[20] à vista!

ir sḏm.n.i bꜣ.i iw[*ty*] *btꜣ*
Se o meu *ba* me ouvir como alguém sem maldade,

twt ib.f ḥnꜥ.i iw.f r mꜥr
com o seu coração de acordo com o meu, será bem sucedido.

rdi.i pḥ.f imnt mi nty m mr.f
Eu farei com que alcance o Ocidente como alguém que está na sua pirâmide



ʿḥʿ.n ḥry-tȝ ḥr ḳrs.f
e um sobrevivente esperado do seu enterro.

iw.i r irit niȝi [*ḥr*] *ḫȝt.k*
Eu farei uma cobertura[21] para o teu cadáver

sḏdm.k ky bȝ m nnw
e tu farás inveja a (qualquer) outro *ba* cansado.

iw.i r irit niȝi iḫ tm.f ḥsw
Eu farei uma cobertura, (assim) serás aquele que não é frio[22],

sḏdm.k ky bȝ nt tȝw
e tu farás inveja a (qualquer) outro *ba* que[23] seja quente.

swri.i mw ḥr bȝbȝt ṯsy.i šwyt
Irei beber água nos remoinhos da margem do rio (onde) farei aparecer sombra

sḏ[*d*]*m.k ky bȝ nty ḫkr*
e tu farás inveja[24] a (qualquer) outro *ba* ávido[25].

ir ihm.k wi r mt m pȝ ḳi
Mas se tu me impedes[26] de morrer desta maneira,

nn gmi.k ḫnit.k ḥr.s m imnt
não irás encontrar um lugar onde descansar no Ocidente!

wȝ[ḥ] ib.k bȝ.i sn.i
Acalma o teu coração, meu *ba*, meu irmão,

r ḫprt iwʿw.i drp.ty.fy
até o meu herdeiro chegar, que fará oferendas,

ʿḥʿt.fy ḥr ḥȝt hrw ḳrs
que permanecerá no túmulo no dia do enterro

sȝy.f ḫnkyt nt ḫrt-nṯr
e preparará a cama[27] na necrópole.»

iw wpi.n n.i bȝ.i r.f
O meu *ba* abriu a sua boca para mim

wšb.f ḏdt.n.i
e ele respondeu ao que eu dissera[28]:

ir sḫ3.k ḳrs nḥ3t-ib pw
«Se pensares no enterro, isso será doloroso!

init rmyt pw m sind s
Isso provoca as lágrimas, fazendo do homem um miserável!

šdit s pw m pr.f
Isso é como tirar um homem de sua casa

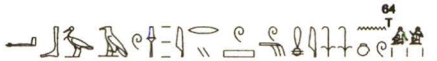
ḫ3ᶜ ḫr ḳ33
e atirá(-lo) para a terra alta[29]!

nn pri.n.k r ḥrw m33.k rᶜw
Não te voltarás a erguer para ver os dias[30]!

ḳdw m inr n m3t
Aqueles que constroem[31] com pedra de granito,

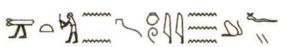
ḫwsiw m mrw nfrw m kȝwt nfrwt
que levantam bons túmulos de excelente construção,

ḫpr sḳdw m nṯrw
quando os construtores[32] se tornam deuses



ʿbȝw iry wšw mi nnw
as suas mesas de oferendas estão desoladas como a morte[33],

mtw ḫr mryt n gȝw ḫry-tȝ
dos que morrem nos bancos de areia sem haver um sobrevivente,



iṯi.n nwy pḥwy.fy
quando as águas se apropriaram do seu fim

šw m mitt iry
e a luz solar lhe fez o mesmo,

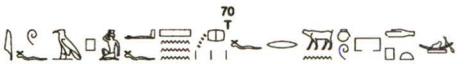
mdw.n.sn rmw spt n mw
e os peixes e as margens da água falam para eles!

sḏm.r.k n.i
Ouve-me!

mk nfr sḏm n rmṯ
Olha, é bom para as pessoas ouvir!

šms hrw nfr smḫ mḥ
Segue um dia feliz e esquece as preocupações!

iw nḏs sk3.f šdw.f
Um camponês lavra a sua parcela de terra[34].



iw.f 3tp.f šmw.f r ḫnw dpt
Carrega[35] a sua colheita destinada à subsistência para dentro do barco

st3s.f sḳdwt ḥb.f tkn
e reboca a embarcação[36]. A sua festa aproxima-se

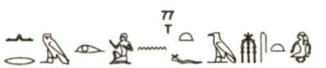
m3n.f prit wḫt nt mḥyt
e ele vê[37] aparecer a escuridão de uma tempestade vinda do norte.

rs m dpt rᶜ ḥr ᶜḳ
Ele[38] aguardou no barco até o sol entrar[39].

prỉ ḥnᶜ ḥmt.f msw.f
Então saiu com a sua mulher e as suas crianças,

ỉ3ḳ tp š šn m grḥ ḥr mryt
e passaram um mau bocado num lago com crocodilos durante a noite sujeitos aos crocodilos.

ḏr.in.f ḥmsỉ psš.f m ḫrw ḥr ḏd
Quando ele finalmente se sentou, ele rompeu com a voz[40] e disse:



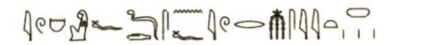
n rmỉ.ỉ n tfỉ mst
«Eu não choro aquela mãe,

nn n.s prỉt m ỉmnt r kt ḥr tỉ
para quem não há regresso do Ocidente para outra (permanência) na terra!

mḥy.ỉ ḥr msw.s sḏw m swḫt
Eu preocupo-me com os seus filhos dentro do ovo,

m3w ḥr n ḫnty n ꜥnḫt.sn
que viram o rosto de Khenti antes de terem nascido!"

iw nḏs dbḥ.f mšrwt
Um homem do povo pede a refeição da noite[41].



iw ḥmt.f ḏd.s n.f iw r msyt
A sua mulher[42] diz-lhe: «É para o jantar[43].»

iw.f pri.f r ḫntw r sst r 3t
Ele saiu para o exterior para vociferar[44] por um momento.

ꜥ*nn.f sw r pr.f iw.f mi ky*
Quando voltou para casa estava como (qualquer) outro (homem):

ḥmt.f ḥr šs3.n.f n sḏm.n.f n.s
a sua mulher argumentava e ele não a ouvia.

st.n.f wš ib n wpwtyw
Ao queixar-se[45], destruiu o espírito das pessoas presentes.»

iw wpi.n.i r.i n bȝ.i
Abri a minha boca para o meu *ba*

wšb.i ḏdt.n.f
e respondi ao que ele dissera:

mk bʿḥ rn.i m-ʿ.k
Olha, o meu nome é detestado por tua causa[46],

r sti ȝsw
mais do que o cheiro dos abutres

m hrww šmw pt tȝt
nos dias de Chemu quando o céu está quente.

mk bʿḥ rn.i m-ʿ.k
Olha, o meu nome é detestado por tua causa,

[*r sti*] *šsp sbnw*
mais do que o cheiro[47] de uma pescaria

m hrw rsf pt t3t
num dia de pesca em que o céu está quente.

mk bʿḥ rn.i m-ʿ.k
Olha, o meu nome é detestado por tua causa,

r sti 3psw
mais do que o cheiro dos patos [48],

r bw3t nt triw ḫr msyt
mais do que um abrigo de juncos cheio de aves aquáticas.

mk bʿḥ rn.i m-ʿ.k
Olha, o meu nome é detestado por tua causa,

r sti ḥ3mw
mais do que o cheiro dos pescadores,

r ḫ3sw nw sšw ḥ3m.n.sn
mais do que as enseadas dos pântanos onde eles pescam.

mk bʿḥ rn.i m-ʿ.k
Olha, o meu nome é detestado por tua causa,

r sti msḫw
mais do que o cheiro dos crocodilos,

r ḥmsit ḫr idbw ḫr mrryt
mais do que estar sentado na margem de um rio cheio de crocodilos[49].

mk bʿḥ rn.i m-ʿ.k
Olha, o meu nome é detestado por tua causa,

r st ḥmt
mais do que aquela mulher

ḏd grg r.s n ỉ3y
cujas mentiras são denunciadas ao (seu) marido.

mk bʿḥ rn.i m-ʿ.k
Olha, o meu nome é detestado por tua causa,

r ḫrd ḳni
mais do que uma criança saudável

ḏd r.f iw.f {iw.f} n msdw.f
de quem se diz ser de alguém[50] que lhe tem ódio.

mk bʿḥ rn.i m-ʿ.k
Olha, o meu nome é detestado por tua causa,

[*r*] *dmi n msh*
mais do que[51] o cais de um crocodilo

šnn bštw mȝȝ sȝ.f
que planeia o ataque contemplando as suas[52] costas.

ḏd.i n m min
Com quem posso falar hoje[53]?

snw bin
Com os irmãos é mau

ḫnmsw nw min n mri.ny
e os amigos de hoje não amam.

ḏd.i n m min
Com quem posso falar hoje?

ʿwn ibw
Os corações são gananciosos,

s nb ḥr iṯit ḫt snw.fy
cada homem apropria-se dos bens do seu igual[54].

[*ḏd.i n m min*]
(Com quem posso falar hoje?)

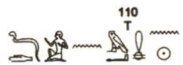
iw sf 3ḳ
A piedade pereceu,

nḫt ḥr h3iw n bw nbw
a violência tomou conta de toda a gente.

ḏd.i n m min
Com quem posso falar hoje?

ḥtp ḥr bin
Há satisfação em relação ao mal,

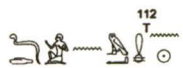
rdi r.f bw nfr r t3 m st nbt
o bem foi atirado ao chão por todo o lado.



ḏd.i n m min
Com quem posso falar hoje?

sḫʿr s m sp.f bin
Aquele que enfurece um homem com a sua má conduta,

ssbt.f bw nbw [m] iw.f ḏw
escarnece de toda a gente (com) o seu mau comportamento.



ḏd.i n m min
Com quem posso falar hoje?

iw ḥᶜḏ3.tw
Eles pilham,

s nb ḥr iṯit snw.fy
cada homem rouba o seu igual.

ḏd.i n m min
Com quem posso falar hoje?

bt3w m ᶜḳ-ib
O malfeitor é um amigo íntimo,

sn irr ḥnᶜ.f ḫpr m ḫfty
o irmão fará com que (qualquer) acontecimento se torne um inimigo.

ḏd.i n m min
Com quem posso falar hoje?

n sḫ3.t(w) sf
O ontem não é lembrado,

n iri.t(w) n ir m t3 3t
nada se faz por aquele que fez (o bem) naquele momento.

ḏd.i n m min
Com quem posso falar hoje?

117

snw bin
Com os irmãos é mau,

118

inn.tw m ḏrḏrw r mtt nt ib
os estranhos[55] têm que se alcançar para serem leais de coração.

ḏd.i n m min
Com quem posso falar hoje?

119

ḥrw ḥtm
Os rostos estão devastados,

120

s nb m ḥr m ḫrw r snw.f
cada homem está com o rosto abatido em relação aos seus irmãos.

ḏd.i n m min
Com quem posso falar hoje?

ibw ʿwn
A ganância está nos corações[56],

121
T

nn wn ib n s rhn.tw ḥr.f
não há nenhum coração humano que seja de confiança.

122
T

ḏd.i n m min
Com quem posso falar hoje?

nn mɜʿtyw
Não há homens justos,

123
T

tɜ spi n iriw isft
a terra foi abandonada aos malfeitores.

ḏd.i n m min
Com quem posso falar hoje?

iw šw m ʿḳ-ib
Falta um amigo íntimo,

inn.tw m ḫmm r srḫt n.f
regressa-se como um desconhecido para se lamentar.

ḏd.i n m min
Com quem posso falar hoje?

nn ḥr-ib
Não há ninguém que esteja satisfeito,

pf3 šm ḫnʿ.f nn sw wn
aquele com quem se caminhava não existe mais.

ḏd.i n m min
Com quem posso falar hoje?

iw.i 3tp.kwi ḫr m3ir
Estou sobrecarregado pela miséria,

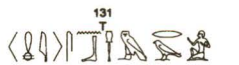
n g3w ʿḳ-ib
por falta de um amigo íntimo.

ḏd.i n m min
Com quem posso falar hoje?

nf ḥwi[.i] t3
Vagabundeio errático pela terra

nn wn pḥwy.fy
e não há fim para isso.

iw mt m ḥr.i {m} min
A[57] morte está ao meu lado hoje[58]



[*mi*] *snb mr*
(como)[59] a cura para um homem doente,

mi prit r ḫntw r-s3 ihmt
como sair para o exterior depois de estar detido[60].

iw mt m ḥr.i min
A[61] morte está ao meu lado hoje

mi sti ˁntyw
como a fragrância da mirra,

mi ḥmsit ḥr ḥtȝw hrw ṯȝw
como estar sentado sob um toldo num dia de vento.

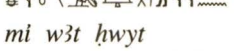
iw mt m ḥr.i min
A morte está ao meu lado hoje

mi sti sšnw
como a fragrância do lótus,

mi ḥmsit ḥr mryt nt tḫt
como estar sentado na margem embriagado.

iw mt m ḥr.i min
A morte está ao meu lado hoje

137



mi wꜣt ḥwyt
como um caminho muito trilhado[62],

138

mi iw s m mšꜥ r pr.sn
como um homem de uma expedição que chega a sua casa[63].

iw mt m ḥr.i min
A morte está ao meu lado hoje

139

mi kft pt
como o céu límpido,

140

mi s sḫt im r ḫmt.n.f
como um homem que descobre o que antes ignorava.

iw mt m ḥr.i min
A morte está ao meu lado hoje

141

mi ꜣbb s mꜣꜣ pr.sn
como um homem desejoso de ver[64] a sua casa[65],

iri.n.f rnpwt ꜥš3t m nḏrt
depois de ter passado muitos anos em cativeiro.

wnn ms nty im m nṯr ꜥnḫ
De facto, aquele que está lá[66] é um deus vivo

ḥr ḫsf iw n irr sw
que pune as más acções daquele que as faz[67].

wnn ms nty im ꜥḥꜥ m wi3
De facto, aquele que está (no Além) deve manter-se firme na barca sagrada[68],

ḥr rdit dit stpt im r rw-prw
distribuindo alimentos cuidadosamente aí escolhidos aos templos.

wnn ms nty im m rḫ-ḫt
De facto, aquele que está (no Além) é um sábio,

n ḫsf.n.t[w].f ḥr spr n rꜥ ḫft mdw.f
ninguém se lhe opõe ao apelar a Ré quando fala.»

148

ḏdt.n n.i bꜣ[.i]
Ao que o meu[69] *ba* me disse:

imi r.k nḫwt ḥr ḫꜣꜣ
«Atira as lamentações por cima da sebe[70]!

149

n(y)-sw.i pn sn.i
Este pertence-me a mim[71], meu irmão!

wdn.k ḥr ꜥḥ
Possas tu fazer oferendas no incensário

150

dmi.k ḥr ꜥnḫ mi ḏd.k
e manteres-te com vida de acordo com o que tu disseste!

151

mri wi ꜥꜣ wn.n.k imnt
Ama-me aqui e põe de lado o Ocidente!

152

mri ḥm pḥ.k imnt
Quando for desejável que alcances o Ocidente,

sꜣḥ ḥꜥw.k tꜣ

então o teu corpo juntar-se-á à terra

153

ḫny.i r sꜣ wrd.k

e eu pousarei[72] logo após tu te teres esgotado.

154

iḫ iri.n dmi n sp

Então alcançaremos o cais juntos.

155

iw.f pw ḥꜣt.f r pḥ.fy mi gmyt m sš

E acabou, do princípio ao fim, como o que se encontrou na escritura.

NOTAS

[1] Este seria, tanto quanto é possível compreender, o primeiro discurso de *ba*, sem que se possa saber se já era uma resposta a algo dito anteriormente. Em função do que existe, será considerado o primeiro discurso de *ba*. Com a frase tão incompleta é difícil traduzir da forma mais correcta a preposição *r*: «destinado a», «mais do que», «ao contrário de», «segundo», «relativo a», «para»... Do mesmo modo, o pronome independente *tn* refere-se a algo dito anteriormente, uma vez que os pronomes dependentes não podem encontrar-se no princípio das frases, seguindo sempre um elemento com o qual formam uma unidade acentuada. O facto de estar no plural, sugere que a alma pode estar a dirigir-se a uma audiência ou, como avança Parkinson, «o homem pode então ter descrito como ele e a sua alma tiveram uma discussão se estivesse num tribunal: detalhes gramaticais sugerem que o diálogo teve lugar antes de uma audiência, possivelmente de deuses, embora o homem estivesse ainda vivo.» (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 152).

[2] Estes três restauros devem-se a Faulkner. Os dois primeiros não levantam dúvidas, embora Erman tivesse sugerido no segundo poder ser – *šw*, «estar vazio»), hipótese já afastada. Mas no terceiro caso, Goedicke restaura-o com *iw* (*i*)*r ḥ3*[*.sn nb*]-*db3w*, «quando eles rejeitarem um suborno». Filia a sua convicção na necessidade de depois da qualificação negativa das línguas, ter que surgir uma frase que transmita uma acção positiva, sendo o verbo *ḥ3*, «opor», «rejeitar», a assumi-la. Diz onde é possível colher exemplos e refere que todos eles incluem uma pessoa como complemento directo, o que aqui também é o caso: *nb-db3w*, «a pessoa que dá o suborno». É uma explicação exclusivamente gramatical que, em nossa opinião, nem é muito consistente. Preferimos a opção de Faulkner, claramente explicada a contexto por Parkinson: «As *línguas* pertencem aos juízes da morte no Além, cuja parcialidade ameaça qualquer esperança numa morte indolor. A alma parece usar isto para justificar o seu desentendimento com o homem.» (R. O. FAULKNER, «The Man who was tire of life», pp. 21-22 e 30; H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, p. 87; A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, p. 17; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 155 e 161).

[3] Estas frases iniciam o primeiro discurso do homem.

[4] A palavra *šnw* significa «circuito», «circunferência». A mesma palavra com um determinativo diferente quer dizer «fechar», «enclausurar». Com um terceiro determinativo significa «cartela». Uma armadilha de corda podia ser ou não uma rede, daí a nossa preferência (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 268).

[5] Ou «no dia de pesar», uma clara referência ao dia da morte.

[6] Esta partícula proclítica no plural é mais uma indicação de que haveria mais do que um ouvinte.

[7] O mais certo é termos aqui um erro por omissão do *w* do pronome dependente primeira pessoa do singular que aqui devia estar (*wi*), uma vez que não nos parece admissível que o pronome sufixo assuma o valor do pronome dependente. A palavra *sḏ3* apresenta um caracter a mais antes dos dois últimos determinativos, que existe de facto no manuscrito (H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, p. 218; A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, fotog. 1; W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, fotog. 1).

[8] Nos verbos *ii* e *ḫ3ˁ*, foram omitidos os pronomes sufixos da primeira pessoa do singular *.i*.

[9] É claramente um ritualista fúnebre que, pelo menos no dia da morte, vai dizendo ou cantando orações. O verbo *nḥi* significa «rezar por», que pode também ser o substantivo «aquele que reza»; o demonstrativo *pw* significa «este» ou «o»; o último determinativo dá-nos a entender que é uma pessoa.

[10] É a mais antiga referência a este deus funerário do julgamento de Osíris, associado a Anúbis, e cuja ligação ao séquito de Tot também foi sugerida mas não confirmada (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 161; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 105; H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, p. 107).

[11] Era a sala onde o morto era julgado no tribunal de Osíris.

[12] A palavra pode significar «dificuldade», «carência», «miséria». Mas pelo contexto, esta «miséria» é uma «miséria física provocada pelo abandono do homem em relação ao esperado julgamento no Além» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 210; H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, p. 107).

[13] Nesta passagem o papiro apresenta um rasgão, sendo omisso qualquer vestígio de texto. Contudo, na lacuna de cerca de dois centímetros que apresenta, concordamos com Faulkner que diz ser possível restaurar aí a palavra *3tpw*, provavelmente numa das suas variantes mais simplificadas, como (A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, fotog. 2 (linhas 17-32); R. O. FAULKNER, «The Man who was tire of life», p. 22; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 268).

[14] É uma forma verbal relativa especial, da forma perfectiva relativa: *sḏmw.n.f* (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 297 e 311). É o segundo discurso de *ba*, com duas simples perguntas.

[15] Esta é uma passagem difícil e controversa. Erman propôs a leitura *ˁnḫt* e Sethe modificou-a para um «old perfective» *ˁnḫt.ti*, cuja partícula proclítica se escreve ou , e com maior raridade, . Mas antes destas duas palavras já temos a

partícula enclítica *tr*, o que, embora pudesse ser considerado um reforço, torna esta hipótese gramaticalmente pouco apropriada. Se acrescentarmos a isto que o caracter que segue o *t* é um *p*, mais estranha é aquela versão. Barta ainda apresenta uma proposta mais estranha: *ʿnḫt.ti pw tr*. Faz surgir o pronome interrogativo sem que haja o caracter *w*, que nesta versão do pronome interrogativo está sempre presente. Contudo, podemos manter a proposta de Erman, *ʿnḫt*, e juntar o *p* à partícula *tr*, fazendo surgir o pronome interrogativo *ptr*, uma outra grafia para quando não se escreve visivelmente o *w*. Em qualquer dos casos, a tradução literal mantém-se muito semelhante nos vários autores: «qual o teu lucro» (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 188-189, 234-235 e 406-407; A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, p. 30 e fotog. 2 (linhas 17-32); H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, pp. 110-111; W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, p. 13; R. O. FAULKNER, «The Man who was tire of life», pp. 22, 27 e 33; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 156; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 165).

[16] Curiosamente a palavra «rico» é homónima de «vida», «existência», (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 233; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 47-48).

[17] Inicia-se o segundo discurso do homem.

[18] Outro erro ortográfico: falta a desinência do feminino na palavra *ʿfdt*.

[19] A imagem do cais como ponto de chegada após a viagem da vida, como local de desembarque para a eternidade, é usual. Aparece, por exemplo, no *Conto do Camponês Eloquente*.

[20] Poderia estar aqui o adjectivo *ḫsn*, no feminino *ḫsnt* ( ), «penosa», «difícil», seguido de um demonstrativo *tw* ou *tn* ( ). A frase seria: «O Oeste é o cais desta penosa viagem à vista!».

[21] Esta palavra não consta no dicionário de Faulkner, mas surge no de Sánchez Rodríguez com algum grau de incerteza (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 229).

[22] É claramente uma distracção do escriba: o pronome sufixo devia estar na segunda pessoa masculina do singular e não na terceira pessoa masculina singular. Em todo o caso, *tm.f ḥsw* é uma forma relativa que significa literalmente «aquele que não é frio».

[23] Outro erro. A palavra correcta será o adjectivo relativo *nty* (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 150-151). Sobre esta construção relativa cfr. *idem*, p. 251.

[24] Por analogia com os casos anteriores será *sḏdm.k* e não *sḏm.k*.

[25] Ou «outro *ba* com fome»; mas uma vez que se trata de beber água à sombra, parece-nos melhor a nossa opção.

[26] A palavra é uma variante da palavra , tal como aparece na linha dezoito (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 28).

[27] Em Sinuhe B 294 também surge este vocábulo com o mesmo significado, embora aqui se possa admitir que esta cama seja o féretro. Embora a cerveja fosse uma das dádivas das oferendas, é estranha a opção, por exemplo, de Lichtheim ou de Faulkner, ao atribuírem o significado «cerveja» a uma palavra que termina com este determinativo, normalmente ligado a palavras do tipo de «roupa», «vestir», «despir» e similares. Tanto mais que «cerveja» tem um termo específico, cuja transliteração embora pareça próxima, é provocada por uma grafia bem diferente: *ḥnḳt*, . Sem esquecer outras hipóteses para o termo «cerveja» com menores semelhanças, mas onde o determinativo é constante e bem diferente do da palavra em questão: *ḥnms*, ; *ḥ3mt*, ; *tnmw*, ; *ḏsrt* (cerveja forte), . (R. O. Faulkner, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 173, 193, 200, 300 e 325; R. O. Faulkner, «The Man who was tire of life», p. 27; M. Lichtheim, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 165; R. B. Parkinson, *The Tale of Sinuhe*, p. 156; H. Goedicke, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, p. 122).

[28] Começa agora o terceiro discurso de *ba*.

[29] Julgamos que a referência a «terra alta» surge por oposição à «terra baixa» junto ao Nilo, que as inundações periódicas tornavam verdejantes e habitáveis.

[30] Embora a palavra «sol» tenha o determinativo de divindade, aparentemente aqui é uma referência à impossibilidade de depois de morto não ser possível voltar a ver a luz do dia. Como a palavra tem a marca de plural, obviamente não teremos «sóis», mas sim «dias».

[31] Provavelmente o primeiro determinativo será uma corruptela do caracter G. A35 ( ) (R. O. Faulkner, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 282).

[32] Esta palavra «trabalhadores» não é no sentido dos que executam o trabalho, mas no de quem imagina as construções e supervisiona a sua construção. Em sentido moderno, será uma referência aos arquitectos e não aos trabalhadores da construção.

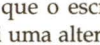
[33] A tradução desta palavra é «fadiga», «cansaço», «aborrecimento», «tédio», «inactividade», «inércia», ou «ausência de reacção» em relação à morte. Em português usa-se até a expressão «um aborrecimento de morte» como sendo o máximo do aborrecimento, mas, neste caso, parece-nos que devemos usar o termo «morte» porque é esse o sentido desta palavra (R. O. Faulkner, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 134).

[34] O *ba* serve-se de uma parábola para demonstrar ao homem a inutilidade das preocupações em excesso.

[35] Nesta palavra há um erro ortográfico: foi omitido o *t*, (R. O. Faulkner, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 6).

[36] A utilização da expressão *st3 skdwt*, significa que a embarcação ia excessivamente carregada e em sentido norte-sul, isto é, contra a corrente, tornando ineficazes os

remos ou a vela, sendo por isso puxada a partir da margem, ou das margens, por cordas, com ou sem ajuda de animais (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 255).

[37] A forma *m3n* é uma variante rara do verbo «ver», *m33*, um verbo de *secundae geminatae*, isto é, um verbo cuja última consoante é igual à penúltima,  (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 224).

[38] Nota-se nesta frase a omissão de dois pronomes sufixos na terceira pessoa do singular; devia ser *rs.f* e *pri.f*.

[39] É óbvio que é o pôr-do-sol, mas a expressão «o sol entrar» no Egipto antigo tinha um significado cultural preciso: o ocaso do sol significava a sua entrada na Duat, para iniciar o seu percurso nocturno, sendo o sol poente identificado com o deus Atum.

[40] «Rompeu com a voz» é «quebrar o silêncio», conforme diz Sánchez Rodríguez (cfr. Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 184).

[41] O *ba* conta de imediato outra parábola semelhante.

[42] Na palavra *ḥmt*, falta o *t*.

[43] Esta passagem é pouco compreensível; é possível que o escriba tenha omitido algumas palavras. Aparentemente parece haver aqui uma altercação entre marido e mulher por causa de uma confusão entre duas refeições, provavelmente, jantar e ceia. Na introdução a este texto, onde apresentamos a sua estrutura métrica, essas ausências foram contabilizadas em função do que seria lógico aí haver por comparação com a restante estrutura.

[44] Este verbo causativo é desconhecido e é difícil encontrar um significado para ele. Ainda assim, tentando interpretar o contexto, esta é a nossa proposta: «vociferar». Tanto este caso como o seguinte, seriam mais explícitos ou, pelo menos, mostrar-nos-iam estarmos mais próximos da verdade, se tivessem o determinativo .

[45] Parece ser uma forma verbal num passado relativo em relação à palavra *wš*, de um verbo igualmente desconhecido, para o qual propomos o verbo reflexo «queixar-se» (H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, pp. 141-142).

[46] Nesta proposição, enquanto o primeiro *mk* é um auxiliar de enunciação, uma partícula proclítica que dá ênfase à frase, normalmente traduzindo-se por «olha!», «vê!», o segundo trata-se de uma preposição composta, *m-ˁ.k*, que se utiliza como a preposição *m* e cujo significado pode ser «com», «por meio de», «a causa de», «junto com», «na posse de» ou, de forma literal, «na mão de»; neste caso, como é seguida do pronome sufixo na segunda pessoa do masculino singular, significará «contigo», «por meio de ti», «por tua causa», «junto contigo», «na tua posse», «na tua mão» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 105; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 193-194).

[47] O escriba omitiu estas palavras que são constantes nas frases semelhantes desta parte do texto.

[48] Há aqui uma confusão de palavras, o que dá origem a mais um erro. O escriba confudiu a palavra *ỉsw*, que aparece na linha 84, com a palavra *ỉpdw*.

[49] A palavra *mryt* apresenta, de facto, a duplicação do *r*.

[50] Uma anomalia: repetição na mudança de coluna.

[51] O escriba omitiu a preposição *r*.

[52] Aparentemente há uma troca do pronome sufixo: devíamos ter aqui a segunda pessoa masculina singular, *.k*, em vez da terceira, *.f*, como estranhamente lá consta.

[53] Inicia-se aqui uma segunda composição poética em que o homem se diz abandonado, até pelo seu *ba*, e não encontra ninguém com quem falar.

[54] O resto da linha 106 permanece em branco. O escriba recomeçou no início da linha seguinte, omitindo por completo um verso que, para manter o paralelismo com toda a estrutura apresentada, deveria efectivamente lá constar (A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, fotog. 7 (linhas 95-110).

[55] O determinativo G. A30 ( ) foi escrito no hierático sem braços (A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, fotog. 8, linhas 111-125).

[56] Esta construção gramatical é diferente da apresentada na linha 105, por isso o seu significado não pode ser o mesmo; enquanto o primeiro caso exprime uma acção, o segundo expressa mais um estado. Não entendemos porque é que Parkinson, Lichtheim, Faulkner ou Erman, traduzem as duas frases exactamente da mesma maneira (R. O. FAULKNER, «The Man who was tire of life», p. 27; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 166-167; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 158-159; A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, pp. 57-63).

[57] A partícula introdutória auxiliar de enunciação, *iw*, foi acrescentada posteriormente entre as linhas 129 e 130 (A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, fotog. 9, linhas 126-140).

[58] Há uma preposição *m* excedentária, antes do advérbio «hoje», *mỉn*, o que não acontece nas restantes frases idênticas.

[59] Nesta frase, a conjunção *mỉ*, «como», foi omitida. Contudo deve ser considerada a sua existência, uma vez que está presente nos casos seguintes em que se repete esta frase.

[60] Os dois primeiros caracteres desta palavra foram trocados. A palavra correcta seria: .

[61] A partícula introdutória auxiliar de enunciação, *iw*, foi acrescentada posteriormente entre as linhas 129 e 130 (A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, fotog. 9, linhas 126-140).

[62] Isto é, um caminho comum, vulgar, muito frequentado. É mais uma palavra que não consta em Faulkner. Melhor dito, *ḫwyt* é um termo que consta em Faulkner mas com o significado de «chuva», sendo escrito com o segundo caracter diferente, . Mas este significado não se aplica neste contexto. Parkinson, Lichtheim

e Kitchen dão-lhe o sentido pelo qual optámos, que surge também como uma hipótese no dicionário de Sánchez Rodríguez (cfr. M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 168; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 160; K. A. KITCHEN, *Poetry of Ancient Egypt*, p. 87; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 165; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 287).

[63] Este «homem» refere-se a um soldado, e a «expedição» a uma surtida militar, já que *mšʿ* ( ) significa «soldados», «exército». Contudo, com o determinativo G. P1, , que significa «barco», «viagem», em vez de , determinativos de «homens», teremos uma «viagem de soldados», ou seja, uma «expedição» naval. Mas há nesta frase uma outra questão que, aliás, se repete logo a seguir na linha 141: o homem não chega a sua casa, mas à «casa deles», ou seja, a terceira pessoa do pronome dependente refere-se ao colectivo *mʿs*, portanto, será «sua» no sentido dos expedicionários (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 119).

[64] No espaço em branco a seguir ao verbo «ver» ( ), foi apagada a palavra «homem» (), que estava a mais.

[65] Cfr. nt. 62.

[66] Uma clara referência ao «outro mundo», ao Além.

[67] Entre as linhas 141 e 142, ao fundo, foi acrescentada a palavra *it* ( ), que não faz qualquer sentido em nenhuma das frases.

[68] A barca solar em que Ré atravessa a Duat durante a noite, a Mesektet.

[69] O pronome sufixo na primeira pessoa do singular, que se encontra em todas as outras vezes em que aparece esta frase, foi omitido.

[70] Mais uma palavra de tradução duvidosa. Aqui, não deve ter, quase por certo, o significado atribuído por Faulkner de «mola de roupa», o que, com o determinativo que apresenta, parece até estranho. Em todo o caso, o sentido parece ser «deixa-te de lamentações» ou, com um sentido bastante português «atira as tuas lamentações para trás das costas» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 200; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 337; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 169; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 160).

[71] Para haver concordância gramatical entre esta frase e a anterior, o demonstrativo *pn* ( ) deveria estar no plural: *nn* ( ). Uma vez que em egípcio não há nenhum verbo para referir «posse», a expressão «este pertence-me a mim», é uma das forma possíveis de referir a posse através do *nisbe* de *n* (*ny*) mais o pronome dependente, neste caso na terceira pessoa masculina do singular (*sw*), ligados pelo signo bilítero *ns* ( ), que é uma redundância (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 88-89; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hieroglyphique*, p. 99).

[72] O *ba* é uma ave e como tal propõe-se voar alinhado com o homem: ser seu companheiro em vida e, quando o homem morrer, quando alcançar o Ocidente, ser o seu companheiro na eternidade.

7. AS PROFECIAS DE NEFERTI

7.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse

O texto com *As Profecias de Neferti*, também conhecido por *Conto Profético*, foi preservado em diversas fontes das quais uma única o apresenta numa versão completa: o *Papiro São Petersburgo 1116B recto*, do Museu Imperial de São Petersburgo[1]. É também a única fonte manuscrita sobre papiro. As outras, que contêm apenas pequenas porções de texto, são duas placas de madeira da XVIII dinastia: a tabuinha do *Museu do Cairo 25224*, a que apresenta o maior fragmento de texto, correspondente às linhas 35 a 71, foi encontrada por M. Loret em Sakara em 1898, a norte da pirâmide de Teti, e a tabuinha do *Museu Britânico 5647*, com fragmentos muito dispersos das linhas 9 a 12; e dezanove óstracos de calcário, a maioria do período ramséssida, originários de Deir el-Medina: o óstraco de *Liverpool 13624 M*, da XIX dinastia, fragmentos das linhas 1 a 6, o óstraco *Petrie 38*, com fragmentos das linhas 26 a 34 e o óstraco de *Deir el-Medina 1074*, com fragmentos das linhas 23 a 39[2]; e, ainda, o óstraco de *Deir el-Medina 1182*, com fragmentos das linhas 1 a 4, o óstraco de *Deir el-Medina 1183*, com fragmentos das linhas 1 a 6, o óstraco de *Deir el-Medina 1184*, com fragmentos das linhas 1 a 5, o óstraco de *Deir el-Medina 1185*, com fragmentos das linhas 1 a 4, o óstraco de *Deir el-Medina 1186*, com fragmentos das linhas 16 a 18, o óstraco de *Deir el-Medina 1187*, com fragmentos das linhas 17 a 21, o óstraco de *Deir el-Medina 1188*, com fragmentos das linhas 21 a 24, o óstraco de *Deir el-Medina 1189*, com fragmentos das linhas 48 a 49, o óstraco do *British Museum 5627* (com inscrições em

---

[1] Ver no *Conto do Náufrago* o capítulo «3.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse».

[2] G. Lefebvre, *Romans et Contes Égyptiens*, pp. 95-96.

hierático e em demótico), com fragmentos das linhas 45 a 49, e ainda o óstraco *de Turim*, com fragmentos das linhas 13 a 17, o óstraco *Michailides 9*, com fragmentos das linhas 24 a 26, o óstraco *Gardiner 326*, com fragmentos das linhas 63 a 71, o óstraco *Gardiner 331*, com fragmentos das linhas 43 a 71, o óstraco *Gardiner 371*, com fragmentos das linhas 33 a 45, o óstraco *Gardiner 372*, com fragmentos das linhas 66 a 71, e o óstraco *Vandier*, com fragmentos das linhas 35 a 40[3]. Este numeroso espólio mostra-nos, sem margem para dúvidas, que estamos na presença de mais um texto clássico das escolas de escribas da XVIII e XIX dinastias.

Contudo, exceptuando a tabuinha do *Museu do Cairo 25224*, que apresenta a segunda metade do texto, mas que se encontrava já há anos em estado de conservação muito precário[4], todos estes documentos são praticamente irrelevantes para a compreensão do papiro, embora preencham pequenas lacunas do papiro. De proveniência desconhecida, o *Papiro São Petersburgo 1116B* foi um dos papiros encontrados num armário do Museu Imperial de São Petersburgo, em 1876, e entregues a W. Golénischeff para estudo, sem se saber como chegaram à Rússia. Pela existência de cólofon, ainda que incompleto, o manuscrito, diz-nos ser uma cópia ou adaptação. A inclusão de uma lista de madeira de ébano e marfim no *verso* do papiro, especificamente destinada a «objectos pertencentes ao palácio de Tutmés III»[5], carregada numa barca designada por «Aakheperurétaui» que inclui o nome de nascimento de Amen-hotep II, Aakheperuré[6], seu co-regente e sucessor, ficamos a saber tratar-se de uma cópia da XVIII dinastia, muito provavelmente da segunda metade do reinado de Tutmés III. Por outro lado, infere-se do nome hipocorístico abreviado de Amenemhat I[7], fundador da XII

---

[3] W. Helck, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, pp. 1-2.

[4] W. Golénischeff, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116 et 1116A de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, p. 7.

[5] *Idem*, p. 8.

[6] *Idem, ibidem*.

[7] G. Lefebvre, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, pp. 37-38.

dinastia, na linha 58, que o original deve ter sido idealizado no início da XII dinastia[8]. A utilização deste carinhoso diminutivo, na parte final do texto, numa acentuada toada panegírica, parece indicar que o texto terá sido composto no próprio reinado de quem recebeu tamanho elogio, porventura como contributo para a confirmação da unificação do reino e afirmação da nova dinastia. O texto tem 71 linhas, 65 horizontais e seis verticais (l. 23 e 67 a 71), que se arrumam em seis «páginas», cuja largura actual varia entre os 15,6 cm e os 15,8 cm, contendo onze linhas cada, com excepção da penúltima que tem apenas dez, e parece ter sido executado por um escriba bastante inexperiente, uma vez que apresenta numerosos erros e omissões que dificultam a inteligibilidade de um texto já de si de difícil compreensão e cuja tradução definitiva ainda não está completamente assegurada.

Conjuntamente com o *Papiro São Petersburgo 1115* (*O Conto do Náufrago*), de uma época bastante mais recuada onde se usava uma escrita mais grossa e espaçada, e o *Papiro 1116A* (*Os Ensinamentos para Merikaré*), o manuscrito em análise foi alvo de uma publicação fac-similada com transcrição para egípcio hieroglífico por parte de W. Golénischeff, em 1913[9]. Esta obra inclui também o fac-símile e a transcrição hieroglífica da tabuinha do *Museu do Cairo 25224*, existindo ainda uma outra transcrição do egípcio hierático para o egípcio hieroglífico d'*As Profecias de Neferti* feita em 1970 por Wolgang Helck, com a particularidade desta transcrição incluir em paralelo as transcrições das vinte e duas fontes antes referidas[10]. A maior parte dos óstracos foi publicada por G. Posener e A. Gardiner[11].

A realização deste trabalho segue, fundamentalmente, a leitura do papiro realizada por W. Golénischeff e W. Helck.

---

[8] G. Lefebvre, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 95.

[9] W. Golénischeff, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116 et 1116A de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*.

[10] W. Helck, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, pp. 3-58.

[11] *Idem*, pp. 1-2.

Sinopse. Através do expediente literário antes referido a propósito de Khufu, vamos agora ao encontro do fundador da IV dinastia, Seneferu, que procura combater o tédio escutando Neferti, um sacerdote de Heliópolis seguidor de Bastet, de quem os seus mais próximos colaboradores lhe confidenciaram ser capaz de o distrair com a sua oratória. Ao encontrar-se na presença do rei, Neferti pergunta-lhe se pretende que ele lhe fale do passado ou do futuro e o soberano escolhe o futuro. De facto, acabamos por constatar que este «futuro» é «passado», não encontrando aqui o conceito de profecia tal e qual ela se desenvolveu entre os Hebreus.

O autor, através da personagem, fala de acontecimentos que em relação ao momento do relato estão no futuro, mas que em relação ao momento do registo literário pertencem ao passado e, portanto, são do conhecimento do «artesão» literário. O final atribulado do Império Antigo, o Primeiro Período Intermediário, época de anarquia, revolução social e invasão estrangeira é mais uma vez exposto, porventura com a finalidade de o contrapor ao esforço unificador e pacificador de Amenemhat I. Até porque, por momentos, futuro e presente parecem misturar-se e o narrador parece participar na acção (l. 34-35). Depois, os acontecimentos sucedem-se numa exposição clara e elucidativa. Os Asiáticos invadem o Delta e saqueiam o país de lés-a-lés (l. 32 e l. 35). Esvaziado das suas riquezas (l. 46) o Egipto verá todos os bens necessários ao bem-estar desaparecerem (l. 30-32) e enfrentará uma crise de produção porque ninguém trabalhará (l. 46). Os ricos tornam-se pobres (l. 47) e os pobres tornam-se ricos (l. 56). Há quem use a violência com qualquer pessoa (l. 49) e não hesite em matar o próprio pai (l. 44), sem que isso perturbe ou surpreenda (l. 24), com cada um a viver apenas para si mesmo (l. 42). Os próprios elementos da natureza virar-se-ão contra os Egípcios: o Nilo secará e os barcos já não poderão deslocar-se (l. 26-28), os ventos do norte e do sul confrontar-se-ão (l. 28) e o próprio sol morrerá (l. 24 e l. 51), uma predição que, do ponto de vista religioso, é apocalíptica. Contudo, estas calamidades parecem extremamente localizadas, sendo reservadas apenas à parte oriental do Delta, mais particularmente a Heliópolis (l. 20-21), a Bubástis e parte este do Egipto

(l. 17-18). Segundo o sacerdote, esta situação só teria fim quando aparecesse um rei que conseguisse pôr cobro a tudo isto e restaurar e defender o país. Por isso não acaba o seu relato sem profetizar o nascimento desse homem. Esse nascimento acontecerá no Sul, onde o salvador assumirá a coroa real e partirá para libertar o país da anarquia e, sobretudo, dos invasores, contra quem construirá os Inebu-heká (*inbw-ḥḳ3*), os «Muros do Rei»[12], para impedir o regresso dos Asiáticos e que Sinuhe atravessará (R 42). Amenemhat I, vizir de Mentuhotep IV, último soberano da XI dinastia tebana, será esse rei, que fundará uma nova capital a cerca de 32 quilómetros a sul de Mênfis, Iti-taui, a «Dominadora das Duas Terras», ainda por localizar[13].

[12] Ver *História de Sinuhe*, R 42 e respectiva nota 26.
[13] P. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, pp. 78-79.

7.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada

ḫpr.n swt wnn ḥm nsw-bity snfrw mɜʿ-ḫrw m nsw mnḫ m tɜ pn r-ḏr.f
Então houve[1] um acontecimento (quando) a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Seneferu, justo de voz, era um excelente rei nesta terra até ao seu limite.

wʿ m nn hrw ḫpr
Num desses dias aconteceu

ʿḳ pw iri.n ḳnbt nt ḫnw r pr-ʿɜ ʿnḫ wḏɜ snb r nḏ ḫrt
os magistrados da corte entraram no interior do palácio, v. p. s.[2], a fim de saudar (o rei)

prt pw iri.n.sn nḏ.sn ḫrt mi nt-ʿ.sn nt rʿ nb
e saíram (depois) de terem feito as saudações, como era o seu hábito todos os dias.

ḏd.in ḥm.f ʿnḫ wḏɜ snb n sḏɜwty nty r-gs.f
Sua majestade, v. p. s., disse ao tesoureiro que estava ao seu lado:

isy in n.i ḳnbt nt ḫnw prt ʿɜ r nḏ ḫrt m hrw pn
«Vai, traz-me os magistrados da corte[3] que vieram à residência real[4] e saíram daqui de acordo com as saudações de hoje[5].»

st3 ini.tw.f ḥr-ˁ
Eles foram conduzidos[6] até ele imediatamente

wn.in.sn ḥr ḫt.sn m-bɜḥ ḥm.f ˁnḫ wḏɜ snb m wḥm-ˁ
e deitaram-se sobre o seu ventre na presença de sua majestade, v. p. s., outra vez.

ḏd.in ḥm.f ˁnḫ wḏɜ snb n.sn
Sua majestade, v. p. s., disse-lhes[7]:

rḫw mtn rdi.n.i iɜˁš.tw n.tn
«Companheiros, vede! Fiz com que vos chamassem

r rdt ḏˁr.tn n.i sɜ.tn m sɜɜ sn.tn m iḳr
para vos fazer procurar para mim um dos vossos filhos que seja sábio, um dos vossos irmãos que seja excelente,

ḫnms.tn wdi sp nfr ḏdty.f n.i nhy n mdwt nfrwt
um dos vossos amigos que tenha cometido um bom caso, que me possa dizer algumas belas palavras,

ṯsw stpw wḏ3y ḥr n ḥm.i n sḏm st
frases[8] escolhidas com as quais a minha majestade[9] possa alegrar-se[10] a escutar isso.»

rdi.in.sn ḥr ḫt.sn m-b3ḥ ḥm.f ꜥnḫ wḏ3 snb m wḥm-ꜥ
Eles estavam colocados sobre o seu ventre na presença de sua majestade, v. p. s., outra vez.

ḏd.in.sn ḫft ḥm.f ꜥnḫ wḏ3 snb
Então diante de sua majestade, v. p. s., disseram:

iw ḫry-ḥbt ꜥ3 n b3st ity nb.n
«Há um sacerdote leitor chefe[11] de Bastet, soberano, nosso senhor,

nfrty rn.f
cujo nome é Neferti.

nḏs pw ḳni g3b.f sš pw iḳr n ḏbꜥ.f
É um indivíduo de braço[12] forte[13], um escriba excelente com os seus dedos.

špss pw ꜥ3 n.f ḫt r mity.f nb
É um homem rico e tem mais bens do que todos os seus iguais.

ḥwy ini.[*tw*]*.f mȝȝ ḥm.f*
Possa ele ser trazido para sua majestade o ver!»

ḏd.in ḥm.f ꜥnḫ wḏȝ snb
Sua majestade, v. p. s., disse:

is ini n.i sw
«Ide! Tragam-mo!»

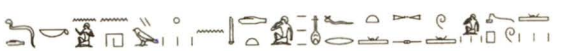
stȝ.in.tw.f n.f ḥr-ꜥwy
E ele foi conduzido até ele imediatamente.

wn.in.f ḥr ḫt.f
Ele colocou-se sobre o seu ventre

m-bȝḥ ḥm.f ꜥnḫ wḏȝ snb
diante de sua majestade, v. p. s.,

ḏd.in ḥm.f ꜥnḫ wḏȝ snb
e sua majestade, v. p. s., disse:

mi m nfrty ḫnms.i
«Vem, peço-te[14] Neferti, meu amigo!



ḏd.k n.i nhy n mdwt nfrwt ṯsw stpw
Possas tu dizer-me algumas belas palavras, frases escolhidas,

ḏ3y-ḥr n ḥm.i n sḏm st
para entreter a minha majestade ao escutá-las.»

ḏḏ.in ḫry-ḥbt nfrty
O sacerdote leitor Neferti disse:

in iw m ḫprwt in iw m ḫprwt(y){.f}.sy
«Acerca do que aconteceu ou do que acontecerá[15],

ity ⸢nḫ wḏ3 snb nb.i
soberano, v. p. s., meu senhor?»

ḏḏ.in ḥm.f ⸢nḫ wḏ3 snb
Sua majestade, v. p. s., disse:

m ḫprt(y).st swt min is ḫpr sw3 ḥr.f
«Do que acontecerá[16]. Na verdade o hoje (já) aconteceu, passa sobre ele[17].»

ʿḥʿ.n dwn.n.f drt.f r hn n ḫrt-ʿ
Então, estendeu a mão para uma caixa de material de escrita,

ʿḥʿ.n šdi.n.f n.f šfdw ḥnʿ gsty
retirou um rolo de papiro para si e uma paleta,

wn.in n.f ḥr irt m sšw
e preparou-se para escrever

ḏdt.n ḫry-ḥbt nfrty
o que o sacerdote leitor[18] Neferti ia dizer,

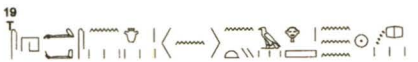
rḫ-ḫt pw n i3b(t) n(y)-sw b3st m wbn.s
(como) sábio do Este[19], que pertence[20] a Bastet logo que ela se ergue[21],

msw pw n ḥḳ3t-ʿḏ
como nativo do «domínio da prosperidade»[22].

iw.f mḥyw.f ḥr ḫpryt m tȝ
Ele preocupava-se[23] com o que iria acontecer no país

iw.f sḫȝ.f ḳni n iȝbtt
e ele falou da condição[24] do Este,

ḫpw ꜥȝmw m ḫpš{t}w.sn
quando os Asiáticos avançassem com as suas espadas curvas[25]



sh.sn ibw n ntyw ḥr šmw
e aterrorizassem os corações daqueles que[26] estivessem a fazer as colheitas,

nḥm.sn ḥtrw ḥr skȝ
e se apropriassem dos animais de tiro com que estivessem a lavrar.

ḏd.f
Ele disse:

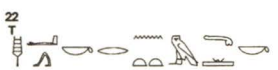
ḫwsi ib.i rmw.k tȝ pn šȝꜥ.n.k im.f
«Desperta meu coração e chora por este país onde começaste[27]!

gr m iwḥ
O silêncio é inebriante[28]!

mk wn ḏdti r.f m stryt
Olha! Há qualquer coisa que é preciso dizer[29] acerca disto, com respeito[30].

mk r.f wn wr m ptḥ šȝᶜ.n.k im tȝ
Olha então! O grande está lançado por terra no país onde começaste.

m wrd mk st ḫft ḥr.k
Não te aborreças! Olha, isto está em frente ao teu rosto!



ᶜḥᶜ.k r ntt m-bȝḥ.k
Possas tu levantar-te contra o que está diante de ti!

mk r.f wn wrw m shrw nw tȝ
Olha então, os grandes estão satisfeitos com o (estado do) país!

iryt m tmt iri šȝᶜ rᶜ m grg
O que foi feito é como se não tivesse sido feito! Ré (deverá) começar a recriar!

23 T

t3 3ḳw r-3w n ḫpr w3ḏwt

O país[31] está totalmente arruinado e nada cresce nem prospera!

nn sp kmw n ʿnt m ȝȝyt.f

Nem mesmo o negro das unhas a que se tinha direito[32]!

24 T

ḥḏ t3 pn nn mḥy ḥr.f

Este país está destruído. Ninguém se preocupa com ele.

nn ḏd nn iri rmw

Ninguém fala. Ninguém faz lamentos.

wnn t3 pn m-m

O que acontecerá a este país?

itn ḥbsw

O disco solar está encoberto[33],

25 T

nn psd.f m33 rḫyt

ele (lá) atrás não será visto pela humanidade[34].

nn ꜥnḫ.tw ḥ(b)sw šnꜥ
Não se vive se as nuvens o esconderem[35]

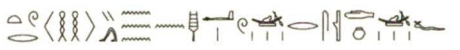
wn.in.s ḥr-nb idi m gꜣw.f
e se isso acontecer todas as pessoas ficarão paralisadas[36] por causa da sua ausência.

iw.i r ḏd nty ḫft ḥr.i
Eu falarei do que estiver diante do meu rosto

n sr.n.i ntt n iy
e não profetizarei o que não ocorreu ainda.

iw itrw šw nw kmt
Sim, (com) o rio[37] do Egipto vazio

ḏꜣi.tw mw ḥr rdwy
pode-se atravessar a água a pé.



tw r ḥḥy mw n ꜥḥꜥw r sḳdw.f
Nós vamos procurar água[38] para os barcos poderem navegar

w3t.f ḫpr.ti m wḏb
(porque) o seu caminho transformou-se[39] na margem.

iw wḏb r nt
É na margem que está a água

st mw r nty m st wḏb
e no lugar da água está o lugar da margem[40].

iw rsw r ḥsf m mḥyt
O vento do sul[42] opor-se-á ao[42] vento do norte:

*nn pt m t3w w*ʿ
não existirá mais céu de um único vento[43].

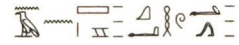
iw 3pdw ḏrḏrit r mst
Pássaros estranhos[44] nidificarão[45]

m ḫ3t nt t3 mḥw
nas terras pantanosas do Delta,

iri.n.f sšw ḫr-gswy
fazendo os seus ninhos próximo dos humanos[46],

stkn sw rmṯ n gʒw
porque os homens permitirão a sua aproximação devido (à sua) debilidade.

ḥḏi nḥmn nfʒ n bw nfr
Verdadeiramente será destruído aquilo que é bom,



nʒ n šw ḳʿḥw
estes viveiros de peixe

wnyw ḫr wgsw wbnw ḫr rmw ʒpdw
(onde) se encontravam[47] prontos a estripar, brilhando no meio dos (outros) peixes e dos pássaros.

bw nfr nb rwwi pṯḥw m tʒ n ḳsnt
Todos os lugares de felicidade partirão, derrubados pelo país[48] em desgraça;

m-ʿ nfʒ n ḏfʒw styw ḫtyw-tʒ
por causa daqueles alimentos os Asiáticos prevalecerão sobre a terra.

iw ḫrw ḫpr ḥr i3btt
Os inimigos emergirão do Este.

iw ʿ3mw h3t r kmt
Os Asiáticos descerão ao Egipto.

g3w.tw ḫnrt ky r-gs nn sḏm mwnf
Falta-nos uma (boa) fortaleza: o outro está perto e não será ouvido pela guarda[49].

tw r isḳ m3ḳt m grḥ
A progressão[50] será feita de noite,

tw r ʿḳ ḫnrtw
a fortaleza será penetrada

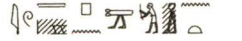
tw r snbt ḳdd m irty.i
e a sonolência dos meus olhos será repelida

sḏr.kwi ḥr iw.i rs.kwi
enquanto eu permaneço deitado a dizer[51]: «Eu estou acordado!»

ꜥwwt ḫ3st r swr ḥr itrw nw kmt
Os animais selvagens[52] virão beber[53] ao rio do Egipto;

ḳbb.sn ḥr wḏbw.sn
eles refrescar-se-ão[54] nas suas margens

n g3w striw st
na ausência de alguém que os faça fugir[55].



iw t3 pn [r] iṯ[t] int
Esta terra será conquistada e ocupada[56]

n rḫ bsw ḫprt(y).fy imn m ḏd
sem se saber quando emergirá o que vai acontecer, oculto de acordo com o que se costuma dizer:

ptrw sḏm ḥr idw iw gr ḥf(t)-ḥr
«Quando ver[57] e ouvir paralisam[58], o silêncio está em frente[59]».

di.i n.k t3 m sny mn
Eu mostro-te[60] uma terra trespassada pelo sofrimento:

tm ḫpr ḫpr
o que nunca tinha acontecido aconteceu.

tw r šsp ḫʿw nw ʿḥ3 ʿnḫ t3 m sh3
As armas de guerra serão empunhadas e o país viverá em desordem.

iw.tw r irt ʿḥ3w m ḥmt
Serão fabricadas flechas em cobre

dbḥ.tw {m} t snf
e mendigado pão ensanguentado;

sbt.tw m s(b)t n mr
riremos com um riso de dor,

nn rmw.tw n mwt
ninguém chorará por causa da morte,

nn sḏr.tw ḥḳr n mwt
ninguém passará a noite com fome por causa da morte.

ib n s m-sꜣ.f ḏs.f
O coração de cada homem vem depois dele próprio[61].

nn irí.tw sꜣmw min
Não serão feitas cerimónias fúnebres[62] neste dia[63]:

ib sṯni n ḥr.s r-ꜣw
o coração afastar-se-á (?)[64] delas[65] totalmente[66].

ḥmsi s r ḳʿḥ.f sꜣ.f ky ḥr smꜣ ky
Um homem ficará sentado no seu canto, enquanto nas suas costas um homem mata outro.

di.i n.k sꜣ m ḫrwy
Eu mostro-te um filho como inimigo,

sn m ḫft(y) s ḥr smꜣ it.f
um irmão como adversário, um homem que mata o seu próprio pai.

r nb mḥ m mrw wi
Cada boca estará cheia de: «Eu quero!»[67]

bw nfr nb rwwi

Tudo aquilo que é bom[68] partirá.

3ḳw t3 š3.tw r.f hpw

Será a ruína do país. Estabelecer-se-ão leis contra ele[69].

ḥḏḏ m iryt wš.tw m gmyt

Haverá destruição[70] por causa do que foi feito e desolação por causa do que se encontrou.

iryt m tmmt irr.tw

O que foi feito é como o que não foi feito[71].

nḫm ḫt s r.f rdiw n-nty m rwty

Os bens[72] de um homem foram-lhe tirados e dados ao que é estrangeiro.

di.i n.k nb m nhp rwty ḥtp

Eu mostro-te o proprietário a lamentar-se[73] e o estrangeiro satisfeito.

tm iri mḥ.n.f iri šw

Aquele que nunca fez nada acumula para si; aquele que agia está vazio[74].

tw r rdit ḫt m msdd r sgr r mdw
Dão-se as coisas com relutância para calar a boca daquele que fala.

wšb.tw ṯs ˁ prw ḥr ḫt
A um discurso responde-se[75] agitando um bastão com o braço

mdw.tw m sm3 sw
e fala-se em matá-lo[76]!

ḥn mdwt ḥr ib mi ḫt
As palavras ditas[77] são para o coração como fogo!

nn wḥd.n.tw pri n r
Ninguém tolera aquilo que sai da boca.

ˁnd t3 ˁš3 ḥrpw.f
O país está na penúria mas são numerosos os seus administradores.

wš[.f] ˁ3 b3kw.f
Ele está destruído[78] mas são elevados os seus impostos!

ktt it wr ipt
A quantidade de grão é pequena mas a medida é grande

ḫ3i.tw.s m wbn
e mede-se em excesso!

iw rˁ iwd.f sw rmṯ
O próprio Ré separar-se-á da espécie humana[79]!

wbn.f wn wnwt
Ele erguer-se-á quando for a hora,

nn rḫ.tw ḫpr mtrt
mas ninguém saberá que o meio-dia chegou,

nn tni šwyt.f
ninguém distinguirá a sua sombra[80],

nn b3ḳ ḥr dg3.tw
nenhum rosto se iluminará ao vê(-lo)[81].

iw nn ibḥ irty m mw
Os olhos não derramarão água[82].

wnn.f m pt mi iʿḥ
Enquanto ele estiver no céu como a lua[83]

nn thi nw.f nw sšȝw
não será desviado da sua cuidada sabedoria[84],

wnn is stwt.f m ḥr
(mas) na verdade os seus raios[85] no rosto

m spw m imyw-ḫȝt
são como no tempo daqueles que eram antes[86].

di.i n.k tȝ m sny-mny
Eu mostro-te uma terra em sofrimento:

sȝ ʿ m nb ʿ
o que tinha um braço fraco é (agora) senhor de um braço (forte);

(*iw*).*tw* *nḏ-ḥrt* *nḏ-ḥrt*
aquele que devia saudar[87] recebe saudações.

di.i *n.k* *ḫry* *r* *ḫry*
Eu mostro-te mais o que está em baixo do que o que está em cima[88]:

pḫr.ti *m-sȝ* *pḫr* *ḫt*
aquele que seguia atrás é o que comanda (agora) uma geração[89].

ꜥ*nḫ.tw* *m* *ḫry-nṯr*
Vive-se numa necrópole.

iw *ḫwrw* *r* *irt* ꜥ*ḥ*ꜥ*w* *wrt* ... *r* *ḫpr*
O pobre tornar-se-á rico e o poderoso [recolher-se-á] para sobreviver[90].

in *šwȝw* *wnm.sn* *tw*
Os pobres comem o pão

bȝkw *bḫkȝw*
e os dependentes exultam[91].

nn wn ḥḳ3t-ḏ r t3 msḫnt nt nṯr nb
Deixará de existir o «Domínio da Prosperidade»[92] na terra, lugar de nascimento[93] de cada deus.

nsw pw r iit n rsy
Um rei virá do Sul,

imny m3ʿ-ḫrw rn.f
Ameni[94], justo de voz[95], é o seu nome.

s3 ḥmt pw n t3-sty
Será filho de uma mulher de Ta-Seti[96],

msi pw n ḫnw nḫn
e nascerá no interior[97] de Nekhen[98].

iw.f r šsp [ḥḏ]t
Ele receberá a coroa branca[99],

iw.f r wṯs dšrt
ele erguerá a coroa vermelha[100],

iw.f sm3 sḫmty
ele unirá as duas coroas[101],

iw.f r sḥtp nbwy
ele satisfará[102] os «dois senhores»[103], Hórus e Set,

m mrwt.sn
com o que eles desejarem,

pḫr-iḥy m fḫ^{c} wsr m nwdt
com "aquele-que-anda-à-volta-no-campo" em punho e o "remo" em movimento[104].

ršy rmṯ nt h3w.f
Os homens do seu tempo ficarão contentes.

s3 n s r irt rn.f
O filho de um homem fará o seu nome

r nḥḥ ḥn^{c} ḏt
para todo o sempre[105].

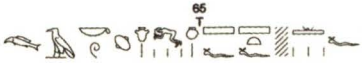
wꜣyw r ḏwt kꜣy[w] sbiw
Aqueles que percorrerem o caminho[106] do mal e planearem rebelar-se,

sḫr.n.sn r.sn n snḏw.f
voltarão a sua própria boca para si por temor a ele.

iw ꜥꜣmw r ḫr n sˁt.f
Os Asiáticos cairão chacinados por ele;

timḥw r ḫr n nswt.f
os Líbios tombarão por causa da sua chama;

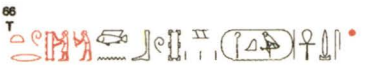
iw sbiw nw nḏnḏ.f
os rebeldes tomarão o seu conselho



ḫꜣkw-ib nw šfšft.f
e as pessoas descontentes o seu respeito[107].

iw ꜥrˁt imy ḫnty
A *iaret* que está na (sua) cabeça

ḥr shryt.f ḫ3kw-ib
é para pacificar as pessoas descontentes.

66 T


tw r ḳd inbw-ḥḳ3 ꜥnḫ wḏ3 snb
Construir-se-ão os Muros do Rei[108], v. p. s.,

67 T

nn rdit ḥ3y ꜣmw r kmt
não permitindo que os Asiáticos desçam[109] ao Egipto.

dbḥ.sn mw mi sḫrw šs3w
Eles pedirão água do modo habitual

68 T

r rdit swri ꜥwt.sn
para darem de beber ao seu gado.

iw mꜣꜥt r iit r st.s
Maat regressará ao seu lugar[110]

69 T

isft dr sy r-rwty
e *isefet*[111] será atirada[112] para a parte exterior[113].

rš̈y gmḥty.f
Alegre-se aquele que vir (isto)

wnnt.fy ḥr šms nsw
e aquele que estiver ao serviço do rei.

iw rḫ ḫt r stt n.i mw
Aquele que conhece os procedimentos com respeito a isto derramará água para mim

m33.f ḏdt.n.i ḫpr
quando ele vir o que eu disse acontecer.»

iw.s pw m ḥtp in sš̈ ... ...
E acabou em paz pelo escriba...[114]

NOTAS

[1] O verbo *wnn* significa «existir», «ser», mas como não se diz em português «então existiu um acontecimento», preferimos «haver» como seu sinónimo.

[2] Cfr. nota 58 de *Khufu e os Magos*; cfr. nota 80 do *Conto do Náufrago*; cfr. nota 32 de *As Admoestações de Ipu-uer*.

[3] Os determinativos da palavra *ḳnbt*, ausente por deterioração no papiro, estão confirmados no óstraco de *Liverpool 13624 M* e no óstraco de *Deir el-Medina 1182* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 6).

[4] A palavra *ḫnw* significa genericamente «interior» e, em particular, a «residência real», ou «palácio real» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 202; cfr. nt. 5 do *Conto do Náufrago*).

[5] O caracter G. N5 da palavra abreviada «dia», «hoje», , ausente por deterioração no papiro, está confirmado no óstraco de *Deir el-Medina 1183* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 6).

[6] Há aqui a utilização conjunta de dois verbos diferentes que, no entanto, têm o mesmo significado de «trazer»: *st3* e *ini* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 22 e 255).

[7] A partícula *.in* que marca o passado narrativo do verbo «dizer» (), ausente por deterioração no papiro, está confirmado no óstraco de *Liverpool 13624 M* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 7).

[8] Na palavra *ṯsw*, a letra *w* foi colocada erradamente depois do primeiro determinativo (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, p. 23 e pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 7).

[9] O caracter A. G7 ( ) aparece mesmo duplicado: o primeiro é o próprio determinativo da palavra «majestade» e o segundo a primeira pessoa do singular do pronome sufixo, *.i*, para um deus ou pessoa sagrada, «minha majestade».

[10] De facto, o verbo *wḏ3* significa «ser próspero», «estar são e salvo». Para termos o significado de «estar alegre» deveríamos ter *wḏ3-ib*. Contudo, o contexto leva-nos mais para este último significado, mesmo com a omissão de *ib* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 74-75).

[11] O título *ḫry-ḥbt ꜥ3* é equivalente a *ḫry-ḥbt ḫry-tp* (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 97).

[12] A palavra «braço», *g3b*, além de aparecer numa variante em que há uma troca entre o segundo e o terceiro caracter, apresenta no fim dois determinativos invulgares (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 288).

[13] A palavra *ḳni* aparece na tabuinha do *Museu Britânico 5647*, com a seguinte grafia: . É possível que o caracter em falta no papiro possa ser G. Y1 , (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 10).

[14] Julgamos que a partícula enclítica *m*, ou *m(y)* na sua forma completa, que segue o imperativo do verbo «vir», tem uma função de cortesia: uma ordem do rei é imperativa, é para cumprir, não se contraria, mas o rei ao precisar dos favores de Neferti para matar o tédio, adoça a expressão e introduz-lhe esta nuance de simpatia. O imperativo podia aparecer sem a partícula enclítica, na sua máxima força expressiva (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 99; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 185).

[15] A primeira forma do verbo *ḫpr*, *ḫprwt*, «o que aconteceu», é um particípio perfectivo passivo feminino plural, e não tem desinência especial, para além das do feminino e plural; a segunda deveria ser *ḫprty.sy* (singular) ou *ḫprwty.sn* (plural), uma forma do particípio activo respeitante ao futuro (*sḏmty.fy*), «o que está para acontecer», que se obtém acrescentando à raiz a desinência *-ty* e é seguido do pronome dependente arcaico *.sy* na terceira pessoa feminina do singular, *.fy* na terceira pessoa masculina do singular ou *.sn* na terceira pessoa masculina ou feminina do plural. O *-y* da desinência pode estar omisso. Normalmente as formas singulares de sentido neutro significam «o futuro» (*ḫprty.sy*) e o «passado» (*ḫprt*). Acerca da ausência no papiro, por deterioração, do *i* da segunda partícula proclítica interrogativa *in*, ela confirma-se no óstraco de *Turim* (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 272-281; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique*, pp. 130-135; G. Lefebvre, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 98 nt. 11; W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 12).

[16] De acordo com o que referimos na nota anterior, há aqui um erro: em vez de *ḫprty.st* devemos ler *ḫprty.sy*.

[17] Ou seja, o quotidiano ao acontecer transforma-se de imediato em passado e, por isso, também não interessa ao soberano, cujo interesse se centra no futuro. A ausência no papiro por deterioração da preposição *ḥr*, confirma-se no óstraco de *Turim* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 12).

[18] Os determinativos em falta no papiro por deterioração na palavra *ḫry-ḥbt* confirmam-se no óstraco de *Turim* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 13).

[19] A região este do Delta, isto é, a margem oriental do Nilo onde ficava a província de Iunu (Heliópolis), em frente à de Khem (Letópolis), na margem ocidental do Nilo.

[20] Claramente uma grafia do adjectivo *nisbe n* + pronome dependente *sw*, com o significado «que é dele», «que lhe pertence» (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 88-89).

[21] Seguindo uma interpretação de Posener, Lefebvre traduz esta passagem por «que pertence a Bastet no seu oriente», com a justificação de que Neferti teria nascido na região de Heliópolis, mas teria exercido a sua carreira sacerdotal «na parte oriental do Delta», na província de Bast (Bubástis). Lichtheim segue esta opinião, mas Simpson contraria-os traduzindo por «que pertence a Bastet quando ela se levanta». Do ponto de vista geográfico, ambas as regiões ficam na parte oriental do Nilo e do Delta: Heliópolis no vértice do Delta e Bubástis imediatamente a seguir, fazendo fronteira consigo a norte. Portanto, não nos parece que faça grande sentido esta referência geográfica aqui. Por outro lado, o que se encontra grafado no manuscrito é *wbn* ( ), o verbo «brilhar», «nascer», «levantar» ou «aparecer» uma estrela, um deus..., e não *wbnw* ( ), o adjectivo «oriental» ou o substantivo «Este» (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 98 nt. 15; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 140; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 236; W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, p. 23 e pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 13; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 58-59; cfr. J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 14-15).

[22] É uma referência à província de Heliópolis, a 13ª província do Baixo Egipto, através da sua insígnia, assinalada com a presença de G. R12 ( ) e não do nome da capital Iunu. A palavra *ḥḳ3t*, embora com grafias diferentes, tanto pode significar «ceptro» ( ), como «domínio» ou «governo» ( ); contudo, segundo Sánchez Rodríguez, apenas neste segundo caso aparece abreviada ao caracter G. S38 (). Por outro lado, os dois últimos determinativos, G. N23 ( ) e G. N36 ( ) referem-se a uma terra irrigada e, portanto, próspera, o que nos leva a transliterar o caracter G. V26 ( ) por *ḏ*, traduzido normalmente por «ser ou estar salvo» em relação a pessoas e «próspero» em relação a negócios ou casos em geral. Provavelmente por lapso, Golénischeff omitiu a leitura dos dois últimos determinativos, que existem tanto no papiro quanto no óstraco de Turim (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 488, 491, 502 e 525; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 51 e 178; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 130 e 307; J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, p. 434; J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, p. 15; W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, p. 23 e pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 13).

[23] O verbo defectivo *iw* (que se conjuga somente na forma *sḏm.f*), ausente por deterioração no papiro, confirma-se no óstraco de *Deir el-Medina 1186*. Não será

reflectido na tradução uma vez que não é correcto dizer-se em português «ele estava a preocupar-se» (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 16).

[24] Parece haver aqui um erro: em vez de *ḳni*, que tem outros determinativos e significados que não se integram no contexto, deve ler-se *ḳi* ( ) (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 277-280).

[25] Tanto Faulkner como Sánchez Rodríguez traduzem esta palavra por «cimitarra». Na realidade, a cimitarra é uma espada curva com cerca de 90 centímetros a um metro, mais larga na extremidade livre e com o gume no lado convexo. É originária da Pérsia e espalhou-se pelo mundo islâmico no século XIV da nossa era. Contudo, no Egipto faraónico, a partir do Segundo Período Intermediário, século XVIII a século XVII a. C., aparece a *khepech*, já em bronze, uma espada curva semelhante à cimitarra mas que era de uso real e um objecto que simbolizava a vitória e que depois foi usada pelos soldados de infantaria (veja-se, por exemplo, os relevos da luta contra os Povos do Mar no templo de Medinet Habu). Parece, de facto, ter sido oriunda da Ásia (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 190; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 321; «Cimitarra», em *Dicionário Houaiss*, tomo II, p. 931; G. POSENER, *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, p. 23; J. C. SALES, «Armamento», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 88-89).

[26] A preposição *m* ausente por deterioração no papiro, confirma-se no óstraco de *Deir el-Medina 1187* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIII; W. Helck, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 16).

[27] De facto existe no papiro a desnecessária duplicação do caracter G. Y1 ( ) no verbo *sꜣʿ* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, p. 23 e pl. XXIII).

[28] Isto é, «o silêncio afasta-te da realidade». A tradução de *iwḥ* por «inebriante» é uma proposta nossa. Lefebvre traduz esta palavra por «calamidades», («aquele que se cala nas calamidades...»), mas acrescenta-lhe um ponto de interrogação; Simpson por «delinquente», «transgressor», «malfeitor», («...por aquele que com o seu silêncio é um malfeitor»; Lichtheim por «mal», («quando existe silêncio antes do mal...»); Fermat e Lapidus por «inundação» na tradução que acompanha a transcrição hieroglífica («o silêncio é como a inundação») e, depois, quando dão forma literária ao texto, transformam-na em «mal», («calamo-nos diante do mal»), embora acrescentem «tradução hipotética». Esta transformação é estranha, já que no Egipto a inundação era um bem e não um mal. A primeira coisa que constatamos é que a palavra *iwḥ*, não se encontra nos dicionários. As que mais se aproximam são: *iwḥ* ( ), «irrigar», «humedecer», «humidifi-

car», «molhar», «ensopar», «empapar», «embeber», «injectar» um remédio líquido; *iwḥ* ( ), «humidificação» (?); *iwḥw* ( ), «inundação». Afastamos esta última hipótese de imediato, porque no caso vertente não temos nem a palavra no plural, nem o determinativo G. N35A, ( ), indicativo de água, líquido, acções ligadas com água e similares. Apenas numa destas palavras aparece o determinativo G. A24 ( ), um homem a bater com um pau, usado como determinativo de palavras como «apropriar», «saquear» «bater», «forte». Por seu lado, G. W22 ( ), um jarro de cerveja, não aparece em nenhuma delas, mas é o determinativo utilizado para «cerveja», «estar bêbado», «jarro» e outras palavras relacionadas com líquidos. Deste modo, parece-nos um termo relacionado com o estado em que se fica devido à ingestão exagerada de cerveja, que embriaga, que entontece, que desfoca a realidade. Curiosamente, o étimo latino do verbo «inebriar» é *inebrĭā, ās, āvi, ātum, āre*, «embriagar», «embebedar», por extensão, «encher» de um líquido, «embeber» «humedecer», «alagar» (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 99; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 140; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 236; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 70 e 222; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique*, p. 26; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 79-80; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 14; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 445, 490 e 530; *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003, p. 2087).

[29] Aqui, a palavra *wn* não é um auxiliar de enunciação, mas um verbo de sentido pleno, o verbo «existir», com valor prospectivo, isto é, marcando o futuro, próximo ou potencial, e referindo-se a uma acção verdadeira, mas que depende da acção de alguém. E *ḏdti* é o verbo «dizer», «falar», na sua forma relativa prospectiva feminina neutra (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 297-298; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique*, p. 156).

[30] Pensamos que possa ser uma forma causativa da palavra *tryt*, que tanto pode ser um nome como um verbo, «respeito»/«respeitar» ( ), podendo a ligeira diferença no penúltimo caracter, G. A24 por G. A30, ficar a dever-se à difícil leitura do signo hierático que, como aqui, tem diversas situações em que ambos os casos são exactamente iguais (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 211-212; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 300; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 471; W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, p. 23 e pl. XXIII; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, 3a-3b).

[31] Na realidade, a linha 23 é uma das seis colunas existentes neste texto. Encontra-se na segunda «página» do papiro, do seu lado esquerdo, estendendo-se verticalmente no espaço que se segue à primeira linha dessa página, a décima segunda

linha do computo geral, e descendo até ao fundo da penúltima linha, a vigésima primeira (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, p. 23 e pl. XXIII).

[32] Ou seja, se nada crescia e prosperava não havia trabalho e, portanto, não havia um mínimo de recursos. Trabalhar na maior parte das actividades braçais provoca, obviamente, mãos calejadas e unhas negras de sujidade, seja a agricultura, a metalurgia, a pesca, a construção, ou qualquer outra actividade similar.

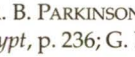
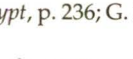
[33] A palavra *ḥbsw*, com estes determinativos ( ), não aparece em nenhum dos dicionários consultados. O termo mais aproximado é o verbo *ḥbs* ( ) que pode significar «vestir», «cobrir», «obscurecer» e cujo particípio imperfectivo passivo plural é *ḥbsw* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 167; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 290; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique*, p. 147). No óstraco *Michailides 9*, da XIX dinastia, esta palavra surge com a grafia . Embora Gardiner diga que G. V6 () só terá sido usado para substituir G. S28 () a partir da XIX dinastia, pensa-se que o *Papiro 1116B* seja da XVIII dinastia, podendo existir aqui uma ligeira imprecisão, de um ou de outro lado (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 522; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 21; W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pp. 3, 24 e pl. XXIV). Lefebvre, Lichtheim, Simpson, Parkinson e Fermat e Lapidus traduzem por «oculto», «encoberto» (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 99; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 140; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 236; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 135; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 71 e 224).

[34] Neste sentido, a palavra *psd* ( ) é uma variante de *psḏ*; *psd* (). Conforme Golénischeff, Helck, Fermat e Lapidus fazem crer, não nos parece que a palavra grafada seja . A caligrafia dos escribas pode levar-nos a pequenas imprecisões de interpretação dos documentos manuscritos. Para nós faz mais sentido a utilização de G. F37 (), como «costas», «atrás», do que a utilização de um plural após o determinativo (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 467; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 95; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 185; W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, p. 24 e pl. XXIV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 21; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, p. 224).

[35] É a mesma palavra com que termina a linha 24, apresentando um erro de omissão.

[36] Outra palavra que não consta dos dicionários. A palavra *idi* () tanto pode ser o verbo «ensurdecer» como o substantivo «surdo». Mas o que temos aqui é , onde o determinativo G. Y1, usado entre outras coisas para noções abstractas, faz

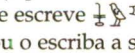
toda a diferença (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 35; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 110; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique* p. 41). Lichtheim afirma que aqui este termo indica mais «a paralisação da visão e da audição, do que apenas a surdez». Parkinson, Simpson e Lefebvre concordam com ela (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 140 e 144 nt. 3; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 136; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 236; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 99).

[37] A forma auxiliar do verbo, *wi*, reforça a afirmação e dá mais vigor à descrição. A palavra *itrw*, «rio», está mal escrita. Correctamente ela escrever-se-á  , podendo ter diversas variantes. Com estes dois determinativos finais, Caminos apresenta-a na quinta linha de um dos fragmentos de «Os prazeres da pesca e da caça» com a grafia  , mas no *Papiro 1116B recto* não parece haver espaço para o grupo na área deteriorada (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 33; R. A. CAMINOS, *Literary Fragments in the hieratic script*, pl. 3 e 3A, secção B, páginas 4-5; W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIV).

[38] Os caracteres *ḥḥ* da palavra *ḥḥy*, «água», ausentes por deterioração no papiro, confirmam-se no óstraco de *Deir el-Medina 1074* e no óstraco *Petrie 38* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 24).

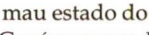
[39] O «caminho» do rio é o seu «curso». O verbo *ḫpr* surge aqui na sua forma verbal relativa prospectiva feminina através da desinência *.ti*, para marcar um acontecimento que se realizará no futuro próximo, ou que, pelo menos, se perspectiva a possibilidade de vir a acontecer (A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 303-304).

[40] O último caracter do adjectivo relativo (*nisbe* derivado do adjectivo do genitivo feminino *nt*) *nty* e a preposição *m*, ausentes por deterioração no papiro, confirmam-se no óstraco de *Deir el-Medina 1074* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 24).

[41] Curiosa grafia de *rsw* que correctamente se escreve  . Parece que o desconhecimento da grafia correcta da palavra levou o escriba a soletrar a palavra e a tentar escrevê-la letra a letra. E mesmo assim... não abona muito em favor do escriba.

[42] A preposição *m*, ausente por deterioração no papiro, confirma-se no óstraco *Petrie 38* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 25).

[43] Depois da ausência da luz, a ausência de água e de ar calmo. A ausência de meios básicos para assegurarem a vida, através de uma previsão quase apocalíptica, dá uma visão do caos que se poderá instalar.

[44] Confirma-se no óstraco de *Deir el-Medina 1074*, que o determinativo em falta neste local, por causa do mau estado do papiro, é , G. A30 (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 25; W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIV). Contudo, nos dicionários consultados, surgem as palavras *ḏrḏri* e *ḏrḏry* (), para «estrangeiro», *ḏrḏryt* (), para «estranho» e *ḏrḏrw* (), para «estrangeiro» e «estranho», nenhuma verdadeiramente igual à que surge no *Papiro 1116B recto*. Aparentemente, estas palavras formam-se a partir do redobramento da raiz *ḏr/ḏr*[*w*] (), que significa «limite», «fim», «fronteira», como que a intensificar esta ideia. E qualquer um dos significados é correcto: eram pássaros que vinham do outro lado das fronteiras egípcias, portanto do estrangeiro, mas como eles não têm nada de comum com os pássaros conhecidos eram, também, estranhos. Estes pássaros, que nidificarão nos pântanos do delta, são, obviamente, os invasores asiáticos contra os quais a miséria egípcia impede os Egípcios, os «humanos», de resistir. Aliás, também se pode aplicar à investida dos invasores a palavra «forte», que surge da mesma raiz: *ḏri*, (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 323-324; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 500-501).

[45] Neste caso a preposição *r* indica uma condição futura e o substantivo *mst*, «mãe», surge sem o seu determinativo específico (), substituído por um determinativo que omite o objecto. Como não se diz «um pássaro estranho será mãe» o mais correcto poderá ser «um pássaro estranho fará nascer» ou «dará origem»; mais correcto ainda será utilizar a palavra que, no caso das aves, existe para expressar o acto de fazer um ninho, pôr ovos e dar origem a novos seres: «nidificar». Foi este o caso: os asiáticos instalaram-se, reproduziram-se e dominaram (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 97-98; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 116).

[46] A palavra *ḫr-gs*[*wy*] () significa «ao lado de», «perto de», mas com os determinativos , de «humanidade», «homens» ficará «próximo dos humanos» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 149-150).

[47] Na palavra *wnyw*, o particípio imperfectivo activo masculino plural do verbo *wn*, o determinativo de homem é um erro.

[48] Neste manuscrito, a palavra *t3* () aparece sempre com os determinativos trocados (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIV).

[49] Sublinha-se a falta de uma defesa eficaz e a negligência dos guardas. A observação desta falta, levará no final deste texto (l. 66) à previsão da construção dos Muros do Rei (cfr. nt. 108). Esta passagem apresenta um conjunto de frases confusas de difícil tradução. Cada tradutor tem procurado dar o seu contributo da

forma que entende ser a mais correcta. Contudo, a dificuldade da passagem é de tal forma que Lichtheim optou mesmo por não a traduzir (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 141).

[50] A palavra *m3ḳt* pode significar «escada de mão» e «progressão». Neste manuscrito é empregue frequentemente o pronome indefinido *tw* encabeçando a construção *tw r sḏm* (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 46, 254 e 41-42).

[51] No 3º ponto do § 396 da sua gramática, Lefebvre diz que a locução *ḥr ḏd* ( ), «a dizer», não é de uso corrente sendo frequentemente substituída por *r ḏd* ( ). Contudo, acrescenta, desde o médio egípcio que esta locução sofre a elipse de ficando reduzida a (G. LEFEBVRE, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, p. 201). A dificuldade desta passagem leva alguns tradutores a suprimirem mesmo o pronome sufixo *.i* em *irty.i* e a terminação do pronome do estativo da primeira pessoa do singular *.kwi* em *sḏr.kwi*, a que Gardiner chama de «old perfective» e Lefebvre de «pseudoparticipe» (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 136; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 234-242; G. LEFEBVRE, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, pp. 167-182).

[52] Faz aqui mais sentido «animais selvagens» do que «animais do deserto», para referir metaforicamente os invasores, sem os confundir com os Beduínos, embora ambos sejam símbolos do caos.

[53] A preposição «de» (origem) e a primeira letra do verbo «beber» a encarnado é, certamente, uma distracção do escriba.

[54] O caracter praticamente ilegível no papiro confirma-se ser G. Z2, o determinativo de plural, no óstraco *Vandier*, onde esta palavra tem exactamente a mesma grafia (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 31).

[55] A palavra *stri* não consta nos dicionários. Julgamos ter aqui a consoante *s* a dar sentido causativo ao verbo *tri* (), que significa «respeitar», fazendo surgir o verbo causativo «fazer respeitar». Contudo, o verbo em questão ainda tem mais três determinativos (): o último é o determinativo de plural, o penúltimo o de conceitos abstractos e o antepenúltimo o de «andar», «avançar», «partir», «correr» e similares. Ora, quem faz alguém fugir porque invade o que é seu, impõe respeito. Eis as razões que justificam a nossa opção de tradução que, aliás, é semelhante à de outros tradutores, com a diferença de nenhum deles justificar o seu raciocínio (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 211-212, 457, 533 e 535-536; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 300-301; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 471; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 101; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 141; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 237; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, p. 230; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 136). Por outro lado, a palavra que se segue, *st* (), ou está grafada com um erro ou a

caligrafia do escriba induz ao erro. Não só não existe tal palavra nos dicionários, como no fim da frase só pode ser um pronome dependente, terceira pessoa do plural comum ao masculino e ao feminino, complemento directo do verbo anterior, cuja grafia é (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 45-246).

[56] Cfr. R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 34. A preposição em falta surge no óstraco de *Deir el-Medina 1074* e na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*, aparecendo neste último o verbo *iṯi* no feminino e no plural (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 31).

[57] O determinativo do verbo ver, em falta no papiro, confirma-se no óstraco *Vandier* e na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 31).

[58] Cfr. nota 36.

[59] Como *m ḏd* prenuncia a presença de um dito popular ou de um provérbio, deve haver uma causalidade entre estas duas frases. Na palavra *ḥft* falta o *t* (ou sua variante).

[60] O verbo *rdi*, cujos sentidos mais frequente são «dar», «pôr», «permitir» ou «enviar», aparece aqui com o significado de «dar uma visão», ou seja, «mostrar».

[61] Sobre o facto de o coração ser para os Egípcios antigos a sede do pensamento, já antes fizemos referência, noutros textos, nomeadamente no *Conto do Camponês Eloquente*, nt. 27.

[62] À palavra *sȝmw* são atribuídos diversos significados. Gardiner e Menu dizem significar «luto», mas escrevem e transliteram *sȝmt*; Faulkner traduz a mesma transliteração por «madeixa de cabelo», que escreve e diz estar conforme o exemplo de Neferti, 42; Sánchez Rodríguez, para a mesma grafia e transliteração de Gardiner, dá como significados «aflição» e «madeixa de cabelo». Lichtheim, Parkinson, Lefebvre traduzem por «luto» ou «cerimónias de luto»; Fermat e Lapidus por «lamentações funerárias»; Simpson por «cabelo». Por outro lado, a grafia , que aparece em Golénischeff, Helck e Fermat e Lapidus, onde, aparentemente, e segundo o que verificámos em Goedicke, o caracter G. G14 () não pode ser confundido com G. G17 (), nem a terminação com , não pode ser comprovada com fidelidade por actualmente o manuscrito se encontrar degradado nessa passagem. O determinativo de cabelo, G. D3 ou G. D3A (ou), também aparece na palavra *ỉȝkb* ( ) que significa «chorar», «carpir», «fazer luto por». No contexto do texto, faz mais sentido falar de «luto» ou «cerimónias fúnebres», uma vez que se acabou de dizer que não se chorará a morte nem se jejuará por ela, do que falar de cabelos; «ninguém arranjará o cabelo hoje» não faz, para nós, qualquer sentido. Além do mais, não devemos esquecer que as cerimónias fúnebres eram fundamentais para a crença egípcia de uma boa existência no outro mundo. Consideramos, assim, mais importante a coerência contextual, passando para segundo plano uma hipotética incorrecção de leitura do egípcio hierático

(A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 450 e 588; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique*, p. 177; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 210; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 350; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 142; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 137; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 101; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 75 e 233; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 236; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 15a-15b; W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, p. 24 e pl. XXIV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 34).

[63] «Hoje», numa frase que se refere ao futuro não fará muito sentido, pelo que jogamos com uma subtileza da língua portuguesa que, provavelmente, como se vê neste exemplo, também poderia ocorrer em egípcio: «hoje» é o mesmo que «este dia». Como a frase está no futuro, subentende-se com facilidade «quando este dia chegar».

[64] Não encontrámos a palavra *ṯni* em qualquer dicionário, ou qualquer outra semelhante na sua raiz. Com base no contexto, no determinativo final e nas propostas de outros tradutores, atribuímos-lhe o significado de «afastar-se» (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 457; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 142; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 137; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 102; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 75 e 233; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 238).

[65] Embora o pronome sufixo esteja na 3ª pessoa feminina singular, Faulkner informa que, excepcionalmente, pode também ser usado para a terceira pessoa do plural (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 205).

[66] Em relação a *r-ỉw* cfr. A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 79.

[67] Pelo contexto, que fala de carestia e necessidade, não faz sentido traduzir por «ama-me!».

[68] A mesma expressão na linha 30.

[69] O caracter em falta na palavra *ỉḳw*, devido à deterioração do papiro, confirma-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* e no óstraco *Gardiner 326*; o pronome dependente *.tw*, em falta um pouco mais à frente pela mesma razão, também se confirma na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*; a terminação da palavra *ḥpw* cuja deterioração do manuscrito torna também inexistente, aparece no plural na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* e no óstraco *Gardiner 331* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 37).

[70] Os caracteres em falta por deterioração do papiro confirmam-se: o determinativo de *ḥḏḏ* na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* e no óstraco *Gardiner 331*; a preposição *m* e a terminação feminina plural de *iryt*, no óstraco *Gardiner 331*; o *t* do pronome dependente *.tw*, a terminação feminina plural da forma verbal *gmyt* e a

raiz da forma verbal *iryt*, na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 37).

[71] A mesma expressão na linha 22 com uma ligeira diferença que não é significativa para a tradução.

[72] Os caracteres em falta por deterioração do papiro, confirmam-se: os determinativos a palavra *ḫt*, «coisas», , na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*; o pronome sufixo *.i* do verbo *rdi/di*, na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*, no óstraco *Gardiner 326* e no óstraco *Gardiner 331*; o *p* do verbo *nhp* no óstraco *Gardiner 326* e no óstraco *Gardiner 331*, embora a palavra apresente outras grafias (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 38).

[73] Ao verbo *nhp* foi suprimido o determinativo. As duas hipóteses mais plausíveis neste contexto são: , «lamentar-se» e , «preocupar-se». A primeira parece mais de acordo com o estado de espírito de quem fica sem os seus bens (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 135).

[74] Os caracteres em falta por deterioração do papiro confirmam-se: o bilítero *šw* ( ) e a forma verbal *rdt*, na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*, no óstraco *Gardiner 331* e no óstraco de *Deir el-Medina 1189*; a palavra *ḫt*, «coisas», embora com uma grafia ( ) diferente daquela que, provavelmente, teria aqui ( ), no óstraco *Gardiner 331* e no óstraco de *Deir el-Medina 1189*; a preposição *r* na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* e no óstraco *Gardiner 331*; o determinativo da palavra *sgr* na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 39).

[75] Os caracteres em falta por deterioração do papiro confirmam-se: o determinativo G. Z9 (×) do verbo *wšb*, na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*; o caracter G. O34 ( ) da palavra *ṯs*, no óstraco *Gardiner 326*, no óstraco *Gardiner 331* e no óstraco de *Deir el-Medina 1189*; a palavra *mdw* e o *t* do pronome dependente *.tw*, na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* e no óstraco *Gardiner 326* e no óstraco de *Deir el-Medina 1189* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 39).

[76] Certamente ao orador!

[77] Os caracteres em falta pelo mau estado do papiro confirmam-se: o determinativo G. A2 ( ) da palavra *ḫn*, no óstraco *Gardiner 331* e no óstraco de *Deir el-Medina 1189*; a palavra *ʿnd*, cujos quatro caracteres se vêem parcialmente, na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 42).

[78] Dos caracteres em falta por deterioração do papiro confirmam-se duas das três situações desta linha do papiro: o determinativo G. Y1 ( ) da palavra *wš*, no óstraco *Gardiner 326*; e, já em l. 51, a última consoante e o determinativo da palavra *wbn* ( ), na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 42).

[79] Frase de duplo sentido: um apelo directo a um dos seus principais mitos e, consequentemente, ao papel estabilizador do faraó; a visão do caos entre os homens

provocado pela alteração do sol a nível físico. O demiurgo, Ré-Atum, criou o céu e a terra (o ser) a partir do caos, das trevas e da humidade pré-existentes (o não-ser ou oceano primordial), estabelecendo assim a ordem primordial. Governados por Ré, os deuses viviam inicialmente na terra com os homens, mas depois destes terem conspirado contra o deus-sol e de serem violentamente reprimidos por Sekhmet, a deusa leoa identificada com o olho do Sol e pelos seus «massacradores», o criador acabou por entregar o governo de tudo o que estava «à volta do Sol» ao «filho de Ré», o faraó, e os deuses retiraram-se da terra. A ordem, não só a terrena mas também a demiúrgica, competiria a partir de então ao rei, que tinha a obrigatoriedade de manter ou repor a harmonia primordial, uma vez que a ordem que a caracterizava estava permanentemente ameaçada pelas forças que se lhe opunham (era a luta constante entre o ser e o não-ser). Do ponto de vista físico o Sol acaba por ser comparado à Lua, sendo desprovido de calor e de luz própria. Os caracteres em falta por deterioração do papiro, confirmam-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*: a partícula introdutória *iw* ( ) e os dois primeiros caracteres ( ) do verbo *wbn* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 43).

[80] Não é propriamente a sombra do sol (que no Egipto também existia percorrendo o mundo inferior durante a noite), mas a sombra que a sua incidência provoca na parte não iluminada dos objectos, eventualmente, até com a intencionalidade de se referir a casos específicos de caos: a falta da sombra, uma das componentes do indivíduo ligada ao *ba* e funcionando como uma companhia silenciosa e protectora que ligava o indivíduo à terra (o *ka*, o *ba*, o *akh*, o nome e a sombra, formavam a personalidade completa e harmónica do ser humano), e a impossibilidade de medir o tempo, devido ao facto de os relógios de sol não funcionarem. Os caracteres em falta por deterioração do papiro, confirmam-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*: o determinativo final, G. G41, do verbo *tni* (), o determinativo final G. Y1 do verbo *bꜣḳ* () e a partícula introdutória *iw* (). No final da linha 52 é provável que não falte nada (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 43; W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXV; E. HORNUNG, *L'Esprit du Temps des Pharaons*, pp. 181-197; R. SOUSA, «Sombra», em *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 797; G. POSENER, *Dictionnaire de la Civilisation Egyptienne*, p. 70).

[81] Iluminar no sentido de «deslumbrar», «ficar radioso», mas também «desprovido de iluminação».

[82] Os caracteres em falta por deterioração do papiro, confirmam-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*: a palavra «lua», *iʿḥ* (), a partícula negativa *nn* () e a marca de ideograma G. Z1 do genitivo indirecto masculino plural *nw* () (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, pp. 43-44).

[83] Existindo sem luz própria já poderá ser fixado sem provocar qualquer lacrimejar.

[84] Na palavra *sš3w* parece ter havido uma troca nos dois primeiros caracteres, pois a palavra deveria ser *šs3w*. Esta é mais uma passagem em que há alguma discordância nas traduções. Assumimos que «a cuidada sabedoria» do sol implica a existência de um «ciclo» que se mantem imperturbável, embora possam ocorrer alterações. O sol zangado com a humanidade enfraquece os seus raios ficando pálido como a lua, mas não deixa de cumprir o seu trajecto. Afasta a catástrofe cósmica que resultaria se deixasse de brilhar, e aplica apenas um castigo punitivo aos homens.

[85] Os caracteres em falta por deterioração do papiro confirmam-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*: os caracteres *wt* da palavra «raios», *stwt* ( ) e o determinativo G. A51 ( ) da palavra composta «passado», *imyw-ḫ3t* (W. Helck, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 44).

[86] Os antepassados.

[87] Neste caso, o pronome indefinido *tw* não encabeça a construção *tw r sḏm*, pelo que seria necessário ter uma partícula introdutória, uma vez que para além daquela construção, o pronome indefinido não deve encabeçar uma frase (A. H. Gardiner, *Egyptian Grammar*, pp. 46, 254 e 41-42). Os caracteres em falta por deterioração do papiro confirmam-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*: os caracteres *wt* da palavra «raios», *stwt* () e o determinativo G. A51 () da palavra composta «passado», *imyw-ḫ3t* ( ) (W. Helck, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 46).

[88] A ideia é mostrar o pior em vez do melhor.

[89] Neste contexto não nos parece, por um lado, que seja um jogo de palavras entre «costas» e «ventre»; por outro, embora a palavra *ḫt* não tenha os determinativos habituais de multidão, ou de plural ( ), estamos em crer que o determinativo G. A1 ( ) está presente para indicar o «homem» em termos colectivos e não de forma singular. Os caracteres em falta por deterioração do papiro, confirmam-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*: a preposição *r* ( ) e o caracter G. Z7 ( ) da palavra «rico», *ḥʿw* ( ) (W. Helck, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 47).

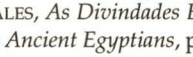
[90] Os caracteres em falta pelo mau estado do papiro no início desta linha são totalmente irrecuperáveis uma vez que os dois outros registos desta passagem também se encontram irrecuperáveis neste ponto: o óstraco *Gardiner 326* está em branco nesta passagem e a tabuinha do *Museu do Cairo 25224* apresenta , o que, eventualmente, poderia ser uma grafia abreviada desconhecida da hipótese que avançamos de seguida. No papiro poder ter estado a palavra *nḥm*, «retirar-se», «afastar-se», «recolher-se», «ir-se embora», com a grafia , uma vez que há espaço para os caracteres perdidos e, segundo o que observámos em Goedicke, o caracter cursivo G. N41 () poder ser muito semelhante ao caracter G. D21 ( ). Além do mais, seria um termo que estaria a contexto (W. Helck, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 47; H. Goedicke, *Old Hieratic Paleography*, 6a-6b e 27a-27b).

[91] Os caracteres em falta por deterioração do papiro no final desta linha confirmam-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*: o caracter G. G1 ( ) e o caracter G. Z2 ( ), o *ỉ* e o determinativo de plural da palavra *bḥḳỉw* ( ), mais uma que não consta em qualquer dos dicionários consultados. Parkinson traduz por «exultantes», Lalouette por «estarão na alegria», Lefebvre por «exaltados» e diz que é uma palavra de que só há este registo, isto é, um hápax, Lichtheim também traduz por «exaltados», Fermat e Lapidus optam por «insolentes» e Simpson e Erman deixam um espaço em branco. Pelo panorama caótico apresentado e pela presença do determinativo G. A28 ( ), que aparece em palavras como «alegria», «exaltar», «enaltecer», «exultar», «regozijar-se», «festejar», pensamos que seria esse o estado de espírito dos dependentes subitamente libertos de qualquer controlo. Em todo o caso, também é um determinativo que aparece na palavra *ḫỉỉ*, ( ), «chorar», «carpir», «lamentar-se», o que nos deixa alguma incerteza de poderem estar alegres ou, pelo contrário, lamuriosos em virtude da ausência de directivas, de orientação. Em todo o caso, o mundo «ao contrário» que nos é apresentado faz-nos pender mais para a primeira hipótese (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 47; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 138; C. LALOUETTE, *Textes Sacrés et Textes Profanes de l'Ancienne Egypte*, vol. I, p. 73 ; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 103; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 143; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, p. 239; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 239; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 115; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 445).

[92] Província de Heliópolis (cfr. nota 22).

[93] Com a presença do determinativo G. I12 ( ), aparentemente teríamos aqui a deusa Meskhenet que presidia aos partos protegendo os recém-nascidos, tanto humanos como divinos, assumindo-se também como deusa do destino, predizendo o futuro às crianças no momento do seu nascimento. Por exemplo, na companhia da deusa da água Heket, todas as manhãs era uma das parteiras presentes no nascimento do Sol. Todavia há duas questões que se levantam. Por um lado, a grafia do seu nome sofreu uma alteração: o habitual tijolo do parto existente no seu nome (as parturientes sentavam-se, ou acocoravam-se, num banco de tijolos próprio para o efeito, de modo a que a gravidade ajudasse ao nascimento da criança), o caracter G. O39 ( ), foi substituído por G. Z5 ( ), um caracter que era usado no médio egípcio para substituir caracteres de difícil execução, o que não é o caso ou, em textos hieráticos da XVIII dinastia, para substituir o caracter G. B3 ( ), o que pode ser o caso, não num nome próprio mas na designação de um lugar. Aliás, esta palavra com esta grafia aparece já na linha seguinte do texto. Faulkner confirma a existência da substituição para além dos nomes próprios. Por outro lado, do ponto de vista gramatical a

palavra que deveria ser o nome de uma deusa faz parte de um genitivo indirecto como substantivo que rege. E porque *msḫnt* é uma palavra feminina, a base de ligação está no feminino, *nt*, e antecede imediatamente o substantivo regido *nṯr*. Portanto, *msḫnt* é «qualquer coisa» que é «do deus», ou melhor «de cada deus» (J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 304 e 326-327; B. BRIER e H. HOBBS, *Daily Life of the Ancient Egyptians*, pp. 235-236; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 116-117; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 65-66 e 537).

[94] Ameni é um nome hipocorístico, isto é, um diminutivo carinhoso, de Amenemhat, neste caso Sehetepibré Amenemhat (), «Amon comanda» «Satisfeito está o coração de Ré», o fundador da XII dinastia que vulgarmente designamos por Amenemhat I (G. LEFEBVRE, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, pp. 37-38; P. A. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, p. 78).

[95] Embora se relatem acontecimentos do final do Primeiro Período Intermediário e se preveja o aparecimento do rei salvador, é bom não esquecermos que o «profetismo» egípcio é-nos apresentado *a posteriori*: este texto foi redigido na XVIII dinastia, muito tempo depois de Amenemhat I ter existido e embora se desconheça o original, julga-se que deve ter sido idealizado no início da XII dinastia, provavelmente ainda em vida do rei ou pouco depois da sua morte. Fica a incerteza se este epíteto já estaria no original ou se é da responsabilidade dos escribas da XVIII dinastia.

[96] Este nome, que se pode traduzir por Terra do Arco, designava de uma forma geral a Núbia, os territórios localizados a sul de Elefantina, que se dividiam em Baixa Núbia (Uauat) e Alta Núbia (Kuch) e, pela proximidade, foi o nome atribuído à 1ª província do Alto Egipto, cuja capital era Elefantina e se estendia da 1ª catarata até uns quilómetros a norte de Kheni, a actual Gebel el-Silsila, onde o curso do rio estreita consideravelmente devido à existência de íngremes falésias de arenito (J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, p. 435; J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 14-15 e 75; C. C. CORREIA, «Núbia», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 629-630; B. MANLEY, *Atlas Historique de l'Égypte Ancienne*, pp. 45, 50, 52-53, 55, 69 e 75; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 253).

[97] Na palavra *ḫnw* há uma troca de caracteres: o determinativo G. O1 ( ) deveria vir no fim da palavra, depois de G. W24 () e G. Z7 (), . Estes dois últimos caracteres em falta por deterioração do papiro, confirmam-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 202; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 49).

[98] É uma referência ao Sul do Egipto, sem que possamos traduzir directamente por «Alto Egipto» (Lefebvre e Lichtheim) ou «Sul do Egipto» (Parkinson). De certa forma é um «sebastianismo», um apelo ao aparecimento de um salvador que, como sempre aconteceu no Egipto, viria do Sul, mais protegido de invasões. Actual-

mente a designação Nekhen é Kom el-Ahmar («O Morro Vermelho»), mas os Gregos chamaram-lhe Hieracômpolis, «A Cidade do Falcão». Foi a capital da 3ª província do Alto Egipto, tendo desempenhado papel de destaque nas Épocas Pré-dinástica e Arcaica (dinastias 0, I e II), tempo dos primeiros reis egípcios, altura em que o nome real se apresentava apenas com o nome de Hórus inscrito num *serekh* com um falcão no topo, como estes exemplos:

Hórus Ka Hórus Aha Hórus Djer Hórus Djet

Não é o simples facto de no sistema egípcio o Sul ter precedência em relação ao Norte, que torna esta referência importante. A mãe do rei é sobretudo uma referência mitológica à «Deusa Afastada» que quando Sírio, a estrela mais brilhante da constelação do Cão, aparece, no momento da Inundação, vem do Sul sob a forma de um leão. A filha do criador, que se retirara para o Sul, longe do Egipto, regressa para restaurar a ordem (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 138; P. A. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, pp. 16 e 26; T. F. CANHÃO, «O calendário egípcio: origem e sobrevivências», p. 43; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 142; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 104; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 143; J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 78-79; L. M. ARAÚJO, «Onomástica real», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 642-649).

[99] O primeiro caracter da palavra *ḥḏt* está ausente do papiro ou em qualquer outro documento complementar. No papiro em seu lugar há uma falha, um rasgão. No espaço em falta, os caracteres existentes e o contexto permitem imaginar que o caracter possa ter sido o bilítero *ḥḏ* ( ) (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 49).

[100] As coroas eram dos principais símbolos da realeza egípcia: *ḥḏt*, a coroa branca do Alto Egipto; *dšrt*, a coroa vermelha do Baixo Egipto; e *sḫmty*, a dupla coroa ou, literalmente, «as Duas Poderosas», que exprimia a união de *wꜣḏyt* ( ), génio da coroa vermelha do Norte que simbolizava a deusa Uadjit que tutelava o Baixo Egipto, com *nḫbt* ( ), génio da coroa branca do Sul, simbolizando a deusa Nekhbet, protectora do Alto Egipto. Por tradição e via grega aparece usualmente antecedida de um artigo definido, *pꜣ-sḫmty*, de onde surge a habitual designação *pchent*. No fim do Império Médio surge a coroa azul, *ḫprš* , usada sobretudo

em cerimónias militares (a propósito da coroa *kheprech*, repitam-se aqui as palavras de Sales no *Dicionário do Antigo Egipto*: «...era uma espécie de capacete, de cor azul, com pequenos círculos dourados pintados ou incisos, usada pelo faraó em cerimónias de aparato militar. Por ser esculpida e pintada em muitos relevos egípcios, por vezes até em cenas de combate, tem sido erroneamente designada como "coroa de guerra". Não se deve, no entanto sugerir a sua efectiva utilização pelo faraó no campo de batalha. Se quisermos, a sua ostentação pelo faraó está, no âmbito da ideologia real egípcia, como as condecorações de guerra estão para um militar»). Com uso *post mortem*, podemos ainda falar da coroa real osiríaca *3tf* , e da coroa com plumas de Amon, *šwty* . O rei usava ainda o *nms* , um pano listado que lhe cobria a cabeça e caía sobre os ombros. Não era uma coroa mas, eventualmente, é a cobertura de cabeça real mais conhecida, sobre a qual, na testa, figurava a *iaret* (*uraeus*), a cobra protectora de faraós e deuses (J. C. SALES, «Coroas», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 241-242; G. POSENER, *Dictionnaire de la Civilisation Egyptienne*, p. 70; I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, pp. 74-75; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 504).

[101] É curiosa a utilização dos verbos que nesta frase se relacionam com cada uma das coroas. Para um rei originário do Sul, obviamente que a primeira coroa que usará é a coroa branca que ele «receberá», verbo *šsp*, que também pode significar «tomar», «apropriar», «aceitar» ou «assumir». Parece que a coroa lhe estava destinada, embora se saiba que Amenemhat I foi vizir de Mentuhotep IV e a sua ascensão ao trono não foi muito pacífica devido à existência de outros pretendentes. Acerca dos reis da XI dinastia existe uma pequena discordância entre os egiptólogos. Para uns, a dinastia terá começado com os três reis, que pouco mais eram do que governadores de província tebanos, Antef I, Antef II e Antef III, seguindo-se Mentuhotep I, filho do último dos Antef e, depois, Mentuhotep II e Mentuhotep III. Mas certas fontes confirmam o pai de Antef I como rei, pouco mais se sabendo dele do que o facto de se ter chamado Mentuhotep. Seria assim, portanto, o primeiro. Vernus e Yoyotte avançam a ideia de que o seu nome de Hórus, «O Antigo», sugere inequivocamente que a sua titulatura terá sido imaginada *post mortem*, só tendo sido contabilizado entre os faraós por ter sido o pai de Antef I e Antef II, nunca tendo efectivamente reinado. Esta situação gera desfasamentos entre os diversos autores, considerando uns três reis com este nome e outros quatro, de modo que Mentuhotep I, II e III de uns, corresponde aos Mentuhotep II, III e IV de outros. Seja como for, a coroa branca foi «recebida» por Amenenhat I. Mas a coroa vermelha foi «erguida» «levantada», verbo *wṯs*. Um verbo muito mais apropriado para um troféu conquistado ao inimigo. De facto, ela só foi alcançada depois dos combates travados, do inimigo expulso e

da reunificação conseguida. Para as «Duas Poderosas» só faz mesmo sentido a utilização do verbo *sm3*, «unir»: é o facto consumado e o equilíbrio de novo alcançado (C. VANDERSLEYEN, *L'Egypte et la Vallé du Nill. Tomo II*, pp. 12-13; P. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, pp. 72-77; M. J. SEGURO, «Amenemhat» e L. M. ARAÚJO, «Onomástica real» em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 54-56 e pp. 642-649; P. VERNUS e J. YOYOTTE, *Dictionnaire des Pharaons*, pp. 26 e 100; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 72, 225-226 e 271; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 156, 370 e 428; L. M. ARAÚJO, *Os Grandes Faraós do Antigo Egito*, pp. 95-103).

[102] O determinativo da palavra *shtp* é inexistente no papiro ou em qualquer outro documento complementar. Neste papiro no seu lugar há um rasgão. O espaço em falta, os caracteres existentes e o contexto permitem imaginar que aí possa ter estado o caracter G. Y1 colocado verticalmente ( ) (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 49).

[103] Como os próprios hieróglifos indicam, Hórus e Set.

[104] A tradução desta frase levanta alguns problemas e encerra dúvidas. Em primeiro lugar, a última palavra da linha, *nwdt*: não há em nenhum documento que apresente esta passagem completa. Em todos, no *Papiro 1116B recto* de São Petersburgo, na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* e no óstraco *Gardiner 326*, há uma falha equivalente a um espaço que comportaria um caracter em tamanho normal ou dois sobrepostos. Tendo em conta os caracteres existentes, embora sem a certeza de um deles, a nossa proposta é que pudesse ter sido o verbo *nwd* ( ) no feminino, até mesmo no plural ( ), como acontece com *mrwt*. Devido à incerteza do caracter *t*, outra hipótese seria o verbo *nwdw* ( ), basicamente com o mesmo significado: «balançar», «oscilar», «agitar», «girar», «rodar». Em segundo lugar, *phr-ihy* e *wsr*. Sobre a segunda destas duas palavras não há dúvidas: é uma variante de «remo»; mas a primeira, uma palavra justaposta, é de tradução incerta, sobretudo pela sua segunda metade. É a existência do determinativo de «terra irrigada» G. N23 ( ) e da marca de ideograma G. Z1 ( ) que nos leva a considerar a hipótese de *ihy* poder ser traduzida por «campo». Finalmente, o que são estes dois objectos? «Aquele-que-anda-à-volta-no-campo» e o «remo» deveriam ser objectos rituais que o rei empunharia num dos rituais da cerimónia da sagração em que teria que realizar um percurso à volta do palácio. Nesta passagem fala-se de coroação, fala-se de Hórus e Set e, por fim, fala-se destes dois objectos. No plano das instituições, havia que criar condições ao rei para que, em circunstância alguma, fosse confundido com outro homem, sobretudo ao nível dos dignitários (governadores, vizires, chefes sacerdotais ou militares...). Essa legitimação era conferida por duas cerimónias exclusivas da rea-

leza: a cerimónia da sagração e o jubileu real. O jubileu real desenrolava-se, principalmente, num mundo humano, visando essencialmente regenerar o poder real, mas a entronização decorria, sobretudo, entre os deuses, e é a cerimónia, ou melhor dizendo, o conjunto de cerimónias, que agora nos interessa focar. Independentemente da sucessão se processar por parentesco ou por conquista do poder, o ritual de inauguração de um novo reinado era a sagração do rei, também apelidada de coroação ou entronização, que, nas palavras de M.-A. Bonhème e A. Forgeau, visava «aumentar a personalidade do rei e transformá-la», sendo por isso considerada um conjunto de rituais de passagem de uma condição a outra, em que um homem se transformava num ser com qualidades inacessíveis aos outros humanos. Embora na prática se tratasse de uma série de actos iniciáticos solitários, apenas respeitantes ao rei e ao deus, realizados estritamente no círculo das pessoas necessárias à sua execução, a coroação era considerada um acto colectivo. Tradicionalmente realizada em Mênfis, estes rituais remontam à Época Arcaica e foram respeitados até ao período ptolemaico. A coroação de um rei era não só a sua sacralização, mas também a sua aclamação como duplo de si mesmo, numa clara distinção dos dois corpos do faraó: perecível enquanto ser humano, eterno como deus. Cerimonial dirigido pelos sacerdotes, compunha-se dos ritos de despertar do novo rei e saída do palácio (um despertar simbólico e mágico dirigido pelos sacerdotes), de purificação (dois sacerdotes vestidos de Hórus e de Tot purificavam o novo rei, primeiro com água e depois unguentos), de entrada do rei no templo (espaço sagrado) acompanhado por Montu (deus nacional da guerra, de origem tebana, que se apresentava com cabeça de falcão e características guerreiras, transmitindo ao rei protecção, poder, vitória e invencibilidade), de imposição das coroas por Hórus e Set (dois sacerdotes incarnavam os deuses representando a união das Duas Terras, em que Set segurando um lótus simbolizando o Sul e Hórus, com um papiro, simbolizava o Norte), de elevação real (no contexto tebano, o rei era enquadrado por dois deuses, normalmente Montu e Atum, que o conduziam até Amon), de alimentação do novo rei (absorção fictícia de leite de uma deusa simbolizando a sua passagem de comum mortal a monarca eleito pelos deuses), de entronização e de proclamação dos nomes de reinado que o novo soberano assumia. Depois o soberano fazia um circuito à volta do palácio, numa representação simbólica do seu poder sobre todo o Egipto e numa evocação de um antigo rito menfita designado por *pḫr b inb* («a volta ao muro»), na cidade que se chamava *inb-ḥḍ* («Muro Branco»). Em suma, o cerimonial conferia poder terrestre ao novo Hórus e poder institucional ao monarca. Provavelmente, «aquele-que-anda-à-volta-no-campo» e o «remo» eram empunhados durante este último circuito em torno do palácio. E se este périplo era a representação simbólica do seu poder sobre todo o Egipto, será que

são epítetos dos ceptros *ḥḳ3t* ( ) e *nḫ3ḫ3* ( )? Os ceptros eram impostos ao rei imediatamente antes da coroação, sendo o primeiro um símbolo da condução dos homens e o segundo, provavelmente, da justiça. O primeiro, alusivo ao passado pastoril, poderá ser «aquele-que-anda-à-volta-no-campo», e o segundo, semelhante a um mangual ou a um flabelo, ou ainda a um flagelo (frequentemente vê-se confundido *flabellum* com *flagellum*, servindo o primeiro para afastar as moscas e o segundo para executar castigos de chicotadas), parece aludir ao passado agrícola, poderá ser o «remo». A sua associação a Osíris não levanta dúvidas (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 50; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 28, 46, 69 e 93-94; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 102, 125, 153 e 183-184; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 138; C. LALOUETTE, *Textes Sacrés et Textes Profanes de l'Ancienne Égypte*, vol. I, p. 74; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 104; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 143; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 79-80 e 241; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 239; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 115; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 288 e 535; M.-A. BONHÈME e A. FORGEAU, *Pharaon. Les Secrets du Pouvoir*, pp. 245-285; J. C. SALES, «Coroação» em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 240-241).

[105] Ao aparecem juntos, estes dois conceitos expressavam a ideia de «para todo o sempre». Através do mito osiríaco, o rei assumia-se como um novo Osíris, entrando na eternidade (*nḥḥ*) perpetuamente (*ḏt*) (T. F. CANHÃO, «O calendário egípcio: origem, estrutura e sobrevivências», p. 39).

[106] O caracter em falta na palavra *w3yw* por deterioração do papiro confirma-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 53).

[107] Não no sentido de serem respeitadas, mas no de serem respeitadoras. O rasgão existente no papiro é muito estreito e a tabuinha do *Museu do Cairo 25224* não é concludente em relação à falha do papiro, pelo que o caracter em falta não deverá ser nem G. F7 ( ) ou G. F8 ( ), mas Z5 ( ) (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 52; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 265).

[108] Esta construção já foi referida na *História de Sinuhe* (R, 42). «Os Muros do Rei» eram uma linha de fortificações mandadas erguer por Amenemhat I para defesa da fronteira nordeste do Egipto, provavelmente no Uadi Tumilat. Na continuação daquele texto, fica mesmo a saber-se que foram «construídos para reprimir os Asiáticos e para esmagar os Beduínos» (R, 43) (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 44).

[109] As cinco linhas finais, 67 a 71, aparecem no fim do papiro depois da «página» que comporta as linhas 56 a 66 e apresentam-se na forma de colunas.

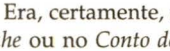
[110] Não é o primeiro ponto encarnado que está mal colocado no papiro, mas este é francamente o mais infeliz.

[111] A concepção de história no Egipto Antigo era uma «celebração» do eterno retorno à «primeira vez», ao tempo em que o criador estabelecera a ordem primordial, que o faraó teria que manter. Esta concepção de existência tinha uma certa autonomia e a ordem social, que representa apenas um dos seus elementos, foi concebida sobre princípios de auto-regulação que premiavam os cumpridores e castigavam os transgressores. A paz social era pois a recompensa de quem respeitava a ordem estabelecida e cumpria as regras da instituição que a regulava: *maat* (*mꜣʿt*), literalmente «aquela que guia». Concebida como um conceito «compacto» de múltiplas acepções (justiça, verdade, ordem...), foi criado no início do Império Antigo com uma função de ideologia estabilizadora associada à unificação do Alto e do Baixo Egipto. Nele conviviam a ordem cósmica e a ordem humana, a natureza e a sociedade, o ser e o dever. Nele se confrontava permanentemente a dualidade dos opostos: bem/mal, justiça/injustiça, verdade/mentira, ordem/ /desordem. Representava assim o único momento em que todos estes elementos coexistiram em equilíbrio cósmico. Era a unidade primordial que era necessário manter ou restabelecer, sempre que a harmonia pessoal ou colectiva era posta em causa por *isefet*, o mal. Assumiu tal importância no quotidiano dos Egípcios que foi personificado na deusa Maat, cujas representações mais comuns são: uma figura feminina em pé, sentada ou ajoelhada, por vezes sobre um *neb* (*nb*), com uma pena de avestruz na cabeça (; ;), formas aladas (;), ou simplesmente uma pena de avestruz ( ). Na maior parte das vezes trazia consigo um *ankh* (*ʿnḫ*,), o que representa uma autêntica redundância, uma vez que a própria deusa simbolizava a vida. No entanto, Hornung refere que a mais significativa das suas representações é aquela em que o seu nome é escrito com o signo que representa um pequeno pedestal com uma das faces em bisel ( ) que, na sua opinião, podia servir para assentar o trono das divindades: «Deste ponto de vista, *maat* é o que constitui o fundamento do equilíbrio do mundo criado, a base sobre a qual repousa toda a vida cósmica e social». Era, no entanto, um princípio claramente subjectivo, que incitava a uma busca permanente e perpétua, cujos preceitos nunca eram apresentados como já feitos, mas para serem realizados. O seu valor e significado estavam de tal modo pressupostos em toda a vida egípcia que é muito difícil conseguirmos fazer uma ideia diferenciada da natureza de *maat*. Sobre os três caracteres da palavra *isft* ilegíveis no papiro, eles confirmam-se na *Tabuinha do Museu do Cairo 25224* (T. F. CANHÃO, «Datação e temática do *Conto do Camponês Eloquente*», em *Cadmo 15* (2005),

pp. 172-173; E. HORNUNG, *L'Esprit du Temps des Pharaons*, p. 134; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 57).

[112] Esta construção gramatical não está correcta. Tal como se vê na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*, o pseudoparticípio («old perfective» de Gardiner) bem construído seria *isft dr.ti*. Quanto muito, far-se-ia a concordância *isft drty sy r-rwty*, caso se pretendesse usar o pronome dependente na terceira pessoa feminina do singular (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 57; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 234-242 e 289-290).

[113] Gramaticalmente funciona como substantivo e não como adjectivo, só assim se justificando a utilização do pronome dependente entre o verbo e o substantivo (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 234-242 e 289-290; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 147).

[114] Golénischeff regista mais alguns caracteres muito deteriorados, hoje completamente ilegíveis no papiro. Já Helck, possivelmente, não os terá conseguido ler – pelo menos não os assinala –, nem existe mais nenhuma fonte com registos depois de *ḫpr*. Era, certamente, o cólofon, embora diferente dos encontrados na *História de Sinuhe* ou no *Conto do Náufrago*. Aparentemente estaria lá *iw.s pw m ḥtp in sš* () onde o *.s*, era um dos caracteres perfeitamente legíveis; normalmente é empregue o pronome sufixo na terceira pessoa masculina, *.f* ( ), e não a terceira pessoa feminina. A tradução seria: «e acabou em paz pelo escriba», podendo-se seguir o nome do escriba. A expressão «acabou em paz» pode ser similar ao tradicional «do princípio ao fim, como o que se encontrou na escritura», ou seja, foi feita uma cópia completa e igual ao original. Erman e Lalouette não mencioram esta fórmula final, e Fermat e Lapidus não transcrevem nem transliteram nada, mas informam que o texto termina com a habitual fórmula dos textos copiados. Os restantes autores, de uma forma ou de outra, expressam simplesmente a existência do cólofon (W. GOLÉNISCHEFF, *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, p. 25 e pl. XXV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 58; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 139; C. LALOUETTE, *Textes Sacrés et Textes Profanes de l'Ancienne Egypte*, vol. I, p. 74; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 105; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 144; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 81 e 239; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 240; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 115).

8. AS LAMENTAÇÕES DE KHAKHEPERRÉSENEB

8.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse

As Lamentações de Khakheperréseneb foram conservadas num único documento, uma placa de madeira com 55 centímetros de comprimento e 29 de altura, coberta de estuque dos dois lados, que adere à madeira através da utilização de uma substância adesiva. Apresenta um pequeno orifício através do qual poderia ser suspensa numa parede. Designada por *B. M. 5645*, conserva-se no Museu Britânico, tendo sido encontrada, aparentemente «esquecida», entre numerosos óstracos na terceira sala egípcia do museu londrino por Gardiner, tendo-lhe chamado a atenção o facto de estar redigida numa escrita mais arcaica do que os restantes documentos envolventes[1]. Reparou também nos pontos encarnados que marcavam os versos, tendo de imediato compreendido que se tratava de um texto literário desconhecido, mas que, pelo vocabulário específico aí encontrado, rapidamente identificou com o trabalho que na altura tinha em mãos, *As Admoestações de Ipu-uer*[2].

O texto distribui-se por quatro parágrafos de tamanho variável, os três primeiros no *recto* (catorze linhas) e um quarto no *verso* (seis linhas). A separação dos parágrafos é visível pelo maior espaçamento deixado entre cada um dos conjuntos de linhas: quatro no primeiro, cinco no segundo, outras cinco no terceiro e seis no quarto. Existem ainda, separadas do derradeiro capítulo, em baixo, duas linhas que nada têm a ver com este texto[3] e que parecem ser apenas o princípio de um texto mais extenso. Pela análise da escrita hierática, Gardiner data-

---

[1] A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 95.

[2] *Idem, ibidem.*

[3] *Idem*, p. 96 e pr. 17-18.

-o da primeira metade da XVIII dinastia, enquanto o original parece datar do Império Médio, com grande margem de segurança do reinado de Senuseret II, ou um pouco posterior. Em abono desta opinião conta não só o facto do nome do sábio ser composto com o nome de coroação daquele rei, Khakheperré, «A forma de Ré brilha», como a análise da «dinâmica da linguagem». Vernus, ao debruçar-se sobre este texto, a que chama *Recolha de Palavras de Khakheperréseneb*[4], mais especificamente sobre a construção sujeito + *ḥr* + infinitivo, tanto com verbos transitivos como com verbos intransitivos, data-o do final da XII dinastia ou princípio da seguinte[5]. Por seu lado, estes elementos acrescidos de alguns erros, faltas ou trocas de determinativos e correcções sobrepostas a pequenas áreas palimpsestas, permitem-nos admitir que poderemos estar perante um instrumento escolar.

Utilizámos um total de vinte linhas assim distribuídas: catorze do *recto* (de 1 a 14) e seis do *verso* (da 1 à 6). Do princípio ao fim, o texto apresenta os *cola* separados por pequenos pontos vermelhos (Cfr. ponto 9 da p. 47).

O texto hierático teve uma publicação da sua transcrição hieroglífica em 1909, em Leipzig, feita por Gardiner, que o publicou como apêndice da transcrição do *Papiro Leiden 344 recto, As admoestações de um sábio egípcio*, as já referidas *Admoestações de Ipu-uer*[6]. T. G. H. James e Vernus, respectivamente em 1979 e 1995[7], apresentaram fotografias

---

[4] P. Vernus, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*.

[5] P. Vernus, *Future at Issue. Tense, Mood and Aspect in Middle Egyptian: Studies in Syntax and Semantics*, p. 188-189. P. Vernus não deixa de sublinhar que se a obra for apócrifa o nome de Khakheperréseneb passa a ter um valor secundário na datação, uma vez que os nomes podem-se transmitir por linhagens ou serem atribuídos muito depois do rei ter morrido, sobretudo devido à sobrevivência da sua memória através do seu culto funerário ou de algum monumento particular que o tenha perpetuado (P. Vernus, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*, pp. 2-3).

[6] A. H. Gardiner, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, pp. 95-112 e pl. 17 e 18.

[7] T. G. H. James, *An Introduction to Ancient Egypt*, p. 102; P. Vernus, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*, p. 5.

do *recto* da tabuinha B. M. 5645, mas só G. E. Kadish publicou a reprodução fotográfica completa da tabuinha, *recto* e *verso*, em 1973[8].

No Museu Egípcio do Cairo há ainda um óstraco do túmulo de Senenmut, que se mantém inédito e que parece reproduzir parte deste texto[9]. Em todo o caso, tendo em conta, principalmente, as numerosas publicações e estudos de outros textos egípcios e o facto de, inicialmente, este ter sido publicado como simples apêndice de outro texto, não deixamos de concordar com Vernus quando afirma que este texto é «um pouco marginal na egiptologia», ainda que essa marginalidade seja relativa, motivada sobretudo pela sua «grande dificuldade de interpretação»[10]. Esta dificuldade não se encontra no estado da cópia, no vocabulário ou na gramática, mas no isolamento da temática em relação a outros textos: a desordem de certos tempos e a inversão de valores.

Isto tudo não quer dizer que Khakheperréseneb fosse um desconhecido. Pelo contrário, deve ter sido até um escriba de nomeada, uma vez que o seu nome aparece na célebre lista de escribas gravada na parede de um túmulo de Sakara, da XIX dinastia, na companhia de nomes como Imhotep, Kaires, Khety e Ipu-uer[11], e é mencionado no *Papiro Chester Beatty IV*, vº 3, 6-7, na evocação «Eu quero dar-te a conhecer Ptahemdjehuti e Khakheperréseneb» (*dj.i rḫ.k ptḥ-m-ḏḥwty ḫ^{c}-ḫpr-r^{c}-snb*)[12].

A realização deste trabalho seguirá, fundamentalmente, a leitura da tabuinha realizada por Gardiner.

---

[8] G. E. KADISH, «British Museum Writing Board 5645», *JSTOR (1973)*, pp. 19-30 e pl. XXXII-XXXIII.

[9] W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 230; P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*, p. 2.

[10] *Idem*, pp. 1-2.

[11] W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, fig. 6, última página do livro.

[12] P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*, p. 3. Ver o texto completo desta evocação no fim da introdução que antecede estas traduções.

Sinopse. Estamos perante uma introspecção: Khakheperréseneb, sacerdote de Heliópolis, fala consigo próprio, com o seu coração, ou melhor, com a sua consciência. Não sem antes demonstrar satisfação pela qualidade e ineditismo do seu discurso, saudoso de tempos passados, interroga o seu coração e pede-lhe para que seja corajoso face ao mundo que os rodeia. Lembrando a tradição, não deixa de reconhecer que vive num tempo onde o passado não se repete, marcando com clareza a ruptura entre o presente e o passado, e opondo-se à ideologia dominante da perenidade da elite dominante e dos seus monumentos. Aliás, como conclui, a tradição não fornece conceitos apropriados para explicar nem o presente nem o futuro, uma questão que entre nós contraria do mesmo modo todos aqueles que ainda pensam que o Egipto faraónico foi constituído por mais de 3000 anos estáticos.

Este texto é a subversão da ideia monolítica de permanente retorno à «primeira vez», percepcionando-se uma ruptura com a ordem tradicional em nome de um novo conceito de história, que manifesta expressamente nas linhas 2 e 3 do *verso*: «aquele que dava ordens é um dos que recebe ordens». Esta inversão de situações não é exclusiva. Pelo contrário, ela está presente em parte dos textos do Império Médio, tendo na nossa investigação já aparecido em o *Conto do Camponês Eloquente* (B 145), em *Diálogo de um Desesperado com o seu Ba* (114-115), em *As Admoestações de Ipu-uer* (7, 11-12) e em *As Profecias de Neferti* (55).

Graças à resistência do seu coração, isto é, à sua força de vontade, passou por uma série de provações, partilhando com ele, o seu único e verdadeiro amigo, sem restrições, o sofrimento. Daí o epíteto de «Aquele que vive», por ter sobrevivido a tanto mal-estar. Como o próprio Khakheperréseneb diz na sexta linha do *recto*, foi espectador de tempos difíceis e, com base nessa experiência, descreve uma sociedade que ao trocar *maat* por *isefet* entrou num estado catastrófico. Não é uma perspectiva pessoal mas colectiva, conforme nos apercebemos pelas várias referências a todo o país. Depois de descrever esse caos e de aliviar a sua consciência pondo para cima do seu coração a necessidade de denunciar a situação, o texto acaba abruptamente, desconhecendo-se qualquer tipo de resposta do coração, como por exemplo em *Diálogo*

de um Desesperado com o seu Ba, ficando a ideia de que apenas tivemos contacto com parte de um texto mais completo. Contudo, é um texto que pretende apresentar-se simplesmente como um trabalho literário e, aparentemente, sem qualquer intenção política, como foi o caso, por exemplo, do *Conto do Camponês Eloquente*, mas onde foi, ainda que ficcionada, criada uma audiência que permite supor ter sido um texto destinado a audiências reais com fins doutrinários. Em todo o caso, há a descrição de uma terra em desordem e de tempos conturbados, que fazem lembrar o Primeiro Período Intermediário, com a particularidade de serem a visão de alguém que hoje poderíamos apelidar de «revolucionário».

8.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada

Recto

sḫwy mdwt ḳdf ṯsw
Colecção de palavras, conjunto de conhecimentos,

ḏ^{ꜥ}r ḫnw m ḥḥy n ib
resultado da investigação[1] com um espírito habilidoso[2],

iri.n w^{ꜥ}b n iwnw
realizada pelo sacerdote de Iunu[3],

sny-sꜣ ḥ^{ꜥ}-ḫpr-r^{ꜥ}-snb{w} ḏdw n.f ^{ꜥ}nḫw
filho de Seni[4], Khakheperréseneb chamado Ankhu.

ḏd.f
Ele diz:

ḥꜣ n.i ḫnw ḫmmy
«Possa eu ter expressões desconhecidas,

ṯsw ḫppyw
frases estranhas

m mdt m3wt tmt sw3
com palavras novas que nunca tenham existido,

šwt m wḥmmyt
vazias de repetições,

nn ṯs n sbt r
um discurso nunca transmitido de viva voz[5],

ḏdt.n tpw-ʿw
proferido por aqueles que estiveram antes[6]!

sḫ3k.i ḫt.i ḥr-ntt im.s
Eu faço sair do meu corpo o que está nele[7],

m fḫ n ḏd nb
em ruptura com todo o homem que tenha falado[8],

ḥr-ntt rf wḥmw ḏddt
porque o que foi dito pode ser repetido,

iw ḏddt ḏd
e o que foi dito foi (bem) dito[9]!

nn ꜥbꜥw mdt imyw ḫ3tyw
Não há nenhum exagero nas palavras daqueles de tempos antigos

gmi is imyw ḫtw
e o que está nelas é apreciado por aqueles que vêm depois[10].

n ḏd ḏd ḏd ḏdt.fy
Aquele que está a falar não deve falar para falar aquele que deverá falar

gmy ky ḏd.ti.f
a fim de que um outro possa encontrar o que ele (próprio) irá dizer.

n mdt n mdt ḫr-s3 iry
Não um contador de contos depois disso feito,

iri.n.sn ḏr-ꜥ
porque isto foi há muito tempo[11].

nn mdt ntt kꜣ sḏd.s(n)
Não um contador do que lhes deverá ser dito[12],

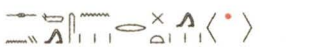
ḥḥy pw r ꜣḳ
(isso) é procurar o sofrimento,

grg pw
é mentir;

nn sḫꜣt.fy rn.f n kt-ḫy
(e assim) não haverá ninguém que lembre o seu nome a outros[13].

ḏd.n.i nn ḫft mꜣ.n.i
Eu disse isto de acordo com o que vi,

sꜣʿ r ḫt tpy{t} nfryt r iw ḫr-sꜣ
começando com as gerações, da primeira às que virão depois.



sny.sn r swꜣt
Elas devem imitar o passado.

ḥ3 3 rḫ.i ḫm ny kywy
Se só eu souber o que outros ignoram,

m tmmt wḥmy
o que é proveniente da boca calada não é repetido[14].

ḏd.i st wšb n.i ib.i
Então eu digo-o e o meu coração responder-me-á.

sḫḏ.i n.f r mn.i
Eu iluminá-lo-ei em relação ao meu sofrimento,

win.i n.f 3tpw nty ḥr psd.i
a fim de transferir para ele a pesada carga que está nas minhas costas.

ḫnw m sfn n wi
Falarei da minha dor,

sšr.i n.f mnt.i m-ᶜ.f
exprimir-lhe-ei o meu sofrimento na sua mão

9 T

ḏd.i iḫ ḥr srf.i
e direi «ah!» com entusiasmo[15].

ȝbd 2(-nw n) šmw sw 28
Segundo mês de Chemu, dia 28[16].

10 T

ỉnk pw ḥr nkȝy m ḫprt
Sou eu quem pensa no que aconteceu[17],

sḫrw ḫpr ḫt tȝ
nas coisas que ocorreram em toda a parte da terra.

ḫprw ḥr ḫpr
Aconteceram transformações.

nn mỉ rnpt sf
As semelhanças com o ano anterior já não existem.

dns 1 rnpt r snnwt.s
Um ano[18] é mais opressivo do que o seu segundo.

sh3 t3 ḫpr m ḥḏi{.n.i}
A turbulência da terra aumenta a (sua) destruição[19],

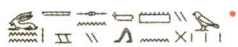
irw m [... ...]
ela transforma-se num [deserto?][20].

rdi.tw m3ᶜt rwty
Maat foi lançada fora;

isft m-ḫnw sḥ
isefet está no interior da sala do conselho[21].

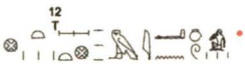
ḫnn.tw sḫrw nṯrw
Os planos dos deuses são transgredidos;

wnt {w} m-ᶜ mḫrw.sn
as suas ordens são negligenciadas[22].



wnn t3 sny-mny
A terra está na miséria,

i[r]tyw m nbt
há tristeza[23] por todo o lado.



niwwt spꜣwt m iʿnw
As cidades e as províncias estão desoladas,

ḥr-nb twt ḫr iw
todas as pessoas[24] estão submetidas de igual modo ao mal.

šfyt rdw sꜣ r.s
Viramos as costas ao respeito,

tkw nbw sgrw
os senhores do silêncio estão perturbados.

nhpw ḥr ḫpr rʿ nb
Em cada madrugada o sol levanta-se,

ḥr tnbḫ r ḫprt
o rosto contrai-se por causa do que aconteceu

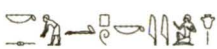
di.i r ḥr.sn
e eu ponho a (minha) boca contra eles.

13

ȝtp ꜥw.i
Oprimem os meus braços

snnw.i ḥr ib.i
e eu aflijo-me no meu coração.

wḫdw sw ḥȝp ḫt.i ḥr.f
É penoso guardar o segredo no meu corpo relativamente a ele.



ksi pw ky ib
Um outro coração ficaria prostrado,

ir ib ḳn m st ḳsnt
mas o bravo coração que está num lugar de sofrimento[25],

sn pw n nb.f
ele é o irmão do seu senhor.

ḥ3 n.i ib m rḫ wḥdw
Possa eu ter um coração que saiba sofrer!

k3 iry.i sḫny ḥr.f
Então eu farei dele um lugar de repouso.

3tpw sw m mdwt nt m3iw
Ele está carregado de palavras de lamentações

dr.i n.f mn.i
e eu afastá-lo-ei do meu sofrimento»[26].

Verso

ḏd.f n ib.f
Ele diz ao seu coração:

mi m-ˁ ib.i mdw.i n.k
«Vem, ó meu coração, que eu falo-te!

wšb.k n.i ṯsw.i
Possas tu responder às minhas palavras[27],

wḥ^{c}.k n.i n3 nty ḫt t3
possas tu explicar-me o que se passa na terra,

ntyw ḥḏ pṯḥ
(onde) os que brilham são lançados ao chão!

ink pw ḥr nk3y m ḫprt
Sou eu, aquele que pensa no que aconteceu!

ihw bs m min
A miséria instalou-se no dia de hoje

nhpw n sw3 ḏrḏrw
e pela manhã (ainda) não passa de um estrangeiro[28].

ḥr-nbw gr ḥr.f
Toda a gente está silenciosa quanto a isto.

t3 r-ḏr.f m sḫrw ᶜ3w
A terra inteira encontra-se numa grande agitação.

nn ḫt šwt m iww
Nenhum ser está vazio de mal.

bw-nbw twt ḥr irt st
Toda a gente faz isto de modo idêntico.

ḥ3tyw snmw
Os corações estão tristes.

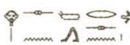
dd ḥr m ddw n.f ḥr
Aquele que dava ordens é um dos que recebe ordens

ib n sny hr
e o coração dos dois está feliz.

*dw3.tw r.s m ḫrw hrw r*ᶜ
Uma pessoa levanta-se sujeita a isto diariamente

n win.n st ibw
e os corações não rejeitam isto.

ḫrt sf im mi pȝ hrw
Os hábitos disso ontem são como o hoje



ḥr sni rs n ʿšȝ
porque transgrediram, de facto, muito.

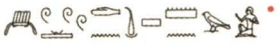
ḥr ḏri
O rosto (dos homens permanece) imperturbável.

nn ʿrḳ šsȝ.f
Não há ninguém que compreenda uma sabedoria,

nn ḏnwd
ninguém (suficientemente) zangado

di.f r
para dar a sua voz.

dwȝ.tw r wḫdw rʿ nb
Uma pessoa levanta-se todos os dias para sofrer.



ȝww wdn mn.i
Longa e pesada é a minha doença.

nn phty n mȝirw m-ˁ r.f
O miserável não tem forças para (se proteger a) si próprio

m-ˁ wsr r.f
ou daquele que é mais poderoso do que ele.

ḫȝt pw gr r sḏmt
É doloroso (guardar) silêncio em relação ao que se ouve.

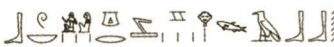
ih pw wšb n ḫm
É miserável responder a quem é ignorante.

ḫsf ḫn ḥr sḫpr rḳw
Rejeitar um discurso provoca inimizade.

n šsp.n ib mȝˁt
O coração não aceita a verdade[29].

n wḥd.tw smi n mdt
Ninguém é paciente com o relato da palavra.

mri nb s ṯs.f
Todo o homem gosta do seu (próprio) discurso.



bw-nbw grg ḫr ḫ3bb
Cada um se estabelece sobre (a sua) desonestidade[30].

bṯt mtw mdt
A rectidão abandonou os discursos.

ḏd.i n.k ib.i wšb.k n.i
Eu falo contigo, meu coração, possas tu responder-me!

n gr.n ib pḥ
Um coração agressivo não pode ser silenciado!

mk ḫrw b3k mi nb
Olha, as necessidades[31] do dependente são as mesmas das do senhor!

ꜥ3 wdn ḥr.k
É muita a carga sobre ti!»

NOTAS

[1] O significado da palavra *ḏr* é muito mais do que simplesmente «procurar»: é «procurar e encontrar» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 320).

[2] A palavra *ḥḥy* significa «procurar», «procurar obter» e a expressão *m ḥḥy n ib* significa literalmente «com um espírito habilidoso» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 176).

[3] Iunu, «a cidade do pilar», capital da 13ª província do Baixo Egipto, é a cidade a que os Gregos chamaram Heliópolis, a nordeste da actual cidade do Cairo, em Tell Hisn, hoje um subúrbio da capital; é, ainda, a On copta e bíblica. Considerada um dos centros cultuais de maior destaque do Egipto faraónico, cuja Enéade é o protótipo das enéadas egípcias, foi o local do primeiro templo solar construído provavelmente ainda no Império Antigo dedicado a Ré-Horakhti, cuja representação mais comum era a de um homem com cabeça de falcão encimada pelo disco solar e pela serpente *iaret*, e tendo numa mão o *ankh* e na outra o ceptro *uase*, uma de numerosas assimilações de Ré. Na «cidade do sol» venerava-se o astro, através de múltiplos nomes (Atum, Khepri, Ré-Atum, Ré-Horakhti...) e manifestações (demiurgo, Sol matinal, Sol do meio-dia, Sol poente...). O objecto mais sagrado do templo de Ré em Iunu, o Hut-Benben, «o palácio do obelisco», terá sido a pedra *benben*, um raio solar petrificado, um obelisco que representava o local onde principiara a criação (P. MALHEIRO, «Heliópolis», *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 411-412; A G. e M. F. RACHET, *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, pp. 123-124; G. POSENER, *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, p. 128; I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, p. 124; R. WILKINSON, *The Complete Temples of Ancient Egypt*, pp. 111-112; J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 173-174).

[4] A leitura de Seni não é inteiramente segura.

[5] A palavra *r* com o determinativo G. A2 significa «grito». Neste caso não será «falar aos gritos», mas expressar algo a «falar alto», daí «de viva voz» (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 258).

[6] A falta da marca gráfica do *cólon*, bem como o determinativo de plural (G. Z2), deve ter ficado a dever-se ao facto do escriba ter tido aqui uma falha que o levou a escrever o *s* inicial de *sḫ3k* praticamente colado ao determinativo de *tpw-ʿw* (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, pl. 17; T. G. H. JAMES, *An Introduction to Ancient Egypt*, p. 102 e P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte pharaonique*, p. 5).

[7] Não é uma menção a qualquer acto fisiológico, mas uma referência ao seu pensamento, à sua vontade, aos seus desejos (P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte pharaonique*, pp. 4 e 8).

[8] A tentação imediata é ler G. A1 ( ) como pronome sufixo (*ḏd.i*), o que gramaticalmente não estaria muito correcto, uma vez que deveria ser *ḏdt.i*, «o que eu digo», ou melhor ainda, *ḏdt.n.i*, «o que eu disse». A outra hipótese é poder ser um particípio substantivado, tal como voltamos a encontrar na quinta linha, o que faz de G. A1 a sua desinência, portanto mais um determinativo que indica a natureza da pessoa ou da coisa em causa (P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte pharaonique*, pp. 4 e 9; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 271).

[9] A frase anterior, *wḥmw ḏddwt*, é uma predicação de qualidade que tem como predicado o particípio perfectivo de *wḥm*. A frase *iw ḏddwt ḏd* é uma construção *iw* + sujeito + pseudoparticípio que indica o resultado de uma acção já terminada onde, normalmente, o pseudoparticípio se apresenta no masculino enquanto o sujeito é um feminino de valor neutro. Daí Sánchez Rodríguez referir *ḏddwt* como o particípio perfectivo passivo neutro do verbo *ḏd*. Por seu lado a partícula introdutória *iw* é aqui entendida como marca de «forte contraste», na expressão de Gardiner, que liga de modo indissociável duas frases independentes uma da outra (P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*, pp. 4 e 9--11; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 234-242, 270-272 e 388-389; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 502-503).

[10] Para além do seu significado de «encontrar», o verbo *gmi*, significa também «verificar», «achar bom», donde «apreciar» (P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte pharaonique*, pp. 4 e 9-12). Aqui conclui-se o primeiro parágrafo.

[11] É a ideia de que uma acção ocorrida no passado não pode ser útil em situações posteriores.

[12] O traço que existe no fim desta frase tem intrigado os investigadores, de Gardiner a Vernus. O primeiro simplesmente passa por cima da questão substituindo-o por reticências e o segundo coloca-o devidamente, mas diz desconhecer o seu significado. Pelo facto deste poder ser um exercício de um aprendiz, nós avançamos a hipótese de poder ser uma deformação caligráfica dos dois últimos caracteres do pronome dependente *.sn* ( ). Baseamos a nossa opinião em duas circunstâncias: a correcção gramatical, pois a acção é futura por força da presença da partícula proclítica *k3*; e a confirmação em Goedicke de que na página 24 do *Papiro Reisner*, do início da XII dinastia, existe um caso muito semelhante em que estes dois caracteres facilmente podem ser reduzidos a um traço (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 98; P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte pharaonique*, pp. 7 e 14; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 66a-66b).

[13] A palavra *kt-ḫy* é uma variante de *kt-ḫt*, já encontrada em B1 77 do *Conto do Camponês Eloquente* (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 449). Nestes dois *cola*, a marca gráfica surge fora do lugar. Este facto e o esquecimento

de várias marcas gráficas no final de outros *cola*, são mais um elemento a considerar em abono da possibilidade deste documento ser um exercício escolar.

[14] Ainda que normalmente com outro determinativo, G. A2 ( ), o verbo *tm* significa «calar a boca». Aqui diz respeito ao silêncio em relação ao conhecimento das coisas em geral e não propriamente à expressão oral. O escriba deve ter seguido o princípio do verbo seguinte, *wḥm*, «repetir», que quando se refere a acções é com o determinativo G. Y1 ( ) e quando trata de algo relacionado com a linguagem é com G. A2 (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 151).

[15] A palavra *srf* tanto pode referir-se a «quente» no sentido de «febre», «temperatura», «inflamação», como pode referir-se a «quente» na senda de «animado», «excitado», «entusiasmado», «caloroso» ou «ardente». Pode ainda referir-se a «disposição» ou «estado de espírito» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 236). Parece-nos que nesta passagem do texto pontua o facto do personagem se ver feliz por se poder libertar da carga que traz às costas: é uma exclamação de alívio e não de dor.

[16] O segundo parágrafo termina com esta data registada a encarnado. Sem qualquer relação com o texto, não aparecendo nem no princípio nem no fim do texto, neste local e deste modo, parece o registo da data em que se atingiu determinada tarefa: a execução dos dois primeiros parágrafos deste texto. Mais um elemento que pontifica em abono da ideia desta tabuinha poder ser um trabalho escolar. Curiosamente a data aparece correctamente transcrita do hierático para o hieroglífico em Gardiner, que depois a despreza na tradução, apenas afirmando nos comentários que provavelmente é «um memorando do escriba» para saber até onde tinha ido no seu trabalho em determinada data. Depois, apresentando como exemplo apenas o *Papiro de Bolonha 1094*, diz que estes memorandos eram comuns. Erman, Simpson ou Lichtheim, nada referem a este respeito. O único documento consultado onde esta data aparece explicitamente grafada, transliterada, ainda que de forma errada, e traduzida, ainda que mal integrada na tradução do poema que surge separada da sua apresentação em egípcio hieroglífico, é na obra de A. Fermat e M. Lapidus. Em relação à datação, cfr. a nota 107 de *Khufu e os Magos* e a nota 10 da *História de Sinuhe* (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, pp. 100-101 e pl. 17; A ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 109; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 232; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 147; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 60 e 201).

[17] O pronome independente que inicia a frase, ao ser seguido pelo demonstrativo (ou cópula) *pw*, toma a função de predicado de uma predicação de identidade, assumindo-se como o verbo «ser» (ou «estar»). O verbo *nk3*, «meditar», «pensar», tem um caracter a mais. Aparentemente G. A1 () não pode ser um pronome sufixo.

[18] O caracter G. M4 ( ) está repetido na tabuinha (G. E. KADISH, «British Museum Writing Board 5645», pl. XXXII; A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 101 e pl. 17).

[19] Embora seja usada para referir factos já concretizados no passado, a forma *sḏm.n.f*, uma flexão sufixal indirecta, na primeira pessoa do singular, só pode ser um erro gramatical uma vez que é um caso isolado na frase.

[20] É uma passagem completamente irrecuperável. Erman, Gardiner e Simpson deixam em branco ou omitem-na, mas Lichtheim propõe «baldio» e Fermat e Lapidus, «deserto». Não são propriamente a mesma coisa, e no Egipto uma terra abandonada pode transformar-se mais rapidamente num deserto do que num baldio (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 101 e pl. 17; A ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 109; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 232; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 147; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 60 e 202).

[21] Sobre este par, *maat* e *isefet* (o bem e o mal, a verdade e a mentira, a justiça e a injustiça, a ordem e o caos...), cfr. o *Conto do Camponês Eloquente*.

[22] Existe um *w* a mais e perfeitamente descontextualizado nesta frase: surge depois do determinativo da palavra anterior, não faz parte da palavra seguinte e não é nenhum tipo de pronome nem de partícula.

[23] Aparentemente parece faltar o caracter G. D4 ( ), formando-se a palavra *irtyw*, mesmo sem a desinência de plural G. Z3A ( ). O significado desta palavra é «lamentos», «pena», «tristeza» e está em consonância com o contexto (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 102 e pl. 18; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 554; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 101; Á. SÁNCHEZ RODRÌGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 73).

[24] Provavelmente o caracter em falta será G. Z2 ( ), podendo ser a palavra composta *ḥr-nbw*, com o mesmo significado, «todas as pessoas».

[25] A faltar algum caracter só poderá ser o determinativo de plural, G. Z2, uma variante desta palavra.

[26] Termina aqui o terceiro parágrafo e o *recto*.

[27] Mais uma vez na posse do princípio e do fim desta palavra, e do tamanho do espaço a preencher, não é difícil de imaginar que possam faltar dois ( ) ou três caracteres ( ) para constituir a palavra , *ṯsw*, «palavras», «frases», «discursos», «máximas».

[28] Aqui a palavra «manhã» significa o dia seguinte, e «estrangeiro», referente a miséria, «coisa estranha», «hostil» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 135 e 324; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 241 e 500-501; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 148-149).

[29] Esta palavra foi lida por Gardiner com grande incerteza. Na placa 18 apresenta mesmo outro resultado: . Não deve ser a palavra correcta, mas também não conseguimos fazer melhor ao ver a fotografia da tabuinha. A única palavra que apresenta o penúltimo determinativo é cujo significado de «margem» não tem cabimento nesta passagem. Uma hipótese mais plausível seria , que ao significar «presentes», «tributos», «produtos» já poderia querer significar que o coração não se deixava comprar. Contudo, a melhor hipótese ainda parece ser *m3ʿt* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 101-102; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 198-199; A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 107 e pl. 18; G. E. KADISH, «British Museum Writing Board 5645», pl. XXXIII).

[30] Aparentemente, no *verso* da fotografia da tabuinha, o caracter superior não deixa muitas dúvidas parecendo ser o caracter hierático recolhido por Gardiner e registado em nota da pl. 18. O caracter inferior é de difícil decifração devido ao facto de ser atravessado por uma racha da tabuinha que lhe destrói a maior parte. Contudo, a sua parte superior aparenta forma semelhante à parte superior do caracter que lhe está por cima. Parece, assim, que o espaço em questão poderá ter sido preenchido por dois caracteres H. F19B ( ), ausente em Goedicke, conforme se vê, aliás, em Faulkner. Sánchez Rodríguez regista a palavra sem estes dois últimos caracteres mas com o mesmo significado. G. F19 é uma mandíbula de boi, mas H. F19B é um caracter composto: uma foice com dentes. Em qualquer dos casos, com ou sem H F19B, constitui-se a palavra , cujo significado é «desonestidade». Excepto para Gardiner que não a traduz (G. E. KADISH, «British Museum Writing Board 5645», pl. XXXIII; N. GRIMAL, J. HALLOF, D. VAN DER PLAS, *Hieroglyphica*, p. 1 F-1; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 463; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 200; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 337).

[31] É mais um caso em que foi corrigida uma palavra: no lugar de estava originalmente (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 108 e pl. 18).

9. INSTRUÇÃO DE AMENEMHAT I AO SEU FILHO SENUSERET

9.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse

Para além da habitual possibilidade de apelidar este texto de ensinamento/os ou instruções, a *Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret* é também designado por alguns egiptólogos de *Testamento de Amenemhat*. Pelo número de cópias, é mais um texto que parece ter gozado da preferência dos professores das escolas de escribas do Império Novo, da XVIII à XX dinastia, sobretudo nas comunidades de Deir el-Medina, do Ramesseum, onde terão existido escolas de escribas ligadas ao trabalho dos artesãos que decoraram os hipogeus das XIX e XX dinastias, do Vale dos Reis e do Vale das Rainhas[1].

O texto chegou até nós em quatro papiros, três tabuinhas de madeira, um rolo de couro e um número bastante elevado de óstracos, que inicialmente G. Maspero dizia serem 23, Helck aumentou para 56 e Vernus diz que, actualmente, são bastantes mais, enumerando aqueles que considerou mais significativos e os respectivos locais de acesso a tais fontes[2]. Os papiros são o *Papiro Millingen*, de meados da XVIII dinastia, o *Papiro Sallier I* (BM EA 10185), dos finais da XIX dinastia, o *Papiro Sallier II* (BM EA 10182), dos finais da XIX dinastia, e o *Papiro Berlim 3019*[3],

---

[1] S. G. Quirke, «Archive», em A. Loprieno (ed.), *Ancient Egyptian Literature*, p. 393.

[2] M. G. Maspero, *Les Enseignements d'Amenemhaît Ier à son fils Sanouasrît Ier*, pp. I e VII-IX; W. Helck, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für Seinen Sohn»*, pp. 1-6; P. Vernus, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, pp. 169-170.

[3] Esta parece ser a referência mais recente, mas anteriormente, segundo Maspero, parece ter sido designado por *Papiro de Berlim 3010* (M. G. Maspero, *Les Enseignements d'Amenemhaît Ier à son fils Sanouasrît Ier*, p. I; W. Helck, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für Seinen Sohn»*, p. 1).

igualmente dos finais da XIX dinastia[4]. As tabuinhas são a tabuinha *Brooklyn I* e a tabuinha *Brooklin II*, ambas do princípio da XVIII dinastia, e a tabuinha *Carnarvon 5*, do meio da XVIII dinastia. O rolo de couro tem a referência *Louvre 4920*. Os óstracos são uns da época de Hatchepsut (óstraco *Senmut 142*, óstraco *Senmut 143*, óstraco *Senmut 144*, óstraco *Senmut 145*) e a maioria dos restantes são ramséssidas com designações e, obviamente, propriedade, diversas (BM, Ramesseum, Deir el-Medina, Cairo, Licht, Michailides, Petrie, Gardiner, Leipzig, Malinine, Toronto, Moscovo e Bruxelas)[5].

Estas fontes com diversas proveniências, a maioria em escrita hierática mas alguns em escrita demótica, foram estudados por diferentes egiptólogos: Maspero, Griffith, Gardiner, Hayes, Spiegelberg, Posener, Daressy, Goedicke, Wente, Černý, Malinine e Lurie[6]. Todas as fontes que Helck apresenta aparecem devidamente relacionadas entre si, integrando-se no seu próprio lugar no respectivo texto[7].

Como para este texto apenas tivemos acesso a imagens de três dos papiros, para os restantes documentos servir-nos-emos das descrições feitas por Maspero[8]. Seguiremos, preferencialmente, o *Papiro Sallier II*, a única fonte que conservou o texto na íntegra. Deve o seu nome ao seu proprietário François Sallier (1764-1831), oficial e coleccionador francês, que na sua colecção de antiguidades tinha cinco papiros egípcios (*Sallier I-IV* e um papiro demótico), que foram estudados por Champollion e que, em 1839, foram adquiridos pelo Museu Britânico (*EA 10181-2*, *EA 10182-3*, *EA 10183-4*, *EA 10184-5* e o papiro demótico *19226*)[9]. Neste papiro, o texto em estudo ocupa as três primeiras páginas, num

---

[4] Helck ainda informa da existência de «fragmentos de papiro» não publicados, que Gardiner terá referenciado num artigo do nº 21 da revista *JEA* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für Seinen Sohn»*, p. 1).

[5] *Idem*, pp. 1-5; para outras referências posteriores ver P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pheraonique*, p. 169 nota 4.

[6] W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für Seinen Sohn»*, pp. 1-5.

[7] *Idem*, p. 6.

[8] M. G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhaît Ier à son fils Sanouasrît Ier*, pp. I-X.

[9] R. W. DAWSON e E. P. UPHILL, *Who Was Who in Egyptology*, p. 370.

total de 28 linhas, dez em cada uma das duas primeiras páginas e oito na terceira, numeradas do seguinte modo: página 1 de 1 a 10, página 2 de 1 a 10 e página 3 de 1 a 8). Há mais dois textos neste papiro: *Hino ao Nilo* e *Ensinamento de Kheti*. Conforme ficou registado no *Hino ao Nilo*, é um papiro que foi escrito na escola do Ramesseum, cerca de 1200 a. C., no ano 1 de Seti II, sexto rei da XIX dinastia, neto de Ramsés II, no dia 20 de Méchir, o 2º mês do Inverno, e que tem a particularidade de ser assinado pelo escriba Ininana, que dedicou o seu trabalho «ao *ka* dos favoritos, maravilhosamente bons», os escribas do tesouro Kagabuat e Hori. É um texto que apresenta provas de revisão nas margens superiores das páginas, onde aparecem as formas correctas de diversos caracteres ou conjuntos de caracteres.

O texto está dividido em estâncias, que se iniciam grafadas a encarnado, e em que os *cola* correspondentes aos versos estão separados por pontos encarnados. Contudo, a tinta encarnada nem sempre foi utilizada com rigor pelo escriba, nem foi alvo de qualquer reparo escrito por parte do escriba corrector, havendo frases que iniciam estrofes e pontos que se encontram a negro. Há também algumas palavras que foram esquecidas inicialmente e acabaram por ser integradas no texto *a posteriori* entre linhas, sobre o local onde deveriam estar inicialmente.

O *Papiro Millingen* é outra «fonte» que apresenta uma versão quase integral do texto. Deve o seu nome ao cirurgião e arqueólogo britânico, de ascendência alemã, Julius Michael Millingen (1800-1878)[10], que se fixou em Constantinopla, tendo sido médico de cinco sultões, e se dedicou a fazer algumas escavações arqueológicas, tendo descoberto as ruínas romanas de Aezani e escavado o templo de Júpiter Urius no Bósforo. Tê-lo-á adquirido na primeira metade do século XIX, porque em 1844 apresentou-o ao italiano Amadeo Angelo Maria Peyron (1785--1870)[11], professor de copta e grego na Universidade de Turim. Resolveu este erudito fazer uma cópia cursiva do papiro, que ofereceu ao

[10] R. W. Dawson e E. P. Uphill, *Who Was Who in Egyptology*, p. 288.
[11] *Idem*, pp. 332-333.

egiptólogo e filólogo francês visconde Emmanuel Charles Olivier Camille de Rougé (1811-1872)[12], em 1850. Vinte e quatro anos depois, em 1874, é um filho deste, o visconde Jacques de Rougé, que empresta essa cópia a Maspero para o traduzir. Quando Millingen vendeu a sua colecção ao Museu Britânico, em 1847, o papiro não se encontrava entre os seus objectos, e até hoje desconhece-se o seu paradeiro, não se sabendo qual o destino que Millingen lhe reservou. Deste modo, a única forma de se ter conhecimento do que constava no *Papiro Millingen* é pela cópia feita por Amadeo Peyron. Apesar deste contratempo, e porque há outras cópias do texto através das quais se podem fazer comparações e porque todo este processo decorreu entre pessoas da máxima confiança da comunidade egiptológica, continuamos a considerar esta cópia como o *Papiro Millingen*.

É uma cópia muito nítida que, obviamente, não transmite completamente a forma da escrita antiga, mas conserva bastante bem o seu carácter geral de maneira a podermos imaginar o que estava no manuscrito perdido. Cobriria na origem três páginas inteiras, de doze linhas cada, estando as duas primeiras praticamente intactas, mas a terceira apenas apresenta o primeiro quarto de todas as linhas. Qualquer descrição que se faça do *Papiro Millingen* será sempre suspeita, uma vez que o que temos é uma cópia moderna e não o original, não sabendo a quem atribuir as suas virtudes e os seus defeitos: se ao autor antigo se ao copista moderno. Por exemplo: Maspero diz-nos que «a escrita é miúda, mas firme e clara, e os caracteres são regularmente bastante espaçados praticamente em todo o documento»[13]. A quem se deve isto? A Ininana ou a Peyron? Ele próprio não deixou de o pensar: «os pontos encarnados e as rubricas estão no seu lugar natural, o que me faz pensar, se nos lugares onde os pontos faltam ou estão mal situados... a falta não é do copista moderno de preferência ao livreiro antigo»[14]. Não há palavras

---

[12] R. W. Dawson e E. P. Uphill, *Who Was Who in Egyptology*, pp. 365-366.

[13] M. G. Maspero, *Les Enseignements d'Amenemhaît Ier à son fils Sanouasrît Ier*, p. V.

[14] *Idem, ibidem*.

esquecidas e colocadas *a posteriori*, como no *Papiro Sallier II*, tal como não há qualquer tipo de correcção. Certos erros que aparecem no *Papiro Sallier II* e noutros manuscritos, não aparecem neste papiro; uma escrita irrepreensível ou uma correcção posterior? Quanto muito, se atendermos a determinadas características (à organização gramatical, ao vocabulário, aos caracteres empregues...), poderemos comparar este papiro com outros e estimar uma data aproximada, ou época, para a sua execução. Maspero compara-o com o *Príncipe Predestinado* e atribui a sua realização aos últimos reinados da XIX dinastia ou primeiros da XX dinastia.

O *Papiro Sallier I* apresenta as primeiras cinco estrofes completas e acaba a meio da quinta, num conjunto de oito linhas. Em relação ao *Papiro Sallier II* as divergências são mínimas e apenas em ligeiras variantes ortográficas, o que leva a pensar que foram ambos copiados do mesmo exemplar. Apresenta uma escrita rápida, bonita e bem legível. Tanto quanto é possível deduzir, parece que o *Papiro Sallier I* é alguns anos anterior ao *Papiro Sallier II*. Não é por causa deste exercício interrompido, aparentemente uma cópia que estava a ser feita para deleite do executante, que este papiro é importante. Ele tem o único relato da *Disputa de Sekenenré e Apopi*, que tem como cenário a luta do faraó da XVII dinastia Sekenenré Taá II[15] contra o rei hicso Apopi I, ou melhor, a provocação que este rei fez ao faraó, um texto assinado por um escriba chamado Pentauer. Também este texto não chegou ao fim, pois o seu autor teve que fixar a sua atenção numa série de cartas de um tal Ameneminet, datadas do ano 10 de um faraó, que não é explicitamente nomeado mas que, segundo Maspero, o contexto permitiria identificar como sendo Merenptah, décimo terceiro filho de Ramsés II, pai de Seti II e quarto faraó da XIX dinastia[16].

---

[15] Apopi I queixava-se a Sekenenré que não conseguia dormir em Auaris com o barulho que os hipopótamos faziam em Tebas, a 800 quilómetros. A forma como esta provocação foi encarada não chegou até nós (P. A. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, pp. 95-96).

[16] Refira-se que entre Merenptah e Seti II, respectivamente pai e filho, e quarto e sexto faraós da XIX dinastia, subiu ao trono do Egipto um desconhecido: Amenme-

Sobre o *Papiro Berlim 3019* apenas temos a informação, vinculada por Maspero, de que Griffith e Erman, que o estudaram na última década do século XIX, pensaram que ele era «sensivelmente da mesma idade que os *Papiros Sallier I* e *II* e que o *Papiro Millingen*»[17]. Comparando-o na obra de Maspero com o *Papiro Sallier II*, confirmamos que o fragmento de texto que se conservou vai do meio da sétima linha da primeira página ao primeiro terço da oitava linha da segunda página e com muitas lacunas nas extremidades das linhas[18].

Das tabuinhas destacamos a tabuinha *Carnarvon 5*, descoberta no princípio de 1913 por Lord Carnarvon e Howard Carter em Dra Abu el-

---

sés. Aparentemente terá sido um usurpador que ocupou o trono por quatro ou cinco anos, aproveitando a ausência do legítimo herdeiro, o príncipe Seti, futuro Seti II, no momento da morte de Merenptah. Para uns, como Clayton, seria um irmão de Seti II, filho de uma rainha menor de nome Takhat, para outros, como Hornung, seria Messui, o vice-rei da Núbia, membro da casa real por ser filho de Takhait, uma das numerosas filhas de Ramsés II, que se instalou em Tebas com o nome de Amenmesés. A inexistência de inscrições com o seu nome deve-se ao facto de o seu sucessor, o herdeiro legítimo Seti II, o ter considerado um usurpador e ter mandado martelar e apagar todas as referências à sua existência. Inclusive no seu túmulo inacabado do Vale dos Reis, o KV 10, localizado entre KV 11 e KV 16, respectivamente de Ramsés III e de Ramsés I, e em frente a KV 9 e KV 62, o primeiro de Ramsés V e de Ramsés VI e o segundo de Tutankhamon. Diga-se que as múmias de KV 9 foram encontradas em 1898 por Victor Loret em KV 35, túmulo de Amenhotep II, que serviu de esconderijo a várias múmias durante o Terceiro Período Intermediário, a saber: Tutmés IV, Amen-hotep III, Merenptah, Seti II, Siptah, Ramsés IV, Ramsés V, Ramsés VI, três mulheres não identificadas, um príncipe não identificado e um homem não identificado. A identificação dos homens e mulheres desconhecidos tem gerado de tempos a tempos acesas discussões, a última das quais em Junho de 2003, quando a egiptóloga britânica Joann Fletcher identificou, aparentemente erradamente, uma das múmias femininas com Nefertiti (M. G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhaît Ier à son fils Sanouasrît Ier*, p. IV; N. REEVES e H. WILKINSON, *The Complete Valley of the Kings*, pp. 10-11, 150-151 e 198-199; P. A. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, p. 158; L. M. ARAÚJO, «Amenmesés», em *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 61).

[17] M. G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhaît Ier à son fils Sanouasrît Ier*, p. VI.

[18] *Idem, ibidem*.

-Naga, a elevação à direita do longo caminho que conduz ao templo de Deir el-Bahari[19]. Como as outras é uma tabuinha escolar, coberta nas duas faces de uma fina camada de gesso branco, com cerca de dezoito centímetros de comprimento por doze de largura. As formigas brancas da região devoraram parte da madeira, tornando periclitante a cobertura de gesso, que se fragmentou em numerosos pedaços. O cuidadoso trabalho de recolha de Carter, perto de duas dúzias de fragmentos, por vezes um simples caracter num pedaço de gesso, permitiu reconstitui-la em parte, mas não na totalidade. O estudo desses vestígios deu para concluir que teria de um dos lados oito ou nove linhas de caracteres grandes e espaçados, tendo do outro lado dez ou onze linhas mais apertadas, de caracteres menores e menos espaçados. A apresentação que Maspero faz dela tem por base exactamente a transcrição fac-similada de Howard Carter, embora Maspero a tenha confrontado com os fragmentos originais que se conservam no Museu Egípcio do Cairo[20]. O texto transcrito começa no *recto* no segundo quarto da sétima linha da primeira página do *Papiro Sallier II*, e acaba no *verso* na linha seis da segunda página do mesmo papiro. Os *cola* estariam separados por pontos encarnados, tendo subsistido alguns, mas não há qualquer rubrica encarnada em toda a tabuinha. A única frase a encarnado é uma frase que parece ser a data da sua cópia, mas que é ilegível. A sua leitura permitiu perceber que é um texto mais próximo do *Papiro Millingen* do que do *Papiro Sallier II*, pois não tem os erros e o exagero de determinativos supérfluos que surgem no último.

Os óstracos são de valor diferenciado, pois há alguns que apenas têm algumas palavras e outros que chegam a ter duas e três linhas. Saliente-se que os que são originários do Ramesseum, descobertos por Quibell, provêm do local de funcionamento do *atelier* onde foram escritos os *Papiros Sallier I* e *II*. O local onde foram encontrados era, provavelmente, onde se situava a escola dos jovens aprendizes de

---

[19] N. Reeves e H. Wilkinson, *The Complete Valley of the Kings*, pp. 16 e 18-19.

[20] M. G. Maspero, *Les Enseignements d'Amenemhaît Ier à son fils Sanouasrît Ier*, pp. 33-34.

escriba do templo. Maspero acreditava que a maior parte deles fossem ensaios de cálamo ou, atendendo às datas que aparecem em alguns, podiam mesmo ser uma espécie de «trabalhos de casa» dos estudantes[21]. A maior parte deles são do reinado de Seti II ou dos faraós anteriores ou posteriores a si, portanto da XIX dinastia.

A *Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret* é, no entanto, um texto muito mais antigo do que estas versões que nos chegaram. A opinião generalizada, e aceite por todos hoje em dia, é que o original terá sido congeminado nos primeiros tempos da XII dinastia e composto pelo mesmo sábio Kheti, que a tradição ramséssida considerou o «primeiro» escritor clássico[22] e que criou o texto a que chamamos *Instrução de Kheti* neste mesmo trabalho. Embora a presente instrução seja posta na boca de Amenemhat I, dirigindo-se ao seu filho e sucessor Senuseret I, não há qualquer dúvida de que o fundador da XII dinastia já tinha morrido, porquanto na terceira linha do texto, após o seu nome, aparece a fórmula utilizada apenas para reis já falecidos: «justo de voz» ou «justificado». A meio do poema, Amenemhat I descreve o seu próprio assassinato, com o qual tomámos contacto na *História de Sinuhe*, implicando mesmo na conspiração da sua morte os seus mais próximos servidores, provavelmente do harém real, uma vez que Sinuhe era um servidor do harém real onde, aparentemente, tudo se teria passado, podendo ter chegado à própria família do seu vizir, que Parkinson nos diz ter-se chamado Intefiker[23]. Muitos pensam que poderá ter sido o próprio Senuseret I que encomendou esta instrução a Kheti, como propaganda que o legitimasse aos olhos dos súbditos que o contestavam, sendo por isso muito provável que o autor real da obra tenha vivido muito próximo da época, ou tenha mesmo sido parcialmente contemporâneo, de Amenemhat I. Sabendo-se no próprio texto que o faraó estava morto, o facto de ele surgir a falar com o seu filho é entendido como uma aparição em sonho.

---

[21] M. G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhaît Ier à son fils Sanouasrît Ier*, p. VII.
[22] P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 162.
[23] R. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 203.

Segundo alguns egiptólogos, historicamente terá havido uma co-regência de cerca de dez anos entre Amenemhat I e o seu filho Senuseret I[24], uma nova instituição que então começava.

Sinopse. Amenemhat I começa por se apresentar como rei morto do Egipto, e de seguida declara o seu filho Senuseret senhor universal do Egipto, dando assim lugar ao rei Senuseret I. Igualando-se a ele, dá-lhe conselhos para que a sua governação seja eficaz e tranquila. Aconselha-lhe prudência nos seus relacionamentos para poder dormir com tranquilidade, evitando dar demasiada confiança aos que vivem mais próximo de si. Expondo os seus actos e elogiando o seu desempenho para tornar o Egipto grande e pacífico, relata a forma como foi morto num momento em que Senuseret estava longe.

Depois de afirmar que viajará da melhor maneira possível no Além, partindo de uma maravilhosa morada tumular, diz ficar vigilante em relação não só à actuação do filho, mas também em relação à dos que o rodeiam. Acaba legitimando a transição do poder para Senuseret, dando a entender a alguns que poderá ter havido mesmo uma co-regência, e indica-lhe que deve terminar o que ele iniciara.

---

[24] Sobre a questão da existência ou não da co-regência entre faraós, ver P. MALHEIRO, «Co-regência», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 236-238 e a nossa nota 13 do capítulo «2.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse», pp. 182-184.

9.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada

1,1
T

ḥ3t-ʿ m sb3yt
Princípio da instrução

irt.n ḥm n nsw-bit shtp-ib-rʿ
feita pela majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Sehetepibré,

s3 rʿ imn-m-ḥ3t mɜʿ-ḫrw
o filho de Ré, Amenemhat, justo de voz.

1,2
T

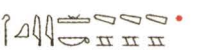
ḏd.f m wpt mɜʿt
Ele fala revelando a verdade

n s3.f nb-r-ḏr
ao seu filho, o senhor do universo.

ḏd.f ḥʿ m ntr
Ele diz aparecendo como um deus[1]:

sḏm n ḏd.ti.i n.k
«Ouve o que eu te vou dizer

nsy.k t3
e quando tu reinares no país,



ḥḳ3y.k idbw
quando tu governares os Bancos de Areia[2],

irr.k wi m ḥ3w ḥr nfrw
tu poderás agir (como) eu com excesso em perfeição.

s3ḳw tw r smdt r.f tmt ḫprw
Sê prudente em relação aos dependentes que não se manifestam:

tmmt rdiw ib m-s3 ḥrw ḥr st
todos os homens põem o seu coração às costas sobre o seu medo[3].

m tkn im.sn m wꜥiw.n.k
Não te aproximes deles sozinho.

m mḥ-ib.k m sn m rḫ ḫnms
Não confies num irmão. Não reconheças amigos[4].

m sḫprw n.k ꜥḳw nn km n iry
Não cries intimidades porque elas não totalizam uma garantia de posição.

sḏr.k sꜣw n.k ib.k ḏs.k
Tu deves dormir com o teu próprio coração a guardar-te[56],

ḥr-nty nn wnn mrw n s
porque para um homem não há servidores

hrw n ḳsnt.k
no dia do seu infortúnio[6].

iw di.n.i n šwꜣw sḫpr.n[.i m] snmḥ{.n.i}
Eu dei ao pobre e dei existência ao órfão[7];

di.n.i m pḥwy iwty wn
eu fiz com que aquele que não tinha fim existisse[8].

in wnmw kꜣw.i iri ṯst{.n.k}
Aquele que comeu os meus alimentos fez uma acusação;

rdi.n.i n.f ꜥwy.fy ḥr sḫpr ḥr ḥr {st} [im]
aquele a quem eu estendi os meus braços criou medo relativamente a isso[9];

wnḫw pr.i m pȝkt.i ḥr mȝȝ n.i mi šwyw
aqueles que em minha casa se vestiam com o meu linho fino[10] olharam para mim como para um vegetal[11],

wrḥw ꜥntyw.i ḥr stiw mw mḫry.i
aqueles que se ungiam com a minha mirra derramaram água [no] meu celeiro.

snnw.i ꜥnḫw m psš[.i] m rmṯ
Minhas imagens vivas, minhas partes entre os homens[12],

iw irw n.i ḳȝmdt m iwty n bw sḏm.n.tw.f
façam-me um canto fúnebre como o que em nenhum lugar foi ouvido[13].

iw bw-ꜥȝ n ꜥḥȝ n mȝȝ.n.tw.f
A grandeza[14] do combate (ainda) não foi vista.

is tw ʿḥ3.tw ḥr mtwn smḏ sf
Na verdade, quando alguém combate numa arena e esquece o ontem,

nn km n bw-nfr n ḫm rḫ.f
a bondade não será vantajosa para aquele que ignora o que devia saber[15].

r-s3 msyt pw ḫ3yw ḫprw
Depois do jantar, (já) a noite tinha chegado,

šsp.n.i m wnwt nty nfr-ib
eu tomei um momento de tranquilidade.

sḏr.kwi ḥr ḥnkyt.i b3gi.n.i
Estendi-me na minha cama (porque) estava cansado[16]

š3ʿ.n.i ḫ3ty.i ḥr šms ḳd.i
e o meu coração[17] seguiu o meu sono.

ist sphrw ḫʿw r nḏ r-ḥr.i
Foi então que armas da minha protecção foram brandidas contra mim

iri.kwi mi syn-tȝ n smt
e eu fiz como a cobra do deserto[18].

nhsi[*.n*]*.i r ꜥḥȝw iw.i n ḥꜥw.i*
Eu despertei[19] para o combate estando no meu corpo

gmi.n.i ḫwny-r-ḫr pw n mꜥwnf
e encontrei um combate da guarnição.

ir šsp.n.i ȝs[*.i*] *ḫꜥw m drt.f*
Se eu tivesse agarrado rapidamente nas armas que tinham na sua mão,

iw di.n.i {*n*} *ḫti* {*n*} *ḫmw m-ꜥ bȝbȝ*{*.tw*}
eu teria feito recuar os cobardes em pânico[20].

nn swt ḳni m grḥt nn ꜥḥȝ {*tw*} *wꜥty*
Mas ninguém é um homem forte durante a noite, ninguém pode lutar sozinho[21]!

nn ḫpr sp mꜥr m-ḫmt [*.kwi*] *mkty*
Não existirá procedimento de sucesso sem um protector.

mk st3w ḫpr iw.i m-ḫmt.k{wi}
Olha, a traição[22] aconteceu quando eu estava sem ti[23].

nn sḏmt.n.i šnywt ḥr sw3ḏ.i n.k
A corte não tinha ouvido que eu te fizera florescer,

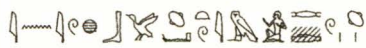
iw ḫmst tw ḥnᶜ.k iḫ iry.i ḥr sḫrw.f
e eu não estava sentado junto de ti (para) então fazer planos por ti[24].

ḥr-nty nn ḥr.[i] st m ḫmt st
Já que eu desconhecia isto, eu não levei a melhor sobre isto.

n inn.i ib.i wsft nty ḥr b3kw
O meu coração não eliminou a negligência dos servidores.

in iw p3.n ḫmwt ṯs ḥr skyw
Alguma vez as[25] mulheres comandaram tropas?

in iw šd.tw {m} ḫnnw [m] ḫnw n pr
Alguma vez os desordeiros causaram tumultos no interior do palácio[26]?



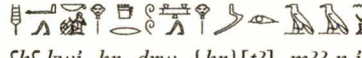
in iw ḫb3.tw im.i ꜥdw gbbw
Alguma vez comigo se transgrediu a lei para salvar a terra[27]?

in iw swḫ3.tw nḏsw{.k} ḥr iryt.sn
Alguma vez os camponeses foram enganados relativamente às suas produções[28]?

nn iw{t.n.i} iyt ḫ3y.i n ḏr msyt.[i]
Nenhum mal veio a mim desde o meu nascimento[29].

nn ḫpr mitt st sp m irt ḳnn
Nunca tinha acontecido uma coisa semelhante numa acção de bravura[30].

iw ḥ3b.n.i r 3bw ḥs{t}[i.n.i] r idḥw
Eu viajei até Elefantina e voltei[31] para os pântanos do Delta.



ꜥḥꜥ.kwi ḥr ḏrw {ḥr}[t3] m33.n.i m ḳ3bw.f
Eu detive-me nos confins do país[32] e observei o seu interior.

ini.n.i ḥr ḏrw m ḫpš tw
Eu alcancei os limites do poder[33]

m ḫpš.i m ḫprw.i
através do meu poderoso braço e das minhas manifestações.

ink iri it mry npri
Fui eu o criador dos cereais, o amado de Nepri[34].

tri.n wi ḥ^{c}py ḥr pg3 nb
Hapi[35] honra-me[36] em cada entrada[37].

n ḥḳr.tw im.i rnpwt.i n ib.tw im.i
Comigo ninguém teve fome nos meus anos[38], comigo ninguém teve sede.

iw ḫmsi.tw m irt.n.i ḥr sḏd.tw im.i
Puderam viver descansados[39] com o que eu fiz e falar de mim[40].

iw wḏ.n.i nb r st iry.i
Tudo o que eu decretei estava no lugar relativamente a mim.

iw ḳnb{t3w}[.n].i m3iw ini.n.i msḥw
Eu dominei[41] leões e capturei crocodilos.

iw di.n.i w3w3yw ini.n.i md3yw
Eu subjuguei[42] os Uauaiu[43] e capturei os Medjaiu[44].

iw di.n.i iry.i {ḥr} styw ḥr šmt ṯsmw
Eu fiz os Asiáticos fazerem o andar dos cães[45].

iw iri.n.i n pr [s]ḫkrw m nbw
Eu fiz[46] uma casa adornada[47] a ouro,

h3wt.f m ḫsbd
com os tectos[48] de lápis-lazúli,

s3wt m ḥḏ s3tw m mnh3t
as paredes de prata e o chão de sicómoro,

ʿ3w{t}[y] m ḥmt ḳ3rt [m] ḥsmn {irit}
as duas portas de cobre[49] com ferrolhos de bronze[50],

iri n ḏt ḥryt ḥḥ ḥr st
feita para sempre, preparada para a eternidade.

iw.i rḫ.kwi m-ḏryt nb{t} nb{t}-iry-r-ḏr
Eu sei tudo isto como «senhor de tudo isso»[51].

iw ms msyt ꜥš3t m mrrwt
Na verdade, numerosas calúnias[52] estão nas ruas,

iw rḫ ḥr [ḏd] tiw wḫ3 ḥr [ḏd] nfrw.f
o sábio diz «É assim!», o ignorante diz «Está bem!»

ḥr-nt{y}[t] n rḫ.f sw šw m ḥr.k
porque[53] ele não pode saber se está privado de ti[54].

{n s.i} [s3.i] n s-n-wsrt ꜥnḫ wḏ3 snb
Meu filho[55] Senuseret, v. p. s.[56]:

rdwy.i ḥr šmt m ntk ib.k ḏs.k
as minhas pernas põem-se em marcha, (mas) o meu próprio coração está contigo[57]

irty[.i] ḥr gmḥ.{n.i}[k]
e os meus olhos observam-te[58].

msyw m wnwt nt nfr-ib
Nascidos numa hora de coração feliz[59],

r-gs ḥnmmt di.sn n.k i3wt
ao lado do «Povo do Sol»[60] eles prestam-te homenagem[61].

mk{y} irw.n.i ḥr{y}-ḥ^{c}t ṯs.i n.k m pḥw
Olha! Eu fiz o princípio e quero organizar o fim para ti[62].

ink mniw n[.k] nty m ib{.k}[.i]
Fui eu que doei para ti[63] o que estava no meu coração.

tw ḥr w3ḥ n ḥḏt prt-nṯr
Tu[64] tens o encargo de conservar a coroa branca, a divina progenitura[65]!

ḥtm r st iry m s^{c}3.n[.i] n.k
O selo está no lugar, segundo o que eu comecei[66] para ti.

h{3}nw m wi3 [n] r^{c}
Há alegria na barca de Ré[67].

ʿḥʿ.n {ss} nsyt.k {s} ḫpr ḥr-ḥ3t.i
Tu[68] ascendes à realeza criada anteriormente por mim,

nn m irt.n.i iḳnnw
(mas) não como eu me fiz alguém excelente[69].

sʿḥʿ mnw{.k} smnḫ rdw.k
Edifica os teus monumentos! Assegura uma renda para o teu poço tumular!

ʿḥ3.k wi ḥr rḫ.tw ḥr rḫ.k wi
Luta[70] para saberes de mim sabendo de mim[71]!

ḥr-nt{y}[t] nn mr.n.{f}[.i] {s}tw r-gs ḥm.{f}[.i] ʿnḫ wḏ3 snb
Porque não há ninguém que eu amasse como tu junto à minha majestade, v. p. s.[72].»

iw.s pw nfr m ḥtp{w.i}
Isto é o seu fim, perfeito e em harmonia.

im k3 [n] ḥsyw iḳr nfr m bi3t
Isto é para o *ka* dos favoritos, maravilhosamente bons,

sš pr-ḥḏ ḳ3-g3-bw-ʿt
o escriba do tesouro Kagabuat

sš pr-ḥḏ ḥr.i
e o escriba do tesouro Hori[73].

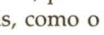
sš ini-n3-n3 m ḥ3t-sp 1 3bd 1(-nw n) prt sw 20
O escriba Ininana, ano 1, primeiro mês de Peret, dia[74] 20[75].

NOTAS

[1] Sem dúvida que sendo Amenemhat «justo de voz» já estaria morto. O criador ou mentor do texto, que até pode ter sido o seu filho, Senuseret, faz com que o faraó morto apareça como um deus. Ora um aparecimento depois de morto, aparentemente só poderia ter acontecido num sonho. Provavelmente temos aqui uma revelação onírica, fosse ela real ou simplesmente uma forma literária para transmitir uma determinada mensagem. Em todo o caso, falamos do mesmo faraó que levou Sinuhe à fuga do Egipto e do seu filho que, anos mais tarde, o recebeu (ver a *História de Sinuhe*).

[2] O *Papiro Sallier II* é o único dos manuscritos onde a palavra *t3* está omissa. Os restantes oito manuscritos que têm esta passagem apresentam-na (*Papiro Millingen*, *Papiro Sallier I*, e os óstracos *Michailides 20*, *Deir el-Medina 1020*, *Deir el-Medina 1196*, *Gardiner 322*, *Leipzig 7* e *British Museum 5623*). Por outro lado, a referência a *idbw*, o plural ideográfico que surge em todos os manuscritos, indiscutivelmente traduzido por «Bancos de Areia», parece-nos uma referência ao próprio Egipto. Caso tivéssemos outros plurais, como o dual , os «Dois Bancos de Areia», ou até , os «Bancos de Areia de Hórus», seria praticamente indiscutível que fosse uma referência ao Egipto. Por analogia e segundo o contexto, julgamos que seja mesmo o Egipto, eventualmente, dizemos nós, uma referência a Alto, Médio e Baixo Egipto. Aliás, é a opinião da maior parte dos tradutores consultados, senão da totalidade, embora só Simpson faça essa referência específica e Vernus se afaste um pouco mais traduzindo por Dois Rios o que todos os outros traduzem por «Bancos de Areia», uns apresentando a tradução como nome próprio, com maiúsculas, outros não (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 10; G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 6; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 106; F. Ll. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 39; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 35; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 206; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 136; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 194; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 72; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 165).

[3] Ou seja, os homens concentram o seu pensamento contra aqueles que os subjugam.

[4] A palavra «amigo», *ḫnm[s]*, escreve-se, normalmente,  , podendo surgir também com as seguintes variações: , ou . O penúltimo determinativo da primeira variante, G.A7 (), é mais comum na palavra «amizade»: . O que é muito invulgar, até ao momento são os únicos casos que conhecemos, é a utilização do caracter G. G39 () que aparece tanto no *Papiro Sallier II* quanto no *Papiro Sallier I*, não aparecendo em todos os

outros documentos onde surge esta passagem: *Papiro Millingen* e óstracos *Gardiner 322*, *Leipzig 7*, *British Museum 5623*, *Gardiner 324* e *Deir el-Medina 1092* (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 325; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 193; W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 18; G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 6; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 105; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 39).

[5] Entendemos esta frase no sentido de poder adormecer de consciência tranquila.

[6] Há um conjunto de caracteres deteriorados no *Papiro Salier II* que completámos com o *Papiro Millingen* e conferimos nos restantes dez manuscritos (*Papiro Sallier I*, os óstracos *Leipzig 7*, *British Museum 5623*, *Gardiner 348*, *Deir el-Medina 1021*, *Deir el-Medina 1092*, *Michailides 24*, *Ramesseum 56*, *Moscovo 5518* e a tabuinha *Brooklyn I*) que incluem o que falta desta frase (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 22; G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 7; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 107; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 40).

[7] Como é óbvio, tal como a palavra «pobre», a palavra «órfão» é um substantivo e não um verbo, daí que a partícula formativa verbal *.n*, de tempos pretéritos, por exemplo, esteja incorrecta. Do mesmo modo, o «órfão» não é do faraó, daí que também a primeira pessoa do singular do pronome sufixo *.i* esteja a mais. A pobreza e a orfandade são dois estigmas sociais negativos que o faraó diz ter combatido num estilo semelhante ao das autobiografias, dando relevo aos seus actos virtuosos: deu esmola e ajudou quem não tinha pai para singrar na vida.

[8] No mesmo contexto das frases anteriores, onde o homem «que não tinha fim», isto é, que não tinha uma finalidade na sua existência, era um indivíduo que não era considerado, que não era reconhecido como ser, que não tinha identidade. Provavelmente a ideia de indigente a quem o rei deu oportunidade de uma existência digna junto a todos os outros homens, dando-lhe trabalho e permitindo-lhe desse modo possuir alguns bens e ter objectivos na vida. Não só o rei insere o seu comportamento na linha da *maat* social e nas funções do Estado faraónico, que devia existir para que *maat* fosse realizada, como permite exemplarmente o acesso dos Egípcios mais desprotegidos a uma maior justiça social. Parece-nos forçada a tradução de alguns dos tradutores consultados: «que não tinha nada», focando-se apenas nos bens materiais, ou pelo menos assim nos dando a entender (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 206; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 136; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 194; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 72; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 166).

[9] Isto é, alguém a quem o faraó privilegiou, serviu-se desse privilégio para incutir medo nos outros.

[10] A primeira pessoa do masculino singular do pronome sufixo, utilizado como pronome possessivo da palavra «linho fino», *pꜣḳt.i*, é erradamente precedida do caracter G. O1 ( ), talvez por influência da expressão *pr.i* existente na mesma frase.

[11] Provavelmente será uma expressão de menosprezo, de desdém, tendo por base *šwy*, variante de *šww*, «vegetal», «erva» e não *šwyw*, «necessitado», ou *šwyt*, «sombra». Jesus Lopez fez a publicação fac-similada do *Papiro Millingen* em 1963, em quatro pranchas inseridas num artigo da *Revue d'Égyptologie*. Não só nos possibilitou a confirmação da leitura desta palavra, sensivelmente a meio da oitava linha da primeira prancha publicada, a número quatro, como ele próprio fez a seguinte nota: «A leitura está certa. Maspero que a tinha proposto não foi seguido por Griffith que leu nem por Volten que leu . Estes dois autores fundamentaram-se na publicação fac-similada de Maspero que, para esta passagem, é bastante medíocre. Por outro lado, a leitura de Gardiner para a passagem correspondente da tabuinha de *Brooklyn I* é errada: deve ser substituído por . Por fim, a transcrição de Goedicke e Wente do óstraco *Michaelides 50* terá que ser corrigida para em vez de . Há assim concordância entre todos os manuscritos. É desta forma que esta palavra aparece transcrita em Helck no *Papiro Sallier II*, acrescida do determinativo , que nos indica que se refere a uma pessoa a quem estão a identificar com um «vegetal», uma «erva», o que o determinativo já fazia suspeitar (Jesus Lopez, «Le Papyrus Millingen [Planches 4-8]», p. 31 e pr. 4; W. Helck, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 28; G. Maspero, *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 8n; A. Volten, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 108; F. Ll. Griffith, «The Millingen Papyrus», p. 40; R. O. Faulkner, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 263; Á. Sánchez Rodríguez, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 417-418; R. B. Parkinson, *The Tale of Sinuhe*, p. 206; M. Lichtheim, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 136; W. K. Simpson, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 194; A. Erman, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 72; P. Vernus, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, pp. 166 e 172).

[12] Para além de serem duas frases que marcam com toda a evidência o facto deste discurso ser um monólogo de alguém que está, efectivamente, morto, elas são também a prova do aproveitamento que Amenemhat faz para, através de um discurso ao seu filho, se dirigir, em geral, à humanidade. Para se perpetuar na eternidade, pede-lhes que lhe façam «um canto fúnebre» nunca antes ouvido. Usa para isso expressões que introduzem o habitual dualismo egípcio: a componente divina do rei e a sua componente humana, pois não devemos esquecer que a divindade faraónica incarnava num homem. Ambas são fundamentais para a ordem universal, isto é, não só entre os deuses mas também entre os homens. Por isso os homens assumem aqui o duplo papel de «imagens» do deus criador e, por

esta via, da parte divina do rei, mas são, em simultâneo, «as suas partes» humanas. No fundo, temos aqui a forma como Ré, o demiurgo, instalou *maat* no mundo, ou seja, instalando o rei na terra como uma espécie de funcionário directamente responsável perante si, a quem cumpria realizar *maat* aniquilando *isefet* (W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 194; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 209; J. ASSMANN, *Maât, l'Égypte pharaonique et l'idée de justice social*, pp. 121-122).

[13] Mais uma vez o apelo à música, neste caso introduzindo a ideia de ritual funerário. Não se pede uma música fúnebre, mas um canto fúnebre dando relevo à palavra. E, obviamente, que o seu efeito se multiplicará eternamente caso seja um cântico exclusivo: despertará sem quaisquer equívocos a atenção das divindades e de todos aqueles a quem o cântico se destinar. Nas cerimónias dos rituais funerários entoavam-se cânticos, com ou sem acompanhamento instrumental, e dançava-se com acompanhamento de palmas. Devido à eficácia da palavra era dado maior destaque ao canto, pois os Egípcios acreditavam que nestes rituais a música era o veículo que transportava o *ka* a outra dimensão ou que o trazia de volta aos seus familiares nas celebrações em que estavam presentes. «Este canto, *ḥst*, por vezes acompanhado de harpa, era interpretado numa espécie de transe que aproximava o cantor do lugar onde estava o *ka* e, pelo que reflecte a iconografia, devia tratar-se de uma técnica altamente desenvolvida. Por esta razão tinham um carácter esotérico que fazia com que este reportório só fosse cantado por pessoas iniciadas, o clero especializado que se encarregava do culto funerário, das oferendas e restantes cerimónias necessárias à sobrevivência do *ka* no Além» (R. PÉREZ ARROYO, *La Música en la Era de las Pirámides*, p. 103).

[14] A palavra *bw*, que na frase anterior é um substantivo masculino, com o significado de «lugar», aqui é uma partícula, uma espécie de prefixo, que se utiliza na formação de palavras compostas que exprimem ideias abstractas (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 564; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 81-82).

[15] Amenemhat dirige-se simultaneamente à humanidade e ao seu filho Senuseret, deixando bem clara a diferença entre a sua divindade e os humanos. Exigindo-lhes um elogio fúnebre nunca antes visto, avisa-os de que a sua morte pode vir a ser vingada. Esse «combate», que ainda está para ser realizado, será bastante violento, pois o «combatente», obviamente o filho, provável criador ou inspirador destas palavras, se não se esquecer do que fizeram ao seu antecessor, um pai, um rei, um deus, será tudo menos bondoso.

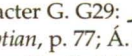
[16] No *Papiro Sallier II* falta o caracter ao verbo *bȝgi*, que surge nos restantes dez manuscritos que contêm esta passagem: o *Papiro Millingen*, o *Papiro Sallier I*, o *Papiro Berlim 3019*, os óstracos *Leipzig 7*, *British Museum 5623*, *Michailides 23*, *Michailides 50*, *Ramesseum 59*, *Ramesseum 61* e a tabuinha *Carnarvon 5* (W. HELCK,

Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn», p. 40; G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 10; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 110; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 42).

[17] Não sendo *ib* que aqui se encontra, o coração em sentido lato respeitante a todo o interior do corpo humano, mas *ḥ3ty*, o coração físico, o músculo cardíaco, não concordamos com P. Vernus que nestas circunstâncias o traduz por «espírito» (P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 166; cfr. R. SOUSA, «Coração», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 234-236; ver ainda R. SOUSA, *Iniciação e Mistério no Antigo Egipto*, 2009).

[18] Tal como a cobra do deserto quando atacada, o faraó ter-se-á posto de sobreaviso pronto a reagir de imediato para defender a sua vida. Para a palavra *smt* cfr. A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 541 e 590. A palavra *s3-t3* escreve-se, normalmente, , tal como aparece no *Papiro Millingen*. Mas é caso único nesta passagem do texto. Em todos os outros manuscritos que incluem esta passagem aparece a complicada e estranha expressão (qualquer coisa como *syn s3 snnw t3 n s3*), que inclui mesmo *snnw* («segundo») no meio, aparentemente sem tradução, mas que poderá ser uma estranha variante de *syn-t3*, «que corre na areia» e, portanto, uma outra forma de dizer «cobra do deserto» uma vez que tem lá o respectivo determinativo. Esta expressão surge total ou parcialmente nos óstracos *Leipzig 7*, *British Museum 5623*, *Michailides 23*, *Michailides 50*, *Ramesseum 59* e *Ramesseum 61* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 43; G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 10; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 110; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 42).

[19] O caracter G. D6 ( ) apresenta-se a negro entre caracteres encarnados (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 43).

[20] Dos cinco manuscritos que apresentam esta passagem, o que seguimos, o *Papiro Sallier II* é o único que apresenta esta grafia para a palavra *b3b3*. Os restantes (*Papiro Millingen*, *o Papiro Berlim 3019*, e os óstracos *Leipzig 7* e *British Museum 5623*) apresentam a grafia comum com a utilização do caracter G. G29:  (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 77; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 164; W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 49; G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 12; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 110; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 42).

[21] Quando o rei tem que justificar a sua fraqueza, fá-la incidir sobre a espécie humana, tirando de cima de si qualquer culpa dessa fraqueza. Nos manuscritos com esta passagem (*Papiro Millingen*, *Papiro Berlim 3019*, os óstracos *British Museum 5623*, *Michailides 20 bis* e *Senmut 145*), em vez de *tw* encontramos *wꜥty* (W.

HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 50; G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 12; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 111; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 43).

22 A palavra *stꜣw* provoca bastantes divergências de tradução: Faulkner traduz por «injúria», Sánchez Rodríguez por «dano», «prejuízo», Parkinson por «passagem» com o sentido de morte, Vernus, ainda que com dúvidas, por «atentado», Lichtheim por «derramamento de sangue», Erman por «coisa abominável» e Gardiner diz que o caracter G. Aa2 (𓍢) é uma «pústula ou glândula» sendo normalmente usado como determinativo de «excrescências ou condições físicas, especialmente de tipo mórbido». O acto de alguém que provoca a morte de outrem que lhe é muito próximo, além de demonstrar uma deficiente forma de pensar a quem deveria demonstrar total fidelidade, é uma espécie de «excrescência intelectual», ao ter como objectivo provocar essa morte é também uma forma de pensar «mórbida». Daqui que julguemos que a palavra «traição» preenche os requisitos necessários para traduzir estas ideias (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 255-256; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 403; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 207; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 137; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 195; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 73; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, pp. 167 e 174; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 539).

23 A expressão *.kwi* é, na realidade, a terminação do estativo, que marca o estado do sujeito e que, como temos vindo a dizer, Gardiner designa por *old perfective* e Lefebvre por *pseudoparticipe*, na primeira pessoa do singular. É um pronome específico do estativo ou, melhor, uma desinência pronominal, uma vez que na primeira pessoa do singular pode ter uma utilização independente, necessitando as restantes pessoas do singular e plural da anteposição de um suporte nominal ou pronominal. Estas desinências não só são específicas do estativo, como são indissociáveis da raiz do verbo, razão pela qual na transliteração se ligam sempre ao verbo por um ponto. Por seu lado, *m-ḫmt*, é uma preposição composta que significa «sem», ou «na ausência de». Por este último facto, não se compreende por que razão lhe é associada a anterior terminação, uma vez que não é um verbo (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 190; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 446; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 131-133 e 234-239; G. LEFEBVRE, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, pp. 167-181; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hierogliphique*, pp. 82-83 e 141-142).

24 Há aqui um erro na atribuição do pronome sufixo que está na terceira pessoa masculina singular e devia estar na segunda pessoa masculina singular, *.k* (𓂋), conforme consta dos seguintes manuscritos: *Papiro Millingen*, *Papiro Berlim 3019* e óstraco

British Museum 5623. Aliás, no *Papiro Sallier II*, segundo informa Maspero, terá sido introduzido *a posteriori* por cima da linha, primeiramente a negro e depois corrigido para encarnado. Em relação à interpretação destas frases, elas são fundamentais para o debate não só sobre a interpretação da obra, mas, sobretudo, sobre a hipotética co-regência de Amenemhat I e Senuseret I, uma vez que põem essa regência claramente em causa (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 56; G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 12; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 112; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 44; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, pp. 162-163, 167 e 174).

[25] Ao introduzir uma estrofe esta frase deveria apresentar-se a encarnado, mas tal não acontece no *Papiro Sallier II*. Falta o *ꜣ* ( ) no artigo definido *pꜣ* ( ), aqui escrito com G. G41 ( ) em vez de G. G40 ( ), e que se encontra correctamente escrito no *Papiro Millingen*, nos óstracos *Michailides 50*, *Deir el-Medina 1007* e *Petrie 56*, e nas tabuinhas *Carnarvon 5* e *Brooklyn II* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 61; G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 13; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 113; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 44).

[26] Nesta frase, a preposição *m* foi colocada fora do sítio: devia estar entre *ḥnnw* e *ḥnw*.

[27] A palavra «terra» refere-se aqui ao solo agrícola. Esta frase transmite-nos a ideia de que nem para salvar o bem mais precioso, a terra arável, provavelmente durante a inundação, uma vez que parte dos outros manuscritos aparentam referir-se nesta passagem à abertura dos canais de irrigação, a legislação permitia que se abrissem os canais para salvar as terras de cada um, prejudicando outros. Eventualmente poderia ser um hábito antigo dos mais poderosos, com prejuízo dos menos poderosos. Fazendo cumprir a lei, a igualdade entre todos era efectiva. Esta passagem é diferente nos diversos documentos, surgindo também do seguinte modo e alterando um pouco o seu sentido: *in iw wbꜣ.tw mw ʿdd ghbw* («Alguma vez abriram a água enquanto a terra estava próspera e florescente?»). Neste caso não seria durante a inundação, mas durante o período de gestação. Em todo o caso, o sentido geral é o mesmo. Aparece como nós traduzimos nos *Papiro Sallier II*, *Papiro Berlim 3019* (passagem incompleta), nos óstracos *Michailides 20 bis*, *Deir el-Medina 1007*, *Petrie 29*, *Ramesseum 60* e na tabuinha *Brooklyn II verso*; aparece como está nesta nota no *Papiro Millingen*, nos óstraco *British Museum 5638* e *Lisht* (provavelmente, uma passagem incompleta) e na tabuinha *Carnarvon 5* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 63; G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 13; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 113; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 44).

[28] Neste contexto *iryt* parece significar «aquilo que eles produzem» uma vez que o verbo irregular *iri*, pode significar «produzir». Uma outra hipótese, que também

estaria a contexto, seria a tradução por «imposto do grão» (), mas não há em manuscrito algum a indicação do determinativo que faltaria aqui (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 25-28; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 95-100).

[29] Corrigimos esta frase do *Papiro Sallier II* com o *Papiro Millingen*, uma vez que *iwt.n.i* e *ḥ3y.i* podem ter significados semelhantes e faltava o termo que expressasse o que vinha até ao faraó. Segundo o *Papiro Millingen* e a maioria dos restantes documentos, essa palavra é *iyt*.

[30] Para justificar a sua desatenção em relação aos dependentes, o faraó começa por fazer quatro afirmações sobre a qualidade da sua governação, demonstrando ter sido um rei sempre atento e com um reinado onde nunca teve problemas. Por isso não terá sentido necessidade de se precaver contra um tal final, o único acto em desacordo com a sua vida terrena.

[31] No *Papiro Millingen* é de facto o verbo «voltar», em tempo pretérito, que encontramos: . Contudo, no papiro que seguimos, o *Papiro Sallier II*, houve uma confusão na grafia desta palavra que acabou por dar vez ao verbo *ḥst*, que, além de estar no presente, tem como significado, «orar», «fazer uma oração», e é despropositado aqui. Em todos os outros manuscritos onde consta esta passagem (a tabuinha *Brooklyn II*, e os óstracos *Petrie 29*, *Cairo 25217*, *Moscovo 4468* e *Deir el-Medina 1018*), com ou sem erros, é o primeiro caso que é grafado (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 68; G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 14; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 113; F. Ll. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 44; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 177).

[32] Caso semelhante ao anterior. No *Papiro Millingen* é *t3*, que aparece, mas no *Papiro Sallier II* é *ḥr*. O primeiro caso repete-se na tabuinha *Brooklyn II* e no óstraco *Cairo 25223* e o segundo no *Papiro Berlim 3019* e no óstraco *Petrie 87*, surgindo ambos, *t3 ḥr*, no óstraco *Moscovo 4468* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 69; G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 14; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 113; F. Ll. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 44).

[33] Para quem segue o *Papiro Millingen* encontra aqui a palavra *ḥpšwt*, que Vernus se recusa a traduzir afirmando ser uma palavra desconhecida, que Helck traduz por «Ursa Maior», afirmando ser uma corruptela da palavra *ḥpš* ( ), o que achamos estranho, e Gardiner, que Lichtheim segue, traduz por «fortalezas fronteiriças» o que também não nos satisfaz. Erman, Simpson e Parkinson devem ter olhado para o *Papiro Sallier II*, onde se lê *ḥpš tw* e, independentemente do pronome poder estar errado, traduziram por «poder» ou «força», muito mais a contexto do que qualquer das outras hipóteses e sem margem para grandes dúvidas (W. HELCK,

Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn», p. 70; G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 15; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 113; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 45; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 189; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 321; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 207; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 137 e 139; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 195; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 73; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, pp. 167 e 175; A. H. GARDINER, «The earliest manuscripts of the Instruction of Amenemmes I», p. 493).

[34] Outra frase que introduz uma estância que não está a encarnado no *Papiro Sallier II*. Nepri como deus do grão, dos cereais, simbolizava a fertilidade das colheitas, o que o associava, por um lado a Hapi, considerado «senhor de Nepri» por este estar dependente do aluvião trazido pela inundação do Nilo, e a Osíris pelo mito agrícola. Esta última associação é reforçada quando ao ser considerado filho de Renenutet, a deusa cobra das colheitas, se fez representar ao seu colo a ser amamentado, tal como Hórus com Ísis. Se Hórus e Osíris já eram suficientes ligações divinas do faraó, Nepri ao ser considerado um deus criador e distribuidor da abundância foi frequente e directamente associado ao rei, fazendo com que Amenemhat I se tenha sentido responsável pelo amadurecimento dos cereais que matavam a fome ao seu povo, adoptando este epíteto (J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 330-331).

[35] Em conformidade com a frase anterior, embora sem o determinativo de divindade, que aparece nesta passagem noutros dois manuscritos (*Papiro Millingen* – onde Maspero se esqueceu de o pôr, mas Helck, Volten e Griffith não – e óstraco *Ramesseum 102*), julgamos que será mais correcta a tradução por «Hapi», do que por «inundação» que, aliás, pode surgir com outras grafias. Por exemplo: *iwḥw* ( ), *wdnw* ( ), *wḏnw* ( ), *mty* ( ), *mtrw* ( ), *nwy* ( ), *ḥ3yt* ( ) ou *ḥ^cpr* ( ). De qualquer modo, «cada entrada» de «Hapi» não deixa de ser a inundação (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 73; G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 15; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 114; F. LL. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 45; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 80, 158, 161, 222, 223, 232, 282 e 286).

[36] A primeira pessoa do singular do pronome dependente *wi*, tem um caracter a mais. Há aqui uma confusão de pronomes, inclusivamente no respeitante ao facto de estarmos a seguir um texto cujo original terá sido escrito em médio egípcio, no Império Médio, e que foi copiado no Império Novo, pois o *Papiro Sallier II* é dos finais da XIX dinastia, quando já se escrevia o neo-egípcio. No médio egípcio escrevia-se a primeira pessoa masculina singular do pronome demonstrativo,

tipo moderno, que também podia funcionar como artigo definido, *p3* ( ), com G. G40 () e no neo-egípcio escrevia-se *p3* (), com G. G41 (), conforme aparece neste papiro. Embora Gardiner diga que, por vezes, muito raramente, a segunda forma também pudesse aparecer no médio egípcio. Por seu lado, Lefebvre diz que a escrita hierática escreveu sempre o *p3* com a grafia antes referida para o neo-egípcio. Menu refere que *p3* faz parte dum trio recente de demonstrativos (*p3*, *t3* e *n3*), por oposição a um trio mais antigo (*pw*, *tw* e *nw*) que evoluirão e se fixarão como artigos definidos («o», «a», «os», «as») no neo-egípcio (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 85-87; G. LEFEBVRE, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, pp. 61-66; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hierogliphique*, pp. 92--93; F. NEVEU, *La Langue des Ramsés. Grammaire du néo-égyptien*, pp. 4-5; J. Černý, S. I. GROLL e C. EYRE, *A Late Egyptian Grammar*, pp. 40-50).

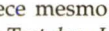
[37] Cada inundação era o princípio de novo ciclo de vida no Egipto. Aliás, esta palavra forma-se a partir da mesma raiz do verbo «abrir» (*pg3*). Com toda a razão a «abertura do ano», *upet-renpet*, era assinalada com o início da inundação. Há no *Papiro Sallier II* uma divisão incorrecta dos versos, separando esta frase ao meio (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 186).

[38] A expressão *rnpwt.i*, «nos meus anos», está omissa no *Papiro Sallier II*, mas surge no *Papiro Millingen* e na tabuinha *Brooklin II* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 73; G. MASPERO, *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son fils Sanouasrit Ier*, p. 15; A. VOLTEN, «Zwei altägyptische politische Schriften», p. 114; F. Ll. GRIFFITH, «The Millingen Papyrus», p. 45).

[39] O verbo *ḥmsi* significa «morar», «habitar», «viver»; mas também significa «sentar-se» (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 293).

[40] O reconhecimento social, a memória pública que a eternidade não dispensava. Esta frase do *Papiro Sallier II* está danificada e teve que ser reconstituída através do único manuscrito que apresenta esta frase completa neste local, o óstraco *Deir el-Medina 1035*, confirmado em parte pelo óstraco *Petrie 29*. Fomos tentados também a ler no *Papiro Sallier II* a palavra *sḏdt*, «descrição», «conto», mas o espaço vazio existente e os dois exemplos referidos aconselharam-nos a fazer a leitura que apresentamos desprezando a ideia de que aqui pudesse haver alguma referência literária expressa à palavra «conto» (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 74).

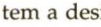
[41] Nova zona deteriorada no *Papiro Sallier II* que é possível restaurar, ainda que com erros, com a ajuda dos óstracos *Petrie 29*, *Petrie 77*, *Deir el-Medina 1039*, *Deir el--Medina 1081* e *Malinine*. Em todas estas referências as palavras grafadas são *ḳnb.n.i*, com ou sem plural. O único caso onde isso não acontece é no *Papiro Sallier II*, onde se introduz quase uma nova palavra, *t3w*, mas que para fazer sentido teria que ter outros determinativos. Tal como está ela não faz aqui qualquer sentido (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 76).

[42] Na realidade o que está no *Papiro Sallier II* é o verbo «fazer», que entendemos como «tomar conta de algo» e, portanto, «dominar». Tanto mais que nos óstracos *Petrie 77* e *Malinine*, e noutro tempo verbal também no óstraco *Deir el-Medina 1081*, aparece mesmo  , ou seja, o verbo «subjugar», «dominar» (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 77).

[43] Uauaiu são os habitantes de Uauat, que é a Núbia, mais precisamente o Norte da Núbia ou a Baixa Núbia, entre a primeira e a segunda catarata do Nilo, já que o Sul era Kuch ou a Alta Núbia, entre a segunda e a quarta catarata (B. MANLEY, *Atlas Historique de l'Égypte Ancienne*, p. 51; J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 41, 43 e 44; C. C. CORREIA, «Núbia», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 629-630).

[44] Medja é uma região localizada no Sudeste egípcio, a sul do Deserto Arábico fazendo já parte do Deserto Núbio, com o Nilo a oeste o mar Vermelho a este, o uadi Hammamat a norte e o uadi el-Udi a sul. Medjaiu são os seus habitantes. É considerada uma região da Núbia, e a diferença que se pretende aqui estabelecer entre os povos destas duas regiões, hostis aos Egípcios, é entre núbios ribeirinhos e núbios do deserto (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 123; B. MANLEY, *Atlas Historique de l'Égypte Ancienne*, pp. 27, 45, 51; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 210; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 175).

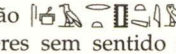
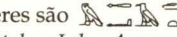
[45] Trata-se de uma estrofe onde Amenemhat relata os feitos alcançados junto dos seus inimigos. O andar dos cães é em quatro patas, o que para um ser humano é extremamente humilhante, ainda pior do que o simples ajoelhar, que pode ser uma simples genuflexão de respeito e deferência. Aliás, ainda hoje se empregam expressões semelhantes em que o emissor mostra superioridade em relação ao receptor dizendo: «se não fazes (isto ou aquilo) até andas de gatas!», «ou te portas bem ou ponho-te a andar de gatas», etc.

[46] Conforme podemos constatar nos óstracos *Petrie 29*, *Petrie 77*, *Deir el-Medina 1081* e *Malinine*, o início desta frase tem erros. Nem a partícula *iw* tem o caracter G. A1, nem o verbo *iri* tem a desinência do plural. Quanto muito poderia ficar  , ou seja, *wi iri.n.i n.i* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 80).

[47] O *Papiro Sallier II* é o único que omite o *s* no início da palavra *sḫkrw*. Nos óstracos *Petrie 29*, *Deir el-Medina 1081*, *Petrie 77*, *Malinine* e *Deir el-Medina 1102* a palavra está escrita com o *s* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 80).

[48] A utilização do caracter G. G21 só pode surgir como um determinativo, pois o fonema *nḥ* não existe nesta palavra. Mesmo como determinativo não é normal. Será que tem alguma coisa a ver com a confusão a que Gardiner faz referência? De que alguns escultores assimilam este signo a G. G1 ( ) ou a G. G 43 ( )? Não faz

qualquer sentido (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 80; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 469).

[49] É impossível entender estas três frases através do *Papiro Sallier II*, onde os caracteres são  no princípio. A descodificação deste emaranhado de caracteres sem sentido só é compreensível tendo em consideração o óstraco *Malinine* na primeira parte da frase, o óstraco *Deir el-Medina 1102* que acrescenta os caracteres omissos da palavra *mnḫt*, embora G. Y5 pareça estar a mais e a palavra «sicómoro» ser de tradução bastante duvidosa, tal como pensa Vernus que, no entanto, segue Parkinson, tal como nós fazemos – na dúvida, também, Lichtheim diz ser «madeira de acácia» – e o óstraco *Petrie 29* para a parte final onde os caracteres são  , onde só a palavra *ḥmt* está correcta (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 81; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 168; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 207; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 137).

[50] No *Papiro Sallier II* a frase não está correcta, faltando a preposição *m* e existindo no final da frase a forma verbal *irit*, que a existir deveria estar no princípio da frase. A frase correcta encontra-se no óstraco *Petrie 29* e parcialmente no óstraco *Deir el-Medina 1102* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 81).

[51] Devido a eventuais erros e/ou a grafismos desconhecidos, a frase é de difícil tradução, existindo apenas no *Papiro Sallier II*, não havendo nenhuma hipótese de comparação. A tradução por nós proposta deixa-nos bastantes dúvidas, mas no estado actual das fontes é uma questão que mantemos em aberto e que para já é de difícil resolução. Vernus traduz por «eu sei que aí serei o senhor na totalidade», dizendo ser uma interpretação conjectural, e Parkinson traduz por «eu sei, porque fui o senhor dela, de tudo» e não faz qualquer comentário. Lichtheim traduz por «eu sei porque sou o seu senhor» e também não faz qualquer comentário. Simpson traduz por «eu sei que o dono dela é o senhor do universo» e afirma que é uma tradução que o deixa com dúvidas. Esta última tradução tem uma virtude que as restantes não apresentam: teve em consideração que a palavra *r-ḏr* termina com G. G7 ( ) o que, até à existência de melhores dados, denuncia a presença de uma divindade, como, aliás, está no princípio do texto. Tanto mais que estamos a falar de uma «casa da eternidade» feita com materiais só acessíveis aos deuses. Em todo o caso, no *Papiro Millingen* surge a única palavra que existe desta frase é *nb-iry-r-ḏr*, escrita sem *t* em *nb*, e no óstraco *Deir el-Medina 1102* a palavra surge incompleta, mas na parte que aqui interessa nenhum dos dois *nb* tem *t* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 82; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, pp. 168 e 175; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 208; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 138; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 196).

[52] Parece-nos mais a contexto termos aqui um erro ou variante de *mski* ( ), «calúnia», do que um erro ou uma variante de *ms* ( ), «criança». Contudo, como recorda Vernus, não deixa de ser verdade que é uma passagem muito semelhante ao que encontramos na linha 6.13 d'*As Admoestações de Ipu-uer*: «Na verdade, as crianças dos grandes são atiradas para as ruas; o sábio diz "É assim!", o ignorante diz "Não é!" e aquilo de ele não saber nada é agradável para ele». Mas tanto a construção da frase, como a grafia das palavras ou as palavras utilizadas, quer mesmo o contexto, são completamente diferentes, pelo que não nos parece correcto afirmar que ambas são uma e única expressão (cfr. *As Admoestações de Ipu-uer*, p. 552; P. Vernus, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, pp. 168 e 175).

[53] A conjunção «porque», *ḥr-ntt*, surge errada, com *y* no lugar do segundo *t*, não só no *Papiro Sallier II*, mas também no óstraco *Deir el-Medina 1103*. Apenas está correcta no *Papiro Millingen*, o terceiro dos documentos a apresentar esta passagem (W. Helck, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 86).

[54] Ao contrário d'*As Admoestações de Ipu-uer*, não há aqui uma negação (*bi3w*), mas antes uma anuência submissa, impensada. Os «ignorantes» são os que não pensam. Interpretamos esta frase como uma afirmação de que os mais poderosos manipulavam as multidões, que faziam o que eles queriam. Sobretudo neste caso em que alguém de alta posição, o «sábio», o traidor, o assassino de Amenemhat, teria até então escondido a morte do rei, na eventualidade de dar igual destino a Senuseret, para então poder assumir-se como líder incontestado.

[55] Dois erros no início desta frase onde pela primeira vez aparece explicitamente o nome de Senuseret. O que na realidade está escrito é *n s*, que deveria estar ao contrário (*s n*, «homem de») como se vê no óstraco *Deir el-Medina 1103*. Mas o que é vulgar antes do nome de nascimento é *s3 rˁ*, filho de Ré. Aqui, como estamos em discurso directo é natural que surja o pronome sufixo na primeira pessoa do singular *.i*. Por outro lado, no momento em que passa o testemunho ao próprio filho, não é natural que o trate por «meu homem». Daí que também nós julguemos que deveríamos ter aqui *s3.i n*, embora não haja confusão possível entre o caracter G. O34 ( ) e o caracter G. G37 ( ). Contudo, até o nome de Senuseret está errado! O *rˁ* que deveria constar junto de *s3* foi incluído no interior da cartela, onde não é habitual estar nesta forma de escrever o seu nome: . Ainda ficaria mais correcto se estivesse *s-n-wsrt ˁnḫ wḏ3 snb s3.i*, «Ó Senuseret, v. p. s., meu filho,...» (W. Helck, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 87).

[56] É a abreviatura da fórmula habitual para desejar um futuro longo, próspero e saudável: «Possa ele viver, prosperar e ter saúde!»; cfr. nota 58 de *Khufu e os Magos*, nota 80 do *Conto do Náufrago*, nota 2 de *As Profecias de Neferti*, nota 32 de *As Admoestações de Ipu-uer*.

[57] Mais uma clamorosa sucessão de erros na aplicação dos pronomes, que aparecem correctos no *Papiro Millingen* e no óstraco *Michailides 20 bis*. Os dois pronomes sufixos da segunda pessoa do singular deveriam estar na primeira pessoa do singular. A frase correcta é (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 87).

[58] Continuam os erros na aplicação dos pronomes que se encontram correctos no *Papiro Millingen* e no óstraco *Deir el-Medina 1103*. Aliás, a palavra «olhos» também está incorrectamente escrita: o plural ideográfico deveria ser grafado apenas com a duplicação do caracter G. D6 ( ), e a ter um feminino seria um caracter G. X1 ( ) em vez de G. V31 ( ), como surge nos dois documentos referidos (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 88).

[59] Um coração que está feliz é um coração tranquilo. Aliás, para esta expressão Sánchez Rodríguez apresenta a tradução de «tranquilidade» (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 237).

[60] O «Povo do Sol» é a humanidade; todos os que nasceram e viram o sol. Ainda assim, neste contexto, não deixa de ser uma designação um pouco restritiva se tivermos em conta que no Egipto faraónico a humanidade era o conjunto de todos aqueles que adoravam Ré, portanto, apenas os próprios Egípcios.

[61] É a efectivação da transição do poder, doravante observado, que será apoiado e protegido do Além por Amenemhat.

[62] Cfr. nota 101 d'*As Profecias de Neferti* sobre a ascensão ao poder de Amenemhat, primeiro rei da XII dinastia, e da existência de três ou quatro reis de nome Mentuhotep, da XI dinastia. Contudo, a actuação de Amenemhat vai muito para além da sua tomada do poder, justificando de algum modo esta frase no sentido de querer que o seu filho Senuseret, nome também do seu avô paterno, terminasse o que ele tinha iniciado. Obviamente que, tal como Amenemhat se serviu d'*As Profecias de Neferti* para legitimar o seu poder, um pouco à semelhança dos reis da V dinastia com parte do texto de *Khufu e os Magos*, estamos na presença de semelhante estratagema utilizado por Senuseret com este conto. Ao norte providenciou pela segurança e estabilidade do Egipto expulsando os nómadas infiltrados na região do Delta e construindo as Muralhas do Rei para protecção daquela fronteira do país. Mais tarde virou-se também para sul, ou, melhor dizendo, um pouco para todas as direcções. Segundo rezam os documentos, no ano 20 do seu reinado, já o seu filho era adulto e pôde libertá-lo dessa tarefa, para uns como co-regente para outros não, tornando-se responsável pelo exército e pelas expedições de carácter militar e comercial com que renovou a política externa do Egipto. Aliás, na *História de Sinuhe*, é exactamente numa dessas ausências militares que o seu pai é assassinado! No ano 23 do seu reinado o seu exército atinge Gerf Hussein (sacrificada pelo progresso da modernidade e afundada sob o lago Nasser) e as

pedreiras de diorito de Toshka, mais a sul, ambas na Núbia entre a primeira e a segunda cataratas. No ano 24 virou-se para o Próximo Oriente, derrotando os beduínos e garantindo o domínio das minas de turquesa de Serabit el-Khadim, no Sinai. Esta viragem de 180º serviu também para retomar as relações com Biblos e com os povos do mar Egeu. Mas no ano 29 regressa ao Sul e avança até Korosko e funda um forte em Semna, junto à segunda catarata. Kerma passou a ter relações comerciais e políticas estreitíssimas com o Egipto. No ano 30 foi a vez da Líbia, no Delta Ocidental. Mas, provavelmente, a sua maior preocupação, possivelmente aquela que o condenou à morte, foi a reforma e reorganização da administração. Parte dos problemas podem ter estado ligados à transferência da capital de Tebas para Iti-taui, uma nova cidade fundada para o efeito perto de Licht. Na verdade, o seu nome completo era Amenemhat-Ititaui («Amenemhat soberano das Duas Terras»), mas é quase sempre referida pela forma abreviada de Iti-taui. Por outro lado, a acção centralizadora do rei chocou com um certo reforço do poder local, que já vinha do Primeiro Período Intermediário, uma vez que Amenemhat teve que recompensar e confirmar nos seus cargos os governadores de província que lhe foram fiéis na sua tomada de poder. Aqui criou também algumas tensões, pois teve que substituir os que não o apoiaram. Por fim, teve que se rodear de funcionários competentes, não só bem formados como fiéis, para poder manter tanto a ordem como as actividades produtivas. Muitas destas tarefas deveriam estar em curso e longe de conclusão, mexendo com muitas pessoas. Deve ter sido no seio daqueles que se viram apeados de poder e riqueza que nasceu a conspiração. Aliás, estas frases de Amenemhat, ou se quisermos de Senuseret, dizem-nos isso mesmo: era preciso acabar o que apenas tinha sido iniciado (B. MANLEY, *Atlas Historique de l'Égypte Ancienne*, pp. 27, 43 e 45; J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto, Deuses, Templos e Faraós*, pp. 179 e 181; C. VANDERSLEYEN, *L'Egypte et la Vallé du Nill*, tomo II, pp. 12--13; P. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, pp. 72-77; M. J. SEGURO, «Amenemhat» e L. M. ARAÚJO, «Onomástica real», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 54-56 e 642-649; P. VERNUS e J. YOYOTTE, *Dictionnaire des Pharaons*, pp. 26 e 100).

[63] Antes do adjectivo relativo *nty*, falta o pronome sufixo na segunda pessoa masculina singular *.k* junto da preposição *n*, tal como aparece no óstraco *Deir el-Medina 1204* (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, p. 91).

[64] Uma forma bastante arrevesada de escrever *tw* em médio egípcio, mas devemos lembrar que seguimos um manuscrito de finais da XIX dinastia, altura em que a escrita era o neo-egípcio. É natural que em cópias de originais em médio egípcio, ou egípcio clássico, pudessem existir contaminações de neo-egípcio no período ramséssida.

[65] Evocação directa das origens da dinastia e do próprio Egipto: o Alto Egipto. Conforme está registado numa inscrição em Karnak, Amenemhat era originário

do Sul, aparentemente de origem humilde, filho de um sacerdote chamado Senuseret e de Nefert, uma mulher de Elefantina. Provavelmente o seu pai estaria ligado ao culto de Amon, uma vez que foi a partir de então que Amon ganhou proeminência em relação a Montu, logo a começar na onomástica real. Contudo, num reinado de quase trinta anos, teve a capacidade de dar ao Egipto a estabilidade que lhe escapava há perto de duzentos anos. Consciente de ser o primeiro de uma nova linhagem, para poder levar a efeito todas as mudanças que operou no Egipto, Amenemhat escolheu o epíteto de *uehem-mesut*, «Aquele que repete os nascimentos». Já séculos antes, por volta de 3000 a. C., Narmer, provável antecessor de Aha, qualquer deles vulgarmente identificado com Menés, teria feito surgir o Egipto, unificando o Alto Egipto com o Baixo Egipto, num processo iniciado no Sul e depois estendido para o Norte (M. J. SEGURO, «Amenemhat» e L. M. ARAÚJO, «Onomástica real» e «Narmer», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 54-56, 602 e 642-649; P. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, pp. 78-79).

66 Motivada provavelmente pelo trabalho dos copistas, eventualmente há aqui uma confusão e troca do verbo «começar», *šꜣꜥ* ( ), com o verbo «assinar» *šꜣ* ( ). Aliás, há nesta frase diversos erros «ortográficos» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 260-261).

67 A forma correcta de escrever esta palavra é ou , «louvar», «exaltar», «glorificar» um deus ou um rei, ou ainda, «alegria», «júbilo», «exaltação». Em todo o caso, a colocação do caracter G. W22 ( ), um jarro de cerveja, em vez de G. A8 ( ), um homem a executar o ritual *hnw*, compreende-se pelo estado de euforia que pode provocar tal bebida (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 443 e 616; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 159; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 278).

68 Daqui ao fim, a reconstituição do texto, incluindo o cólofon, deve-se a Helck, uma vez que os actuais manuscritos são muito confusos ou mesmo ilegíveis e, ao que parece, já o deveriam ser no tempo dos próprios copistas ramséssidas. No final da sua obra, Helck apresenta as transcrições hieroglíficas dos quatro documentos onde surge o cólofon: *Papiro Sallier II* e os óstracos *Deir el-Medina 1204*, *Deir el-Medina 1093* e *Michailides 20 bis*. O mais completo é o do *Papiro Sallier II*, que temos vindo a seguir, que para além de confirmar o fim do texto regista o nome do escriba, as suas funções e até a data da cópia (W. HELCK, *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, pp. 93-94 e 105).

69 É uma passagem duvidosa, mas a ser assim seria como que uma confissão de uma tomada de poder atribulada de alguém que vem de baixo, por parte de Amenemhat, e de uma transmissão de poder legítima a Senuseret.

[70] Não é normal o caracter G. D54 ( ) ser usado nesta palavra, sendo o caracter G. A24 ( ) o habitual (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 46; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 125).

[71] Mais uma passagem duvidosa que, para além de ser um final empolgante, pode ser a justificação principal deste documento: Amenemhat pede ao filho Senuseret que procure saber quem foram os seus assassinos e, porventura, exerça sobre eles a vingança.

[72] Outra frase conjectural, mas que, inclusive, pode fazer alusão à hipotética co-regência.

[73] Tanto podemos estar na presença de uma cópia feita por um escriba, Ininana, sob encomenda de outros dois escribas vivos, porventura hierarquicamente superiores, Kagabuat e Hori, como podemos estar na presença de uma cópia feita por Ininana em homenagem a Kagabuat e Hori, defuntos, uma vez que, como já fizemos referência, o *ka* era um «elemento componente do ser humano que pode ser definido como a força vital e sexual do indivíduo, capaz de se manter actuante e dinâmica pela eternidade. Era um ser intangível, uma criação espiritual e psíquica feita à imagem e semelhança do corpo e possuindo todas as necessidades deste» (L. M. ARAÚJO, «Ka», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 469-470).

[74] Parece haver aqui uma haplografia, isto é, um erro de cópia ou de escrita por omissão de um caracter, ou de uma palavra, que deveria constar duas vezes: o signo G. N5 ( ) é determinativo de Peret (*prt*), o Inverno, mas também é *sw* (dia).

[75] Caso esta data existisse no original, sendo uma espécie de testamento político que confirmava Senuseret no poder, é natural que tenha sido feito no início do seu reinado. Se relacionarmos esta data com a data que existe na *História de Sinuhe* e que, aparentemente, seria a data da morte de Amenemhat, ano 30, terceiro mês de Akhet, dia 7, parece haver uma certa coordenação entre elas. Salvaguardadas as questões que referimos na nota 13 da *História de Sinuhe*, pelo calendário gregoriano, a estação da Inundação, Akhet, ia de 19 de Julho a 14 de Novembro e a estação do Inverno, Peret, ia de 15 de Novembro a 14 de Março. Como cada estação tinha quatro meses de trinta dias cada, e cada mês três semanas de dez dias cada, isso quer dizer que teriam passado 73 dias (os 23 dias restantes do terceiro mês da Inundação + 30 dias do quarto mês da Inundação + os primeiros 20 dias do primeiro mês de Inverno) entre a morte de Amenemhat e a redacção deste texto, uma vez que a estação de Inverno se seguia à da Inundação, e não é admissível que num momento desta natureza se tivesse passado um ciclo de mais de um ano. O momento requeria soluções imediatas. Evidentemente, depois de regressar à residência real, da qual já não estaria longe (lembremos que ele regressava de uma campanha na Líbia) e de tomar conta da situação e, obviamente, depois das

cerimónias fúnebres de seu pai, para as quais o tempo deveria ter sido à justa, tendo em conta o testemunho de Heródoto (HERÓDOTO, *L'Égypte. Histoires, livre II*, pp 107--109). Sobre datação e datas cfr. a nota 107 de *Khufu e os Magos*, nota 10 da *História de Sinuhe* e T. F. CANHÃO, «O calendário egípcio: origem, estrutura e sobrevivências», pp. 40-41.

10. INSTRUÇÃO LEALISTA

10. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse

Estamos na presença de mais um texto que tanto podemos apelidar de instrução como de ensinamento, indo a nossa preferência para a primeira das designações, *Instrução Lealista*, uma vez que ele serviria para instruir ou ensinar ao seu leitor ou ouvinte a importância de se ser leal ao rei. É uma temática de submissão ao senhor do Egipto, ao faraó todo-poderoso. É evidente que este título não é uma herança do passado, não surge no próprio texto, mas, pelo contrário, é-lhe atribuído modernamente pelos actuais tradutores. Embora seja uma composição literária do Império Médio escrita em médio egípcio, só chegou até nós graças a várias cópias manuscritas do Império Novo. Contudo, as seis primeiras das catorze estâncias que o compõem surgem em escrita hieroglífica numa estela encontrada no templo de Osíris em Abido, que se encontra no Museu Egípcio do Cairo, mandada gravar por um homem chamado Sehetepibré, um substituto do chefe do tesouro no tempo da Amenemhat III, sexto e antepenúltimo rei da XII dinastia. Em contrapartida, as frases finais da estância catorze aparecem numa outra estela igualmente originária de Abido, mas actualmente em Berlim (*Berlim 7311*), da responsabilidade de um homem chamado Rehuankh, um «íntimo do rei» nos reinados de Neferhotep I e Sebekhotep IV, respectivamente antepenúltimo e penúltimo rei da XIII dinastia, já no Segundo Período Intermediário, e cerca de cem anos depois de Amenemhat III.

Desconhece-se o autor deste texto, mas existem duas indicações indirectas de que possa ter sido escrito, ou mandado escrever, pelo vizir Mentuhotep, um alto funcionário de Senuseret I, segundo rei da XII dinastia. Uma delas é o facto de algumas partes do texto e o próprio desenho da estela de Sehetepibré aparecerem na grande estela do

referido vizir Mentuhotep (Museu Egípcio, *Cairo CG 20539*); a outra é o facto de os títulos preservados em alguns dos manuscritos antes do nome desaparecido corresponderem aos de um alto funcionário do início da XII dinastia, perfeitamente possível de coincidir com o Mentuhotep a que nos temos vindo a referir: vizir e tesoureiro, respectivamente, o primeiro e o segundo cargos da administração egípcia. Por tudo isto é de crer que a obra original tenha tido origem no tempo dos primeiros reis da XII dinastia. Em abono desta ideia, os temas centrais da primeira parte desta instrução, a glorificação do rei e a propaganda da lealdade ao soberano, são característicos da literatura do princípio da XII dinastia como forma de reforçar a autoridade do monarca, perdida durante o Primeiro Período Intermediário. Integra-se também nesse espírito a temática da segunda parte, o modo de tratar os dependentes, pois os conselhos dados à nobreza nesse sentido reflectem um período de pouca abundância e instabilidade da mão-de-obra, em virtude das guerras e das fomes que se seguiram ao final do Império Antigo.

Consideram-se normalmente quatro as fontes principais para o estudo da *Instrução Lealista*: a estela de Sehetepibré (Museu Egípcio, *Cairo CG 20538*), do reinado de Amenemhat III; a tabuinha de madeira designada por tabuinha *Carnarvon II* (*Cairo JE 43261D*), do início da XVIII dinastia; o *Papiro Louvre E 4864*, do meio da XVIII dinastia; os fragmentos de papiro conservados na Biblioteca Pierpont Morgan e designados por *Papiro Amherst XII + XIII*, dos finais da XVIII dinastia[1]. No Museu Petrie encontram-se ainda o *Papiro UC 32781*, do início da XIX dinastia, originário de um cemitério do Médio Egipto, em Deir Rifa, região a sul de Assiut (*Papiro Rîfeh* de Posener)[2]; e o óstraco *UC 39666*, ou óstraco hierático *Petrie 80*, do período ramséssida[3]. São de considerar ainda dois fragmentos de calcário escritos que pertencem ao Instituto Oriental de Chicago, que não lhes atribuiu qualquer referência, mas que

---

[1] G. Posener, *L'Enseignement Loyaliste. Sagesse égyptienne du Moyen Empire*, pp. 3-11.

[2] *Idem*, pp. 6-7.

[3] *Idem*, p. 9.

Posener designa por *9 «OIOC»* e *10 «OIOC»*, parecendo que o pequeno fragmento primeiramente designado, nunca publicado, completa o segundo fragmento, que consta do Catálogo 1238 do IFAO, Cairo[4]. Finalmente, consideram-se ainda os 65 óstracos do Império Novo, cuja lista completa Posener não deixa de registar[5]. Deste acervo, Posener apresenta algumas com fotografia bem legível e transcrição (tabuinha *Carnarvon II*, *verso* e *recto*, embora este último seja um texto de hino que não nos interessa de momento; *Papiro Louvre E. 4864*, *recto* e *verso*, sendo o segundo um texto médico que também não nos interessa por agora; *Papiro Amherst XII + XIII*, *recto* e *verso*; e *Papiro Rîfeh*, *recto* e *verso*); já catalogados ou apenas com número de inventário, os 42 óstracos do IFAO estão todos fac-similados e transcritos em diversos catálogos desta instituição; de outros óstracos, Posener apenas apresenta a transcrição (óstraco *British Museum 5632 rº*; óstraco *Cairo Cat. 25222 vº*; óstraco *Gardiner 314 vº, 1-4*; óstraco *Gardiner 347, 4-10*; óstraco *Gardiner 358*; óstraco *Michaélidès 39*; óstraco *Petrie 80 rº* e *vº*).

Nenhuma destas cópias apresenta a versão integral do texto. E mesmo a combinação de todas elas não permite superar algumas lacunas. Contrariamente a outros textos literários, sobretudo do tipo instrução, o mais antigo documento desta obra surge em egípcio hieroglífico na monumental estela de Sehetepibré. Devido ao tipo de suporte, houve que economizar na linguagem e dizer apenas o estritamente necessário, por isso a versão da estela é normalmente tida como a «versão curta» do texto ou, melhor dito, a «versão abreviada», pois parecem não existir disparidades entre ela e a «versão longa» que aparece nos manuscritos[6]. Mesmo sendo todos posteriores, os manuscritos não são considerados como um desenvolvimento do texto, mas, pelo contrário, é a estela que é considerada um resumo[7]. Gravada dos

[4] *Idem*, *ibidem*.

[5] *Idem*, pp. 7-11.

[6] Cfr. G. Posener, *L'Enseignement Loyaliste. Sagesse égyptienne du Moyen Empire*, pp. 17-47, e P. Vernus, *Sagesses de L'Égypte Pharaonique*, pp. 207-214.

[7] P. Vernus, *Sagesses de L'Égypte Pharaonique*, p. 205.

dois lados, a estela apresenta apenas a primeira parte deste ensinamento integrada num texto mais vasto, do meio da oitava linha ao começo da vigésima linha do lado II. O resto do texto apresenta uma visão da vida no templo de Abido, no início, e um apelo aos sacerdotes do referido templo, no final.

Dos textos cursivos em egípcio hierático, a tabuinha *Carnarvon II*, que foi descoberta num túmulo de Birami em 1912 e completada em 1931 pelo fragmento *JE 56802*, é um pedaço de madeira estucada (24 x 33 cm), que no *verso* já perdeu grande parte do estuque e do texto, escrito a preto no sentido do comprimento e da direita para a esquerda. No *recto*, apenas existem oito linhas horizontais pertencentes a um hino, apresentando-se o resto da face em branco. No *verso*, numa escrita rápida e atabalhoada, temos o que sobrou de quinze linhas hieráticas horizontais da segunda parte do ensinamento[8].

O *Papiro Louvre E. 4864*, um manuscrito de 37,5 cm de comprimento por 16 cm de altura[9], foi comprado pelo museu parisiense em 1865 em Tebas, e é o que tem uma escrita mais bonita e legível. Apresenta-se incompleto à direita e à esquerda, mostrando igualmente algumas falhas nos bordos superior e inferior[10]. Foi escrito nas duas faces, mas, em vez de ser feita uma rotação horizontal de uma para a outra face, foi feita verticalmente, correspondendo a parte inferior do *verso* à parte superior do *recto*. Isto pelo menos diz-nos que não seria um papiro muito mais comprido do que o que existe hoje, caso contrário seria enrolado para um dos lados e depois desenrolado já no lado contrário; normalmente escrito da direita para a esquerda, abria-

---

[8] G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste. Sagesse égyptienne du Moyen Empire*, pl. I e II.

[9] Só por estas medidas já poderíamos atestar com pouca margem de erro que se tratava de um papiro do Império Novo, onde a altura dos papiros variava entre 16 e 20 cm, ao contrário dos do Império Médio cujas alturas poderiam ir de 38 a 42 cm (R. PARKINSON e S. QUIRKE, *Papyrus*, p. 16)

[10] G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste. Sagesse égyptienne du Moyen Empire*, pl. III e IV.

-se também no mesmo sentido para leitura. O *recto* apresenta três páginas, em que a primeira e a terceira estão incompletas, sendo possível verificar por comparação com outros manuscritos que falta na primeira cerca de um terço das linhas e na segunda cerca de metade. Aparentemente faltará uma página antes da página 1, e outra, ou parte de outra, depois da página 3. A segunda e terceira páginas apresentam doze linhas cada, número que deveria ser o mesmo na primeira caso estivesse completa, todas respeitantes à *Instrução Lealista*. São estes manuscritos que, por oposição à estela, apresentam a «versão longa», da primeira parte do texto e uma segunda parte inexistente na estela. Foi utilizada a tinta preta para o texto e a encarnada para as primeiras palavras de cada estrofe e para a pontuação. No *verso* existem duas páginas incompletas de um texto médico, aparentemente escrito por um outro escriba, pois a escrita é bastante diferente, embora a análise paleográfica de Posener tenha determinado que são da mesma época.

O *Papiro Amherst XII + XIII* é composto por dois fragmentos do mesmo rolo escritos a preto com o princípio das estrofes a encarnado e sem pontuação, o primeiro medindo 12 cm x 16,5 cm e o segundo 11,5 cm x 16,5[11]. Escritos dos dois lados num hierático que só em parte e dificilmente se lê, o *recto* permite um alinhamento que posiciona o fragmento XIII à esquerda do fragmento XII, separados por alguns centímetros. O espaço em branco à direita no *verso* e a sequência do texto permitem perceber que o escriba, quando chegou ao final do *recto*, virou o papiro da esquerda para a direita e continuou a cópia do mesmo texto. Esta orientação permitiu que a parte exterior do papiro estivesse em branco, preservando o texto. O *recto* apresenta o que se salvou de três páginas: a primeira no fragmento XII, com cerca de um terço do tamanho original, tem nove linhas horizontais sobre as quais deveriam existir as duas linhas iniciais do texto; a segunda está dividida entre os dois fragmentos, mostrando o XII o primeiro terço

[11] G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste. Sagesse égyptienne du Moyen Empire*, pl. V e VI.

das linhas, o XIII o final das mesmas tendo desaparecido todo o miolo. Da terceira página, no fragmento XIII, só se salvou a metade direita. O *verso* contém restos de duas páginas: a primeira tem o início das suas linhas no fragmento XIII e o seu final no fragmento XII; a página 2, neste último fragmento, é a metade direita do final do texto.

Finalmente o *Papiro UC 32781*, descoberto por Petrie, mede apenas 17 cm x 13 cm. A margem de protecção existente à direita em ambos os lados, qualquer um deles escrito, diz-nos tratar-se do início de um rolo de papiro, todo ele escrito pelo mesmo escriba. Contudo, ao início do texto no *verso*, o que sobrou do início de doze linhas da primeira página de um livro mágico que nada tem a ver com a *Instrução Lealista*, corresponde no *recto* ao último terço da última página do final deste ensinamento. Escrito a negro, apresenta o início das estrofes a encarnado, bem como as marcas de pontuação. Quanto aos óstracos, a maioria proveniente de Deir el-Medina, com excepção de um caco de vidro, são todos pedaços de calcário com frases incompletas ou que, na melhor das hipóteses, apresentam uma ou duas estrofes completas. Mesmo nos óstracos, a utilização da tinta preta e da tinta encarnada segue os mesmos princípios referidos para os papiros. Todos os documentos mencionados, incluindo a estela, apresentam numerosos erros que dificultam muito a sua tradução.

Por dificuldade de acesso a originais e, por vezes, mesmo a fotografias, o nosso trabalho de tradução teve por base a fonte impressa de Posener que, para além de ter os fac-símiles antes referenciados, apresenta as transcrições em egípcio hieroglífico de quase todas as fontes existentes. Sem margem para dúvidas, pelo menos das mais importantes. Tal como outros antes de nós, ter como ponto de partida a obra de Posener é a justa homenagem ao trabalho brilhante que este egiptólogo executou, de juntar numerosas fontes parciais deste texto, autênticas peças de um *puzzle*, e reconstitui-lo do princípio ao fim, utilizando por vezes doze ou mais fontes para reconstituir uma simples frase. Eis as abreviaturas das fontes usadas por ordem de entrada: **PR** – *Papiro Rîfeh*; **1228** – óstraco *IFAO Cat. 1228*; **1056** – óstraco *IFAO Cat. 1056*; **OG 347** – óstraco *Gardiner 347*; **1235** – óstraco *IFAO Cat. 1235*; **ST** – estela de

Sehetepibré; **1426** – óstraco *IFAO Cat. 1426*; **1239** – óstraco *IFAO Cat. 1239*; **1198** – óstraco *IFAO Cat. 1198*; **OM** – óstraco *Michaélidès 39*; **1428** – óstraco *IFAO Cat. 1428*; **OG 358** – óstraco *Gardiner 358*; **OG 532** – óstraco *Gardiner 358*; **OG 352** – óstraco *Gardiner 352*; **1240** – óstraco *IFAO Cat. 1240*; **1430 rº** – óstraco *IFAO Cat. 1430 recto*; **OAshm** – óstraco *Ashmolean Museum 1938.912*; **1431** – óstraco *IFAO Cat. 1431*; **OG 97 rº** – óstraco *Gardiner 97 recto*; **OBM** – óstraco *British Museum 5632 recto*; **1423** – óstraco *IFAO Cat. 1423*; **OG 379** – óstraco *Gardiner 379*; **1238** – óstraco *IFAO Cat. 1238*; **TC** – tabuinha *Carnarvon II*; **PL** – *Papiro Louvre E. 4864*; **OB** – óstraco *Berlin Museum P 14277*; **OG 380 vº** – óstraco *Gardiner 380 verso*; **1200** – óstraco *IFAO Cat. 1200*; **1421** – óstraco *IFAO Cat. 1421*; **PA vº** – *Papiro Amherst XII +XIII verso*; **OG 314** – óstraco *Gardiner 314*; **1236** – óstraco *IFAO Cat. 1236*; **1244** – óstraco *IFAO Cat. 1244*; **1418** – óstraco *IFAO Cat. 1418*; **OIOC** – pequeno fragmento de uma tabuinha calcária do Instituto Oriental de Chicago, sem número, que faz parte do óstraco *IFAO Cat. 1238*; **B7311 K, 2** – estela *Berlim 7311 K, 2*.

Sinopse. Um pai, claramente da elite privilegiada, dirige-se aos filhos. As catorze estrofes da instrução, do poema, dividem-se em duas metades cuja charneira está na nona estrofe. Na primeira parte, um homem de porte aristocrático diz aos filhos quais as vantagens e as desvantagens de se ser fiel, leal, ao faraó, o que determina o nome da própria instrução; na segunda, o objecto da sua atenção são os dependentes, isto é, todos aqueles que lhes são subalternos, e a sua utilidade, ou melhor, a sua indispensabilidade.

10.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada

PR, 1228 e 1056 + OG 347

§1-1 T

ḥ3t-ʿ m sb3yt

Princípio da instrução

irt.n r-pʿty ḥ3ty-ʿ

feita pelo membro da elite e governador[1],

it(f)-nṯr mry-[nṯr]

pai divino amado do deus[2],

1056 + OG 347 1228, 1235 e PR

2 T

ḫry sšt3 n pr nswt ʿnḫ wḏ3 snb

superior dos segredos da casa real,v. p. s.[3],

ḫry-tp n t3 r-ḏr.f

chefe do país inteiro,

1056 + OG 347

3 T

sm ḫrp m šndyt ... ...

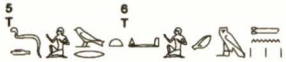
sacerdote *sem*, administrador do *chendjit*[4] ... ...[5]

1056 + OG 347 1235 e ST

4 T

.... f m sb3yt ḫr msw.f

Ele (diz) como instrução dos seus filhos:



ḏd.i wrt di.i sḏm.ṯn
«Eu vou dizer (uma coisa) importante e fazer com que[6] vós (a) escuteis.

ST

di.i rḫ.tn sḫr n nḥḥ
Eu vou fazer com que vós saibais (ter) um (bom) comportamento para sempre,

sšr ꜥnḫ n mɜꜥw
um método de vida[7] com sucesso

sbt ꜥḥꜥw m ḥtp
(para) passar a existência em paz.

ST

dwɜ nsw n(y)-mɜꜥt-rꜥ ꜥnḫ ḏt m ḫnw n ḫt.ṯn
Adorai o rei Nimaatré[8], que ele viva eternamente no interior do vosso corpo.

snsn ḥm.f m ib.tn
Confraternizai com sua majestade no vosso coração.

1056 + OG 347 ST e 1235

3 T

imi nrw.f m ḫrt hrw

Propagai o seu terror diariamente!

4 T

ḳmȝ n.f hnw r tr nb

Suscitai para ele louvores em relação a cada momento!

ST, PR e 1056 + OG 347

5 T

siȝ pw imy ḥȝtyw

É Sia[9] que está nos corações:

6 T

iw irty.f[y] *ḏr.sn ḫt nbt*

os seus olhos exploram cada ser!

7 T

rˁ pw ˁnḫ ḫry sšm.f

É Ré, vivemos sob a sua governação:

8 T

iw nty ḫr šwt.f r wr ḫrw.f

aquele que está sob a sua sombra está destinado a grandes posses.

1056 + OG 347, 1235, 1426 e ST

9 T

rˁ pw mȝȝw m stwt.f

É Ré, vemos pelos seus raios:

ST, PR, 1239, 1198 + OM,1235 e OG 358

10 T

sḥḏw sw t3wy r itn

ele ilumina as Duas Terras mais do que o disco solar!

§3-1 T

wbd hh.f r nst n sḏt

O seu ardor queima mais do que a chama do fogo.

2 T

snw[ḫ] sw 3t.f r ḫt

No seu momento ele é mais ardente[10] do que o (próprio) fogo.

ST

3 T

sw3ḏw sw r ḫʿpy ʿ3

Ele faz florescer[11] mais do que o grande Nilo[12].

4 T

mḥ.n.f t3wy m nḫtw [n] ʿnḫ

Ele encheu as Duas Terras de força e de vida.

ST

5 T

ḳbb fnḏw w3.f r nšni

Os narizes gelam quando ele cai em cólera

6 T

ḥtp.f r tpr ṯ3w

(mas) quando ele está calmo até se respira o ar.

ST

dd.f k3w n ntyw m šms.f
Ele dá alimentos a quem o segue

sḏf[3y].f mḏd mṯn.f
e assegura uma renda ao que adere ao seu caminho.

1235 + 1428, PR e OG 358

iw ḥsyw.f r nb ꜥ3bt
Aqueles que ele favorece estão destinados a serem senhores de provisões,

iw rḵyw.f iwty.f {f}
aqueles que forem seus inimigos não terão (nada).

OG 358, OG 532 e PR

iw ..... nsw r im3ḫy
O ..... do rei está destinado a ser venerado,

..... *šntyw.f*
..... os seus inimigos.

S4-1

in b3w.f ꜥḥ3 ḥr.f
É o seu poder que combate por ele.

Pr
OG 352,
1198 +
OM e
1240

2 T

iw šʿd ... dd ... šfyt.f
O (seu) terror ... faz com que ... respeito por ele.

3 T

rs ḥr .....
Olhar por cima .....

1240 e
PR

4 T

..... .n grg ḥr dwꜣw nfrw.f
..... encontra-se acima do amanhecer da sua perfeição.

5 T

wbꜣy.f ḳmꜣ .....
Ele revela a forma .....

PR,
1240 e
1198 +
OM

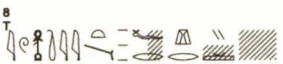
6 T

.....ib.f
..... seu coração[13].

1198 +
OM e
PR,
1430 r°

7 T

ʿnḫ pw n dd n.f iꜣyw
É a vida para quem lhe presta adoração.

8 T 

iw šntyw.f r ḫry ...
Os seus inimigos são submetidos .....

9
T

iw ḫ3t .....
Os cadáveres .....

ST e OAshm

§5-1
T

k3 pw nsw ḥw pw r.f
O rei é um *ka*[14], a sua palavra é o alimento.

2
T

sḫpr.f pw [*m*] *wnnt.f*
Aquele que ele cria existirá.

3
T

iwʿt pw nt nṯr nb{*t*}
Ele é o herdeiro de cada deus,

OAshm

4
T

nḏty ḳm3{*w*} *sw*
o protector da sua criação.

5
T

ḥww.sn n.f šnty.f
Eles reprimem os seus inimigos por ele.

OAshm

6
T

ist{*w*} *ḥm.f ʿnḫ wḏ3 snb*
Agora[15], sua majestade, v. p. s.,

m ꜥh.f ꜥnḫ wḏ3
está no seu palácio, v. p. s.

7 T

snb itm{w} pw n ṯs wsrwt
Ele é Atum porque une pescoços[16]:

OAshm e ST 8 T

iw s3.f r ḫ3 dd b3w.f
a sua protecção está por detrás daquele que permite o seu poder[17].

9 T

ḫnmw pw n ḥꜥw nb[w]
Ele é Khnum para todos os corpos,

ST 10 T

wttw sḫpr rḫyt
o criador que faz vir à existência a humanidade[18].

11 T

b3st pw ḫwt t3wy
Ele é Bastet[19] que protege as Duas Terras:

12 T

iw dw3 sw r nhw ꜥ.f
aquele que o adorar terá a protecção do seu braço.

ST

sḫmt pw r thi wdt.f
É Sekhmet[20] contra quem transgride as suas ordens:

iw sf3.f r ḫr šm3w.f
aquele a quem ele tiver aversão está destinado à miséria.

ST

ʿḥ3 ḫr rn.f
Combatei em seu nome.

twr ḫr ʿnḫ.f
Mostrai respeito pela sua vida.

šw.tn m sp n bgsw
Evitai (qualquer) momento de maldade:

iw mr n nsw r im3ḫy
um partidário do rei terá estatuto de venerável.

ST, OAshm e 1431

nn is n sbi ḫr ḫm.f
(Mas) não haverá um túmulo para quem se revoltar contra sua majestade:

5 T

iw ḫ3t.f m ḳm3 n mw
o seu cadáver será lançado à água.

6 T

m itnw ḥr fḳ3w n dd.f
Não vos oponhais às recompensas que ele der.

OAshm 7 T

m3t bit snsw ḥḏt.f
Aclamai a deusa do Baixo Egipto e adorai a sua coroa branca.

8 T

sw3š wṯs sḫmty
Prestai homenagem àquele que usa a coroa dupla.

ST e OAshm 9 T

irí.tn nn wḏ3 ḥʿw.tn
Se fizerdes isto será salutar para os vossos corpos.

10 T

gmí.tn st n ḏt
Vós encontrareis isto na eternidade[21]:

11 T

wn tp-t3 nn šnw im.f
aquele que está na terra sem ter problemas com ela[22],

OAshm

12 T

m sby ꜥḥꜥw m ḥtp

atravessa a existência em paz[23]!

§7-1 T

ꜥḳ m tꜣ m dd nsw

Entrai na terra que o rei dá[24]!

2 T

ḥtpw ḥr st n ḏt

Repousai num lugar de eternidade.

PL e OAshm

3 T

ẖnmt tpḥt ỉmy nḥḥ

Uni-vos à caverna daquele que está aí eternamente,

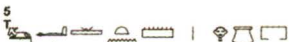
4 T

ỉwnn msw.tn ẖr mrt.tn

(com) a casa dos vossos filhos[25] cheia de amor por vós

OAshm e PL

5 T



ỉwꜥt.tn mn ḥr nst.tn

e os vossos herdeiros estarão nos vossos lugares.

6 T

sny ḳd.ỉ m wny mdwt.ỉ

Imitai[26] o meu exemplo! Não negligencieis as minhas palavras!

OAshm e PL

7 T

smnḫ tp-rdw iri.n.i

Executai com eficiência as instruções[27] que eu fiz.

§8-1 T

iḫ ḏd.tn n ḫrdw.tn

Então, podereis dizê-(las) aos vossos filhos[28].

TC, PL, OB e OBM

2 T

iw r sbȝ ḏr rk nṯr

A palavra ensina desde o tempo do deus[29].

3 T

ink sˁḥ n sḏm n.f

Eu sou um dignitário[30] para ser ouvido,

PL e OG 380 v°

4 T

ˁḳ.n nb.f m sȝrt.f

dos conhecimentos do qual o seu senhor se inteirou.

5 T

m snny ḳdw.i

Não ultrapassem os limites do meu exemplo!

6 T

m stni ḥr biȝt[.i]

Não façam distinção[31] dos meus méritos!

PL

7 T

šww.tn m spw bꜣgsw

Evitem os fragmentos de inércia[32].

8 T

ỉw sꜣ sḏm{w.ỉ} r ỉwty ḏwt.f

Um filho que escuta não terá (qualquer) maldade.

PL

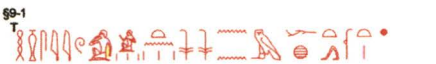
9 T

n mꜥr.n sḫrw nb{t} ỉm.f

Não terão todos os nossos planos sucesso com ele[33]?

PL

§9-1 T



ḥsyw.tn nn m-ḫt rnpt

Vós ireis elogiá-las [às instruções] daqui a uns anos,

2 T

rwd ỉry m sꜣḥ n tꜣ

(pois) a sua solidez permitirá alcançar terra[34].

PL

3 T

ky sp m sṯꜣt ỉb.tn

Outra forma de desenvolver[35] os vossos corações,

4 T

m ꜣḫ.tw rs ḫr ḥmw.tn

– de facto[36] com benefício para os vossos servidores –

PL

ḫn n rmṯ sȝḳ wnḏwt.tn
é ocuparem-se dos homens, reunir os vossos dependentes

ṯȝry.tn [ḫr] ḥmw n iryw
e (assim) manterem os servidores (prontos) para actuarem[37].

PL

in rmṯ sḫpr ntyw
São os homens que produzem o que existe!

ꜥnḫ.tw imy m ꜥwy.sn
Vive-se do que está nos seus braços!

PL

gȝy.tw rs sḫm šwȝw
De facto, se faltar isso a pobreza prevalecerá!

iȝt pw irt dfȝw
São as profissões[38] que produzem os alimentos[39].

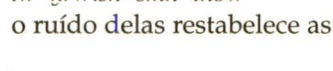
šw pr.f tfy snṯt.f
Aquele que tem a sua casa vazia com as suas fundações em risco,

PL

3 T

iw ḫrw.sn smn inbw
o ruído delas restabelece as paredes[40]?

PL

4 T 

nb ꜥš3t pw sḏr r šsp
É senhor de muita gente, aquele que dorme até clarear,

5 T

nn wn ḳd n wꜥty
(mas) não há sono para o homem solitário[41].

PL

6 T

n ḥ3b.n.tw m3i m wpt
Não se pode mandar um leão em missão!

7 T

nn idr ḏḏḥ sw r inbt
Nenhuma manada é aprisionada por um muro!

PL

8 T

iw ḫrw.f mi ibi ḥ3 šdyt
O seu grito é como o de quem tem sede à volta de um poço[42]!

9 T

... ... r.f r-imyw
... ... como os pássaros *raimiu*.

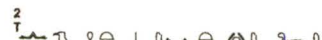
PL
TC e
1421

§11-1
T

ꜣbb.tw ḥꜥpy gmm.tw st

(As pessoas) desejam a inundação[43] e elas encontram-na,

2
T



nn ꜣḥt skꜣt ḫpr sy ḏs.s

nenhum campo cultivado existe por si mesmo!

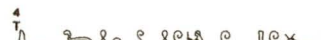
PL e
TC

3
T

wr kꜣw wnn ... ... [mniw ?]

Os touros que são do boieiro (?)[44] são grandes:

4
T

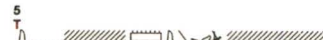


in ḏdḥw ḥww wšbw

é aquele que os encerra que conduz os touros[45].

PL e
TC

5
T



in ... ... mni ... ...

É ... ... que faz acostar ... ...

6
T

... ꜥwt ꜥšꜣt nn ḏr-ꜥ.sn

... gado miúdo em tão grande quantidade que não tem fim.

PL e
TC

7
T

iꜣwt ... ... n nṯr

As profissões ... ... do deus.

8
T

ir ꜥpr im st spd ḥr

Quanto àquele que está abastecido em relação a isso, está vigilante!

PL, PA vº e OG 314

9
T

m sꜣt ꜥḥwty ḥr bꜣkw

Não oprimas com impostos o lavrador:

10
T

ꜥby.f gmi.f n.k sw nri

(mostra) afecto por ele e tu encontrá-lo-ás no ano seguinte.

OG 314 PAvº e TC

11
T

ir ꜥnḫ.f ꜥwy.fy

Se ele está vivo tens os seus braços,

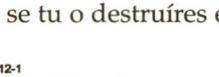
12
T

wš.k sw kꜣ.f r šmꜣw

se tu o destruíres então ele pensará ser vagabundo[46].

TC e PL

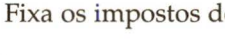
§12-1
T



nḥb bꜣkw r ḏꜣwt šmꜥ

Fixa os impostos de acordo com a cevada do Alto Egipto,

2
T



... ... pw ḥr ib n nṯr

... ... no coração do deus!

TC

n spi n ʿḥʿ n isfty
As riquezas daquele que pratica o mal não se conservam;

n gmi.n msw[t].f wḏ3t.f
os seus filhos não encontrarão a sua prosperidade.

TC
PL e
PAv°

irw sfn pḥwy ʿnḫ.f
Aquele que causa aflição provoca o fim da sua (própria) vida;

nn wn msw.f tkn ib
ele não terá filhos que estejam perto do (seu) coração.

TC
PL e
PAv°

iw mrt n sni ḥr.f
Os dependentes vão passar[47] por cima dele;

nn iwʿw n tff ḥ3ty
não haverá herdeiros para aquele que escapa[48] do coração.

TC e
PL

wr šfyt nt nb ḫrt
O respeito é grande por aquele que é senhor daquilo que é seu;

10
T

ꜥš3 ḫrw isft ḥr ib
a voz abundante é um mal do coração.

1238 e TC §13-1
T

in ḏw ḫb3 i3t.f
O malvado destrói[49] o seu pequeno outeiro[50];

2
T

grg niwt n mryty
uma cidade é fundada pelo homem que é amado.

PL 3
T

mnw pw n s w3ḥ-ib
A paciência é o monumento de um homem;

4
T

3ḫ gr ... ...
o silêncio é eficaz para ... ...

PL 5
T

... ... ḥmt iyt
... ... que prevê contrariedades;

6
T

ꜥnn sw sḫm sḫny
aquele que tem uma autoridade poderosa[51] regressa[52].

TC e PL

7 T

sfn ḳm3.n.f idt

Ao misericordioso a vaca produz para ele;

8 T

mniw ḏwt ꜥnd idr.f

o mau pastor tem o seu rebanho reduzido.

PL, 1236 e 1244

§14-1 T

ꜥḥ3 ḥr rmṯ m šsrw nb

Combatei pelos homens de todas as maneiras.

2 T

ꜥwt pw 3ḫt n nb.sn

Eles são um rebanho útil ao seu senhor.

TC, PL, PAv°, 1439 1236

3 T

ntsn pw gmmw ꜥnḫ.tw im.s

São eles que encontram como vivermos graças a eles;

4 T

3ḫ st r-sy n sm3yt-t3

eles (também) são bastante úteis para a união à terra.

1236 PL e PAv°

5 T

m33.tn n ... ...

Vejam ... ...

6 T

srsi tp.tn ḥr ḥmw-kꜣ.tn

Vigiai[53] os vossos servidores do *ka*[54].

1238, TC, PAv°, 1236 e PL

7 T

bꜣgsw sꜣ mnw n wꜥb

Se o filho for negligente[55] a estabilidade[56] pertence ao sacerdote puro!

8 T

iꜣm pw ḏdw n.f iwꜥw

É agradável aquele que dizemos herdeiro.

PL, PAv° 1236 e OIOC

9 T

bs sꜥḥ nis ḥr rn.f

Instala o dignitário defunto e invoca o seu nome.

10 T

... ... ꜣḫ ini šbw ...

... ... glorificado e traz as oferendas de alimentos[57],

B7311 K, 2 e 1238

11 T

ḥr ntt ꜣḫ(t) n irr r irw n.f

porque é (mais) útil para quem faz do que para aquele para quem é feito:

12 T

in smw mkk ḥry tꜣ

é o defunto[58] que protege aquele que fica sobre a terra.

PAv°

Cólofon-1

... ... *m ḥtpw*
... ... em paz[59],

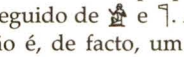
in sš wʿbwt n pr imn ... ḥri{ỉ}
pelo escriba do serviço sacerdotal da casa de Amon ... Hori,

sš sỉ pỉ ir
escriba filho daquele que pratica uma acção,

sš pỉ ...
escriba do...[60]

NOTAS

[1] São exactamente os dois primeiros títulos da *História de Sinuhe* (cfr. notas 1 e 2 da *História de Sinuhe*). Note-se, no entanto, que aqui *r-pʿty* tem forma *nisbe*.

[2] O restauro destas duas frases deve-se a Posener, que propõe para o espaço em falta quatro caracteres: sobre o , seguido de e . Assim teremos *it-nṯr mry-nṯr*:  . Esta expressão é, de facto, um título sacerdotal. O último determinativo associado ao verbo «amar» indica-nos a existência de uma pessoa, e neste caso é o próprio sacerdote, havendo aqui uma dupla anteposição honorífica (G. Posener, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 53; L. Araújo, *O Clero do Deus Amon no Antigo Egipto*, pp. 185-186).

[3] É a abreviatura da fórmula habitual para desejar um futuro longo, próspero e saudável: «Possa ele viver, prosperar e ter saúde!»; cfr. nota 58 de *Khufu e os Magos*, a nota 81 do *Conto do Náufrago* e nota 56 do *Ensinamento de Amenemhat a seu filho Senuseret*.

[4] O *chendjit* é a tanga real, associada por isso, também, à divindade. Toda esta introdução é um conjunto das mais altas titulaturas: o sacerdote *sem*, cuja insígnia principal era a pele de leopardo que vestia, estava ligado aos rituais funerários do filho do deus, donde a associação com os ritos de vestir o rei, expresso neste epíteto de «administrador do *chendjit*». Antes houve uma referência à sua alta estirpe: membro da elite e governador. Por seu lado, «superior dos segredos da casa real» e «chefe do país inteiro» eram epítetos frequentemente aplicados a vizires. Conforme explicámos na introdução a este texto, é bem provável que o seu autor, de quem o nome não permaneceu registado, tenha sido o vizir Mentuhotep, alto funcionário e chefe da administração de Senuseret I, segundo rei da XII dinastia (P. Vernus, *Sagesses de L'Égypte Pharaonique*, pp. 214-215; R. B. Parkinson, *The Tale of Sinuhe*, p. 242).

[5] Este seria o local que comportaria o nome do responsável por este texto.

[6] Para o significado de «fazer que», «permitir que» ou «causar que» antes de *sḏm.f*, cfr. Á. Sánchez Rodríguez, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 270 e A. H. Gardiner, *Egyptian Grammar*, p. 56).

[7] A palavra *ʿnḫ* tem omisso o *n* (G. Posener, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 57).

[8] Pelo facto de haver aqui a identificação de um faraó, pareceu-nos importante optar por esta versão, a versão da estela. Nimaatré Amenemhat foi Amenemhat III (c. 1853-1806/5), o antepenúltimo rei da XII dinastia (L. Araújo, «Onomástica real», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 642-649; P. A. Clayton, *Crónicas dos Faraós*, p. 84; T. F. Canhão, *«O meu caminho é bom». O Conto do Camponês Eloquente*, p. 238).

[9] Sia é uma divindade egípcia que personifica o conhecimento e a percepção, cujo nome significa «inteligência», «percepção», «discernimento». Por esta razão, surge

associada tanto a Tot, deus da sabedoria e da escrita, quanto aos demiurgos Atum e Ré, sendo considerada a expressão da criação divina pelo pensamento, competindo-lhe organizar e executar a obra criativa. Divindade sem nunca ter tido culto, como arauto do deus solar residia no coração de Ré (J. C. SALES, «Sia», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 786-787; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 212; cfr. nota 128 da *História de Sinuhe*).

[10] «No seu momento» julgamos que seja sinónimo de meio-dia, quando o sol está a pique, o momento mais quente do sol, aquela posição solar que se identifica com Ré, já que Khepri é o sol da alvorada e Atum o sol crepuscular. A palavra *snw* não existe, pelo menos nos dicionários por nós consultados. Por isso a tradução de Posener ou Parkinson não nos convence, pois a grafia de «consumir» está bem afastada desta grafia e não há vestígios nos manuscritos de ter existido neste local: *sˁm*, . Aparentemente parece faltar um caracter para o verbo causativo *snwḫ* ( ), que significa «ferver», «levar à ebulição». Contudo, não é o significado mais a contexto, pois não se está a falar em exclusivo de líquidos, mas de uma acção provocada a nível geral sobre todo o tipo de materiais. Não há dúvida que o determinativo indica ser uma palavra relacionada com fogo, por isso parece-nos bem razoável a hipótese de P. Vernus: «ardente» (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 376; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 231; B. MENU, *Petit Lexique de l'Égyptien Hiéroglyphique*, p. 190; G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 69; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 238; P. VERNUS, *Sagesses de L'Égypte Pharaonique*, p. 208).

[11] Aqui há uma distracção pouco comum em estelas. O determinativo final do verbo causativo «fazer florescer», *swḏ* ( ) vem depois de *sw* ( ), pronome dependente na terceira pessoa do singular masculino, acabando por se formar um particípio imperfectivo activo com o acréscimo do *w* ( ) e por surgir um determinativo completamente despropositado após *sw* (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 356-357).

[12] Segundo pensamos, neste caso o adjectivo «grande» não é explicativo ou qualificativo, mas sim quantitativo, valorizando a quantidade daquilo que nomeia. Deste modo, «o grande Nilo» surge por oposição a «pequeno Nilo», sendo uma referência à inundação e estando de acordo com a primeira parte da frase.

[13] Sem o resto da frase é difícil assegurar que a tradução correcta seja «coração». Podia ser «desejo», «vontade», etc.

[14] Sendo o *ka* um dos constituintes do homem egípcio, aquele que concentra a energia vital, assim o rei também o é para os homens. O rei é apresentado como um benfeitor da humanidade, sendo considerado mesmo uma divindade demiúrgica que cria pela palavra.

[15] A presença do pronome dependente na segunda pessoa do singular masculino

não faz qualquer sentido aqui. É preferível considerar a existência de um caracter a mais, o *w*, e ter a partícula não enclítica *ist*.

[16] Atum é um dos deuses fundamentais da teologia egípcia. Deus solar e criador, foi particularmente venerado em Heliópolis. Nesta cidade foi elaborada uma cosmogonia que transformou esta divindade em demiurgo, como responsável pelo aparecimento da Enéade heliopolitana, os nove deuses primordiais, através do seu sémen ou da sua saliva, quando se encontrava só no Nun. Mais tarde associado às fases do percurso do Sol no céu, passa a ser considerado um dos seus percursos: Khepri, o Sol nascente, Ré o Sol do meio-dia (no máximo da sua glória) e Atum, o Sol poente. Transforma-se assim na divindade sincrética e demiúrgica Ré-Atum-Khepri. O primeiro casal divino foi Tefnut, o calor, e Chu, o sopro. Por sua vez dão origem a um segundo casal, Geb, a terra, e Nut, o céu. Da união deste segundo casal surgirão Osíris, Ísis, Hórus o Antigo, Set e Néftis. Dos dois primeiros deste cinco ainda surgirá Hórus o Jovem. A expressão «porque une pescoços», é sinónima de «vivificar», isto é, dar vida. Lembremo-nos do mito de Osíris, em que Ísis dá vida a Osíris batendo as asas! É evidente que Chu é o mais qualificado para o fazer, mas todos eles receberam os seus poderes do demiurgo, portanto também Ísis o utilizou, tal como Atum também o poderia fazer. Provavelmente aqui está aplicado em sentido figurado de modo a designar a actividade benfeitora de sua majestade, ou seja, do Estado. É muito provavelmente uma expressão cujo significado figurado «dar vida» significa «dar alento», «dar força», «apoiar» todo aquele que sofreu um duro revés. Já encontrámos esta expressão associada ao mago Djedi, em *Khufu e os Magos*, que sabia «como voltar a juntar uma cabeça cortada», e encontrámos uma expressão semelhante no *Conto do Camponês Eloquente*, em B1 319-321: «Os magistrados devem combater o mal, eles são os senhores do bem, os artífices que criam o que é, que voltam a pôr no lugar a cabeça cortada». Ou seja, é aos magistrados que compete prestar apoio a quem necessita, repor o que deixou de estar bem. No fundo é a *maat* social que se manifesta (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 28; J. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 93-96; L. M. ARAÚJO, «Atum», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 125-126; «Atoum» em R. S. ANTELME e S. ROSSINI, *Dictionnaire illustré des dieux de l'Égypte*, pp. 79-84; ver *Khufu e os Magos*, 155-156; ver nota 229 do *Conto do Camponês Eloquente*).

[17] Sendo uma divindade demiúrgica, entendemos que a protecção que Atum exerce nestas circunstâncias se caracteriza pelo facto de em caso de morte de algum dos seus defensores ele lhe poder devolver a vida terrena, graças à sua capacidade para criar vida através do seu sémen ou da sua saliva.

[18] Aqui temos outra divindade capaz de dar vida e prosperidade. Ligando-se ao Nilo, à cheia e, por consequência, a todos os seres vivos do Egipto, Khnum regulava a cheia anual, que devia chegar pontualmente e farta. Deste modo dava vida

e prosperidade ao Egipto. Mas também era o deus criador de tudo o que existia, modelado por si próprio na sua roda de oleiro, nomeadamente o próprio homem.

[19] O apelo aqui é à qualidade protectora de Bastet, deusa cuja representação mais comum é a de uma mulher com cabeça de gata, e que, como qualquer mãe gata, tinha uma forte capacidade protectora da sua «ninhada», tanto a fazendo soltar a sua ferocidade como as mais ternas demonstrações de meiguice. O seu aspecto maternal, meigo e protector está bem representado no maravilhoso conjunto de bronze de uma gata com dois filhos que o Museu Calouste Gulbenkian possui: deitada de lado, a gata olha-nos fixamente com a pata esquerda sobre uma das crias, enquanto a outra procura alimentar-se numa das suas tetas. Com cerca de 55,3 cm de comprimento e 23,5 de altura, é da Época Baixa, da XXVI dinastia (L. M. ARAÚJO, *Arte Egípcia. Colecção Calouste Gulbenkian*, pp. 128-129).

[20] Normalmente representada por uma mulher com cabeça de leoa, Sekhmet, «A Poderosa», o Olho de Ré, era uma deusa guerreira associada ao mito da destruição da humanidade, que conspirara contra Ré quando deuses e homens viviam juntos na Terra. Ré teve que estancar a violenta repressão de Sekhmet e dos seus «massacradores», para que a humanidade não desaparecesse. Então os deuses separaram-se dos homens. Descontente entregou o governo da terra e da humanidade ao faraó e partiu com os outros deuses (T. F. CANHÃO, «Datação e temática do conto do Camponês Eloquente», p. 171).

[21] Aqui termina a estela de Sehetepibré.

[22] Com a sua vida e não com a terra.

[23] No final desta frase, já depois do ponto encarnado, surge, também a encarnado, o caracter G.D41 ( ), completamente isolado e, aparentemente, sem qualquer expressão. Como aparece mais oito vezes, sempre da mesma forma, a encarnado, no final de uma frase e já depois do ponto encarnado, surgindo em diferentes óstracos (*1428, OAshm (3), 1431, OBM, 1423, OG 379, 1238*) e como há outros acréscimos marginais e correcções a encarnado em diversos óstracos, sugerimos que o caracter D41 possa ser uma marca de correcção do mestre escriba (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, pp. 79, 91, 96, 100, 108, 116, 121, 130).

[24] «Entrai na terra» é aqui uma referência ao túmulo.

[25] De facto, na transcrição de Posener, a palavra *msw*, «filhos», aparece grafada com um ponto negro na quinta posição do óstraco *Ashmolean Museum 1938.912*, o único documento que apresenta esta palavra, ou mesmo esta frase completa (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 98).

[26] O verbo *sni*, com o significado de «imitar», «parecer-se a», «manifestar-se» tem como principal grafia . Contudo, com este mesmo significado, pode surgir nas variantes , e , pelo que pode confundir-se com outro verbo *sni* que se escreve exactamente da mesma maneira, mas tem por significado «trespas-

sar», «transgredir» ou «sobrepassar» (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 375).

[27] Nos outros cinco documentos que contêm esta passagem, aparecem no lugar do caracter G. A50 ( ) os caracteres G. D56 e G. Z1 ( ), que Posener diz terem sido corrompidos para o primeiro (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 100).

[28] A memória histórica é antes do mais da responsabilidade familiar, são os descendentes que devem assegurar a continuidade social do defunto. Uma boa vida eterna implica a passagem de geração em geração das instruções, que vão permitindo lembrar os antepassados com os ritos adquados.

[29] Ou seja, desde os primórdios, do tempo em que os deuses viviam com os homens na terra, que a palavra era o instrumento básico para o conhecimento.

[30] Muitas vezes a palavra *sʿḥ* refere-se a um nobre defunto.

[31] O causativo *stni* é de difícil tradução, não se encontrando nos dicionários consultados. Contudo, no causativo *stny*, Faulkner diz que pode ser idêntico a *sṯny*, cujo significado é «distinguir», «honrar», «fazer distinção», por extensão em português, acrescentamos, «separar», «demarcar». A grafia é diferente, sobretudo os determinativos, mas parece-nos a melhor solução para este caso (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 254 e 256).

[32] A palavra *bꜣgsw* só aparece nos dicionários com o significado de «punhal» ou «arbusto espinhoso», embora com outros determinativos (, ou e , ou , respectivamente). Por comparação com as outras fontes, esta palavra apenas uma vez mais aparece com o unilítero *s* (óstraco 1200), que não consta dos restantes três manuscritos que têm esta palavra (óstraco Gardiner 97 verso, óstraco British Museum 5632 *recto* e óstraco Gardiner 380 *verso*). Portanto, também poderia ser uma forma verbal do verbo da 3ª inflexão *bꜣgi* (, ,) e significar «estar cansado», «estar debilitado» ou ser o substantivo «inércia», «languidez». Teria o unilítero *s* a mais, mas o seu penúltimo determinativo estaria correcto. Mas pode também ter o unilítero *ꜣ* a mais e ser a palavra *bgsw* (, ,) com o significado de «maldade». Mas em todos os manuscritos o unilítero *ꜣ* está presente. Do mesmo modo, também os determinativos G. A7 ( ) e G. G37 ( ) aparecem em todos os manuscritos, tal como uma das duas variantes do verbo *bꜣgi*: e (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 79 e 85; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 165-166 e 173; G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 106).

[33] Mesmo sem qualquer partícula, pronome ou advérbio interrogativo a construção desta frase e o contexto dizem-nos que é uma frase interrogativa, corolário perfeito para o filho que seguir os ensinamentos de seu pai (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 401-409). Sobre a palavra *mʿr* refira-se que Faulkner regista uma

variante em que aparece também o *d* ( ), registado como erro, uma vez que surge com um *sic* por baixo (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 105).

[34] Será no sentido de obtenção de uma boa vida e não no sentido fúnebre.

[35] A palavra *sṯ3t* é o infinitivo do causativo formado a partir do verbo da 3ª inflexão *ṯew* (; ; ;). O significado da raiz é conhecido («apanhar», «segurar», «capturar», «dominar», «roubar», etc.), mas o significado do causativo não aparece nos dicionários consultados e a tradução por nós apresentada é duvidosa. Parkinson traduz por «desenvolvimento»; Vernus por «tornar aptos»; Posener por «formar» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 302; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 475-476; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 240; P. VERNUS, *Sagesses de L'Égypte Pharaonique*, p. 211; G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 36).

[36] A partícula enclítica *rs* não é muito frequente, mas quando aparece pode ser entendida por «de facto», como um reforço de afirmação (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 186-187).

[37] O sentido desta instrução é que o tempo que se ocupe prestando atenção e dialogando com os servidores, torna-os mais eficazes no seu trabalho. O ponto encarnado que terminaria esta última frase está erradamente colocado após o primeiro caracter da primeira palavra, *im*, da frase seguinte (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, pp. 114-115).

[38] Na palavra *i3t*, que se encontra no plural, não há qualquer determinativo que nos indique que se refere a pessoas, daí não concordarmos com a tradução de Posener, «trabalhadores», e muito menos com a de Vernus, «trabalhadores manuais», uma vez que estamos muitíssimo longe da diferenciação entre manufactura e maquinufactura. Parece-nos que a razão está do lado de Parkinson, que traduz por «profissões», tal como encontramos em Faulkner e Sánchez Rodríguez, que acrescentam ainda «ofícios» e «funções». É claramente uma afirmação da impossibilidade do homem viver isolado, uma afirmação da dependência social a que todos estamos subjacentes (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 7; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 73; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 240; P. VERNUS, *Sagesses de L'Égypte Pharaonique*, p. 212; G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 38).

[39] O determinativo final da palavra *df3w* é G. Y1 ( ) e não G. D54 ( ), como aparece grafado em PL (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 322).

[40] É um caso raro em que não é necessária a presença de uma partícula ou palavra interrogativa, para que a complementaridade da segunda frase em relação à primeira seja interrogativa. Se as fundações de uma casa estão em risco de ruir,

qualquer barulho nas paredes é prenúncio de desmoronamento e não o contrário (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 405).

[41] Estas duas frases expressam a ideia de que só pode dormir descansado e em segurança quem é próspero e, portanto, tem muitos dependentes para cuidarem da sua segurança e da sua prosperidade, vivendo rodeado de gente, em sociedade. Pelo contrário, se um homem for um solitário, sem ninguém para o servir, vive isolado da sociedade, sendo um indivíduo anti-social. Tal como o leão, como é referido a seguir.

[42] É o desespero daquele, homem ou animal, que está cheio de sede e que tem a água à vista mas não a consegue alcançar.

[43] Embora os determinativos nos indiquem ser «Nilo» e não «inundação», o contexto mostra-nos o contrário.

[44] A palavra *mniw*, «boieiro», «pastor», é apenas uma hipótese derivada dos três caracteres finais da palavra que aí se encontrava. O mais certo mesmo é ter havido algo mais grafado nesta lacuna. Mesmo para a palavra referida, Posener diz logo que o signo anterior não é G. A47 ( ) por isso, a ser esta palavra, será uma variante de , tanto mais que existe o caracter G. D36 ( ). As variantes que Faulkner aponta que, evidentemente, não são as únicas, são: , e (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 123; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 108).

[45] Nestas duas frases faz-se a diferenciação entre proprietário, o vaqueiro, e trabalhador, aquele que os conduz para o redil.

[46] A palavra «vagabundos» não está correctamente escrita na tabuinha *Carnarvon II*. Ela está bem escrita, de acordo com Faulkner, no *Papiro Louvre E. 4864*: (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 266).

[47] O verbo *sni* está mal escrito. Faulkner apresenta-o com a seguinte grafia: . Acrescenta-lhe as variações: , e (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 229).

[48] Eis outro verbo mal escrito: *tfi*, ou seja, «arrancar», «separar». Segundo explica Posener, é um verbo que foi usado frequentemente no Império Novo associado a coração com o significado de «separar do coração», isto é, aquele que escapa ao controle do seu próprio coração é um «impulsivo», conforme deduz Vernus, e não um «ansioso», como pretendia Posener (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 45; P. VERNUS, *Sagesses de L'Égypte Pharaonique*, p. 213).

[49] A falta do determinativo final não impede a compreensão da palavra em causa: , que significa «destruir», «subverter» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 187).

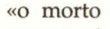
[50] A palavra *i3t* refere-se ao montículo artificial que normalmente se designa em arqueologia por *tell*, isto é, uma base elevada, pequena ou grande, para uma casa

ou para uma cidade, feita de propósito para altear as habitações, ou feita pelo tempo e sobre a qual se vão edificando novas habitações. No Egipto serviam para pôr a salvo as casas das águas das cheias (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 244).

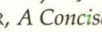
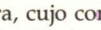
[51] O último caracter apresentado nesta palavra é um signo ajustado *a posteriori* entre o penúltimo caracter e o sinal de pontuação, e ligeiramente superior aos restantes signos da linha. Não tem qualquer significado para a leitura do causativo *sḫn* (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 132).

[52] Obviamente para enfrentar quem puser em causa a sua autoridade.

[53] É Posener que propõe o significado para esta palavra, sem que *tp*, «cabeça», modifique o sentido do verbo (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, pp. 48-49).

[54] A designação dos sacerdotes encarregues do culto do *ka*, «os servidores do *ka*», tem alguns caracteres trocados. De facto, segundo Faulkner, dever-se-ia escrever  (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 169).

[55] A palavra *bꜣgsw* parece-nos ser uma variante, ou uma grafia com erros, do verbo da 4ª inflexão *bꜣgi*, que pode aparecer com várias grafias: , , , e . A única palavra que se assemelha a estas e inclui a «sílaba» *sw* é, de facto, *bꜣgsw*, , mas cujo último determinativo, um pedaço de metal, nos leva a prever logo outro significado: é a palavra hieroglífica para «punhal» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 79).

[56] À palavra *mnw* faltam um ou mais determinativos para que possamos ter a certeza absoluta de que palavra se trata. Por exclusão contextual, não julgamos que seja «sofrimento», «pena», «castigo» ( ); muito menos «monumento» ( ), «pombos» (), «fio», «linha» () ou «árvores», «plantação» (). Aparentemente poderá ser uma palavra derivada do verbo intransitivo *mn* ( ), ou uma variante do próprio verbo, ou uma grafia errada do verbo. Sendo assim, *n* (—) será uma preposição ou uma conjunção e não o elemento de ligação de um genitivo indirecto (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 106-108 e 124).

[57] Só faltam os dois determinativos finais à palavra, cujo contexto nos diz não ter concorrentes: (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 264).

[58] Não encontrámos a palavra *smw* nos dicionários consultados, nem qualquer aproximação que se justificasse. Contudo, o contexto e o último determinativo levam-nos a crer que se trata do «nobre defunto» antes referido. Posener traduz por «o morto caritativo», Parkinson por «o beneficiário» e Vernus por «o morto venerável» (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 47; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 241; P. VERNUS, *Sagesses de L'Égypte Pharaonique*, p. 214).

[59] Apenas restam estes dois pedaços de linha, faltando o início e o fim do cólofon (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 139 e pl. 6).

[60] Este demonstrativo tipo moderno do fim da frase que se conhece, determinaria o substantivo que viria a seguir a si e não o substantivo «escriba» que o antecede, uma vez que o seu lugar gramatical correcto é antes do substantivo que determina.

11. INSTRUÇÃO DE KHETI

11.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse

A *Instrução de Kheti*, também conhecido pelo título de *Sátira das Profissões*, foi um texto que teve a preferência dos professores das escolas de escribas do Império Novo, mais especificamente da XVIII e da XIX dinastias, sobretudo na comunidade de Deir el-Medina. Uma vez que existem outros textos também apelidados de *Sátira das Profissões*[1], para evitar possíveis confusões designaremos este texto por *Instrução de Kheti*. Contudo, os numerosos exercícios escolares que chegaram até nós, em vez de facilitarem a sua compreensão levantam, pelo contrário, a questão de se saber qual teria sido, de facto, o texto original, uma vez que a maior parte dos aprendizes devia estar na iniciação e não entendiam ainda o que tinham que copiar, uma vez que surgem nestes trabalhos escolares, muito frequentemente, palavras sem sentido ou mesmo sem significado. As incorrecções gramaticais são igualmente numerosas e de vários tipos: posicionamento incorrecto das palavras na frase, troca ou omissão de pronomes, incompreensão das concordâncias em número e género, etc. Pode até ter sido um texto idealizado com finalidades pedagógicas, isto é, ter sido especialmente concebido como material didáctico para uma ou mais escolas de escribas, conforme podemos deduzir da introdução ficcionada. Ora, considerando que de uma maneira geral os escribas copiavam os textos de anteriores manuscritos, repetindo e multiplicando erros, é natural

[1] Vernus informa-nos que a temática da «sátira das profissões» foi abundantemente usada nas escolas do Império Novo, havendo sobretudo três textos com grande paralelismo com a *Instrução de Kheti* que se encontram nos papiros *Chester Beatty V* (*recto* 5,14-6,7), *Lansing* (4,2-5,7) e *Sallier I* (6,10-7,9), e que Vernus traduz (P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, pp. 191-195).

que estes trabalhos escolares nos deixem em mãos um texto com partes por vezes de difícil compreensão. Tanto mais que muitos desses lapsos reflectem um tipo de erro que permite pensar que o texto deveria ser ditado e não copiado, levando o aprendiz a escrever a sua interpretação do que ouvia. Por exemplo: como, aparentemente, havia muitas palavras homófonas cuja grafia variava, sobretudo ao nível dos determinativos, era fácil ouvir uma palavra e escrevê-la com outro sentido[2].

Esses exercícios constam de quatro papiros[3] e frases dispersas em duas tabuinhas de madeira e 97 óstracos, 32 dos quais fazendo parte do espólio do Museu Petrie, em Londres. O único papiro completo é o *Papiro Sallier II* (BM EA 10182), dos finais da XIX dinastia, sendo os outros o *Papiro Amherst*, do princípio da XVIII dinastia, o *Papiro Anastasi VII*, do fim da XIX dinastia, e o *Papiro Chester Beatty XIX*, da XIX dinastia. Os *Papiro Sallier II* e *Papiro Anastasi VII*, ambos no Museu Britânico, parecem ter sido escritos pelo mesmo escriba. O *Papiro Chester Beatty XIX* também pertence ao Museu Britânico; o *Papiro Amherst*, é propriedade da Biblioteca Pierpont Morgan. As tabuinhas são: tabuinha *Louvre 693*, do meio da XVIII dinastia, e a tabuinha *Louvre E 8424*, obviamente ambas do Museu do Louvre. Os óstracos são dois da época de Hatchepsut (óstraco *Senmut 147* e óstraco *Senmut 148*) e os restantes são ramséssidas[4]. Encontrados em diversos locais, 31 dos quais no próprio Ramesseum, foram estudados por diferentes egiptólogos: Piankoff, Sauneron, Hayes, Brunner, Posener, Spiegelberg, Gardiner, Černý, Daressy, Goedicke e Wilson[5]. Todas estas fontes aparecem devidamente relacionadas entre si, integrando-se no seu próprio lugar no

---

[2] A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, pp. 67-68; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, pp. 329-330.

[3] Vernus informa-nos da existência de um quinto papiro, o *Papiro de Turim 54017*, inédito e com uma edição em preparação a cargo de A. Roccati (P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, pp. 179 e 195).

[4] A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 67; W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, pp. 1-6; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 329; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 184-185.

[5] W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, pp. 1-6.

respectivo texto das duas fontes impressas que seguimos, sendo que Helck nos dá duas visões diferentes desse relacionamento no início e no fim da sua obra[6].

Não é por acaso que Helck é uma das nossas duas fontes impressas. Tal como outros antes de nós, temos que nos servir das reconstituições das passagens mais obscuras propostas por ele, pois mesmo que tivéssemos tido acesso aos originais ou a fotografias suas para além do *Papiro Sallier II* (BM EA 10182), provavelmente teríamos os mesmos problemas de leitura ou de interpretação. Não quer dizer que concordemos inteiramente com todas as suas hipóteses, mas apenas conseguimos instalar a dúvida e não estabelecemos alternativas. É por isso que, também este texto, mesmo com tantas fontes, ainda suscita numerosas hipóteses de interpretação, não passando de uma tentativa de tradução, como lhe chama Parkinson[7]. As duas páginas que constam da obra de R. Parkinson e S. Quirke, *Papyrus*[8], que nos informam que o rolo de que fazem parte é oriundo de Sakara e tem a largura de 21,5 centímetros, são as «páginas» 2, à direita, e 8 à esquerda. São duas colunas, a da página 2 com dez linhas, e a da página 8 com nove linhas, ladeadas por boas margens. Este texto foi escrito num total de nove dessas colunas/ /«páginas» (coluna III a coluna XI), havendo outros exercícios registados neste papiro, uma vez que a *Instrução de Kheti* começa na nona linha da coluna três. A escrita é a hierática, grafada da direita para a esquerda e percebe-se claramente a utilização de tinta preta e da tinta encarnada. É uma caligrafia bonita e certa. A página 2 tem uns quantos caracteres isolados na margem superior, quatro grupos de dois ou três caracteres cada, que nos parecem prováveis ensaios de caracteres, ou palavras, a aplicar no texto, uma vez que parece que eles surgem, de facto, no texto. Foram usadas 69 linhas em 9 páginas: a primeira com uma linha, a última com cinco linhas e as restantes com nove linhas cada.

---

[6] *Idem, ibidem*, teil I, pp. 8-11 e 155-158; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*.

[7] R. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 273.

[8] R. PARKINSON e S. QUIRKE, *Papyrus*, pp. 29, 47 e 83.

Composto por trinta estrofes[9], que se iniciam nas frases hieroglíficas a vermelho, o texto pertence ao tipo instruções ou ensinamentos ou, ainda, sapiências. Não são considerações abstractas à moda dos filósofos gregos, mas, como sempre com os Egípcios, são guias práticos destinados a transmitir a experiência de uma pessoa mais velha a outra mais jovem, geralmente o filho, sob a forma de casos concretos em que se deverá agir sempre segundo *maat*. Por exemplo: se tu estiveres nesta situação, deves fazer, ou não fazer, isto ou aquilo. Concebido e escrito originalmente no Império Médio, apresenta uma introdução (estrofes I a III) e uma conclusão (estrofe XXX), como qualquer outra instrução. Ao contrário do que pensa Helck ou Simpson[10], o nome que Maspero lhe atribuiu, *Sátira das Profissões*[11], parece-nos inteiramente correcto. De facto, neste texto a prática das diversas profissões manuais diferentes da de escriba é descrita com ligeireza, com o intuito de as diminuir em relação à profissão de escriba. As várias profissões, numa escolha muito parcial e específica, são apresentadas negativamente, com algum exagero nos seus malefícios e sem apresentar qualquer aspecto positivo, de forma caricatural, enquanto a profissão de escriba é apresentada de forma oposta. Se não há uma maledicência descarada, em tom cáustico, mordaz, ácido, há pelo menos uma maledicência encapotada, onde se escondem os aspectos positivos e apenas se referem aspectos negativos de forma jocosa, numa espécie de censura espirituosa, onde as comparações são, de facto, de índole satírica. Tom que não existe quando fala da profissão de escriba. São 18 profissões manuais extremamente fatigantes ou degradantes que se opõem à bela profissão de escriba. Esta separação, aliás, faz com que a obra se divida em duas partes principais: numa a descrição das várias profissões manuais (estrofes IV a XXI) e na outra a parte sapiencial, respeitante às prescrições consideradas úteis à boa escolha (estrofes XXII a XXIX).

---

[9] Conforme se apresenta em T. F. CANHÃO, *Doze textos egípcios do Império Médio. Traduções integrais*.

[10] W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḥtjj*, teil I, pp. 161-162; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, pp. 329-330.

[11] M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 184.

É um texto escrito em caracteres hieráticos, na forma de poema, tendo do princípio ao fim os pontos de marcação dos *cola* (cada frase completa ou unidade de pensamento é uma «linha», isto é, um *cólon*)[12], organizado em estrofes de quatro a catorze versos, sempre em número par. A data da sua composição é incerta. Embora a escrita pareça ser o médio egípcio, a utilização dos critérios linguísticos aqui é difícil devido à grande corrupção do texto, assentando a sua datação do início da XII dinastia num critério pouco fiável. Segundo é aceite por todos, mas com as reservas de quem não tem mais nenhum elemento a este respeito, faz-se fé da afirmação de um escriba do Império Novo, 700 anos depois da hipotética criação do texto, de que o Kheti que escreveu este texto seria o mesmo sábio do início da XII dinastia que escrevera a *Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret*, as instruções que o fundador da XII dinastia dirigiu ao seu filho Senuseret I, que foram escritas claramente depois da sua morte e não escritas pelo faraó[13]. Em todo o caso, há alguns pontos de similaridade entre estas duas obras e, sobretudo, entre a *Instrução de Kheti*, a *Instrução Lealista* e a *Instrução de um homem o seu filho*, ao ponto de H. W. Fischer-Elfert ter afirmado que estas três obras eram uma espécie de trilogia, onde cada uma delas correspondia a uma das três etapas fundamentais na formação dos jovens pertencentes à elite dirigente[14].

Talvez a única verdadeira certeza que se possa ter é que este texto é claramente elitista: emana do meio letrado, dos escribas, e destina-se ao mesmo meio. Mais ainda, o faraó é servido por um conjunto de iletrados e inferiores, aqui estigmatizados pelo seu trabalho manual, que os escribas administram, como expoente da superioridade da escrita e do trabalho intelectual dos que a mantêm. E se pensarmos que

---

[12] Ver na Introdução de T. F. Canhão, *Doze textos egípcios do Império Médio. Traduções integrais*, pp. 35-47 o que dizemos acerca da forma poética entre os Egípcios antigos.

[13] R. Parkinson, *The Tale of Sinuhe*, pp. 203 e 273.

[14] H. W. Fischer-Elfert, «Die Arbeit am Text: altägyptische Literaturwerke aus philologischer Perspektive», p. 503, nota 17.

os primeiros reis da XII dinastia acabaram de sair da anarquia do Primeiro Período Intermediário, e depois de uma breve fase de restauro com os últimos monarcas da XI dinastia, até podemos pensar que esta ficção possa ter alguma inspiração propagandística, pois a estes faraós faltavam funcionários competentes. Poderia ser uma forma de convencer os jovens a enveredarem por uma carreira administrativa, mostrando idilicamente a melhor das profissões, em detrimento de todas as outras que só acarretam problemas e canseiras.

Sinopse. O grande tema é recorrente no Egipto faraónico: a profissão de escriba superioriza-se a todas as outras. Numa viagem para sul, não é claro se através do Nilo ou não, o pai, um homem com o nome de Kheti, filho de Duauf, escriba mas, aparentemente, sem qualquer título de prestígio, leva o filho Pepi de sua casa para a casa real, com a finalidade deste ingressar e frequentar a escola de escribas. Pelo caminho vai-lhe falando de uma série de profissões cuja prática é inferior à de escriba. São 18 profissões, entre as quais, fundidor, barbeiro, oleiro, carpinteiro, jardineiro, agricultor ou pescador. Retratando-as de forma bastante realista, diminui-as com algumas tiradas satíricas em relação à profissão de escriba, que começa por considerar a melhor das profissões logo na introdução. Mas isso é só na primeira parte do texto, uma vez que há uma segunda parte onde dá ao filho uma série de conselhos para ser um bom aluno e um bom profissional. Na conclusão afirma que cada um deve aceitar o que o destino lhe reservou, sob pena de ir contra os deuses e a ordem natural das coisas, isto é, *maat*.

Mas este pai preocupado com a instrução do filho, pode até ter sido um escriba de nomeada, se for o mesmo Khety cujo baixo-relevo e nome aparecem na célebre lista de escribas gravada na parede de um túmulo da XIX dinastia, em Sakara, na companhia de nomes como Imhotep, Kaires, Khakheperréseneb e Ipu-uer[15], como já referimos a propósito deste último. Caso seja o mesmo, é provável que até possa ter

[15] W. K. Simpson, *The Literature of Ancient Egypt*, fig. 6, última página do livro.

sido autor de materiais escolares, como o presente texto, e um pedagogo da sua época. Se assim fosse, também já não seria estranho que levasse o filho para a escola do palácio real, a Casa Grande, *per-aá*, e não para uma das muitas Casas de Vida, *per-ankh*, as escolas que funcionavam nos grandes templos por todo o Egipto.

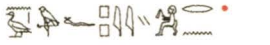
11.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada

3,9 T

ḥ3t-ʿ m sb3yt
Princípio da instrução

irt.n s n ṯ3rt
feita[1] por um homem[2] de Tjaret[3],

dw3wf-s3 ḥty rn.f
Kheti (de) seu nome, filho de Duauf[4],



n s3.f ppy rn[.f]
ao seu filho[5] Pepi (de) seu nome,

4,1 T

ist rf m ḫntyt [r]-ntt ḫnw
quando[6] viajavam em direcção ao sul[7], onde estava[8] a residência real,

r rdit.f m ʿt-sb3 nt sš̈w
para o pôr na escola das escritas,

nn ḳ3bw.f msw srw
no meio dos filhos[9] dos magistrados

imy ḫry nt ḫnw
daquele que está dentro e daquele que se encontra[10] na residência real.

ʿḥʿ.n ḏd.n.f n.f
Então ele disse-lhe:

mȝȝ.n.i ḳnḳnw sp-sn
«Eu vi espancamentos duas vezes.

dd.k ib.k m-sȝ sšw
Faz com que o teu coração vá atrás das escritas.

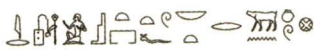
dgȝ.n.i nḥmw ḥr bȝkw.f
Eu vi (como se) salvam (pessoas) através do seu trabalho!

mk{y} nn wn m ḫȝw sšw
Olha, não há nada melhor do que as escritas!

mitt ḥr mw pw
É o mesmo do que aquele que está sobre a água[11]!

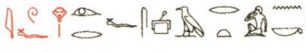
šd ir.k m pḥwy kmyt
Lê até ao fim o livro Kemit[12]

gmy.k ṯs[w] pn im.st m ḏd
e aí encontrarás estas palavras dizendo[13]:



ir sš [m] st.{tw.}f nbt r ḫnw
«Quanto ao escriba, seja qual for a sua posição[14] na residência real,

nn ḫwrw.f im.f
ele nunca será insignificante aí».



iw.f {ḫr} iri.f sȝrt n ky
Ele está {sobre} a fazer sabedoria para outro[15],

nn pri[.n].f ḥtpw
não sairá ele satisfeito[16]?

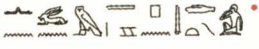
[*n*] *mȝȝ.n.i iȝtw m mitt.st*
Eu nunca vi[17] (outras) funções como esta,

m ḏdt ṯs pn im.st
em que se pode dizer esta frase acerca dela!

di.i mry.k sšw [r] mwt.k
Eu vou fazer com que tu ames mais a escrita do que a tua mãe.

di.i ḥḳ nfrw.[s] m ḥr.k
Eu vou fazer com que a sua beleza penetre em ti[18].

wrt sw{t} grt r i3tw nbt
É maior do que qualquer outra profissão,



nn wn [mitt.s] m t3 pn mdt
não há outra como ela neste país para falar.

š3ʿ.n.f w3ḏ{t} iw.f m ḥrd
(O escriba) começou a florescer quando (ainda) é uma criança.

tw [r] nḏ-ḥrt.tw.f
Ele será felicitado

tw [*r*] *ḥ3b.f r irt wpwt*
e enviado[19] para desempenhar uma missão;

nn iyt.f sw rdi.f m d3iw
ele não regressará sem se vestir[20] com um saiote[21].

n m33.n.i gnwtyw m wpwt
Eu nunca vi um escultor em missão[22]

nbyw ḥ3b.[*tw.*]*f*
ou um ourives ser enviado (em missão)[23]!

iw m33.n.i ḥmtyw ḥr b3kw.f
(Mas) eu vi o fundidor no seu trabalho,

r r n ḥryt.f
na boca da sua fornalha[24],

ḏbʿw.fy mi ḫt msḥw
os seus dedos são como coisas[25] dos crocodilos,

ḫnš sw r swḥwt rmw
o seu fedor é como o dos ovos[26] dos peixes.

ḥmww nb ṯ3y ꜥnt
Cada artesão ao usar a enxó[27]

wrd sw r mnt
cansa-se mais do do que aqueles que trabalham nas corveias[28].

3ḫwt.f m ḫt
Os seus campos são a madeira,

ḫnw.f m ḫmt
a sua ocupação (as ferramentas de) bronze.

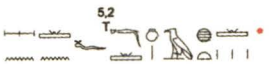
m grḥt nḫmw.f
A noite não o furta (ao trabalho):

irí.n.f m ḥ3w nw ꜥwy.fy ḥr irit
ele faz{ia} (isso) com excesso dos seus braços relativamente ao que produz,

m grḥt st3w.f
à noite ele acende uma candeia[29].

ms-ꜥ3t ḥr wḫ3 m mnḫt
Aquele que molda pedras preciosas[30] procura obter a perfeição

m ꜥ3t nbt rwḏ
em todo o tipo de pedra preciosa dura.



ḳn.n.f mḥ nw 3ḫt
Quando ele acabou (o trabalho) esplêndido[31]

ꜥwy.fy 3ḳw [n] wrdw.[f] {sw}
os seus braços estão arruinados por causa do cansaço.

iw ḥms.[f] {tw} ḥr ꜥḳw nw rꜥ
Ele senta-se sobre os alimentos de Ré[32],

m3sty.f[y] [i]3t.f wꜥfw
com os seus joelhos[33] e as suas costas retorcidos.

ḥ ḳ w ḥr ḥ ḳ w m pḥwy mšrw
O barbeiro barbeia mesmo até ao anoitecer.

dd.f sw n ˁmyt
Ele põe-se absorvido[34].

dd.f sw ḥr ḳˁḥ.f
Ele põe-se sobre o seu ombro[35]

dd.f sw {r} [m] mrt r mrt
e ele vai de rua em rua[36]

r wḫ3 r ḥ ḳ w.f sw
à procura de alguém para barbear.

ḳnn.f ˁwy.fy r mḥ ḫt.f
Ele mantém os seus braços activos para encher a sua barriga,

mi bit wnmw r k3tw.st
como uma abelha que come de acordo com o seu trabalho.

bṯyḫ ḫdi.f r idḥw

Aquele que apanha canas[37] vai para norte para os pântanos do Delta

r iṯi n.f swnw

para apanhar setas para si.

iri.n.f m ḫ3w nw ʿwy.fy ḥr irit

Depois dos seus braços produzirem em excesso,

sm3.n sw ḫnmsw

depois dos mosquitos[38] o terem chacinado

ḫmyw sfnd.n sw sfnd.f

e das moscas[39] o terem afligido e afligido[40],

ḥr wnn.f wḏʿ

ele fica, por isso, cortado.

iḳdw-nḏswt ḥr 3ḥwt

O oleiro está debaixo da terra

sʿḥʿ.f m ʿnḫw
enquanto permanece em pé entre os vivos[41].

ḫmw {n} sw r šȝwt r šȝiw
Ele destrói mais os prados[42] do que um suíno,

r pst ḫr ȝḫwt.{tw}f
para cozer aí em baixo os seus moldes[43].

ḥbsw.{tw}f nḫt {tw} m dbn
As suas roupas estão rijas e pesadas[44],

ʿȝgsw.f m stp
a sua touca[45] é um farrapo

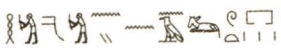
ʿḳ r ṯȝw{.s} fnd.f
e (assim) o ar que entra no seu nariz

pri{.s} [m] tȝ.f wḏȝ
e faz sair[46] (logo) altas temperaturas num ser são[47].

iw.f ḥr tiyt m rdwy.f[y]
Ele é um pilão com os seus pés[48],

sḫmw im.f ḏs.f
amassando ele próprio (o barro).

ḫmw h n pr nb{*t*}
Ele destrói o pátio de qualquer casa



ḫwi ny n nꜣ iwt
e torna irregulares[49] os lugares públicos.

6,1
T

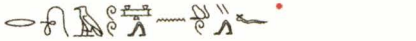
ḏd.i n.k mi ḳd-inbw
Vou falar-te igualmente do construtor de muros[50].

mr dpt
A (sua) experiência é dolorosa.

ḫr wnn.f m rwty n smꜣʿt
Ele está lá fora ao vento[51]

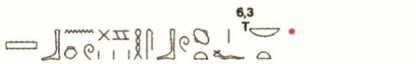
iḳdw.f m dȝiw
e constrói em tanga,

ʿȝgsw m sšny nȝyt
e uma touca de cordas[52] da casa de tecelagem[53]



r wȝww n pḥwy.f[y]
cai-lhe pelas suas costas.

ʿwy.fy ȝḳ m mnḫt
Os seus braços sofrem com a (sua) eficácia



šbn ḥs{b}t.f nbt
ao misturar todas as suas imundices[54].

wnm.f t {sw} ḏbʿw.f{y}
Ele come o pão com os seus dedos,

iʿw.f sw ḫr {ḫ}tr wʿ
mas para se lavar só tem um momento[55].

ḥs{y} n mḏḥ n ḏri.f rssy
É vil o carpinteiro precisar de ser completamente forte[56]

snny špw m ꜥt
para ultrapassar[57] a (instalação da) cobertura[58] de uma sala,

m ꜥt nt {r} mḥ 10 r mḥ 6
uma sala de dez cúbitos por seis cúbitos[59].

snny špw m ȝbd
Passa o mês a instalar a cobertura[60].

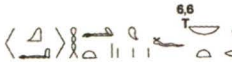
m-sȝ wȝḥ sbw m sšny nȝyt
Depois de aplicada madeira (?) com cordas da casa da tecelagem[61],

irw ḳȝt.s{t} nbt
todo o trabalho fica feito.

ir ꜥḳw rdi.f {sw} n pr.f
Quanto à comida que ele leva para sua casa,

{*pn*} [*nn*] *pnḳ sp sn ḥrdw.f*
não[62] há mesmo nada a distribuir [63] pelos seus filhos.

kȝry ḥr inn mȝḥḏ
O jardineiro transporta uma canga[64]



ḳʿḥ.f nb ḥr tnw
e os seus ombros[65] são usados totalmente até à velhice.

ʿwt wrt ḥr nḥbt.f
(Há) um grande corpo no seu pescoço

iw.s {*t*} *ḥr irt ʿdw*
que cria gordura[66].

sdwȝ.f ḥr iwḥ iȝḳt
Ele passa a sua manhã[67] a regar os legumes

mšrw.f ḥr šȝwt
e a sua tarde os coentros[68],

iri.n.f ḥr [ḥ]rw
depois de ter passado o dia[69]

m-sꜣ ḫt.f bin
mal do seu inchaço.

ḫpr ḫnw.f mwt.f rn.f
(Isto) acontecerá até a sua mãe esquecer o seu nome[70]

tnw r iꜣ{w}t nbt
mais envelhecido do que em qualquer (outro) ofício.

ʿḥwty ḥ{s}b(t) {f} r nḥḥ
O agricultor lamenta-se eternamente,

kꜣ ḫrw[.f r] ʿbw
levantando a sua voz mais alto do que a do corvo[71].

ḏbʿw.fy irw {n.i ʿʿwy.fy} [m ʿꜣwt]
Os seus dedos estão inchados[72]

6,9 T

ẖr ḥ3w nb n sḥbw
de carregar tudo sob os excessos dos ventos[73].

wrdw sw r mtr r {t} idḥw
Ele está muito cansado quando vai trabalhar para os pântanos

7,1 T

ẖr wnn.f m stp
e viverá (sempre) em farrapos.

wḏ3.f wḏ3 m m3iw
Ele é tão forte quanto são fortes os leões!

mr r dbiw ir.f
Os hipopótamos ficam aflitos com ele[74]!

h3w.[f] m ẖnw.{sn}[f]
O seu trabalho difícil[75] (sente-o) na sua residência[76]

spr.f im m š3w
ao chegar aí (vindo) dos campos inundados.

7,2 T

spr.f r pr.f [ḥ]ȝ{šr}w
Quando chega a casa à noite[77]

wḏ͑.n sw ḥr šmt
os seus movimentos prenderam-no com força[78].

ḳny m-ḫnw nȝyt
O homem que tece as esteiras de junco no interior da sala de tecelagem

7,3 T

bin sw r st ḥmt
tem uma posição[79] pior do que uma mulher (no parto)[80].

mȝsty.fy r r n ib.f
Com os seus joelhos contra o estômago[81]

nn tpi n.f ṯȝw
ele não respira o ar[82].

ir ḫbȝ.tw.[f] m hrw m sḫt.tw.[f]
Se ele destruir um dia de trabalho[83]

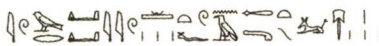
iṯḥw.f m sšny m 50
é castigado com cinquenta chicotadas[84].

iw.f di[.f] ꜥḳw n{w} iry-ꜥ3w
Ele tem que dar provisões aos porteiros[85]

r dit ptr.f {t3} [r] ḥḏwt
para poder ver a luz do dia[86].

irw ꜥḥ3w sfn.f r-sy
Do fabricante de flechas[87] há que ter pena

ḥr prt r ḫ3st
quando sai para o deserto:



iw wr dd{yw.tw}.f n{3} ꜥ3t.[f]
ele dá mais aos seus burros[88]

r k3t st r-s3 iry
do que o trabalho deles lhe dá a ele[89].

iw wr dd{yw}[.f n] imy[t]-ꜣ
Ele dá demasiado ao homem do campo

ddyw sw ḥr wꜣt
que lhe aponta o caminho (certo)[90].

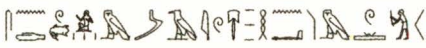
spr.f r im m šꜣw
Ele chega daí dos campos inundados[91]

spr.f r pr.f [ḫ]ꜣ{šr}w
e quando chega a casa à noite

wḏ.n sw [ḥr] šmt
os seus movimentos agarram-no com força[92].

sḫḫty ḥr prt r ḫꜣst
O mensageiro[93] vai para o estrangeiro[94]

swḏt.n.f ꜣḫt.{tw}.f n msw.f
depois de ter legado aquilo que é útil aos seus filhos,



snḏw m mȝiw ḥnᶜ ᶜȝmw
temendo os leões e os Asiáticos.

{i}[r]ḫ[.f] sw r.f iw.f ḥr kmt
Ele só se conhece[95] a si próprio quando está no Egipto,

spr.f im šȝw
ele chega aí aos prados[96]

spr.f r pr.f {ȝ}[m]šrw
e alcança a sua casa à tardinha[97]

wḏᶜ.n sw šmt
muito preso pela caminhada.

iw{.f} pryt pȝy.f m dȝiw m ḏbt
(Enquanto) as suas casas forem de pano[98] e de tijolo

nn iy{.f sw} snḏm-ib
ele não[99] regressará feliz.

7,9
T

stny ḏbᶜw.fy ḥwʒw

Quanto ao fogueiro[100], os seus dedos estão putrefactos[101]

sty iry m ḫʒw[t]

e cheiram como os cadáveres.

irty.fy wᶜw m ḥwrw{n}

Cada um[102] dos seus olhos está miserável[103]

8,1
T

nn ḫ{t}sf.f wrt.f

e não pode libertar-se dessa condição[104].

wrš.f [m] šᶜd n ist

Ele passa o dia a cortar canas[105]

bwt.f pw ḥbsw.f

e tem as suas roupas horríveis.

tbww bin sw r-sy

O fabricante de sandálias é completamente miserável,

ḫr dbḥt.f {m}r nḥḥ
está sob as coisas de que necessita para sempre.

wḏ3.f wḏ3 m ḫ3w[t]
A sua prosperidade é a prosperidade dos cadáveres[106],

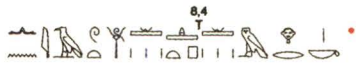
psḥ.f m {i}msk3.f
(mas) o que ele morde é (apenas) a sua pele[107].

rḫty ḥr rḫt{y} ḥr mryt
O lavador lava na margem (do rio)

s3ḥ-t3 m ḫntyw
e está ao alcance dos crocodilos.

pri it ḥr mw p3 ʿḏ
«Pai, sai da água salvo!»

{nn ḫsf.f s3.f} ḥr s3.f s3t.f
{ele não se opõe ao seu filho} dizem o seu filho e a sua filha[108]!



nn i3t ḥtp ḥr.k
Não é uma profissão que te satisfaça;

tnw [r] i3t nbt
é uma profissão distinta de todas as outras!

šbb {ḥr} šbnw ḥr ḥsbw.f
A porcaria mistura-se na sua comida[109];

nn rmnw {inn iw} wˁb im.f
nenhuma parte dele está limpa[110].

dd.f [sw] m d3iw [n] st ḥmt
Dão-lhe (até) uma tanga de mulher (casada?)

{ḥr} wnn{t.f} m ḥsmn[.s]
que estava com a menstruação;

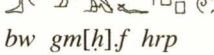
rmyt{.k} [n.f] wrš.f m-ˁ g3t
ele chora passando o seu tempo na mão da indigência

iw inr im.k
e carregando com isso[111].

ḏd.tw [n.f] ȝ{n}[m]w tw n.k m[sy.tw r.i]
Dizem-lhe: "Eis a roupa suja[112], vem aqui!

sḫrw spt im.k
(Pega-lhe) pela borda[113] e mergulha-a[114] tu próprio."

wḥʿw ȝpdw sfn{d}.f r-sy
O apanhador de aves aflige-se muito



bw gm[ḥ].f hrp
para encontrar um lugar para o seu desejo[115].

ir swȝ ȝpdw ḫnmw m ḥrt.f
Se um bando de pássaros passa no céu sobre ele[116],

ḥr.f ḏd.f ḥȝ-n-r.i m iȝdt
ele diz: «Se eu tivesse[117] uma rede!»

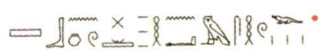
nn rdi.n nṯr ḫpr m-ˁ.f
Como o deus não permite que isso aconteça,

sfn.f ḥr sḫrw.f
ele aflige-se com os seus próprios planos[118].

ḏd.i n.k mi wḥˁ {r} rmw
Do mesmo modo, vou falar-te acerca do apanhador de peixes[119].

sfn.f r i3wt nbt
Ele aflige-se[120] mais do que em qualquer outra profissão.

nn wn m b3kw[.f] m itrw
Ele não tem trabalho a não ser no rio,



šbnw ḥnˁ msḥw
misturado com os crocodilos.

ir ḫpr n.f dmdyt nt ipt.f
(Mesmo) que ele consiga a paga por inteiro,

ḫr wnn.f {m} [ḫr] nḫwt
ele estará a lamentar-se[121].

nn ḏd n{tw}[.f iw] msḫw ꜥḥꜥ
Ele nunca diz: «Eis um crocodilo à espera».

šp{w}.n sw sndw[.f]
O medo cegou-o[122].

pri.f ḫr mw pw pȝ ꜥdw
Quando sai da água em boas condições

ḫr.f mi bȝw nṯr
ele diz que foi o poder do deus!

mk{y} nn iȝwt šw {m} ḫrpw
Olha, não há nenhuma profissão livre de administradores

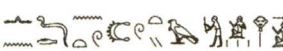
wp[-ḫr] sš{w} ntf [pw] ḫrp{w}
excepto[123] a de escriba: ele é o (seu próprio) patrão[124].

ir sw rḫ.k sš
Mas se tu sabes escrever

wn m nfr n.k st
isso será melhor para ti

r nȝ n iȝwt dd.i m ḫr.k
do que as profissões de que te falei[125].

mk{y} iry[-sš] ḫwrw n.i iry[-sš]
Olha! Um subordinado é um humilde subordinado[126]!



nn ḏd n.tw ʿḫwty ḫr s pn
Ninguém[127] pode dizer que um agricultor é este homem;

m sȝw ir.k
não é um guardião para ti[128].

mk{y} ir st m ḫntyt r ḫnw
Olha, isto[129] foi feito viajando para sul em direcção[130] à residência real!

mk{y} ir{t} st n mry.k
Olha, isto foi feito por amor a ti!

ȝḫ n.k hrw m ꜥt-sbȝ
É benéfico para ti um dia na escola:

iw r nḥḥ kȝt.s{t} ḏww
é para a eternidade, o seu trabalho é uma montanha[131].

iw.s{t} ȝs sp-sn di.i rḫ.k
Apressa-te! Apressa-te! Eu quero que aprendas.

di.i mry[.k] {s}s[n]ḥp btnw
Eu quero que desejes pôr em movimento uma rebelião[132].

ḏd.i n.k mi kt-ḫw mdwt
Eu vou dizer-te igualmente outras palavras

r sbȝ.k rḫ.k
para te instruíres no teu conhecimento.

9,6 T

mi ꜥḥꜥ.k r bw ꜥḥꜣ.tw{.k}
(Tais) como: se te detiveres num lugar onde alguém luta[133]

m {ntk n nty ???} [tkn.k] dbt ḥr sẖrw
não te aproximes … … da agitação com um tijolo[134].

ir ṯꜣy.tw dbt [ḥr] ꜣst{.i}
Se alguém pegar num tijolo precipitadamente,

nn rḫ.tw bw ḫsf srf
ninguém sabe como evitar o calor (do momento).

9,7 T

mtr ḫr sḏmyw
Testemunhar junto dos juízes

iri n.f wšb ḥr.f wḏfꜣ
(permite que) ele crie para ele uma resposta demorada[135].

ir šm.k m pḥwy srw
Se caminhares atrás de altos dignitários[136]

m {n} tkn wꜣw m rḫ nfrt
não te aproximes muito, como quem sabe o que é bom.

ir {ir} ꜥḳ.k iw nb{t} pr m pr.f
Se[137] tu entrares e o senhor da casa estiver em sua casa,

iw bw ꜥwy.fy n ky r ḥꜣt.k
e estiver no lugar com os seus braços (estendidos) para outro à tua frente,

iw ḥmsi.k [wi] ḏrt.k m r.k
tu sentar-te-ás com a tua mão na tua boca.

m dbḥ ꜣḫt r-gs.f
Não peças benefícios[138] ao seu lado,

iri n.f mi ḏdt im
(mas) reage com ele quando fores interpelado.

m sꜣw ṯs r ṯt
Evitar fixar a mesa[139].

dns im.k wr šfyt
Sê ponderado contigo e grande de respeito.

m ḏdt mdt n ḥ3pw
Não fales de assuntos secretos.

iw ḥ3p{.f} ḫt iri n.f ikmw
Aquele que oculta o corpo faz-se a ele próprio um escudo[140].

m ḏdt mdt n pr-ᶜ ib
Não digas palavras de coração activo[141]

iw ḥmsi tw ḥnᶜ{.k} ksmw
quando estás sentado com alguém que é irritável.

ir pri.k m ᶜt-sb3
Se tu saires da escola

m-ḫt smi.tw n.k mtrt
depois de[142] te terem anunciado meio-dia,

ḥr šmt hȝi nw[d] nȝ iwyt
(para) andar para baixo e voltar[143] em lugares públicos,

ṯs n.k m pḥwy n bw n[.k] st
prepara-te[144] na retaguarda para o mal disso em ti[145].

ir ḥȝb tw sr m wpwt
Se um alto dignitário te mandar em missão[146],

i ḏd.f mi {i} ḏd.f sw
ó! fala (exactamente) como ele falar!

m iṯt m rdit ḥr st
Não retires nem ponhas (nada) relativamente a isso!

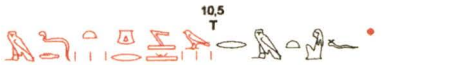
iw ḫȝᶜ.f hȝi nwd
Aquele que deita abaixo desvia-se;

nn rn.f wȝḥ-ib
o seu nome não é durável[147].

iw.f ḫr ꜥrḳ m bi3t.f nbt
Aquele que prestar juramento com todo o seu bom exemplo,

nn wn imn ir.f
nada lhe será escondido

nn tnw.f r st.f nbt
e não será feita distinção em relação a cada situação.



m ḏd grg r mwt.f
Não digas mentiras contra a mãe dele[148].

3bw srw {pn} [pw]
Este alto dignitário evita (isso)!

ir m-ḫt ḫprw 3ḫwt
Se depois acontecerem coisas úteis[149],

ꜥwy.fy twt rdi ib sfn{d}.f
os seus braços serão naturais e o seu coração misericordioso.

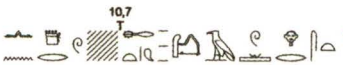
m rdit ḥr st ḥnᶜ ksmw
Não se acrescenta isso com um desafio!

10,6
T

iw ḫsy sw r ḫt sḏm.tw n.k
É vil para o ventre se tu lhe obedeceres!

ir sꜣi tw 3 n t
Se ficares satisfeito com três pães

sᶜm hnw 2 n ḥnḳt
ingeridos com dois jarros de cerveja,

10,7
T


nn ḏr ḫt ᶜḥꜣ ḥr st
não haverá obstáculos[150] para o ventre poder lutar por isso.

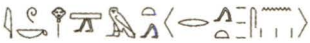
ir sꜣ.tw n ky m ᶜḥᶜ
Se um outro se sacia não permaneças.

m sꜣw ṯst r ṯt
Evitar fixar a mesa[151].

mk{y} ḥ3b.k ꜥš3t
Olha! Tu enviarás multidões[152]

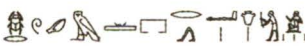
sḏm.k mdt srw
e ouvirás[153] os discursos dos altos dignitários.

iḫ iry.k ḳi msw rmṯ
Então, tu adquirirás a maneira de ser[154] dos filhos dos homens[155],



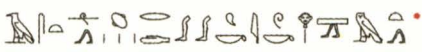
iw.k ḥr šmt r nmtt.sn
ao caminhares com os seus passos[156].

m33.n.tw sš [ḥr] sḏm
Um escriba é visto segundo a forma como ouve;



ḫpr sḏm pr-ꜥ ib nḫt
aquele que escuta transforma-se num valor forte para o coração.

ꜥḥ3.k mdt nt r.s
Tu deves opor-te à linguagem da tua boca[157].



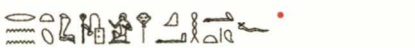
ȝst rdwy.k iw.k ḥr šmt
Apressa os teus dois pés quando te puseres a caminhar,

nn kfȝw ib.k
sem te privares do teu coração.

smȝ mtn r.s {st}
Associa-te a alguém mais (importante) do que tu[158]:

ḫnmsw s ḏȝmw.k
os amigos de um homem são a sua tropa[159].

mk{y} rnnt ḥr wȝt nṯr
Olha! Renenet[160] pôs-te no caminho do deus[161].



rnnt sš ḥr ḳᶜḥ.f
A Renenet do escriba está sobre o seu ombro

ḥrw n msi.f
no dia do seu nascimento.

spr.f ꜥr{n}[r]yt
Ele chegará à sala de audiências[162]

tȝ ḳnbt iri n[.f] rmṯ
e o tribunal enviar-lhe-á[163] gente.

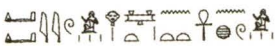
mk{y} nn [wn] sš šw [m] wnm
Olha, nenhum escriba terá falta de comida

ȝḫt nt{y} pr-nswt ꜥnḫ wḏȝ snb
ou de bens do palácio real, v.p.s.!

msḫnt wȝḏt [nt] sš
Meskhenet[164] fará florescer o escriba

ddy ḥr-ḥȝt ḳnbt
e pô-lo-á à frente do tribunal.

dwȝ-nṯr it[.k] mwt.k
Agradece ao teu pai e à tua mãe



ddy ḥr wȝt nt{t} ⸢nḫw
que te puseram no caminho dos vivos[165]!

mk{y} nn {iw}[rdi].i m ḥr.k
Olha, isto que eu fiz para ti

msw n msw[.k]
é (também) para os filhos dos teus filhos!

11,5
T

iw.s pw nfr m ḥtp
Isto é o seu fim[166], perfeito e em harmonia.

NOTAS

[1] O início da segunda frase já não deveria ser grafado a encarnado. Será um tipo de distracção que se repetirá (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 12; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 93).

[2] A preposição está trocada com o substantivo.

[3] Tjaret pode ser uma corrupção de Tjaru ( ) que é Silé, um posto fronteiriço a nordeste do Delta, perto do actual Tell Abu Sefa, vigiando a fronteira entre o Delta e o Sinai e bem no meio dos «Caminhos de Hórus». Poderá mesmo mais tarde, em relação ao hipotético tempo literário da sua criação, ter sido uma das residências reais no Império Novo. Um outro significado desta palavra é «entrincheiramento», o que está de acordo com um posto fronteiriço. Não parece ser a palavra «cabine», um outro significado para *tjaret*; não faria qualquer sentido. Se nos lembrarmos do *Conto do Camponês Eloquente*, são mais dois homens comuns, ou um homem e uma criança, que vêm da periferia do Egipto directos ao seu coração. Desta vez do lado contrário do Delta (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 281; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 192; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 330; cfr. J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 166 e 167; B. MANLEY, *Atlas Historique de l'Égypte Ancienne*, pp. 67, 77, 93 e 94; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 303; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 476; cfr. notas 26 e 147 da *História de Sinuhe*).

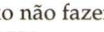
[4] O nome da personagem principal deste texto tem feito correr muita tinta. Uns defendem que se deve ler «...chamado Duaukheti, para o seu filho...»; outros lêem «...chamado Kheti, filho de Duauf,...»; e Erman lê mesmo «...chamado Duauf, filho de Kheti...». No primeiro caso deveríamos ter *dwꜣw-ḫty rn.f n sꜣ.f*, mas o que lá está é *dwꜣwf-sꜣ ḫty rn.f* que é o segundo caso, exactamente a mesma situação de *mrw-sꜣ rnsy*, «Rensi, filho de Meru», o intendente que encontramos no *Conto do Camponês Eloquente*, ou *imny-sꜣ imnꜥꜣ*, «Amenaá, filho de Ameni» no *Conto do Náufrago*. Tal como já aí fizemos referência, aparentemente é uma situação específica criada no Império Médio, a partir da XII dinastia, com o aparecimento na escrita hierática do chamado método invertido para expressar filiação. Só não temos a certeza absoluta pelo facto de não haver a contracção do G. G39 ( ) e substituição por G. H8 ( ). Num texto tão problemático ficamos sem saber se é ou não erro, contudo optamos por seguir a regra que encontrámos no *Conto do Camponês Elequente* e no *Conto do Náufrago*. Sendo a nossa leitura correcta, o texto original poderá ter sido, de facto, criado na XII dinastia (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 275; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 185; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 330; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 68; cfr. nota 26 do *Conto do Camponês Eloquente* e nota 81 do *Conto do Náufrago*).

[5] A palavra «filho», *s3*, apresenta aqui o inusitado determinativo G. G7 ( ) que surgia no Império Antigo na composição da palavra «Hórus», e que, desde essa altura, foi usado também como determinativo em nomes de deuses ou na palavra «rei» ou, ainda, em palavras associadas à pessoa real, sejam os seus nomes ou mesmo a primeira pessoa do singular do pronome sufixo quando o rei falava. A escrita hierática veio a substitui-lo com maior regularidade pelo caracter G. A40 ( ). Aparentemente nada indica que Pepi seja um rei, ou um príncipe, ou uma divindade, mas que G. G7 se encontra nesta palavra é um facto (W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 13; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 94; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 468).

[6] Faz mais sentido haver um *w* a mais e termos uma partícula proclítica reforçada por uma partícula enclítica numa proposição circunstancial concomitante, do que uma partícula enclítica, que nunca poderia encabeçar uma frase, seguida de *tw*, o que jamais poderia acontecer, fosse este um pronome dependente, demonstrativo ou indeterminado (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 174-189).

[7] A palavra *ḫntyt* quer dizer especificamente «viajar para sul», «navegar», «navegar para sul» ou «descer» num percurso. Como se pode viajar para sul caminhando e não navegando, se não houver outros elementos complementares, ficamos na incerteza da viagem ter sido feita por terra ou pelo rio (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 194-195; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 326-327).

[8] Aparentemente poderá faltar o *r*; aliás, bastava mesmo a preposição *r*. Mas como temos lá *ntt*, o autor deveria querer escrever *r-ntt*, um adjectivo *nisbe* com função de advérbio, isto é, um adjectivo derivado de uma preposição onde a desinência *y* está omissa. Contudo é um uso pouco indicado nestas circunstâncias, obrigando a uma situação «de recurso» (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 166-167 e 174; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique*, pp. 61-63; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 260).

[9] A frase está errada. Deveria ser *m ḳ3bw msw* () e não *nn ḳ3bw.f msw*. A negativa e o pronome sufixo não fazem qualquer sentido. Aliás, é isso que se vê nos óstracos *Mü 396* e *Genf 12551* e, parcialmente, nos óstracos *DeM 1014*, *GČ 102,3* e *Mi 45* (W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 16; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 96).

[10] Outra frase errada. Deveria ser *imyw-ḫ3t nt ḫnw* ( ), isto é, «aqueles que estão na frente» ou «aqueles que vêm antes», e não *imy ḫry nt ḫnw*. Essa correcção, ou similar, é feita nos óstracos *Mü 396*, *Mü 3787*, *DeM 1175*, *GČ 10,1*, *GČ 102,3* e *Genf 12551* (W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 16; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 96).

[11] A expressão «estar sobre a água» significa «estar no bom caminho» (cfr. nota 66 da *História de Sinuhe*).

[12] Era uma espécie de compêndio, uma compilação de frases/princípios utilizada na formação dos escribas. Aparece citado no *Ensinamento do Papiro Chester Beatty IV* «como a obra fundamental da cultura, ao lado da qual merecem ser postas as obras dos grandes escritores posteriores» (P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 197, nota 21)

[13] A expressão *im.s*, «com ela», em vez do pronome sufixo *.s*, aparece erradamente com o pronome dependente *st*. Esta troca de pronomes é constante ao longo deste texto.

[14] Entre o substantivo *st* e o pronome sufixo *.f* há um pronome dependente *tw* errado e a mais. Provavelmente uma troca de pronomes descoberta a tempo, mas que não foi apagada!

[15] Aparentemente a preposição *ḥr* está a mais na frase. Esta frase e a seguinte estão trocadas em Brunner (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 16; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 96).

[16] Nesta frase corrige-se a posição de *n* criando-se um futuro, isto é, em vez de *nn pri.f ḥtpw* teremos *n pri.n.f ḥtpw*, dando-se um valor retórico à frase, seguindo a sugestão de Posener (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 35).

[17] A frase só faz sentido se for negativa. A construção negativa aparece nos óstracos *Genf 12551*, *S 147*, *P 12411* e *DeM 1042* (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 27; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 104).

[18] Pela segunda vez aparece o determinativo G. G7 (𓅬) e, tal como referimos na nota 5, num pronome sufixo, neste caso na segunda pessoa do singular masculino, uma vez que é o pai, pelo menos o pai literário, que se dirige directamente ao filho. Quem é este Pepi? Uma pessoa vulgar a quem o autor, ou um copista, nobilita por erro de grafismo? Aparentemente nada tem a ver com Pepi I, ou com o seu filho Pepi II (entre ambos terá governado Merenré, filho do primeiro e irmão do segundo), derradeiros faraós do Império Antigo, durante a VI dinastia. Nas duas fontes impressas que seguimos, o primeiro dos casos é apresentado, por Helck, em quatro dos doze documentos que contêm esta frase (*Papiro Sallier II* e óstracos *DcM 1043*, *GČ 102,3* e *R 65*), havendo mais um óstraco (*Mü 3787*) que, num espaço deteriorado, parece ter tido também o caracter em questão. Brunner apresenta apenas dois casos em seis (*Papiro Sallier II* e o óstraco *ODM 1043*), com possibilidade de haver mais três casos (os óstracos *OM 1*, *OM 2* e *OR 64*) que o apresentavam em espaços hoje deteriorados. Quanto ao segundo caso Helck apresenta apenas um único caso em seis hipóteses (*Papiro Sallier II*) e Brunner uma em duas (*Papiro Sallier II*), aliás a mesma de Helck. É evidente que pode ter havido um erro em determinada altura e os restantes casos serem cópias a partir

desse erro. Nada mais no texto é referido de forma a podermos esclarecer esta questão (W. HELCK, *Die Lehre des dwȝ-ḫtjj*, teil I, pp. 13 e 28; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, pp. 94 e 106).

[19] O pronome dependente, segunda pessoa singular masculina, *tw*, está fora do lugar. Tal como no verbo anterior temos aqui o verbo na voz passiva, devendo-se escrever «enviado» da seguinte forma: *hȝb.tw.f* (B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique*, pp. 165-167).

[20] O pronome dependente *sw* não está no seu lugar.

[21] Isto é, regressará como adulto.

[22] «Ser enviado em missão» era uma espécie de consagração para o funcionalismo, conforme explicita Vernus na «Apresentação» do seu estudo sobre as sabedorias do Egipto faraónico, onde mostra cinco exemplos de diferentes instruções sobre esta questão (P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, pp. 30-31).

[23] Não nos parece que entre *nbyw* e *hȝb.f* haja qualquer palavra. Contudo, falta o pronome dependente, segunda pessoa singular masculina, *tw*, para a construção da voz passiva estar correcta (W. HELCK, *Die Lehre des dwȝ-ḫtjj*, teil I, p. 35; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 112).

[24] Esta palavra, ou algo que se aproxime, não se encontra nos dicionários consultados. Contudo, com o determinativo de «casa» ou «sala» ( ), conjugado com o determinativo de «chama» ou «fogo» ( ), e com a existência da palavra «temor», «terror», «medo», «respeito» com uma grafia muito aproximada ( ), parece-nos que, neste contexto, a nossa hipótese tem possibilidade de ser ou estar muito próximo da realidade, ainda que a palavra possa estar mal grafada (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp.166-167 e 174; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 176; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 302).

[25] Ou seja, os excrementos. É provável que se pretendesse escrever *ḫrt* ( ), «produtos», conforme aparece em dois óstracos (*DeM 1014* e *GČ 12,3*), em Helck e no óstraco *ODM 1014I*, em Brunner (W. HELCK, *Die Lehre des dwȝ-ḫtjj*, teil I, p. 37; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 113).

[26] Corrigimos a palavra «ovos» segundo o óstraco de *Toronto A3* (W. HELCK, *Die Lehre des dwȝ-ḫtjj*, teil I, p. 37).

[27] A enxó é uma ferramenta semelhante ao cinzel, igualmente com uma lâmina metálica, mas ela é mais adequada ao trabalho da madeira do que o cinzel, utilizado sobretudo no trabalho da pedra. Os dois caracteres da área deteriorada foram restaurados graças ao óstraco *DeM 1014* (W. HELCK, *Die Lehre des dwȝ-ḫtjj*, teil I, p. 39; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 114).

[28] Segundo Faulkner, *mny* ( ) é corveia, parecendo-nos que esta é uma outra grafia da mesma palavra. Vernus diz que eram tarefas requeridas pela agricultura

como, por exemplo, a limpeza de canais ou a remoção de terras, que os proprietários exigiam aos seus dependentes (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 108; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 197).

[29] Ou seja, se o trabalho se prolongasse pela noite, ele em vez de parar continuava a trabalhar à luz artificial. O verbo causativo *st3* ( ) significa «acender» uma vela ou um archote. Por sua vez, o substantivo *st3t* ( ) significa «lamparina», «candeia». Os outros caracteres são determinativos que ficam à responsabilidade de quem os escreveu (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 253).

[30] Aparentemente é uma palavra derivada do verbo *msi* + o substantivo *ʿ3t*. Deve ser um substantivo colectivo e não um plural: o joalheiro (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 38 e 116; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 115 e 218).

[31] Muito provavelmente, o caracter G. G1 estará em vez de G. G25. Esta palavra não consta dos dicionários consultados como «incrustar», ou qualquer seu sinónimo, como a maioria dos tradutores sugerem. Nem os seus determinativos nos parecem apontar para aí. Aparece com o significado que lhe damos, ainda que seja necessário subentender uma palavra, o que não é novidade nos textos egípcios (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 4; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 66; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 276; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 186; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 331; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, pp. 68-69; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 183; W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 45).

[32] Provavelmente é uma referência às pedras preciosas com que fazia os seus belos trabalhos para honrar Ré.

[33] O caracter da área deteriorada foi restaurado graças ao óstraco *DeM 1204* (W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 44).

[34] Isto é, ele está entregue ao trabalho.

[35] A palavra «ombro», *kʿḥ*, tem um *t* a mais: nem a palavra nem a frase são femininas (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 276; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 435).

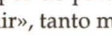
[36] A frase («ele vai de rua em rua») deveria escrever-se *dd.f sw m mrt r mrt*, como acontece no óstraco *Ramesseum 76*, mas no papiro que seguimos em vez de *m* aparece *r* (W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 46).

[37] Esta palavra não se encontra em nenhum dos dicionários consultados. Mas pelo contexto está certamente correcta a percepção dos anteriores tradutores onde a encontrámos (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 276; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 186; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient*

Egypt, p. 331; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 184; W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 51).

[38] Tal como no caso da nota anterior, esta palavra não se encontra em nenhum dos dicionários consultados. Mas pelo contexto está certamente correcta a percepção dos anteriores tradutores onde a encontrámos (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 276; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 186; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 331; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 184; W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 51).

[39] Tal como nos casos das duas notas anteriores, esta palavra não se encontra em nenhum dos dicionários consultados. Mas pelo contexto está certamente correcta a percepção dos anteriores tradutores, onde a encontrámos (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 276; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 186; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 331; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 184; W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 51).

[40] Esta palavra, em duplicado, deve ser o verbo causativo *sfn* (), estando mal escrito (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 224).

[41] Embora os oleiros extraíssem o barro do subsolo, há aqui uma ênfase que compara a sua tarefa com a morte.

[42] O verbo *ḫm* significa «excluir», «pôr de parte», donde nos parece ser possível a tradução menos literal de «destruir», tanto mais que este verbo, com outro determinativo, significa «demolir» edifícios (O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 191). Não nos parece, portanto, que deva significar «escavar», «fossar» como pretendem Parkinson e Lichtheim, aproximando-se mais do «fazer buracos» de Simpson. Já a tradução de Vernus, «as imundices infestam-no mais do que a um porco», parece-nos excessivamente interpretativa. Por outro lado, o determinativo da palavra *š3wt* associa-a a vegetação, a campo, e não a «barro» ou «imundices» (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 276; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 186; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, pp. 331-332; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 184).

[43] Parece-nos que é uma referência dupla: não só à extracção do barro para fazer as peças, mas também ao processo de cozedura em grandes fogueiras meio enterradas no solo, sobre as quais se punham as peças a cozer. É certamente usado em tom depreciativo, uma vez que desde a Época Pré-dinástica que os Egípcios usavam fornos de cozedura. Nada parece faltar no final da sétima linha, tal como se comprova em *Un. Coll, GČ 13,1* e *GČ 100,3* (cfr. I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, pp. 224-226; J. D., BOURRIAU, P. T., NICHOLSON, P. J., ROSE, «Pottery», em I. SHAW e P. NICHOLSON, *Ancient Egyptian Materials and Technology*, pp. 121-147; W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 54).

[44] O termo *dbn* é normalmente utilizado em relação aos pesos de uma balança (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 311).

[45] Também esta palavra não se encontra em nenhum dos dicionários consultados. A sua tradução varia de tradutor para tradutor: Parkinson traduz por «tanga», Lichtheim por «faixa em volta da cinta», Simpson por «pano para a cabeça» e Vernus diz que tanto pode ser um «barrete» como uma «cintura», mas opta pelo primeiro. Uma vez que antes se falou da roupa, certamente endurecida com uma mistura de suor, pó e argila, que não deveria ser muito mais do que uma tanga, parece-nos lógico que esta palavra se refira à cobertura da cabeça. A maior parte dos Egípcios andava de cabeça descoberta, com o cabelo rapado ou de cabeleira, segundo a época. Contudo, havia muitos adereços para a cabeça e cabelos, tanto para homens como para mulheres. A cabeça totalmente coberta era comum no faraó, que usava as suas coroas, em altos sacerdotes e altos funcionários, podendo os primeiros usar algumas coroas rituais e usando todos um pano que rodeava a cabeça e caía sobre os ombros à semelhança do *nemés* do faraó, um seu exclusivo. Na arte egípcia são visíveis alguns trabalhadores com a cabeça coberta por dois tipos de panos: um pano simples preso à volta da cabeça e caindo pelas costas, usado à semelhança do *nemés*; ou um pano, igualmente simples, mas justo à cabeça, cobrindo-a da testa ao pescoço e rodeando as orelhas de modo a criar nesta touca uma espécie de patilhas, como se fosse a própria cabeleira (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 276; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 186; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 332; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 184; cfr. E. PRISSE D'AVENNES, *Atlas of Egyptian Art*, desenhos das pranchas PL.II.55, PL.II.56 e 57 e PL.II.59; J. MÁLEK, *Egyptian Art*, p. 8; A. SILIOTTI, *Guida alla Valle dei Re, ai templi e alle necropoli tebane*, p. 152).

[46] A construção desta frase e os seus vocábulos estão errados. Os pronomes sufixos singulares femininos *.s* parecem-nos deslocados. Provavelmente pretender-se-ia escrever *r ḫ t3w r fnd.f*, tal como é visível nos óstracos *Un. Coll*, *GČ 13,1* e *GČ 100,3*. Do mesmo modo parece faltar a preposição m, que surge nos óstracos *DeM 1204* e *GČ 13,1* (W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḥtjj*, teil I, p. 55).

[47] Com o corpo mal protegido, permanentemente ao sol e perto do calor das fogueiras de cozedura, facilmente adoeceria.

[48] Sánchez Rodríguez diz que *tiyt* ( ) é uma espécie de madeira (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 462). Nos óstracos *DeM 1204*, *GČ 13,1* e *P 14344*, *iw.f ḥr* é substituído por *iri.n.f* (W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḥtjj*, teil I, p. 56).

[49] O verbo *ḫwi* ( ) tem diversos significados: «bater», «bater palmas», «malhar» ou «debulhar» cereal, «atirar» contra a parede, «andar» numa estrada, «esmagar com o pé», «deambular». Mas se a sua grafia for , para além de poder

ser o verbo «chover», é tradução também para os substantivos «inundação», «vagas» e «ondulação», para os verbos «ondular» e «agitar-se» ou para a expressão «elevar-se e baixar em movimento ondulatório». É provável que o escriba tenha querido transmitir a ideia de que a acumulação do barro desprezado pelo oleiro tornasse os solos onde isso acontecia ondulados, ou seja, irregulares (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 165). Nesta frase é empregue a palavra *ny*. O pronome sufixo dual na primeira pessoa não faz sentido, tanto mais que no médio egípcio era já obsoleto, não passando de um arcaísmo; para ser o advérbio «para esse fim» também não está gramaticalmente correcto, aparecendo depois de um verbo e não após o substantivo (o sujeito da frase) ou um grupo de palavras, para as reforçar ou precisar (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 39, 97, 156-158).

[50] Não nos parece que seja o «pedreiro», como pretendem alguns, uma vez que mais adiante se diz que ele fica com os braços cheios de terra. Parece-nos antes aquele que fabricava adobes com a lama do Nilo e depois os usava para as mais variadas construções, com excepção das construções tumulares ou dos templos (A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 69; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 277; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 187; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 332; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 184). A transcrição de Helck do papiro que seguimos, não apresenta aqui nenhuma indicação de que esta frase esteja no papiro a encarnado. Contudo, a transcrição de Brunner dá essa indicação. Como nos parece que a apresentação da primeira frase de cada estrofe a encarnado seria um padrão do original, seguimos esta segunda transcrição neste particular (W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḥtjj*, teil I, p. 59; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 125).

[51] A palavra *sm3ʿt* não se encontra em nenhum dicionário. Como todos os tradutores consultados concordam em traduzi-la por «vento», com o que o determinativo G. P6 ( ) está de acordo, o mais certo é aquela grafia ser um erro. Provavelmente pretendeu-se escrever *m3ʿw* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 102; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 277; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 187; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 332; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 184).

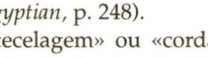
[52] Para a palavra *ʿ3gsw* cfr. nota 45. No que respeita à palavra *sšny*, embora no papiro que seguimos, *Papiro Sallier II*, não seja possível ler os dois caracteres iniciais, eles surgem claramente expressos no *Papiro Anastasi VII* e nos óstracos *DeM 1022* e *DeM 1023*. Contudo, deve haver alguma confusão na sua grafia, sobretudo nos determinativos, uma vez que não faz sentido que um trabalhador destes andasse com a cabeça coberta com «lótus». Provavelmente pretender-se-ia escrever o colectivo «cordas» ou «cordagem»: . Uma touca grosseira de corda faz

mais sentido: protegia-o do sol e servia de apoio ao que carregasse à cabeça, como uma espécie de rodilha portuguesa (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 61; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 127; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 248).

[53] «Cordas da casa de tecelagem» ou «cordas da sala de tecelagem», em nosso entender, significa cordas em bruto para tecer.

[54] Para tornar os adobes mais resistentes, o seu fabrico implicava a mistura de palha e de outros produtos orgânicos semelhantes, ao lodo do Nilo.

[55] Ou seja, lava-se rapidamente e mal.

[56] Esta passagem só fará algum sentido se usarmos parte da frase correspondente que encontramos no *Papiro Amherst*, uma vez que nos parece que a frase do *Papiro Sallier II* não tem tradução (). Também esta frase não aparece grafada a encarnado em nenhum dos papiros referidos, mas surge a encarnado no *Papiro Anastasi VII* e no óstraco *DeM 1023*. Sobre este particular cfr. nota 49 (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 65; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 130).

[57] A palavra *snny* não existe mas é homófona do verbo *sni* ( ). Como parece que estamos num exercício escolar ditado, e acrescentamos, na presença de um aluno de pouco mérito, é provável que tenha havido aqui mais um erro ao escrever a palavra ouvida (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 229).

[58] É claramente um mau momento do nosso jovem aprendiz de escriba. A palavra *špw* também não existe. Admitimos que, provavelmente, ter-lhe-ão dito *šnw* ( ), que significa «fechado», «cercado», «coberto», da família do verbo *šni* ( ), «rodear», «vedar», «cobrir», que, pelo menos, faz sentido (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 267-268).

[59] O *mḥ* é uma antiga medida de comprimento utilizada pelos Egípcios, correspondente a cerca de meio metro, mais exactamente 523 milímetros. Embora esta medida tenha sofrido algumas variações, este quantitativo foi o que mais se identificou com ela. Por corresponder sensivelmente ao comprimento médio do antebraço humano, no Ocidente designou-se a medida antiga que lhe correspondia por cúbito, um dos dois ossos do antebraço, e em Portugal foi designada também por côvado, equivalendo a 66 centímetros (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 199; A. HOUAISS ET AL., *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, pp. 1114 e 1146). Assim sendo, a referida sala teria 5,23 metros de comprimento por 3,138 metros de largura.

[60] Seguimos o raciocínio descrito na nota 59. Segundo vemos nas transcrições de Helck e Brunner, esta passagem está bastante deteriorada no *Papiro Sallier II*, faltando mesmo alguns caracteres, o que nos obriga a completá-la com passagens compostas a partir do *Papiro Amherst*, do *Papiro Anastasi VII* e do óstraco *R 78* (W.

HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 67; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 131).

[61] Cfr. notas 59 e 60. Neste discurso, as habitações aqui referidas são das mais humildes e antigas, sem segundo piso ou simples terraço, sendo os telhados cobertos de madeira, principalmente de ramos de palmeira ou juncos, devidamente seguros entre si com cordas.

[62] Aqui deveria estar a negativa *nn* ( ), conforme se vê no *Papiro Amherst* e no óstraco *DeM 1204* (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 68; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 133).

[63] O verbo *pnḳ* tanto pode significar «gastar» como «despejar» ou «distribuir» um líquido, dependendo dos determinativos (O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 89; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 179). A expressão *sp sn* ( ), já antes utilizada, tem o significado de «duas vezes» e obriga-nos a a repetir a palavra ou expressão imediatamente antes, duplicando ou reforçando o seu valor ou sentido. Na língua portuguesa esse reforço em vez de ser a repetição, «nada a distribuir, nada a distribuir» ou melhor, «nada nada a distribuir», é feito com o adjectivo «mesmo» (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 498).

[64] Outra palavra que não aparece nos dicionários mas que todos os tradutores são unânimes em a traduzir por «canga» ou palavra de significado similar. Seria um pau atravessado nas costas, apoiado nos ombros e pescoço, levando suspenso de cada um dos lados o que bem se entendesse: recipientes com líquidos ou outras coisas pesadas. Conhecido em representações desde o Império Antigo, há mesmo um hieróglifo desde o Primeiro Período Intermediário que retrata a situação e que Vernus diz ser ideograma de jardineiro, por ser um aparelho próprio desta profissão ( ). Nem neste texto nem no dicionário de Faulkner a palavra *kꜣry* tem tal determinativo (P. VERNUS, «Le vizir et le balancier. À propos de l'enseignement de Ptahhotep», em C. BERGER et B. MATHIEU (eds), *Études sur l'Ancien Empire et la nécropole de Saqqâra dédiés à Jean-Phillipe Lauer*, pp. 437-443; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 284).

[65] Conferir nota 35. Completado com recurso aos *Papiro Amherst* e *Papiro Anastasi VII* (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 71; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 134).

[66] A utilização sistemática e prolongada de um tal equipamento provocava uma deformação, uma espécie de «calo» de gordura ou de um grande quisto sebáceo, com o qual o corpo humano se protegia de tão esforçada tarefa.

[67] A palavra «manhã» escreve-se *dwꜣ*, ou *dwꜣw*, e não *sdwꜣ* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 89). Completado com recurso ao *Papiro Amherst* (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 72; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 134).

[68] Completado com recurso ao *Papiro Amherst* (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 72; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 134).

[69] Com estes determinativos não é difícil perceber que a palavra seria *hrw* (), mesmo podendo estar mal escrita, uma vez que entre G. D21 () e G. N5 () deveria estar G. Z7 (), conforme parece ver-se na prancha 72 do *Papiro Chester Beatty* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 159; W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 72; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 135).

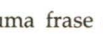
[70] Ter um nome era muito importante no antigo Egipto. Nomear era dar existência a alguém ou a alguma coisa. Até na criação do mundo por Ptah a nomeação, a palavra, tinham importância capital. Se quem concebe já não nomeia o seu fruto, é porque ele está morto. Esta passagem e seguinte só se tornaram compreensíveis com o recurso à sua reconstituição através do texto expresso nos *Papiro Amherst* e *Papiro Anastasi VII* e no óstraco *DeM 1204* (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 72-73; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 135-136).

[71] Palavra inexistente nos dicionários consultados. Parkinson, Lichtheim, Simpson e Vernus concordam que o significado desta palavra é «corvo», cuja etimologia possível é defendida por W. Ward, ao referir que a designação do pássaro *ꜥbw* surge em textos contemporâneos também como o pássaro *ꜥbpyt* ou pássaro *ꜥby*, que parecem ser variantes do verbo *ꜥpy* («voar») da Época Baixa (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 277; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 187; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 332; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 185; W WARD, «The biconsonantal Root **bꜣ* and Remarks on bilabial Interchange in Egyptian», *ZÄS* 102 (1975), p. 64).

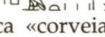
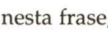
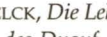
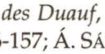
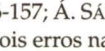
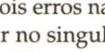
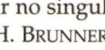
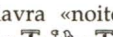
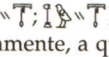
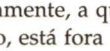
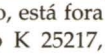
[72] Ou «feitos com grandeza». Esta frase e a anterior só são compreensíveis graças ao cruzamento do papiro que seguimos com o óstraco *K 25217*, com o qual foi possível fazer as correcções introduzidas (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 76; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 137-138).

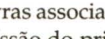
[73] Esta frase teve que ser corrigida com o óstraco *K 25217*, pois o *Papiro Sallier II* tem no início um incompreensível *ḳꜣ*, semelhante ao da linha anterior, mas sem qualquer determinativo. A palavra *sḥbw* não existe, mas com o determinativo G. P5 () admitimos que possa ter sido uma tentativa de escrever o plural de *swḥ* () ou de uma sua variante. A tradução «os seus dedos estão inchados e cheira mal em excesso», não nos parece a mais apropriada. Além de não vermos aqui o verbo «cheirar» () *sn*, ou qualquer outra referência similar, leva-nos a pensar que a segunda frase é complementar da primeira, devendo ser uma justificação do facto dos seus dedos incharem. E no deserto ou numa praia de areia, bem sabemos o quanto aleijam os grãos de areia fustigados pelo vento (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 217; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 359).

[74] Mais uma frase com uma série de erros que têm que ser corrigidos com os óstracos *K 25217* (na página em causa erradamente grafado por Helck com o número 25127), *DeM 1029* e *DeM 1058* (W. Helck, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 78; H. Brunner, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, pp. 142-143).

[75] A palavra *ḥꜣw*, significa «tectos», «coberturas»; contudo, o que está no texto é  que Helck diz poder ser uma grafia antiga de *ḥꜣw*, que significa «corveia», «trabalho esforçado». A primeira não tem qualquer cabimento nesta frase, mas a segunda pode ter. Apesar disso é uma tradução incerta (W. Helck, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, pp. 79 e 82; H. Brunner, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 144; R. O. Faulkner, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 156-157; Á. Sánchez Rodríguez, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 276-277).

[76] Mais dois erros na aplicação dos pronomes sufixos: falta um, e outro, que deveria de estar no singular, encontra-se no plural (W. Helck, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 79; H. Brunner, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 144).

[77] A palavra «noite», «crepúsculo», escreve-se *ḥꜣw* (; ) ou *ḥꜣwy* ( ; ). Uma palavra como a que apresenta este texto (*ꜣšrw* ?) não existe. Graficamente, a que se aproxima mais é a palavra *ꜣšr* (), «assar» que, no entanto, está fora de questão: o seu determinativo (), que por sinal aparece no óstraco K 25217, encontra-se normalmente em palavras associadas a «fogo», «assar» ou «queimar», que nos parecem fora de questão neste contexto. Por seu lado, os determinativos G. N3 () e G. N5 () associam-se o primeiro a «noite» e palavras associadas e o segundo a palavras relacionadas com «tempo». Para além da omissão do primeiro caracter, G. M12 (), também não conseguimos explicar a presença de G. N37 (), G. D21 () e G. E23 (). Provavelmente o desajeitado escriba pretendeu escrever a palavra «noite», ou «anoitecer», sem o conseguir fazer correctamente (W. Helck, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 79; H. Brunner, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 144; R. O. Faulkner, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 6 e 184; Á. Sánchez Rodríguez, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 68 e 314).

[78] Ou seja, estava completamente derreado de tanto cansaço. Esta palavra, *wḏꜥ*, embora com outros determinativos, está mais próximo de «cortar», «juiz» ou «julgar» do que de «agarrar». No óstraco *K 25217* e na tabuinha *Louvre 693* o que consta neste lugar é  *mḍd*, «prender com força», daí a nossa tradução. Noutros cinco casos (*Papiro Anastasi VII*, *Papiro Chester Beatty 72* e óstracos *DeM 1029*, *DeM 1058* e *R 80*) aparece a mesma grafia do *Papiro Sallier II*, embora com algumas ligeiras variações (W. Helck, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 79; H. Brunner, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 144; R. O. Faulkner, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 75-76; Á. Sánchez Rodríguez, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 160, 205 e 226).

[79] Claramente uma das situações que nos leva a pensar que este texto pode ter sido ditado e não copiado. Há duas palavras homófonas que, nessas circunstâncias, um principiante, ou mau aluno, poderia confundir: *st* () com o significado de «lugar», «assento», «trono» e *st* () com o significado de «mulher» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 206).

[80] Cfr. nota 126 de *Khufu e os Magos*.

[81] Simplesmente *r-ib*, literalmente «a boca do coração», significa «estômago», aqui esta palavra composta foi transformada num genitivo indirecto com a intromissão do *n*, *r n ib*.

[82] Inexplicavelmente, no papiro que seguimos a última palavra desta frase surge a encarnado e a marcação do verso surge fora do lugar. Nas restantes fontes estas duas anomalias não acontecem (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 85; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 150).

[83] Há aqui uma certa confusão entre o verbo *ḫbi* ( ), «deduzir», «subtrair», «reduzir», «descontar», e o verbo *ḫbꜣ* ( ) «destruir», «arrasar», «devastar» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 187; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 318).

[84] Completado com as fontes abaixo referidas nesta nota, por, no lugar de «cinquenta», o *Papiro Sallier II* apresentar , *mrw*, uma variante da palavra , que significa «servos», «dependentes». Possível confusão auditiva com *diw*, que seria a forma de escrever cinquenta? Independentemente da estrutura gramatical da frase, não faria qualquer sentido «ele ser arrastado por 50 lótus». Na tabuinha *Louvre 693*, no *Papiro Anastasi VII*, nos óstracos *BM 29550* e *DeM 1037*, e em parte do óstraco *GČ 105,3*, encontramos, embora com variantes, *m šsm 50*, sendo que *šsm* é um «rolo de couro» (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 86; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 151; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 272; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 428; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 191-192 e 491).

[85] Ou seja, tinha que os subornar.

[86] Mais um conjunto de omissões e erros, corrigidos com a ajuda das outras fontes impressas em Helck e Brunner: *Papiro Anastasi VII*, tabuinha *Louvre 693* e óstracos *BM 29550*, *DeM 1037*, *P 14243* e *GČ 105,3* (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 87; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, pp. 151-152).

[87] No *Papiro Sallier II* só as duas primeiras palavras se encontram a encarnado. No *Papiro Anastasi VII* há mais uma palavra a encarnado, mas o encarnado também não contempla todo o primeiro verso (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 89; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 152).

[88] A palavra burro/burros não se escreve com *t*; no feminino a palavra burra, *ꜥꜣt*, escrever-se-ia com *t* mas teria ainda o caracter G. N41, . Quanto ao deter-

minativo G. E21, o animal de Set, em vez do G. E7, o burro, não aparece no dicionário de Faulkner mas consta no dicionário de Sánchez Rodríguez. Além disso, Gardiner diz-nos que na escrita hierática do Império Médio há uma «forte tendência» para fazer esta substituição (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 89; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 153; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 38; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 114; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 459-460).

[89] O segundo *cola* deste verso não existe no *Papiro Sallier II*, mas existe nas quatro restantes fontes que incluem esta passagem: *Papiro Anastasi VII*, tabuinha *Louvre 693* e óstracos *BM 29550*, *GČ 105,3* e *DeM 1179*. Afirmar que «ele alimenta os seus burros em demasia» implica que tenhamos um termo de comparação para se perceber a questão (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 89; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 153).

[90] Nova marcação do verso fora do lugar. Existe a palavra *imy-sꜣ* ( ) que significa «criado», «servo», «dependente», mas com a grafia de *imy*[*t*]-*sꜣ* ( ) não existe nenhuma palavra. Como *sꜣ* ( ) significa «campo», consideramos que um vulgar camponês em situação de subalterno lhe indicou o caminho certo a seguir.

[91] Esta frase apenas consta do *Papiro Sallier II*, não aparecendo em mais nenhuma das outras fontes consultadas (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 90; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 154).

[92] Cfr. nota número 77. Estas três últimas frases são praticamente iguais a três outras frases no final de 7.1 e em 7.2.

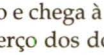
[93] Outra palavra inexistente nos dicionários consultados, e cujo termo mais próximo surge em A. Sánchez Rodríguez (*sḫḥ*, «rapidamente»), levando Brunner a considerá-lo um «correio expresso», e sobre a qual Parkinson, Lichtheim, Simpson e Vernus concordam com o significado de «mensageiro», ou «correio», provavelmente com base na opinião de Valloggia, que diz que é uma interpretação comummente aceite, ainda que alguns admitam que possa ser simultaneamente um comerciante ou, pelo menos, um portador de mensagens integrado numa caravana mercantil, baseados na opinião de Helck (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 278; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 188; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 333; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 186; W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, pp. 98-99; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 154; M. VALLOGGIA, «Recherches sur les "messagers" dans les sources égyptiennes profanes», pp. 234-235; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 390).

[94] Parece-nos preferível «estrangeiro» a «deserto» ou «região montanhosa», em virtude das frases seguintes.

[95] No *Papiro Sallier II*, no *Papiro Anastasi VII* e nos óstracos *Bodmer* e *Colin-Campbell 12*

encontramos a partícula proclítica *iḫ*, na tabuinha *Louvre 693* e nos restantes óstracos que incluem esta frase claramente legível neste local (*BM 29550*, *DeM 1179*, *Berlim P 14281* e *Petrie 70*) surge *rḫ* seguido de *.f* (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 95; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 157).

[96] Ele vem do estrangeiro pelo deserto e chega à parte verdejante do Egipto, ou seja, ao Vale. Esta frase só existe num terço dos documentos que incluem esta passagem: no *Papiro Sallier II*, no *Papiro Anastasi VII*, no óstraco *Bodmer* e no óstraco *Rameseum 82* (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 95; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 158).

[97] Há aqui a confusão entre caracteres com a forma de aves. O *Papiro Anastasi VII* é a única fonte que apresenta esta palavra bem escrita, . Outras fonte (tabuinha *Louvre 693* e óstracos *BM 29550*, *DeM 1179*, *Colin-Campbell 12* e *Petrie 70*) apresentam mesmo outra palavra:  *indw*, que Sánchez Rodríguez traduz por «miséria» (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 96; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 159; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 95).

[98] O sentido da frase parece ser: ele passa tanto tempo fora de casa que as suas roupas são como que uma segunda casa. As duas preposições que acrescentámos não constam do *Papiro Sallier II*, mas com excepção da tabuinha *Louvre 693* onde aparecem os dois, aparecem, um ou outro caso, em alguns dos óstracos (*BM 29550*, *Bodmer*, *DeM 1179* e *P 70*). Nesta frase parece haver uma grande confusão entre hipotéticas palavras como: «casas» (*pyrt*), «sair» (*prỉ*) e «parar», «descansar» (*ḫni*) (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 97; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 161; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 90 e 192).

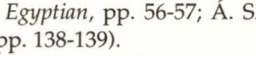
[99] O *Papiro Sallier II* é o único dos doze documentos que contempla esta passagem que não apresenta a negativa (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 97; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 161).

[100] Vernus, seguindo a ideia de Seibert, chama-lhe «carvoeiro» e relaciona-o com a produção de carvão de madeira, dizendo ser «uma profissão que por enquanto é desconhecida» no Egipto. Discordamos da sua opinião. Preferimos a de Parkinson, Lichtheim ou Simpson, este último chega mesmo a designá-lo por «encarregado da fornalha», julgando que deverá ser traduzido por «fogueiro» e que era uma profissão que existia no Egipto antigo. Algumas actividades, nomeadamente a cerâmica, a faiança, o vidro e a metalurgia, só eram possíveis graças à existência de fogueiras e fornalhas, que, para evitar a produção defeituosa, precisavam de cuidados permanentes enquanto estivessem a funcionar (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 278; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 188; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 333;

P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, pp. 187 e 199; J. D. BOURRIAU, P. T. NICHOLSON e P. J. ROSE, «Pottery»; J. OGDEN, «Metal», P. T. NICHOLSON e E. PELTENBURG, «Egyptian faience», P. T. NICHOLSON e J. HENDERSON, «Glass», em P. T. Nicholson e I. Shaw (ed.), *Ancient Egyptian Materials and Technology*, pp. 121--224; L. M. ARAÚJO, «Cerâmica» e «Faiança», e C. C. CORREIA, «Metalurgia», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 193-194, 359-361, 566-567).

[101] Em conformidade com o modelo seguido desde o início do texto, esta frase deveria estar inequivocamente a encarnado, mas isso não se verifica para Helck em nenhum dos doze documentos que comportam esta passagem no seu trabalho. Contudo, Brunner, apresenta-a a encarnado nos papiros *Sallier II* e *Anastasi VII*, embora no segundo esta cor não contemple a última palavra (W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 100; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 161).

[102] Admitimos aqui mais um erro de grafia. «Um» escreve-se , *wˁ*; e «o único» escreve-se , *wˁw* (W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 101; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 164; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 56-57; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 138-139).

[103] Na tabuinha *Louvre 693* e no óstraco *BM 29550*, com variações, a frase é  , ou seja, *irty.fy wḥf m wr stɜw*, que podemos traduzir literalmente por «os seus olhos estavam muito inflamados (esta palavra tem um *s* inicial a mais) pelo calor», onde *wḥf* deve ser uma tentativa para escrever «temperatura», *srf*, ou «calor», *rḳḥ*, *tɜ*, ou «fogo», «chama», *ḫt*, *sdt* (W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 100; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 161; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 500). É uma outra passagem que nos leva a admitir a possibilidade deste papiro ter sido um trabalho de ditado e não de cópia como era vulgar. Pode mesmo haver em simultâneo uma qualquer deficiência do tipo disléxico.

[104] Admitimos a possibilidade de literalmente poder ser «da sua grandeza», isto é, a sua situação degradou-se de tal maneira, é tão grande, que ele já não consegue libertar-se dela.

[105] A grafia correcta seria , *isw* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 30).

[106] Estes cadáveres não são humanos, referindo-se aos animais que ele utiliza para fazer as sandálias. Quanto melhores forem as suas peles e os seus couros, melhor será a sua vida.

[107] Por muito boas que sejam as peles a sua vida é miserável, com muito pouco para se alimentar. Há aqui um jogo de palavras que tira partido do facto da execução de algumas das tarefas da sua actividade necessitarem da utilização da boca, dos dentes e da saliva, por exemplo, para amaciar determinada parte do couro.

[108] A frase que consta dos papiros *Sallier II* e *Anastasi VII* e do óstraco *R 94* é a que faz menos sentido e colocamos entre chavetas. A outra frase, pela qual optamos à semelhança de todos os outros tradutores consultados, aparece na tabuinha *Louvre 693* (com algumas falhas) e no óstraco *BM 29550*. Nesta frase a palavra *ḫr* é o verbo «dizer» e não a preposição «com», ou «junto de» (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 107; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 170; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 278; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 189; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, pp. 333-334; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 187; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 195).

[109] A palavra *šbb* significa «substância viscosa», donde deduzimos que possa ser sinónima de «porcaria» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 264).

[110] Mais uma vez temos que sair do *Papiro Sallier II* e procurar uma frase mais correcta para esta passagem. Encontramo-la no *Papiro Anastasi VII* e no óstraco *P 14243* (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 108; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 172).

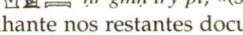
[111] Com a indigência.

[112] Palavra mal grafada: (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 261; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 415).

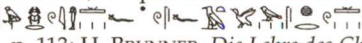
[113] Também a palavra *spt* está mal escrita. Não só não tem a desinência do feminino (ou o carater G. X1 foi displicentemente grafado, acabando totalmente circular), como tem o determinativo errado: (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 222; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 366).

[114] O verbo causativo *sḫr* significa «fazer cair», mas como o que se pretende é «fazer cair na água», optamos por «mergulhar» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 242; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 389-390).

[115] Ou seja, um bom lugar para apanhar pássaros. No óstraco *BM 29550* a frase é *ḫr gmḥ iry-pt*, «(sempre) a olhar como um guardião do céu», sendo semelhante nos restantes documentos (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 112; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 176).

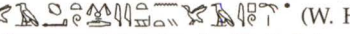
[116] É novamente no óstraco *BM 29550* que encontramos a «solução» desta passagem, pois no *Papiro Sallier II* encontramos a frase  , que desde a grafia das palavras à utilização errada dos pronomes, se torna de difícil tradução (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 112; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 176).

[117] Segundo Sánchez Rodríguez, a palavra *ḥ3-ny-r* é uma variante de *ḥ3*, acrescentando nós que *ḥ3-n-r* ou é outra variante ou um erro (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 281).

[118] Estas duas frases também são do óstraco *BM 29550*, pois no *Papiro Sallier II*, devido aos erros, o que existe é de maior dificuldade de compreensão:  (W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 113; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 177).

[119] Novamente uma frase que deveria estar inequivocamente a encarnado, mas isso não se verifica para Brunner em nenhum dos cinco documentos que comportam esta passagem no seu trabalho. Contudo, Helck, que inclui sete documentos, apresenta-a a encarnado no óstraco *W 106* (W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 115; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 178).

[120] O verbo *sfn* com o significado «afligir» escreve-se correctamente (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 224; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 368).

[121] Isto é, mesmo quando o seu trabalho compensa ele diz mal da sua vida. A primeira destas duas frases é do óstraco *GČ 104,5*, pois no *Papiro Sallier II* o que existe é:  (W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 117; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 180).

[122] As correcções nestas frases devem-se aos óstracos *GČ 104,5* e *DeM 1016* (W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 112; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, pp. 181-182).

[123] A palavra «excepto» escreve-se correctamente: . Há vestígios desta palavra na tabuinha *Louvre 693* (W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, p. 118; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, pp. 181-182; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 59; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 142).

[124] Estes dois últimos versos da estrofe XXI funcionam como conclusão da exposição sobre a dureza de várias profissões, simultaneamente propiciatória da magnificência da profissão de escriba, em oposição a todas as outras profissões até aqui descritas, iniciando-se só na estrofe seguinte a apresentação das virtudes daquela profissão. Porque a estrofe sobre o pescador é rematada com estas duas frases sobre o escriba, Lichtheim incluiu-a na XXII estrofe sem que para isso haja qualquer indicação no texto. Pelo contrário, a frase introdutória da XXII estrofe que aparece escrita a encarnado é aquela que nós indicamos, mantendo-se as duas anteriores a preto em todas as fontes (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 189; W. HELCK, *Die Lehre des dw3-ḫtjj*, teil I, pp. 118 e 121; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, pp. 182-183).

[125] Estas frases são da tabuinha *Louvre 693*. No *Papiro Sallier II* estas frases têm uma

grafia diferente, cujos erros levantam mais problemas de tradução: . (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 121; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, pp. 183-184).

126 Por três vezes aparece nesta estrofe a palavra que aparenta ser *mky*. Deve ser entendido como o auxiliar de enunciação . Do mesmo modo, a palavra , que surge duas vezes, entendemo-la como uma variante ou erro de ou *iry-sšm*, «funcionário», «subordinado».

127 Entendemos aqui a palavra *tw* como um pronome indefinido (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 294).

128 Interpretamos a palavra *ir* como forma da preposição *r* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 24 e 145). Julgamos que o sentido destas frases seja o seguinte: a qualquer dependente falta sempre uma certa liberdade de movimentos; quanto mais humilde, menor a hipótese de poder impor-se aos outros. O agricultor «não ser» este homem parece-nos ser uma afirmação no sentido de «homem livre» em relação ao escriba.

129 Toda esta conversa aconteceu enquanto viajavam de casa para a escola de escribas.

130 Corrigimos o *Papiro Sallier II* com o *Papiro Anastasi VII* e o óstraco *DeM 1015*, substituindo *nt* por *r*, pois não é um genitivo indirecto que deve estar aqui mas uma preposição (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 122; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 185).

131 O trabalho da escola representa um investimento em cada aluno é muito grande, do tamanho de uma montanha. Além disso é para sempre.

132 Isto é, que desejes contrariar a ignorância. Sem qualquer outro indicador no texto para entender esta frase do ponto de vista político, julgamos que ela esteja em consonância com o que é afirmado na terceira estrofe.

133 A expressão *ʿḥʿ.k* não existe no *Papiro Sallier II*, mas sim no óstraco *R 88*, ao qual, seguindo a sugestão de Helck, se acrescentou o pronome sufixo. O grupo de caracteres finais da primeira frase é uma correcção feita com base no *Papiro Anastasi VII*, uma vez que em seu lugar no *Papiro Sallier II* encontramos o gupo , parcialmente confirmado no óstraco *R 98*, que não tem tradução. Ainda assim, consideramos não estar inteiramente correcto (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, pp. 125 e 127; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 188).

134 Esta tradução é incerta, mas as cinco fontes que apresentam esta passagem também não permitem melhor (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 125; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 188).

135 Em relação a estas duas frases referiremos com respeito à primeira que a que constava do *Papiro Sallier II* era incompreensível, surgindo a necessidade de copiar a correspondente frase do óstraco *DeM 1013*. A indicação da mudança para a sétima linha é do próprio óstraco, havendo aqui essa coincidência. O significado que atri-

buímos a «uma resposta demorada» é o de «uma resposta ponderada», muito diferente de qualquer explicação apressada e desajeitada, normalmente sujeita a lacunas. De uma forma geral, esta estrofe tem como lema: não fazer as coisas sem pensar (W. HELCK, *Die Lehre des dwȝ-ḫtjj*, teil I, p. 126; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 189).

136 A palavra *sr* tanto pode ser «membro da elite», como «magistrado», como, ainda, «oficial». Não nos parece que neste caso haja intenção de referir um destes grupos em particular, mas, pelo contrário, parece-nos que a ideia é referi-los a todos em conjunto (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 235; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 381).

137 A desatenção do escriba continua com permanentes manifestações de falta de qualidade: agora inicia a oitava linha repetindo a última palavra que tinha escrito no final da sétima linha. No final da frase também não escreverá o ponto encarnado (W. HELCK, *Die Lehre des dwȝ-ḫtjj*, teil I, p. 128; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 190).

138 Normalmente a palavra *ȝḫt* não se escreve com G. G1, como se encontra nos três documentos que incluem esta frase (*Papiro Sallier II*, *Papiro Anastasi VII* e óstraco *DeM 1013*), mas com G. G25 ( ) (W. HELCK, *Die Lehre des dwȝ-ḫtjj*, teil I, p. 128; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 190; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 4; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 66).

139 O determinativo da palavra «mesa» não está correcto. Em vez de G. M3, determinativo que referencia madeira e palavras associadas, deveria ser G. R3 ( ) (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 302; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 482).

140 Nesta frase o pronome sufixo *.f* está a mais, não consta de nenhum dos restantes exemplos, e a palavra *ikm*, a quem o escriba acrescentou um *w* desnecessário, é do óstraco *DeM 1039*, uma vez que no *Papiro Sallier II*, o que aparece no seu lugar não faz sentido (, «com ele»). «Ocultar o corpo» é não permitir que o corpo transmita qualquer ideia sobre o que vai no seu interior, do medo à felicidade, passando por qualquer tipo de sensação ou sentimento (W. HELCK, *Die Lehre des dwȝ-ḫtjj*, teil I, p. 130; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 193).

141 A palavra *pr-ᶜ* significa «ser activo». Como o coração era a sede do pensamento para os Egípcios, pensamos que a ideia de «coração activo» queira significar «pensamento muito rápido», portanto, pouco reflectido, ou melhor dito, irreflectido (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 179).

142 Parece-nos mais lógico o início de frase assim, como consta dos óstracos *DeM 1039* e *GČ 40,3*, do que com *ḥr* ( ), conforme aparece no *Papiro Sallier* e no óstraco

DeM 1025 (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 132; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 194).

[143] Falta o determinativo G. D54 ( ) no verbo *ḥꜣi*. Também a palavra seguinte, *nwd* está mal escrita (correcta seria). Parece-nos que seria esta a palavra desejada, uma vez que nos outros documentos que têm esta passagem, no seu lugar está o verbo «regressar», *ii*, em várias variantes. Também o pronome demonstrativo neutro que se segue, não está bem aplicado (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 156 e 128; W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 132; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 194).

[144] O significado do verbo *ṯs* é «formar para combate» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 306; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 480).

[145] Julgamos que o sentido desta estância é: trabalhar, praticar deve ser a principal preocupação do aprendiz de escriba. Deve fazê-lo todo o dia, antes do meio-dia na escola com os colegas, depois do meio-dia por iniciativa própria, evitando sujeitar-se a falatórios por andar a passear quando deveria estar a exercitar-se na arte da escrita.

[146] Para seguir o figurino do texto, toda esta frase deveria estar a encarnado por iniciar uma nova estância. Tal não acontece. No *Papiro Sallier* está tudo a preto, apenas aparecendo a encarnado estas palavras no óstraco *DeM 1025* (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 135;).

[147] Cfr. R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 54.

[148] Ao mudar de linha, o escriba não concluiu a frase a encarnado. Aqui, o pronome sufixo da terceira pessoa do singular masculino deverá ser entendido como indefinido. Mais correcto teria sido o uso de *wˁ* ( ), «alguém».

[149] A palavra *ꜣḫwt* aparece não só no *Papiro Sallier II* mas também no *Papiro Anastasi VII* e no óstraco *DeM 1019*. A palavra está bem transcrita do hierático para o hieroglífico por Helck e Brunner. Conforme podemos verificar no *Papiro Sallier II*, coluna X, linha 5, e confirmar com Goedicke, é o caracter G. G1 e não o caracter G. G25. Ao contrário dos outros tradutores consultados, julgamos ser conveniente contar com a palavra, considerando mais um erro, o que nas aves é frequente. Tal como está a palavra não existe. Mas bem escrita ( ) ela significa «coisas úteis», «benéficas», «proveitosas». Deste modo julgamos que nesta frase signifique «coisas úteis» à ideia inicial de dizer mentiras contra a mãe de alguém, isto é, «mesmo que depois aconteça algo nesse sentido» (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 138; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 197; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, 14a e 14b, 15a e 15b; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 4; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 66).

[150] Neste caso, a falta de um ou dois caracteres por deterioração do final da linha, não causa grande perturbação à tradução. O que falta será um ou dois determinativos, que formam palavras de significado muito aproximado: «fim», «limite» ( ); «fim», «parte posterior», «obstruir» (); «obstáculo» ( ) (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 323).

[151] Com uma ligeira variante é a mesma frase de 9.9.

[152] De mensageiros.

[153] A primeira frase acabou e o escriba continuou a escrever a encarnado até ao fim da linha. Não é o primeiro caso deste tipo de distracção. Logo na primeira estrofe fez o mesmo (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 142; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 200).

[154] A correcção ao *Papiro Sallier II* é feita com a correspondente frase do óstraco *DeM 1014* (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 142; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 200).

[155] Obviamente que aqui o sentido de «homens» é o de «homens importantes», a elite social.

[156] A correcção ao *Papiro Sallier II* é feita com a correspondente frase do óstraco *DeM 1104* (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 142; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 200).

[157] Ou seja, palavras que são ditas sem serem pensadas. Expressão semelhante à nossa ideia com o mesmo sentido: «dizer palavras da boca para fora». É um ensinamento que tem em vista fazer com que o aprendiz pense antes de falar. A correcção ao *Papiro Sallier II* é feita com a correspondente frase do *Papiro Anastasi VII* (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 143; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 202).

[158] Mais uma vez temos um pronome sufixo na terceira pessoa singular feminina, em vez de um pronome sufixo na segunda pessoa do singular. Este escriba já nos habituou à constante troca de pronomes. Quem escreveu este papiro ainda não tinha fixado as regras elementares de utilização da gramática que estava a utilizar. Ele dava abundantes erros de ortografia e estava frequentemente desatento. Nas últimas linhas parece-nos até que, como não sabia qual o pronome a aplicar, resolvia parte do seu problema usando *st*, que é o pronome dependente da terceira pessoa, neutro.

[159] Não concordamos com a tradução mais comum desta frase: «torna-te amigo de um homem da tua geração», com pequenas variações («faz amizade», «liga-te»). Não havendo aqui qualquer conotação de índole amorosa ou sexual, não compreendemos esta frase depois de uma em que se preconiza a associação a alguém mais importante. A nossa proposta de tradução parece-nos a conclusão óbvia em relação à primeira. Alguns tradutores, caso de Simpson, vêem frases negativas

onde não há alguma indicação de que o sejam (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 281; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 191; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 336; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, p. 190).

160 A deusa Renenet, também designada por Renenutet ( ) era a deusa cobra das colheitas, a quem o quarto mês da estação das sementeiras e oitavo mês do calendário egípcio foi dedicado. No Império Médio somente pelo seu nome «Renenutet» (*rnn-wtt*) e, no Império Novo, por «Farmuti» designação grega do nome egípcio *panerenenutet*, (*p-n-rnn-wtt*, «O Primeiro de Renenutet»). Conhecida pelos camponeses como «dama das colheitas» ou «senhora do grão», era uma entidade divina agrícola que afastava as más influências protegendo o crescimento das plantas e seus frutos. Era representada zoomorficamente por uma serpente, normalmente uma enorme serpente *iaret* com disco solar e chifres de vaca, antropomorficamente por uma mulher com cabeça de serpente *iaret* ou de forma humana com uma figura feminina. Sobre a cabeça da mulher ou da mulher cobra apresentava duas longas plumas. Com estas duas últimas representações surge frequentemente a amamentar uma criança, que tanto pode ser Nepri, o deus do grão, a personificação do trigo, como o faraó. Pode ainda surgir a amamentar a alma dos mortos. Neste caso assume-se como divindade protectora da necrópole tebana; no caso anterior o paralelismo de Renenet/Nepri com Ísis/Hórus é evidente e surge também a associação à deusa Meskhenet. São estas interpretações que fazem com que a divindade que tutelava a amamentação das crianças, incluindo a real, tivesse epítetos como «A alimentadora» ou «A serpente que alimenta». Associada à ideia de boa sorte e prosperidade, assumia-se como deusa do destino assistindo e protegendo todas as crianças durante o trabalho de parto das mães. Particularmente adorada no Faium, viu os dois últimos soberanos da XII dinastia, Amenemhat III e Amenemhat IV, mandar-lhe construir um complexo de templos em Medinet Madi, ao sul dessa região (J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 327-329; T. F. CANHÃO, «O calendário egípcio: origem, estrutura e sobrevivências», pp. 40-41).

161 Todos os autores consultados traduzem esta frase por: «Olha! Eu ponho-te no caminho do deus.» A explicação surge em Vernus: «Segundo uma astuciosíssima sugestão de H. W. Fischer-Elfert, nós temos aqui um emprego do *accompli* com valor "performativo", quer dizer, exprimindo um acto realizado pela sua simples enunciação». Seguindo o pensamento de H. W. Fischer-Elfert através de Vernus, se pensarmos que os ensinamentos eram veículos da ideologia real, «o deus» pode, de facto, ser o faraó, mas nesse caso julgamos haver mais razão ainda para manter o nome da deusa, em vez de admitirmos que um simples humano, o pai, lhe deu esta situação profissional privilegiada junto do soberano;

o pai teria sido apenas o veículo terreno da deusa (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 281; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 191; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 336; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, pp. 190 e 202).

[162] O *n* da palavra *ꜥrryt* deveria ser um *r* . Esta «sala de audiências» não quer dizer que fosse mesmo uma sala. Podia ser apenas o portão de entrada do palácio onde era ministrada a justiça e conduzida a administração (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 323).

[163] Cfr. Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 97.

[164] Meskhenet era a deusa que presidia aos partos, protectora dos recém-nascidos e deusa do destino. O caracter G. O39 representa um dos dois tijolos de partos sobre os quais as parturientes se acocoravam para dar à luz (J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 326-327).

[165] Não é um adjectivo relativo feminino, não é um pronome independente feminino na 2ª pessoa do singular, nem é uma conjunção. É uma partícula que expressa o genitivo feminino singular. A partícula *nt* está correctamente escrita no *Papiro Anastasi VII* e no óstraco *DeM 1014* (W. HELCK, *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, p. 148; H. BRUNNER, *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, p. 209).

[166] A presença no cólofon do pronome sufixo na terceira pessoa singular feminino, «o fim dela», indica que chegámos ao fim de uma cópia; «ela» é «a cópia». Esta obra está completa.

12. HINOS A SENUSERET III

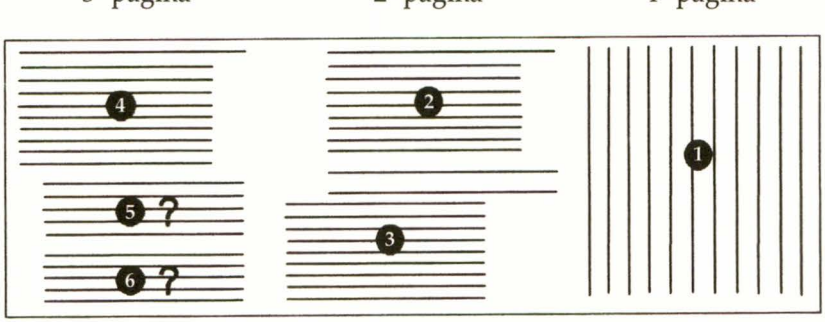
12.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse

O conjunto de hinos destinados ao culto do rei Senuseret III foi preservado num único e incompleto papiro que W. M. F. Petrie encontrou junto à pirâmide de Lahun. Mais precisamente na «cidade» dos operários da pirâmide de Senuseret II, em Kahun, nas escavações que aí efectuou em 1889. Uma ínfima parte das dezenas de papiros então encontrados e que abrangiam uma enorme variedade de temas, que iam dos textos legais a tratados de ginecologia e veterinária. É o *Papiro Kahun LV1*, renomeado *Papiro UC 32157* do Museu Petrie, no University College de Londres. São seis hinos registados no *recto* do que resta de um «livro» de papiro actualmente com 114 cm de comprimento e 30,5 cm de largura, datado do Império Médio, provavelmente do reinado do próprio Senuseret III (1837-1818 a. C.). A escrita orienta-se da direita para a esquerda, apresentando imediatamente antes do primeiro hino uma introdução. Escritos em onze colunas, ambos constituem a primeira «página»[1]: a primeira coluna apresenta os títulos oficiais de Senuseret III e o primeiro hino estende-se pelas restantes dez colunas. Depois, no centro do que resta deste «livro», surgem na segunda «página» os segundo e terceiro hinos, escritos em vinte linhas horizontais sobrepostas, dez linhas para cada hino[2]. À sua esquerda há uma terceira «página» com mais vinte linhas horizontais, constituindo as primeiras dez o quarto hino e as segundas dez, muito incompletas, um quinto e sexto hinos apenas com cinco linhas cada, mas todas elas amputadas em cerca de um terço, por corte muito direito[3]. O papiro parece ter sido

[1] F. Ll. Griffith, (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, pl. I.
[2] *Idem*, pl. II.
[3] *Idem*, pl. III.

mutilado na própria época e privado da sua parte final. Todos os hinos são apresentados em verso.

Eis, de uma forma gráfica, como se apresentam as três «páginas» do *Papiro UC 32157*, sendo que a terceira, na sua parte inferior está bastante degradada faltando o último terço de cada linha.



Há razão para estarmos tão seguros desta divisão dos hinos? Da primeira página não há nada a dizer, é uma página normal de onze colunas. Mas a segunda e a terceira páginas têm um grafismo curioso e original, claramente visível nos segundo, terceiro e quarto hinos. No segundo hino, o primeiro da segunda página, temos dez linhas em que as oito do meio estão alinhadas mais para o interior. Na primeira linha, saliente à sua retaguarda e das restantes linhas, temos uma anáfora, isto é, uma palavra ou grupo de palavras que devem ser repetidas nos versos seguintes para enfatizar o seu sentido (*ḥʿwy*). É por isso que as restantes linhas começam mais recuadas como que deixando espaço para a repetição daquelas palavras. Se fosse hoje, cobriríamos esse espaço em branco com aspas de repetição! A décima linha começa com a palavra *inyt*, escrita a encarnado, que significa «refrão».

Sabe-se muito pouco sobre a apresentação dos hinos, cuja designação egípcia, *duau*, se forma a partir da palavra *duá* que significa

«adorar», «louvar», por isso todas as ajudas para o esclarecimento desta questão são importantes. Sabemos que podiam ser entoados por cantores profissionais e por um coro, geralmente acompanhados de harpa ou, então, simplesmente recitados por sacerdotes. Assim podiam estar relacionados com o culto mas não eram considerados textos sagrados[4]. Partindo da transcrição métrica de parte dos versos do segundo hino, Massimo Patané enreda-se numa explicação que, em nosso entender, parte de premissas incorrectas. Eis o seu caso[5]:

A 1.	*ḥᶜwy*	(1)	
B 2.	*idbwy m-nrw.k swsḫ.n.k-ḫrt.sn*	(3)	(7)
A 3.	*ḥr swsḫ-tȝš.f wḥm.k-nḥḥ*	(3)	
A 4.	*ḥᶜwy*	(1)	
B 5.	*ḏȝmw n-ṯst rdi.n.k-rwd.sn*	(3)	(7)
A 6.	*ḥr swsḫ-tȝš.f wḥm.k-nḥḥ*	(3)	
A 7.	*ḥᶜwy*	(1)	
B 8.	*imȝḫw.k rdi.n.k-rnpy.sn*	(2)	(6)
A 9.	*ḥr swsḫ-tȝš.f wḥm.k-nḥḥ*	(3)	
A 10.	*ḥᶜwy*	(1)	
B 11.	*tȝwy m-pḥty.k mki.n.k-inbw.sn*	(3)	(7)
A 12.	*ḥr swsḫ-tȝš.f wḥm.k-nḥḥ*	(3)	

Notas:

1. as palavras unidas por um traço têm o mesmo acento.
2. os números entre parênteses indicam a quantidade de acentuação.
3. a letra A indica o coro e a letra B o solista.

---

[4] Cfr. M. K. Acúrcio, «Hinos», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 424-425.
[5] M. Patané, «La structure de l'hymne a Sesostris», em *BSEG* 8, pp. 61-65.

M. Patané fixa-se apenas na segunda página desprezando os restantes hinos. Não pomos em causa a acentuação, nem o facto de *ḥʿwy* poder constituir um verso, muito menos a pequena divergência de transliteração no quinto verso. Mas questionamos o facto de, sem qualquer indicação ou sinal, o refrão «Hórus, que aumentaste a sua fronteira, possas tu repetir a eternidade», ser repetido sistematicamente após todos os versos do segundo hino. No caso das anáforas o grafismo é claramente elucidativo! Além disso, porque seria este hino diferente de todos os outros, que apresentam anáfora mas não refrão? Acerca do posicionamento do refrão na décima linha da segunda página, ao contrário do que pensa Patané, julgamos que não seria para ser repetido após cada verso do segundo hino. Não há qualquer indicação ou sinal que leve a essa conclusão. Se tivermos em consideração a divisão em conjuntos de dez linhas/colunas, o facto de se encontrar exclusivamente neste local, fim do segundo hino do qual faria parte, seria apenas uma indicação para uma resposta em coro, ou para uma entoação direccionada para determinado sítio por parte do oficiante. Não faz muito sentido que uma operação que deva começar nove linhas antes, só seja instruída no final do local do início de execução!

Admitem-se outras duas hipóteses: se considerarmos os hinos com anáfora, que pudesse ser repetido no final dos hinos dois, três e quatro; se considerarmos as duas anáforas que se seguem, «como é grande o senhor para a sua cidade» e «ele veio», e relegarmos para segundo plano a divisão exacta das dez linhas, poderemos admitir que pudesse ser repetido após cada frase apenas no terceiro hino, por ser aquele em que a anáfora tem melhor concordância temática, ou nos terceiro e quarto hinos após cada frase, uma vez que a anáfora do segundo hino, «como se alegram», não parece estar em plena concordância temática com o refrão.

Por outro lado, como é que se atribuem determinados versos a um solista e outros a um coro? A única indicação que permitiria isso era a palavra *inyt*, mas não inclui a anáfora nem estamos convencidos de que o refrão se repetisse em cada verso. Depois atribui a décima primeira linha a AB (corifeu e coro) sem que se perceba porquê, e, no terceiro

hino e na sua opinião, é a anáfora que é executada pelo coro e os dois versos de cada linha executados pelo solista. Esta décima primeira linha está claramente separada do refrão e encostada às restantes linhas do hino seguinte. Neste hino, embora saiba e afirme que a partícula proclítica não deveria ter acentuação própria, nem o substantivo pode ser acentuado conjuntamente com a proclítica *isw* e a enclítica *pw*, encaixa a sua teoria e avança com ela. Mesmo admitindo outras anomalias, nomeadamente no que respeita à acentuação das frases, acaba por fazer as correspondências métricas e concluir apresentando uma isometria perfeita. Os seus números são:

		Versos	Acentos
hino II	A	18	36
	B	9	27
hino III	A	9	27
	B	18	36

Finalmente, também não comungamos da sua opinião de que a terceira página «testemunhe uma estrutura idêntica à primeira metade da segunda». A décima linha da terceira página, ao contrário da décima linha da página anterior, que abre um espaço antes e outro depois de si, está bem encostada à nona linha e abre um espaço em relação à décima primeira linha. Para já não falar do que se convencionou chamar de quinto e sexto hinos que são diferentes em tamanho, arrumação e inexistência de anáfora. De igual modo, também a primeira página é totalmente diferente deste alinhamento. Serão os números um acaso? De qualquer modo é um bom ponto de partida para futuras cogitações.

Para já, e ao contrário de Patané, o posicionamento da décima linha da segunda página leva-nos a pensar que não seria para ser repetido após cada verso do segundo hino. Não há qualquer indicação ou sinal que leve a essa conclusão. Como dissemos, podia ser apenas uma indicação para uma resposta em coro, ou para uma entoação

direccionada para determinado sítio por parte do oficiante; ou, se considerarmos os hinos com anáfora, podia ser repetido no final dos hinos dois, três e quatro, o que está muito mais de acordo com o nosso entendimento da ideia de refrão. Seria esse, também, o entendimento egípcio? A linha que se lhe segue inicia-se também com uma anáfora que deve ser lida antes de cada um dos restantes nove versos do terceiro hino, que incluem ainda a partícula proclítica (*isw*), desta vez expressa em todos os versos que começam ainda mais recuados do que os do hino anterior. Talvez por ser uma partícula proclítica (variante de *isṯ* ou *ist*), que gramaticalmente encabeçam uma frase para lhe dar relevo afirmativo ou exclamativo, não funcionasse como anáfora tendo que ser repetida antes de todos os versos deste hino. Também não é possível ver os versos em causa com duas anáforas consecutivas! Para isso seria apenas uma mais comprida e *isw* estaria junta com *wrwy nb n niwt.f*, o que não faria sentido, uma vez que as partículas proclíticas iniciam as frases, não sendo por isso lógico que fossem a sua conclusão.

Na terceira página deveria ser a mesma coisa para o quarto hino: temos também uma anáfora (*ii.n.f*) na primeira de dez linhas. O quinto e o sexto hinos não têm anáfora e começam recuados, no sítio onde começa a anáfora dos anteriores. São dez linhas, em que a primeira se perdeu totalmente, e as restantes só têm os primeiros dois terços da linha, com excepção das duas últimas que estão bastante danificadas. A única indicação visível de que podem ser dois hinos, é a notória separação que existe entre as cinco primeiras linhas e as cinco últimas. Outra indicação será temática: as primeiras cinco linhas dirigem-se aos ofertantes, enquanto as últimas cinco aparentam um elogio final a Senuseret III. De facto, os quinto e sexto hinos parecem não existir. Tal como no início há uma introdução, aqui parece que estamos perante uma conclusão ou um agradecimento e não propriamente perante um hino. Até a apresentação gráfica é diferente da dos três hinos anteriores, para já não falar do primeiro que é apresentado em colunas. De qualquer modo, apenas chamamos a atenção para esta questão, mantendo a possibilidade de serem seis hinos.

No *verso* do papiro encontra-se, também incompleto, parte de um conto a que «por conveniência» o próprio Petrie designou por «História de Hai»[6].

Sinopse. Inicialmente temos a titulatura oficial do rei Senuseret III completa, seguida da frase: «ele tomou posse das Duas Terras em triunfo». O primeiro hino apresenta o rei como protector do Egipto; o segundo mostra as razões pelas quais o rei causa alegria ao seu povo; o terceiro apresenta o rei como amparo do Egipto; o quarto mostra a chegada do rei junto do seu povo; e os quinto e sexto desejam vida eterna ao rei.

[6] F. Ll. Griffith, (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, p. 1.

12.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada

1,1 T

ḥr nṯr ḫprw
Hórus: divino de formas;

nbty nṯr mswt
as Duas Senhoras: divino de nascimento;

ḥr nbw ḫpr
Hórus de Ouro[1]: que vem à existência;

nsw-bit ḥ^{c}-k3w-r^{c}
rei do Alto e do Baixo Egipto: Khakauré;

s3 r^{c} s-n-wsrt
filho de Ré: Senuseret[2],

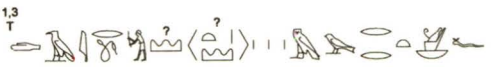
iṯi[.n.]f t3wy m m3^{c}-ḫrw
ele tomou posse das Duas Terras em triunfo[3].

1,2 T

inḏ ḥr.k ḥ^{c}-k3w-r^{c}
Saudações a ti Khakauré,

ḥr.n nṯr ḫprw
nosso Hórus, divino de formas!

mk tȝ swsḫ tȝšw.f
Que protege o país e alarga as suas fronteiras,

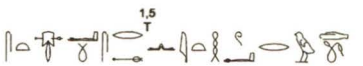


dȝir ḫȝswt m wrrt.f
que submete os países estrangeiros[4] com a sua coroa dupla.

inḳ tȝwy m r-ꜥw ꜥwy.f[y]
que mantém unidas as Duas Terras com as suas mãos,

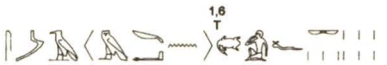
... ḫȝswt m rmn[wy].fy
que ... ... os países estrangeiros com os seus braços.

smȝ pdtyw nn sḫt ḫt
Que mata os estrangeiros sem um sopro de bastão,



sti šsr n iṯḥ rwd
que lança a flecha sem puxar a corda do arco.

ḥwi.n nrw.f iwntyw m tȝ.sn
Que reprime com o seu terror as tribos na sua própria terra,



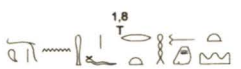
smȝ snd.f pḏt psḏt
o seu temor destrói[5] os Nove Arcos[6].

rdi.n sˁt.f mt ḫȝw m pdtw
Que provoca com o seu massacre a morte a milhares[7] de inimigos,

... pḥw tȝš.f
que ... ... para invadir a sua fronteira.

sti šsr mi iri sḫmt
Que lança a flecha como faz Sekhmet

sḫr.f ḫȝw m ḫmw bȝw.f
e faz cair milhares quando ignoram[8] o seu poder.



ns n ḥm.f rtḥ sty
A língua de sua majestade reprime Seti[9],

ṯsw.f sbḥ3 styw
os seus discursos fazem fugir os Asiáticos.

wʿ rnpw [nḥmt (?)] ḥr t3š.f
Único e vigoroso que mantém a salvo[10] as suas fronteiras,

tm rdi wrd mrt.f
que nunca permite que os seus servos se cansem.

rdi sḏr pʿt r šsp
Que deixa a elite dormir até ser claro,

ḏ3mw.f n ḳddw.sn
(com) as suas tropas[11] no sono deles,

ḥ3ty.f m mkty.sn
o seu coração protege-os.

iri.n wḏw.f t3šw.f
As suas ordens estabeleceram as suas fronteiras,

sʒḳ.n mdw.f idbwy
as suas palavras uniram as Duas Margens[12].

ḥᶜwy nṯrw
Como se alegram[13] os deuses[14],

srwd.n.k pʒwt.sn
por tu teres feito florescer as suas oferendas!

ḥᶜwy ḫrdw.k
Como se alegram os teus filhos[15],

irí.n.k tʒš.sn
por tu teres feito as suas fronteiras!

ḥᶜwy itw.k imy-bʒḥ
Como se alegram os teus pais que estão entre os antepassados,

sᶜʒ.n.k psš{t}w.sn
por tu teres aumentado a sua parte!

ḥʿwy kmtw m ḫpš.k
Como se alegram os Egípcios com o teu poderoso braço,

mk.n.k iswt.sn
por tu teres protegido as suas[16] antigas tradições!

ḥʿwy pʿt m sḫr.k
Como se alegra a elite com a tua governação,

iṯi.n bȝw.k ḥȝw.sn
a tua força conduziu-os à sua riqueza[17]!

ḥʿwy idbwy m nrw.k
Como se alegram as Duas Margens com a tua terribilidade[18],

swsḫ.n.k ḫrt.sn
tu aumentaste os seus bens!

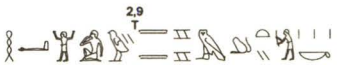
ḥʿwy ḏȝmw.k sṯst
Como se alegram as tropas que tu organizaste[19],

rdi.n.k rwd.sn
por tu lhes teres permitido o seu sucesso!

2,8 T

ḥᶜwy im3ḫyw.k
Como se alegram os teus veneráveis,

rdi.n.k rnpy.sn
por tu lhes teres permitido o seu rejuvenescimento!

2,9 T


ḥᶜwy t3wy m pḥty.k
Como se alegram as Duas Terras com o teu poder,

mki.n.k inbw.sn
por tu teres protegido as suas muralhas!

2,10 T

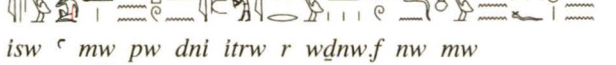
inyt.f ḥr swsḫ t3š.f wḥm.k nḥḥ
O seu refrão: Hórus, que aumentaste a sua fronteira, possas tu repetir a eternidade!

2,11 T

wrwy nb n niwt.f
Como é grande o senhor para a sua cidade[20]:

rᶜ pw nḏs pw k[y]wy ḫ3w rmṯ
ele é Ré[21], os outros milhares de homens são pequenos!

wrwy nb n niwt.f
Como é grande o senhor para a sua cidade:

2,12 T


isw ᶜ mw pw dni itrw r wḏnw.f nw mw
de facto[22] ele é um braço de água que retém o rio na sua inundação de água!

wrwy nb n niwt.f
Como é grande o senhor para a sua cidade:

2,13 T

isw mnḫb pw rdi sḏr s nb r šsp
de facto ele é um lugar fresco que permite a todo o homem dormir até ser claro!

wrwy nb n niwt.f
Como é grande o senhor para a sua cidade:

2,14 T

isw imḏr pw m ḫsmn šsm
de facto ele é uma muralha de bronze[23] de Chesem[24]!

wrwy nb n niwt.f
Como é grande o senhor para a sua cidade:

2,15 T

isw ibw pw tmm šȝš drt.f
de facto ele é um abrigo e não se pode evitar a sua mão!

wrwy nb n niwt.f
Como é grande o senhor para a sua cidade:

2,16 T

isw nht pw nḥmt snd m-ˁ ḫrwy.f
de facto ele é uma segurança que salva o homem tímido das mão do seu inimigo!

wrwy nb n niwt.f
Como é grande o senhor para a sua cidade:

2,17 T

isw šwt pw ȝḫt ḳbt m šmw
de facto ele é a sombra em Akhet e o fresco em Chemu!

wrwy nb n niwt.f
Como é grande o senhor para a sua cidade:

2,18 T

isw ḳᶜḥ pw šm[m] šw{t} r tr n prt
de facto ele é um canto quente e seco na estação de Peret!

wrwy nb n niwt.f
Como é grande o senhor para a sua cidade:

2,19 T

isw ḏw pw mḏr ḏᶜ r tr n nšnn pt
de facto ele é a montanha que impede a tempestade na época em que o céu está tormentoso!

wrwy nb n niwt.f
Como é grande o senhor para a sua cidade:

2,20 T

isw sḫmt pw r ḫryw ḫndw ḥr tȝš.f
de facto ele é Sekhmet contra os inimigos que pisam sobre a sua fronteira!

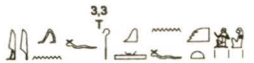
3,1 T

ii.n.f n.n iṯi.f tȝ šmᶜw
Ele veio[25] até nós tomar posse da terra do Alto Egipto,

ḫnm.n sḫmty m tp.f
a coroa dupla uniu-se sobre a sua cabeça.

ii.n.f sm3.n.f t3wy
Ele veio, ele unificou as Duas Terras,

3bḥ.n.f swt n bit
ele associou o junco e a abelha.



ii.n.f ḥk3.n.f kmt
Ele veio, ele governou a Terra Negra,

rdi.n.f dšrt m ʿb.f
ele pôs a Terra Vermelha junto consigo.

ii.n.f mki.n.f t3wy
Ele veio, ele protegeu as Duas Terras,

sgrḥ.n.f idbwy
ele pacificou as Duas Margens.

ii.n.f sʿnḫ.n.f kmt
Ele veio, ele deu vida à Terra Negra,

ḫsr.n.f šnw.s
ele eliminou as suas necessidades[26].

ii.n.f sʿnḫ.n.f pʿt
Ele veio, ele fez viver a elite,

srḳ.n.f ḥtyt rḫyt
ele fez respirar a garganta do povo[27].

ii.n.f ptpt.n.f ḫ3swt
Ele veio, ele esmagou os países estrangeiros,

ḥwi.n.f iwntyw ḫmw snḏ.f
ele derrotou[28] as tribos que ignoraram o seu temor.

ii.n.f sʿḥ3.n.f t3š.f
Ele veio, ele combateu[29] na sua fronteira,

nḫm.n.f ʿw3
ele salvou-a de ser roubada.

3,9 T

ii.n.f ... ... ꜥwy.f imɜḫ
Ele veio, os seus braços ... ... a honra,

n inn.n.n ḫpš.f
que trouxe até nós o seu poder.

3,10 T

ii.n.f ... ... ḫrdw.n
Ele veio, ... as nossas crianças

ḳrs.n iɜw.n ḥr ...
e nós podemos enterrar os nossos anciãos no ... ...

3,11 T

... ...
... ...[30]

3,12 T

mr.tn ḫᶜ-kɜw-rᶜ ꜥnḫ ḏt r nḥḥ ...
Amai Khakauré, que vive perpetuamente na eternidade ...

3,13 T

wdd iri.f kɜw.tn nḥm ... ...
Ele ordena que dêem os vossos alimentos e ajuda ... ...

3,14 T

sꜣw.n rḫ snfy ꜥpr ... ...

É o nosso guardião que sabe como fazer respirar e equipa ... ...

3,15 T

ḏbꜣ.tn n.f m ꜥnḫ wꜣs ḥḥw n ... ...

Retribuí-lhe com vida e autoridade por milhões de anos ... ...

3,16 T

ḥst ḥꜥ-kꜣw-rꜥ ꜥnḫ ḏt r nḥḥ ... ...

Glorificação de Khakauré, que vive perpetuamente na eternidade ...

3,17 T

fꜣt ꜥ nfw m wi[ꜣ] ... ...

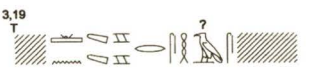
Levanta o braço o capitão da barca sagrada (?) ... ...

3,18 T

ḫkry m ḏꜥm r ... ...

Ornamentada com electrão[31] para ... ...

3,19 T



... .n idbwy r sḫs ... ...

... as Duas Margens para ? ... ...

3,20 T

... .n.sn mtnw ... ...

... o caminho ... ...

NOTAS

[1] Na apresentação hieroglífica da expressão *ḥr nbw ḫpr*, «Hórus de Ouro: Que vem à existência», há uma anteposição gráfica: *ḫpr* inicia o conjunto. Como em todas as anteposições gráficas, esta deve-se igualmente à procura de um arranjo mais harmonioso dos hieróglifos. Por um lado G. S12 ( ) desenvolve-se horizontalmente, sendo facilmente aceite como base dos outros dois caracteres que se desenvolvem em verticalidade; por seu lado G. G5 ( ) tem o lado direito oblíquo, mais estreito em cima e mais largo em baixo, sendo lógico o seu posicionamento à direita, em relação a G. L1 ( ), cuja forma de base rectangular e os arredondamentos das patas tanto à direita quanto à esquerda, permitia colocá-lo em qualquer lugar.

[2] O papiro não está datado mas está dedicado. Temos aqui a titulatura real completa do quarto rei da XII dinastia (1878-1842 a. C.): Khakauré Senuseret (penúltimo e último nome da titulatura, os seus nomes de nascimento e coroação, que significam «Que aparece como os *kau* de Ré» e «Homem da deusa Useret».

[3] A locução *mꜣʿ-ḫrw* também significa «justificado». A propósito desta dualidade, tem-se sustentado tanto a ideia de que os hinos foram executados durante o reinado de Senuseret III, avançando-se mesmo a hipótese de que teriam sido cantados durante uma visita do rei a Lahun ao templo funerário de seu pai, onde o papiro foi encontrado, quanto a ideia de que eles faziam parte do seu culto funerário.

[4] A grafia da palavra *ḫꜣswt* aqui não é totalmente segura, porque o papiro neste local está rasgado e não permite a leitura dos caracteres que aí existiam. Contudo, na coluna seguinte repete-se a palavra e os dois últimos caracteres não levantam dúvidas. No quarto hino, linha sete da placa III, repete-se a palavra e aí é compreensível na totalidade mostrando esta grafia (F. Ll. Griffith, (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, pl. III).

[5] Tal como aqui e no princípio da quarta coluna, ou noutros locais desta página, há zonas rasgadas. Nalguns casos, graças ao que sobreviveu e ao paralelismo com outros casos do documento, é possível propor um restauro, como neste local.

[6] Os inimigos do Egipto.

[7] A palavra *ḫꜣ* significa «mil» e aqui, no plural, tem que ser entendida como «milhares».

[8] No quarto hino, linha sete da placa III, repete-se a mesma palavra e aí é compreensível na sua totalidade mostrando esta grafia (F. Ll. Griffith, (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, pl. III).

[9] O verbo *rtḥ*, «reprimir», costuma escrever-se ; contudo, Faulkner mostra que surge também só com o penúltimo determinativo . Assim sendo, o caracter D19 ( ) é o início da palavra seguinte , a palavra *sty* que significa «Núbia», que também não surge com a sua forma habitual , em que o caracter G. D19 é substituído pelo caracter G. Aa32 ( ). Gardiner diz que esta substituição por

vezes ocorre na escrita hierática (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 253; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 452).

[10] A proposta de Erman, Lichtheim e Simpson, «que luta pelas suas fronteiras», baseia-se apenas no determinativo final e no espaço em falta, onde é possível encaixar a palavra *nḫt* que, literalmente, significa «forte», «poderoso» ou «violência». Contudo, no terceiro hino, na linha 16 da placa II, surge a palavra *nḥmt* ( ) que significa «salvar» ou «manter a salvo» e também poderia ocupar o espaço em causa. Parece-nos um epílogo mais a propósito, depois de nos catorze versos anteriores mostrar o que faria aos seus inimigos (A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 135; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 199; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 281; F. LL. GRIFFITH, (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, pl. III; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egípcios*, pp. 243-244).

[11] A palavra *ḏ3mw* também pode significar «jovem», mas não nos parece adequada aqui (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 319).

[12] O dual de *idb*, «margem», significa Egipto.

[13] A palavra *ḥ ʿwy*, aqui na alternativa *ḥʿwy*, saliente na primeira linha à retaguarda das restantes linhas deste hino, é uma anáfora, isto é, uma palavra, noutros casos podem ser grupos de palavras, que devem ser repetidas nos versos seguinte do hino para enfatizar o seu sentido. É um particípio imperfectivo activo do verbo da 3ª inflexão *ḥʿi*, «regozijar-se», «alegrar-se» (F. LL. GRIFFITH, (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, placa II; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 164; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egípcios*, pp. 285-286).

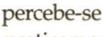
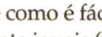
[14] Este restauro já consta na obra de Petrie, bem como nas traduções de Erman, Lichtheim e Simpson (A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 135; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 199; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 281; F. LL. GRIFFITH, (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, p. 2 da placa II).

[15] Aqui a palavra «filhos» surge como sinónimo de herdeiros, tal como na frase seguinte «pais» surge como sinónimo de antepassados. Este restauro já consta na obra de Petrie, bem como nas traduções de Lichtheim e Simpson. Erman deixou um espaço em branco (A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 135; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 199; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 281; F. LL. GRIFFITH, (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, p. 2 da placa II).

[16] O rasgão existente no papiro neste local não permite ter a certeza da existência do pronome sufixo, 3ª pessoa do plural nesta e na linha seguinte, contudo, esse é o padrão (F. LL. GRIFFITH, (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, placa II).

[17] As palavras «governação», «força» e «riqueza», são imagens de superioridade socio-económica, pelo que não devemos considerar neste texto a palavra *pʿt* como «espécie humana» ou «humanidade», mas apenas a elite governativa. Petrie em lugar de *ḫ3w* lê , que não é nenhuma palavra conhecida. Contudo, com base na comparação entre os caracteres G. S34 () e G. M16 () nas tabelas do *Old Hieratic Paleography*, de Goedicke, percebe-se como é fácil confundir os dois caracteres, pois há possibilidade de serem praticamente iguais (F. Ll. Griffith, (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, placa II; H. Goedicke, *Old Hieratic Paleography*, pp. 21a, 21b e 36a, 26b).

[18] Cfr. nota 52 do *Conto do Camponês Eloquente*.

[19] De facto, o que consta no papiro é o caracter G. N35 (—). Aparentemente será um erro, pois não existe nenhuma palavra com essa grafia. O que devia constar era o caracter G. O34 (⊸) já que a palavra  existe como variante de  *stsi*, verbo causativo da 3ª inflexão que significa «levantar», «originar», «criar», «angariar» ou «organizar». Como o exército nesta época não era profissionalizado, sendo os camponeses recrutados à medida das necessidades, seriam os soldados que tinham sido recrutados especificamente por Senuseret III (R. O. Faulkner, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 256).

[20] A frase *wrwy nb n niwt.f* é uma anáfora. Tal como no hino anterior, aqui apenas aparece à retaguarda da primeira linha, mas é para ser repetida antes de todas as outras linhas do hino, que começam invariavelmente com um recuo como se esta frase lá estivesse. Procederemos como no hino anterior (F. Ll. Griffith, (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, placa II).

[21] A leitura desta frase gerou alguma discordância em anteriores tradutores. Erman, na senda de Petrie, leu *wʿ ḥḥ pw*, resultando «ele sozinho é um milhão, pequenos são os outros homens». Contudo, sugestionados por Goedicke, Lichtheim e Simpson leram *rʿ pw*, resultando a tradução que apresentamos ou semelhante. Contudo, parece terem filiado a sua opinião no artigo que Goedicke apresentou em 1968. Atentos à questão, fomos ao original e confrontámos a nossa leitura do papiro com o *Old Hieratic Paleography*, de Goedicke, que mostra que a leitura do caracter que habitualmente é tido por G. C11 ( ) parece-se, de facto, com G. A40 ( ). Depois aparecem ainda mais duas trocas em palavras desta frase. Na palavra *kwy* o *w* e o *y* estão trocados, mas foi erro do escriba; na palavra *ḫ3w* a transcrição hieroglífica de Petrie apresenta no lugar do caracter G. M12 ( ) o caracter G. M17 ( ). É erro de leitura do papiro ou um lapso de registo, porque, graças ao *Old Hieratic Paleography*, verifica-se que o que lá está é o primeiro dos dois. Aliás, esta palavra já aparecera em 1,6 (A. Erman, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 135; M. Lichtheim, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 199; W. K. Simpson, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 282; F. Ll. Griffith, (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from*

Kahun and Gurob, p. 2 da placa II e placa II; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 4a, 4b, 5a, 5b e 21a, 21b; H. GOEDICKE, «Remarks on Hymns to Sesostris III», *JARCE*, 7 (1968), pp. 23-26).

[22] A partícula proclítica *isw*, «de facto», antecede todas as frases deste hino logo após a anáfora.

[23] Com novo apelo ao *Old Hieratic Paleography*, percebe-se que os hieróglifos G. M44 ( ) G. U32 ( ) podem ser facilmente confundidos. Em relação ao significado da palavra *ḥsmn*, que também se escreve , julgamos que signifique «bronze» e não «cobre», exactamente devido à presença do caracter G. U32 que representa um pilão e um cadinho, mais adequados ao facto de o bronze ser uma liga de cobre e estanho. Para «cobre» temos a palavra *ḥmt*, (F. LL. GRIFFITH, (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, placa III; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 23a, 23b e 40a, 40b; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 169 e 178; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egípcios*, pp. 294 e 306).

[24] Chesem é o Sinai, onde havia importantes minas de turquesa e cobre.

[25] No quarto hino a anáfora é apenas esta expressão, a forma verbal activa *sḏm.n.f* do verbo *ii*, correspondendo aqui a um particípio. Procederemos como nos hinos anteriores.

[26] Todas estas expressões se referem ao Egipto em geral (Kemet, Duas Terras, Duas Margens), à sua terra fértil (Kemet, Duas Margens), ou ao deserto (Decheret). Mas se as traduzirmos todas, ou quase todas por Egipto, perderemos a riqueza imagética da nomeação geográfica. A beleza desta passagem está exactamente no jogo contrastante entre estas expressões.

[27] Esta frase evidencia o contraste político e socioeconómico entre a elite e o povo.

[28] Na palavra há uma troca entre os dois primeiros caracteres (F. LL. GRIFFITH, (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, placa III).

[29] A deterioração no início desta linha do quarto hino e da seguinte é total. A proposta de restauro é nossa (F. LL. GRIFFITH, (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, placa III).

[30] O texto volta a «encostar à margem» e não há mais anáforas. Esta parte final, igualmente composta por dez linhas como cada um dos hinos anteriores, é tradicionalmente dividida em dois hinos porque, de facto, existe uma separação espacial entre a quinta e a sexta linhas. Além disso, tematicamente o quinto hino dirige-se aos ofertantes e o sexto aparenta ser um elogio fúnebre final. Contudo, a primeira dessas linhas está totalmente ilegível, tal como parte das restantes linhas, aproximadamente o terço final de cada linha. Em ambos os casos há rasgões no papiro, mas as razões desta ilegibilidade é diferente nos dois casos: em relação à primeira linha, a ilegibilidade é devida à deterioração do papiro; em relação à ilegibilidade de parte

das restantes linhas, o papiro apresenta um corte de alto a baixo, feito na época com alguma precisão, provavelmente não com o sentido de deteriorar este texto mas de aproveitar alguma quantidade de papiro para um apontamento que seria mais importante do que o presente exercício de escrita (F. Ll. Griffith, (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, placa III).

[31] Cfr. nota 63 do texto *Khufu e os Magos*.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

Khufu e os Magos

Papiro Berlim 3033 (Papiro Westcar).

Blackman, A. M., *The Story of King Kheops and the Magicians. Transcribed from Papyrus Westcar (Berlin Papyrus 3033)*, Whistoble: J. V. Books (obra póstuma publicada por W. V. Davies), 1988.

Erman, A., *Die Märchen des Papyrus Westcar*, I (einleitung und commentar), Berlim: Königliche Museen zu Berlin, Mitteilungen aus den orientalischen Sammlungen, vols. V e VI, 1890.

Erman, A., *Die Märchen des Papyrus Westcar*, II (glossar, palaeographische bemerkungen und feststellung des Textes), Berlim: Königliche Museen zu Berlin, Mitteilungen aus den orientalischen Sammlungen, vols. V e VI, 1890.

Sethe, K., «Aus den Wundererzählungen vom Hofe des Königs Cheops», em *Ägyptische Lesestücke zum Gebrauch im akademischen Unterricht. Texte des Mittleren Reiches*, Leipzig: Georg Olms, 1924, 26-36.

História de Sinuhe

Papiro Berlim 10499 ou *Papiro Ramesseum A* (R).

Papiro Berlim 3022 (B).

Blackman A. M., «The Story of Sinuhe», em *Middle-Egyptian Stories*, Bruxelas: Bibliotheca Aegyptiaca, II, 1972, 1-41.

Gardiner, A. H., «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», em A. Erman, *Literarische Texte des Mittleren Reiches, Hieratische Papyrus aus den Königlichen Museen zu Berlin*, II, Leipzig: J. C. Hinrichs, 1909. Tradução (pp. 9-15), transcrição em hieróglifos (pl. 1a-16a) e 16 páginas com fotografias dos papiros.

Maspero, G., *Les Mémoires de Sinouhît*, Cairo: Bibliothèque d'Étude, t. I, 1908.

SETHE, K., «Die Lebensgeschichte des Sinuhe», em *Ägyptische Lesestücke zum Gebrauch im akademischen Unterricht. Texte des Mittleren Reiches*, Leipzig: Georg Olms, 1924, 3-36.

Conto do Náufrago

Papiro 1115.

BLACKMAN A. M., «The Story of the shipwrecked Sailor», em *Middle-Egyptian Stories*, Bruxelas: Bibliotheca Aegyptiaca, II, 1972, 41-48.

GOLÉNISCHEFF, W., *Les papyrus hiératiques, n.os 1115, 1116 et 1116A de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, São Petersburgo, 1913, planches 1-8 en phototypie, avec transcription en hiéroglyphes.

Conto do Camponês Eloquente

Papiro Amherst I – Fragmentos A-E de B1 (A).
Papiro Amherst II – Fragmentos F-G de B2 (A).
Papiro Berlim 3023 (B1).
Papiro Berlim 3025 (B2).
Papiro Berlim 10499 ou *Papiro Ramesseum A* (R).
Papiro BM 10274 ou *Papiro Butler* (recto) (Bt).

PARKINSON, R. B., *The Tale of the Eloquent Peasant*, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1991.

SETHE, K., «Die Geschichte vom beredten Bauern», em *Ägyptische Lesestücke zum Gebrauch im akademischen Unterricht. Texte des Mittleren Reiches*, Leipzig: Georg Olms, 1924, 17-25.

SUYS, E., *Étude sur le conte du fellah plaideur*, Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1933.

VOGELSANG, F e GARDINER, A. H., «Die Klagen des Bauern», em A. Erman, *Literarische Texte des Mittleren Reiches, Hieratische Papyrus aus den Königlichen Museen zu Berlin*, I, Leipzig: J. C. Hinrichs, 1908. Tradução (pp. 9-15), transcrição em hieróglifos (pl. 1a-24a) e 24 páginas com fotografias dos papiros.

As Admoestações de Ipu-uer

Papiro Leiden 344 recto (página sete).

GARDINER, A. H., *The admonitions of an Egyptian Sage from a hieratic papyrus in Leiden (Pap. Leiden 344 recto)*, Hildesheim, Zurique, Nova Iorque: Georg Olms Verlag, 1990.

ENMARCH, R., *The Dialogue of Ipuwer and the Lord of All*, Oxford: Griffith Institute, 2005.

Diálogo de um Desesperado com o seu Ba

Papiro Berlim 3024.

BARTA, W., *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba (Papyrus Berlin 3024)*, *MÄS 18*, Berlim: Verlag Bruno Hessling, 1969.

ERMAN, A., *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, Berlim: *APAW*, 1896.

FAULKNER, R. O., «The Man who was tire of life», em *JEA*, 42 (1956), 21-40.

GOEDICKE, H., *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1970.

SETHE, K., «Aus dem Bericht des Lebensmüden über den Streit mit seiner Seele», em *Ägyptische Lesestücke zum Gebrauch im akademischen Unterricht. Texte des Mittleren Reiches*, Leipzig: Georg Olms, 1924, 26-36.

As Profecias de Neferti

Papiro 1116B recto.

GOLÉNISCHEFF, W. *Les Papyrus Hiératiques, n.os 1115, 1116 et 1116A de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, São Petersburgo: 1913, planches 23-25 en phototypie, avec transcription en hiéroglyphes.

HELCK, W. *Die Prophezeiung des Nfrtj*, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1970.

As Lamentações de Khakheperréseneb

Tabuinha B.M. 5645.

GARDINER, A. H., *The Admonitions of an Egyptian Sage*, Hildesheim, Zurique, Nova Iorque: Georg Olms Verlag, 1990.

KADISH, G. E., «British Museum writing board 5645: the complaints of Kha-Kheper-Re-Senebu», em *JEA* 59 (1973), 77-90, pl. XXXII-XXXIII, com reprodução fotográfica da tabuinha.

Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret

Papiro Millingen.

Papiro Sallier I.

Papiro Sallier II.

GRIFFITH, F. Li., «The Millingen Papyrus», em *ZÄS* 34 (1896), 35-51.

HELCK, W., *Der Text der «Lehre Amenemhets I für seinen Sohn»*, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1969.

LOPEZ, J., «Le Papyrus Millingen», em *RdE* 15 (1963), 29-33 and pls. 4-8.

MASPERO, G., *Les Enseignements d'Amenemhat Ier à son Fils Sanouasrit Ier*, Cairo: Bibliothèque d'Étude, 1914.
VOLTEN, A., «Zwei altägyptische politische Schriften», *Analecta Aegyptiaca*, 4, Copenhaga, 1945, 104-128.

Instrução Lealista

Estela de Sehetepibré.
Papiro Louvre E 4864.
Tabuinha Carnarvon II (Cairo JE 43261D).
Papiro Amherst XII + XIII.
Papiro UC 32781 (*Papiro Rîfeh* de Posener)
G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, Genève: Librairie Droz, 1976.

Instrução de Kheti

Papiro Sallier II.
BRUNNER, H., *Die Lehre des Cheti, Sohnes des Duauf*, Ägyptologische Forschungen, 13, Glückstadt, 1944.
HELCK, W., *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil I, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1970.
—— *Die Lehre des dwꜣ-ḫtjj*, teil II, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1970.

Hinos ao rei Senuseret III

Papiro UC 32157 (anterior *Papiro Kahun LV1*).
F. LL. GRIFFITH (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob (principally of the Middle Kingdom)*, Londres: Bernard Quaritch, 1898.
SETHE, K., «Hymnen auf König Sesostris III», em *Ägyptische Lesestücke zum Gebrauch im akademischen Unterricht. Texte des Mittleren Reiches*, Leipzig: Georg Olms, 1924, 65-67.

GRAMÁTICAS, DICIONÁRIOS, GLOSSÁRIOS E LÉXICOS HIEROGLÍFICOS

ALLEN, J. P., *Middle Egyptian. An Introduction to the Language and Culture of Hieroglyphs*, Cambridge: Cambridge University Press, 1ª ed., 2000.
BETRÒ M. C., *Geroglifici. 580 Segni per Capire l'Antico Egitto*, Milão: Mondadori, 1998.
ČERNÝ, J. e GROLL, S. I., *A Late Egyptian Grammar*, Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1993.

COLLIER, M., *Hieroglyphs 2*, Edimburgo: School for Scribes, 1995.
COLLIER, M. e MANLEY, B., *How to Read Egyptian Hieroglyphs*, Londres: British Museum Press, 1999.
CUNHA C. e LINDLEY CINTRA, L. F., *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.
DEPUYDT, L. *Catalogue of Coordinates and Satellites of the Middle Egyptian Verb*, Lovaina: Uitgeverij Peeters, 1996.
FAULKNER, R. O., *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1996.
GARDINER, A., *Egyptian Grammar*, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 3ª ed., 1994.
GOEDICKE, H., *Old Hieratic Paleography*, Baltimore: Halgo Inc., 1988.
HOUAISS, A. ET AL., *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa: Círculo de Leitores, Lisboa, 2002.
JONES, D., *A Glossary of Ancient Egyptian Nautical Titles and Terms*, Londres, Nova Iorque: Kegan Paul International, 1988.
LEFEBVRE, G., *Grammaire de l'Égyptien Classique*, Cairo: IFAO, 2ª ed., 1955.
LOPRIENO, A., *Ancient Egyptian – A Linguistic Introduction*, Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
MARTÍN VALENTÍN, F. J., *Gramática Egipcia*, Madrid: Alderabán Ediciones, 1999.
MENU, B., *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique à l'usage des débutants*, Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1997.
—— *Petit Lexique de l'Égyptien Hiéroglyphique à l'usage des débutants*, Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1997.
NEVEU, F., *La Langue des Ramsès. Grammaire du néo-égyptien*, Paris: Éditons Khéops, 1996.
NUR EL-DIN, A., *The Ancient Egyptian Language*, Alexandria: Bibliotheca Alexandrina, 2007.
PADRÓ, J., *La Lengua de Sinuhé. Gramática del egipcio clasico*, Barcelona: Crítica, 2007.
SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, A., *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, Madrid: Alderabán Ediciones, 2000.
SCHUMANN-ANTELME, R. e ROSSINI, S., *Lecture illustrée des hiéroglyphes. L'écriture sacrée de l'Égypte*, Paris: Éditions du Rocher, 1998.

Programa Informático Hieroglífico e Suporte Bibliográfico

Berg, H. van den e Aubourg, E., *Glyph for Windows + Extended Library 2.0 – Hieroglyphic Text Processing*, Publications interuniversitaires de recherches égyptologiques informatisées, I, Utreque: Centre for Computer-aided Egyptological Researchs, Utrecht University, 2000.

Grimal, N., Halloф, J. e Plas, D. van der (eds.), *Hieroglyphica*, Publications interuniversitaires de recherches égyptologiques informatisées, I, Utreque: Centre for Computer-aided Egyptological Researchs, Utrecht University, 2000.

Bibliografia Específica

Khufu e os Magos

Blackman A. M., «Some philological and other notes», em *JEA* 13 (1927), 187-190.

—— «Some notes on the Story of Sinuhe and other Egyptian Texts», em *JEA* 22 (1936), 35-44.

Erman, A., *Die Märchen des Papyrus Westcar*, I (einleitung und commentar), Berlim: Königliche Museen zu Berlin, Mitteilungen aus den orientalischen Sammlungen, vols. V e VI, 1890.

Manniche, L., *How DjaDja-em-Ankh saved the day*, Nova Iorque: Thomas Y. Crowell Company, 1976.

Mathieu, B., «Les contes du Papyrus Westcar. Une interprétation», em *Egypte* 15 (1999), 29-40.

Piehl, K., «Quelques passages du Papyrus Westcar», em *Sphinx* 1 (1897), 71-80.

Sethe, K., «Aus den Wundererzählungen vom Hofe des Königs Cheops», em *Erläuterungen zu den ägyptischen Lesestücken*, Leipzig: 1927, 32-45.

Schuler, F., *Conte des Deux Frères suivi de Le Mari Trompé*, Paris: Librairie José Corti – Collection Merveilleux (5), 1999.

História de Sinuhe

Baines, J. «Interpreting Sinuhe», em *JEA* 68 (1982), 31-44.

Barns, J. W. B., «Sinuhe's Message to the king: a replay to a recent article», em *JEA* 53 (1967), 6-14.

—— «Some readings and interpretations in sundry Egyptian Texts», em *JEA* 58 (1972), 159-166.
BÁRTA, M., *Sinuhe, the Bible, and the Patriarchs*, Praga: Set Out – Roman Míšek, 2003.
BERG, D., «Note on Sinuhe B 5-7», em *GM* 79 (1984), 11-13.
BLACKMAN, A. M., «Notes on certain passages in various Middle Egyptian Texts», em *JEA* 16 (1930), 63-72.
—— «Some notes on the Story of Sinuhe and other Egyptian Texts», em *JEA* 22 (1936), 35-44.
CLÈRE, J. J., «Sinouhé en Syrie (notes sur B28-30 et B30-31)», em F. Cumont *et al* (ed.), *Mélanges Syriens offerts à René Dussaud par ses amis et élèves*, Paris, 1939, 829-840.
COLIN, G., «"Dans une proximité lointaine" ou "En allant et venant?"», em *RdE* 46 (1995), 203-204.
DAVIES, W. V., «The meaning of *nyswt* as "javelins" confirmed», em *JEA* 59 (1973), 224.
—— «Reading in the Story of Sinuhe and other Egyptian Texts», em *JEA* 61 (1975), 45-53.
DE BUCK, A. «Some New Interpretations in Sinuhe», em *Studies Presented to F. Ll. Griffith*, Londres, 1932, 57-60.
—— «A note on Sinuhe B, 71-72», em *JEA* 25 (1939), 100.
DERCHAIN, P. «La réception de Sinouhé a la cour de Sésostris Ier», em *RdE* 22 (1970), 79-83.
—— «Sinouhé et Ammounech», em *GM* 87 (1985), 7-13.
DONADONI, S., «Sinuhe nella corregenza di Sesostri», em *SCO* 15 (1966), 275-277.
FAULKNER, R. O., «"Liaison" n between –n and wi», em *JEA* 64 (1978), 129.
FISCHER, H. G., «"Milk in everything cooked" (Sinuhe B91-92)», em *Varia. Egyptian Studies*, I, Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, 1976, 97-99.
FISCHER-ELFERT, H.-W., «The Hero of Retjenu – An execration Figure (Sinuhe B 109-113)», em *JEA* 82 (1996), 198-199.
FOSTER, J. L., «Sinuhe: The ancient Egyptian genre of narrative verse», em *JNES* 39, nº 2 (1980), 89-117.
—— «The *sḏm.f* and *sḏm.n.f* forms in the tale of Sinuhe», em *RdE* 33 (1981), 27-52.
—— «Cleaning up Sinuhe», em *JSSEA* XII (1982), 81-85.

GARDINER, A. H., *Notes on the Story of Sinuhe*, Paris: Librairie Honoré Champion, Editeur, 1916.
GILBERT, P., *La Poésie Égyptienne*, Bruxelas: Fondation Égyptologique Reine Elisabeth, 1949.
GILULA, M., «Sinuhe B 255», em *JNES* 35, nº 1 (1976), 25-28.
GOEDICKE, H., «The Route of Sinuhe's Flight», em *JEA* 43 (1957), 77-85.
—— «Sinuhe's Replay to the King's Letter», em *JEA* 51 (1965), 29-47.
—— «Sinuhe's Duel» em *JARCE* 21 (1984), 197-201.
—— «The Riddle of Sinuhe's Flight», em *RdE* 35 (1984), 95-103.
—— «Three Passages in the Story of Sinuhe», em *JARCE* 23 (1986), 167-174.
—— «Sinuhe's self-realization (Sinuhe B 113-127)», em *ZÄS* 117 (1990), 129--139.
—— «Where did Sinuhe stay in "Asia" (B 29-31)», em *CdE* 67 (1992), 28-40.
GORDON, C. H., «The Marriage and Death of Sinuhe», em *Love and Death in the Ancient Near East*. Essays in Honour of M. H. Pope, H. von J. H. Marks and R. M. Good; Guifford: Four Quarters Pub. Co., 1987, 43-44.
GREEN, M., «The Syrian and Lebanese Topographical Data in the Story of Sinuhe», em *CdE* 58 (1983), 38-59.
—— «The word *ng3w* in Sinhue B13», em *GM* 70 (1984), 27-29.
GREIG, G. S., «The *sḏm.f* and *sḏm.n.f* in the Story of Sinuhe and the theory of the nominal (emphatic) verbs», em *Studies in Egyptology*. Presented to Miriam Lichtheim, vol. I, Jerusalém: S. Israelit-Groll, 1990, pp. 264-348.
JEQUIER, G., «Quelques passages de Sinouhit», em *RT* 39 (1921), 15-19.
LE GUILLOUX, P., *Les Aventures de Sinouhé*, Angers: Cahiers de l'Association angevine d'Egyptologie Isis, nº 4, 2002.
LUINO, P., *La Véritable Histoire de Sinouhé*, Paris: Éditions La Maison de Vie, 2001.
MALAISE, M., «La traduction de Sinouhe B160», em *GM* 10 (1974), 29-34.
MASPERO, G., «Sinouhit. Protocole du debut», em *RT* 28 (1906), 61.
—— «Sinouhit, l. 134-135», em *RT* 28 (1906), 72.
—— «Sinouhit, l. 246-247», em *RT* 30 (1908), 64-65.
MELTZER, E. S., «*sḏm.f*, *sḏm.n.f*, and verbs of motion in Sinuhe: Some reflections», em *JARCE* 28 (1991), 133-138.
MONTET, P., «Sur quelques passages des "Mémoires de Sinouhit"», em *RevEg* 2 (1921), 56-69.
PATANÉ, M., «Quelques remarques sur Sinuhe», em *BSEG* 13 (1989), 131--133.

PURDY, S., «Sinuhe and the Question of Literary Types», em *ZÄS* 104 (1977), 112-127.
RAINEY, A. F., «The World of Sinuhe», em *IOS* 2 (1972), 369-408.
RODES, M., «Sinhue B 255», em *JNES* 32, nº 4 (1973), 485-486.
ROSENVASSER, A., «A new duplicate Text of the Story of Sinuhe», em *JEA* 20 (1934), 47-50.
SIMPSON, W. K., «Sinuhe», em *LÄ* V, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1984, col. 950-955.
TOBIN, V. A., «The Secret of Sinuhe», em *JARCE* 32 (1995), 161--178.
VANDERSLEYEN, C., «Sinouhé B 221», em *RdE* 26 (1974), 117-121.
WEILL, R., «Sinouit et Byblos», em *Sphinx* 11 (1908), 201-205.
YOYOTTE, J. «A propos du panthéon de Sinouhé (B 205-212)», em *Kemi* 17 (1964), 69-73.
ZIVIE, A.-P., «Les carriers et la Butte de Yak», em *RdE* 29 (1977), 151-162.

Conto do Náufrago

BAINES, J., «Interpreting the Story of the Shipwrecked Sailor», em *JEA* 76 (1990), 55-72.
BLACKMAN, A. M., «Some notes on the Story of Sinuhe and other Egyptian Texts», em *JEA* 22 (1936), 35-44.
BRYAN, B., «The Hero of the "Shipwrecked Sailor"», em *Sarapis* 5, nº 1 (1979), 3-13.
DÉVAUD, E., «Le Conte du Naufragé», em *RT* 38 (1916-17), 188-209.
DOCHNIAK, C. C. «A Note on Shipwrecked Sailor 135-38», em *GM* 142 (1994), 69-71.
ERMAN, A., «Die Geschichte des Schiffbrüchigen», em *ZÄS* 43 (1906), 1-26.
FOSTER, J. L., «The Shipwrecked sailor: prose or verse?», em *SAK* 15 (1988), 69-109.
GARDINER, A. H., «Notes on the Tale of the Shipwrecked Sailor», em *ZÄS* 45 (1909), 60-66.
GOEDICKE, H., «The Snake in the Story of the Shipwrecked Sailor», em *GM* 39 (1980), 27-31
GOLÉNISCHEFF, W., *Le Conte du Naufragé*, Cairo: *Bibliothèque d'Étude*, 2, IFAO, 1912.
IGNATOV, S., «Some notes on the Shipwrecked Sailor», em *JEA* 80 (1994), 195-198.

KUTH, D., «Zur Interpretation der Geschichte des Shiffbruchigen», em *SAK* 14 (1987), 167-179.
LAPIDUS, M., *La Quête de l'Île Merveilleuse (le conte du naufragé)*, Paris: Éditions La Maison de Vie, 1995.
LE GUILLOUX, P., *Le Conte du Naufragé (Papyrus Ermitage 1115)*, Angers: Cahiers de l'Association angevine d'Egyptologie Isis, nº 1, 1996.
LOPRIENO, A., «The Sign of Literature in the Shipwrecked Sailor», em *OLA* 39 (1991), 209-217.
MASPERO, G. «Notes sur le Conte du Naufragé», em *RT* 29 (1907), 106-109.
RADOMSKA, B., «Die Insel des Schiffbrüchigen – eine Halbinsel?», *GM* 99, Göttingen: Universität Göttingen, 1987, pp. 27-30.
SIMPSON, W. K., «Schiffbrüchiger», em *LÄ* V, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1984, cols. 620-622.
VANDERSLEYEN, C. «En relisant le Naufragé», em S. Israelit-Groll (ed.), *Studies in Egyptology Presented to Miriam Lich-theim*, II, Jerusalém: Magnes Press, Hebrew University, 1990, pp. 1019-1024.
VIKENTIEV, V., «The metrical scheme of the "Shipwrecked Sailor"», em *BIFAO* 35 (1934), pp. 1-40.
—— «A propos des "sourcils" du roi-serpent», em *BFA* 4 (1936), 16.
—— *Voyage vers l'Île Lointaine*, Cairo: Imp. Naggiar, 1941.
WAINWRIGHT, G. A., «Zeberged: the shipwrecked Sailor's island», em *JEA* 32 (1946), 31-38.
WESTENDORF, W., «Die Insel des Schiffbrüchigen – keine Halbinsel», em S. Israelit-Groll (ed.), *Studies in Egyptology Presented to Miriam Lichtheim*, II, Jerusalém: Magnes Press, Hebrew University, 1990, pp. 1056-1064.

Conto do Camponês Eloquente

BLACKMAN A. M., «Some philological and other notes», em *JEA* 13 (1927), 187-190.
—— «Some notes on the Story of Sinuhe and other Egyptian Texts», em *JEA* 22 (1936), 35-44.
BERLEV, O., «The Date of the "Eloquent Peasant"», em Festschrift für Gerhard Fecht, Jürgen Osing e Günter Dreyer (eds.), *Form und Mass: Beiträge zur Literatur, Sprache und Kunst des alten Ägypten*, Wiesbaden, *ÄUAT* 12 (1987), 78-83.
DAKIN, A. N., «Of the untranslatability of Maat and some questions about the *Tale or The Eloquent Peasant*» em C. J. Eyre (ed.), *Procedings of the*

Seventh International Congress of Egyptologists, Lovaina: Ed. Peeters, 1998, 295-301.
DERCHAIN, PH., «Éloquence et politique. L'opinion d'Akhtoy», em *RdE* 40 (1988), 37-47.
DEVAUCHELLE, D., «Le paysan déraciné», em *CdE* 70 (1995), Bruxelas: Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 34-40.
FECHT, G., «Bauerngeschichte», em *LÄ* I, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1975, cols. 638-651.
GARDINER, «The Eloquent Peasant», em *JEA* 9 (1923), 5-25.
—— «Notes as the Story of the Eloquent Peasant», em *PSBA* 35 (1913), 264--276.
—— «Notes on the Story of the Eloquent Peasant», em *PSBA* 36 (1914), 15--23 e 69-74.
GILULA, M., «Peasant B141-145», em *JEA* 64 (1978), 129-130.
GOEDICKE, H., «Sinuhe's foreigners wife», em *BSEG* 9-10 (1984-1985), 103-107.
—— «Comments concerning the "Story of the Eloquent Peasant"», em *ZÄS* 125 (1998), 109-125.
GOODWIN, C. W., «Letre à F. Chabas sur un fragment hiératique se rattachant au papyrus de Berlin nº 11», em François Chabas, *Mélanges Égyptologiques*, IIe série, Chalon-sur-Saône: J. Dejussien Editeur, 1864.
HELCK, W., «Papyri Amherst», em *LÄ* IV, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1982, cols. 673-674.
—— «Papyri Ramesseum», em *LÄ* IV, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1982, cols. 726-727.
LE GUILLOUX, P., *Le conte du paysan éloquent. Texte hiéroglyphique, translittération et traduction commentée*, Cahiers de l'Association d'Égyptologie Isis, nº 2, Angers, 2002.
LEPROHON, R. J., «The Wages of the Eloquent Peasant», em *NSSEA* 5, nº 1 (1974), 4-6.
MÜLLEN, W. N., «The story of the Peasant», em *PSBA* 15 (1893), 343-344.
NEWBERRY, P., *The Amherst Papyri: Being an Account of the Egyptian Papyri in the Collection of the Right Hon. Lord Amherst of Hackney*, Londres: Bernard Quaritch, 1899.
PARKINSON, R. B., «The date of the "Tale of the Eloquent Peasant"», em *RdE* 42 (1991), 171-181.
—— «Literary form and the Tale of the Eloquent Peasant», em *JEA* 78 (1992), 163-178.

PERRY, E., *A critical Study of the Eloquent Peasant*. Dissertation: Johns Hopkins University, Ann Arbor: University Microfilms, Baltimore, 1986.

ROCCATI, A., «Plaidoyer pour le Paysan Plaideur», em C. Cannuyer e J.-M. Kruchten, ed., *Individu, Société et Spiritualité dans l'Egypte pharaonique et copte (Mélanges égyptologiques offerts au Professeur Aristide Théodoridès)*, Ath., Bruxelas, Mons, 1993, 253-256.

SHUPAK, N., «A New Source For The Study of The Judiciary and Law of Ancient Egypt: "The Tale of The Eloquent Peasant"», em *JNES* 51, nº 1 (1992), 1-18.

SIMPSON, W. K., «Allusions to The Shipwrecked Sailor and The Peasant in a *Ramesside Text*», em *JAOS* 58 (1958), 50-51.

—— «The political background of the Eloquent Peasant», em *GM* 120 (1991), pp. 95-99.

VERNUS, P., «La date du Paysant Eloquent», em *Studies in Egyptology*. Presented to Miriam Lichtheim, Jerusalém: S. Israelit-Groll, 1990, pp. 1033--1047.

WENTE, E. F., «A Note on 'The Eloquent Peasant' B1 13-15», em *JNES* 24 (1965), 105-109.

As Admoestações de Ipu-uer

FERMAT, A.; LAPIDUS, M., *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, Paris: Éditions La Maison de Vie, 1999, 11-55 e 85-195.

HELCK, W., *Die «Admonitions» Pap. Leiden 1344 recto*, Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 1995.

WILSON, J. A., «Egyptian Oracles and Prophecies», em J. B. Pritchard (ed.), *Ancient Near Eastern Texts (ANET)*, Princeton: Princeton University Press, 1950 (XXI).

Diálogo de um Desesperado com o seu Ba

GARNOT, J. S. F., «La vie et la mort d'après un texte égyptien de la haute époque», em *RHR* 127 (1944), 18-29.

MASPERO, G., «Un dialogue philosophique entre un égyptien et son Âme», em *Causeries d'Égypte*, Paris, 1907, 125-131.

MATHIEU, B., «Le dialogue d'un homme avec son Âme», em *Égypte* 19 (2000), 17-36.

PARKINSON, R. B., «Khakheperreseneb and Traditional Belles Lettres», em

Studies in Honor of W. K. Simpson, vol. II, Boston: Museum of Fine Arts, 1996, 647-654.
—— «The missing beginning of the "The Dialogue of a Man and his Ba": P. Amherst III and the History of the Berlin Library», em *ZÄS* 130 (2003), 120-133.
RENAUD, O., *Le Dialogue du Désespéré avec son Âme. Une interprétation littéraire*, Genève: Cahiers de la Société d'Égyptologie, vol. 1, 1991.
SUYS, E., «Le dialogue du désespéré avec son âme», em *Orientalia* 1 (1932), 57-74.
VIKENTIEV, V., *L'Énigme d'un Papyrus*, Cairo, IFAO, 1941.
WEILL, R., «Le livre du "désespéré", le sens, l'intention et la composition littéraire de l'ouvrage», em *BIFAO* 45 (1947), 89-154.
WILLIAMS, R. J., «Reflections on the *Lebensmüde*», em *JEA* 48 (1962), 49-56.

As Profecias de Neferti

BARTA, VON W., «Zu einigen Textpassagen der Prophezeiung des Neferti», em *MDAIK* 27,1 (1971), 35-45.
FERMAT, A. e LAPIDUS, M., *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, Paris: Éditions La Maison de Vie, 1999, 65-81 e 212-244.
FOTI, L., «The history in the prophecies of Noferti: relationships between the Egyptian wisdom and prophecy literature», em *StudAeg* 2 (1976), 3-18.
GARDINER, A. H., «New literary works from ancient Egypt», em *JEA* 1 (1914), 100-106.
GOEDICKE, H., *The Protocol of Neferyt: the prophecy of Neferti*, Baltimore, Londres: The Johns Hopkins University Press, 1977.
POSENER, G., «Papyrus Ermitage 1116 B recto, l. 17», em *RdE* 5 (1946), 255.

As Lamentações de Khakheperréseneb

CHAPPAZ, J. L., «Un manifeste littéraire du Moyen Empire: Les lamentations de Kha-khéper-ré-séneb», em *BSEG* 2 (1979), 3-12.
FERMAT, A. e LAPIDUS, M., *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, Paris: Éditions La Maison de Vie, 1999, 57-63 e 196-211.
OCKINGA, B., «The Burden of Khákheperrésonbu», em *JEA* 69 (1983), 88-95.
PARKINSON, R. B., «Khakheperreseneb and Traditional Belles Lettres», em W. K. Simpson, R. E. Freed e P. der Manuelian (Ed.), *Studies in Honor of William Kelly Simpson*, vol. II, Boston: Department of Ancient Egyptian,

Nubian, and Ancient Near Eastern Art Museum of Fine Arts, 1996, 647-654.
VERNUS, P., *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*, Paris: Librairie Honoré Champion Editeur, 1995, 1-33.

Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret

ANTHES, R., «The Legal Aspect of the Instruction of Amenemhet», em *JNES* 16-3 (1957), 176-191.
DE BUCK, A., «The Instruction of Amenemmes», em *Mémoires* 66 (Mélange Maspero I – Orient Ancien), Cairo: IFAO, 847-852.
FAULKNER, R. O., «Some notes on 'The Teaching of Amenemmes I to his Son», em *Griffith Studies*, Londres, 1932, 69-73.
FOSTER, J. L., «The conclusion to the testament of Amenemes, King of Egypt», em *JAE* 67 (1981), 36-47.
GARDINER, A. H., «The earliest manuscripts of the Instruction of Amenemmes I», em *Mémoires* 66 (Mélange Maspero I – Orient Ancien), Cairo: IFAO, 479-496.
GOEDICKE, H., «The Beginning of the Instruction of King Amenemhet», em *JARCE* 7 (1968), 15-21.
—— «Ammenemes' vision (Teaching of Amenemhet I, section X», em *Hathor* 5 (2002), 23-27.
MALININE, M., «Un fragment de l'Enseignement d'Amenemhat Ier [avec 1 planche]», em *BIFAO* 34 (1934), 63-74.
THÉRIAULT, C. A., «The Instruction of Amenemhet as Propaganda», em *JARCE* 30 (1993), 151-160.

Instrução Lealista

LOPRIENO, A., «Loyalty to the King, to God, to oneself», em W. K. Simpson, R. E. Freed e P. der Manuelian (ed.), *Studies in Honor of William Kelly Simpson*, vol. II, Boston: Department of Ancient Egyptian, Nubian, and Ancient Near Eastern Art, Museum of Fine Arts, 1996, 533-552.

Instrução de Kheti

H. W. FISCHER-ELFERT, «Die Arbeit am Text: altägyptische Literaturwerke aus philologischer Perspektive», em A. Loprieno (ed.), *Ancient Egyptian Literature*, Leiden: E. J. Brill, 1996.
ROCCATI, A., «Note letterarie III. Riflessioni sulla Satira dei Mestieri», em *BSFE* 148 (2000), 5-17.

Hinos ao rei Senuseret III

GOEDICKE, H., «Remarks on the Hymns to Sesostris III», em *JARCE* 7 (1968), 23-26.

PATANÉ, M., «La structure de l'hymne a Sesostris III (1)», em *BSEG* 8 (1983), 61-65.

BIBLIOGRAFIA GERAL

Actas do colóquio *Entre Égypte et Grèce*, Paris: Cahiers de la villa «Kérylos», 1995.

ALDRED, C., *The Egyptians*, Londres: Thames and Hudson, 1987.

ALLEN, J. A., *Genesis in Egypt, The Philosophy of Ancient Egyptian Creation Accounts*, New Haven: Yale Egyptological Studies 2, 1988.

ANDREU, G., «Deux stèles de commissaires de police (*jmy-r šnṭ*) de la Première Période Intermédiaire», em *Mélanges Jacques Jean Clère*, Lille: Cahiers de Recherches de l'Institut de Papyrologie et d'Égyptologie de Lille (13), Université Charles de Gaulle, 1991, 17-23.

ANDREWS, C., *Egyptian Mummies*, Londres: British Museum Press, 1998.

—— *The Rosetta Stone*, Londres: British Museum Press, 1998.

ANSELIN, A., «La Maât, images, hiéroglyphes et mots du pouvoir», em *Cahiers Caribéens d'Egyptologie (2). La Maât dans tous ses Etats*, Martinique: Editions Tyanaba, Février/ /Mars, 2001, 53-78.

ANTELME, R. S. e ROSSINI, S., *Dictionnaire Illustré des Dieux de l'Égypte*, Paris: Editions du Rocher, 2003.

ARAÚJO, L. M., «Motivos erotizantes e porno-concupiscentes no Antigo Egipto», em *Hathor* 2 (1990), 45-71.

—— *Estudos sobre Erotismo no Antigo Egipto*, Lisboa: Edições Colibri, 1995.

—— *O Clero do Deus Amon no Antigo Egipto*, Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

—— «Da teoria à prática: o exercício do poder real no Egipto faraónico», em *Clio*, vol. 5, Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2000, 33-57.

—— «A escrita das escritas: Introdução», em L. M. Araújo (coord.), *A Escrita das Escritas*, Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2000, pp. 59-70.

—— «As escritas egípcias: eternidade e quotidiano», em L. M. Araújo (coord.), *A Escrita das Escritas*, Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2000, pp. 9-42.

—— «O túmulo de Petosíris: expressão da confluência cultural greco-egípcia», em *Presença de Victor Jabouille*, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2003, pp. 313-344.
—— *Mitos e Lendas do Antigo Egipto*, Lisboa: Centralivros/Livros e Livros, 2005.
—— *Arte Egípcia. Colecção Calouste Gulbenkian*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Museu Calouste Gulbenkian, 2006.
—— *Os Grandes Faraós do Antigo Egito*, Lisboa: Editora «A Esfera dos Livros», 2011.
ARAÚJO, L. M. (dir.), *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001.
ARISTÓTELES, *Política*, Lisboa: Veja Universidade/Ciências Sociais e Políticas, 1998.
—— *Ética a Nicômacos*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
ASSAM, M. H., *Arte Egípcia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Museu Calouste Gulbenkian, 1991.
ASSMANN, J., *Maât, l'Egypte pharaonique et l'idée de justice sociale*, Paris: Éditions La Maison de Vie, 1999.
—— *Mort et au-delà dans l'Égypte ancienne*, Paris: Éditions du Rocher, 2003.
AUFRÈRE, S. H. (ed.), *Encyclopédie religieuse de l'univers végétal. Croyances phytoreligieuses de l'Egypte ancienne*, Montpellier: Orientalia Monspeliensia X, Université Paul Valéry, 1999.
BAGNALL, R. S., *Reading Papyri, Writing Ancient History*, Londres, Nova Iorque: Routledge, 1995.
BAINES, J., «Königsnamen und –titel», em *LÄ* III, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1980, cols. 540-556.
—— «Restricted Knowledge, Hierarchy, and Decorum: Modern Perceptions and Ancient Institutions», em *JARCE* XXVII (1990), 1-23.
—— «On Social and Ideological Characteristics of the Egyptian inner elite», Lisboa, fotocópias da comunicação apresentada no *Iº Colóquio Internacional de Egiptologia «Os Faraós e a Elite Dirigente»*, 4 a 6 de Abril de 2001, 1-14.
—— *Visual and written culture in Ancient Egypt*, Oxford: Oxford University Press, 2007.
BAINES, J.; MÁLEK, J., *Egipto, Deuses, Templos e Faraós*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1991.
BARD, K. (ed.), *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*, Londres, Nova Iorque: Routledge, 1999.

BARDINET, T., *Les Papyrus Médicaux de l'Égypte Pharaonique*, Mesnil-sur-l'Estrée: Éditions Fayard, 2001.
—— *Dens et mâchoires dans les représentations religieuses et la pratique médicale de l'Égypte ancienne*, Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1990.
BARGUET, P., *Le Livre des Morts des Anciens Égyptiens*, Paris: Les Éditions du Cerf, 1967.
BAUM, N., *Arbres et Arbustes de l'Egypte Ancienne*, Lovaina: Uitgeverij Peeters, 1988.
BEAUX, N., «Le cabinet de curiosités de Thoutmosis III», em *OLA* 36 (1990), 301-302.
BECKERATH, J. von, «Königsnamen», em *LÄ* III, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1980, cols. 540-556.
BELER, A. G., *A Mitologia Egípcia*, Lisboa: Gama Editora/Centralivros, 2001.
—— *Os Faraós*, Lisboa: Gama Editora/Centralivros, 2001.
BELL, B., «Climate and the History of Egypt: The Middle Kingdom», em *AJA* 79 (1975), 223-269.
BIYOGO, G., *Origine Égyptienne de la Philosophie*, Paris: CIREF/ICAD, 2000.
BLOTTIÈRE, A. e SAPPA, C., *Tableaux des Oasis Égyptiennes*, Paris: Editions Arthaud, 1999.
BOMHARD, A.-S. von, *Le Calendrier Égyptien. Une Œuvre d'Éternité*, Londres: Periplus, 1999.
BONHÈME, M.-A. e FORGEAU, A., *Pharaon. Les Secrets du Pouvoir*, Paris: Armand Colin Éditeur, 1988.
BONNARD, A., *A Civilização Grega*, Lisboa: Edições 70, 2007.
BRAUDEL, F., *Memórias do Mediterrâneo. Pré-História e Antiguidade*, Lisboa: Terramar, 2001.
BREWER, D. J. e FRIEDMAN, R. F., *Fish and Fishing in Ancient Egypt*, Cairo: The American University in Cairo Press, 1990.
BRIER, B. e HOBBS H., *Daily Life of the Ancient Egyptians*, Westport (Connecticut), Londres: Greenwood Press, 1999.
BRUGSCH, K. H., *Thesaurus Inscriptionum Aegyptiacarum. Altägyptische inschriften*, I/II, Graz: Akademische Druck-u. Verlagsanstalt, 1968.
—— *Thesaurus Inscriptionum Aegyptiacarum. Altägyptische inschriften*, III/IV, Graz, Akademische Druck-u. Verlagsanstalt, 1968.
—— *Thesaurus Inscriptionum Aegyptiacarum. Altägyptische inschriften*, V/VI, Graz, Akademische Druck-u. Verlagsanstalt, 1968.

BUDGE, E. A. W., *The Gods of Egyptians*, vol. 1, Nova Iorque: Dover Publications, Inc., 1969.
—— *The Gods of Egyptians*, vol. 2, Nova Iorque: Dover Publications, Inc., 1969.
—— *O Livro Egípcio dos Mortos*, São Paulo: Editora Pensamento, 1999.
—— *Legends of the Egyptian Gods. Hieroglyphic Texts and Translations*, Nova Iorque: Dover Publications, 1994.
—— *Egyptian Tales and Legends. Pagan, Christian and Muslim*, Nova Iorque: Dover Publications, 2002.
BURNET, R., *L'Égypte Ancienne à travers les Papyrus*, Paris: Pygmalion, 2003.
CAMPAGNO, M., «Aspectos de un proceso de cambio: Estado emergente y religión en el valle del Nilo», em *Cahiers Caribéens d'Egyptologie (2). La Maât dans tous ses Etats*, Martinique: Editions Tyanaba, Février/Mars, 2001, 5-26.
CANHÃO, T. F., «*O meu caminho é bom*». *O Conto do Camponês Eloquente. Texto hieroglífico, transliteração, tradução comentada e análise de uma fonte documental*, Lisboa, dissertação de mestrado em História das Civilizações Pré-Clássicas (Área de Egiptologia), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2003.
—— «O Conto do Camponês Eloquente na Literatura do Antigo Egipto», em *Cadmo* 14 (2004), 125-143.
—— «Datação e Temática do Conto do Camponês Eloquente», em *Cadmo* 15 (2005), 163-187.
—— «O Conto do Camponês Eloquente», em *Cadmo* 16 (2006), 11-54.
—— «O calendário egípcio: origem, estrutura e sobrevivências», em *Cultura* 28 (2006), 39-61.
—— «Kom Ombo: o antigo domínio de Sobek» em J. A. Ramos, L. M. Araújo e A. R. dos Santos (ed.), *Arte Pré-Clássica*, Lisboa, Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007, pp. 262-263.
—— «Khuenanupu um camponês eloquente», em *Cadmo* 17 (2007), 81-112.
—— «O grande intendente Rensi», em *Cadmo* 19 (2009), 25-45.
—— «Eroticism and sensuality in *Papyrus Westcar*», em L. M. Araújo e J. C. Sales, *Actas do Segundo Congresso Internacional para Jovens Egiptólogos*, CD, Lisboa: Instituto Oriental, 2009, pp. 567-585; e em F. Caramelo, *Res Antiquitatis. Journal of Ancient History*, vol. II (2011), Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores, pp. 83-101.
—— «O rei Nebkauré Kheti», em *Cadmo* 20 (2010), 29-50.

—— «A Música no Império Antigo e no Império Médio: evocações literárias e evidências artísticas», em *Cadmo* 21 (2011), 61-78.
—— «A literatura egípcia do Império Médio: espelho de uma civilização», em L. M. Araújo e J. C. Sales (eds.), *Novos Trabalhos de Egiptologia Ibérica*, I, Lisboa: Instituto Oriental e Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012, pp. 185-201.
—— *O Conto do Náufrago. Um olhar sobre o Império Médio Egípcio. Análise histórico-filológica/The Tale of the Shipwrecked Sailor. A Glance over Egypt's Middle Kingdom. A Historical-Philological Analysis*, Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2012.
—— *Doze textos egípcios do Império Médio. Traduções integrais*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
Carreira, J. N., «Sabedoria evangélica no Antigo Egipto», em *Cadmo* 2 (1992), 61-75.
—— *Mito, Mundo e Monoteísmo*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1994.
—— *Filosofia Antes dos Gregos*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1994.
—— «Em busca da vida eterna: frustrações asiáticas e soluções egípcias», em *Cadmo* 4-5 (1994-95), 7-27.
—— *Cantigas de Amor do Oriente Antigo*, Lisboa: Edições Cosmos, 1999.
—— «O Egípcio, a Viagem e o Outro», em *Cadmo* 11 (2001), 15-31.
—— «Cantos de Harpista», em *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 176-177.
—— «Contos», em *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 217-227.
—— «Instruções», em *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 447-448.
—— «Lírica», em *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 499-509.
—— «A narrativa na literatura do Antigo Egipto», em *Cadmo* 14, (2004), 9-30.
—— *Literatura do Antigo Egipto*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 2005.
Carrier, C., *Le Livre des Morts de l'Égypte Ancienne*, Paris: Cybele, 2009.
Castel Ronda, E., *Egipto. Signos y Símbolos de lo Sagrado*, Madrid: Alderabán Ediciones, 1999.
—— *Los Sacerdotes en el Antiguo Egipto*, Madrid: Alderabán Ediciones, 1998.

CERVELLÓ AUTUORI, J., «Monarchie pharaonique et royautés divines africaines», em *Cahiers Caribéens d'Égyptologie (2). La Maât dans tous ses Etats*, Martinique: Editions Tyanaba, Février/Mars, 2001, 27-52.

ČERNÝ, J., *Paper and Books in Ancient Egypt*, Chicago: Ares Publishers Inc., 1985.

CLAYTON, P. A., *Chronicle of the Pharaohs*, Londres: Thames and Hudson, 1994.

—— *Crónicas dos Faraós*, Lisboa: Editorial Verbo, 2004.

CLÈRE, J. J., «Histoire des XIe et XIIe Dynasties égyptiennes», em *Cahiers d'Histoire Mondiale 1.II.1* (1953-1954), Paris: Librairie des Méridiens, 643-668.

CLÈRE, J. J. e VANDIER, J., *Textes de la Première Période Intermédiaire et de la XIème Dynastie*, Bruxelas: Éditions de la Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1982.

CLUTTON-BROCK, J., *História da domesticação dos mamíferos. Dos primórdios à actualidade*, Lisboa: Editora Replicação, 2002.

CORREIA, C. C., «Metalurgia», em *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 566-567.

COULON, L., «La rhétorique et ses fictions: pouvoir et duplicité du discours à travers la littérature égyptienne du Moyen et du Nouvel Empire», em *BIFAO* 99 (1999), 103-132.

DAUMAS, F., *Les Dieux de l'Égypte*, Paris: Presses Universitaires de France, 1965.

—— *La Civilisation de l'Égypte Pharaonique*, Paris: Éditions Arthaud, 1987.

DAVID, R., *The Pyramid builders of Ancient Egypt. A modern investigation of pharaoh's workforce*, Londres e Nova Iorque: Routledge, 1996.

DAVIS, W. V., *Egyptian Hieroglyphs*, Londres: British Museum Publications, 1987.

DAVIES, V. e FRIEDMAN, R., *Egypt*, Londres: British Museum Press, 1998.

DAWSON, R. W. e UPHILL, E. P. (Third revised edition), *Who Was Who in Egyptology*, Londres: The Egypt Exploration Society, 1995.

DE BUCK, A., *Egyptian Readingbook*, Chicago (Illinois): Ares Publishers Inc., 1982.

DEFOSSEZ, M., «Note lexiographique sur le mot *ḫwtf*», em *RdE* 38 (1987), 187-190.

DELIA, R. D., *A Study of the Reign of Senwosret III*, Londres: Columbia University, 1980.

DEMICHELIS, S., *Il Calendario delle feste di Montu (Papiro ieratico CGT 54021, verso)*, Turim: Catalogo del Museo Egizio di Torino, serie prima – monumenti e testi, vol X, 2002.
DEPUYDT, L., *Catalogue of Coordinates and satellites of the Middle Egyptian Verb*, Lovaina: Uitgeverij Peeters, 1996.
—— *Civil Calendar and Lunar Calendar in Ancient Egypt*, Lovaina: Peeters Publishers and Department of Oriental Studies, 1997.
DESROCHES-NOBLECOURT, C., *Amours et Fureurs de la Lointaine. Clés por la compréhension de symboles égyptiens*, Paris: Éditions Stock/Pernoud, 1997.
—— *Le Secret des Temples de la Nubie*, Paris: Éditions Stock/Pernoud, 1999.
—— *La Femme au Temps des Pharaons*, Paris: Éditions Stock/Pernoud, 2000.
—— *Le Fabuleux Héritage de l'Égypte*, Paris: Éditions Télémaque, 2004.
DIAS, G. C., «Os "Povos do Mar" e a "Idade obscura" no Médio Oriente Antigo», em *Cadmo* 1 (1991), 145-153.
Dictionnaire de l'Égypte Ancienne, Paris: Encyclopaedia Universalis et Albin Michel, 1998.
DODSON, A. e HILTON, D., *The Complete Royal Families of Ancient Egypt*, Londres: Thames and Hudson, 2004.
DONADONI, S., *Storia della Letteratura Egizianna Antica*, Milão: Edizione Nuova Accademia, 1957.
—— *Arte Egizia*, Turim: Giulo Einaudi editore, 1982.
—— *La Letteratura Egizia*, Milão: G. S. Sansoni e Edizioni Accademia, 1967.
—— *L'Art Égyptien*, Paris: La Pochothèque – Le Livre de Poche, 1993.
DONADONI, S. (dir.), *Testi Religiosi Egizi*, Turim: Unione Tipografico – Editrice Torinese, 1987.
—— *O Homem Egípcio*, Lisboa: Editorial Presença, 1994.
DONADONI S. e BRESCIANI E., *Letteratura e Poesia dell'Antico Egitto*, Turim: Einaudi, 1969.
DONADONI-ROVERI, A. M., LEOSPO, E. e ROCCATI, A., *Splendori dell'Antico Egitto*, Novara: Istituto Geografico De Agostini, 1997.
DORET, É., *The narrative verbal system of Old and Middle Egyptian*, Genéve: Patrick Gramer Éditeur, 1986.
DUCROS, M. H., «Étude sur les balances égyptiennes», em *ASAE* 9 (1908), 32-53.
—— «Deuxième étude sur les balances égyptiennes», em *ASAE* 10 (1910), 240-253.
DUNAND, F. e ZIVIE-COCHE, C., *Dieux et Hommes en Égypte*, Paris: Armand Colin Éditeur, 1991.

ECO, U., *Os Limites da Interpretação*, Miraflores: Difel, 2004.
—— *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, Miraflores: Difel, 2005.
ERMAN, A., *Die Literatur der Aegypter*, Leipzig: J. C. Hinrichs, 1923.
—— *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, Nova Iorque: Dover Publications, Inc., 1995. Original alemão de 1923, traduzido para o inglês por A. M. Blackman em 1927.
ERMAN, A. e RANKE, H., *La Civilisation Égyptienne*, Paris: Editions Payot e Rivages, 1994.
EYRE, C. J., «Ordre et désordre dans la campagne égyptienne», em *Méditerranées*, nº 6-7 (B. Menu, éd. *Égypte Pharaonique: pouvoir, société*) (1996), Paris: Éditions L'Harmattan, 179-193.
FARRINGTON, K., *La Vie dans l'Égypte Antique*, Paris: Les Éditions de l'Orxois, 1998.
FAULKNER, R. O., «Egyptian Military Organization», em *JEA* 39 (1953), 32-47.
—— *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, Oxford: Oxford University Press, 1998.
—— *The Ancient Egyptian Book of the Dead*, Londres: The Brithish Museum Press, 2006.
FAVRY, N., *Sésostris Ier et le Début de la XIIe Dynastie*, Paris: Pygmalion, Gérard Watelet, 2009.
FAULKNER, R., GOELET, O. e ANDREWS, C., *The Egyptian Book of The Dead. The Book of Going Forth by Day. The First Authentic Presentation of The Complete Papyrus of Ani. Featuring integrated text and full color images*, Cairo: The American University in Cairo Press, 1998.
FECHT, G., «The Structural Principle of Ancient Egyptian Elevated language», em J. C. Moor e W. G. E. Watson, *Verse in Ancient Near Eastern Prose*, Neukirchen: Vluyn, 1993, 69-94.
FISCHER, H. G., «A Scribe of the Army in a Saqqara Mastaba of the Early Fifth Dynasty», em *JNES* 18, nº 4 (1959), 233--272.
—— «The Nubian Mercenaries of Gebelein during the First Intermediate Period», em *Kush 9 (1961)*, 44-80.
—— *Egyptian Studies II: the Orientation of Hieroglyphs. Part I. Reversals*, Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, 1977.
—— *L'Écriture et l'Art de l'Égypte Ancienne*, Paris: PUF, 1986.
—— *Ancient Egyptian Calligraphy. A beginner's guide to writing hieroglyphs*, Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, 1988.
—— «The Origin of Egyptian Hieroglyphs», em *The Origins of Writing*, Lincoln: University or Nebraska Press, 1990, pp. 59-76.

—— *Egyptian Tittles of the Middle Kingdom. A Supplement to Wm. Ward's Index*, Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, 1997.
—— *Egyptian Women of the Old Kingdom and of the Heracleopolitan Period*, Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, 2000.
FISCHER-ELFERT, H.-W., «Zum bisherigen Textbestand der "Lehre eines Mannes an seinen Sohn" ein Zwischenbilanz», em *OrAnt* 27 (1988), 173-209.
FIELDS, N., *Soldier of the Pharaoh. Middle Kingdom Egypt 2055-1650 BC*, Oxford: Osprey Publishing, 2007.
FLETCHER, J., *Le Livre de la Sagesse Égyptienne*, Paris: Éditions Gründ, 2002.
FORGEAU, A., «A memória do nome e a ordem faraónica», em A. Burguière *et all* (eds.), *História da Família*, 1º volume (Mundos longínquos, mundos antigos), Lisboa: Terramar, 1996.
FORMAN, W. e QUIRKE, S., *Hieroglyphs and the Afterlife in Ancient Egypt*, Londres: British Museum Press, 1996.
FOSTER, J. L., *Ancient Egyptian Literature. An Anthology*, Austin: University of Texas Press, 2001.
FRANKFORT, H., *La Religión del Antiguo Egipto*, Barcelona: Editorial Laertes, 1998.
FROIDEFOND, C., *Le mirage égyptien dans la littérature greque d'Homero a Aristote*, Aix-en-Provence: Ophrys, 1971.
GARDINER, A. H., «The Idiom *iṯ in*», em *JEA* 24 (1938), 124-125.
—— *La Civiltà Egizia*, Turim: Giulio Einaudi Editore, 1997.
GIDDY, L., «Memphis and Saqqara during the late Old Kingdom», em *Études sur l'Ancient Empire et la nécropole de Saqqara, dédiés à Jean-Phillipe Lauer*, Orientalia Monspeliensia IX, Université Paul Valéry, Montpellier III, 1997, 189-200.
GOEDICKE, H., «Papyrus Anastasi VI 51-61», em *SAK* 14 (1987), 83-98.
GOMES, P., *Filosofia Grega Pré-Socrática*, Lisboa: Guimarães Editores, 1994.
GOYON, J.-C., *Rê, Maât et Pharaon ou le Destin de l'Égypte Antique*, Lyon: Éditons A. C. V., 1998.
GRANDET, P., *Contes de l'Égypte Ancienne*, Paris: Hachette Littératures, 1998.
—— *Le Papyrus Harris I*, 3 vol., Cairo: IFAO, 1999.
Grande Enciclopédia portuguesa e Brasileira, Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, [s.d.].
GRIFFITH, F. LL., *The Inscriptions of Siût and Dêr Rîfeh*, Londres: Trübner and Co., 1889.

—— «Fragments of Old Egyptian Stories from the Britsh Museum and Amherst Collections», em *PSBA* 14 (1892), 451-475.
GRIFFITH, F. LL. (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, Londres: Bernard Quaritch, 1898.
GRIMAL, N., *Histoire de l'Égypte Ancienne*, Paris: Librairie Arthème Fayard, 1988.
GRIMAL, N. e MENU, B. (eds.), *Le Commerce en Égypte Ancienne*, Cairo: IFAO, 1998.
GUILHOU, N., *La Vieillesse des Dieux*, Montpellier: Institut d'Egiptologie, Université Paul-Valéry, 1989.
HAGEN, R.-M. e R., *Egipto: Pessoas, Deuses, Faraós*, Colónia: Taschen, 1999.
HARRIS, J. R. (org.), *O Legado do Egipto*, Rio de Janeiro: Imago, 1993.
HART, G., *Mythes Égyptiens*, Paris: Éditions du Seuil, 1993.
HAYES, W. C., *The Scepter of Egypt*, vol. I, Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, 1990.
HERÓDOTO, *L'Égypte. Histoires, livre II*, Paris: Les Belles Lettres, 1997.
—— *Histórias, livro 3*, Lisboa: Edições 70, 1994.
HÉRY, F.-X. e ENEL, T., *L'Égypte, Mère du Monde*, Gordes, Questions de – Albin Michel, nº 110, 1997.
HICKMANN, H., *Musicologie Pharaonique*, Baden-Baden, Bouxwiller: Éditions Valentin Koerner, 1987.
HOBSON, C., *Exploring the World of the Pharaohs. A Complete Guide to Ancient Egypt*, Londres: Thames and Hudson, 1997.
HORNUNG, E., *Les Dieux de l'Égypte. L'Un et le Multiple*, Paris: Flammarion, 1992.
—— *L'Esprit du Temps des Pharaons*, Paris: Philippe Leband Éditeur, Éditions du Félin, 1996.
—— «Time in the Egyptian Netherworld», em *Cadmo* 11 (2001), 7-14.
—— *L'Égypte Ésotérique*, Paris: Éditions du Rocher, 2001.
HOULIHAN, P. F., *The Birds of Ancient Egypt*, Warminster: Aris & Phillips, 1986.
—— *The Animal World of the Pharaohs*, Cairo: The American University in Cairo Press, 1996.
HOWARD, E., *Breve história da arte do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Presença, 1993.
HUSSON, G. e VALBELLE, D., *L'État et les Institutions en Égypte, des premiers pharaons aux empereurs*, Paris: Armand Colin, 1992.

IKRAM, S.; DODSON, A., The *Mummy in Ancient Egypt. Equipping the Dead for Eternity*, Londres: Thames and Hudson, 1998.
JACQ, C., *Lexique des Verbes de Mouvement dans les Textes des Pyramides et les Textes des Sarcophages*, Velaux: Institut Ramsès, s. d.
—— *Initiation à l'Égyptologie*, Paris: Éditions La Maison de Vie, 1994.
—— *A Sabedoria Viva do Antigo Egipto*, Venda Nova: Bertrand Editora, 1998.
—— *Poder e Sabedoria no Antigo Egipto*, Lisboa: Editora Pergaminho, 1998.
—— *As Egípcias*, Porto: Edições Asa, 1998.
—— *O Egipto dos Grandes Faraós*, Porto: Edições Asa, 1999.
—— *O Mundo Mágico do Antigo Egipto*, Porto: Edições Asa, 2000.
JAMES, T. G. H., *An Introduction to Ancient Egypt*, Londres: British Museum Publications, 1979.
JEAN, G., *L'écriture mémoire des hommes*, Paris: Gallimard, 1987.
JEFFREYS, D. G., *The Survey of Memphis*, Londres: The Egypt Exploration Society, 1985.
—— «The Topography of Heliopolis and Memphis: Some Cognitive Aspects», em *Sonderdruck aus Stationen. Beiträge zur Kulturgeschichte Ägyptens*, Mainz: Verlag Philipp von Zabern, 1998, pp. 63-71.
JEFFREYS, D. G., MALEK, J. e SMITH, S., «The Survey of Memphis, 1982», em *JEA* 70 (1983), 23-32.
JONES, D., *A Glossary of Ancient Egyptian Nautical Titles and Terms*, Londres, Nova Iorque: Kegan Paul International, 1988.
—— *Boats*, Londres: British Museum Press, 1995.
JOURDAN, F., «The papyrus an its origins», em *Cahiers Caribéens d'Egyptologie (2). La Maât dans tous ses Etats*, Martinique: Editions Tyanaba, Février/Mars, 2001, 97-106.
KANAWATI, N., *The Tomb and its Significance in Ancient Egypt*, Guiza: Prisme Archaeological Series 3, 1987.
KEES, H., *Ancient Egypt. A Cultural Topography*, Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 1977.
KEIMER, L., «Sprachliches und Sachliches zu ελκω, Frucht der Sykomore», *AcOr(C)* 6 (1928), 288-304.
KEMP, B. J., *Ancient Egypt. Anatomy of a Civilization*, Londres, Nova Iorque: Routledge, 1999.
KITCHEN, K. A., *Poetry of Ancient Egypt*, Jonsered: Paul Åströms förlag, 1999.
—— «Punt and how to get there», em *Orientalia* 40 (1971), 184-207.
—— «Punt», em *LÄ* IV, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1982, cols. 1198-1201.

KRUCHTEN, J.-M., «Law», em *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 2, Oxford: Oxford University Press, 2000, 277-282.
KUHRT, A., *El Oriente Próximo en la Antigüedad, I (c. 3000-330 a. C.)*, Barcelona: Crítica, 2000.
LALOUETTE, C., *La Littérature Égyptienne*, Paris: Presses Universitaires de France, 1981.
—— *Textes Sacrés et Profanes de l'Ancienne Égypte*, vol. I (Des Pharaons et des hommes), Paris: Gallimard, 1984.
—— *Textes Sacrés et Profanes de l'Ancienne Égypte*, vol. II (Mythes, contes et poésies), Paris: Gallimard, 1987.
—— *Contes et Récits de l'Egypte ancienne*, Paris: Flammarion, 1995.
LAFFONT, É., *Les Livres de Sagesses des Pharaons*, Paris: Éditions Gallimard, 1979.
LAMY, L., *Egyptian Mysteries. New light on ancient knowledge*, Londres: Thames and Hudson, 1997.
LARA PEINADO, F., *Diccionario Biográfico del Mundo Antiguo. Egipto y Próximo Oriente*, Madrid: Alderabán Ediciones, 1998.
LAUER, J.-PH., *Saqqara. The Royal Cemetery of Memphis*, Londres: Thames and Hudson, 1976.
LECLANT, J., «Documents nouveaux et points de vue récents sur les Sagesses de l'Égypte ancienne», em *Les Sagesses du Proche-Orient Ancien, Colloque de Strasbourg (17-19 mai 1962)*, Paris: Presses Universitaires de France, 1963, 5-26.
LECLANT, J. (dir.), *Dictionnaire de l'Antiquité*, Paris: PUF, 2005.
LEFEBVRE, G., «Lait de vache et autres laits en Égypte», em *RdE* 12 (1960), 59-65.
—— *Romans et Contes Égyptiens de l'époque pharaonique*, Paris: Libr. J. Maisonneuve, 1988.
LEHNER, M., *The Complete Pyramids*, Londres: Thames and Hudson, 1997.
LEPSIUS, C. R., *Denkmäler aus Aegypten und Aethiopien*, Berlim: Abth. VI, 1859.
LÉVÈQUE, P., *As Primeiras Civilizações*, vol. I (Os Impérios do Bronze), Lisboa: Edições 70, 1987.
—— *As Primeiras Civilizações*, vol. II (A Mesopotâmia/Os Hititas), Lisboa: Edições 70, 1987.
—— *As Primeiras Civilizações*, vol. III (Os Indo-Europeus e Os Semitas), Lisboa: Edições 70, 1987.

LICHTHEIM, M., *Ancient Egyptian Literature. A Book of readings. Vol. I – The Old and Middle Kingdoms*, Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 1975.
—— *Ancient Egyptian Literature. A Book of readings. Vol. II – The New Kingdom*, Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 1976.
—— *Maat in Egyptian Autobiographies and Related Studies*, Fribourg/Göttingen, Biblical Institut of the University of Fribourg, Fribourg: University Press Fribourg, Vandenhoeck & Ruprecht, *OBO* 120, 1992.
—— *Moral Values in Ancient Egypt*, Fribourg, Göttingen, Biblical Institut of the University of Fribourg, Fribourg: University Press Fribourg, Vandenhoeck & Ruprecht, *OBO* 155, 1997.
LIPINSKI, E., «Les Phéniciens et l'Alphabet», em *OrAnt* 27 (1988), 232-260.
LORET, V., «La turquoise chez les anciens Égyptiens», em *Kêmi* 1 (1928), 99--114.
—— *La Flore Pharaonique*, Hildesheim, Nova Iorque: Georg Olms Verlag, 1975.
LOPES, M. H. T., *O Homem Egípcio e a sua Integração no Cosmos*, Lisboa: Editorial Teorema, 1989.
—— «A problemática da nomeação no Antigo Egipto», em *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, 9 (1996), Lisboa: Ed. Colibri, 11-15.
—— «Les noms propres au Nouvel Empire», em *Proceedings of the Seventh International Congress of Egyptologists*, Lovaina: Orientalia Lovaniensia Analecta, 1998, 703-711.
—— «A "ordem" de Maat: um mito de Estado», em *Actas do Colóquio* «Mythologias – *usos da palavra na Antiguidade*», Cadernos de Filosofia (Instituto de Filosofia da Linguagem), Lisboa: Ed. Colibri, 2001, 1-9.
LÓPEZ GRANDE, M. J., QUESADA SANZ, M. A. e MOLINERO POLO, M.A., *Excavaciones en Ihnasya el Medina (Heracleópolis Magna)*, vol. II, Madrid: Ministerio de Cultura, Direccion General de Bellas Artes y Archivos, Instituto de Conservacion y Restauración de Bienes Culturales, 1995.
LOPRIENO, A., «Toward a geography of Egyptian Literature», em *Cadmo* 10 (2000), 41-56.
—— *La pensée et l'écriture. Pour une analyse sémiotique de la culture égyptienne*, Paris: Cybele, 2001.
LOPRIENO, A. (ed.), *Ancient Egyptian Literature. History and Forms*, Leiden, Nova Iorque, Colónia: E. J. Brill, 1996.
LORTON, D., «The internal history of the Herakleopolitan period», em *Discussions in Egyptology* 8 (1987) 1-28.

MALAISE, M., «Sésostris, Pharaon de légende et d'histoire», em *CdE* 41 (1966), 244-272.
MÁLEK, J., *Egyptian Art*, Londres: Phaidon Press Limited, 1999.
MANLEY, B., *Atlas Historique de l'Égypte Ancienne*, Paris: Editions Autrement, 1998.
MANNICHE, L., *Music and Musicians in Ancient Egypt*, Londres: British Museum Press, 1991.
—— *Egyptian Luxuries. Fragrance, aromatherapy, and cosmetics in pharaonic times*, Cairo: The American University in Cairo Press, 1999.
—— *An Ancient Egyptian Herbal*, Londres: British Museum Press, 1999.
—— *Sexual Life in Ancient Egypt*, Londres, Nova Iorque: Kegan Paul, 2002.
MARQUES, R., *Breve História da Ética Ocidental*, Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2000.
MASPERO, G., *Contes Populaires de l'Égypte Ancienne*, Paris: Maisonneuve & Larose, 1998.
MATHIEU, B., *Abréviations des Périodiques et Collections*, Cairo: IFAO, 2003.
MEEKS, D., «Notes de lexicographie», em *RdE* 26 (1974), 52-65.
MEEKS, D.; MEEKS, C. F., *Les Dieux Égyptiens*, Paris: Hachette, 1995.
MENU, B., *Vivre en Égypte Ancienne*, Paris: Découvertes Texto/Gallimard, 1998.
—— «Principes fondamentaux du droit égyptien», em *CdE* LXX (1995), 99--109.
—— «Méthodes et Perspectives pour l'Histoire du Droit Égyptien Ancien», em *Akten des Vierten Internationalen Ägyptologen Kongresses, München 1985*, vol. 4, Hamburgo: Helmut Buske Verlang, 1991, 233-237.
—— *Égypte pharaonique. Nouvelles recherches sur l'histoire juridique, économique et sociale de l'ancienne Égypte*, Paris: L´Harmattan, 2004.
MIDANT-REYNES, B., *Préhistoire de l'Égypte. Des premiers Hommes aux premiers Pharaons*, Paris: Armand Colin, 1992.
MIOSI, F. T., «A possible reference to the non-calendar week», em *ZÄS* 101 (1974), 150-152.
MOKHTAR, M. G., *Ihnâsya El-Medina (Herakleopolis Magna). Its importance and its role in pharaonic history*, Cairo: IFAO, 1983.
MORENO GARCIA, J. C., *Études sur l'administration, le pouvoir et l'idéologie en Égypte, de l'Ancien au Moyen Empire*, Liège: Ægyptiaca Leodiensia 4, 1997.
—— *ḫwt et le milieu rural égyptien du IIIe millénaire. Economie, administration et organisation territoriale*, Paris: Librairie Honoré Champion, 1999.

MORENZ, S., *La Religion Égyptienne*, Paris: Payot, 1977.
Moringa Home Page em http://www.mobot.org/gradstudents/olson/moringahome.html (consultado em 03-11-2004).
MOURA, V. G., «Tradução literária e passagem do tempo», em *Diário de Notícias*, de 29 de Abril de 2009, quarta-feira, p. 54.
NANTET, E., «Le Gouvernail Égyptien. Le Gouvernail Égyptien Constituait-il le "Vice originel de la Marine An-tique?"», em *Egypte, Afrique & Orient*, 64 (2011), 21-28.
NDIGI, O., «La Maât égyptienne et le Mbok basaa – notes pour une étude comparée des fondements constitutionnels de deux civilisations africaines», em *Cahiers Caribéens d'Egyptologie (2). La Maât dans tous ses Etats*, Martinique: Editions Tyanaba, Février/Mars, 2001, 79-86.
NEWBERRY, P., *The Amherst Papyri: Being an Account of the Egyptian Papyri in the Collection of the Right Hon. Lord Amherst of Hackney*, Londres, 1899.
NIBBI, A., *Ancient Egypt and Some Neighbours*, Park Ridge, New Jersey: Noyes Press, 1981.
NUNN, J. F., *Ancient Egyptian Medicine*, Londres: British Museum Press, 1996.
OBENGA, T., *La philosophie africaine de la période pharaonique (2780-330 a. C.)*, Paris: L'Harmattan, 1990.
—— *L'Égypte, la Grèce et l'École d'Alexandrie*, Paris: L'Harmattan, 2005.
OBSOMER, C., *Les campagnes de Sésostris dans Hérodote*, Bruxelas: Connaissance de l'Égypte Ancienne, 1989.
O'CONNOR, D. e SILVERMAN D. P. (eds.), *Ancient Egyptian Kingship*, Leiden: E. J. Brill, 1995.
PADRÓ, J., *Études historico-archéologiques sur Héracléopolis Magna: la nécropole de la muraille méridionale*, Barcelona: Publications de la Universitat de Barcelona, 1999.
—— «Heracleópolis Magna», em *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 413-415.
—— «Hermópolis Magna», em *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, p. 417.
—— *Historia del Egipto Faraónico*, Madrid: Alianza Editorial, 2006.
PARRA ORTIZ, J. M., *Cuentos Egipcios*, Madrid: Alderabán Ediciones, 1998.
—— *Le Sexe au Temps des Pharaons*, Bordéus: Culture Studs, 2006.
PARKINSON, R. B., *Voices from Ancient Egypt, an Anthology of Middle Kingdom Writings*, Londres: British Museum Press, 1991.

—— *The Tale of Sinuhe and Other Ancient Egyptian Poems (1940-1640 B.C.)*, Oxford: University Press, 1997.
—— *Poetry and Culture in Middle Kingdom Egypt. A Dark Side to Perfection*, Londres, Nova Iorque: Continuum, 2002.
PARKINSON, R. B. e QUIRKE S., *Papyrus*, Londres: British Museum Press, 1995.
PÉREZ ARROYO, R., *La Música en la Era de las Pirámides*, Madrid: Editorial Centro de Estudios Egipcios, 2001.
PÉREZ-DIE, M. C., «La necrópolis del Primer Periodo Intermedio de Heracleópolis Magna: estado de la cuestión», em *Hathor* 3 (1991), 93-100.
PÉREZ-DIE, M. C. e VERNUS, P., *Excavaciones en Ihnasya el Medina (Heracleópolis Magna)*, vol. I, Madrid: Ministerio de Cultura, Direccion General de Bellas Artes y Archivos, Instituto de Conservacion y Restauracion de Bienes Culturales, 1992.
PIACENTINI, P., *Les scribes dans la société égyptienne de l'Ancien Empire*, vol. I (Les premières dynasties. Les nécropoles memphites), Paris: Cybele, 2002.
PINTO, C., *A Mulher e o Amor no Egipto Antigo*, Lisboa: Campo da Comunicação, 2007.
PIRENNE, J., *Histoire des Institutions et du Droit Privé de l'Ancienne Égypte*, IV vol., Bruxelas: Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1932.
PLUTARCO, *Ísis e Osíris*, Lisboa: Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal L.^{da}, 2001.
POMEY, P., «Les Bateaux d'Ayn Soukhna. Les Plus Vieux Vestiges de Navires de Mer Actuellement Connus», em *Egypte, Afrique & Orient*, 64 (2011), 3-12.
POSENER, G., *Littérature et Politique dans l'Égypte de la XIIe dynastie*, Paris: Librairie Honoré Champion, Éditeur, 1969.
—— *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris: Fernand Hazan, 1998.
PRÉLOT, M., *As Doutrinas Políticas*, Lisboa: Editorial Presença, 4 volumes, 1974.
PRISSE D'AVENNES, E., *Atlas of Egyptian Art*, Cairo: Zeitouna Book, The American University in Cairo Press, 1997.
QUIBELL J. E., *Excavations at Saqqara (1905-1906)*, Cairo: IFAO, 1907.
—— *Excavations at Saqqara (1911-1912). The Tomb of Hesy*, Cairo: IFAO, 1913.
—— *Excavations at Saqqara (1912-1914). Archaic Mastabas*, Cairo: IFAO, 1923.
QUIRKE, S., «The regular titles of the Late Middle Kingdom», em *RdE* 37 (1986), 107-130.

—— *Egyptian Literature 1800 BC. Questions and readings*, Londres: Golden House Publications, 2004.
QUIRKE, S. (ed.), *The Temple in Ancient Egypt. New discoveries and recent research*, Londres: British Museum Press, 1997.
QUIRKE, S. e SPENCER, J., *British Museum. Le Livre de l'Ancienne Égypte*, Paris: Philippe Lebaud Éditeur, 1995.
RACHET, G. e M. F., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris: Librairie Larousse, 1968.
REALE, G., *Introdução a Aristóteles*, Lisboa: Edições 70, 2001.
REDFORD, D. B., *Egypt, Canaan and Israel in Ancient Times*, Princeton: Princeton University Press, 1992.
REDFORD, D. B. (ed.), *The Ancient Gods Speak. A Guide to Egyptian Religion*, Oxford: Oxford University Press, 2002
REGO, E. C., *A «Sobrevivência» do Defunto no Império Médio. O Contributo das Mesas de Oferendas*, Lisboa, Dissertação de mestrado em História das Civilizações Pré-Clássicas apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (texto policopiado), 1996.
REEVES, N., *Ancient Egypt. The Great Discoveries*, Londres: Thames and Hudson, 2001.
RIDOLFI, F. F., *Vita Quotidiana nell'Antico Egitto*, Roma: Bardi Editore, 2000.
RITTER, T., «On Particles in Middle Egyptian», em *LingAeg* 2 (1992), 127-137.
ROBINS, G. e SHUTE, C., *The Rhind Mathematical Papyrus*, Londres: British Museum Press, 1998.
RODRIGUES, T., «A população do Antigo Egipto: quantitativos e comportamentos demográficos», em *Hathor* 2 (1990), 23-37.
ROSSI, R., *Os Egípcios. História, Sociedade e Religião*, Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
SALES, J. C., *A Ideologia Real Acádica e Egípcia*, Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
—— *As Divindades Egípcias*, Lisboa: Editorial Estampa, 1999.
—— «As fórmulas protocolares egípcias ou formas e possibilidades do discurso de legitimação no antigo Egipto», em *Cadmo* 16 (2006), 101-124.
—— «Concepção e percepção de tempo e de temporalidade no Egipto antigo», em *Cultura* 28 (2006), 19-37.
—— *Estudos de Egiptologia. Temas e Problemáticas*, Lisboa: Livros Horizonte, 2007.
—— *Poder e Iconografia no Antigo Egipto*, Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

SAUNERON, S., «L'Avis des Égyptiens sur la cuisine Soudanaise», em *Kush* 7 (1959), 63-69.
SCHULZ, R e SEIDEL, M. (eds.), *Egipto. O Mundo dos Faraós*, Colónia: Könemann, 2001.
SCHWARZ, F. *Egipto Iniciático*, Lisboa: Ésquilo, 2007.
SHAW, I. (ed.), *The Oxford History of Ancient Egypt*, Oxford: Oxford University Press, 2003.
SHAW, I. e NICHOLSON, P. T., *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, Londres: British Museum Press, 1995.
—— *Ancient Egyptian Materials and Technology*, Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
SILVERMAN, D. P., *Interrogative Constructions with* jn *and* jn-jw *in Old and Middle Egyptian*, Malibu: Bibliotheca Aegyptica I, Undena Publications, 1980.
—— *Au Cœur de l'Égypte Ancienne*, Paris: Larousse, 2001.
SIMON-BOIDOT, Cl., «Accessoires de porteurs d'eau», em *BCLE* 9 (1995), 25-32.
SIMPSON, W. K. (ed.), *The Literature of Ancient Egypt*, New Haven, Londres: Yale University Press, 1973.
—— *Religion and Philosophy in Ancient Egypt*, New Haven: Yale Egyptological Studies 3, 1989.
SMITH, S., *The Art and Architecture of Ancient Egypt*, New Haven, Londres: Yale University Press, 1998.
SOULIÉ, D., *Villes et Citadins au Temps des Pharaons*, Paris: Éditions Perrin, 2002.
SOUSA, R., *Os Doces Versos. Poemas de Amor do Antigo Egipto*, Fafe: Labirinto, 2001.
—— *A Simbólica do Coração no Antigo Egipto. Estudo de antropologia religiosa sobre a representação da consciência*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (texto policopiado), 2006.
—— «A noção de coração no Egipto faraónico: uma síntese evolutiva», em *Percursos do Oriente Antigo*. Homenagem a José Nunes Carreira, Lisboa: Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004, 529-554.
—— *Iniciação e Mistério no Antigo Egipto*, Lisboa: Ésquilo, 2009.
—— *O Livro das Origens. A inscrição teológica da Pedra de Chabaka*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

STETTER, C., *The Secret Medicine of the Pharaohs*, Carol Stream (Illinois): Edition Q, 1993.
STIERLIN, H., *The Pharaohs Master-builders*, Paris: Éditions Pierre du Terrail, 1995.
STRUDWICK, N. and H., *Thebes in Egypt*, Nova Iorque: Cornell University Press, 1999.
SWELIM, N., «Pyramid Research. From the Archaic to The Second Intermediate Period. List, Catalogues and Objectives», em *Hommage à Jean Leclant*, vol I (1993), Cairo: IFAO, 337-349.
TALLET, P., *Sésostris III et la fin de la XIIe dynastie*, Paris: Éditions Flammarion, 2005.
—— *La Cuisine des Pharaons*, Arles: Actes Sud, 2003.
TAVARES, A. A., *Estudos da Alta Antiguidade*, Lisboa: Editorial Presença, 1983.
—— *Impérios e Propaganda na Antiguidade*, Lisboa: Editorial Presença, 1988.
TAYLOR, J. H., *Death and the Afterlife in Ancient Egypt*, Londres: British Museum Press, 2001.
TEETER, E., *The Presentation of Maât. Ritual and Legitimacy in Ancient Egypt*, SAOC 57, Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago, 1997.
THEIMER, W., *História das Ideias Políticas*, Lisboa: Editora Arcádia, 1970.
THÉODORIDÈS, A., *Vivre de Maât. Travaux sur le droit égyptien ancien*, première partie, Bruxelas, Lovaina: Société Belge d'Études Orientales, 1995.
—— *Vivre de Maât. Travaux sur le droit égyptien ancien*, seconde partie, Bruxelas, Lovaina: Société Belge d'Études Orientales, 1995.
—— *Individu, société et spiritualité dans l'Égypte pharaonique et copte*, Atenas, Bruxelas: Mons, 1993.
TRAUNECKER, C., *Os Deuses do Egipto*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003.
TRIGGER, B. G., KEMP, B. J., O'CONNOR, D. e LLOYD, A. B., *Historia del Egipto Antiguo*, Barcelona: Crítica, 1997.
TYLDESLEY, J., *Judgement of the Pharaoh. Crime and Punishment in Ancient Egypt*, Londres: Weidenfeld & Nicholson, 2000.
—— *Tales From Ancient Egypt*, Bolton: Rutherford Press, 2004.
UPHILL, E. P., «The Office *sḏ3wty bity*», em *JEA* 61 (1975), 250.
—— *Egyptian Towns and Cities*, Buckinghamshire: Shire Publications Ltd., 2001.

VALBELLE, D., *A Vida no Antigo Egipto*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1990.
—— *L'Égyptologie*, Paris: PUF, 1991.
—— *Histoire de l'État Pharaonique*, Paris: PUF, 1998.
VALDEZ, M. A., «O Conto do Náufrago. Três personagens à procura de intérprete», em *Cadmo* 14 (2004), 109-123.
VALLOGIA, M., *Recherche sur les «messagers» (wpwtyw) dans les sources égyptiennes profanes*, Genéve, Paris: Librairie Droz, 1976.
VANDERSLEYEN, C., *L'Égypte et la vallé du Nill. Tomo II. De la fin de l'Ancien Empire à la fin du Nouvel Empire*, Paris: PUF, 1992.
—— *Ouadj our. Un outre aspect de la vallée du Nile*, Bruxelas: Connaissance de l'Égypte Ancienne, 1999.
VÁRIOS, *Mistérios e Descobertas no Antigo Egipto*, Cascais: Editora Pergaminho, 2001.
—— *O Antigo Egipto. Os segredos do Alto Egipto*, Cascais: Editora Pergaminho, 2001.
VARTAVAN, C. e AMORÓS, A. V., *Codex des restes végétaux de l'Égypte ancienne*, Londres: Triade Exploration L.^{td}, 1997.
VERCOUTTER, J., *L'Égypte et la vallée du Nil. Tome I. Des origines à la fin de l'Ancien Empire*, Paris: PUF, 1992.
—— *L'Égypte et la vallée du Nil. Tome II. De la fin de l'Ancien Empire à la fin du Nouvel Empire*, Paris: PUF, 1995.
—— *À la recherche de l'Égypte oubliée*, Paris: Gallimard, 1998.
VERGOTE, J., «La notion de Dieu dans les livres de sagesses égyptiens», em *Les Sagesses du Proche-Orient Ancien, Colloque de Strasbourg (17-19 mai 1962)*, Paris: PUF, 1963, 159-190.
—— «Problèmes relatifs aux méthodes d'enseignement dans l'Égypte ancienne», em *Les Sagesses du Proche-Orient Ancien, Colloque de Strasbourg (17-19 mai 1962)*, Paris: PUF, 1963, 191-207.
VERNUS, P., *Athribis. Textes et documents relatifs à la géographie, aux cultes et à l'histoire d'une ville du Delta égyptien à l'époque pharaonique*, Cairo: IFAO, 1979.
—— «Formes "emphatiques" en fonction non "emphatique" dans la protase d'un systeme correlatif», em *GM* 43 (1981), 73-88.
—— *Le Surnom au Moyen Empire*, Roma: Biblical Institute Press, 1986.
—— «L´égypto-copte», em J. Perrot (dir.), *Les Langues dans le Monde Ancient et Moderne. Troisième Partie: Les Langues Chamito-Sémitiques*, Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1988.

—— «Les espaces de l'écrit dans l'Égypte Pharaonique», em *BSFE* 119 (1990), 35-56.
—— *Future at Issue. Tense, Mood and Aspect in Middle Egyptian: Studies in syntax and semantics*, New Haven: Yale University, 1990.
—— «A propos de certains substantifs formées sur *mtr*», em *Hathor* 2 (1990), 17-22.
—— «Les "decrets" royaux (*wḏ-nsw*): l'enoncé d'auctoritas comme genre», em *Akten des Vierten Internationalen Ägyptologen Kongresses, München 1985*, vol. 4, Hamburgo: Helmut Buske Verlag, 1991, 239-246.
—— *Chants d'Amour de l'Égypte antique*, Paris: Imprimerie Nationale Éditions, 1992.
—— *Affaires et Scandales sous les Ramsès*, Paris: Éditions Pygmalion/Gérard Watelet, 1993.
—— *Essais sur la Conscience de l'Histoire dans l'Égypte Pharaonique*, Paris: Librairie Honoré Champion Editeur, 1995.
—— *Les Parties du Discours en Moyen Égyptien*, Genéve: Cahiers de la Société d'Égyptologie 5, 1997.
—— *Sagesses de l'Égypte Pharaonique*, Paris: Imprimerie Nationale Éditions, 2001.
VERNUS, P. e YOYOTTE, J., *Dictionnaire des Pharaons*, Paris: Éditions Noêsis, 1996.
VERNUS, P. e LESSING, E., *Dieux de l'Égypte*, Paris: Imprimerie Nationale Éditions, 1998.
VINSON, S., *Egyptian Boats and Ships*, Londres: Shire Publications Ltd, 1994.
—— *The Nile Boatman at Work*, Mainz am Rhein: Münchner Universitätsschriften, Philosophische Fakultät, *MÄS* 48, 1998.
VIKENTIEV, V., «Le retour d'Ulysse du point de vue égyptologique et folklorique. Parallèles anciens et moyenageuz», em *BIE* 29 (1948), 193-241.
WALKER, J. H., *Studies in Ancient Egyptian Anatomical Terminology*, Warminster: Aris and Phillips, 1996.
WARD, W. A., *Index of Egyptian Administrative and Religious Titles of the Middle Kingdom*, Beirute: American University of Beirut, 1982.
—— «The Biconsonantal Root **bꜣ* and Remarks on Bilabial Interchange in Egyptian», em *ZÄS* 102 (1975), 60-67.
WILDUNG, D., *L'Âge d'Or de l'Égypte*, Paris: PUF, 1984.
WILSON, H., *Povo dos Faraós*, Mem Martins: Lyon Edições, 2001.
WILKINSON, A., *The Garden in Ancient Egypt*, Londres: Rubicon Press, 1998.

WILKINSON, R. H., *Reading Egyptian Art. A Hieroglyphic Guide to Ancient Egyptian Painting and Sculture*, Londres: Thames and Hudson, 1994.
—— *Symbol & Magic in Egyptian Art*, Londres: Thames and Hudson, 1994.
—— *The Complete Temples of Ancient Egypt*, Londres: Thames and Hudson, 2000.
WILLIAMS, R. J., «Literature as a Medium of Political Propaganda in Ancient Egypt», em W. S. McCullough, *The Seed of Wisdom. Essays in Honour of T. J. Meek*, Toronto: 1964, 14-30.
ZANDEE, J., *Death as an enemy, according to Ancient Egyptian Conceptions*, Leiden: E. J. Brill, 1960.
ZAZZARO, C., «Les ancres de Mersa Gawasis», em *Égypte, Afrique & Orient*, 64 (2011), 13-20.

ÍNDICE

PREFÁCIO 9
ABREVIATURAS E TÍTULOS 17
INTRODUÇÃO 23
CONVENÇÕES 43

1. ***Khufu e os Magos*** 49
1.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse 51
1.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada 59

2. ***História de Sinuhe*** 167
2.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse 169
2.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada 179

3. ***Conto do Náufrago*** 287
3.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse 289
3.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada 295

4. ***Conto do Camponês Eloquente*** 347
4.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse 349
4.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada 361

5. ***As Admoestações de Ipu-uer*** 509
5.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse 511
5.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada 519

6. ***Diálogo de um Desesperado com o seu* Ba** 629
6.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos.
Sinopse 631
6.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada 641

7. ***As Profecias de Neferti*** 681
7.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos.
Sinopse 683
7.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada 691

8. ***As Lamentações de Khakheperréseneb*** 743
8.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos.
Sinopse 745
8.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada 753

9. ***Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret*** 777
9.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos.
Sinopse 779
9.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada 791

10. ***Instrução Lealista*** 825
10.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos.
Sinopse 827
10.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada 837

11. ***Instrução de Kheti*** 871
11.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos.
Sinopse 873
11.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada 883

12. ***Hinos a Senuseret III*** 947
12.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos.
Sinopse 949
12.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada 959

BIBLIOGRAFIA 981

Esta edição de TEXTOS DA LITERATURA
EGÍPCIA DO IMPÉRIO MÉDIO, de Telo Ferreira Canhão,
foi impressa e encadernada para a *Fundação Calouste Gulbenkian*
nas oficinas da Rainho & Neves, Lda. em Santa Maria da Feira.
A tiragem é de 500 exemplares

Janeiro de 2014

EDIÇÕES DA FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Textos Clássicos

Próxima publicação:

Princípios de Política Económica
Walter Eucken

Cultura Portuguesa

Próxima publicação:

Escritores Portugueses e Leitores Ingleses
Thomas Earl

Manuais Universitários

Próxima publicação:

Teoria Geral do Estado, 4.ª Edição Actualizada
Reinhold Zippelius

Capa de Sebastião Rodrigues

EDIÇÕES
DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

TEXTOS CLÁSSICOS — As raízes da cultura estão naquelas obras chamadas clássicas, obras cuja mensagem se não esgotou e permanecem fontes vivas do progresso humano. Por isso a Fundação, ao esquematizar o seu Plano de Edições, julgou que seria indispensável colocar ao alcance do público lusófono livros que marcassem momentos decisivos na história dos vários sectores da civilização. Da ciência pura à tecnologia, da quantidade abstracta ao humanismo concreto, procurar-se-á que os depoimentos mais representativos figurem nesta nova série editorial. Para dificultar ao mínimo o acesso ao leitor, todas as obras serão vertidas em português e apresentadas com a dignidade e a segurança que naturalmente lhes são devidas. Integrando na língua pátria estes grandes nomes estrangeiros, supomos contribuir para uma mais perfeita consciência da própria cultura nacional, cujos clássicos terão também o lugar que lhes compete no Plano de Edições da Fundação Calouste Gulbenkian. ■ TEXTOS DA LITERATURA EGÍPCIA DO IMPÉRIO MÉDIO — O Império Médio (c. 2040 a 1780 a. C.) foi, para alguns, a Idade de Ouro da civilização egípcia em muitos aspectos. Esta selecção de *Textos da literatura egípcia do Império Médio* confirma-o no campo da literatura. Há cerca de 40 séculos, o pensamento egípcio produzia, para utilizar como ferramentas de cariz político, social, didáctico ou outras, belos textos na forma e conteúdo que, ainda no tempo dos faraós, atingiram o estatuto de clássicos. *Khufu e os Magos* (*Papiro Westcar*), *História de Sinuhe, Conto do Náufrago, Conto do Camponês Eloquente, As Admoestações de Ipu-uer, Diálogo de um Desesperado com o seu Ba, As Profecias de Neferti, As Lamentações de Khakheperréseneb, Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret, Instrução Lealista, Instrução de Kheti* e *Hinos ao rei Senuseret III* – eis a colectânea de textos. Aparecem na forma hieroglífica da língua egípcia, acompanhada da transcrição para o alfabeto latino, a transliteração, e da tradução portuguesa, seguindo a par e passo, de forma integral, todas estas obras-primas da literatura universal. Incluem, ainda, numerosos comentários do tradutor, que vão da filologia à contextualização histórica, passando por muitos outros aspectos da História egípcia, do comentário fundamentado e, até, da comparação com outros tradutores. ■ TELO FERREIRA CANHÃO licenciou-se em História (Modalidade D – Arqueologia) na Universidade de Coimbra, no ano de 1979, vindo a fazer, em 2003, um mestrado de História das Civilizações Pré-clássicas (Área de Egiptologia) na Universidade Nova de Lisboa. Em 2010 concluiu o doutoramento em História (História Antiga), também na área de Egiptologia, na Universidade de Lisboa. Actualmente é investigador do Centro de História da Universidade de Lisboa. Em 2000 e 2001 participou na primeira expedição arqueológica portuguesa no Egipto, em Mênfis (Kom Tuman), no Palácio de Apriés. Participa com regularidade em congressos, colóquios e ciclos de conferências organizados por instituições como o Centro de História da Universidade de Lisboa, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a Associação Cultural de Amizade Portugal-Egipto ou o Museu Nacional de Arqueologia. Tem publicado em revistas especializadas estudos sobre temáticas egiptológicas, destacando-se a *Cadmo*, do Centro de História da Universidade de Lisboa, a *Cultura* e a *Res Antiquitatis*. *Journal of Ancient History*, ambas da Universidade Nova de Lisboa. Deu à estampa os livros *O Conto do Náufrago. Um olhar sobre o Império Médio Egípcio. Análise histórico-filológica* e *Doze Textos Egípcios do Império Médio*. É director da revista *Hapi*, da Associação Cultural de Amizade Portugal-Egipto.